

## VIAGENS

- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo* (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. — 2.<sup>a</sup> edição.
- 19 — Afonso de E. Taunay: *Visitantes do Brasil Colonial* (Sec. XVI-XVIII), — 2.<sup>a</sup> edição.
- 28 — General Couto de Magalhães: *Viagem ao Araguaia* — 4.<sup>a</sup> edição.
- 32 — C. de Melo-Leitão: *Visitantes do Primeiro Império* — Ed. ilustrada (com 19 figuras).
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem à Província de Santa-Catarina* (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — Edição ilustrada.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz* — 1.<sup>o</sup> tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — *Segunda viagem ao interior do Brasil* — “Espírito Santo” — Trad. de Carlos Madeira.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província do Goiaz* — 2.<sup>o</sup> tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: *Viagem ao Brasil* — 1865-1866 — Trad. de Edgar Susskind de Mendonça. — Edição ilustrada.
- 113 — Gastão Cruis: *A Amazônia que eu vi* — Óbidos — Tumuc-Humac — prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.<sup>a</sup> edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: *Através da Baía* — Excertos de “Reise in Brasilien” — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais* — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 130 — Major Frederico Rondon: *Na Rondônia Ocidental* — Ed. ilustr.
- 145 — Silveira Neto: *Do Guairá aos Saltos do Iguassú* — Ed. ilustrada.
- 156 — Alfred Russel Wallace: *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* — Tradução de Orlando Tórres e Prefácio de Basílio de Magalhães.
- 161 — Rezende Rubim: *Reservas de Brasilidade* — Edição ilustrada.
- 167 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem ao Rio Grande do Sul* — 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azeredo Pena — 2.<sup>a</sup> edição ilustr.
- 195 — Cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães: *Pelos Sertões do Brasil* — 2.<sup>a</sup> edição ilustrada.

## SERIE “GRANDE FORMATO”

- 1 — Maximiliano, Príncipe de Wied Neuwied: *Viagem ao Brasil* — Nos anos de 1815 a 1817. Dois tomos num só volume. Tradução de Edgar Susskind de Mendonça e Flavio Pope de Figueiredo. Revista, refundida e anotada por Oliverio Pinto. Edição ilustrada com 46 gravuras e mapas do texto.



NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação. Ao leitor que o solicitar será enviado o catalogo completo das obras da “Brasiliana”, em que figuram estudos brasileiros sobre outros assuntos.

*Edições da*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo

*Pelos*  
*Sertões do Brasil*

2001



### GENERAL RONDON

**Ex-Inspector de Fronteiras (1927/34). Ex-Delegado do Brasil junto á  
Comissão Mista Internacional Perú-Colômbia (1934/38), na questão  
de Leticia. Presidente do Conselho Nacional de Protecção aos Indios,  
com funcção honorifica e gratuita, aos 75 annos de idade, em 1940.**

Serie 5.<sup>a</sup> \*

B R A S I L I A N A  
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

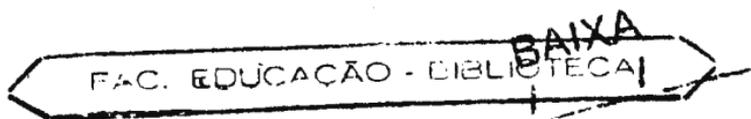
\* Vol. 195

CEL. AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES

9 22941  
1541

# *Pelos Sertões do Brasil*

SEGUNDA EDIÇÃO ILUSTRADA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo -- Rio de Janeiro -- Recife -- Porto Alegre

1941



*A' memoria daquelles que morreram no sertão, trabalhando pelo progresso do nosso caro Brasil, sob a chefia de Rondon.*

\*

*A' veneravel memoria de minha Mãi, D. Julieta Guimarães Botelho de Magalhães, com infinita saudade.*

\*

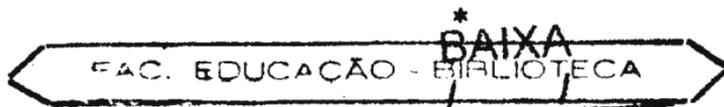
*A's sagradas memorias de meu Pai, o General de Divisão Marciano Augusto Botelho de Magalhães e de meu Tio, o General de Brigada Benjamin Constant Botelho de Magalhães, na certeza de nunca lhes haver deslustrado o nome.*

\*

*A' doce memoria de minha inesquecivel filha Helyette, tão prematuramente roubada ao nosso lar.*

\*

*A' memoria de meus seis irmãos, dos bons parentes e amigos que o destino fez desaparecer.*



*A' minha Patria e ao Exercito, na convicção de que lhes presto um bom serviço, vulgarizando os trabalhos de Rondon e seus dedicados auxiliares.*

\*

*A' minha dedicada Esposa D. Valeria Romana Bezzi Botelho de Magalhães e ao nosso querido filho — Amílcar, que tanta força me dão para viver e lutar.*

\*

*A minhas filhas Marina e Diva, aos meus estimados genros Tenente Francisco Janone Neto e Marcello de Almeida e Silva, e aos meus queridos netinhos Flavio-Aurelio e Roberto-Luiz.*

\*

*Ao Exmo.º Sr. General Rondon e aos companheiros da "Commissão Rondon", as minhas mais sympathicas effusões civicas.*

\*

*Aos meus irmãos vivos, tributo de amizade fraternal.*

\*

*A' estimada Madrinha D. Elvira Chaves Fernandes, justo preito.*

\*

*Aos meus amigos, em geral, e aos parentes cuja amizade cultivo.*

*Todas as homenagens  
DO AUTOR.*

## INTRODUÇÃO

Proseguindo o programma a que me impuz, quanto á vulgarização dos trabalhos executados nos sertões do Brasil pela "Commissão Rondon" e pelo seu eminente Chefe, publiquei, nesta capital, varios artigos, nos jornaes "Correio do Povo" e "Diario de Noticias" e nas revistas "Brasil Novo" e "Pindorama", em 1925 e 1926.

Reuno agora, neste livro, todas essas publicações, que constituem aproximadamente a metade da obra, a novas descrições que pude completar, nas minhas horas vagas, durante os annos subseqüentes (1927 e 1928).

A serie dos que vieram a lume nos dois importantes matutinos da imprensa local, subordinava-se ao titulo: "Em torno de Rondon", titulo que não conservei por me parecer mais expressivo o que agora adoptei — "Pelos sertões do Brasil" —, não só porque envolve a sacrosanta imagem da Patria, como porque afinal a gloria de Rondon se integra na gloria nacional.

Ao inserir o meu primeiro artigo, o "Diario de Noticias" publicou o topico que abaixo transcrevo, para significar quanto me desvanecem suas honrosas referencias:

### EM TORNO DE RONDON

"Sob esta epigraphe, iniciamos, hoje, a publicação de uma interessante série de artigos, com que o tenente-coronel Amilcar Botelho de Magalhães descreverá as principaes expedições realizadas, nos Estados de Matto Grosso e Amazonas, por exclusiva iniciativa do notavel desbravador dos nossos sertões do Nordeste, o bravo general Candido Mariano da Silva Rondon, com o patriotico e scientifico obje-



ctivo de corrigir os erros e as lacunas de que se resentiam as nossas cartas geographicas, quanto áquella zona, parte da qual figurava como “desconhecida” na cartographia que antecede aos trabalhos da Commissão Rondon.

O tenente-coronel Amilcar, cuja brilhante collaboração se inicia hoje no “Diario de Noticias”, tomou parte em alguns desses trabalhos, desde 1908 até 1914, collaborando nos que tiveram por fim levantar os rios Jacy-Paraná, Comemoração de Floriano e Gy-Paraná, assim como serviu ao lado de Rondon no decorrer da Expedição Roosevelt, que varou o sertão brasileiro de Matto Grosso ao Amazonas. Após esses trabalhos de campo, chefiou o Escriptorio Central da Commissão Rondon, no Rio de Janeiro, no periodo de 1914 a 1922.

De modo que a sua autoridade é indiscutivel no assumpto, pelo que ha-de proporcionar, por certo, aos nossos leitores, a oportunidade de conhecerem, em resumo, o que tem realizado a Commissão Rondon nestes quatro lustros de pertinaz e proficuo labor, através de mil difficuldades e innumerous perigos.

A primeira série de artigos abrangerá, em capitulos successivos (I a VI), as seis expedições realizadas para o estudo da bacia do Tapajós.”

Por outro lado, no “Correio do Povo”, iniciei a minha collaboração com o seguinte artigo, em que explicava os meus objectivos e resumia, numa especie de “plataforma”, qual a orientação que a presidia:

“Em que pese ao ponto de vista exclusivamente profissional de quem é militar, considero uma phase gloriosa de minha vida aquella em que servi sob as ordens de Rondon, acampando pelos sertões de Matto-Grosso. E tal serviço me creou n’alma brasileira uma quasi obcecação por aquelles trabalhos, onde, a par de um sadio patriotismo e amor ao dever, se aprendia a noção, quasi singular em nosso meio, de aproveitar todo o tempo disponivel (e algumas vezes o indisponivel, com sacrificio das horas de repouso e

alimentação) para fazer sempre alguma coisa de util ao paiz. Em taes condições não é de estranhar a sentença já proferida por alguém, quando chamou a construcção das linhas telegraphias de Matto-Grosso, “mero pretexto” para o vastissimo estudo geographico e geologico daquellas regiões, para o descobrimento de suas riquezas e as pesquisas referentes á flora e á fauna, á mineralogia, á ethnographia, á meteorologia, ao clima... Mas o caso é que esse meu enthusiasmo pelas coisas da “Commissão Rondon” (a que tive a honra de pertencer) e pelo seu insubstituivel chefe, me empolgou por tal forma o espirito, que até me encoirçou o animo a ponto de acceitar o honroso convite para esta collaboração...

“Lamentando que tenha faltado aos principaes episodios dessa epopéa que Rondon gravou na historia patria, uma penna brilhante como a de Taunay, que immortalizou a Retirada da Laguna, entendo todavia util e honrosa a vulgarização de tudo o que se relaciona com a obra de grande envergadura realizada em nosso paiz por esse notavel patricio, figura legendaria do Brasil actual, estrella de 1.<sup>a</sup> grandeza, cujo brilho allumiará ainda as gerações futuras... E assim o entendo, mesmo que tenha de premir no meu ser a modestia duplamente racional — como me impõe o meu proprio temperamento e como infimo participante dessa verdadeira cruzada — para avocar a mim a honra extrema de narrar taes episodios.

“Nenhum compromisso tomo de manter a continuidade e o isochronismo destas palestras sem estylo, dadas as condicionaes a que devem estar subordinadas e que giram em torno de um eixo unico, relativo ás horas que me concederem os labores profissionaes. Sem um programma preconcebido, e indispensavel apenas aos commettimentos de alta envergadura, narrarei todavia, em linguagem desataviada, episodios e factos que se subordinem á epigraphie adoptada: “Em torno de Rondon”.

Muito se tem escripto sobre a obra de Rondon, que, embora não conte ainda 60 annos de idade, passou mais de metade de sua vida sob o panno das barracas ou bivacando ao ar livre em pleno sertão adusto e inhospito do Matto-Grosso ou do Amazonas. Ainda ha pouco o "Correio do Povo" publicou a notavel conferencia pronunciada em Genebra pelo dr. Sylvio de Castro, membro da Delegação Permanente do Brasil junto á Sociedade das Nações, perante selecto auditorio de que faziam parte as notaveis representações e a alta intellectualidade de varias nações presentes ás sessões daquella futura organização internacional. O integro e competente ex-chefe da Missão Militar Francêsa junto ao nosso Exercito, pouco tempo depois de instalado no Brasil e depois de visitar e examinar com minuciosa avidéz os trabalhos da Commissão Rondon, através da exposição verbal do proprio general Rondon e deante dos documentos geographicos e scientificos acumulados no seu Escriptorio Central, cuja séde é na capital da Republica, o eminente general Gamelin, escreveu um longo artigo laudatorio, que foi publicado pela Sociedade de Geographia da França, fazendo um brilhante resumo daquelles trabalhos. (E, facto curioso, durante sua permanencia no Brasil, via-se em lugar de honra de sua residencia, o retrato de um unico general do Exercito Brasileiro — o do general Rondon). Correm mundo as referencias publicadas pelo saudoso estadista norte-americano Theodoro Roosevelt, (leia-se Rôzevel não Rúzevel, porque ouvi de sua bôca uma vez essa correcção, pois fazia elle questão da origem hollandêsa de seu nome) a proposito dos trabalhos e da pessoa do general Rondon, no seu famoso livro "Through the brazilian wilderness" (Através do deserto brasileiro), que foi por elle escripto durante o tempo em que durou o percurso feito pela "Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon", de Matto-Grosso ao Amazonas (dezembro 1913 — março 1914). Ha innumerous trabalhos esparsos e profundas aprecações sobre o alcance da obra gigantesca que teve a impulsional-a a von-

tade unica de aço do general Rondon, dentre os quaes preciso destacar ainda o livro intitulado "Missão Rondon", edição unica de 1916 e repleta de gravuras, constituido por uma serie de artigos publicados pelo "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, e onde estão reunidos os mais bem delineados apontamentos sobre os trabalhos da "Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas" e sobre exaustivo labor sertanejo de Rondon desde 1890. Existem, finalmente, em escala menor quanto á importancia do trabalho, as modestas "Impressões da Commissão Rondon" publicadas pelo autor detas linhas (1921-1922).

Forçoso, porém, é confessar que a vastidão do assumpto permite ainda que muita coisa se conserve inédita e apresente este interesse ligado ao que despertam os factos em si mesmos, como material ainda inexplorado e digno de figurar nas narrativas aqui em projecto, incolores e mirradas na forma, á semelhança da minuscula arborização dos incultos chapadões dos Parecís onde andei, mas certamente lidas com prazer por todos aquelles que se ufanam de ser brasileiros e sabem dar valor aos seus pró-homens como Rondon e ás obras que titans como este realizam em seu caminho triumphal para a Immortalidade!

"Além disto, abstendo-nos mesmo da curiosidade empolgante dos assumptos inéditos, ha muita coisa publicada em relatorios que possuo, mas cuja vulgarização não tem sido incentivada pelo governo, e onde na maior parte dos casos se presta exclusiva attenção aos dados materiaes estrictamente circumscriptos ás kilometragens concluidas e aos capitulos da despesa realizada... O lado moral, o lado heroico, o prisma sob o qual pudesse a nação aquilatar das difficuldades vencidas e dos sacrificios empregados para chegar a essa kilometragem arithmeticamente contada e reduzida a mappas e a schemas, são faces da questão votadas ao silencio, ao desprezo e quiçá mesmo ao ridiculo dos homens de gabinete, incapazes de aguentar alguns menses de sertão...

“Dos vastos e admiráveis relatórios, que andam por cincoenta volumes, apresentados pelo general Rondon ao governo da Republica, vêde o que transcrevem, sem côr e sem entusiasmo, quasi todos os Excellentissimos Srs. Ministros da Guerra e da Viação e Obras Publicas em seus relatórios annuaes. Através dos relatórios ministeriaes a obra de Rondon é quasi uma obra de anão!

“Mas, ainda assim, é tão portentosa esta obra, — reduzida de vulto, pela transcrição sem alcance de simplissimos dados numericos — e tão inconfundivel, que desperta confronto e atesta eloquentemente o rendimento maximo dos trabalhos dirigidos pelo infatigavel sertanista. Haja vista — para citar um ao acaso — o Relatório da Guerra de 1909, a paginas 51 e 52, dedicadas ás linhas telegraphicas em construcção durante o anno de 1908 neste Estado do Rio Grande do Sul e no Estado de Matto-Grosso. Neste exiguo espaço de duas paginas incompletas, constringiu-se toda a enumeração dos trabalhos realizados em 1908, como se aquellas duas paginas reproduzissem, excepto quanto á profundeza, o conhecido estrangulamento do grandioso Amazonas (cujas margens se perdem ás vezes de vista, uma da outra), no trecho em que o rio-mar se estreita até algumas centenas de metros, e escôa seu enorme volume de agua, immensamente aprofundado, sob uma reduzida superficie...

“Pois bem, havendo aqui no Sul, como em Matto-Grosso, um batalhão de engenharia *applicado* á construcção, embora o da Commissão Rondon devesse ser constituido, segundo as instruções, por effectivo nunca inferior a 600 (numero a que nunca attingiu nem em 1907 nem em 1908, nem em 1909...) enquanto em dois annos (1907 e 1908) a extensão da linha construida no Rio Grande, em zona incontestavelmente mais vantajosa, attingia apenas o desenvolvimento de 42kms, 650, a Commissão Rondon entre 15 de Maio de 1907 e 2 de Janeiro de 1909 apresentava, dentre outros trabalhos relacionados da letra “a” á letra “m”, o “assentamento de 725 kilometros de linha tronco e ramal, em di-

versas regiões, muitas das quaes consideradas pestilentas e inhabitaveis” (letra “e” pag. 52 Rel. Guerra 1909).

“E’ pena que o relatorio da Guerra não consigne os dados numericos da Commissão do Sul quanto ao levantamento, locação, nivelamento, abertura de picada, etc., como consignou os da Commissão Rondon, que, para terminar, transcrevo afim de dar uma idéa da extensão dos trabalhos realizados naquelle lapso de tempo a que já alludi:

a) Reconhecimento de 2.084 kilometros.

b) Exploração e levantamento de 750 kilometros de estrada.

c) Determinação de 40 posições geographicas de pontos importantes.

.....  
.....  
1 — Construcção de 9.600 metros quadrados de pontilhões e estivados.

.....  
m) Construcção da secção Diamantino-Barão de Capanema (1.º trecho do sertão, visto que Diamantino é o ultimo centro populoso por onde passou a linha telegraphica lançada de Cuyabá para o Noroeste, em direção ao rio Madeira).

Para “mero pretexto”, como se vê, ha já alguma coisa palpavel e o facto indiscutivel, como evidenciarão os meus artigos, é que Rondon, alargando os horizontes de uma commissão que penetrava o sertão a construir linhas telegraphicas, expandiu a sua actividade para todos os quadrantes, com o fim de decifrar as multiplas incognitas geographicas que se apresentavam no decorrer dessa construcção, organizando numerosas expedições umas que subiam, outras que desciam os cursos interceptados pela linha telegraphica ou pelos caminhamenos dos seus inumeros reconhecimentos e

explorações, operações preliminares indispensaveis — como se sabe — para projectar e lançar aquellas linhas através de zonas desconheidas. E, como os enxadristas meditativos e calculistas, movia o seu pessoal pelo vastissimo taboleiro dos Estados de Matto-Grosso e Amazonas, combinando-lhes as marchas e fazendo-os protagonistas de arriscados lances, sempre de accordo com um plano bem traçado e minucioso, e com o melhor aproveitamento do tempo e da capacidade dos agentes que escolhia para cada empreendimento”.

Desejava ardentemente que o General Rondon prefaciasse o meu segundo livro sobre a obra da Commissão a que está indissolúvelmente ligado o seu grande nome, mas, infelizmente, os multiplos affazeres do inimitavel *sertanista* não o permittiram; é-me grato todavia transcrever o telegramma que delle recebi, a proposito, no dia 23 de Junho de 1928 (Rio):

*“... Se dispuzer tempo remate relatorio (Commissão Fronteiras) enviarei com prazer opiniao teu novo livro. Excusado dizer-te devido valor tenho tua preciosa collaboração e divulgação obra que um punhado de soldados da Republica construiu no interior do paiz, cimentada por incomparavel patriotismo, indiscutivel espirito de sacrificio sem par. Abraços, Saudações. (a) GENERAL RONDON.”*

E, na falta deste, servirão de prefacio os trechos das cartas que passo a transcrever, contendo honrosas apreciações de alguns companheiros do sertão, relativas a artigos que publiquei e que agora aqui vão enfeixados. ....

\* \* \*

Por conter uma rectificação e uma informação curiosa sobre a canôa desmontavel de seu invento, transcrevo em primeiro lugar dois topicos de uma carta que recebi do meu

estimado amigo e distincto collega Tte. Julio C. Horta Barbosa:

“Petropolis, 14-I-926. Prezado am.<sup>o</sup> Amilcar... Recebi sua carta endereçada para Ponte Nova, de Minas, (onde estive trabalhando como engenheiro da Empresa de Melhoramentos, empreiteira dos serviços de força e luz, agua e esgotos), e tambem os seus artigos sobre as expedições do Ikê e do Juruena. Apreciei-os muito, sobretudo os ultimos. Agradeço-lhe immensamente as referencias feitas a mim, testemunho de sua bôa amizade, que muito prézo. Eu bem sei que não as mereço.

“Ha um engano seu a meu respeito: eu não sahi da Commissão devido á requisição do Ministro da Guerra, mas, a pedido, para gozar de uma vantagem legal, que permittia aos officiaes se licenciarem, com prejuizo do tempo para reforma. No gozo da licença assim obtida, estava dirigindo a E. F. Norte do Brasil, como seu engenheiro-chefe, quando o nosso Paiz entrou na Grande Guerra, em virtude do que, foram suspensas todas as licenças e eu tive de me apresentar, indo então para a Bahia, de onde fui mandado para Alagoas, dirigir as obras de reparos de um quartel.

“Quanto á canôa em que desci o Arinos e o Tapajós, foi fabricada no Arsenal de Guerra de Cuyabá, de zinco commum, liso, dividida em quatro partes, para poder ser transportada em cargueiros até o Porto Velho, como foi, e lá ser armada. Não tenho mais nota das dimensões, mas sei que ella deu optimos resultados, tendo correspondido completamente ás minhas esperanças. Muito leve, supportava uma grande carga, muito firme, e não era fragil como parecia. Uma vez, tendo batido numas pedras ficou com um buraco que facilmente tapámos com uma tampa de lata de banha cravejada.”

\* \* \*



Em 13 de Outubro de 1925, escrevia-me o meu prezado camarada, o actual Major Antonio Pyrineus de Sousa, as seguintes e bondosas palavras:

“Prezado am.<sup>o</sup> Tent. Cel. Amilcar. Meu affectuoso saudar. Recebi dois numeros do “Diario” em que inicia, com as viagens do Paranatinga e S. Manoel, seu bello trabalho: “Em torno de Rondon”.

“Sou-lhe summamente grato pela gentileza e muita bondade com que se refere ao camarada dos bons tempos do sertão.

“Com sua prodigiosa memomia V. recorda episodios de nossa vida de sertão que eu seria incapaz de contar-os agora tão bem.”

\* \* \*

Em 23-III-26, o querido e bondoso am.<sup>o</sup> Tte. Cel. Costa Pinheiro dirigiu-me tambem as animadoras phrases que se seguem:

“Amilcar. Cordiaes saudações.

“Accuso o recbimento de tua ultima de 21-II findo, e bem assim dos numeros do “Diario de Noticias” em que, com a competencia já firmada de escriptor em assumptos scientificos, trata das explorações de rios feitas pela “Commissão Rondon”.

“Li tudo devidamente, não deixando de resaltar a ordem e o methodo que pões sempre em teus escriptos, de modo a prender a attenção do leitor.

“Gostei immensamente das bordoadas de mestre que deste no celebre Savage Landor, pirata de *primeirissima*, arvorado em explorador.

“Agradeço-te sinceramente a apreciação que fizeste do majestoso Juruena!”

\* \* \*

Em 17-V-27, o sincero am.<sup>o</sup> e também distinto collega Tte. Cel. Nicolau B. Horta Barbosa, deu-me o prazer de escrever as seguintes linhas:

“Petropolis, 25 de César 139. Caro Amilcar. Regressando de Mato-Grosso, após uma ausência de 13 mezes, encontrei aqui as tuas publicações de propaganda e divulgação dos trabalhos da nossa Comissão, as quaes minha Senhora não remetera para Campo-Grande porque desde Setembro que me esperava cada mez.

“Lamento haver sabido dos teus bellos escritos tão tardiamente, e muito lhe agradeço a gentileza da remessa.

“Mais ainda, eu e minha Senhora te somos gratissimos pela posição de destaque que tão benevolamente julgaste caber-me.

“Uma vez, um outro amigo me fez coisa semelhante; e, respondendo-me á carta em que eu lhe apresentava os meus sinceros escrupulos em acceitar uma colocação demasiadamente brilhante, escreveu-me que não retificava nada do que publicara, porque o objectivo que tivera em mira fôra provocar o interesse publico pela sorte dos nossos indios e pelos objectivos elevados da Comissão.

“Com essa mesma restrição é que recebo as tuas entusiasticas expressões, quando te referiste á acção que me coube desempenhar, como parcela que fui d’essa pleiade de officiaes ativos e de elevados objectivos, ao teu lado e deles, pleiade a que a nossa Patria ficou devendo o desbravamento dos sertões, segundo o método nobre do nosso nobre Rondon.

“Choremos, sempre, meu caro Amilcar os mortos carissimos, cujas catástrofes pontuaram os sertões de luto, deixando-nos, a nós que lhes sobrevivemos, a melancólica saudade inseparavel da recordação daqueles lugares.

“Prestaste uma sempre opportuna e muito afetuosa homenagem a eles, em teus escritos, tornando conhecidos do publico tantos sacrificios dezinteressados.”

\* \* \*

Cumpre-me, finalmente, esclarecer que o presente volume, verdadeira continuação do 1.º que publiquei sob o título: “Impressões da Comissão Rondon”, ainda não esgota a matéria de que pretendo continuar a occupar-me, logo que disponha de tempo para isso e dos documentos que agora não possuo no meu archivo particular.

Porto Alegre, 7 de Setembro de 1928.

AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES.

## CAPITULO I

### A COMMISSÃO RONDON EM RAPIDOS TRAÇOS

Como é sabido, esta Commissão, orientada pelo espirito altamente patriótico do General Candido Rondon, realizou concomitantemente com os serviços de lançamento da linha telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas, uma série de expedições geographicas, através de terras até então desconhecidas, ao mesmo tempo que pesquisou, em todos os ramos da Historia Natural, tudo quanto interessava ao conhecimento da nossa flora, da ethnographia, da nossa fauna e dos caracteres geologicos e mineralogicos do solo. Nenhum serviço de reconhecimento ou exploração, foi feito sem ser acompanhado do estudo das declinações magneticas e do das pressões barometricas, donde se deduziriam as altitudes por processos mais ou menos rigorosos, rectificadas, sempre que foi possível, pelo nivelamento regular tacheometrico ou a nivel de Gurley.

E convém assignalar que, no Brasil, a alta administração publica — excepção apenas dos especialistas que lidam directamente com o assumpto e que conhecem o seu alcance, como os do Museu Nacional do Rio de Janeiro, os dois institutos scientificos do Paiz, especialmente do Estado de S. Paulo — a alta administração, diziamos, não tem estimulado os estudos de Historia Natural, nem os seus actos demonstram a comprehensão das vantagens scientificas e praticas que resultam dessas pesquisas. Ao envés disso, desde tempos remotos do Imperio até nossos dias, accorrem ao Brasil expedicionarios estrangeiros, estipendiados por seus governos e por institutos scientificos, para a execução des-

ses estudos e internam-se no sertão com o objectivo de colleccionar especimes animaes, vegetaes, etc., cuja classificaçãõ realizam e publicam, cheios de um enthusiasmo que seria symptoma de loucura, acaso não tivessem utilidade nem importancia esses trabalhos!

O Brasileiro Rondon, dirigindo um grupo selecto de naturalistas patricios, demonstrou a capacidade nacional para os estudos desse genero e já apresentou ao Governo da Republica 33 relatorios exclusivamente referentes á Historia Natural, cujas especialidades são assim distribuidas:

Botanica .....	13 vols.
Zoologia .....	12 vols.
Ethnographia .....	1 vols.
Mineralogia e Geologia .....	5 vols.
Aguas thermaes .....	2 vols.

Nestas publicações compulsadas hoje e citadas pelos especialistas da materia, figuram novidades descobertas em cada ramo, de tal valor, que representam marcos scientificos eternamente cimentados e que constituem padrões de gloria para a intellectualidade nacional.

A documentação trazida por estes estudos, dos mais remotos lugares do sertão brasileiro ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, é tão avultada que mereceu do nosso competentissimo geologo Alipio de Miranda Ribeiro, professor do Museu, a afirmativa, arithmeticamente comprovada, de que aquelle importante estabelecimento recebera da Commissão Rondon, em menos de dez annos, um mostruario muito maior do que todos os que reunira, de quaesquer procedencias, em um seculo de existencia: E provou-o em uma série de 3 conferencias documentadas, produzidas por elle em 1916, no recinto do proprio Museu Nacional.

O quadro abaixo indica o numero de exemplares entregues ao Museu Nacional pela Commissão Rondon:

**Botanica :**

2.770 exemplares incorporados ás collecções do Museu.  
6.000 cuja incorporação dependia de estudos em andamento.

**Mineralogia :**

41 exemplares que figuram nos mostruários.

**Zoologia :**

595 exemplares classificados.  
6.907 por classificar.

**Entomologia :**

712 exemplares incorporados.

**Ethonographia :**

6.082 exemplares incorporados.

---

23.107 — Total.

Agindo em uma zona que jámais fôra pisada por gente civilizada, Rondon preocupou-se de tal fórma com o seu estudo geographico, que estes trabalhos por si sós bastariam para glorificar qualquer outra commissão. Vemo-lo assim dirigir pessoalmente expedições de explorações de rios, organizar e formular instrucções para officiaes da commissão encarregados de trabalhos semelhantes, não só comprehendendo a rectificação de trabalhos anteriores jámais repetidos, como tambem para lançar no nosso mappa accidentes naturaes cuja existencia fôra até então ignorada. O serviço cartographico da Commissão Rondon desenvolveu-se de tal fórma que o obrigou a manter no Escritorio Central uma secção de desenho que funciona diariamente desde 1907, com regular numero de desenhistas e que até a presente data não conseguiu esgotar o manancial avultado das cadernetas dos levantamentos e nivelamentos realizados. Concluidos que sejam estes desenhos, o mappa de Matto-Grosso

e os desenhos de “detalhes” topographicos, constituirão uma obra de grande folego.

Para a construcção da carta de Matto-Grosso e para substituir a triangulação geodesica — impossivel por emquanto de levar áquellas zonas e que não podia cingir-se ao relativamente reduzido lapso de tempo de que Rondon dispoz para a execução desse serviço geographico — multiplicou as determinações de latitudes e longitudes, fixando mathematicamente as coordenadas geographicas de todos os pontos por onde passou a linha telegraphica e, com relativa aproximação da longitude, centenas de outros, constituindo assim um grande polygono de amarração para segurança e compensação dos trabalhos topographicos realizados.

Para esse fim, Rondon fez-se astronomico, e criou em torno de si um nucleo de officiaes astronomicos, seus discipulos, dentre os quaes destacaremos o intelligente e saudoso rio-grandense 1.º tenente João Salustiano Lyra, de inolvidavel memoria nos fastos da Commissão, victimado em serviço de exploração do rio Sepotuba; o actual tenente-coronel de Engenharia Renato Barboza Rodrigues Pereira, que chefia proficientemente a Commissão de Limites inter-estadaes do Norte; o tenente-coronel reformado Manoel Theophilo da Costa Pinheiro; o actual Major de Engenharia Julio Caetano Horta Barbosa; e outros engenheiros militares que seria longo enumerar. Para só citar uma das “campanhas” deste genero, diremos alguma coisa sobre a que levou a efeito o penultimo dos officiaes citados, desde Janeiro até Dezembro de 1915.

Costa Pinheiro, que é um rijo sertanista e dotado de grande capacidade technica, fez innumeradas observações que elle sózinho calculou, multiplicando o numero de observações para cada posto, até vel-as confirmadas, umas pelos resultados das outras, e mesmo assim determinou as coordenadas geographicas de 33 pontos, percorrendo para isso os 1.493km,593 da linha telegraphica comprehendida entre

Cuyabá e Porto-Velho do rio Madeira, afóra as digressões lateraes para determinação de outros pontos geographica-mente importantes como Campos Novos, cabeceira do Urú, nascente dos Tres Buritys, barras do Riozinho, Rolim de Moura, etc. Além das coordenadas geographicas, determinou a declinação magnetica de todos os 33 pontos acima referidos. Para determinação da latitude empregou os methodos de Sterneck, de Stechert e de Gauss; para determinação da hora fez observações de distancias zenithaes quando não podia visar pares de estrellas, assim como applicou os methodos de Zinger e Gauss. A troca de signaes electricos para determinação da differença exacta da hora, donde se deduz a longitude, foi realizada entre quasi todas as estações e o Observatorio do Rio de Janeiro, operando neste os Drs. Morize, Costa e Herminio Silva, e naquellas estações ou Costa Pinheiro ou o então 2.<sup>o</sup> tenente Ramiro Noronha que acompanhou parte do serviço como auxiliar. De certo ponto da linha para o Norte, como as distancias eram muito grandes e difficultavam a troca de signaes, embora existissem as estações translatorias intermediarias, a troca de signaes foi feita entre a turma chefiada por Costa Pinheiro e a de que era o chefe o tenente-coronel Renato, que operava no ramal de Porto-Velho a Guajará-mirim, e determinara, com resultados de grande precisão, a longitude geographica de Porto-Velho, mediante troca de signaes radio-telegraphicos entre a estação de telegrapho sem fio existente em Porto-Velho e as que existem em Manaus e Belem do Pará. Finalmente, houve alguns casos de determinação de longitude entre a turma Costa Pinheiro e a turma Renato quando esta operava em Aquidauana, ao Sul de Matto-Grosso.

\* \* \*

A determinação da declinação magnetica forneceu tambem um conjunto de observações que merecem ser commentadas. Entre nós, oficialmente conhecidas pelo Observatorio



Astronomico do Rio de Janeiro e publicadas em seu annuario, existiam, até 1920, declinações magneticas determinadas para 150 pontos do territorio nacional, dos quaes 60 determinadas em 1911, quarenta e nove em 1913, trinta em 1914 e 11 em 1915; cento e sete dellas representam trabalhos dos assistentes da Secção de Astronomia do Observatorio do Rio de Janeiro, Domingos Costa e Herminio Silva, as restantes 43 devem-se a operadores que trabalhavam por conta da Carnegie Institution de Washington. Aqui no Sul temos a funcionar uma commissão technica que tem honrado o Exercito e o Brasil scientifico, desde sua organização — a Carta Geral do Brasil — onde estão colleccionadas muitas dessas determinações, ao lado do seu vultoso trabalho geodesico e topographico, mas do qual seria descabido ao titulo deste artigo uma referencia mais detalhada, referencia entretanto, obrigatoria, sob a fórma vaga porque a faço, por sua correlação com o assumpto. As determinações da declinação magnética da Commissão Rondon, em 1915, sobre a linha telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas forneceram a melhor serie até hoje conseguida em nosso Paiz para o conhecimento das impalpaveis e caprichosas variações da agulha magnetica, porque, dentro de um lapso de tempo relativamente curto, abrangeu uma grande linha geodesica, que, orientada de 45° N. W., liga Cuyabá (Latitude 15° 35' 56", 8 Sul; longitude 0h 51m 42s,97 Oeste Rio de Janeiro) á estação telegraphica de Jamary (8° 44' 46",90 Lat. Sul e 1h 21m 7s,95 Long. W. Rio).

São importantes estas circumstancias porque sabemos, por uma série de determinações feitas em diversas épocas para um mesmo local, que, de anno para anno, o valor da declinação varia segundo uma constante só determinada através de taes observações. Para citar um exemplo, lembramos o quadro das declinações magneticas do Rio de Janeiro desde 1660 até 1910: pondo de lado as determinações que se devem suppôr erradas, porque contradizem a maioria das

que obedecem a uma variação constante, vê-se que em 1660 a declinação magnetica no Rio de Janeiro era de — 13° isto é, para Léste ou declinação oriental; que desde essa época até 1848 se conservou com o mesmo signal, mas sempre diminuindo, até annullar-se, isto é, até uma época em que infelizmente não foram registadas observações, e na qual seguramente houve a coincidência da posição do meridiano magnetico com a do meridiano verdadeiro; de 1848 em diante, segundo a mesma constante, a declinação mudou de quadrante e passou a ser positiva. Em 1852 era de 0°,83; d'ahi em diante os valores da declinação no Rio vêm augmentando até que em Abril de 1910 attinge a 9°,67 isto é, para Oeste ou occidental.

Como as variações diurnas da declinação magnetica são maiores entre 11h e 17h do dia e quasi nullas ás 18 h mesmo nos meses de Junho e Julho(1' sexagesimal) e nullas a esta hora em todos os demais meses do anno; as determinações da Commissão Rondon eliminaram esse erro, pela observancia daquelle horario na leitura dos instrumentos empregados para essa determinação (theodolitos).

Caminhando pela linha telegraphica, encontrou o tenente-coronel Costa Pinheiro os seguintes valores para a declinação magnetica:

Guia .....	2° 35' W
(Lat. 15° 22' 14",97 S.	
Long. 13° 3' 12",30 W. Rio).	
Brotas .....	2° 26' W
(Lat. 15° 12' 13",98 S.	
Long. 13° 11' 46",95 W. Rio).	
Rosario .....	2° 8' W
Diamantino .....	1° 37' W
Estação de Parecís .....	1° 32' W
(Lat. 14° 9' 14",76 S.	
Long. 13° 45' 43",80 W. Rio).	
Estação Utiarity .....	1° 25' W
(Lat. 13° 1' 36",93 S.	
Long. 15° 6' 34",95 W. Rio).	
Estação Juruena .....	0° 22' L

(Lat. 12° 50' 32",52 S.	
Long. 15° 44' 51",90 W. Rio).	
Estação Nhambiquaras .....	1° 43' L
(Lat. 12° 49' 55",45 S.	
Long. 16° 30' 36",90 W. Rio).	
Est. Barão de Melgaço .....	1° 50' L
(Lat. 11° 51' 30",39 S.	
Long. 17° 32' 51",45 W. Rio).	

Estes resultados são muito importantes para a locação das linhas geraes que demarcam uma mesma declinação magnetica sobre a carta do Brasil, tal como está determinado para outros paizes, como a França, por exemplo, onde a multiplicidade de observações deste genero determinou as grandes linhas Havre — La Rochelle; Méziers — Moulins — Perpignan; assim como assignalou o augmento do valor da declinação quando o observador se desloca para oeste do meridiano de Paris e diminue quando este deslocamento se produz para o nascente, na razão sempre de 0,53 de grau para cada grau de longitude.

As observações da Commissão Rondon demonstram tambem a variação do valor da declinação magnetica em função da longitude e fixam desde já aproximadamente o meridiano de 15° 36' 59", 90 para representar o papel do meridiano de Paris, embora nenhuma relação pareça existir entre esta posição e a dos dois polos magneticos do globo, ao norte do Canadá e no continente antarctico, sobre o meridiano que passa pela ponta Sul da Australia.

\* \* \*

Outra série de observações interessantissimas da Commissão Rondon é a que resulta do registo das pressões barometricas collidas em todos os trabalhos de campo realizados: reconhecimentos, explorações e levantamentos de rios. Tomadas com a precisão peculiar ao barometro Fortin, sempre que se movia uma turma de coordenadas, recorria-se forço-

samente ao aneroide para o caso dos levantamentos expeditos e explorações e levantamentos de rio, supprimindo quanto possivel as causas de erro, nem só pela consulta simultanea de varios (bateria) aneroides bem regulados, como pela determinação da respectiva curva de variação diaria.

A Commissão Rondon executou o nivelamento regular, a nivel de Gurley, de todo o eixo longitudinal das suas linhas telegraphicas (quasi dois mil kilometros) e fechou um grande polygono de nivelamento Rio-São Paulo-Goyaz (pelos leitos das respectivas estradas de ferro, inclusive a parte já projectada da que liga São Paulo a Goyaz, até a Capital deste ultimo Estado) Goyaz-Cuyabá-S. Luis de Caceres, mais de cem leguas, por nivelamento tacheometrico (turma dirigida pelo então 2.<sup>o</sup> tenente Ramiro Noronha) — Caceres-Porto Esperança (nivelamento barometrico conduzido pela mesma turma Noronha e a barometro Fortin) Porto Esperança-São Paulo (leito da E. F. Noroeste do Brasil). Constituiu assim pontos notaveis de amarração, de altitude rigorosa, aos quaes sujeitava, pelos dois extremos, os nivelamentos barometricos menos precisos pela propria natureza dos instrumentos empregados, o que permittia corrigir estes ultimos nivelamentos por meio de graphicos compensadores, depois de calculadas as altitudes aproximadas pela formula de Cruikshank, que fornece resultados mais exactos que a de Babinet e é uma formula expedita.

De modo que, colleccionando systematicamente as pressões barometricas, com objectivo de determinar as altitudes, ou altura do solo acima do nivel medio dos mares e precavendo-se contra todas as causas de erro, a Commissão Rondon tem organizado a melhor informação que existe sobre o relevo do solo mattogrossense e Estados convizinhos.

Assim como se tem observado, no oceano, certas pressões barometricas á primeira vista inexplicaveis, porque, reduzida a temperatura a zero, deviam corresponder a alti-

tudes negativas, inconcebíveis quando se levou em conta para o peso da columna de ar o valor da gravidade em função da latitude geographica, as diferenças de temperatura do ar, etc., também a Comissão Rondon colleccionou já uma série de observações do mesmo genero, correspondentes aos nossos territorios centraes. Para citar um exemplo instructivo, indicamos aqui o valor registado das pressões barometricas ao longo do rio Telles Pires (antigo S. Manoel ou das Tres Barras, de cuja confluencia com o Juruena se forma o Tapajós). Partindo do divisor de aguas Arinos-Cuyabá, as pressões barometricas reduzidas a 0º, apresentavam os seguintes resultados:

734,mm 4 — 734,mm 9 — 734,mm 4, e as altitudes calculadas para os pontos de observação forneciam as seguintes, em metros:

488 — 518 — 523

Descendo desse divisor para o valle do Paranatinga e subindo este rio até suas cabeceiras, as observações barometricas e o calculo das altitudes acompanharam perfeitamente a variação de altitudes do *caminhamento*, decrescente quando o observador descia do divisor para o valle do rio, crescente quando explorava este rio de jusante para montante. Mais para baixo, porem, surgiram pressões barometricas, reduzidas a zero grau de temperatura, com os resultados seguintes:

Foz do Telles Pires 766,7.

Barracão "Pavilhão Brasileiro" — 769,8.

Fóz do rio Apiacá — 766,1 e outras semelhantes.

Tendo em consideração a distancia e a diferença de nivel obrigatoria que existe entre a fóz do Telles Pires e o oceano, parece-me que o caso merece registo especial.

O ponto geographico onde começaram as observações correspondentes, occupa mais ou menos a intersecção do meridiano de  $12^{\circ} 30m$  de longitude oeste do Rio de Janeiro, com o paralelo de  $9^{\circ}$  de latitude Sul.

\* \* \*

Eis, em pallida synthese, alguma coisa interessante sobre os trabalhos da Commissão Rondon no sertão matto-grossense.

Porto Alegre, Maio de 1925.

(Artigo publicado na revista "Brasil Novo", em seu primeiro numero).

## CAPITULO II

### EXPEDIÇÃO AOS RIOS PARANATINGA E S. MANOEL OU TELLES PIRES

Antes da Commissão Rondon, o rio S. Manoel ou das Tres Barras, segundo a cartographia antiga, havia sido percorrido por duas expedições: a do tenente de milicias Antonio Peixoto de Azevedo em 1819, organizada por iniciativa do governador de Matto Grosso, tenente-general Francisco de Paula Maggessi Tavares de Carvalho; e a dos officiaes do nosso Exercito, acpitão Antonio Lourenço Telles Pires e tenentes Augusto Ximeno Villeroy e Oscar de Oliveira Miranda, promovida pelo patriotismo destes expeditionarios, com o apoio da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

A primeira tinha por objectivo “descobrir a nova navegação para o Pará”, fim que preencheu devidamente, mas não se occupou do levantamento do rio; a segunda, que collimava justamente o conhecimento geographico desse curso d’agua, devido a seu fracasso, ficou retida a 266 kilometros acima da fóz do S. Manoel, onde a foi buscar a turma de soccorro, guiada pelo capitão Fogo, da Policia do Amazonas, e apresentou somente um ligeiro “croquis” do rio (Vide tomos V e VI da Revista da Sociedade de Geographia do Rio), executado de memoria por Oscar de Miranda.

Taes documentos eram, pois, insufficientes para traçar com segurança sobre a Carta de Matto Grosso a verdadeira projecção do rio S. Manoel; d’ahi a resolução tomada pelo general Rondon quanto á expedição que serve de epigraphie ao presente capitulo.

Rondon confiou este arduo trabalho ao então 2.º tenente Antonio Pyrineus de Sousa (Vide nota n.º 1 no fim deste capitulo), hoje capitão, que se desempenhou satisfatoriamente de semelhante incumbencia, como vamos ver.

Foi depois de realizado este empreendimento que Rondon, relatando-o perante a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em memoravel conferencia publica, propoz dar-se o nome do mallogrado Telles Pires ao rio cuja exploração o victimou. Na cartographia moderna, pois, desde a carta de Matto-Grosso construida pela Commissão Rondon, figura o antigo S. Manoel, tão impropriamente chamado tambem das Tres Barras, com o nome de "Rio Telles Pires". No modernissimo mappa do Brasil, commemorativo do 1.º centenario da nossa independencia, foi officialmente reconhecida esta nova designação, completando-se assim o consenso unanime com que foi acolhida a patriótica e expressiva homenagem que Rondon prestou á memoria de Telles Pires.

Este ligeiro historico não só me pareceu obrigatorio preambulo, como tambem dará ao leitor uma rapida visão das difficuldades com que teve de lutar o tenente Pyrineus, para levar a termo a sua ardua empresa.

A expedição chefiada pelo tenente Pyrineus foi organizada no Rio de Janeiro, conforme ordens que recebi de Rondon, cabendo-me a honra de interpretar essas ordens, através das instrucções que formulei, como chefe do Escriptorio Central da Commissão Rondon e que a seguir transcrevo, para se ter uma idéa geral das incumbencias attribuidas aos trabalhos desta ordem:

#### EXPEDIÇÃO PARANATINGA — SÃO MANOEL

Instrucções ao sr. 2.º tenente Antonio Pyrineus de Sousa, de accôrdo com as ordens do sr. coronel Rondon.

Artigo 1.º — O sr. 2.º tenente Antonio Pyrineus de Sousa, é nomeado chefe da turma de exploração e levanta-



mento dos rios Paranatinga e S. Manoel, organizada de conformidade com varias ordens telegraphicas recebidas neste escriptorio e enviadas pelo chefe da commissão.

Artigo 2.º — Constará o serviço, directamente a seu cargo, do levantamento topographico desses rios, amarrando o do Paranatinga, por onde iniciará a descida, a um ponto que deverá ter sido assignalado pelo sr. 1.º tenente Julio Caetano H. Barbosa chefe da expedição — Arinos, quando executou o levantamento expedito do divisor, de aguas Arinos — Cuyabá — Paranatinga.

§ 1.º — Na hypothese de, por qualquer circumstancia, não encontrar esse ponto de amarração, deverá partir do accidente natural mais notavel e mais proximo do porto em que embarcar nas canôas, assignalando ahi outro ponto que demarcará convenientemente, fixando a sua posição com tres testemunhas enterradas occultamente, se isto fôr necessario.

Artigo 3.º — Fará o reconhecimento das cabeceiras do rio Paranatinga, ligando-as por levantamento expedito ao porto de embarque, que será no seringal denominado “Laranjal”, de que é concessionaria a firma Orlando, Irmãos & Comp.

Artigo 4.º — Providenciará para que tenham maximo rendimento os serviços de historia natural annexos a sua turma.

Artigo 5.º — Como em todas as expedições deste genero, competem-lhe exclusivamente as responsabilidades administrativas.

Artigo 6.º — Os levantamentos de rio deverão ser executados com a bussola e o telemetro.

§ 1.º — A seu criterio, porém ficará a opção por um levantamento expedito com bussola e relógio, no caso de reconhecer a impossibilidade de executar o levantamento por

aquella fôrma, ou se este se tornar inconveniente ao serviço, justificando a razão em seu relatório.

Artigo 7.º — Fará a sondagem do rio, pelo menos uma vez entre cada duas estações consecutivas, procurando assignalar o canal na parte navegavel ou buscando o thalweg quando esta circumstancia não se apresentar ou lhe fôr desconhecida.

Artigo 8.º — Determinará a altitude dos pontos mais notaveis e fará leituras consecutivas do barometro e thermometro de maxima e minima para as determinações correspondentes.

Artigo 9.º — Observará e assignalará os phenomenos meteorologicos mais importantes, registrando-os em uma caderneta apropriada.

Artigo 10.º — Determinará a secção transversal de todos os afluentes dos rios Paranatinga e S. Manoel, assim como deste em sua fóz; concomitantemente avaliará a velocidade á superficie por meio de fluctuadores, afim de ser calculada a respectiva descarga.

Artigo 11.º — Tomará a altura de todos os saltos ou quedas d'agua que encontrar no seu percurso.

Artigo 12.º — Sempre que fôr possivel assignalará, por intersecção de azimuths, os morros, montanhas ou serras percebidas no trajecto ou annotará a distancia avaliada aproximadamente e a direcção em que forem percebidos taes accidentes.

Artigo 13.º — Colleccionará amostras de rochas, de accôrdo com as instrucções que lhe serão entregues opportunamente, para servirem de base ao estudo da zona percorrida, sob o ponto de vista geologico.

Artigo 14.º — Apresentará ao chefe da commissão, terminados os trabalhos de campo, um relatório circumstanciado de todo o serviço executado, acompanhado das res-

pectivas cadernetas em original, detalhando as occurrencias mais notaveis, relações do pessoal e do material utilizados, despesas effectuadas, etc.

Artigo 15.º — Observará, fiscalizará e relacionará de accôrdo com as informações que lhe devem ser prestadas pelos respectivos funcionarios, no decorrer do serviço, todo o material colligido pelos naturalistas ou auxiliares do serviço de historia natural.

Artigo 16.º — Providenciará com inteira independencia sobre tudo quanto fôr necessario á boa execução de todos os serviços.

Artigo 17.º — Recolherá ao escriptorio central, no Rio de Janeiro, todo o material de historia natural, quando regressar a esta capital.

Artigo 18.º — Designará, dentre os funcionarios de categoria, aquelle a quem deverá competir a chefia geral do serviço nos casos de impedimento ou ausencia do chefe da turma.

Artigo 19.º — Observará, no decurso dos trabalhos, as praticas adoptadas pela Commissão em relação aos indigenas que encontrar em sua travessia, isto é:

§ 1.º — Prohibindo expressamente qualquer ataque aos indios, a utilização de quaesquer objectos a elles pertencentes e que por acaso forem encontrados ou a destruição de utensilios, por mais insignificantes que pareçam.

§ 2.º — Deixando-lhes brindes nas habitações que fôr encontrando e fazendo-lhes todas as demonstrações de amizade que imaginar possiveis.

§ 3.º — Tratando com carinho e bondade a todo o indio que se aproximar da turma, offerecendo-lhe alimentação e os presentes que puder.

§ 4.º — Restringindo unicamente ao caso de defesa da propria vida a possibilidade de fazer disparos de carabina ou

qualquer outra arma de fogo, contra os indios; tentando entretanto, pelo conselho, annullar mesmo esta hypothese de aggressão “aos mais legitimos donos dessas terras do sertão” e tendo sempre em vista o seu estado de barbaria, quando houver de meditar sobre os actos delles ou avaliar-lhes as intenções.

\* \* \*

A turma exploradora sob a chefia de Pyrineus compunha-se, alem do chefe, de um medico, o Dr. Alberto Moore, um taxidermista do Museu Nacional, Antenor Pires, e seis canoeiros. Organizada no Rio, de onde partiu a 18 de dezembro de 1914, internou-se em Matto Grosso seguindo o itinerario: S. Paulo-Porto Esperança (pela E. F. Noroeste do Brasil); Corumbá-S. Luiz de Caceres (pelo rio Paraguay) — rio Sepotuba — porto de Tapirapoan — estações telegraphicas de Affonsos e Diamantino (por via terrestre, aproveitando estrada ahi aberta anteriormente pela Comissão Rondon). A 25 de fevereiro de 1915 acampava a turma em aguas do ribeirão Estivado, affluente da margem esquerda do Arinos.

Após longa e penosa travessia, os expedicionarios alcançaram afinal a fóz do rio Telles Pires no dia 28 de junho daquelle anno, sem ter que lamentar perda alguma de vidas, não obstante a hostilidade que soffreram por parte dos selvicolas, graças, sobretudo, á energia e habilidade desenvolvidas por seu chefe, como experimentado “sertanista” que é.

Os resultados geographicos desta expedição estão consubstanciados no Mappa do Centenario, a que já me referi, no qual o Estado de Matto Grosso constitue a collaboração vultosa da Commissão Rondon.

Foram levantados, não só o rio Telles Pires, como os seus dois galhos formadores: S. Manoel (cujo nome foi

conservado, em lembrança da primitiva denominação) e Paranatinga.

O estudo realizado nestes dois braços levou o general Rondon á conclusão importante de que o S. Manoel deve ser conservado, como affluente da margem esquerda do Paranatinga, não só porque este ramo conserva a direcção geral do rio, como porque é mais longo e mais volumoso que o outro, conforme os dados que abaixo vão confrontados:

Rio Paranatinga: largura na fóz 34m.; descarga, 72m<sup>3</sup>; curso 124 km. — S. Manoel: largura na fóz, 25.; descarga, 42m<sup>3</sup>; curso, 74 km.

Alem desta correcção, consta do relatorio apresentado pelo tenente Pyrineus outra tambem digna de nota, a que se refere o topico seguinte:

“Qualquer que seja a origem do nome “Tres Barras”, não tem ele hoje razão de figurar nas cartas, pois, de facto, o rio Telles Pires só tem duas barras”.

Interessantes tambem são as passagens desse relatorio em que o tenente Pyrineu descreve minuciosamente o auxilio que recebeu dos indios Bakahirís, emquanto a expedição percorreu seus dominios, especialmente quanto ao cacique, capitão Antonio (Vide nota n.º 2) que se desempenhou lealmente das funcções de guia (vaqueano), como já o fôra da expedição chefiada pelo inditoso coronel Paula Castro, do Exercito (1900) e da do notavel explorador allemão von den Stein, que, cerca de 40 annos, antes, atravessara aquella zona em direcção ás nascentes do Xingú.

Do referido relatorio, assim como dos resumos divulgados pelas conferencias do general Rondon, de 1915, constam minuciosos dados sobre os 25 affluentes (dentre os quaes o 5.º rio Verde (V. nota 3) de Matto Grosso, assignalado pelo tenente Pyrineus); sobre as 45 cachoeiras encontradas, exclusive tres saltos, cujo potencial foi calculado; descargas do Paranatinga, S. Manoel, Telles Pires e seus affluen-

tes; quadros de pressões barométricas, temperaturas e altitudes; etc.

Não foram tão pouco desprezadas as pesquisas relativas à flora, à fauna e à mineralogia e geologia, estudadas através do mostruario trazido pela expedição.

Além deste lado científico, contem o relatório do tenente Pyrineus abundantes notas sobre a madeira de lei existente nas matas que atravessou, sobre a variedade estupenda da caça, ali incluídas as numerosas espécies de gallináceos: mutuns, jacús, jacutingas, jacamins (V. nota 4), etc., em bandos, que ás vezes vinham pousar nas ramas, por cima dos bivaques (V. nota 5).

Como também não se atravessam impunemente esses sertões longínquos, nem é possível deixar de soffrer as agruras próprias dos lugares selvagens, os expedicionários de 1915 pagaram o seu tributo. Mesmo quando elles se vangloriavam de dormir bem, lá pelo alto Paranatinga, desde que amanhecia até que anoitecia, viam-se perseguidos pelos borrachudos, o que os obrigava a "passar pelo corpo banha de jacú, de anta, de veado ou de peixes, para afugenta-los, porque do contrario ficariam de mãos e pés inchados". Era preferível — expõe ainda o tenente Pyrineus — o sacrificio de ter o corpo besuntado, a soffrer as dolorosas lancetadas dos terríveis borrachudos.

Na descida do Paranatinga, de caixa funda desde a cabeceira até a barra e altos barrancos nas duas margens, muitas vezes houve difficuldade de encontrar lugar para bivacar ou simplesmente para preparar o almoço, porque "esses barrancos muito altos eram de difficil ascensão e não davam porto, o que forçava a procura de meros "cahidores de anta" por onde escalavam o barranco, embora penosamente".

Nas cachoeiras, fatalmente, as roupas do corpo molhavam-se todas, o que obrigava os expedicionários a... secalas no proprio corpo, no decorrer da viagem.

Penosa era sempre a "varação" das canôas nas cachoeiras; onde não raro faziam-na por cima de pedras cortantes

e pontcagudas que lhes sangravam os pés”, como aconteceu na travessia da corredeira do “Soffrimento”, com tanta propriedade assim baptizada. Não obstante a larga pratica que Pyrineus tinha de tal serviço, o rio arrebatou-lhe, por vezes, batelões, remos e canôas, obrigando os expedicionarios a deterem-se para se occuparem do fabrico de novas canôas e de novos remos, para o que abatiam arvores apropriadas. Usaram canôas de casca de Jatobá (a “pêpe” bakahirí — V. nota 5) de casca de cajueiro, de troncos de tocarry e de cajueiro. Muitas foram as vezes em que o dispositivo dos saltos e das cachoeiras exigiu dos expedicionarios a abertura de longas picadas, por terra, através da matta e por terrenos quasi sempre accidentados, para ligar o começo ao termo desses trechos do rio, intransponiveis por agua; procedia-se então com afan á construcção dos tradicionaes “varadouros” por onde se transportavam as cargas ás costas e tambem, ás vezes, as canôas sobre roletes de madeira adrede preparados. Foram assim abertos os “varadouros” do salto Maggesi, na extensão de 446 metros; do salto das Sete Quedas com 900 metros; do salto Oscar de Miranda, com 840 metros, em duas secções, uma de 300., para vencer os trechos das duas primeiras quedas e outra de 540m., para vencer as tres seguintes; e outros de menor importancia. Alem desses “varadouros”, a perda do batelão “Bomfim”, de 30 palmos de comprimento, na 10.<sup>a</sup> queda do salto Oscar de Miranda, em lugar onde havia deficiencia de madeira para o fabrico de canôas, obrigou a abertura de um pique de 4.666 m., que, através da alta morraria, serviu para o transporte das cargas até a cachoeira “Villeroy”, denominação dada pelo tenente Pyrineu á 1.<sup>a</sup> cachoeira a jusante do salto acima citado, por ser o ponto em que foram encontrados os sobreviventes da Commissão Telles Pires em 1890.

Em outras cachoeiras ou certas corredeiras entrava a manobra das sirgas com que eram arriadas as canôas, sustentadas com abnegada coragem por mãos robustas contra

os empuxões da correnteza, que forcejava por arrebatara os cabos ou partil-os, aos solavancos, sob o ruído ensurdecedor da agua em borborinhos, em quanto as plantas dos pés escorregavam no limo resvaladiço das pedras e dos lagedos.

Alem do transporte dos instrumentos e utensilios dos serviços, das collecções de petrechos indigenas, das pelles e animaes preparados, das pesadas amostras de rochas, das armas, da munição, dos objectos de uso de cada qual, os expedicionarios deviam ainda conduzir regular quantidade de machados, facões, collares de contas, missangas, etc., para presentear aos indios. Nenhuma expedição da Commissão Rondon deixava de encarar a necessidade humanitaria de conduzir ao mais remoto sertão, alguns desses elementos de progresso tão avidamente cubiqados pelos selvicolas, isolados do mundo civilizado centenas de leguas... Esta necessidade toma o aspecto de uma defesa tambem contra os ataques dos indios, que não acham justificativa alguma "para o facto de se acabarem os presentes" e capacitam-se logo de que a negativa é symptoma de hostilidade!

Alem dos Bakahirís, já semi-civilizados, a expedição Pyrineus teve contactos com os indios "Caiabís" (os mesmos a que os civilizados chamam de Cajabis); o primeiro encontro deu-se a 636 km. das cab. Paranatinga e o ultimo a cerca de 770 km., o que indica um dominio de mais de 134 kilometros do rio Telles Pires, por ambas as margens.

Os primeiros, assim como os grupos que foram encontrados, gritavam, quasi sempre escondidos pela matta, e, ás vezes, n'um alarido infernal: "Caiabí, Apinacó!" "Caiabí apinin!" "Apinin, apinacó, muié!" "Akil!" — que quer dizer: "Machado para Caiabí" "Facão para Caiabí!" "Facão, machado para mim!" "Vem!"

Quando o tenente Pyrineus julgavá opportuno, abicava para a margem a sua canôa, fazendo-lhes demonstrações de fraternidade e deixando-os seguros de que estava desarmado, para entregar-lhes alguns facões, machados, etc., que uns



recebiam em quanto outros se mantinham á espreita, empunhando arcos e flechas, promptas para iniciar o combate, se se tratasse de uma cilada...

Essa primeira entrega de presentes é bastante melindrosa, pois um simples gesto mal interpretado gera uma desconfiança impossivel depois de annullar e que equivale a uma declaração de guerra: mas tambem, quando bem succedida, é commovente e singela como os habitos dessa gente. Conta o tenente Pyrineus a proposito deste 1.º encontro com os Caiabís:

“Eram 4 homens que subiam o rio Telles Pires embarcados em uma canôa de casca. A’ nossa presença, tiveram grande surpresa e medo; rapidos abicaram a canôa á margem direita, que estava mais proxima, em emmaranhado saranzal, descarregando-a muito ás pressas... Como fosse ahí o matto muito “sujo”, achámos prudente não parar e nos dirigimos para um campo de capim-gordura que avistámos á volta do rio, chamando-os para lá por signaes e mostrando-lhes machados, facões e contas, Reembarcaram na casca e nos seguiram. guardando certa distancia e perguntando: “Caiabí apinacó? Caiabí apinin?...” Chegando ao campo, parámos, e os indios, abicaram á margem opposta, para onde segui em minha canôa com tres homens. Mostrando-lhes machados encabados, facões e contas vistosas e, dizendo-lhes “akili”, tres indios aproximaram-se do barranco onde tinhamos abicado nossa canôa e com muito medo, tremulos, receberam os presentes. Ficaram então visivelmente satisfeitos e mais confiantes.”

Durante dias seguidos o tenente Pyrineus distribuiu os machados e facões que trazia e continuou a presentear os Caiabís com as missangas. Os que só receberam contas, mostraram-se logo aborrecidos e apalpavam as bagagens, desconfiados de que alli estivessem occultos ainda “apinacós” e “apinins”. Por mimicas apropriadas, como aliás era o unico meio de se fazer comprehendido, procurou então o

tenente Pyrineus convence-los de que em breve tempo alli voltaria para trazer-lhes mais facões e machados. A estas notas diplomaticas responderam os Caiabís, no dia 13 de maio, com um significativo ultimatum, conforme o topico que se segue:

“Depois de transpormos as cachoeiras “Curupi” e “13 Maio”, já á tardinha, ao deixarmos esta ultima, desapareceram por encanto os indios e uma flecha, partindo do matto, veio cair bem junto a nossa canôa, que era a ultima a sahir. A esta flecha seguiram-se outras. Felizmente nenhum de nós foi atingido e immediatamente fizemos uma descarga e sahimos do rebojo da cachoeira sem dar tempo a que os indios renovassem o ataque. Atravessámos uma corredeira e fomos bivacar na ilha da “Liberdade”, d’onde avistámos os indios nos espreitando da margem e todos arrastando grandes feixes de flechas!”

A falta de machados e facões era agora alli um facto irrevogavel cujas consequencias ameaçavam a vida dos expedicionarios. Fiel mantenedor das tradições brilhantes da Comissão Rondon em seus primeiros contactos com os selvícolas, o tenente Pyrineus passou a agir com habil tactica para evitar os ataques dos indios e talvez o massacre do pequeno nucleo de homens que dirigia. Deante da attitude hostile dos selvícolas, conta elle:

“Para afugental-os dei um tiro de dynamite que, parece, enraiveceu-os mais. Surgiu então na margem opposta um caboclo forte, bello typo de cacique, que lembrava os guerreiros de Alencar, o qual, entrando n’agua até a cintura e empunhando grande arco e um maço de flechas, começou a discursar energicamente. Com o arco retesado, fazendo o gesto de soltar a flecha com que nos ameaçava, gritava em linda voz, vibrante, energica. Depois bateu forte no possante peito, apontando para todos os lados com gestos significativos de ser elle o possuidor de tudo aquillo. Emquanto isso, outros indios, pela matta a dentro, nas duas margens, arremedavam

onça, lobo, coatá e passaros diversos. Era um espectáculo imponente! De muito longe, rio abaixo e rio acima, ouviam-se gritos. Tocavam "reunir"... Preparámo-nos para a defesa, já que não podíamos evitar o ataque. Viajar á noite era impossivel porque, não conhecendo o rio, poderíamos despencar n'uma cachoeira e não podíamos fazer o levantamento. Feito o jantar, mandámos apagar o fogo e entricheirámo-nos atrás de grandes arvores. A gritaria continuava assustadora pela matta a fóra. Quando os gritos estavam muito proximos soltavamos uma bomba de dynamite, cujo estampido os atemorizava, afastando-os do nosso bivaque. A's 20 horas, estando a noite bastante escura, embarcámos todos em nossas canôas e, no maior silencio, abandonámos o bivaque e fomos para a margem opposta, onde amarrámos as canôas. Foi uma excellente medida, porque, á meia hora da madrugada, os indios assaltaram o bivaque abandonado e soffreram grande decepção, a julgar pelos gritos que soltavam. Passámos a noite nas canôas, promptos para nos afastarmos para o meio do rio, caso o nosso esconderijo fosse descoberto.

"Foi uma noite horrivel: sentados, cansados e a matar mosquitos..."

No dia seguinte o tenente Pyrineus proseguiu o seu serviço e venceu, sob cautelas identicas, toda a zona habitada pelos Caiabís, a lances de coragem, sangue frio e sagacidade. Em transe como esse é que se revela a fibra do homem que dirige expedições desse genero.

No dia 15 de maio os expedicionarios só ás 18 horas puderam preparar a comida, pois estavam sob a vigilancia hostil dos indios que os acompanhavam pelas margens, onde, por isso, não conseguiram obter lenha para fazer fogo, mesmo na ilha de pedra que escolheram para bivacar; sem café e sem almoço, alimentaram-se então de to Cary e amendoim. No dia 16, á tardinha, bivacaram em um rochedo, onde, providencialmente, a enchente havia deixado a lenha de que se serviram para accender fogo,

Prosseguindo viagem e continuando o levantamento do rio, através de todos esses obstaculos e ameaças, ainda a 17, o tenente Pyrineus deixou presentes em uma pedra onde bivacou e viu que os indios, em numero de 17, os foram buscar logo que elle se afastou com suas canôas rio abaixo: e conta que estes mesmos indios o acompanharam por agua, até a ilha Celina, 764 km das cabeceiras do rio, quando escreve:

“Os indios tambem abicaram suas canôas na ilha, porém no matto. Como estivessemos em praia limpa, longe do alcance das flechas que porventura atirassem de lá, afastámo-nos das nossas canôas com alguns presentes que lhes mostrámos. Muito receosos e assustados, aproximaram-se completamente desarmados. Eram 17 homens e duas bonitas raparigas. Estes indios não conheciam phosphoros, que, parece-nos, viam pela primeira vez, tal a sua admiração aos nos verem riscar um phosphoro. Em troca de caixas de phosphoros e contas deram-nos grande porção de to Cary, dizendo-nos te-los apanhado na serra dos Caiabís que estava á vista e que elles nos apontavam, e tambem um pato moqueado com tripas e pennas.”

Infelizmente em um alagamento de canôas, perdeu-se todo o serviço photographico da expedição, inclusive innumerous instantaneos que constituíam importante documentação sobre os selvicolas do rio Telles Pires.

\* \* \*

O relatorio do tenente Piryneus traz minuciosas informações sobre o que elle pôde observar dos usos dos Caiabís, a cujo meio inculto, pelo que vamos ler, já chegou tambem a moda das mulheres arrancarem as sobrancelhas... e cortarem cabellos “a la garçonne”:

“Algumas mulheres arrancam as sobrancelhas e pestanas, e aparam o cabelo. Isto porém, não é uso geral, por-

que vimos outras Caiabís que não se depilavam nem aparavam os cabellos, tendo-os compridos, alisados com pente de pau e presos no pescoço com certa graça. Os homens, sem excepção, usam o cabello comprido, cuidadosamente amarrados na nuca com um cordão. Os cabellos são muito pretos, luzidios, abundantes, lisos e quasi sempre se acham untados de urucum. É a sua brilhantina que, parece, não faz cahir o cabello. Homens e mulheres furam as orelhas onde collocam brincos interessantes, feitos de pontas de chifre de veado ou de taquarinha — de 8 a 10 centímetros de comprimento — tendo engastado na parte da frente um pennacho de pennas de periquito ou de passarinhos, cujas côres sejam vivas. Usam tambem um simples pedaço de pau mettido na orelha.”

Ha muitos episodios ainda sobre os indios com que teve contacto a turma de Pyrineus, referencias abundantes sobre seus utensilios, vocabulario cuja significação pôde ser traduzida, etc., mas que seria longo aqui enumerar, pelo que terminarei referindo a noticia trazida pela expedição quanto ao fallecimento de uma india Rosa Borôro (Vide notas 7 e 8), cujo nome está gravado na historia da sua grande e importante tribu, no tocante a suas relações com os civilizados. Rosa Borôro falleceu em janeiro de 1913, na aldeia de indios Bakahiris, (V. nota 9) que tem por chefe o seu filho “capitão” (cacique) José Coroadó, e pela qual passou a expedição Pyrineus.

\* \* \*

NOTA 1 — *Doas palavras sobre o tenente Pyrineus* — Este official serviu na Comissão Rondon de 1907, a 1916, a maior parte do tempo em pleno sertão de Matto Grosso; tomou parte em varias expedições perigosas e trabalhosas. Official destemido e energico, de notavel resistencia physica, é alem disto, um grande nadador e um mergulhador insigne. Conta-se a este proposito um episodio no rio Jaurú, affluente do alto-Paraguay, pela margem direita: havia naufragado alli uma chata da Comissão, carregada de fio galvanizado

que, conduzido assim por via fluvial, se destinava á construcção da linha telegraphica de Caceres a Matto Grosso. Chamaram-se, para o trabalho de salvamento, os principaes mergulhadores conhecidos, desde o sargento até o ultimo soldado, e nenhum delles conseguiu attingir o fundo do rio. Cada mergulhador levava na mão um cabo fino de corda forte, a cuja extremidade se fixara um gancho de ferro, destinado a representar o papel de anzol, naquella pescaria "sui generis" de rolos de arame com o peso de cerca de 50 kgr. cada um! Era urgente e indispensavel salvar o arame porque não havia tempo de mandar vir outra porção do Rio de Janeiro e nem mesmo de ponto mais proximo, visto como Rondon tomara já o compromisso de inaugurar em data prefixada a linha de S. Luis de Caceres á antiga e abandonada capital de Matto-Grosso. E o compromisso tomado, a palavra empenhada, por um chefe como Rondon é coisa muito serial! Alem de correntoso, o Jaurú estava, no momento, muito cheio e, no local do desastre, era bastante profundo, conforme sondagens anteriores o revelavam. Pois bem, foi o tenente Pyrineus quem conseguiu mergulhar até o ponto em que se encontrava o arame no fundo do rio, e repetir a manobra tantas vezes quantas foi necessario, para salvar o material, o que representou tambem evitar-se á Nação um regular prejuizo. Do 1.º relatório apresentado ao Governo pelo General Rondon a proposito dos trabalhos de "reconhecimentos e explorações" executados de Matto Grosso ao Amazonas, colhi um episodio publicado em meu livro de "Impressões", episodio que ia custando a vida ao tenente Pyrineus, quando uma piranha lhe decepou a ponta da lingua. Ainda no decorrer da mesma travessia (1909) Rondon escolheu Pyrineus para um serviço de levantamento fóra do commum: o do rio Jarú, affluente da margem esquerda do rio Gy-Paraná. (Não confundir nem com o Jaurú, affl. marg. dir. Paraguay, nem com o 2.º Jaurú de Matto-Grosso, affl. marg. dir. Coxim); fóra do commum, dizemos, porque na occasião em que Rondon attingiu o Jarú com a expedição de 1909, todos os animaes de montaria e de carga haviam desaparecido, tragados pelas vicissitudes do sertão bravo, e cada homem, inclusive o chefe, carregava o que lhe pertencia e todos os expedicionarios se alimentavam de palmitos silvestres e de caça e pesca. De modo que a turma de soldados, naturalmente maltrapilhos, entregues ao comando do tenente Pyrineus para a descida do Jarú, cujo levantamento expedito elle teve a incumbencia de executar e executou, recebeu apenas... a bussola, o chronographo, armas e munições!...

Quando o pseudo-explorador, ou por outra, o explorador da ingenuidade do Governo Brasileiro — Savage Landor, atravessou o interior do Brasil (por caminhos conhecidos e descendo o

Tapajós, secularmente navegado, para depois publicar um amontoado de inverdades e infâmias contra o paiz que lhe pagára adeantadamente, por explorações que não realizou, 60 contos de réis); encontrou-se inesperadamente com o tenente Pyrineus em certo pouso.

Savage Landor que se furtara ao itinerario de verdadeira exploração imposto pelo Governo, sob os auspicios de Rondon, seguia pela picada da linha telegraphica de Goyaz e entreteve-se em palestra com Pyrineus, para referir proezas que praticara ao subir ás mais altas montanhas do globo, entretanto que considerava impossivel de ser escalada por quem quer que fosse a que se via proxima a seu acampamento... Realmente o morro a que fazia referencia apresentava grandes dificuldades de acesso, mas tanto não eram insuperaveis que Pyrineus, na madrugada seguinte á dessa conversa, o galgou até o cume e de lá do alto atirou sobre o acampamento de Landor uma serie de bombas de dynamite que reboaram como uma alvorada estrepitosa e inesquecivel para o fanfarrão inglês, desmoralizado depois, publicamente, em Paris, pelo gesto patriotico do intelligente e saudoso Affonso Arinos.

Finalmente, para encerrar esta nota, que já vai longa, devo dizer aos leitores que esse estoico official do nosso Exercito, em certo serviço que lhe foi imposto, lá pela zona mais arida de Matto Grosso, se viu uma vez assaltado pelo martyrio horrivel da sede. Impiedosa canicula abrasava-lhe o corpo exigindo agua; a abundante transpiração ininterrupta como a marcha que elle vinha fazendo, tornava cada vez mais urgente a necessidade de beber; entretanto perscrutava elle em torno e nem ao longe avistava signaes da existencia de agua em toda a redondeza! Nem um burity projectava no horizonte longinquo o seu estipe rectilineo, alentando-lhe a esperanza de alcançar uma cabeceira para dessedentar o já tropêgo viandante. Muitas vezes soffrera elle as agruras incomparaveis da sede, por 6, 12 ou 24 horas (!) mas nunca o haviam levado aos paroxismos a que por pouco não succumbiu, pois que, arrastado por uma ideia delirante, chegou ao extremo sacrificio de beber a secreção de seus proprios rins!!! E ainda foi pior... porque lhe recrudescceu a sede!

Este episodio jámais vulgarizado e as rapidas referencias acima feitas, são sufficientes para justificar a adjectivação elogiiosa com que me refiro a esse forte que é o actual capitão Antonio Pyrineus de Sousa, commandante da Companhia de

Metralhadoras do 6º B. C. (Ipamery, Estado de Goiaz), official que honra o Exercito Nacional e a raça brasileira. (\*)

NOTA 2 — Este indio Bakahirí, "capitão" Antonino, foi o elemento principal de que dispoz von den Stein para o trabalho que publicou relativamente á lingua dessa tribu e seus costumes. Ao estudioso patricio nosso, dr. Capistrano de Abreu, que se dedicou tambem ao estudo da lingua Bakahirí, o general Rondon fez apresentar em 1920, no Rio de Janeiro, o mesmo indio "capitão" Antonino e tres outros Bakahirís, trazidos do sertão de Matto Grosso até a Capital da Republica pelo então tenente Ramiro de Noronha, dedicado official a quem se devem os mais recentes trabalhos topographicos realizados pela Commissão Rondon naquelle Estado. Durante muitos dias seguidos entreteve-se o dr. Capistrano em longas conversas com os indios para completar os seus estudos e corrigir o que se tem escripto sobre a lingua Bakahirí. Nessa época a Commissão fez imprimir pela casa Edison do Rio de Janeiro, uma serie de chapas com o longo discurso proferido eloquentemente pelo "capitão" Antonino, na sua lingua, fixando assim para sempre o "Kêri-Kame" dos Bakahirís, isto é, a historia do começo do mundo, segundo as suas crenças.

Ao seu regresso, entre outras chapas que acompanharam o gramophone conduzido para o sertão, lá foram tambem, com o "capitão Antonino", as chapas do Kêri-Kame que os selvicolas de sua aldeia haviam de ter ouvido entre interessados e surpresos!

NOTA 3 — Afóra outros menos conhecidos e sem entrar em conta com o erro commettido pelo Padre Badariote que chamou Verde ao Rio Agua-Verde ou "Anhanazá" dos indios Parecís em sua memoria intitulada "Exploração no Norte de Matto Grosso 1898", ha no Estado de Matto Grosso, alem do affluente que dá motivo a esta nota, mais os seguintes rios com o mesmo nome:

- 1) Affl. m. dir. do rio Sacre ou Timalatiá.
- 2) Affl. m. esq. do rio Guaporé.
- 3) Affl. m. dir. do rio Jamary.
- 4) Affl. m. dir. do rio Paraná.

NOTA 4 — Os jacamins (ou jacamis) são as mais curiosas aves do Norte; abundantes nas mattas do Amazonas e de Matto Grosso, são facilmente domesticaveis e vivem dentro das habitações dos seringueiros, mais mansas do que as nossas gallinhas

(\*) Fallecido, no posto de Coronel.



domesticas. Emite um canto inteiramente diverso de todas as aves e que mais se assemelha a um gemido profundo de outro animal de grande porte e canta com o bico fechado... é uma ave ventriloqua. E' uma linda ave, maior que a nossa gallinha commum e saborosa caça.

NOTA 5 — *Bivague* é termo technico militar; diz-se que uma tropa "bivaca" quando estaciona ao ar livre, sem armar barracas. Tal era a forma habitual usada pela expedição, como se pode concluir lendo esta referencia do relatorio: "Á noite (no alto Paranatinga) não havia mosquitos, por isso dormiamos perfeitamente bem quando não eramos incommodados pela chuva, que nos obrigava a desarmar as rêdes (muitas vezes, já molhadas) para nos abrigarmos embaixo do unico toldo, cobertura da bagagem".

NOTA 6 — A proposito do fabrico da curiosa canôa (pêpe) dos Bakahiris, refere o relatorio do tenente Pyreus:

"Conhecem que um jatobá larga a casca, golpeando-o a machado no tronco em fôrma de triangulo. Se o jatobá tem muita seiva — "se está aguado" — a casca assim golpeada desprende-se com facilidade da madeira e presta-se á construcção da pêpe; se porem o jatobá tem pouca seiva, a casca fende-se e não se separa da madeira. Não servirá então para canôa.

"E' preciso tambem que o tronco seja linheiro, sem nó e sem broca. Na maxima força da estação chuvosa, de outubro a março, é a melhor época de tirar casca de jatobá para construcção de canôas.

"Submettido o jatobá á prova acima, corta-se-lhe a casca, no tronco, transversalmente, em extensão igual á largura que se quer dar á pôpa da canôa e vae-se cortando simultaneamente de um e de outro lado ao longo do tronco e para cima, de modo a abrir duas fendas verticaes, paralellas, onde metterão cunhas de taquara, flexiveis, entre a casca e a madeira, de fôrma que duas cunhas oppostas se encontrem no meio da telha de casca que se procura levantar.

"Quando as fendas verticaes e paralellas vão ficando altas do chão, constroe-se um girau em torno de jatobá e o indio ahi sobe com o machado e as cunhas para continuar a operação até chegar á altura que dê o comprimento da canôa e então faz outro corte transversal, paralelo ao primeiro, no tronco do jatobá.

"Desmancha-se o girau e arria-se a casca solta, com cuidado para que ella não se quebre na queda. Debruça-se a casca no chão e tora-se a sua parte externa nas duas extremidades, dei-

xando descoberto o endoderma na extensão correspondente á prôa e á pôpa da canôa.

“Levanta-se a casca assim preparada a um girau baixo e accende-se dentro della um fogo brando, feito com palhas ou folhas sêcas. Com o calor, a casca torna-se flexivel: molda-se então a canôa, levantando-se-lhe a prôa e a pôpa, que ficam sustentadas por fortes espeques, até que esfrie bem a casca.

“Depois de fria a casca não perderá mais a fôrma que tomou quando quente. Com travessas de madeira espedadas nos dois bordos, por dentro, abre-se o bojo da canôa; estas travessas são conservadas afim de que a canôa não se feche sob a acção do calor solar.

“O jatobá torna a criar casca quando é ainda novo; se é velho, morre fatalmente”.

NOTA 7 — *Borôro*, com esta accentuação, é o nome exacto dessa tribu de valentes guerreiros de elevada estatura (onde é commum o homem de 1m,8 e 1m,9 e configuração athletica), porque os indios assim o pronunciam em sua lingua, uma das que são habilmente faladas pelo general Rondon. Não se sabe como os civilizados crearam uma errada phonetica para este nome afim de o transformar em *Boróro* ou *Boróró*.

NOTA 8 — A proposito da commovente historia da Rosa Borôro, cujo nome foi dado ainda quando ella vivia, á lancha que o “Serviço de Protecção aos Indios” possui em Matto Grosso, disse o general Rondon em uma de suas conferencias em 1915, já citadas, linhas atrás:

“A uma penna feminina, a da esposa do general Mello Rego, devemos o não se ter perdido a memoria do grande serviço prestado por aquella humilde mulher á sua nação de origem, e tambem a grande parte da população da antiga Provincia de Matto Grosso, incluida a das immediações de Cuyabá. Havia muitos annos que a tribu dos Borôros do rio S. Lourenço vivia em guerra aberta com os civilizados, aos quaes hostilizava com formidaveis assaltos no interior das suas casas e estabelecimentos, matando a muitos, desorganizando o trafego pelos rios e pelas estradas, e o trabalho em numerosas e importantes fazendas de criação, onde praticava as maiores depredações.

“Para tão grande mal, não encontraram os presidentes da provincia outro remedio, senão o de organizarem a guerra de represalia, visando o exterminio dos selvicolas. A direcção das formidaveis “batidas” que então se iniciaram, foi entregue ao tenente Duarte, homem bravo e decidido, mas incapaz de, por si mesmo, libertar-se da illusoria fascinação que nasce da idéa

de ser absoluto o valor da força physica, para aplinar as desordens que surgem entre agrupamentos humanos, como resultado da differença de civilizações, de preconceitos de raça, do exaltamento das paixões, em summa: que nascem deste estado d'alma que conduzia a antiguidade a confundir estrangeiro e inimigos n'um unico appellativo.

“Pode-se, pois, imaginar a que ponto de crueldade attingiram, dentro em pouco, as hostilidades entre os Borôros e o contingente commandado pelo tenente Duarte.

“Ia a guerra assim accesa, e de dia para dia mais se incrementava e recrudescia, quando appareceu, entre os indios que haviam sido trazidos prisioneiros para Cuyabá e ahi viviam em mal disfarçada escravidão, uma quasi menina, que se offerecia, primeiro, e depois pedia instantemente, a lhe permittirem que acompanhasse a columna do tenente Duarte, numa das “batidas” contra as aldeias da sua gente. Promettia ella fazer cessar a guerra, salvar o resto da nação perseguida e restituir á calma a população de Cuyabá e de toda a região assolada pelas correrias dos guerreiros do rio S. Lourenço.

“Acolhida a principio com descaso, e em seguida com desconfiança, a moça borôro soube, no emtanto, perseverar com tanto enthusiasmo e fervor no seu projecto, que afinal conseguiu vencer a indifferença geral, e mais do que isso, o orgulho dos que se consideravam tão desmedidamente superiores a ella, que difficil lhes era admittir a possibilidade de terem de modificar e de abandonar os seus planos e combinações, para adoptar os de uma misera escrava selvicola.

N'uma de suas costumadas expedições, o tenente Duarte levou a moça borôro. Chegadas a certo ponto do rio S. Lourenço, ella, despojando-se das suas roupas da cidade, internou-se na floresta, e ao fim do numero de dias préviamente combinado com o commandante do destacamento, regressava ao lugar em que este a esperava, trazendo em sua companhia o “pague-megêra” ou chefe da tribu borôro, que vinha por ella convencido a tratar pazes e amizade com os civilizados, representado na pessoa do mesmo homem que, até ali, os perseguia com inauditas atrocidades.

“Depois deste acto memoravel, nunca mais se interromperam as relações pacificas daquella nação com os civilizados, e são já bastante valiosos os serviços que nos tem prestado nos pantanaes do Paraguay. Entre outros, lembrarei o que eu mesmo recebi, quando me achei encarregado da construcção da rêde telegraphica do Sul de Matto-Grosso: durante um anno inteiro, todos os trabalhos foram realizados por esses indios, que, em numero superior a 500, estiveram incessantemente ás minhas ordens.

“A moça borôro, a quem devemos tão bella pagina da chronica do nosso Paiz, repassada do mesmo perfume de ternura e de bondade que se exhala das que recontam a historia sem par da admiravel Marina, foi essa Rosa, de quem o tenente Pyrineus encontrou no rio Telles Pires o filho, que lhe deu o auxilio de sua pessoa e da sua gente, para o levar ás mais altas cabeceiras do Paranatinga.

“Pela informação do tenente Pyrineus, Rosa Borôro falleceu em Janeiro de 1913, na aldeia Bakahirí de que o seu filho é chefe. A sua memoria, porem, vive ainda nos corações daquelles que conhecem a sua curta, mas tocante historia; e certamente viverá emquanto houver corações de Brasileiros para vibrar de amôr e de gratidão, ao evocar-se a imagem de quem quer que seja, grande ou pequeno, que tenha dado lugar, pelos seus actos, pelas suas palavras, e pelos seus sentimentos, ao inscrever-se nas paginas da historia de nossa Patria, mais um traço que contribua para se realizar o voto do grande poeta maranhense, quando disse:

“Vejo um povo de heroes!”

NOTA 9 — A tribu dos Bakahirís está hoje quasi extincta, reduzida a tres “malocas”, situadas abaixo das barras do S. Manoel e do Caiapó; a 1.ª, do velho “capitão” Antonino, que já foi objecto da nota n.º 2 destes meus apanhados; a 2.ª, do cacique Karutú, emigrado do valle do Xingú, havia dois annos quando o tenente Pyrineus visitou essa aldeia, e que deste ultimo rio trouxera consigo grande numero de indios (180) os quaes foram quasi todos victimados por uma “grippe” que os atacou logo de chegada ao Telles Pires; e, finalmente, a 3.ª do “capitão” José Coroado, filho da celebre india Rosa Borôro, que ficou entre os Bakahirís quando o pae deste cacique foi morto, em luta travada contra os Borôros Coroados.

Existe todavia um pequeno aldeamento de Bakahirís, (assignalado pelo tenente Pyrineus em seu levantamento expedito do caminho do Paranatinga) composto de 5 homens, 11 mulheres e 9 crianças, que trabalham em agricultura, na extracção da borracha e como criadores, em um retiro, por conta de um sr. Però e sob a direcção do indio Gabriel, destemido vaqueiro e domador. Finalmente assignalou o tenente Pyrineus o pequeno nucleo Bakahirí sob a chefia do sympathico ancião Reginaldo, de longas barbas brancas, estabelecido ha muito tempo á margem do correjo Sant’Anna, affluente do rio Novo, principal formador do rio Arinos. Este grupo é muito curioso porque representa, naquella zona, o papel de gente civilizada, ao passo que os seus vizinhos civilizados adoptaram contra elle os costumes selvagens...

arrebatando-lhe o gado e cavallos sob a ameaça de lhe tomar ainda as terras! O "capitão" Reginaldo já mais de uma vez palmilhou o sertão e surgiu em Cuyabá, para reclamar contra o esbulho de que era victima. N'uma dessas visitas o cacique Reginaldo revelou conhecimentos praticos da lingua francêza, o que causou verdadeiro espanto, segundo me referiu, se me não fallia a memoria, o ex-inspector de indios no Estado de Matto-Grosso, dr. Adriano Metello; o facto, porém, teve depois sua explicação plausivel, quando se conheceu a historia romanesca de um official da nossa Armada que, abandonando a carreira e internando-se no sertão de Matto-Grosso, conviveu com os Bakahirís durante mais de 20 annos. Foi o proprio protagonista deste retrocesso á vida primitiva quem o descreveu e publicou em opusculo que é hoje livrinho raro.

Para amparar e proteger estes remanescentes Bakahirís do valle do Telles Pires e como centro de attração e de distribuição de ferramentas agricolas aos Bakahirís do valle do Xingú, o general Rondon fundou já um prospero nucleo de povoação, com professores primarios, ensino pratico de agricultura, criação de gado zebú, etc — o posto "Simões Lopes", á margem do rio Vermelho, affl. do Telles Pires.

### CAPITULO III

## EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DO RIO IKÊ

O rio Ikê, sub-affluente do Juruena, é um dos 12 rios cuja existencia só foi revelada aos cartographos, através dos trabalhos da Commissão Rondon. A linha telegraphica Cuyabá-Madeira pasou pelas suas nascentes no chapadão de Parecís, e Rondon, desde 1909, quando as atravessou, ao executar a exploração preliminar desse trecho do sertão, pensou em desvendar o curso do novo rio que ahi se formava e que permaneceu desconhecido até principios de 1913.

As nascentes do Ikê estão situadas na chamada serra dos Parecís, série de chapadões que se desdobram desde as proximidades de Cuyabá, em direcção mais ou menos parallelá ao valle do rio Guaporé, até alcançar a zona das cabeceiras dos ultimos affluentes da margem direita do Guaporé e das de outros da mesma margem do Madeira (Jamary, Jacy-Paraná, Mutum-Paraná). Taes nascentes fazem parte de um nucleo de cabeceiras que cercam por todos os lados a parte mais elevada (600 metros de altitude apr.) desses chapadões e onde, depois de coustruida a grande linha telegraphica Cuyabá-Madeira, foi locada a estação de Vilhena (16° 56' 7", 35 long. W. Rio e 12° 42' 41", 36 lat. Sul); dahi partem, além das águas do Ikê e de outros que vão ao Juruena (valle do Tapajós, águas do rio Roosevelt, do Gy-Paraná e do Corumbiara (valle do Guaporé).

Rondon encarregou desta exploração e do levantamento respectivo, o então 1.º tenente de engenharia Julio Caetano Horta Barbosa, actualmente major, distincto engenheiro-mi-

litar já affeito ás lides do sertão, onde sempre comprovou a sua alta competencia e sua grande energia (V. nota n. 10).

No dia 11 de Julho de 1912 partiu o tenente Julio da estação telegraphica de Villena, com a turma que organizara, sob sua chefia, composta de sete homens: um inspector de 4.<sup>a</sup> classe, um guarda-fio e 5 trabalhadores.

Conforme instrucções de Rondon, iniciou Julio Cactano a abertura de um "pique", através da grande matta dentro da qual corre o Ikê, afim de o cortar em ponto próximo das cabeceiras. O 1.<sup>o</sup> alinhamento, orientado segundo as supposições assentadas quanto á direcção primordial de Ikê, apenas deu lugar á descoberta de dois corregos, ambos de 3 metros de largura e de uma cabeceira que foi denominada do "Lôgro", perdendose assim, para o fim collimado, cinco dias de trabalho consumidos na abertura desse "pique" (7 kilometros), através da espessa matta virgem. Voltando ao ponto de partida, foi a 17 encontrado, afinal, o curso do Ikê, por novo alinhamento dirigido em rumo divergente do primitivo.

Neste ponto, próximo das cabeceiras, o rio tinha a largura de 5 metros, a profundidade de 0m,15 e uma descarga de 2.222 litros por segundo. Com menos de um palmo de profundidade era, pois, impossivel a sua navegação em canoas. O caso, porém, estava previsto nas instrucções do chefe, que indicara o levantamento por terra até o ponto em que fôsse possivel aquella navegação, de modo que o tenente Julio executou esse levantamento por terra desde as cabeceiras do Ikê até o trecho em que lhe foi permittido o embarque do pessoal, embora precariamente, como vamos ver. Na cabeceira tomou as observações de arenoide, necessarias ao cálculo das altitudes em funcção da pressão barometrica.

Dois dias depois de insano trabalho, resolveu o official mandar construir duas canoas, porque o rendimento do "pique" por terra fôra apenas de 3 kilometros e não só os trabalhadores de facão e de machado apresentavam os pu-

nhos inchados, pelo excesso de esforço que delles exigia o matto muito fechado, como porque o transporte por terra não podia mais contar com o auxilio dos bois cargueiros que acompanhavam a expedição e que, á falta de pasto naquella zona, tornaram-se imprestaveis e foram devolvidos a Vilhena. Esta passagem é assim contada pelo tenente Julio, em seu relatorio apresentado ao general Rondon em 24 de março de 1913:

“Ordenei, portanto, a construcção de duas canôas, que foram feitas em 14 dias, sob as vistas do guarda Joaquim Sol, o qual ficou desde então encarregado da navegação.

“Ambas eram de cedro; uma de 9m,9 de comprimento, de pôpa a prôa, media 6m,9 entre os bancos de ré e d’avante e 0m,5 de “bôca”; a outra tinha 9m,3 de comprimento (6m,5 de banco a banco) e 0m,4 de largura. Á 1.<sup>a</sup> dei o nome do rio: “Ikê”; á 2.<sup>a</sup>, o da data de nosso embarque “4 de Agosto”. Na hora da partida verifiquei que as nossas improvisadas embarcações, feitas toscamente por trabalhadores inexperientes, dentre os quaes não havia um carpinteiro, não tinham estabilidade, eram “loucas”, e que, com toda a carga dentro, ficaram com as bordas á flôr d’agua. Foi preciso mandar então cortar talos de burity para construir feixes que, amarrados aos costados das canôas, servissem de fluctuadores, augmentando assim não sómente o seu deslocamento, como tambem a sua estabilidade. Cada canôa ficou com dois fluctuadores de cada lado”.

Foi, pois com este aparelhamento modesto, que o tenente Julio iniciou, aguas abaixo, a decifração do incognito curso do Ikê, afoitando-se em dar cumprimento ás ordens que recebeu de Rondon. Ia, como tantos outros, penetrar no amago do sertão brasileiro, absolutamente desconhecido até então e transitado apenas pelos selvicolas que o habitam; ia afundar-se no deserto com aquelle grupinho de homens sob sua direcção e de cujo destino só dentro de tres ou quatro meses poderiam chegar noticias aos centros civilizados; ia arriscar a sua vida e a de seus abnegados compa-



nheiros, pela santa causa do progresso de nossa Patria, pelo conhecimento exacto do sólo da Brasil.

Em outras terras e mesmo na nossa, este facto seria anunciado aos quatro ventos e de antemão pesadas as responsabilidades do chefe de tão temerosa travessia e a dóse de heroismo e de dedicação patriótica que é preciso existir nessas almas privilegiadas, para aceitar incumbencias dessa ordem, se a direcção suprema de taes empreendimentos não estivesse entregue a Rondon, para quem taes empresas constituem os factos communs de sua vida de *sertanista*...

E se eu disser que nenhum vencimento especial, nenhuma gratificação extraordinaria percebiam os chefes e auxiliares de taes expedições, tenho completado, creio bem, o quadro que deve despertar a justa admiração dos meus patrios, cujo nacionalismo bem entendido inspira o interesse e a sympathia com que certamente acompanham estas narrativas.

Voltemos, porém, ao caso particular de que nos occupamos: a expedição do Ikê internou-se em começo de agosto e, contra a expectativa, não déra noticia suas até 12 de Dezembro. Uma grande anciedade dominava o coração dos companheiros da commissão e alarmavam-se as familias de seus membros. Eis como Rondon descreve este momento em seu 3.<sup>o</sup> relatorio, apresentado ao governo em 25 de Janeiro de 1913:

“Eu calculára que em tres mezes pudesse a expedição concluir o seu serviço, cahindo no Madeira ou no Tapajós: entretanto, decorreram então quasi cinco, sem que della eu tivesse a menor noticia. Este facto, se bem que não fôsse para desesperar, era, entretanto, para obrigar-me a pensar na responsabilidade de tantas vidas que a expedição representava, sendo muito preciosa a do joven e intrépido official que a chefiava.

“Nutria comtudo a esperanza de vê-lo victorioso dentro em pouco, aportando a Manãos, cidade maravilhosa que tantas expedições importantes tem acolhido, dando agazalho

e reconfortando organismos depauperados pela influencia deleteria do clima amazonico, na luta herculea contra o deserto.

“A minha propria experiencia alentava-me essa esperanza: porque, em 1909, quando em maio eu partira com a expedição exploradora do nordeste mato-grossense, ao calcular o tempo em que podiamos vencer o massiço central e as florestas do valle do Madeira, eu marcara o prazo de quatro mezes para essa travessia; e, no emtanto, devido aos imprevistos que são de toda a natureza, só no dobro daquelle tempo pudemos chegar ao termo alongado do itinerario.

“Por desencargo de consciencia, porém, mandei organizar em Tapirapoan uma expedição de socorro que, no dia 12 de Dezembro de 1912, dali partiu, com destino ao Ikê, sob a chefia do inspector de 3.<sup>a</sup> classe Salathiel Candido de Moraes e Castro, com a ajudancia do inspector de 4.<sup>a</sup> classe Ezelino Rosa, e composta de mais dez “voluntarios regionaes” (Vide nota 11). Esta 2.<sup>a</sup> expedição levava a incumbencia de descer o rio Ikê em procura da 1.<sup>a</sup> e dar-lhe todo o auxilio de que necessitasse, caso ainda a encontrasse embaraçada com difficuldades que não tivesse podido superar. Dei as necessarias recommendações no sentido de ser feito, com methodo, o diario da marcha, e registados todos os acampamentos da 1.<sup>a</sup>, conforme os letreiros que deviam ser encontrados nos marcos fincados pela expedição precedente ou nas arvores para isto lavradas, tudo de accôrdo com as instrucções expedidas por mim, para essa 1.<sup>a</sup> turma.

“A expedição de socorro conduzia viveres para 150 dias, prazo que julguei bastante para ella executar a sua nobre missão, desde que o seu fim era só descer o rio, sem preoccupações de serviço technico.

“Antes de encerrar-se o anno, porém, em 26 de Dezembro de 1912, surgiu em Santarem do Pará a expedição,

por cujo destino tantas pessoas já se affligiam e tantas hypotheses se tinham formulado.

"Felizmente ella se desempenhou com heroismo, de sua missão, dando conta do arduo serviço que, em bôa hora, eu confiara á competencia technica e moral do intrépido 1.º tenente Julio Caetano Horta Barbosa.

"Durante a exploração perdeu elle um homem, como se vê do telegramma que transcrevo: Santarem, 26 — 6 horas e 40 minutos. Coronel Rondon. — Communico-vos nossa chegada hoje aqui. "Ikê" depois de 263 kilometros, desagua "Doze Outubro", que 2 kilometros abaixo cõe Camararé, 45 kilometros acima confluncia deste com Juruena. Demora devido exclusivamente difficuldade navegação Ikê. Saúde bôa. Perdi um homem victima desastre. Respeitosas saudações. — Tenente Julio."

São ainda do general Rondon (Conferências de 1915) as palavras que vou transcrever e de que se serviu para relatar a descoberta do rio Ikê e do Camararézinho:

"... Caminhemos, pois, para o sul, sem no emtanto nos desviarmos do meridiano em que vimos as nascentes do rio Marques de Souza.

"Percorridas não mais de duas leguas, logo atravessámos o curso do novo rio, o Ikê, e depois, successivamente, o de "Toloiry" o do "Doze de Outubro", o do "Nhambiquaras", e do "Camararé", conhecido antes da expedição de 1909 (V nota 12) e assignalado nas cartas geographicas como tributario da margem esquerda do Juruena, no ponto correspondente á latitude de 12º 3' 52" e long. 16º 43' 2".

"Desde aquelle anno, reconhecemos que outro rio tambem por nós descoberto e atravessado na latitude do 12º 54' 14" e longitude de 16º 31' 55", fluia pela direita, para o mencionado Camararé; demos-lhe então o nome, que ainda conserva, de Camararézinho, ou, em idioma Pareci de Zocamararezá."

Como resultado geographico mais notavel desta expedição, que nos revelou o verdadeiro curso do "Ikê" e o do

“Doze de Outubro”, apontou o general Rondon a rectificação da hypothese anteriormente formulada de não ser o “Doze de Outubro” contribuinte nem do Juruena nem do Cy-Paraná, Na verdade o serviço executado pelo tenente Julio demonstrou que, 227 kilometros abaixo do porto de embarque, o Ikê, já ahi com 30 metros de largura, desagua no rio “Doze de Outubro”, que tem nesse ponto 90 metros de largura e corre em rumo de 60 gráus S. W.

Acima da foz do Ikê, o Doze de Outubro recebe pela margem direita o rio Nhambiquaras, cuja existencia foi revelada pelo general Rondon ao executar a “Expedição de 1908” e cuja denominação recorda a nação indigena que povôa aquellas cercanias; rio que não figurava em nenhuma carta antiga ou contemporanea e que apresenta a notavel particularidade de correr parcialmente em leito subterraneo.

A expedição, depois de cahir no “Doze de Outubro”, desceu este curso d’agua e verificou que, 1.800 metros a jusante, entra elle no rio Camararé, pela margem esquerda. no trecho em que este ultimo mede aproximadamente 120 metros de largura e corre exactamente de Oeste para Leste.

Percorridos os 45 kilometros, 600 metros de distancia entre o ponto de affluencia do “Doze de Outubro” e sua fóz, o Camararé lança-se no Juruena, pela margem esquerda, depois de atravessar uma faixa de terreno onde o tenente Julio observou a existencia de capoeiras, provavelmente advindas das queimadas com que os indigenas ahi destruíram as primitivas mattas opulentas, para plantar suas roças... tal como condemnavelmente praticam até hoje os civilizados no Brasil inteiro.

O rio Camararé já figurava nas cartas, mas o Camararézinho ou Zocamararézá (rio da Criança) não constava de nenhuma e foi descoberto pelo general Rondon em 1908. A linha telegraphica transpôz este novo rio na latitude Sul de 12° 54' 14" e na longitude de 16° 43' 2" a Oeste do meridiano do Rio de Janeiro, aproximadamente. Desde

então se verificou ser o Camararézinho affluente da margem direita do Camararé das cartas.

O rio Juruena foi facilmente identificado pelo tenente Julio, porque encontrou no ponto de confluencia do Camararé o marco ahi deixado pela expedição do capitão Costa Pinheiro (1911-12), o que indica bem claramente as vantagens desse processo de demarcação adoptado pela Commisão Rondon em todas as suas expedições ao interior, quer se trate de levantamento de rios, quer de reconhecimentos e explorações por terra.

A proposito da expedição ao Ikê, escreveu ainda o general Rondon (Conferencias 1915):

“Se agora queremos ter uma idéa da somma enorme de energia que teve de ser despendida pelo joven official do nosso Exercito, para conduzir a bom termo nesta formidavel campanha de cinco mezes de lutas contra as resistencias broncas da natureza aspera e ameaçadora dos sertões por onde teve de conduzir seus commandados, procedamos á leitura de alguns topicos do relatorio que elle mesmo redigiu sobre a marcha de sua expedição. Depois de contar como construiu as suas primeiras canôas, diz elle:

“— Logo nos primeiros dias verifiquei que, das vantagens com que eu contava, descendo o rio embarcado, apenas me restava uma, que aliás justificava por si só a resolução tomada: a facilidade do transporte:

“— O rendimento do serviço continuava a ser muito pequeno, acontecendo mesmo descer a 350 metros apenas de avançamento em um dia inteiro de intensos esforços!

“— O trabalho de machado não diminuiu e tornou-se, pelo contrário, mais penoso, por ter de ser feito em sua maior parte dentro d'agua. O rio extraordinariamente atravancado com curvas muito fortes, difficilmente dava passagem ás canôas; e as numerosas cachoeiras, obrigando, quasi diariamente, á descarga da bagagem e ao seu transporte ás

costas, para o extremo inferior, retardavam e tornavam penosa nossa marcha.

“— Nas cachoeiras, tínhamos que passar as canoas a pulso, ora sobre pedras, ora sobre roletes, e muitas vezes tirando-as mesmo fóra d’agua. Só estes obstaculos naturaes no serviço (que eu iniciava, mas que não havia previsto, por inexperiencia), justificam que, trabalhando o dia todo com o máximo esfôrço, não conseguisse uma média nem de um kilometro por dia no 1.º mez de serviço.

“— Além disso, começaram a apparecer enfermidades e accidentes. No dia 18 de Agosto tive um dos trabalhadores inutilizado, por haver ferido o pollegar do pé direito com um golpe de machado que lhe cortou o dedo quasi até o meio, tendo sido preciso acabar de amputá-lo, o que mandei fazer com uma lamina de navalha “Gillette”, á falta de melhor instrumento. Antes que este ficasse bom, outro soffreu desastre semelhante. O mais grave, porém, deu-se a 22 de Setembro, sendo victima d’elle um homem que, cortando um palmito para nossa refeição da noite, o fez com tanta infelicidade que foi derrubado pela palmeira; esta cáiu-lhe por cima, causando-lhe lesões internas de que veio a fallecer seis dias depois. Carregando este infortunado companheiro de jornada, com todos os cuidados que nos foi possivel prestar-lhe na situação em que nos encontravamos, demos-lhe sepultura no ponto em que veio a fallecer, e sobre ella collocámos uma cruz com inscrições.

“— Ficou assim a nossa pequena turma reduzida a sete homens commigo, e dos trabalhadores apenas um, o “regional Manoel Pedro Gonçalves, estava bom!...

“Vejamos agora alguns trechos da descripção que o tenente Julio Caetano faz dos aspectos naturaes do rio explorado:

“— O Ikê corre em mata até a distancia de 20 kilometros, onde começam a apparecer os campos indigenas, á direita primeiramente. A 27 kilometros notam-se tambem

á esquerda. Estes campos ora se afastam ora se aproximam das margens, chegando raramente a encontrar o rio.

“— O seu leito é quasi sempre de pedra-canga e as margens ora firmes, ora pantanosas; têm abundancia de palmeiras, principalmente de Anajá, Burity, Uacuri, Tucum, Patauá, Assahy, Bacaba, Pacheúba, etc., conforme a natureza do terreno.

“— Elle é pobre de seringueiras, notando-se apenas algumas dessas arvores espaçadas; mas tem bastante Cedro, Guanandi, Faveiro, Jatobá, Pau Brasil, Soveira, etc. Encontra-se tambem nas suas margens Salsa Parrilha e ainda muita Congonha.

“— Os campos indigenas prolongam-se pelo rio abaixo e, atravessandô-o, a cêrca de 24 kilometros, nota-se um “cerado” que se estende a perder de vista.”

Quanto á parte technica, relativa ao levantamento da planta, devemos dizer que, além do registo diário das observações de arenoide, foram empregadas a corrente de 20 metros para medir as distancias e a bussola de algibeira para toniar os rumos da polygonal do caminhamento — durante o serviço executado por terra; desde, porém, que a expedição embarcou, os rumos passaram a ser observados por meio da bussola de transito de Gurley e as distancias tomadas com auxilio de uma corda de 20 metros, até que o rio permittiu a navegação franca, quando, então, as distancias passaram a ser avaliadas a relógio.

No porto de embarque e em diversos acampamentos, a expedição deixou assignalada sua passagem por marcos de madeira, com inscrições da data, natureza do serviço e distancia, sendo esta, referida áquele porto, onde foi plantada a estaca “zero” do levantamento topographico. As distancias que vou citar em seguida, fazendo um resumo dos topicos do relatorio, na parte que diz respeito ao rio Ikê, estão todas tambem referidas ao ponto de embarque.

A 31 kilometros, 700 foi encontrado o 1.º salto do rio, pequeno, de 1m,2 apenas de altura e com 76,7 H. P. de potencial. As cargas foram ali transportadas ás costas, e as canoas arrastadas por terra num percurso de 1.600 metros, serviço este que tomou dois dias.

A 45 kilometros, 600 o Ikê apresenta a largura de 8m,6 com a descarga calculada de 6.716 litros por segundo.

A 46 kilometros, 300 atravessa um grande acurizal, depois um pantanal a 56 kilometros, e cahe novamente no "cerrado" e nos "campos indigenas", dotados estes de viçosas pastagens de capim-gordura.

A 61 kilometros, 800 surgem pela margem esquerda morros altos e o terreno apresenta-se accidentado; o rio, depois de "brindar" os expedicionarios com uma série de cachoeiras e "rapidos", que então se sucedem ahi, représa de repente suas águas para lançá-las da altura de 5 metros, no ponto em que existe bellissimo salto, cuja energia foi calculada em 1.049 cavallos-vapor. Como homenagem ao companheiro desaparecido, prestada pelo chefe da turma de exploração, esta quáda d'agua passou a chamar-se "Salto Joaquim". Abaixo do salto o rio forma uma linda bahia de 150 metros de comprimento por 100 metros de largura e percorre depois grande trecho sem cachoeiras; mas a ausencia de peixes, observa o tenente Julio, indicava-lhe que ainda deviam existir outras quádas d'agua para jusante.

Depois de assinalar e medir os pequenos affluentes do Ikê, encontrou a exploração a 93 kilometros, 500 um trecho em que o rio entra em zona de lagôas, correndo assim grande extensão.

A partir de 111 kilometros é que foi iniciada a medição das distancias pela hora.

Como havia previsto o tenente Julio, o rio muda novamente de feição e sucedem-se as cachoeiras e corredeiras, em séries interrompidas apenas quando surgia novo salto ou forte quáda.



A 113 kilometros, 800 a expedição foi dar num "trecho bellissimo do rio, que, depois de atravessar zona de campo, se estreita de subito e tanto, entre as pedras argilosas encontradas desde "Salto Joaquim", que facilmente pode ser atravessado de um passo." A travessia desse trécho e de outros semelhantes que o rio apresentou depois, constituiu uma nova difficuldade a vencer pelos expedicionarios, pois que a largura reduzida (0m,5) do canal profundo por onde se escôa a agua, era insufficiente para a passagem das canôas. O rio encachoeirado, com curvas fortes, marginado de pedras e altas barrancas que impossibilitavam a organização dos "varadouros" providenciaes, exigiu, como solução unica, o alargamento do canal, executado com a applicação do machado para a imprevista função de cortar pedras...

"Vinte metros mais abaixo — diz o relatorio — novo passo apertado e em curva, obrigou-nos ao mesmo trabalho, ainda com maiores difficuldades, porque não havia espaço para mais de um trabalhador de cada vez e este mesmo em posição sem firmeza e arriscada, pois, o menor descuido ser-lhe-ia fatal. Preparado que foi este 2.<sup>o</sup> canal e trazidas até ahi as nossas canôas, das quaes a maior já estava fendida por choque recebido na 1.<sup>a</sup> destas cachoeiras, tivemos de suspender o trabalho por já ser tarde. No dia seguinte proseguimos e tivemos de continuar a faina de cortar pedras a machado. O rio passa desesperadamente por novo corredor apertado e logo descreve outra curva. Parecia não ser muito difficil a passagem das canôas por agua e assim resolvi que se fizesse, não só em virtude desta consideração, como pelo estado de extremo cansaço do meu resumido pessoal. Infelizmente, porém, a nossa melhor e maior canôa, levada vertiginosamente pela corrente, foi encravar-se por baixo de um grande "bloco" de pedra no fundo do rio. Suppondo que, cortado este bloco, pudesse ella safar, tentei desprende-la mandando logo parti-lo a machado. No fim de dois dias de serviço constante, conseguimos que-

brar o bloco, mas a canôa não sahiu; era preciso fazê-la recuar, e ahi nossa maior difficuldade, visto não dispormos de outras cordas senão as das nossas rêdes e nem termos pontos de apoio indispensaveis para prescindirmos das cordas! Arrecadei, portanto, todas as cordas das rêdes e fui tentar puxá-la para traz. Depois de muitas difficuldades e empregando todos nós os maiores esforços, conseguimos leva-la para o principio desse passo ruim, com o fim de a fazer passa-lo, arrastada por sobre as pedras; quando, porém, já suppunhamos a canôa salva, as cordas partiram-se e ella precipitou-se novamente, indo prender-se outra vez no mesmo lugar! “Não me resignava a abandona-la porque a outra canôa era pequena e não comportava toda nossa carga, e não havia matta perto onde pudesse mandar fazer outra; por isso, tentei ainda salvá-la. Foi mais um dia perdido em um lugar onde difficilmente conseguíamos palmitos de guarirôba, não tínhamos mel, nossos generos estavam reduzidos e não parecia que o rio depois disso nos offerecesse navegação franca.”

Depois de nova luta, venceu a tenacidade do official, que teve entretanto, a desagradavel surpresa de verificar a inutilidade desse esforço titanico, quando se certificou de que a embarcação salva estava inteiramente imprestavel á navegação. Teve elle, então, de valer-se da unica embarcação que lhe restava, adaptando-lhe novos fluctuadores de talos de burity, e, mesmo assim, obrigado a reduzir a sua cozinha ao estrictamente indispensavel e abandonar alli tudo o que não fôsse de immediata necessidade quanto ás roupas, todos os livros, peças do transito desnecessarias ao levantamento á bussola, etc. Com toda esta reduçãõ á “expressão mais simples”, ainda se tornou preciso que tres dos trabalhadores fizessen a marcha por terra, por excederem á lotação da canôa e, enquanto não fosse encontrada outra solução para tal abertura.

A expedição teve depois de vencer longo trecho em que o Ikê se apresenta accidentadissimo, numa intermittencia

desoladora de cachoeiras e corredeiras, além de varios saltos, dos quaes os principaes são: o do "Desvio", com 4 metros de altura a 117 kilometros, 400; o "Salto da Ilha" com 1 metro de altura, a 118 kilometros, 500; outro de 1 metro a 126 kilometros; ainda outro de 5m,5 a 126 kilometros, 240; e, finalmente, um de 6 metros a 125 kilometros, 380. Nesta ultima série de tres saltos a carga teve de ser transportada ás costas, numa distancia de 1.080 metros e a canôa foi arrastada por terra.

Aproveitando o campo que o rio atravessa depois, o tenente Julio passou a fazer o levantamento por terra e, subindo os "morretes" que o terreno movimentado ali apresenta, descortinou para além da margem direita, os tres grandes valles do "Doze de Outubro", do "Camara-é" e do "Jurueña", marcados sobre o vasto panorama pelas elevadas nesgas de matta que abrigam suas aguas limpidas...

Ao chegar ao "Salto dos Peixes", assim denominado por serem ahí encontrados peixes grandes, foi o tenente Julio reclamado pela tripulação da canôa, que, aos gritos e por meio de detonações de arma de fogo, lhe annunciavam o perigo em que se encontravam. Retornando, chegou o official ao ponto, de onde o chamavam, e conseguiu ainda providenciar de modo a salvar a carga, embora toda ella se houvesse molhado: foi um successo principalmente, nas conjuncturas em que se encontrava, o não ter perdido a restante provisão de generos que conduzia. A transposição do salto dos Peixes só terminou depois de 4 dias de inauditos esforços, porque ha ahí duas quédas e uma cachoeira, apertadas entre escarpas muito ingremes, o que exigiu o classico transporte das cargas ás costas, numa distancia de 900 metros, através de "varadouro" aberto para vencer a eminencia do sólo e pelo qual houve necessidade imperiosa de arrastar a canôa no percurso de 395 metros, dos quaes 120 metros em forte subida.

Ahí terminam os saltos do Ikê, com as tres quédas successivas: uma de 3 metros, outra de 8 metros e a ultima de 24 metros.

Para jusante, até sua fóz, o Ikê é francamente navegavel por lancha. No kilometro 186 recommçam os terrenos a'agadiços e observam-se frequentemente trilhos de indios que atravessam o rio.

Ao receber pela margem esquerda a contribuição de um ribeirão grande, de 20 metros de largura, e com bastante agua, que o tenente Julio suppôz ser o Ananaz (V. nota 13), começam então a apparecer as seringueiras (arvores da borracha) em abundancia.

Em 31 de Outubro a expedição alcançou o rio Juruena, pelo qual desceu até o Tapajós (V. nota 14) e por este abaxo entrou no Amazonas, desembarcando em Santarém do Pará, de onde transmittiu ao General Rondon o telegramma que já foi transcripto linhas atrás.

Merece transcripção a referencia do tenente Julio a Savage Landor, que tão escandalosamente illudiu a bôa fé do nosso Governo, levando-o a contribuir com 60:000\$000 para a diffamação do Brasil, conforme se verifica do livro publicado por aquelle subdito inglês:

“Pelo Sr. José Sotero Barreto (collector do Estado de Matto-Grosso na fóz do Telles Pires) e por outras pessoas estabelecidas no Tapajós, tivemos informações sobre Savage Landor, que não levara consigo nem uma bussola! A isto talvez se deva attribuir o ter-se elle perdido, durante alguns dias, em um varadouro que liga o Tapajós ao Sucundury e que é conhecido dos seringueiros, tendo até sido, pouco antes, percorrido pelo agrimensor Raymundo Nery, em serviço de exploração para uma projectada estrada de ferro, com o fim de ligar esses dois rios e evitar as cachoeiras que o Tapajós tem d'ahi até S. Luis. O sr. Landor, não conseguindo orientar-se, teve de voltar á collectoria de Matto-Grosso, não sem experimentar antes, com sua gente, as privações da falta de alimento.”

Para encerrar os presentes apontamentos sobre a exploração do rio Ikê, traçado na carta de Matto-Grosso a vez primeira pela Comissão Rondon, é preciso ainda não esquecer a parte relativa ao encontro dos selvícolas, habitantes da região banhada por esse curso d'água e pelo Juruena. Bastante eloquente, como prova real das vantagens obtidas pelo General Rondon com a applicação de seus methodos pacientes e humanitarios, no trato com os nossos aborigenes, o topico do relatorio do tenente Julio revela a maneira cordial e confiante com que os Nhambiquaras, que tantas vezes atacaram Rondon em suas explorações preliminares, reconheceram afinal os alevantados intuitos da Comissão Rondon em protegel-os e melhorar as suas precarias condições de vida. O referido topico está assim redigido:

“No dia 31 de Outubro, em que chegámos ao rio Juruena, tivemos o prazer de encontrar os Nhambiquaras. Seriam 9,30 horas, a. m. quando ouvimos no matto, barulho, de gente que se despenhava das arvores e corria. Immediatamente mandei atracar a canôa na margem opposta; gritámos pelos indios, mostrando-lhes machados, contas (mis-sangas) e linhas.

“Em seguida appareceram dois delles que chamei, ace-nando-lhes com os presentes.

“A principio ficaram indecisos, mas depois atravessaram o rio e aproximaram-se. É indizível o prazer que todos nós sentimos com o encontro dos Nhambiquaras: pareciam-nos amigos esperados por uma longa ausencia! A alegria nelles, por nos encontrar, não foi menor que a nossa. Elles informaram-me (por gestos, já se vê!) que vinham de longe e que marchavam em direcção a Campos Novos.

“Para atravessar o rio, um delles collocou por baixo dos braços duas boias finas de talos de burity, emquanto o outro, firmado nos pés do primeiro, foi por este rebocado até onde estavamos. Depois atravessámos, levando um indio na canôa e o outro nadando apoiado á pôpa. Na margem

em que eles estavam, appareceram então outros índios, homens e mulheres, que nos deram fumo, mel e collares rusticos, em troca do que lhes démos.

“Quando continuámos a navegar um destes índios acompanhou-nos pela matta, dando aviso a outros, de nossa aproximação; um pouco abaixo, onde parámos para almoçar, veio ao noso encontro um homem com sua mulher e um rapazinho, e mais adiante ainda encontrámos outros, a todos os quaes distribui brindes”.

Como estão percebendo, por certo, os leitores, o tenente Julio, não obstante a crise de transporte pela qual teve de passar, na descida do Ikê, e que o forçou a alijar grande parte de suas cargas, conservou consigo e transportou com incriveis sacrificios os brindes que a sua expedição destinava aos nossos aborigenes: este facto, que convem registrar, denota claramente o quanto é este official um digno auxiliar de Rondon e um abnegado servidor de sua obra naquelles invios sertões de Matto-Grosso.

Porto Alegre, Junho de 1925.

## NOTAS

NOTA 10 — Em 1908, ao terminarmos o curso de engenharia militar, seguimos juntos para Matto-Grosso, com destino á Commissão Rondon, eu, este meu prezado collega e amigo, e mais os distinctos companheiros de turma e tambem amigos Luis Carlos Franco Ferreira (coronel de cavallaria hoje) e Themistocles Paes de Sousa Brasil (Major de Cav. — V. nota 11-bis); dessa turma composta de mais de 50 engenheiros-militares, apenas nós quatro escolheramos a praticagem na citada Commissão. Permaneceu Julio Caetano nesses trabalhos desde 1908 até 1916, época em que foi requisitado exigentemente pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra de então, por ser urgente sua incorporação no Exército... para depois nomeal-o auxiliar de um serviço de engenharia, cujo chefe lhe declarára dispensavel sua collaboração, pois que o trabalho que havia era ainda pouco para o chefe sól

Chefiou, esse collega, alem da expedição do Ikê, a do levantamento geographico do rio Arinos, (1914-15); trabalhou na

construcção da linha telegraphica; exerceu a chefia do districto telegraphico do sertão, depois de construida a linha; executou proficientemente, alem de multiplos trabalhos de medição e levantamento topographico, que seria fastidioso declinar, os de determinação de coordenadas geographicas, tanto no Norte como no Sul de Matto-Grosso.

No momento em que revejo as provas deste livro, o integro, intelligente e culto engenheiro-militar, já no posto de Tenente-Coronel, commanda o 1.º Batalhão Ferro-Viario e dirige com a sua habitual proficiencia e o seu sempre comprovado amor ao trabalho, a construcção da via-ferrea que ligará Jaguarão á rêde sul-riograndense em trafego. (V. nota 10-bis)

NOTA 10-bis: Em 1940 attingiu ao posto mais elevado do Exercito: General de Divisão; e é o notavel presidente do Conselho Nacional do Petroleo.

NOTA 11 — Deve-se ao General Rondon a criação dos chamados "voluntarios regionaes" para preenchimento dos claros que se abriam annualmente no contingente da Commissão, evitaudo-se assim a inclusão de praças de mau comportamento, habitualmente escaladas para taes serviços, e obtendo-se pessoal já aclimado na zona de operações. Havia alem disto a vantagem de eliminar as responsabilidades de instruir militarmente aquellas praças, para o fim de as transformar em reservistas do Exercito, de conformidade com as exigencias do serviço obrigatorio, instituido no nosso Paiz a 4 de Janeiro de 1908. A aquisição dos voluntarios regionaes dentre os habitantes da Amazonia, correspondeu, pois, a uma necessidade da Commissão Rondon e permittiu-lhe manter completo o seu destacamento militarizado, com grande economia para os cofres publicos, visto como o fardamento dos regionaes resumia-se no uniforme de fachina, com chapéu de palha e alpercatas. E, como se tratava do sertão longinquo, a Commissão Rondon accitou algumas vezes o fornecimento de fardamento em desuso no Exercito e posto de lado na Intendencia da Guerra, para vestir o seu pessoal, alliviando ainda mais aquellas despesas.

NOTA 11-bis — Coronel da Reserva em 1940 e projecto engenheiro-militar, chefe da Commissão Demarcadora de Limites do Sector Oeste, em plena actividade junto ao Ministerio do Exterior.

NOTA 12 — Frequentemente encontrará o leitor referencias á Expedição de 1909" como á de 1908 e á de 1907, e é preciso

esclarecer que taes designações correspondem ás tres grandes etapas em que Rondon realizou as explorações de penetração, que serviram de base á construcção da linha telegraphica de Cuyabá ao Madeira (1969km 439 inclusive os dois ramaes Parecis-Barra dos Bugres e Santo Antonio do Madeira a Guajará-mirim).

A "expedição de 1907" explorou e levantou o trecho de Cuyabá ao rio Juruena, executando reconhecimentos no total de 1.781 km.

A "expedição de 1908", proseguindo a penetração realizada no anno anterior, palmilhou inteiramente o desconhecido trecho do Juruena á Serra do Norte, descoberta então, e effectuou 1.653 km. de reconhecimentos.

A "expedição de 1909" percorreu os itinerarios das duas anteriores explorações e completou a travessia de Matto-Grosso ao Amazonas, executando 2.232 km. de reconhecimentos: estudou e levantou o trecho da Serra do Norte ao rio Madeira (Vide Capitulo XIV).

NOTA 13 — Explorações posteriores da Commissão Rondon demonstraram que o rio Ananaz é affluente do rio "Capitão Cardoso", descoberto pela mesma Commissão, e que desagua elle no rio "Roosevelt" (antigo Duvida e alto Castanha); por conseguinte, não podia reunir-se ao Ikê, segundo a hypothese, aliás verosimil, apresentada pelo tenente Julio. O nome Ananaz teve duração ephemera na chorographia de Matto-Grosso, pois em 1915 Rondon o substituiu por "Marques de Sousa", em homenagem ao mallogrado official (2.º tenente Francisco Marques de Sousa) que, em 29 de Maio desse anno, alli perdeu a vida, quando chefiava a 1.ª turma de exploração e levantamento desse curso d'agua. A 2.ª expedição ao rio "Marques de Sousa" foi realizada em 1916, sob a chefia do 2.º tenente Ramiro Noronha, que, após improficua pesquisa do corpo daquelle saudoso camarada e através de accidentada travessia, verificou que o rio, depois da confluencia do ribeirão "Eugenia", constitue o affluente do rio "Roosevelt" ao qual Rondon deu o nome de "Capitão Cardoso" em memoria doutro official morto em serviço da Commissão, quando chefiava, em "Barão de Melgaço", a construcção da grande linha telegraphica do noroeste brasileiro. A identificação do rio "Capitão Cardoso" foi feita pela expedição Noronha, por ter sido encontrado na foz o marco plantado pelo Gal. Rondon em 1914, quando por alli passou com a "Expedição Roosevelt-Rondon".

NOTA 14 — O notavel geographo Pimenta Bueno, sem uma razão plausivel e com evidente menosprezo pelas de ordem



anthropogeographica, quando organizou o mappa de Matto-Grosso de que foi autor, considerou como rio Tapajós o trecho desse curso d'agua desde sua fóz no grandioso rio Amazonas, até a confluencia dos rios Juruena e Arinos; desta fórma o Tapajós ficava sendo o producto da confluencia destes dois rios e o S. Manoel ou das Tres Barras, modernamente rio "Telles Pires", devêra ser considerado como affluente da margem direita do Tapajós. Esta caprichosa imposição aberrava das tradições guardadas pelos habitantes ribeirinhos, para os quaes: 1) o rio Tapajós era formado pela junção do Juruena e do S. Manoel; 2) o trecho do rio entre a bôca do S. Manoel e a do Arinos, era ainda o rio Juruena. Rondon estudando minuciosamente o assumpto, entendeu, muito judiciosamente, restabelecer as primitivas inscrições cartographicas, anteriores a Pimenta Bueno, porque o estudo das plantas levantadas pela Commissão Rondon, tanto do Juruena como do Arinos, revelaram claramente que o Arinos devia ser considerado como affluente do Juruena — o que corroborava a hypothese de se continuar a chamar Juruena o trecho do curso d'agua compreendido entre as fozes dos rios Arinos e S. Manoel ou "Telles Pires".

Estas deducções do General Rondon estão de accordo com as modernas theorias geographicas sobre as condições que devem prevalecer na escolha do galho principal de um rio, segundo opiniões de autores notaveis como Geikie, Hamilton, Peschel, Carlo Porro, etc., consubstanciadas em opusculo publicado em 1913 pelo Commandante Ferreira da Silva, da nossa Marinha de Guerra.

Eis como se exprimiu a proposito o Gal. Rondon (Conferencias 1915):

"Os geographos modernos, porém, acceitaram a lição de Pimenta Bueno, publicada no seu mappa de Matto-Grosso, que consiste em fazer o nome "Juruena" morrer na barra do Arinos, figurando pois, o Tapajós como resultado do concurso das aguas que descem reunidas desde essa fóz até o Amazonas. Semelhante modificação, que contraria a tradição historica constante das chronicas dos dois seculos passados, e as indicações da população ribeirinha, e de todos os navegantes antigos e modernos, não tem a amparal-a nenhuma razão de ordem superior a esses elementos.

"No ponto em que o Juruena vae receber o Arinos, verificou o Capitão Pinheiro (official da Commissão Rondon que fez a exploração e o levantamentamento do rio Jruena) ser a sua descarga de 1.975 metros cubitos, e ter o seu leito a largura de 1.080 metros. A medição não deu para a descarga do Arinos

mais do que 1.283 metros cubicos, e para a largura, 734 metros. Comparando-se estes elementos, vê-se que não ha razão para os dois rios serem considerados equivalentes; o poder de um, não se apresenta em condições de ser neutralizado pelo do outro, de modo a dar logar ao apparecimento de nova entidade geographica, exigindo designação tambem nova.

“A direcção que o “Juruena” trazia, continua-se dahi para baixo; o seu volume é bastante superior ao do Arinos; portanto, é perfeitamente cabivel considerar-se este como tributario daquelle, cujo nome deve ser conservado e prolongado, pelo menos até a fóz do “Telles Pires”.

“O Tapajós forma-se, pois, da reunião das aguas do antigo S. Manoel (hoje Telles Pires), com as do Juruena; o 1.º contribue, em cada segundo, para esta formação, com o volume de 1.747 m.<sup>3</sup> e o outro com o de 2.480 m.<sup>3</sup>”.

## CAPITULO IV

# EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DO RIO JURUENA

Anteriormente aos trabalhos da Comissão Rondon, nenhum explorador havia navegado por este curso d'água, cuja representação cartographica o afastava de sua verdadeira projecção no mappa de Matto-Grosso. Apenas a posição das nascentes, determinadas com apreciavel rigor pelo engenheiro militar Ricardo Franco de Almeida Serra (notavel geographo a que Rondon chamou "o mais tenaz explorador do Estado de Matto-Grosso, nos tempos colnoiaes") e a confluencia com o rio Arinos, constituíam pontos conhecidos do rio Juruena, quando a Expedição de 1907 (vide nota n. 12 no capitulo anterior) o atravessou mais ou menos no ponto em que passou depois a linha telegraphica de Cuyabá ao Madeira.

Foi ahi erigida a estação telegraphica de Juruena (V. nota 14-bis) á margem do rio do mesmo nome, e 60 kilometros abaixo do grandioso salto Komaizô-colá, já visitado e medido pela Comissão Rondon.

Desta estação (12° 50' 32",52 Lat. Sul e 15° 44' 51",90 Long. W. Rio) é que pariu a turma de exploração e levantamento do rio Juruena, pela manhã brumosa do dia 28 de Dezembro de 1911; chefiava-a um rijo sertanista e um tecnico de peso — o capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro (V. nota n. 15) e della faziam parte o botanico brasileiro Frederico Carlos Hoehne, dois auxiliares do botanico, Geraldo Kuhlmann e Hermano Kuhlmann, tambem brasileiros, o 1.º tenente (major agora) dr. Murillo de Sou-

za Campos, medico da expedição, e nove trabalhadores nacionaes.

A "flotilha" de exploração era composta de cinco canôas fabricadas de troncos de arvores abatidas nas margens do rio; a "nau capitanea", onde viajava o chefe, armado de um theodolito Bamberg, um barometro Fortin, dois chronometros, um dos quaes de marinha, e uma bussola prismatica de Casella, era a maior das embarcações, e media cerca de dez metros de comprimento por oitenta centimetros de largura (de bôca); as outras canôas, de 0m,50 e 0m,40 de bôca, navegavam atreladas duas a duas.

Apesar das peripecias inseparaveis deste genero de trabalho, inclusive o alagamento duma canôa e o naufragio de uma das composições duplas, os expedicionarios chegaram sãos e salvos a Belém do Pará, no dia 3 de abril de 1912.

Seguindo rigorosamente o texto das instrucções expedidas pelo general Rondon, o capitão Costa Pinheiro apresentou minucioso relatorio dos importantes trabalhos realizados sob sua direcção e que se resumem nos nove itens seguintes:

- 1.º) Levantamento expedito do rio Jurucna, desde o passo da linha telegraphica.
- 2.º) Avaliação das descargas dos principaes affluentes.
- 3.º) Determinação da altitude dos pontos mais importantes.
- 4.º) Determinação das coordenadas geographicas das barras do Juhina, Papagaio, Sangue, Arinos e S. Manoel ou Telles Pires, (onde a 17-3-912 foi tambem determinada a declinação magnetica por Pinheiro, que achou 2.º N. W.), e do salto Augusto.
- 5.º) levantamento do rio Bararaty até o varadouro que o liga ao Sucundurysinho e levantamento deste varadouro.
- 6.º) Estudo da natureza do terreno das margens e do leito do rio.
- 7.º) Estudo das corredeiras, cachoeiras e saltos, sob o ponto de vista da navegabilidade e do potencial utilizavel.
- 8.º) Estudo da flôra e da fauna, a cargo especialmente do botânico

e seus auxiliares. 9.º) Estudo nosológico da zona atravessada, a cargo do medico da expedição.

Passemos em revista os resultados geographicos trazidos pela expedição ao mappa do Brasil, nessa parte do paiz de que Rondon nos tem ensinado a chorographia, já emendando erros seculares, já corrigindo modificações sem fundamento, já, finalmente, inscrevendo ahi accidentes descobertos por elle e que, por consequente não figuravam em nenhum mappa anterior á época da penetração realizada pela Commissão Rondon, entre 1907 e 1919.

Relatando o serviço de que nos occupamos, disse o general Rondon, em Janeiro de 1913:

“... Respeitando aquellas tradições (V. nota 14, no cap. ant.) e em homenagem aos primeiros descobridores e navegantes do Juruena, que só hoje veio a ser completamente explorado geographicamente, restaurei o curso desse formoso rio que, originando-se no paralelo de 14º,10' Sul, em contravertente com o Guaporé e Jaurú, percorre uma larga extensão dos chapadões do planlato dos Parecis, até encontrar o rio S. Manoel ou “Telles Pires”, com um desenvolvimento de mais de mil kilometros.

“Ricardo Franco foi quem primeiro o descreveu em sua memoria “A navegação do rio Tapajós”. Esta descripção, porém, foi succinta, mais no ponto de vista da navegação do que sob o aspecto geographico.

“Depois de Ricardo Franco, delle tratou o Barão de Melgaço e reproduziu João Severiano, o que antigos navegantes deixaram escripto em os seus roteiros.

“Coube ao capitão Pinheiro, ajudante desta Commissão, a gloria de, após mais de um seculo de descoberta do famoso rio, vir explora-lo com minuciosidade, descrevendo o seu curso desde a estação telegraphica até a origem do grande Tapajós, que é formado por elle, Juruena, reunido ao S. Manoel”.

Deduzem-se do levantamento realizado, os seguintes dados sobre o desenvolvimento do rio Juruena (Ana-u-iná, se-

gundo lhe chamavam os índios Parecís, em sua língua, nome que o general Rondon traduziu, de accordo com o conhecimento que tem desse idioma selvícola, como significando: "rio onde o cacique Aná costumava beber agua", conforme uma lenda Arití).

A partir da estação Juruena, até a fóz do Juhina, que desagua (138m,<sup>3</sup>552 de descarga, por segundo) pela margem esquerda, 32km,795m; até a fóz do Camararé (200m<sup>3</sup>,217), também affluente da margem esquerda, 81km,435m; até a do Papagaio (303m,<sup>3</sup>192) ou "Sauêruiná" (V. nota 16) affl. margem dir. 138km.,224m; á do Juhina-mirim (40m,<sup>3</sup>680), da margem esqu., 207km,705; á do Sangue ou "Zutiáhuiná" dos Parecis (457m,<sup>3</sup>516), m. dir., 264km,695m; ao Salto Augusto, 587km,986; e finalmente á confluencia do rio Telles Pires (174m,<sup>3</sup>200), da m dir., 792km,871m.

O rio Juhina ou Zui-uiná (rio do gavião da cauda branca, conforme traducção dada pelo general Rondon a este nome Parecí), tem suas cabeceiras em contravertentes do Galeria (valle do Guaporé), segundo Ricardo Franco. Mas, "não constava das cartas contemporaneas" o rio Formiga ou Zocôzocôrezá, que a linha telegraphica cortou além do Juruena, aos 12° 53' 35" de latittude Sul e 16° 9' 30" de longitude W. Rio, apr., e que, tres kilometros abaixo do passo da linha, vai lançar-se no Juhina, de que é affluente pela margem direita.

Segundo expliquei em nota n. 14, additada ao Capitulo relativo á exploração e levantamento do rio Ikê, deve-se á expedição do Juruena o conjunto de dados sobre que se baseia o considerar-se o Arinos como affluente do Juruena pela margem direita, assim como o restabelecimento do nome tradicional de "Juruena" até a confluencia do Telles Pires (antigo S. Manoel).

Foram assignalados e medidos, como affluentes também, mais tres rios que entram pela margem direita, abaixo da fóz do Arinos, e cujos nomes ainda não estão identificados: O

1.º com uma descarga de 38m,<sup>3</sup>142 por segundo; o 2.º com 23m,<sup>3</sup>246; e o 3.º com 20m,<sup>3</sup>249. Para jusante destes tres, assignalaram-se, além de innumerous igarapés, ainda, na ordem em que foram encontrados: o S. João da Barra, com 159m,<sup>3</sup>539 de descarga por segundo, affl. da margem direita; o Uruguatás, que não foi medido por ter passado despercebida ao explorador a sua bôca, occulta á margem esquerda pela Cachoeira Santa Iria; o S. Thomé, á m. dr. com 55m,<sup>3</sup>910; e o Bararaty, á m. esq. com 170m,<sup>3</sup>720.

Além de referencias constantes das Conferencias realizadas pelo general Rondon em 1915, sobre esta exploração, está publicado no 3.º volume do relatório geral do Chefe da Comissão Telegraphica, o relatório apresentado pelo capm. Pinheiro e o mappa colorido do Juruena, na escala de . . . . 1/500.000. Deste relatório extrahimos os seguintes topicos descriptivos do rio Juruena:

“No ponto em que a linha telegraphica o cortou, tem elle apenas trinta e poucos metros de largura e uma profundidade superior a 3m., nas enchentes médias. D’ahi por deante começa a alargar-se progressivamente, augmentando ao mesmo tempo a profundidade, pelo menos no trecho não encachoeirado. Onde faz barra o Juhina, já apresenta a largura de quasi 70 m. e profundidade superior a 6m. Ao receber o Camararé, a sua largura excede a 100 m. e sua profundidade alcança 8m. No ponto em que recebe o Papagaio, tem cerca de 200 m. de largo por 9m. de profundidade.

“No trecho comprehendido entre a linha telegraphica e o Juhinamirim, o rio já tem o seu leito firmado e constituido. Com poucas corredeiras, todas facilmente transponiveis, e algumas ilhas, torna-se ahi perfeitamente navegavel por qualquer lancha, canôa, galera ou batelão. A constituição do leito nesse trecho é quasi toda arenosa, sendo as suas margens de barrancas elevadas, ora argillosas, ora arenosas.

“Apesar de cheio, pois estavamos na epocha das enchentes, sempre encontrámos nas suas margens logares sêcos para acampar,

“Do Juhina-mirim ao Arinos o rio muda sensivelmente de aspecto, constituição e natureza. Corredeiras, cachoeiras e innumeradas ilhas, muitas de grande extensão, cobrem todo seu leito, que apresenta então uma constituição puramente pedregosa, ora de pedras soltas, ora de lagedos, formando verdadeira calçada.

As barrancas acachapam-se e o rio penetra pela matta a dentro, tornando-se difficil, muitas vezes, encontrar um lugar para acampamento. O terreno marginal, muito dobrado, obrigava-nos a acampar nas lombadas, porque os baixos estavam quasi sempre cheios d’agua estagnada. A vegetação que até então era rachitica e onde quasi sempre só se via o cerrado e o *charravascal*, começa a ostentar-se frondosa e elevada; principiam a apparecer as primeiras madeiras de lei, e o aspecto da matta vai adquirindo, aos poucos, a imponencia do das florestas amazonicas.

“Antes do rio do Sangue, começam a apparecer os cauzeiros, as seringueiras e algumas frutas silvestres.

“Apesar de um tanto accidentado, considero navegavel este ultimo trecho. As corredeiras e cachoeiras, unicos obstaculos á navegação, não são de difficil passagem: estas são poucas e todas com canaes accessiveis; as corredeiras, que são em maior numero, não offerecem perigo e são transponiveis, pela direita, pela esquerda, ou pelo meio do rio.

“E’ possivel que, na epocha da estiagem, a navegação do trecho Juhina-mirim-Arinos, apresente difficuldades, pois que, mesino com o rio cheio, as nossas canôas, de pouco calado, tocaram diversas vezes em pedras, á passagem de algumas cachoeiras. Com a baixa das aguas, tudo faz prevêr que todo aquelle lençol de pedra fique á flôr d’agua, obrigando-nos a passar tudo por terra.

“O que se pôde affirmar é que, na epocha de enchentes, o rio é navegavel até o Arinos.

“Do Arinos ao Salto Augusto o rio quasi conserva a mesma physionomia do trecho anterior. Alarga-se, porém,



consideravelmente; em alguns pontos, sua largura atinge a mais de dois kilometros. As ilhas continuam a semear todo seu leito, que não muda de constituição. As margens elevam-se mais e a vegetação vai se ostentando, cada vez mais frondosa e importante.

“Nas proximidades do Salto Augusto, começa a apparecer o castanheiro. As cachoeiras são ahi mais perigosas e extensas do que as do trecho Juhina-mirim. Algumas não têm canal accessivel e é-se forçado, então, a passar tudo por terra. Todavia, das seis cachoeiras deste trecho conseguimos desviar uma e “enfiar” tres a meia-carga, vencendo-as todas em 12 dias, incluindo tres que empregámos na travessia da cachoeira S. João da Barra, onde tivemos de passar pela vertente de um morro, canôas, material e bagagens.

“A partir do Salto Augusto ha um trecho regular, perfeitamente navegavel, entrando-se em seguida na parte encachoeirada. De todo o rio, desde o acampamento da linha telegraphica, ponto de onde partimos, até S. Manoel, é este o trecho mais perigoso, de cachoeiras mais terriveis e extensas, e mais irregular em largura. De 600 a 800 metros passa-se rapidamente a 150 e, ás vezes, menos, quasi abruptamente. Aas margens são ahi constituídas, em muitos pontos, por muralhas de rochas estratificadas, tornando bastante penosa, nas cachoeiras, a travessia pelos varadouros.

“Transposta a cachoeira Todos os Santos, o rio alarga-se e, livre do tumulto das cachoeiras, dahi por deante dá navegação livre até um pouco além do “Telles Pires”, onde tem elle 740 metros de largura e uma descarga de 2.490m,<sup>8</sup> por segundo. E’ um trecho do rio “morto”, como denominam os naturaes da região, podendo ser navegados até durante a noite”.

A seguir, o relatorio descreve os afluentes encontrados, sobre os quaes já resumimos a parte principal, e as “cachoeiras” do rio Juruena, conforme a ordem em que foram transpostas pela expedição: Meia-Carga, Figueira, Dois Irmãos,

Rebôjo, S. João da Barra, S. Carlos, Salto-Augusto, Tacorizal, Furnas, S. Lucas, S. Gabriel, S. Raphael, Santa Iria, Santa Ursula, Canal do Inferno, Misericordia, S. Florencio, Labyrintho, S. Simão (com salto) e Todos os Santos. Transladaremos para aqui a descripção de algumas:

“5.<sup>a</sup> CACHOEIRA: S. JOÃO DA BARRA — Do trecho Arinos — Salto Augusto é a mais perigosa, mais forte e mais poderosa.

Presas entre dois morros enormes de rochas estratificadas, logo que se defronta a fóz do rio S. João da Barra, vê-se-lhe o primeiro travessão, porém, muito forte. O rio S. João da Barra tem na fóz uma grande inclinação, de modo que as suas aguas correm com espantosa velocidade. Por sua vez as aguas que correm pelos diversos canaes formados pelas ilhas, fazem junção no primeiro travessão com as do rio S. João da Barra e, chocando-se quasi em angulo recto, elevam-se a grande altura. Dahi tomam a direcção dos dois canaes da cachoeira e cáem no segundo travessão, quasi a pique, produzindo grande estrondo. O desnivelamento brusco fórma um salto de tres metros, medidos a pique, no canal da direita. O canal da esquerda é pouco inclinado. Nas enchentes, canôas e cargas passam por terra, sendo o varadouro da esquerda o mais praticavel. Quando a civilização penetrar por essas paragens, será a cachoeira de algum proveito para a industria moderna.

“6.<sup>a</sup> CACHOEIRA: S. CARLOS — E’ um pouco extensa e compõe-se de dois travessões. O primeiro só dá canal á esquerda, é forte, e apresenta 2m de desnivelamento. As cargas passam por terra e as canôas á sirga. O segundo travessão compõe-se verdadeiramente de uma série de correntes violentas, espalhadas pelo rio, consequencia dos desnivelamentos successivos que vae soffrendo seu leito até próximo do Salto Augusto. Beirando-se a margem esquerda, se vence, sem difficuldade, este segundo travessão, não havendo

necessidade de descarregar as canôas. Vencido o 2.º travessão, ouve-se o barulho do Salto Augusto e, ao longe, na curva do horizonte, um nevoeiro circunda uma grande porção do espaço; passam-se algumas ilhas e uma pequena corredeira, entrando-se em seguida no estirão do

“(7.º): SALTO AUGUSTO — Na viagem, antes do Arinos, já se observam alguns morros de pedra que vão ter á margem do rio.

Depois do Arinos, tornam-se mais frequentes até que, nas proximidades da cachoeira S. João da Barra, o observador distingue uma serra que tende a incidir quasi normalmente sobre o rio. E’ um contraforte da serra dos Apicac’s: o Salto Augusto fica situado neste contraforte. Pela margem esquerda, depois de atravessarmos, com as canôas vazias, um remanso por dentro da matta, fugindo da correnteza, demos em um pequeno canal lagado e em seguida num descampado pedregoso, donde avistámos o majestoso espectaculo. A rocha que formou o salto é uma especie de pedra lisa de estratos bem nivelados. A muralha, ou o massiço propriamente dito, tem uma extensão de mais de 400 metros, no sentido longitudinal do rio. Este, ahi, divide-se em dois canaes: o da direita, por onde passa o maior volume d’água, e o da esquerda; ambos separados por ilhas de tamanho regular, situadas mais ou menos no meio do rio. No canal da direita as águas cáem ou despenham-se quasi na vertical, com grande estrondo, por tres degraos, cada um com quatro metros de altura, o que perfaz uma altura total de 12 metros para o salto. No canal da esquerda as águas descem por um plano inclinado, com altura superior a dos tres degraos que formam a queda do canal da direita.

No grande massiço que fórma o salto, observam-se de espaço a espaço contra-fortes bem aparelhados, construidos pela natureza para servirem como de arrimo ou suporte aos estratos da muralha. Será uma eterna barreira oposta á livre navegação. As canôas e as cargas foram trans-

portadas por terra, através de um varadouro da margem esquerda de mais de meio kilometro de extensão. Gastaram-se tres dias na abertura do varadouro, além da necessidade de estivar quasi todo o caminho, afim de tornar praticavel o transporte das canôas”.

“16.<sup>a</sup>: CACHOEIRA DA MISERICORDIA — De todas as cachoeiras do trecho Salto Augusto-S. Manoel é esta a mais interessante e uma das mais perigosas. E’ formada por um grande travessão, com um forte desnivelamento, no sentido longitudinal do rio. Uma grande ilha, a jusante, divide o rio em dois canaes: um á direita, pouco praticavel, e outro á esquerda, accessivel. Outras ilhas, a montante, completam o quadro da cachoeira. As aguas do canal da esquerda correm primeiro longitudinalmente e depois, nas proximidades da cachoeira, dividem-se, tomando o maior volume a direcção transversal e indo chocar-se, quasi em angulo recto, com as águas que descem do canal central, quando então se elevam a uma grande altura, para refluir e formar ali torvelinhos e rebôjos. Transpuzemos esta cachoeira pelo canal da esquerda, onde não tivemos necessidade nem de descarregar as canôas, nem tão pouco de lançar mão da sirga”.

\* \* \*

Descrevendo esta expedição, disse o general Rondon (Conferencias em 1915), depois de se referir a sua partida da estação Juruena, lugar attingido em 1907 e occupado por um contingente militar:

“No emtanto, que profundas modificações já não se tinham produzido neste canto do grande sertão que, naquelles annos, encontraramos mergulhado na mais absoluta e hostil selvajaria! Os mesmos habitantes destas tão mysteriosas solidões, que nos haviam recebido em tom de guerra, e rudemente repellido, em dois assaltos audaciosos, a amizade que lhes offereciamos, agora aqui estão, representados por um

grupo dos chamados Cocosês (da grande nação Nhambiquara), a assistir aos últimos aprestos da pequena columna expedicionaria. Já não são os duros guerreiros daquelles tempos, mas *sim* amigos confiantes, que desejariam participar dos riscos e dos perigos a que nos vamos offerecer nesta primeira descida do famoso rio, cujo accesso elles d'antes defendiam com tão irreductivel bravura. Infelizmente, a total ausencia de accomodações de que se resente a pequena flotilha, já excessivamente sobrecarregada com os volumes de bagagens, de ferramentas e de instrumentos de engenharia, obriga-nos a "recusar o pedido" que nos fazem de os levarmos em nossa companhia.

"Depois, já em viagem, ainda tiveram os expedicionarios novas occasiões de se encontrar com outros grupos da antigamente tão temida nação Nhambiquara.

"De vez em quando, diz o capitão Pinheiro em seu relatório sobre esta expedição, em ambas as margens do rio, notavamos grandes claros nas mattas que nos davam indícios de suas roças; portos de um e outro lado do rio, em correspondencia, para atracação de embarcações; balsas (feixes de palha de burity) com que costumam fazer a travessia de uma para burity) com que costumam fazer a travessia de uma para outra margem; finalmente, até artefactos de guerra encontramos. No dia 31 de Dezembro estava eu na fóz do Juhina, fazendo "observações com o sol", quando ouvi na margem opposta uns gritos. Puz bem o ouvido á escuta e percebi perfeitamente a palavra — "Anauê" — repetida incessantemente. Não restava duvida, eram os Nhambiquaras. Fomos todos para a margem do rio e vimos alguns delles, completamente nús, sempre gritando — "Anauê — e mostrando-nos espigas de milho. Compreendendo bem a intenção delles para connosco, tripulei uma canôa e mandei-a á outra margem. Ao approximar-se a canôa, alguns se esconderam na matta; quatro, porém, vieram receber-nos, entregando-nos umas espigas de milho. Nós, em retribuição, lhes demos al-

gumas machadinhas, únicos brindes que traziamos. Ficaram satisfeitos!”

“Além dos Nhambiquaras, referiu-se o capitão Pinheiro aos índios Apiacás. Convém ler (V. nota 17) algumas passagens do que então teve de dizer o distincto official, para levantarmos um pouco a ponta do véo que encobre, ás nossas vistas, as paragens mais internadas do território de nossa patria.

“Como podemos deprehender das palavras do capitão Pinheiro, as perseguições e violências exercidas contra os indefesos Apiacás, por varios funcionarios publicos do Estado de Matto-Grosso, no Tapajós, ultrapassam os limites da mais requintada barbaria e fera crueldade; mas por mais negro que o quadro nos pareça, é preciso saber-se que ainda lhe faltam muitos outros tons, não menos tetricos do que esses, a começar pelo que define a baixeza das intenções que moveram o collecter Paula Corrêa, e seus predecessores, a commetter tantas violencias e atrocidades: o intento era roubar aos índios as suas mulheres!

“Além dos Apiacás, a expedição Pinheiro viu tambem os índios Mundurucús, dos quaes algumas aldeias estavam assentadas na fôz do S. Thomé; outras, e na maior parte, existem no rio Cururú, estendendo-se pelos campos Capepi-uat. Ali elles vivem dos recursos que podem alcançar com a sua pequena lavoura, auxiliados pelos elementos que retiram das suas magnificas florestas. Avalia-se o numero actual destes índios em cerca de duas mil almas, sendo que a parte masculina excede bem sensivelmente á feminina”.

Para concluir estas notas, transcrevemos a descripção das duas principaes occorrencias desastrosas, tal como constam do relatório do capitão Pinheiro:

Nas proximidades no rio Sangue, as duas canôas menores, pilotadas pelo civil Henrique Affonso, alagaram-se em uma corredeira, não tendo havido, entretanto, prejuizo algum. Bem no forte da corredeira, logo que viram a impossibilidade de evitar o alagamento, remaram para terra,

com fôrça, conseguindo chegar á margem com as canôas cheias d'agua, é verdade, mas com tudo o que continham.

“Outra occorrença e mais importante, porque ia-nos collocando em situação difficilima, se deu na vespera de nossa chegada ao Arinos: Nas duas canôas maiores, pilotadas pelo sr. Hermann Kuhlmann, traziamos nós quasi todos os generos alimenticios, roupas, ferramentas e utensilios de cozinha. O sr. Kuhlmann, que vinha na frente, quiz enfiar em uma cachoeira, sem prévio exame do canal, quando, bem próximo á margem, como depois verificámos, havia uma sahida que permittia evitar-se perfeitamente a cachoeira. O resultado dessa imprevidencia é que, no tombo da cachoeira, as duas canôas bateram em uma pedra e pouco depois desapareceram. Felizmente, com os soccorros prestados a tempo, não tivemos nenhuma victima a lamentar.

Perdemos quasi tudo, e o que conseguimos salvar de nada valeu. O naufragio deu-se em virtude de ter a pedra attingido justamente o ponto de atrelamento das canôas. O piloto, em vez de tentar dar sirga e procurar atracar á margem, mandou remar para fente, no que agiu mal. A pedra que se interpôz e rompeu o atrelamento, separando as canôas, fe-las adernar rapidamente e submergir. O naufragio deu-se no dia 19 de fevereiro ás 17 horas”.

Porto Alegre, Julho de 1925.

## NOTAS

NOTA 14 bis — Em justissima homenagem á memoria do distincto official morto no sertão, passou esta estação a denominar-se: “Major Amarante” — Obs. da ed. 1940.

NOTA 15 — Costa Pinheiro, proecto engenheiro-militar, serviu na Commissão Rondon desde o inicio (1907) dos trabalhos de construcção da grande linha telegraphica do Noroeste Brasileiro, até 1919. Os serviços que elle prestou, em tão longo prazo, forçaram-no a permanecer quasi todo esse tempo no sertão. Teve a seu cargo os trabalhos technicos mais importantes e penosos

desde a locação do "pique", as explorações e levantamentos por terra e por água, até a direcção do observatorio astronomico de Cuyabá e a chefia de turmas de determinação de coordenadas geographicas. Sob sua chefia realizaram-se as explorações e levantamentos dos seguintes rios: Jacy-Paraná, com a humilde collaboração do autor destes apontamentos; do Juruena; e do Cautario, affluente da margem direita do Guaporé.

Desempenhou proficientemente todos os encargos que lhe foram confiados pelo general Rondon. Com o organismo combatido pelo impaludismo e vendo-se systematicamente preterido para a promoção a major, por falta de serviço arregimentado (?), logo que attingiu este posto, por antiguidade, requereu sua retirada da actividade militar e é hoje tenente-coronel reformado do Exercito.

A sua resistencia ás fadigas do serviço de campo e ás intempéries, sua lucida intelligencia e solido preparo technico e scientifico, a cordialidade com que tratava seus subordinados, inclusive os soldados, "regionaes" ou trabalhadores civis postos sob suas ordens, a resignação com que supportava as agruras do clima e encarava os successos que muitas vezes nos deixam no sertão sem comida e sem abrigo, caracterizaram sua passagem pela Commissão Rondon.

Quando acampeei pela primeira vez, em maio de 1908, nas cabeceiras do Uazuliatiá ou rio dos Kagados, a serviço da commissão, os meus camaradas de acampamento repetiam, a propósito de qualquer situação penosa: "faça como o Pinheiro, que "não liga!" E contavam-me innumerous casos que evidenciavam a calma imperturbavel e a coragem estoica com que Pinheiro afrontava os rigores de qualquer infortunio que o attingia. Não resisto ao desejo de referir alguns destes casos, que reputo muito curiosos e expressivos.

Distrahindo-se certa vez, ao regressar ao acampamento, distante umas tres leguas do ponto em que estivera trabalhando, tomou rumo differente do que devia tomar e perdeu-se no "cerrado", onde a noite o surpreendeu, emquanto os companheiros, impacientes de o esperar, expediam vaqueanos em todas as direcções, sem que taes pesquisas déssem o resultado desejado. Costa Pinheiro, segundo elle proprio referiu depois, vendo-se perdido, sem bussola para orientar-se e sob um céu tenebroso onde não brilhavam estrellas, desarriou o animal e deitou-se calmamente sobre os arreios, para dormir e aguardar o amanhecer do dia seguinte, procurando logo conciliar o somno para esquecer que não jantara e tinha sede... Nota, porém, que o animal se afasta e levanta-se para o prender á sogá; quando o consegue, entretanto, não há meio de descobrir mais o lugar onde deixara



os arreios e dorme então no chão duro, para no dia seguinte, ao alvorecer, montar afinal e seguir em busca do acampamento.

No decorrer de outro serviço, com o qual marchava em direcção a conhecida povoação, começou a soffrer dôres agudas no ouvido e não quiz interromper o trabalho até entrar no povoado, embora devesse supportar o soffrimento durante alguns dias seguidos e percebesse que dia a dia lhe augmentava a dôr. Quando se recolheu com a turma, foi á presença do médico que, entre exclamações de espanto, pô-lo bom dentro de minutos, mediante lavagens antisepticas applicadas no ouvido, de onde jorravam, após cada injeção, centenas de vermes produzidos por varejas ou lendeas de mosca varejeiral! Ao médico e a todos nós, parecia impossivel que houvesse ente humano capaz de supportar semelhante supplicio, sem interromper o trabalho e sem blasphemar contra todos os deuses!

De uma feita, indo o major Custodio de Senna Braga (hoje general reformado) visitar o acampamento do pique, chefiado por Costa Pinheiro, ahi chegou pela madrugada e encontrou o capitão Pinheiro dormindo na rêde, sob as arvores, sem barraca, debaixo de chuva... Seria longo explicar as razões deste facto, as quaes se resumem afinal no célebre estribilho: "O Pinheiro não liga!..."

Que me perdoem esta digressão, cuja razão está no meu desejo de familiarizar o leitor com este admiravel typo de brasileiro.

— Quando, em Março de 1930, procedia, em Coritiba, a revisão das provas typographicas deste meu livro, já o jornal "A Noite" publicara no Rio de Janeiro a noticia da morte do Cel. Pinheiro, descrevendo as circumstancias impressionantes que envolveram o triste facto.

Embarcara elle na estação de Pirapora, da E. F. Central do Brasil, com destino ao Rio, mas ao chegar o trem a Burity, deu por falta da passagem de ida e volta que esquecera no hotel daquella localidade; saltou então e, carregando sua valise de viagem, mettu-se a pé, estrada a fóra, para ir buscar a passagem. Não chegou, porém ao seu destino, embora estivesse habituado a longas caminhadas, pois que foi encontrado morto, na clareira de um bosque, ao lado da valise, tendo servido de pasto aos corvos que denunciaram a presença do seu corpo inanimado, já quasi reduzido á ossada... As pesquisas da policia afastaram a idéa de um crime e "A Noite", emprestando ao saudoso official uma compleição robusta, termina a noticia aventando a hypothese de ter sido victimado por hemoptyse, provocada pela tuberculose que havia annos lhe minava o organismo, o que tambem não é verdade.

No coração dos seus amigos, entre os quaes me inclúo, a magoa de o perder ficará para sempre dolorosamente ligada á duvida cruel sobre a verdadeira causa de sua morte, cujo mysterio confrange a alma, pela lembrança do soffrimento atroz que talvez houvesse acompanhado os ultimos momentos daquelle bondoso coração... tão digno de melhor sorte!

NOTA 16 — A palavra Sauê-ruiná significa propriamente, em lingua Parecí, “rio do Papagaio”.

E’ preciso não confundir com outro rio, affluente da *m. esq.* do Papagaio e cujo nome — “Sauê-u-iná” — differe daquelle unicamente pela syncope grammatical da letra “r”. Este “Sauê-u-iná” foi identificado pela Commissão Rondon, como sendo o Maracaná de algumas cartas de Matto-Grosso.

Há ainda, no mesmo valle do Juruena, o rio Sacuriu-iná (rio da palmeira bacaiuva, em Parecí), que algumas cartas anteriores ás da Commissão Rondon grapharam erradamente como Xacuruhina ou Xacuruína, e que o agrimensor Alfonse Roche, em exploração de seringaes, denominou arbitrariamente Jurueninha, por o não ter identificado (1.º volume, relatório Rondon: “Estudos e reconhecimentos”, fls. 352 e 354).

NOTA 17 — Eis os topicos do relatório do capitão Pinheiro, aos quaes se refere o general Rondon:

“Dos Apiacás, que tinhamos certeza de encontrar no Salto Augusto, nem vestigios vimos. Em resumo, foi só na Collectoria de Matto-Grosso, defronte á foz do S. Manoel, que encontrámos os primeiros Apiacás, já quasi todos civilizados. Em conversa com o actual collector e outras pessoas do lugar, foi que vim a saber como desapareceram os indios Apiacás do Salto Augusto e outros pontos a montante do S. Manoel.

“A collectoria foi fundada em 1902. Foi seu primeiro collector o sr. Thomaz Carneiro, que iniciou a sua administração entrando logo em luta com os Apiacás e perseguindo-os atrozmente. Tantos foram os castigos e maus tratos infligidos aos indios, não só por elle, como tambem pelo seu irmão Ernesto Carneiro, commandante do destacamento policial, que a represalia não se fez esperar. Os Apiacás, no intento de tomarem um justo desforço, reuniram-se um dia nas proximidades do lugar e, alta noite, sem que fossem presentidos, penetraram na collectoria e mataram o collector e seu irmão. Para substituir o sr. Thomaz Carneiro foi nomeado o sr. Fabio Freire, que continuou na mesma sêde de perseguições aos indios, dizendo querer assim vingar a morte de seu antecessor. Uma vez mandou convidar todos os Apiacás para um café; estes, na bôa fé,

comquanto meio receosos, aceitaram o convite e, quando se achavam no barracão tomando essa bebida, foram espingardeados pelo contingente da collectoria, já antecipadamente preparado e prevenido pelo collector: a descarga traiçoeira matou quasi todos os indios. Apenas escapou uma mulher. Ainda hoje, quem visita a Collectoria, vê bem em frente a um barracão que serviu de quartel, o lugar onde ficaram todas essas victimas enterradas em valla commum.

“Depois desse feito, reuniu perto de 100 homens, entre seringueiros e pessoal da Collectoria e foi dar assalto contra a “maloca” (aldeiamento indigena) que existia na cachoeira S. Florencio. O ataque foi feito muito cedo, quando os Apiacás ainda se achavam dentro da “maloca”. Primeiro, lançaram fogo ao rancho e, á proporção que os indios, apavorados pelo incendio iam sahindo, a fazer gestos e exclamações, eram recebidos com fuzilaria. Poucos foram os que escaparam e ainda hoje, quem passar pela cachoeira, verá os signaes, já deleveis embora, dessa obra de arrazamento e destruição.

“Substituiu ao sr. Fabio o sr. Antonio Gomes Lima, que se demorou cerca de tres annos, sendo considerado por todos um bom collector. Foi substituido pelo sr. Paula Corrêa, que continuou a perseguir os Apiacás e a commetter toda a sorte de violencias contra os seringueiros. Impediu, irrevogavelmente, que os Apiacás descessem o rio até S. Manoel: os que iam de encontro a suas ordens eram castigados severamente.

“Afimal, as perseguições aos Apiacás e seringueiros tomaram proporções taes, que um dia foi este collector assassinado pelos seus proprios sequazes e camaradas. Foi substituido pelo sr. José Sótero Barreto, que normalizou tudo e inaugurou uma época de paz e prosperidade na Collectoria. E’ muito estimado pelos seringueiros, que o consideram como seu protector. Como é facil comprehender, os Apiacás, acossados, perseguidos, e violentados pelos civilizados, internaram-se na floresta e abandonaram as margens do Juruena. Os poucos que mais de perto se encontravam em contacto com os seringueiros, voltaram á Collectoria e lá se achavam, ainda hoje, satisfeitos, sob a protecção do respectivo collector. As violencias, perseguições, extorsões, etc., tudo desapareceu com a entrada do sr. Barretto para a collectoria. Quando por lá passei, em fins de fevereiro de 1912, existiam na Collectoria 32 indios Apiacás, dos quaes 16 mulheres, 7 homens e 9 crianças”.

## CAPITULO V

### EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DO RIO SANGUE

Como já foi dito no capítulo relativo á exploração do Juruena, o rio do Sangue é um dos afluentes deste, pela margem direita, e o mais volumoso contribuinte depois do Arinos, visto como sua descarga na fóz attingiu a 457.516 litros por segundo.

Sua cabeceira principal, que tem o nome de "Bella Vista", desce dos chapadões de Parecís e tem por contravertente a cabeceira do Agua Limpa, affl. do rio Sepotuba. Segundo determinações aproximadas (sexante de mão e transporte de hora por caminhamento em terra) da "Expedição de 1907", o ponto geographico em que se localiza essa nascente principal, está definido pela seguintes coordenadas:

Lat. Sul 14° 17'

Long. W. Rio 14° 46'

A linha telegraphica do sertão noroeste atravessou o rio Sangue, depois de servir á estação de "Ponte de Pedra" e antes de attingir "Barão de Capanema". São coordenadas rigorosas do passo da linha:

Lat. Sul 13° 24' 21",00.

Long. W. Rio 0h 58m 2s,78 determinadas pelo então Cap. Costa Pinheiro, que utilizou a mesma linha telegraphica, já então construída, em 1915, para a determinação da longitude.

Para fixar idéa, relembremos o seguinte topico.

"No trecho dos 800 kilometros explorados pela expedição Costa Pinheiro, o Juruena recebe, pela margem di-

reita, successivamente, de montante para jusante, os rios Papagaio, Sangue e Arinos. Cada um destes affluentes constitue o collecter central de uma bacia secundaria bastante notavel, para cujo estudo e reconhecimento foram organizadas, em épocas differentes, tres expedições”.

Occupar-nos-emos, neste momento, da expedição que teve por objectivo o reconhecimento da segunda das sub-bacias acima mencionadas, objecto que foi plenamente atingido pelo official a quem Rondon confiou tal serviço — o 2.º Tenente Vicente Vasconcellos (V. nota 18).

O rio do Sangue era chamado pelos Parecís “Zutiá-haruiná”, palavra que Rondon traduziu como significativa de “rio do pacu preto pequeno”. Consta do 1.º vol. rel. geral do Gal. Rondon a seguinte referencia a este curso d’agua:

“... Aliás o nome Sangue é modernissimo e foi dado pelos seringueiros e por engano. O seringueiro Virgilio da Costa Marques foi quem primeiro descobriu os seringaes do rio Timalatiá (hoje conhecido por Sacre), nome parecí que significa “rio do Sangue” (“Timalati-zá”, por euphonia pronunciado “Timalatiá”). Em virtude da noticia levada por Virgilio, sobre o rio do Sangue (pronunciado “Sacre” pelos Parecís), seringueiros ulteriores, vindos de Diamantino, deram o nome de Sangue ao primeiro rio que encontraram e ao qual lhes pareceu applicavel a explicação de Virgilio; dahi a ser erradamente chamado “Sangue” o “Zutiá-haruiná”, enquanto o seu homonymo do poente conservou a corruptela “Sacre”.

A proposito da expedição ao rio do Sangue, encontra-se nas “Conferencias de 1915” o seguinte resumo, feito pelo Gal. Rondon:

“O reconhecimento do rio do Sangue foi realizado pelo tenente Vasconcellos, auxiliado pelo dr. Serapião.

“Para isso formou-se uma expedição exploradora que partindo no dia 10 de Maio de 1915 do ponto em que a linha telegraphica atravessa aquelle rio, o desceu, embarcada em

duas canoas, até a sua fóz no Juruena, onde chegou no ultimo dia do mês immediato. O percurso total, feito nesses 71 dias de viagem, constou de 425.400 metros, accusados pelo levantamento topographico obtido com o auxilio de um telemetro.

“Por estes numeros se vê que o rendimento da navegação não chegou a attingir, por dia, a média de nove kilometros, e este valor é, por si só, bastante eloquente para nos dispensar de enumerar aqui a serie de obstaculos que tiveram de ser vencidos pelo tenente Vasconcellos, entre os quaes figuram numerosas corredeiras e dois saltos importantes, além dos inevitaveis accidentes de naufragios e perda de embarcações.

“As medições deram para descarga do rio estudado, no ponto de embarque, o volume de 118 metros cubicos e, na foz,  $457m^3,516$ .

“Quanto ás fozes dos dois affluentes principaes, o tenente Vasconcellos chegou á do Sucuriú-iná no dia 6 de Junho, a pouco mais de 100 km. do passo da linha; e á do Cravary, seis dias depois, a 139 km. abaixo da anterior. A descarga do 1.º rio era, na occasião, de  $59m^3$ , por uma bôca de 49 m de largura; a do 2.º era de  $101m^3$  para uma largura de 52 metros.

“A muitas outras informações de grande alcance geographico, contidas no relatorio do tenente Vasconcellos, sobre o valle do rio do Sangue, deixo de me referir, por absoluta carencia de espaço nesta occasião. Apenas mencionarei que, da collecção de amostras das rochas, d'alli trazidas por este official, o geologo Dr. Euzebio de Oliveira, que as estudou, concluiu que a formação arenitica do chapadão dos Parecís repousa, antes da foz, sobre rochas crystallinas e eruptivas”.

No começo do serviço, foi o tenente Vasconcellos effizamente auxiliado pelo então 2.º tenente Ramiro Noronha, que o acompanhou durante a travessia de pequeno trecho.

Uma das importantes conclusões geographicas, a que conduziram os estudos realizados pela expedição Vasconcellos, é a que se refere ao rio Cravary ou "Curussú-inazá" ("rio do chumbo de caça", conforme traduz Rondon). Este rio foi descoberto pelo seringueiro Manoel Rondon, que assim o denominou "por ter achado bonito este nome". As expedições de reconhecimento realizadas pelo Gal. Rondon determinaram-lhe as nascentes aos 13° 34' 32" Lat. Sul e 14° 46' 13" Long. W. Rio, apr. A linha telegraphica Cuyabá-Madeira localizou em sua margem esquerda a estação telegraphica "Barão de Capanema". Chama-se Boa-Nova a sua principal cabeceira.

Pois bem, o Cravary que a principio pareceu á Commissão Rondon affluente do Sacre, foi afinal reconhecido pela expedição Vasconcellos como affluente da margem esquerda do rio do Sangue, conforme já foi acima exposto, e "figurou pela vez primeira em uma carta geographica", quando Rondon construiu o esboço do seu mappa de Matto Grosso.

O rio "Sacuriú-iná", affluente da margem direita do rio Sangue, e ao qual já me referi incidentalmente na nota n.º 16, é o mesmo que as antigas cartas geographicas anteriores á de Pimenta Bueno, inscreviam sob a "alcunha" de Xacuruina ou Xacuruina, fazendo erradamente desaguar no Arinos. "O proprio Ricardo Franco, ficou indeciso ante a divergencia das informações que sobre elle obteve, das quaes umas o davam como affluente do Juruena, e outras como do Arinos, onde chegaria por intermedio do Sumidouro."

São de Ricardo Franco, a este proposito, as seguintes palavras, cujas referencias não foram julgadas exactas pela Commissão Rondon:

"Ao poente do Sumidouro e nos Campos dos Parecís tem suas origens, ao Norte do Jarú, o rio Xacuruina, celebre por ter em um dos seus braços um grande lago em que se qualha e gela, todos os annos, grande e copiosa quantidade de sal, producto natural que motiva annuaes guerras entre os indios

que habitam aquelles terrenos, circumstancia por onde se pode inferir que o sal não é tanto e que chegue a todos sem lhes custar gottas de sangue. O "Xacuruina" uns praticos o fazem braço do Arinos, outros do Sumidouro..."

A expedição do rio do Sangue acabou com estas duvidas, assim como os trabalhos de exploração realizados pessoalmente pelo General Rondon, demonstraram que era um mytho a existencia do lago em que se supunha qualhar e gelar (?!) o sal. Eis os resultados destas explorações, segundo exposição em relatorio do General:

"Verificámos que o Sacuriú-iná tem effectivamente dois formadores; entretanto, estes formadores que têm o nome de Preguiça ou Katulá-inazá (rio da mangaba) e Sacuriú-iná-suê ou cabeceira propriamente dita do Sacuriú-iná, não foram os referidos por Pimenta Bueno, que parece ter querido figurar o Sacuriú-iná e o Sangue.

"E' no Sacuriú-iná que existe uma ponte natural de pedra, junto a qual foi construida a estação telegraphica "Ponte de Pedra". Algumas leguas abaixo, cahe elle, no rio do Sangue.

"Contravertem: com a Sacuriú-iná-suê a Naturuba-suê, com a Bella Vista a do Agua-Limpa, pelo Parecí denominada Caú-aloná-suê (cabeceira do osso do cavallo), ambos affluentes do Sepotuba.

"Como se vê, o tributario mais oriental do Juruena contraverte com o Sepotuba e nunca com o Jaurú, conforme mencionara Ricardo Franco.

"Quanto ao lago de salinas de que fala, se existe, não está nas cabeceiras; accresce que delle nenhuma noticia tivemos dos Parecís."

Merece especial destaque a belleza natural da ponte de pedra, a 150 metros da estação telegrafica, onde existe o salto do mesmo nome, com 5m de altura e 1.066 cavallos-vapor de força (potencial utilizavel). Pena é que, para ter o prazer de a contemplar, haja necessidade de viajar a ca-



vallo cerca de sessenta leguas (357 km.) a partir de Cuyabá, através das villas de Guia, Brotas, Rosario e Diamantino. A ponte é formada por um massiço de rocha que constitua o primitivo leito do rio, cujas aguas passam agora por baixo do immenso arco, sobre o qual se apoia a superficie quasi plana, que dá passagem a pedestres, cargueiros e carretas de bois. As extremidades desse "arco triumphal" apoiam-se nas duas margens do rio, como se fossem monumentaes encontros construidos alli para receber a superstructura da ponte e sustentar o empuxo das terras marginaes.

Alem de outras cachoeiras e corredeiras assinaladas pelo levantamento do rio, salientam-se pela sua belleza o salto da Jararaca com 20 metros de altura, a 5 km. do passo da linha telegraphica e o salto "Bonito" assim denominado pelo tenente Vasconcellos, com 16 metros de altura e distante 17 km. do mesmo passo.

Para dar uma idéa do conjuncto das zonas percorridas pelas expedições já descriptas nestes meus artigos (Telles Pires; Ikê; Juruena; Sangue) acompanha a presente exposição a reproducção do "schema" do rio Juruena e trecho do da carta do Noroeste de Matto Grosso, organizado pela Commissão Rondon em 1915 e que foi projectado para elucidar o numeroso auditorio das conferencias realizadas, nesse anno, pelo General Rondon, no Theatro Phenix do Rio de Janeiro (V. gravura n.º 7).

Para concluir o resumo dos trabalhos da turma Vasconcellos, transcrevo, a seguir, os trechos das conferencias de Rondon, relativos aos contactos que essa turma teve com os selvicolas habitantes da região atravessada.

"Occorrença sobre todas importante foi a do encontro do tenente Vasconcellos com alguns grupos de indios da tribu moradora no curso medio, e no inferior, do rio do Sangue. Só depois de passada a fóz do Sacuriú-iná, teve o distincto official ensejo de verificar ser o rio povoado. Para maior fidelidade destes interessantes episodios, passo a ler os to-

picos em que aquelle official a elles se refere em seu relatório sobre esta viagem:

“— O dia 9 (de Junho), diz elle, offereceu-nos uma nota importante: viu-se o primeiro indio! Em uma curva do rio, trepado em uma arvore sêca, cahida sobre a margem, eil-o de flecha em punho, distrahido em pescaria. Não tive o prazer de o ver, nem mesmo de longe, pois com o barulho que faziam as nossas embarcações, e com o grito que deu Antonio Corrêa, proeiro da canôa da mira, para chamar a minha attenção foi o indio despertado e internou-se celere na matta. No ponto em que elle foi visto, desci em terra, bati as immedições; mas nada vi, a não serem varinhas quebradas aqui e acolá.

“— Pouco antes, havíamos encontrado um pouso velho de indios, cujas varas haviam sido cortadas á faca cêga; no dia immediato vimos um capoeirão, tambem antigo, cujos paus haviam sido cortados a machado de pedra.”

Foi este o primeiro encontro assignalado, antes ainda do Cravary; mas, depois de passada a fôz deste rio, deu-se outro, que é relatado pelo tenente Vasconcellos nos seguintes termos:

“— Os signaes de indios, limitados até então quasi somente ao encontro do pescador, foram-se tornando mais frequentes e menos antigos, notando-se em todos elles o emprego das nossas ferramentas. No dia 19 bivacámos na margem direita, em um grande e não muito antigo acampamento delles e onde naturalmente haviam passado algum tempo, occupados em caçadas e pescarias, pois corre por traz do barranco, e em grande extensão marginal, uma lagôa, com certeza rica em peixes e em patos, dos quaes vimos varios exemplares. Não estávamos, de facto, longe dos selvícolas; e o episodio mais interessante de toda a expedição ia ter começo no dia seguinte, em que acampámos na margem esquerda, a quasi 317 kilometros do passo da Linha, e a 108 do rio Juruena, bem defronte de uma aldeia nume-

rosamente habitada e situada a cavalleiro do rio, no cimo de pequeno morro.

“ — Havíamos feito 12 km. de levantamento, quando a canôa da mira foi advertida por gritos e risadas dos indios, que mais abaixo se divertiam no banho. Dêmos ainda uma estação para frente, afim de mais nos avizinharmos, suspendemos o serviço que vinhamos fazendo e, pronunciando algumas palavras nhambiquaras, que no momento nos ocorreram, iamos remando para baixo, com o intuito de escolher local apropriado para o nosso bivaque, pois todo nosso desejo consistia em estabelecermos relações amistosas com aquella pobre gente.

Muito felizes fomos na nossa pretensão, pois ao fazer a travessia para a margem esquerda, avistámos logo um limpo, nesta margem, fronteiro ao porto da “maloca”, (aldeia selvicola), e onde os selvicolas ainda se divertiam. Na absoluta despreocupaçãõ em que estavam de alguma visita importuna, sobretudo vinda por agua, e, ainda mais, de cima, nem presentiram a nossa aproximaçãõ.

“Annunciámos a nossa presença. Assim que ouviram o primeiro grito, naturalmente avistaram as nossas canôas e fizeram absoluto silencio. Não fosse a fumaça que sahia da “maloca” e que se elevava por cima da matta, e ainda mais a cobertura de palha do rancho, que somente de longe se avistava por entre a copa do arvoredõ, ninguem que por lá passasse, naquelle momento, supporia que talvez debaixo de cada arvore vibrasse um coração humano.

“ — Terminados os primeiros trabalhos da installaçãõ do nosso acampamento, tomei a canôa, tripulada por tres homens, e fomos fazer um reconhecimento, para baixo, com intençãõ, sobretudo, de ver se melhor poderiamos divulgar o rancho. Havíamos descido pouco mais de uns 150 metros, quando avistámos, á flor d'agua, e encostada á margem direita, em um pequeno porto, uma ubá que se achava alagada. Para lá nos dirigimos afim de examinar com mais attençãõ esta primitiva embarcaçãõ usada pelos indios e que consiste

em grande casca de arvore, tendo as extremidades dobradas, á guisa de prôa e pôpa; alguns roletes de pau atravessados no sentido da largura, afim de impedir a casca de se dobrar, e nada mais. E', enfim, perfeitamente identica ás usadas pelos Parnauáts.

“— Feito o ligeiro exame da ubá, e como verificassemos que a “maloca” ficava inteiramente encoberta pelas arvores, assentámos subir o rio, encostados á margem direita, a ver se descobriamos alguma novidade. Mal, porem, os canoeiros deram as primeiras remadas, eis que duas flechas nos silvam aos ouvidos, uma após outra, indo ambas perder-se no rio. O susto que passámos não foi pequeno, e creio que os canoeiros nunca em sua vida remaram com tanta rapidez, a ponto de quasi alagarem a canôa que, por muito pesada, pouco attendia á pressa que tinhamos em ganhar a margem opposta. Os que haivam ficado no bivaque e que não nos perdiam de vista naquella evolução, tudo observaram, e ficaram alarmados, mas puderam reparar que as flechas haviam passado por sobre as nossas cabeças, sem nos attingirem. Chegados ao bivaque, fomos novamente para as nossas canôas e recomeçámos os nossos appellos. O resultado obtido foi sempre o mesmo: o silencio.

“— Resolvemos então fazer nova tentativa. Desta vez iriamos ao porto dos indios, fronteiro ao nosso, e lá deixariamos machados e terçados, pois desta maneira elles veriam que os nossos intentos eram ainda pacificos, apesar do ataque haviamos soffrido, e que nada teriam que temer de nós. Munimo-nos de alguns terçados e machados e dirigimo-nos com muita cautela para a outra margem. Ainda desta vez não fomos bem recebidos; ao nos avizinharmos do porto, partiram outras duas flechas, disparadas sobre nós. Felizmente, como as primeiras, erraram o alvo. Voltámos precipitadamente para o bivaque, sem conseguir ainda desta vez apañhar as flechas, que foram logo arrastadas pela corrente. Instantes depois deste nosso segundo mallogro, os indios dei-

xaram-se finalmente ver, em varios pontos da margem, ricamente enfeitados, com as suas vestimentas de pennas multicores, entre as quaes predominavam as de araras, armados de arcos e maços de flechas, e dando gritos semelhantes aos que haviamos dado, a chama-los, arremedando-nos perfeitamente. Encaminhámo-nos incontinenti para o porto das canôas, e respondiamos aos gritos dos indios, e dentro em pouco ficámos familiarizados e trocámos risadas, uns arremedando os outros, imitando cantos e pios de aves conhecidas. Em pouco tempo estavamos nós e elles em franca palestra, em que uns repetiam o que os outros diziam, e ninguem se entendia.

“— Enquanto isto, ouvia-se na “maloca” um canto fahnoso, de muitas vozes, com batidas cadenciadas de pés e acompanhamento de sons de algum instrumento rudimentar... De todo esse apparatus, e tendo em vista os acontecimentos anteriores, concluímos que aquillo era um canto de guerra, não obstante a meiguice com que alguns, e principalmente um que supuzemos ser o chefe, procuravam imitar quanto diziamos. Entretanto, decorridos alguns momentos, o que nos pareceu ser o Chefe, tendo ao lado uma mulher, deu alguns passos á frente do grupinho que o cercava e chegando até a beira do rio, onde ficava inteiramente descoberto, apresentou-nos um seu filhinho, menino de 4 a 5 annos, segurando-o pelos pulsos e levantando-o como promessa segura de paz, e immediatamente tomámos a canôa. Fommo-nos aproximando aos poucos, tenteando a embarcação, e enquanto iamnos manobrando e remando, mostrámo-lhes machados e terçados, não se interrompendo a palestra que ambas as partes mantinham animada. Não lhes perdiamos os minimos movimentos, pelo menos daquelles que podiamos divisar, pois apesar de tudo que faziamos, elles, logo que embarcámos, recolheram-se um pouco para detraz das arvores. Estavamos proximamente a uns 30 metros delles, quando de novo nos alvejaram e atiraram suas flechas. Como das vezes anteriores, fizemos manobra com a possivel presteza,

virando a canôa para o nosso bivaque. Desta vez as flechas atiradas foram em numero de 4, das quaes conseguimos apanhar uma. Em vista de taes acontecimentos, mandava a prudencia que nada se tentasse naquelle dia. Assentámos então falhar no dia seguinte, para ver se seriamos mais felizes.

“— Já o crepusculo vinha cahindo e nada de melhor podiamos fazer do que contempla-los com o binoculo. São homens bonitos e fortes. Penso não haver duvida em que sejam Nhambiquaras. Usam flechas como as destes, salvo a differença de serem as pennas dirertrizes dispostas em helice. Os homens trazem, para se compôr e como defesa, pingentes de fibras; as mulheres nada vestem, a não ser collares e pulseiras, de que tambem os homens usam. Pintam-se: vi um com tres traços de tinta branca e preta nos pulsos, e outro com o rosto todo caiado de branco. Contámos 12 homens perfeitamente armados e enfeitados. Indias só vimos uma, a que secundava o marido, quando nos apresentava o menino: era moça, bonita, cheia de corpo e de boa altura. As outras, as velhas e as crianças, formavam provavelmente o côro que se fazia ouvir.

“— Observámos tambem uma roça, junto á “maloca”, pois distinguimos, por entre as brechas das copas das arvores e em cima do morro, bananeiras e ramagem de mandiocal. Do rancho nada pudeinos notar nem mesmo a fórma.

“Não passou de esperança o projecto de falharmos no dia 21 no “bivaque da aldeia”, para o fim exclusivo de estabelecermos relações de amizade com aquella pobre gente. Depois da terceira e ultima tentativa, ficaram elles ainda mais amaveis, na apparencia: repetiam o que diziamos, davam risadas; foram buscar uma camisa com que vestiam o menino; e, com um terçado igual ao nosso, abriram melhor um pequeno porto, cortando os ramos que desciam até quasi á flor d’agua, e abi estenderam uma rêde. Pensavamos que nos quizessem agradar, mostrando objectos que já nos

haviam pertencido. Entretanto o que faziam era um novo estratagemma, destinado a nos distrahir e inspirar confiança. E a prova disto tivemos na manhã de 21.

“Durante a noite transportaram-se elles para o nosso lado, servindo-se para isso da ubá, e cercaram-nos completamente, ficando, á espera de que rompesse o dia, para nos dar assalto. Como de costume, ás 5 horas puzemo-nos em movimento. Dirigimo-nos para as canôas e gritámos, chamando por elles varias vezes; mas em vão. Julgámos que ainda estivessem accomodados, devido ao frio que fazia, á pouca claridade do dia e á espessa cerração que cahia. Contudo, não deixámos de reparar naquelle silencio, que nos causou alguma desconfiança. Longe, porem estavamos de suppôr que já nos achassemos inteiramente rodeados por elles. Voltámos para os toldinhos que nos serviam de barraca e mandámos servir o café.

“— Nesse momento, eis que nos cahe, de todos os lados, uma verdadeira saraivada de flechas, acompanhadas de ruído forte das vozes e do tropel dos indios que se aproximavam e nos apertavam com seus tiros certos. Atacados assim de surpresa, não foi pequeno o nosso desconcerto. O pessoal, assustado, correu para o toldinho em que eu ainda me achava, gritando: “flecha! indios!” Acto continuo sahi do toldo, tendo antes apanhado uma arma de caça que possuímos, ordenando-lhes que não corressem e que atirassem para o ar. Eu mesmo dei o primeiro tiro, e foi o que nos valeu, pois o pessoal, com o susto e com as recommendações que tinha de não atirar, abandonara as armas. Com o disparo, os indios amedrontaram-se e correram: a calma entre nós restabeleceu-se mais ou menos.

“Pena foi que os efeitos desta occorrença não ficassem só no grande susto que passámos. Della resultou sahirem feridos dois homens, um levemente, o Antonio Correia, attingido na columna vertebral, abaixo do pescoço, onde a ponta de flecha penetrou uns tres ou quatro millimetros; o

outro, gravemente, o Marcellino Borges, que, coitado! não teve sorte na expedição: foi picado por cobra, naufragou ainda doente e, por fim, teve a infelicidade de receber uma flechada que lhe attingiu a ante-coxa e varou-a até a região iliaca. Pouco tempo aguentou de pé, devido ás dores e á abundante hemorragia. O Sr. Serapião fez promptamente os curativos, que ambos os casos exigiam.

“Dada a attitude dos indios e tendo em vista nossa situação, resolvemos levantar acampamento sem perda de tempo e proseguir o serviço topographico. Enquanto se faziam os necessarios curativos e se carregavam as canôas, passámos em revista os arredores, verificando a posição occupada pelos assaltantes na ocasião do ataque. Vimos então que pouco faltou para entrarem na pequena area do nosso bivaque, pois a linha de ataque chegou a menos de 30 metros dos nossos toldos. Alguns delles apavorados com o tiro, largaram as flechas, e um houve que até o arco deixou. Estas armas foram por nós recolhidas, tendo-se perdido muitas outras no rio. O plano do ataque fôra bem concebido: acima, abaixo e por um dos lados, elles se dispuzeram, francamente resolvidos a nos aniquilarem; do outro lado estava o rio. Caso algum quizesse escapar por alli, não poderia ir muito longe, porque acima e abaixo havia grupos de guerreiros, bem como na margem opposta, onde seria loucura procurar refugio. As margens estavam guarnecidas, não podendo ninguem, consequentemente, aproximar-se dellas sem risco de vida.

“Ficámos, por isso, privados de proseguir o levantamento a telemetro. Tivemos de nos utilizar, para o calculo das distancias, da velocidade da canôa. Fiz descer a balsa com o doente e em seguida, a canôa da mira, enquanto eu subia com a minha até o ponto em que havíamos deixado o serviço no dia anterior, de onde reencetámos o levantamento do rio.



“Os índios não deram mais sinal de si; deixaram passar aquellas duas embarcações; mas, quando chegou a nossa vez, ao enfrentarmos a bôca de um igarapé, existente a uns metros abaixo do bivaque, atiraram sobre nós uma cerrada nuvem de flechas. Vimos, então, nesse ponto e bem na abertura produzida pela barra do igarapé, o grupo que nos atacava e a ubá. Para acalmar a tripulação da canôa e, sobretudo, para evitar que alguns apavorados se atirassem a agua, tive necessidade de fazer mais dois disparos para o ar.

Os selvícolas com isso pouco se incomodaram; puzeram-se a arremedar os gritos que davamos, chamando-os, e riam-se a valer da nossa situação.

— Pelo seguro, levámos o serviço pelo meio do rio, á velocidade, e assim continuámos por oito kilometros, ao fim dos quaes encontrámos uma ilha a que aportámos; reunimo-nos então e reorganizámos a marcha, para dahi continuarmos com o levantamento do telemetro.

“Antes de abandonarmos o nosso acampamento da aldeia, deixámos como signal de despedida alguns machados e terçados collocados sobre um giráu”.

Commentando a emocionante narrativa acima transcrita e rebatendo a conclusão a que chegou o tenente Vasconcellos sobre a identidade do grupo selvícola que atacou a expedição, disse o General Rondon o seguinte:

“Da narrativa deste interessante episodio, em que se vê, ao mesmo tempo, mais um exemplo frisante dos methodos e processos usados pela Commisão de Linhas Telegraphicas, nas suas relações com as tribus indígenas encontradas nos sertões em que ella teve de operar, e a calma e resoluta coragem do official que dirigiu a acção, imprimindo-lhe um cunho tão altamente cavalheiresco, infere-se ter o tenente Vasconcellos supposto que os índios do curso inferior do rio Sangue pertenciam á nação Nhambiquara. Tal supposição, porém, deve ser rejeitada, não só pelo facto do proprio tenente Vasconcellos não ter ouvido d’aquelles índios nenhuma palavra do vocabu-

lario nhambiquara, como tambem, e principalmente, pela constatação de possuírem os indigenas em questão praticas e usos que absolutamente se não coadunam com os dos nossos conhecidos habitantes da zona comprehendida entre o Juruena, o Commemoração de Floriano e as cabeceiras do Roosevelt. Além da differença notada, no decurso da narrativa, quanto ao modo de collocar as pennas directoras do vôo das flechas, ha mais a que resulta do uso da rêde e da pratica da navegação. E' já sabido que os Nhambiquaras se deitam directamente no solo, sem outro cuidado senão o de escolher, para isso, logares cobertos de areia, e que, para os seus transportes por agua, limitados a simples passagens de uma para outra margem dos rios, nada mais empregam que umas boias de talos de burity, com que auxiliam a natação. Ao contrario disso, os moradores do rio do Sangue dormem em rêdes, que necessariamente fabricam e ainda mais, sabem construir ubás e utiliza-las. Por este ultimo traço, somos levados a crêr que elles pertencem ao grupo ethnographico dos Tupys, possuidores, como se sabe, de uma civilização muito mais adiantada que a dos Gês. Não podemos, por ora, determinar a tribu de que elles se teriam destacado nem a época em que isto se deu; mas temos como certo que com elles occorreu o mesmo que os Parnauáts, os quaes são parte da antiga tribu tupy, que em tempo já um pouco remoto se internou no alto sertão occupado por nações de outra origem, e alli se installou no meio dos povos pertencentes a civilização inteiramente diversa da sua".

## NOTAS

NOTA 18 — O nome completo deste intrepido official é Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcellos, e o seu posto actual é de capitão. Sob a direcção de Rondon trabalhou não só na Commissão Telegraphica, desde Fevereiro de 1912 até Julho de 1918, como tambem no Serviço de Protecção aos Indios (Chefia brilhantemente este Serviço, no posto de Coronel da activa, ao ser publicada a edição de 1940 deste livro). Além da affinidade

que o liga ao chefe como adepto do positivismo, vibram nelle todos os enthusiasmos e convicções com que Rondon encara o problema que aquelle serviço encerra: é um protector apaixonado dos nossos selvícolas, capaz de arriscar a vida, como mais de uma vez já succedeu, em holocausto a tão nobres ideaes. E' um typo de energia que honra nossa raça. A figura sympathica e intelligente, reúne a palavra rapida, insinuante e franca, que reflecte claramente os seus sentimentos, armada sempre do argumento incisivo e de accento convincente. E a palavra espelha a sua actividade incansavel, a sua iniciativa aguçada, como a presença de espirito exigida no sertão para os momentos criticos de quaesquer acontecimentos tragicos e imprevisitos. Inflexivel quando traça as suas directrizes de acção, sempre inspiradas por uma nitida comprehensão de seus deveres, possue assim uma das principaes qualidades de um chefe para actuar isoladamente no sertão. A sua coragem pessoal é dessas que não tergiversam e explodem abruptamente em reacção leal e immediata, onde quer que surja uma acção corrosiva, que pretenda pôr em xaque a sua autoridade. Contarei a este proposito uma passagem que melhor concretizará o meu pensamento e mais bem conhecido torne o perfil moral deste distincto official.

Chefiava elle no sertão uma turma de serviço a que fóra admittido certo pratico de curar, que, á falta de professional competente, exercia a função de medico. A turma explorava terras desconhecidas, habitadas por selvícolas que se mostravam hostis á expedição. Não obstante esta hostilidade, o tenente Vasconcellos, pondo em pratica o evangelho de Rondon em face de ataques semelhantes ("Affrontar todos os perigos, até a morte; matar, nunca!"), prohibia que os seus subordinados fizessem uso das carabinas de que estavam armados, salvo caso extremo de defesa da propria vida. O *médico*, porém, entendeu pôr embargos a taes determinações e pleiteou para si o absurdo privilegio de resolver o problema de modo differente, entendendo lá no seu bestunto, que a uma flechada devia responder-se com um tiro, pelo menos. O tenente Vasconcellos deu-lhe então ordens mais terminantes, contra as quaes ainda pretendeu recalcitrar, recuando, porém, desse vão proposito deante da seguinte intimação decisiva e energica: "Se atirar contra os indios, atirarei eu contra você!... Experimente". E' claro que este convite não foi acceto pelo truculento curandeiro, cujo proceder, d'ahi em deante, poderia ser legitimamente apresentado como modelo de disciplina e subordinação...

## CAPITULO VI

# EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DO RIO PAPAGAIO

Os trabalhos desta exploração, como os já descriptos (Telles Pires, Ikê, Juruena e Sangue), referem-se ainda ao estudo do valle do Tapajós, como também ao mesmo estudo se prenderá a descripção que farei, em capitulo subsequente, sobre a expedição ao rio Arinos, realizada pela Comissão Rondon em 1914. A exploração do rio Papagaio constituiu importante serviço que ficámos devendo á orientação do General Rondon, quando traçou e executou magistralmente o programma da Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon (V. nota n. 19). Quando esta expedição (1913/14) chegou á estação telegraphica de "Utiarity", nome também do bellissimo salto do rio Papagaio, junto ao qual foi construida, Rondon destacou uma turma destinada a reconhecer e explorar o rio Papagaio, a partir deste salto até sua fóz no Juruena. Desde Outubro de 1913, época em que recebeu o convite do ministro do Exterior, Rondon havia determinado a immediata construcção de canôas apropriadas á descida do Papagaio, de fórma que a Expedição Roosevelt já as encontrou ali promptas para serem utilizadas nessa projectada travessia.

O official destacado para a execução destes trabalhos, que comprehendiam o levantamento expedito do Papagaio, foi o então 2.º tenente Lauriodó de Sant'Anna (v. nota n. 20), hoje capitão da cavallaria. Da commissão norte-americana foi designado o capitão miliciano Antony Fiala, a quem Rondon, por deferencia diplomatica, attribuiu a chefia de honra da sub-expedição.

Sobre o rio Papagaio, diziam as importantes "conclusões geographicas" do 1.º relatório apresentado pelo general Rondon (Estudos e reconhecimentos):

XI — *Sauêruiná ou Papagaio*. — Como os anteriores, este rio nasce em plena linha divisoria do chapadão formado pelas cabeceiras Sauêruiná-suê e Zolorê-suê. Este nome foi o de um cacique celebre, e caracteriza o Caxinití; um índio pareci — Caxinití, ao dar o seu nome, accrescenta: "filho de Zolorê." As coordenadas da origem da cabeceira principal, a Sauêruiná-suê, são: Lat. S. 14º 30'; Long. W. Rio 15º 50' apr. E' seu contravertente o braço mais oriental e septentrional do Jaurú, cujas cabeceiras são a Jaurú-suê e a Xiviolonô-suê.

"Nenhuma geographo salientou bastante a importancia deste rio; entretanto é elle o principal affluente da margem direita do Juruena. Aliás é isto facil de apreciar se considerarmos que, no seu curso medio, elle recebe pela margem direita o Timalatiá ou Sacre e pela esquerda o Zolaharuiná ou Burity, rios ambos volumosos.

"O agrimensor Blaimont, subdito francês, que conseguiu auxilio da União para publicar uma carta geographica sobre Matto-Grosso, figura o Sauêruiná como collecter entre rio Verde e Burity. Basta cotejar as coordenadas das nascentes dos dois rios e medir os respectivos volumes, para que se veja quanto andou errado o referido agrimensor. Nem podia ser outro o resultado dos seus trabalhos geographicos nessa zona, porquanto, "de visu", esse autor só pôde conhecer, em estudo de seringas, pequenos trechos desses dois rios, acima dos seus grandes saltos, onde o aspecto do primeiro fa-lo parecer mais portentoso, em rapida inspecção local, do que effectivamente ensina um estudo mais honesto. Infelizmente nenhum credito pode attribuir-se aos trabalhos do Sr. Blaimont, pois que, por sua conta corre uma celebre troca de seringas, arrastando comsigo o rio Cravary do seu leito verdadeiro para outro que é phantastico, afastado mais de um

grau e meio de longitude, da sua verdadeira posição. Com isto o Cravary foi transformado em affluente da margem esquerda do Juruena, o que quasi nos arrastou a uma questão diplomatica.

“O Zolaharuiná ou Burity tambem nasce na linha divisoria, um pouco mais ao norte das nascentes do Papagaio, na Lat. S. 14° 20' e Long. W. Rio 16°. Pelas suas cabeceiras, Zolaharuiná-suê e Talorê-suê, contravertem com o braço mais occidental do Jaurú (v. nota 21) e com o mais oriental do Guaporé. E' affluente da margem esquerda do Papagaio”.

Ainda no mesmo relatorio constam as referencias que enfeixei na nota n. 22 e que dizem respeito á forma especial da vegetação predominante nas margens do Papagaio, conhecida em Matto-Grosso mais commumente por “Charravascal”.

A expedição ao Papagaio permittiu a Rondon corrigir tambem a hypothese que formulara sobre o curso do rio Sauêuiná ou rio Maracanã. Esta correcção foi por elle assim exposta:

“Pela esquerda e depois da estação de Utiarity, o Papagaio recebe o Burity, e em seguida o Sauêuiná ou rio Maracanã, a respeito do qual haviamos commettido o engano de dizer, nas conclusões geographicas do volume já publicado do nosso relatorio sobre Estudos e Reconhecimentos, que era affluente directo do Juruena; a rectificação que deixo aqui consignada, resultou dos trabalhos da mencionada expedição Lauriodó-Fiala.

“Pela direita, o Papagaio recebe, depois da estação de Utiarity, mas antes da foz do Burity, o rio Sacre ou Timatiá, que a elle chega engrossado pelo tributo do rio Verde (V. nota 3 noutro capitulo) ou Tahurúiná, como lhe chamavam os Parecís. Este affluente do Sacre marca o limite oriental de sub-bacia do Papagaio; “*Não figurava em nenhuma carta geographica anterior aos trabalhos da Commis-*

*são de Linhas Telegraphicas*” (o gripho é da transcrição), e também não deve ser confundido com o Agua Verde ou Anhanazá, contribuinte do Arinos, que foi erradamente inscripto pelo Padre Badarlotte, no esboço da carta de que fez acompanhar a sua memoria intitulada: “Exploração do Norte de Matto-Grosso, 1898”, como um dos formadores do Xacurúí-ná dando-lhe o nome de Rio Verde.”



A descida do Papagaio pela expedição Lauriodó-Fiala, foi iniciada no dia 7 de Fevereiro de 1914, data que ficou duplamente memoravel, porque marca também a do naufragio com que a turma fez a sua estreia na exploração de que se incumbira. As canoas expedicionárias precipitaram-se em forte correnteza e afundaram-se. Todos os expedicionarios que sabiam nadar, trataram de se salvar e de salvar as embarcações e as cargas; o chefe americano, porem, não sabia nadar e debatia-se desesperadamente dentro do rio, ora desaparecendo no seio das aguas revoltas, ora surgindo mais a jusante, arrastado pela correnteza, para tornar a mergulhar, cada vez mais asphyxiado. Os seus movimentos desordenados indicavam claramente que já sentia o calafrio da morte, e dir-se-ia que a esperança de o salvar havia desaparecido do cerebro daquelles que não pensavam só em si. Mas não, dentre os canoeiros, surgiu o vulto magnanimo do caboclo gayano Agostinho Ferraz de Lima (V. nota n. 23) que se afoitou a salvar a vida do capitão Fiala. Nadou em direcção ao naufrago, mas foi por elle rapidamente enlaçado no terrivel amplexo em que a força humana é multiplicada pela imminencia do perigo e pelo instincto de conservação... E ambos mergulharam até o fundo do rio. Agostinho apprehendera bem a situação em que se encontrava em ão e, com energica repulsão conseguiu desvencilhar-se desse terrivel abraço. Voltou depois á tona d'agua para respirar e mergulhar de novo, imperterrito e tenaz, em busca do naufrago,

que pela segunda vez o agarrou fortemente. Afinal, o canoeiro mudou de tactica e conseguiu, com violento sôco, evitar o terceiro abraço, que seria talvez fatal para ambos; pôde assim conduzir para terra o corpo desfallecido do naufrago, que recuperou aos poucos a respiração, graças aos soccorros apropriados que lhe foram ministrados.

Não houve, pois, victima alguma a lamentar desse naufragio, mas perdeu-se uma canôa e ficaram inutilizados os viveres que a expedição conduzia, o que obrigou os expedicionarios a remontar o rio, em busca da estação telegraphica de Utiarity, afim de se reabastecerem e obter outra canôa. Refeita dos recursos indispensaveis á longa travessia do sertão, recomeçou a expedição os seus trabalhos no dia 11 de Fevereiro.

No dia 12, passaram pela fôz do rio Sacre, affluente da margem direita; a 13, mais abaixo, encontraram a bôca do Burity, á margem esquerda; finalmente mais a jusante, assignalaram a affluencia do Sauêuiná, pela margem esquerda, cujas águas vêm engrossadas pelo Uatiá-úiná. (V. gravura n.º 7).

Os expedicionarios penetraram depois no rio Juruena, no qual se lança o Papagaio, que contribue com trezentos mil e cento e noventa e dois litros por segundo para lhe augmentar o volume. Proseguindo penetraram no rio Tapajós, cujo portentoso salto "Augusto" ultrapassaram na data anniversaria da promulgação da "Carta Constitucional Republicana" (24 de Fevereiro).

De S. Luis do Tapajós, foram os expedicionarios conduzidos a Santarem do Pará, por navio da carreira regular existente entre estes dois portos fluviaes.

Finalmente subiram o Amazonas e se transportaram a Manaus, em navio do Lloyd Brasileiro, attingindo esta cidade no dia 26 de março de 1914.

O tenente Lauriodó chegou bastante abatido por fortes accessos de impaludismo, mas, submettido a cuidados médicos, promptamente melhorou, tanto que em abril já tomava parte no grupo que a photographia junto reproduz.



O ribeirão Uatiá-úiná, a que antes nos referimos, affluente da margem direita do Sauê-úiná, foi transposto e assignado pela "Expedição de 1907", e ficou gravado nos fastos da Commissão Rondon por ter sido então theatro de episodio muito caracteristico e assim narrado pelo general Rondon.

"O reconhecimento attingiu o Uatiá-úiná, que os seringueiros já começavam a chamar de rio da Agua Quente, o que fiz rectificar para rio do Calor, porque Uatiá significa "calor" e não "quente".

"Este rio do Calor, nos apresentou séria difficuldade para sua transposição. Extensos brejos cobrem as suas margens, e no ponto em que o attingimos foi-nos impossivel achar vão apropriado á nossa passagem. Tive de enfrentar esses brejos, improvisando um passo através de pequeno matto "resfriado" da margem direita e do "resfriado" maior e descampado, da margem esquerda. Em poucas horas achava-se o pique feito, assim como o estivado provisório de folhas de burity e galhos de arvores, sobre os quaes se collocavam os couros dos ligaes nos lugares mais atoladiços. Não foi sem grandes trabalhos que vencemos essa barreira, difficuldades accrescidas por torrencial chuva que desabou, aggravando nossa situação. Para nos safarmos mais promptamente dos brejos, teve o chefe da expedição com seu ajudante e auxiliares, de ajudar a carregar a bagagem, as cangalhas e os couros: foi obrigado a este extremo justamente no momento em que via os soldados e "camaradas" desanimados e exhaustos. Muitos dos cargueiros foram retirados do paul a panca e a laço."

No rio Papagaio desenrolou-se também um dos mais culminantes episodios das expedições chefiadas pelo general Rondon. O regresso da "Expedição de 1907" foi realizado sob a perseguição dos indios Nhambiquaras, que então hostilizavam a Commissão Rondon. A retirada penosa, porque os expedicionarios que haviam palmilhado 967 kilometros do sertão, já não tinham mais carne e o sal se acabara, justamente na data em que foi ella apprehendida, alcançou as margens

desse rio depois que a situação geral se havia tornado ainda mais precaria, com a perda de dois dos poucos muares esqueléticos que ainda existiam, na travessia do Burity. Ao cansaço e enfraquecimento geral do pessoal, veio juntar-se a grande decepção de não encontrarem a canôa com que contavam para a travessia e que alli deixaram amarrada á margem esquerda, na ida: os índios, haviam-na feito desaparecer e provavelmente combinaram alguma acção de guerra baseada nesse acto de hostilidade, cujo effeito moral repercutiu dolorosamente, tornando evidente o extremo desanimo de todos, menos do chefe, cuja energia masculina ia produzir uma das mais bellas paginas de sua vida no sertão. Testemunha occular referiu-me, com côres nitidas, o quadro desalentador que então se apresentou e que lhe parecia o fim trágico de toda a expedição: os homens desanimados, rojavam-se ao sólo, sem coragem de emprehender o minimo esforço, dominados por invencivel torpor e como que resignados a alli se deixarem matar pelos selvícolas que flanqueavam a columna.

Rondon, num seguro relance d'olhos, comprehendeu o esgotamento dos seus homens e, pois, a dupla necessidade de atravessar o curso d'agua, para acampar na margem opposta, interpondo esse formidvel desfiladeiro entre a sua gente e os guerreiros Nhambiquaras; e, chefe insubstituivel em tão difficil emergencia, lançou-se elle proprio á corrente, para salvar a expedição de um fracasso, á custa embora de seu esforço isolado e sobre-humano. Desde as 13 horas até as 18 da memoravel tarde de novembro, nadou elle ininterruptamente de uma para outra margem, conduzindo a reboque uma pelota de couro crú, dentro da qual effectuou a travessia de todo o pessoal e de toda a carga da expedição! Para ter mais livres os membros e facilitar, por consequente, a natação, servia-se dos dentes para agarrar a ponta do cabo de reboque! Só os seus officiaes ("noblesse oblige!") recusaram deixar-se conduzir assim pelo valoroso chefe. O tenente Lyra, de saudosissima memoria, que era um de seus prestimosos e competentes ajudantes e como tal presenciou o lance

heroico, affirmou-me que, para incutir no seu pessoal a convicção de não o fatigar semelhante esforço, Rondon se mantinha dentro d'agua, a evoluir contra a correnteza, mesmo durante o tempo em que a pelota era encostada á margem quer para o embarque, quer para o desembarque!

Para terminar e para que os leitores tenham uma prova da modestia desse homem fóra do commum, aqui lhes apresento a fórmula singela com que narrou elle essa emocionante passagem em seu relatório:

“Os índios haviam lançado rio abaixo a canôa que tinha servido para nos transportar da margem direita para a esquerda, na nossa ida. Mas era preciso avançar, isto é. transpôr o pessoal, a tropa e a carga para a outra margem, o que pude executar nadando de uma hora ás seis da tarde, consecutivamente.”

Além de outros saltos, de menor importancia e belleza, o valle do Papagaio conta dois formidaveis thesouros de força, cujas primeiras photographias, tomadas pela Commissão Rondon, que os cinematographou tambem, foram por mim publicadas nas “Impressões da Commissão Rondon”:

1.º -- O salto *Utarity*, do rio *Papagaio*, com oitenta metros de altura, 80.000 litros de descarga por segundo, e o potencial utilizavel de 55.000 cavallos-vapor.

2.º — O Salto *Bello*, do rio *Sacre*, com quarenta metros de altura, 70.000 litros de descarga por segundo, e o potencial de 24.000 C. V.

A gravura n.º 9, deste livro, nos fornece um novo e bello ponto de vista do 1.º destes, motivo pelo qual aqui a inclúo.

Porto Alegre, Agosto de 1925.

## NOTAS

NOTA 19 — A “Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon”, foi organizada pelo então Ministro do Exterior dr. Lauro Müller,

em fins de 1913, para attender aos desejos que Roosevelt manifestara de atravessar o interior do Brasil. Para bem definir as incertezas que pairavam no nosso ambiente diplomatico, quanto ao objectivo real desse projecto e para mostrar qual a firme decisão que, não obstante aquellas duvidas, partiu immediatamente do General Rondon, traçando desde logo um programma de alta envergadura, transcrevo o que publiquei a este proposito em meu livro "Impressões da Comissão Rondon".

"O Governo Brasileiro, attendendo aos desejos manifestados pelo notavel e saudoso estadista da America do Norte, organizou uma comissão brasileira para o acompanhar na arrojada travessia do sertão de nossa Patria, e escolheu para chefiar essa comissão — "the right man to the right place" — o então Coronel Rondon.

.....

Respondendo ao convite que lhe foi feito pelo ministro Lauro Müller, por telegramma, accedeu Rondon immediatamente, para attender ao appello que lhe fazia o Governo, ponderando em todo caso que estaria prompto para o desempenho da comissão, certo de que *"não se tratava de um mero passeio de "sport" mais ou menos perigoso, mas que o Governo ligaria aos intuitos de uma travessia pelo sertão, objectivos scientificos de utilidade para nossa Patria"*. Isto indica o ponto de vista elevado em que Rondon se collocou e, ao mesmo tempo, evidencia estar elle ao par do que se passava no mundo, não obstante viver no sertão tantos annos seguidos! Na verdade, depois que Roosevelt fez a sua expedição á Africa, a presumpção geral era que o arrastavam exclusivamente preocupações cynegeticas. No decorrer da Expedição Roosevelt, adquirimos a convicção de que o seu espirito superior e a sua coragem individual, só estavam ao serviço das caçadas, com o nobre objectivo de obter especimes destinados ao Museu de New York e com os desejos de ser elle proprio o caçador dos animaes de maior porte e de aquisição mais perigosa".

NOTA 20 — O tenente Lauriodó serviu na Comissão Rondon desde 1911 até 1916; incorporou-se na expedição Roosevelt, quando esta attingiu o porto de Tapirapoan, no rio Sepotuba, lugar onde se confundiram as nossas trajectorias do sertão, a minha e a delle. Lamento não ter elementos para melhor familiarizar os leitores com esse novo personagem dos meus contos; direi entretanto, alguma coisa que lhe permita conhecer um pouco de sua psychologia. Ha um traço predominante em seu character recto, que impressiona os que delle se approximam: uma calma estupenda

e imperturbavel, deante de quaesquer acontecimentos. As suas maneiras distinctas e a elegancia natural com que attrahe todas as sympathias, parecem em contradicção com a estoica resistencia, a energia, a coragem e mesmo a indifferença com que elle recebia os choques imprevisos do sertão e a maneira como se conformava sempre com as suas consequencias. O seu typo tem qual-quer coisa de original e de indefinivel. A sua "philosophia" individual repellia a applicação do quinino e de outros preventivos contra a malaria, dos quaes não fez uso no decorrer de sua expedição, embora os houvesse recebido em quantidade sufficiente para attender á prophylaxia de toda a turma. E quasi lhe foi fatal a applicação de suas theorias, pois que chegou muito mal a Manaus, onde teve de se internar em um hospital, para se curar do impaludismo.

NOTA 21 — Ha em Matto-Grosso dois rios com este nome: um ao Sul, affluente da margem direita do rio Coxim e o mais importante de seus tributarios, com 180 kilometros de curso; e outro ao Norte, affluente da margem direita do alto Paraguay e cuja fóz está situada do lado opposto e proxima á cidade de S. Luis de Caceres. A este ultimo é que se refere a exposição.

Ha ainda o rio Jarú, affluente da margem esquerda do rio Gy-Paraná, ou Machado, da bacia do Madeira. Junto a este existe agora, com o mesmo nome, designativo tambem de um grupo de indios, a estação telegraphica ali inaugurada pela Comissão Rondon: "Jarú".

NOTA 22 — "Uma feição característica é offerecida pelas margens do Sauçuíná (Papagaio) em varios pontos de seu curso, a qual, como observei, nas expedições seguintes (1908 e 1909), se estende até as aguas do Madeira. Essa vegetação é conhecida em Matto Grosso pelo nome de "Charravascal" ou chavascal; pertence á associação aberta, xerophila e se aproxima dos typos que na Argentina denominam "espinhal", no Mexico e Texas "chaparral", na Australia — "scrub" e no sul da Africa — "brusch".

"E' uma vegetação baixa, de cerca de tres metros de altura composta na sua maior parte de uma leguminosa de flôr amarella, de tronco fino, recto e duro; tão junta tem uma arvore da outra que nem o fogo consegue nella passagem para o corpo do homem; tal é a densidade desta floresta anã. Uma ou outra arvore de porte mais saliente cresce e vive alli associada.

"Complicando mais esta trincheira natural, apparecem as lianas e os espinhos de toda a natureza, entre os quaes é commum a japecanga, (*Smilax-chequem chilensibus*), o gravatá de gancho (*Bromelia karatas*), o capim navalha (*Ichnanthus Bombussiflorus*

*Doll*), terror dos *mateiros*. É muito commum associar-se á sua vegetação a cambauva ou cambaiuva, bambusacea que se alastra, confundindo as suas touceiras. Essa forma de vegetação estende-se até além do rio Camararé, para o poente, por largas zonas, onde o explorador só de facção em punho consegue abrir um tuncal para sua passagem. Na condensação de taes plantas, se bem que baixas, a luz do sol pouco penetra na epoca das chuvas, o que determina, pela humidade allí guardada, o desenvolvimento de musgos diversos, já pelos troncos e galhos das pequenas arvores, já no proprio solo, onde cresce commumente uma "especie", de aspecto semelhante ao da esponja do mar e, por isto, chamada "esponja vegetal". (É uma providencia natural para as aves rasteiras e animaes de pequeno porte, essa vegetação; ella absorve abundantemente a humidade do ar guardando-a, para dar-lhes agua pela manhã).

"Não é propriamente uma "caatinga" essa associação vegetal, porque nesta predominam as pastagens espinhosas e se desenvolvem ás vezes certas gramineas, permittindo a criação do gado, ao passo que no "charravascal", a não ser a cambaiuva e raramente o andrékicé, nenhuma outra forragem existe, sendo absoluta a falta de vegetaes gordurosos, característicos da "caatinga". Em uma palavra, a densidade da vegetação fina é de tal natureza que a torna impenetravel; assim a região do chavascal nem pelos indios é atravessada e a anta raramente ahi se encontra. É o "habitat" predilecto das cotias, certas especies de tatú, ratos, gambás e outros animaes pequenos.

"Essa formação só é encontrada nos valles dos rios e cabeceiras onde a areia constitue o solo, havendo uma transição do cerrado para o chavascal e deste para o matto, em que o pau rosa é o característico".

NOTA 23 — Quando eu exercia o cargo de chefe do Escriptorio Central da Comissão Rondon, no Rio de Janeiro, requisitei do Ministerio do Interior a concessão da medalha humanitaria de primeira classe (de ouro), com a qual foi afinal condecorado esse canoeiro que até 1922 anno em que deixei aquella honrosa chefia, ainda estava em serviço da mesma Comissão, como inspector de linhas telegraphicas.

São dignas de meditação as seguintes palavras, com que Rondon refere o episodio decorrido na corredeira do rio Papagaio, a que se convencionou depois chamar "Rapido Fiala":

"...Ei-los por fim em terra, ambos vivos, o cap. Fiala e o seu salvador, o canoeiro Agostinho Ferraz de Lima, um sertanejo, goyano, obscuro heróe, tão destemido e devotado "camarada"

como o geral dos representantes da forte raça dos nossos caboclos, incessantemente vilipendiados por escriptores nacionaes e estrangeiros, que se disputam a palma de malsinar tudo quanto é brasileiro e destruir nas almas a confiança no futuro de nossa nacionalidade, deprimindo-a nos seus homens, nos seus brios e na sua indole”.

## CAPITULO VII

### EXPEDIÇÃO AO RIO ARINOS

Com a descripção desta expedição fecharei o cyclo das que tiveram por objectivo commum o reconhecimento, a exploração e o levantamento da vasta bacia do Tapajós.

Comquanto conhecido desde 1746, navegado pela expedição Langsdorf que o estudou scientificamente em 1827 e geographicamente assignalado por William Chandless, em 1861, coube á Commissão Rondon a gloria ainda de completar o levantamento do seu curso, até então só executado parcialmente, de certo ponto para a fóz; de organizar a sua planta topographica, com pontos de amarração determinados por coordenadas geographicas; e de offerecer o quadro comparativo da altitude de seus pontos principaes, isto é, o nivelamento de seu curso total, desde as nascentes até a fóz.

O Arinos foi ao principio navegado ao sabor da corrente, mas depois o foi nos dois sentidos e durante muitos annos serviu ao commercio entre Matto-Grosso e Pará, como unica via de communicações, só abandonada quando se descobriu o caminho do Rio da Prata-Paraguay-S. Lourenço-Cuyabá; até então por elle exportava aquelle Estado os seus productos mineraes, principalmente ouro e brilhantes das cercanias e de Cuyabá e Diamantino, e importava o guaraná em grande escala e outras mercadorias que, através de grandes difficuldades, subiam o rio, vencendo corredeiras e cachoeiras innumeradas, até serem desembarcadas em Porto-Velho do rio Preto, affluente do Arinos pela margem esquerda.

A primeira tentativa de o navegar foi levada a effeito pelo sargento-mór João de Sousa Azevedo, em 1746. Este arrojado explorador portuguez, para realizar essa tra-



vessia, subiu o rio Paraguay e penetrou no Sepotuba, de cujas margens atravessou por terra suas canôas para as aguas do rio Sumidouro, affluente do Arinos, cabindo afinal neste ultimo rio, que desceu, passando successivamente pelo Juruena, Tapajós e Amazonas, para attingir Belém do Pará.

Foi Sousa Azevedo quem deu o nome de Sumidouro ao affluente do Arinos pelo qual descera, justificando-o com o facto, por ele narrado, de que este curso d'agua atravessa, em tunel de cerca de tres kilometros, um certo monte. Da narrativa, segundo Ricardo Franco, deprehende-se que o explorador fez lançar as suas canôas á entrada da agua nesse tunel natural e conseguiu detel-as de novo ao sairem do lado opposto, onde chegaram intactas.

A segunda tentativa foi realizada, em 1805, pelo furriel Manoel Gomes de Sousa, por ordem do governador Alves Menezes, com o percurso do mesmo itinerario da expedição Azevedo. Como seu antecessor, Gomes declarou tambem impraticavel a navegação do Arinos nos dois sentidos.

Entretanto, posteriormente, Antonio Thomé de Sousa e Miguel João de Sousa conseguiram navegar o Arinos nos dois sentidos, em 1812, realizando uma viagem redonda com que foi iniciado o transito fluvial intenso que perdurou largo tempo, nos dois sentidos, o qual cessou depois completamente, pelo motivo já apontado.

Para reviver essa navegação, que historicamente parecia um monopolio dos "Sousas", e para os estudos geographicos assignalados linhas atrás, Rondon designou o então 1.º tenente Julio Caetano Horta Barbosa, sobre quem já escrevemos a nota n.º 10, appensa ao capitulo relativo á "Exploração do rio Ikê", serviço tambem por elle dirigido brilhantemente em 1912 (V. a phot. deste official na gravura n.º 5 deste livro).

A turma expedicionaria partiu da capital do Estado de Matto-Grosso em 17 de Outubro de 1914, sob a chefia daquelle distincto official do Exercito, com um medico, capitão

dr. João Florentino Meira, actualmente major medico, um naturalista brasileiro, o sr. João Geraldo Kuhlmann e 14 trabalhadores.

Segundo instrucções formuladas pelo general Rondon, além do levantamento topographico do Arinos, desde suas mais altas cabeceiras, devia o tenente Julio determinar precisamente essas cabeceiras, ainda geographicamente desconhecidas, e traçar o divisor de aguas em relação ás contra-vertentes dos rios Paraguay e Cuyabá; devia determinar as divisorias secundarias entre a bacia do Arinos e as do Paranaatinga e Juruena, que correm respectivamente a Leste e Oeste daquelle curso d'agua; devia ainda executar o levantamento do rio Sumidouro, historico affluente percorrido pelo descobridor do Arinos; e, finalmente, realizar o levantamento do varadouro que liga o Tapajós ao rio Sucundury. Accresciam, a este já tão dilatado programma, as incumbencias da determinação das coordenadas geographias dos pontos mais notaveis, medição das descargas dos principaes affluentes do Arinos, sondagens, estudos da flora, da fauna e da geologia e mineralogia das regiões a percorrer. Tudo isso foi realizado com maestria, rapidez e rara felicidade, pois que, além dos trabalhos geographicos e topographicos que se integraram no mappa de Matto-Grosso, construido pela Commissão Rondon, a expedição foi concluida dentro do curto prazo de quatro meses e não houve o sacrificio de nenhuma vida.

Para realizar seus multiplos objectivos, a expedição seguiu o itinerario Cuyabá-Guia-Brotas-Rosario, acompanhando a linha telegraphica, da qual se desviou, antes de chegar á estação da villa de Diamantino, ao attingir o passo do ribeirão da Serragem, para dar inicio aos estudos das cabeceiras deste tributario da margem direita do rio Cuyabá.

Sobre esta primeira phase da expedição, expoz o general Rondon:

“Depois de passados o Quiebo e o Cuyabázinho (affl. marg. dir. do Serragem), os expedicionarios cruzaram, os

dois principaes formadores do Cuyabá, respectivamente denominados Cuyabá da Larga e Cuyabá do Bonito, cujo ponto de confluencia dista 196km,600 da ponte do ribeirão Serragem. As cabeceiras destes dois formadores contravertem: as do 1.º com os rios Genipapeiro e Pialas, contribuintes do Telles Pires, e as do 2.º com as do Beija-Flôr, affluente do mesmo Telles Pires, e com as do rio Novo, ramo principal do Arinos.

“Do valle do Cuyabá do Bonito, passou o tenente Julio Caetano para o do rio Telles Pires, no qual percorreu a polygonal determinada pelas cabeceiras denominadas Corrego Fundo, Chapadão, Beija-Flôr, Mutum, Verde e outras, chegando finalmente, no dia 9 de novembro, á varzea de onde promana o Rio Novo.

“Proseguindo os estudos, ainda por terra, o tenente Julio Caetano alcançou o ponto da confluencia desse rio com o galho que vem, desde a nascente, com o nome de Arinos, e ahi procedendo ás necessarias medidas, achou para este a largura de 30 metros e a descarga, por segundo, de 3.938 litros, e para o 1.º a largura de 28 metros e a descarga de 30.744 litros. A consideravel superioridade deste ultimo volume, combinada com a maior extensão e a direcção do curso, direcção esta que prolonga a do rio tronco, dão ao rio Novo os caracteristicos necessarios para ser elle considerado, não um simples affluente do outro galho, mas sim a parte superior do collector geral desta bacia. Contra os citados elementos, decisivos na escolha do ramo principal de um rio, não pôde prevalecer a consideração anthropogeographica, em virtude da qual o outro galho é apontado como preponderante pelos moradores do logar, e torna-se, portanto, necessario fazer, nos livros e nor mappas, a rectificação agora indicada por estes dados.”

A chorographia de Matto-Grosso deve, pois, á Expedição Arinos esta importantissima rectificação. Os levantamentos realizados pela mesma expedição attingiram a bonita somma de 2.130 kilometros, assim distribuidos:

Por terra	{	Do rib. Serragem á confl. dos 2 ramos	
		do Arinos .....	477,860
		Varadouro Tapajós-Sucundury .....	67,240
Por agua	{	Trecho do Sumidouro .....	36,854
		Rio Arinos todo .....	828,364
		Rio Tapajós até S. Luis .....	749,682
			2.130,000

O levantamento minucioso do rio Arinos assignalou com precisão todas as suas cachoeiras e corredeiras, assim como todos os afluentes de ambas as margens, e foi sempre acompanhado do respectivo nivelamento barometrico.

Infelizmente o mau tempo reinante prejudicou o serviço de determinação de coordenadas, reduzindo a cinco o numero de pontos determinados.

Dentre os afluentes do Arinos, constantes do levantamento realizado, são os seguintes os principaes da margem direita: o ribeirão Prata, o rio dos Patos, cuja largura na fóz é de 23m,5 e cuja descarga é de 2.686 litros por segundo; o Marapo ou S. Cosme, com 30m de largura e o volume de 30.137 litros, e em cuja fóz o tenente Julio registou os ultimos vestigios de indios (provavelmente Bakairís) que vinha observando desde as cabeceiras; o Tapanhuninha, com 18m e 12.600 litros; o Pary ou S. Miguel, com 27m,5 de bôca e que despeja 32.503 litros; o Peixes (ou "Itamiamy" dos indios Apiacás), de 110m de largo, com o volume de 249.043 litros, e, finalmente, um ribeirão a que o tenente Julio deu o nome de Apiacás, abaixo da cabeceira a que Antonio Thomé chamou Tres Irmãs, pretendendo justificá-lo com o facto de ser "dividida em tres cordões interpollados" (Conferencias general Rondon 1915).

Da margem esquerda, os afluentes principaes do Arinos são os seguintes: o rio Preto, com 20m de largura na fóz e cuja descarga é de 8.033 litros por segundo; o Sumidouro, do qual o tenente Julio subiu e levantou um trecho de

36km,854 a contar da fóz, com 55 metros de bôca e 213.554 litros de descarga; o rio dos Parecís, com 37 metros de largura na fóz; o Tapanhuna, com largura de 37 metros e o volume de 78.742 litros; e, finalmente, o Sararé que desagua logo a jusante da cachoeira de Recife Grande.

A navegação de estudo do Arinos abrangeu o periodo de 29 de Novembro a 29 de Dezembro, data esta em que a expedição entrou no rio Juruena, cujo curso desceu até penetrar no Tapajós, para alcançar afinal Santarem do Pará.

Ao atingirem, em 18 de Janeiro, a Collectoria de Matto-Grosso, situada logo abaixo da fóz do rio Telles Pires, o tenente Julio destacou da turma cinco homens dos mais resistentes, e com elles se dirigiu ao porto do Airy Velho, á margem esquerda do portentoso Tapajós, afim de explorar e levantar um varadouro que ligasse este curso d'agua ao do Sucundury (valle do Canumã) e, por consequente, ao valle do Madeira através do conhecido "Furo do Canumã", nas proximidades de sua fóz. Realizado este serviço penosissimo, muito mais porque se tratava de expedicionarios que havia já tres mêses exploravam o sertão, a marchar diariamente, sem descanso outro além das reduzidas horas do somno, escreveu o tenente Julio, em seu relatorio, as seguintes conclusões:

"Alguns moradores do Tapajós desejavam muito abrir, por esse varadouro, uma estrada de automoveis, afim de se livrarem das grandes cachoeiras do medio Tapajós. Semelhante estrada trazia enorme vantagem aos industriaes de S. Manoel, e do Alto-Tapajós; mas só conviria se não fosse muito dispendiosa, se sahisse abaixo de todas as cachoeiras do Sucundury e se até esse ponto este rio fosse franco á navegação durante todo o anno. Nada disto, porém, acontece. O terreno muito accidentado, cheio de correços e atoladiços, encareceria demais a construcção da estrada projectada e, além disto, a barra do Merity fica acima das ultimas cachoeiras para quem desce o Sucundury, que por sua vez não dá navegação em todas as épocas do anno senão a

“montarias” (canôas fabricadas de um só tronco de arvore). E, principalmente agora que a navegação do Tapajós está sendo feita a motores de gasolina, com grande economia de tempo, parece ser mais economico ao trafego de automoveis a estrada carroçavel já existente entre Pimentel e Bella-Vista, na extensão de 17.700 metros, ou a construcção de uma estrada de ferro de bitola estreita neste trecho, unico que não pôde ser transposto por aquellas embarcações.”

Resumindo o serviço executado com o estudo desse varadouro, escreveu o general Rondon:

“O estudo e levantamento do varadouro em questão, que não pode ser realizado em 1911, por um explorador europeu (V. nota n. 24), cujo nome tem sido por vezes citado nos jornaes do Rio de Janeiro, foi facilmente executado pelo tenente Julio Caetano, no espaço de 12 dias. Compreendeu esse trabalho 67.240 metros, divididos em duas secções: a 1.<sup>a</sup> de 49.740m., estende-se de Porto do Airy-Velho ao Igarapé Mirity, cuja fôz deu a largura de 15m. e o volume de 1.610 litros; e a 2.<sup>a</sup>, de 17.500m., liga o mencionado igarapé ao rio Sucundury.

“Depois deste serviço os expedicionarios do Arinos continuaram a descer o Tapajós até o porto de S. Luis, onde chegaram a 15 de Fevereiro ; e dahi seguiram para a cidade de Santarem, embarcados em navio a vapor, da navegação regular da linha Amazonas-Tapajós”.

\* \* \*

A expedição Arinos, desde que cahiu no Juruena, percorreu, dahi por deante, o mesmo itinerario da que explorou e levantou o Juruena e que fôra chefiada (1911-12) pelo capitão Costa Pinheiro, arrostando os mesmos perigos e sofrendo as mesmas fadigas, para atravessar o trecho encachoeirado do Juruena e do Tapajós. No capitulo relativo á “Exposição Juruena”, estão transcriptas as descripções de

Costa Pinheiro sobre algumas dessas quedas d'agua. Para o presente capitulo transladarei algumas referencias que Julio Caetano fez sobre outras cachoeiras, inclusive a de "S. João da Barra" e a de "Misericordia", já alli descriptas por Costa Pinheiro, não só porque taes referencias completam a imagem desses accidentes, como porque permitem observar a variedade de "detalhes" e de aspectos empolgantes que apresentam esses quadros da nossa formosa natureza, cuja grandiosidade cega o espectador attonito que os contempla, tornando quasi sempre falha sua descripção. São, pois, de Julio Caetano as seguintes palavras:

"No dia 3 andámos regularmente até ás 12 horas; depois entrámos por travessões e corredeiras que ficam acima da cachoeira "S. João da Barra". A' 1 hora e 25 m. da tarde estavamos a 1.471 km. do porto em que deveriamos pousar, na testa da cachoeira; no entanto, só ás 6 horas da tarde alli chegámos!

"E' um trecho, esse, perigosissimo, no ponto d'agua em que o rio estava. As aguas corriam vertiginosamente e, muito agitadas, formavam forte "banzeiro"; tivemos de passar primeiro agarrados ás pedras, que formam forte escarpa na margem esquerda, depois, seguros a cabo sustentado por um homem, que ia pulando de pedra em pedra, enquanto outro, com a "zinga", escorava as canôas, para não baterem nas pedras ao impulso das aguas. Depois, já isto não era possivel, e então, de dentro das canôas, enquanto uns, com ganchos (croques), procuravam qualquer saliencia das pedras escorregadias, para os prender, e não deixar as canôas precipitarem-se pela corrente abaixo, outros, com as "zingas", evitavam que fossem de encontro ás pedras.

"Depois de muitos sustos e muito trabalho, conseguimos, enfim, chegar ao lugar em que deviamos parar, afim de transportarmos as cargas por terra, para baixo das cachoeiras, o que fizemos, tendo antes amarrado as canôas vasias pela prôa e pela pôpa, com cabos bem curtos. O serviço só ficou concluído depois das 8 horas da noite, debaixo de chuva,

pois a carga teve de ser levada por sobre um barranco de cerca de dez metros de altura e de difficil accesso.

“No dia seguinte, verificámos que os cabos se tinham partido durante a noite. Felizmente, destas embarcações uma foi encontrada abaixo da cachoeira, em um grande remanso, e a outra já não nos fazia falta, porque o consumo dos generos alimenticios muito havia diminuido a nossa bagagem.

.....

“Em seguida á cachoeira de “Santa Iria”, está a de “Santa Ursula”, mais perigosa ainda do que as antecedentes e onde ha o “Canal do Inferno”. O rio passa em uma garganta e, abaixo, em uma curva apertada entre rochas de 7 a 10 metros de altura: as aguas batem nas pedras das margens e formam grandes remoinhos, os quaes correm uns atrás dos outros, e em toda a largura do rio se desmancham continuamente, com estrondos, deixando á superficie o tom esbranquiçado das aguas revoltas. E’ ahí a cachoeira da “Misericordia”, formada por enormes e perigosos “rebojos” e corredeiras. As margens são formadas por altos penedos, que deixam apenas o vão de 90 metros para a passagem de todo aquelle volume d’agua que, acima do Salto Augusto, se estende, em média, por mais de um kilometro de largura”.

\* \* \*

O rio Sumidouro, affluente como vimos, do Arinos e que foi objecto de estudos tambem da Expedição de que trato, teve a sua fóz determinada por Chandless, que lhe attribuiu geographicamente a seguinte posição:

Latitude Sul: 13° 23’ 30”

Longitude W. Greenwick: 56° 17’ 30”

Dos minuciosos trabalhos de exploração, realizados pelo general Rondon, nas zonas das cachoeiras do Sumidouro, resultaram, as seguintes conclusões geographicas:



“Considerado contravertente do Sepotuba pelo eminente explorador Ricardo Franco, tem o Sumidouro as seguintes cabeceiras: Tres Lagôas, Sumidouro propriamente dito ou Azauíazá, Kagado ou Uazuliatíá, Chapéo ou Kanutí-uinazá, Santo Antonio ou Cuzui-inazá e Agua-Verde ou Anhanazá. São contravertentes: da 1.<sup>a</sup> o rio Diamantino; da 2.<sup>a</sup> o rio Santanna; da 3.<sup>a</sup> o S. Francisquinho; da 4.<sup>a</sup> o S. Francisco; da 5.<sup>a</sup> a cabeceira Agua-Branca, que verte para o Sepotuba; e da 6.<sup>a</sup> a cabeceira do Buracão ou Kutiacoró-suê, também affluente do Sepotuba — aguas todas do rio Paraguay.

“O principal formador do Sumidouro é o Anhanazá ou Agua-Verde, cuja cabeceira mestra nasce no chapadão divisor, aos 14° 8', Lat. Sul e 14° 20' Long. W. Rio, e não o Azauíazá, como é considerado correntemente.

“Aliás, os primeiros seringueiros que, contemporaneamente, penetraram nesses sertões, alteraram as designações desses rios, por ignorancia, ou má fé. Assim, conservaram ao Azauí-azá o nome de Sumidouro, ao Anhanazá deram o nome de Agua-Verde que, abaixo da barra do Uazuliatíá ou Kagado, foi novamente baptizado de rio “Claro”.

“A origem do Azauí-azá está proxivamente aos 14° 9' de Lat. Sul e a 13° 20' de Long. W. Rio; a do Cuzuí-inazá, que nasce em uma pequena lagôa, também conhecida por cabeceira dos Veados, se origina em pleno chapadão divisor aos 14° 9' 3" de Lat. Sul e 14° 9' 33" Long. W. Rio, aproximadamente.”

\* \* \*

Constam também do 1.<sup>o</sup> relatório apresentado pelo general Rondon, as seguintes referencias sobre o rio Parecís, affluente da margem esquerda do Arinos:

“Pimenta Bueno cita, como affluente mais occidental do Arinos, o rio Parecís, entre o Anhanazá e o Katulá-inazá ou rio Preguiça, proximo do paralelo de 13° 54' de Lat. Sul e do meridiano de 14° 10' de Long. W. Rio, aproximadamente. São duas as principaes cabeceiras formadoras do

Parecís, das quaes a mais occidental foi pelos seringueiros denominada — rio Alegre. Como se vê, nenhum effeito deve ter semelhante mudança, pois o rio foi sempre conhecido por aquelle nome; a cabeceira é que poderá tomar a nova denominação. Os indios Parecís affirmam que esse rio “vai sozinho” (Iañênacacoá) ao Arinos, o que fez presumir que, dahi em diante não tenha elle affluente de importancia. A outra cabeceira é conhecida pelo nome de Anajazeiro; abaixo desta conflue outra de nome Lagôa Rasa ou Nala-ualára.”

\* \* \*

Conforme as instrucções do general Rondon, o tenente Julio Caetano determinou o divisor de aguas de Diamantino para Oeste, até o rio Paranatinga, depois regressou ao curso principal do Arinos, por onde desceu ao Tapajós. Como o rio Paranatinga seria o objectivo de outra expedição de estudos, chefiada pelo tenente Pyrineus (expedição já descripta por mim no capitulo II), o tenente Julio deixou, sobre a zona das vertentes do Paranatinga, em ponto préviamente indicado por aquellas instrucções, com as respectivas coordenadas geographicas determinadas por Julio Caetano, um marco de madeira de lei, que serviu para a amarração do levantamento topographico executado depois por Pyrineus.

Os trabalhos apresentados á secção de desenho pela turma do Arinos, permittiram a locação perfeita das cabeceiras do Arinos que, como se sabe, se entrelaçam com as dos rios Cuyabá e Paraguay.

Incluo neste capitulo o “schema do rio Juruena, conforme os trabalhos realizados pela Commissão Rondon até 1915”, afim de que o leitor dos capitulos II a VII possa bem apreciar, em conjuncto, os rios cujas explorações foram nelles descriptas, (V. gravura n.º 7).

Porto Alegre, Agosto de 1925.

## NOTAS

NOTA 24 — Refere-se a Savage Landor, a quem o meu amor proprio de Brasileiro já arrancou algumas “pennas de pavão” em a nota n.º 1. Compraz-se o nacionalismo bem entendido que professo, em lembrar aqui o trecho do relatório apresentado pelo tenente Julio Caetano, sobre a exploração e levantamento do rio Ikê, trecho que foi transcripto quando tratei da respectiva expedição e pelo qual se verifica que Landor se perdeu (1) na matta, quando pretendeu realizar a travessia do varadouro Tapajós-Sucundury. Ainda a proposito deste famigerado explorador, transcrevo com prazer indizível os seguintes apontamentos, tomados ao general Rondon, por um reporter do “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, e que assim os redigiu:

“A proposito dos nossos caboclos, disse-nos Rondon, vem a pello lembrarmo-nos do sr. Savage Landor, já que elle tanto “trabalhou” aqui no Brasil e alhures, para se fazer recordado, todas as vezes que se trata de viagens por territorios mais ou menos desconhecidos na Europa. Das façanhas que elle praticou no libet, onde, só com o auxilio de uma machina photographica, poz em debandada um corpo de exercito enviado para o aprisionar, bem nos lembramos, pois ellas nos foram contadas com calma imperturbavel e serena, em conferencia publica que durou duas horas. Em relação ao Brasil, foi o impavido narrador de aventuras um pouco mais piedoso. Poupou-nos o desgosto de revelar que havia desbaratado o nosso exercito; contentou-se em nos fazer saber que os nossos caboclos são uns pobres diabos, aos quaes Savage Landor, com ameaças intimidava e tocava como se fossem mansas ovelhas.

“A vingança é o nectar dos deuses; pode-se imaginar que o explorador italo-ingles vagueava pelas regiões do Olympo quando, ao ter de se referir aos caboclos brasileiros, nos trabalhos escriptos em Londres ou em Paris, se recordava dos transeos por que passára nas mattas do Sucundury, por culpa dos sertanejos que o tinham abandonado, deixando-o sózimo com a sua neurasthenia. Aquella matta era tão grande, tão cheia de mysterios, tão insondavel...”

Como sahir dalli, santo Deus?! Para a direita, para a esquerda, para a frente e para trás, sempre as mesmas arvores e os mesmos assombros... Para onde, pois, dirigir os passos incertos, sem o receio de ir cada vez mais para o interior do arvoredor, impassivel e ameaçador? E que estariam occultando aquelles troncos de catadura tão sinistra e hostil? Com certeza

estavam alli cobras, onças e indios ferozes... Ah! Se ao menos houvesse alli, á mão, a metralhadora Maxim que o ministro da Agricultura lhe não quiz fornecer!... Tinha de morrer para alli, triste, desamparado, sem ao menos o consolo de vêr o céu luminoso, porque, se alçava os olhos lacrimosos, lá estava a infernal abobada de verdura, que por toda a parte o abraçava, opprimia, suffocava!

“Deviam, de facto, ter sido pavorosamente terriveis, os tres dias passados pelo inditoso explorador, no interior daquella matta; e, já que se via restituído ás caricias da civilização, no seu gabinete de trabalho em Londres ou Paris, justo era que se aproveitasse das vantagens daquelle momento para se vingar. Essas vinganças, porém, deviam recahir sobre toda a raça dos caboclos, sem excepção dos que carinhosamente o haviam procurado e reconduzido ao caminho de Manaus.

“No emtanto, é possível que o sr. Landor não tenha precisado de se embriagar com o nectar da vingança para alcançar a inspiração das phantasias que escreveu a respeito dos sertanejos brasileiros: a imaginação de que elle é dotado só por si basta para explicar a criação de todos os seus contos.

“O sr. Roosevelt, por exemplo, relatou ao Cel. Rondon o seguinte episodio:

“O sr. Landor foi ás Philipinas, na época em que Roosevelt presidia os Estados-Unidos. Os officiaes do exercito de occupação receberam o visitante com as maiores considerações e proporcionaram-lhe os meios de realizar uma viagem pelo interior das ilhas. Pois a imaginação do fecundo explorador não precisou mais do que isso, para vir relatar á Europa embasbacada, que havia realizado arriscadissimas expedições, no decurso das quaes descobrira, entre outras coisas espantosas, uma tribu de indios brancos!

“Mas a respeito deste caso, foi o sr. Roosevelt quem teve de completar os seus conhecimentos, porque o Cel. Rondon lhe referiu que, numa das conferencias havidas no Ministerio da Agricultura, quando se tratava de preliminares da expedição que o sr. Landor não realizou ao sertão comprehendido entre o Araguaya e o Madeira, na altura do paralelo de 11.º, o decifrador das nascentes do Ganges e daquella tribu de indios brancos, referira ao dr. Pedro de Toledo, na presença do senador Alcindo Guanabara, do director da contabilidade daquelle Ministerio e d'elle, Rondon, que o governo norte-americano havia posto á sua disposição, para a alludida expedição ao interior das Philippinas, até então desconhecido, um navio de guerra, contingentes do exercito e todos os recursos que foram pedidos e julgados necessarios pelo explorador.

“O sr. Roosevelt riu a bom rir, ao ter conhecimento de taes actos que não praticára e que lhe eram attribuidos e commentou. “O sr. Landor é realmente um descobridor terrivel!”

\* \* \*

O caso da tribu de indios brancos foi, mais tarde, explicado, ainda para maior desdita do fracassado explorador, pelo encontro de um caso excepcional de albinismo, generalizado para toda a tribu pela invencione de Savage Landor.

Para esclarecer varias allusões feitas a Landor nestes meus escriptos, cumpre lembrar que este estrangeiro se propoz a explorar quaesquer tractos do territorio brasileiro ainda “desconhecido”, e sua proposta foi acolhida com benevolencia pelo nosso governo, que attribuiu ao Ministerio da Agricultura, cuja pasta estava a cargo do dr. Pedro de Toledo, a incumbencia de fixar as bases da projectada exploração. Muí judiciosamente este ministro chamou o general Rondon, como conhecedor eximio do nosso sertão, para traçar sobre o mappa do Brasil o itinerario que se lhe afigurasse mais util á nação, no ponto de vista daquelle objectivo de exploração e descoberta, itinerario que devia ser rigorosamente seguido por Savage Landor, em compensação dos favores por este recebidos, dentre os quaes avulta a entrega de 60:000\$ em moeda nacional, metade pelas verbas do Exterior e o resto pelas da Agricultura.

Landor, cujo fim era “explorar” noutra accepção deste verbo, não ligou a minima importancia ao itinerario marcado pelo governo brasileiro, e seguiu só por caminhos conhecidos e rios secularmente navegados, entrando em Goyaz e Matto-Grosso pelas picadas das linhas telegraphicas, ahi construidas desde 1890, e descendo o valle do Tapajós, por sobre as mesmas aguas que serviram de via de comunicação a innumerous viajantes e commerciantes desde 1812, pelo menos.

Para bem se comprehender a divergencia formal dos dois itinerarios, o que Rondon indicára e o que Landor seguiu, basta dizer-se que, segundo aquelle, a grande ilha do Bananal, no rio Araguaya, era ponto obrigatorio de onde o explorador devia atravessar para o Oeste, percorrendo o paralelo de onze graus, que corta esta ilha, ao passo que Landor passou centenas de kilometros ao occidente da referida ilha e, em vez de percorrer o paralelo de 11° Sul, desceu justamente em sentido perpendicular, entre meridianos de 13° e 15° de Longitude Oeste do Rio de Janeiro, pelos “caminhos que andam” do valle do Tapajós...

\* \* \*

Deante do que fica exposto, ha elementos sufficientes para classificar o procedimento de Savage Landor, ao publicar o seu livro sobre a viagem que realizou pelo Brasil, intitulando-o "Através do Brasil desconhecido" e enchendo-o de grosseiras e falsas referencias á nossa gente.

Felizmente, os primeiros écos de taes mentiras chegaram aos ouvidos deste grande povo hospitaleiro, de mistura com os do vehemente protesto e do repto magistral que foram atirados á face de Savage Landor pelo brilhante escriptor Affonso Arinos de Mello Franco. Ao desafio lançado por este illustre e saudoso patricio, que se achava então em Paris, o capcioso charlatão nada respondeu, tornando assim, evidente, perante a opinião sensata do mundo inteiro, de que lado estava a razão.

Ainda uma "pá de cal" no livro que Landor publicou sobre a sua viagem pelo Tapajós: declara elle, logo no começo, "que não encontrou no Exercito brasileiro nenhum official capaz de o acompanhar" na arrojada travessia do sertão, para cuja realização esqueceu, todavia, de confessar que requisitára, entre outras coisas, uma... metralhadora; pois bem, o leitor destas notas que venho publicando, avalia por certo, a enormidade dessa aleivosia, deante dos trabalhos de exploração que tenho descripto e onde abundam nomes para desmentir tão perfida affirmativa do pseudo-explorador estrangeiro!

## CAPITULO VIII

### EXPEDIÇÃO AO RIO JAMARY

O rio Jamary não era desconhecido quando os serviços da Comissão Rondon começaram a perlongar-lhe ou interceptar-lhe o curso. Comquanto, porém, visitado desde 1880 e traçado nos mappas existentes, a sua verdadeira posição geographica só era representada com relativa aproximação quanto a pequeno trecho perto de sua fóz no Madeira, apresentando dahi para montante, enorme erro, que dava em resultado confundirem-se as suas nascentes com as do Gy-Paraná ou Machado, contribuinte da mesma margem (direita) do Madeira e que desagua uns cem kilometros abaixo. Se os primeiros trabalhos de exploração, dirigidos pessoalmente pelo general Rondon ("Expedição de 1909"), foram grandemente prejudicados em virtude da confusão reinante na carta de Pimenta Bueno (e nas de seus copiadores), devem-se-lhes as correcções iniciaes que permittiram pôr em evidencia a extensão desse erro que, alongando em demasia o curso do Jamary, deslocava suas cabeceiras para dois graus mais ao Sul, em latitude, e tres graus mais para Léste, em longitude! Quer isto dizer, por outras palavras, calculados os comprimentos dos arcos de paralelo e de meridiano sobre a peripheria da Terra (ellipsoide de Bessel), que os mappas existentes até 1909, collocavam essas nascentes afastadas de sua exacta posição geographica, aproximadamente, de trezentos e vinte e cinco (325.414.800m) a trezentos e vinte e sete kilometros (327.823.200m), contados sobre o paralelo, e de duzentos e vinte e um (221.191.200 a 221.241.600m) kilometros, contados na direcção do meridiano, extremos dentro dos quaes variam aquelles comprimentos de arco de

paralelo e de meridiano, entre as latitudes limitadas pelo nosso caso particular (10° a 13°).

A proposito dessa confusão estabelecida entre cabeceiras do Jamary e do Gy-Paraná ou Machado, escreveu o general Rondon em seu 1.º relatório:

“Sobre o Jamary, Pimenta Bueno, dando-lhes tres cabeceiras, leva ao paralelo de 12° 20' a mais meridional e ao meridiano de 17°30'W. (Rio), a mais oriental, o que equivale a envolver as verdadeiras cabeceiras do Gy, situada já no chapadão dos Parecís. Os outros autores o copiam mais ou menos. Rio-Branco leva ainda mais para o Sul estas cabeceiras do Jamary, deixando o Gy em formidavel bifurcação, completamente relegado ao Norte”.

E depois de descrever a posição exacta das cabeceiras do Gy, segundo os trabalhos que realizou, diz ainda o general:

“Uma simples comparação do que acima ficou dito, com os mappas mencionados, mostra que nesse ponto, um pouco mais para Léste, elles figuram um rio com a designação de Jamary”.

Nas suas “conclusões geographicas”, menciona ainda o relatório citado, as quaes seguem:

“O rio Jamary, que percorremos desde Bom Futuro até sua fóz e que posteriormente foi explorado pela Secção do Norte, da Comissão Telegraphica, até a cachoeira de Matto-Grosso, em sua mais alta cabeceira, tem as nascentes comprehendidas entre os meridianos de 20° e 21° (Rio) e os paralelos de 10° e 11° (Sul) num grande contraforte de granito da cordilheira dos Parecís.

“No nosso “croquis” provisório, figurámos os accidentes que nos pareceram mais notaveis, dos quaes comtudo se depreheende ser este rio de terceira ordem, abrangendo seu curso cerca de 400 kilometros.

“Pode ser considerado constituido de dois braços principaes: o Chanaan e o Jamary, nome este que vae até sua mais alta nascente. Recebe, do ponto em que o encontrá-



mos para baixo, pela margem direita, o rio Chanaan, no paralelo de 10° 2' Sul; este por sua vez tem como contribuintes os rios: Pardo e Quatro Cachoeiras. "Pela margem direita, abaixo da confluencia do Chanaan, o Jamary recebe successivamente as contribuições dos rios: Branco, Preto e Verde. O Branco desagua 355 kilometros acima da fóz do Jamary. no Madeira, o Preto a 337 kilometros e o Verde a 15 kilometros da mesma fóz.

"Pela margem occidental, engrossam aquellas aguas o Massangana, cuja barra está a 304 kilometros daquella fóz, e o Candeias, de volume quasi igual ao do Jamary, com 35 kilometros de afastamento da mesma barra.

"Este ultimo rio, de curso tão longo como de seu digno emulo, foi haurir as suas aguas no contraforte que separa as sub-bacias do Jamary e do Jacy-Paraná. Tem dois affluentes importantes: o rio das Garças, pela margem esquerda, e o rio Preto, pela direita; além deste, recebe pela esquerda o Igarapé e o Santa Cruz, riachos de somenos importancia.

"Acima da barra do Chanaan, o Jamary recebe, pela margem esquerda, as contribuições dos rios Itabapoana e Nova Floresta; formados estes dos riachos S. Francisco e S. Raymundo".

\* \* \*

Feito este exordio, passemos a resumir os trabalhos executados pela expedição ao rio Jamary e o teor do relatório apresentado pelo official da Commissão Rondon, que os dirigiu, o 2.º tenente Octavio Felix Ferreira e Silva (V. nota 25) agora no posto de capitão de infantaria.

Desse relatório constam as seguintes e interessantes notas historicas:

"O Jamary foi conhecido pelo nome de Jamarú, dado pelos indios que assim chamavam a um cabaço de que fabricavam cuias. O rio Pardo, affluente da margem direita do rio Chanaan, que até 1890 fôra conhecido por Sedoma, nome

dado pelo explorador Duarte de Albuquerque e que Frota, nessa época, substituído pelo actual, era chamado Ururáu pelos indios Urupás.

“Mutos foram os primeiros exploradores da seringa na zona banhada pelo Jamary e seus affluentes, desde 1879 até 1884.

“O portuguez Manoel Maria de Moraes foi o 1.º explorador do rio Candeias, em 1879; o baixo Jamary foi explorado no periodo de 1880 a 1884 pelos brasileiros A. Cruz e Miguel Guimarães, assim como pelo boliviano Santos Mercado, que occupou o trecho comprehendido entre cachoeira Samuel e S. Carlos, á fóz do Massangana”.

Todas estas explorações foram realizadas com pessoal boliviano. E desta sorte nasceram as principaes propriedades territoriais do valle do Jamary, documentadas exclusivamente pelo (*uti possedetis*) direito de occupação, de que se armaram os ousados aventureiros que, pela vez primeira, invadiram aquellas maravilhosas e abandonadas terras!

\* \* \*

O serviço propriamente do levantamento do Jamary teve inicio em um domingo (24 de Julho de 1911) e terminou no dia 4 de dezembro do mesmo anno; o respectivo relatorio foi apresentado em 25 de Março de 1912 e consta dos seguintes capitulos: Ligeiro historico — Organização da Expedição — Do Rio a Manaus — De Manaus á fóz do Jamary — Da fóz a Jatuarana — O regresso — Oro — hydrographia — Flora — Fauna — Climatologia — Cultura do solo — Usos e costumes locais — Estatística — Indigenas — Accidentes — Quadro das descargas e perfis transversaes do Jamary e seus affluentes.

Além disso, o relatorio está illustrado com innumerables photographias que attestam a competencia profissional do photographo e o cuidado que mereceu do chefe da turma esta importante documentação.

Tomaram parte na expedição chefiada pelo tenente Octavio Felix, o pharmaceutico contratado do Exercito Luis de França Souto Maior, como encarregado do serviço de saúde (V. nota n.º 26), o diarista Manfredo Maciel, infelizmente victimado no decorrer dos trabalhos, como auxiliar do levantamento, e 12 praças do Exercito.

Para o levantamento da planta foram empregados: a bussola prismatica de Casella e o telemetro de Guiau et Fleuriais, além de uma bussola de algibeira e uma trena de pano, de 50m; para o nivelamento barometrico, sondagens e determinação da velocidade da agua (como elemento para o calculo das descargas) foram utilizados os seguintes instrumentos: barometros aneroides, thermometro de maxima e minima, duas sondas, tres fluctuadores e tres balisas.

Organizada a turma no Rio de Janeiro, embarcou ella com destino a Manaus, de onde seguio, embarcada em navio, para o lugar denominado "Primor", á margem esquerda do rio Madeira, local com que defronta, na margem opposta, a bôca do Jamary.

Na passagem por Santarem do Pará, cidade ribeirinha que goza dos fóros de especialista no commercio de pequenas embarcações fluviaes, foram adquiridas as tres canôas de itaúba (madeira de pedra) preta, indispensaveis ao serviço, duas *montarias* com a capacidade d 600 kg. cada uma, especialmente dstinadas ao serviço de levantamento do rio e uma "igarité" (canôa de taboas, geralmente com "fundo de prato", isto é, sem quilha) de 1.600 kilogrammas, destinada á conducção dos generos alimenticios e demais material.

Estas tres embarcações foram calafetadas em Primor, por pessoal habil, acostumado já a esta importante minucia, tão commumente praticada pelos remadores de todos os barracões da Amazonia. Lançadas á agua, depois de assim preparadas nos rudimentares estaleiros improvisados, e carregadas, ficou praticamente demonstrada a perfeição do calafeto, pois nenhuma dellas fazia agua.

Começou o serviço pela determinação da largura do rio Madeira, no ponto em que recebe o Jamary, e pesquisa dos dados para o calculo da descarga do amary (área da secção transversal e velocidade média), encontrando-se 820 m. para quella e 212.678 litros por segundo para esta.

Em seguida, foi plantado o marco inicial dos levantamentos do Jamary e do Madeira. O trecho do Madeira a levantar era o comprehendido entre esse marco e a villa de Santo Antonio do Madeira, serviço que foi executado por outra turma, dirigida pelo tenente Antonio de Azevedo, actualmente no posto de major e professor da Escola Militar no Realengo.

Da fóz partiu, afinal, a expedição, Jamary acima, executando o serviço de levantamento, de accordo com as instruções dadas pessoalmente a seu chefe pelo general Rondon. A principio, o rendimento foi pequeno, até que atingiu o normal dos trabalhos congeneres, quando os soldados ficaram treinados sufficientemente na função de remadores, em que a maior parte delles se estreava.

A este proposito reza o relatorio do tenente Octavio Felix:

“Foi necessario algum tempo para as praças adquirirem a pratica do serviço, principalmente as que trabalhavam na igrarité, porque viajavam sempre na frente, longe das vistas do chefe; a irregularidade no governo dessa embarcação foi tal, que, devendo viajar até certa hora, para fazer as refeições em terra, de modo a não atrazar a marcha da turma, apenas num dia conseguimos encontrar no pouso do almoço a refeição preparada.

“O tempo, sempre bom, muito facilitou o trabalho nessa parte do Jamary (da fóz á cachoeira Samuel); a média do serviço diario foi de 5 kilometros por dia e houve um dia em que o serviço attingiu 21 km.

“A reconmendação especial de urgencia que receberamos, nunca saiu da mente do chefe, que procurou apressar o mais possivel a marcha dos trabalhos, tanto assim que

atingiu a Cachocira do Samuel na tarde de 30 de julho, com 7 dias apenas de viagem da fôz, quando o tempo necessario para esse trecho fôra calculado em 15 dias.

“Até a Cachoeira Samuel o Jamary é navegado pelos pequenos vapores fluviaes que na Amazonia são chamados “gaiolas”, motivo por que nesse ponto existe uma povoação embryonaria de cerca de 150 individuos ,entre homens, mulheres e crianças.

“Procedeu-se ahi, no dia 31, á “varação” por terra, não só das canôas, que foram descarregadas no porto de jusante da cachoeira, como de toda a carga, mas só a 4 de Agosto proseguiu o serviço de levantamento, porque além de providencias que obrigaram a essa demora ,o chefe da turma teve que calcular as cadernêtas e organizar o desenho do trecho levantado, afim de o remetter ao major chefe da Secção do Norte (V. nota n.º 25).

“Começaram ,então, as difficuldades da navegação, em consequencia da vasante do rio, que se acentuava, á proporção que a expedição o remontava:

“A baixa das aguas permittiu mudar o systema de navegação, substituindo os incommodos remos (de pás quasi circulares) pelos varejões; os remos passaram a ser utilizados apenas na passagem dos poços, onde as profundidades são grandes. A viagem melhorou muito com semelhante systema; a velocidade da marcha augmentou consideravelmente, com menor fadiga, para o pessoal. A vasante já deixava as pedras descobertas e, graças á grande pericia do pratico, não houve desastre algum a lamentar; os “paus” (trancos que desabam para dentro do rio ou que são arrastados pela correnteza, fixando-se afinal ás margens e interceptando a livre navegação já se tornavam visiveis; em alguns “estirões” (trechos rectilineos), como o do Capitão e outros, não havia agua sufficiente para a passagem das canôas, que encalhavam a cada instante, o que obrigava a cavar o canal com os remos em alguns pontos e, em outros, a arrastar pelo leito do rio as pesadas embarcações tão carregadas, ser-

viço este executado por todo o pessoal dentro da agua, excepção, apenas, dos doentes.

“Tudo já era difficil do referido “estirão” em deante e o numero de casos de febre (paludismo) augmentou, devido ao excesso de esforço exigido do pessoal e á falta de costume de passar, todo o dia, com os pés dentro d’agua e a cabeça ao sol abrasador”.

Para diminuir os effeitos do calor, todos os expedicionarios usavam chapéus de palha de largas abas, inclusive os soldados, aos quaes esta peça foi distribuida ao mesmo tempo que as rêdes e mosquiteiros typo amazonense. Todavia, não esqueçamos que o Jamary serpeia sempre na zona torrida, ao lermos o final do trecho transcripto.

Um mês depois de iniciados os trabalhos, a turma alcançou os seringaes de Bom Futuro, situados á fóz do Chanaan, onde teve de parar quasi duas semanas, afim de offerecer um descanso ao pessoal trabalhador e reconfortar os doentes (que eram a maioria), inclusive o tenente Felix e seu ajudante de campo, todos fortemente atacados pelas sezões (paludismo).

O barracão chefe do seringal Bom Futuro está situado na margem direita do Jamary, acima da fóz do Chanaan, e é conhecido pelo nome de “Repartimento”. Ahi soffreu a turma nova organização, para se desvincilhar da igrarité, que era impossivel levar mais adeante.

Apesar porém de reduzidos ás duas *montarias*, os expedicionarios lutaram para proseguir no acesso do rió, pois que “a pouca ou quasi nenhuma agua nos “estirões” se dividia em diversos filetes, que não bastavam á navegação”, mesmo quando conseguiam desviar dois delles para os reunir a um terceiro.

Descreve o relatorio: “Aconteceu mais de uma vez encontrarmos, no canal, grande quantidade de paus, sendo necessario usar o machado para proseguir a marcha; outras numerosas vezes precisámos, com o auxilio dos remos, abrir canal para passarmos de um filete para outro onde havia

mais agua. Todo o serviço era feito com immenso sacrificio, pois o pessoal se sentia fatigado e depauperado pelas febres.

Em "Repartimento" foi incorporado o pratico Alipio e ficaram em tratamento o diarista Manfredo e tres praças, em estado grave; de forma que a turma, ao attingir Santa-Cruz, onde Alipio foi substituido por Manoel Feitosa, contava apenas com seis praças.

O barracão "Santa-Cruz" está situado a jusante da cachoeira do mesmo nome e constitue o ultimo deposito de generos do alto-Jamary.

As difficuldades crescentes da navegação inspiraram nesse ponto a substituição das montarias de itaúba preta, madeira pesada de mais, embora mais resistente, por outras de itaúba branca de que se constituiu então a flotilha exploradora, que a 1.º de Outubro partiu de Santa-Cruz.

O problema do abastecimento complicou-se, visto que as montarias só comportavam generos para 20 dias; foi mister contar-se com o reforço de generos para igual periodo, despachados por terra, em cargueiros, e a inclusão na turma, por judiciosa previsão, de um caçador.

Aos rigores do clima, á redução forçada do pessoal inclusive a morte do diarista Manfredo Maciel, e do soldado José Ferreira do Nascimento, victimas de accessos paludicos, á falta d'agua no rio, ao atravancamento dos paus, juntou-se, d'ahi para cima, o asperrimo obstaculo das cachoeiras, cuja seriação desafiava a resistencia e a tenacidade dos já combalidos exploradores.

Com 15 dias de esforços sobrehumanos a turma expedicionaria attingiu a cachoeira Jatuarana, depois de vencer muitas outras, dentre as quaes citaremos as principaes: Pedra Rachada, Boa-Vista, S. Benedicto, Montenegro, Sto. Antonio, Tres Irmãos, Catharina, Xibé, Consulta, Baixa, Tracajá, Bom Principio. Á excepção da primeira, que foi transposta sem descarregar a canôa, as demais exigiram o

descarregamento a jusante, o transporte da carga pelo pessoal e o recarregamento a montante.

À excepção do pharmaceutico Souto-Maior, os demais expedicionarios, o chefe, o photographo e os 5 soldados restantes, todos se sentiam depauperados e reconheceram a impossibilidade de proseguir na empresa.

Depois de alguns dias de descanso em Jatuarana, na inutil espectativa de um revigoramento de forças e do declinio dos accessos febrís, o tenente Felix resolveu afinal regressar, abandonando, por força maior, a subida ás cabeceiras formadoras do Jamary.

Todavia o serviço realizado correspondia já a um desenvolvimento linear de 490 kilometros e estavam determinadas, nesse longo trecho do Jamary, as secções transversaes de seus principaes affluentes, cujas descargas, calculadas em litros por segundo, obedecem ao seguinte quadro:

Candeias .....	97.050
Verde .....	17.622
Chanaan .....	19.712
Preto .....	5.050
Branco .....	3.552
Massangana .....	3.432
Nova-Floresta .....	770

O regresso, porém, não obstante a situação descripta, não foi um "salve-se quem puder", mas uma descida methodica e ordeira, accrescida do trabalho util de estatistica e das observações sobre a flora, a fauna, a climatologia ,etc., embora a meio caminho tivessem ainda os expedicionarios de soffrer as consequencias das chuvas torrencias que sobre elles desabaram.

A população total do Jamary e seus affluentes foi avaliada em 2.000 almas, que exclusivamente se dedicavam á industria extractiva da borracha, cuja producção media annual regulava nessa época 700 mil kilogrammas, computadas neste total as differentes especies em que é classifi-



cado esse producto, desde a "borracha fina" até o "Sernamby de cáucho".

A floresta que acompanha o curso do Juary caracteriza perfeitamente a opulenta flora da Amazonia, desde os gigantescos especimes (castanheira, gamelleira, massaranduba, cumarú, etc.) de 40 a 50 metros de altura, até os multiplos vegetaes de pequeno porte, ou rasteiros que adensam as mattas e a variedade estupenda de orchideas. Abundam as madeiras de lei e de construcção entre as quaes citaremos: a massaranduba da familia dos sapotaccos (*mimusapis*) muito procurada para dormentes de via-ferrea e cavilhas de embarcações; o canarú (*Dipteryx Adorata*), leguminosa cujo fructo contem semente aromatica semelhante á da fava da India ou "touka"; a itaúba (*Acrocrielidium Itaúba*) usada para o fabrico de canôas; a acapurana, leguminosa, que fornece os mais duraveis esteios e cuja casca tem grande valor therapeutico na cura das chagas; o ipê (*Leguonia Chrysantha*) ou pau d'arco, begoneacea, de cerne flexivel, empregada em todo o genero de construcções e applicada especialmente na confecção de arcos e cabos de machado; a abiorama (*Lucuma Lasiocarpa*), que produz o apreciado abio silvestre.

Dentre numerosas especies de palmeiras cita o relatorio do tenente Felix as seguintes :o assayzeiro (*Euterpe Alaracea*) uma das mais altas, que fornece o fruto rôxo de que é fabricado o famoso assay, bebida alimenticia muito em voga no Amazonas e principalmente no Pará; a jussara (*Euterpe Linicauea*) em tudo semelhante ao assayzeiro; a jarina cujo côco fornece o celebre marfim vegetal, industrialmente applicado em Pernambuco e outros Estados para o fabrico de botões, etc., e é rico em oleo finissimo; a alta paxiúba, de cujo estipe, na variedade de terra firme, os indios fazem as suas igáras (canôas); a urucurú ou uriucarú (*Attalea Excelsa*) com cachos muito carregados de côcos unidos e abetumados, companheiros estes inseparaveis dos

seringueiros que os utilizam na “defumação” da borracha; e outras muitas.

Além dos vegetaes de utilidade medicamentosa, dos que fornecem resinas aromaticas especialissimas, dos que fornecem excellente materia prima para o cortume, dos que fornecem a seiva, que se transforma em borracha e que constituem, pôde dizer-se, a unica riqueza explorada; abundam ainda as arvores fructiferas como o genipapeiro (*Genipa Americana*), as variedades de maracujá, a marimari, o quê-quê, o araçazeiro, a graviola, o copuassú, o cajueiro, o castanheiro, o cacauceiro, a abiorama, o guando, etc..

A esta abundancia de fructos comestiveis, alguns bastante alimenticios, corresponde uma fauna rica e variada, da qual mencionaremos alguns especimes. Os mammiferos quadrumanos ostentam grande numero de especies e variedades, dentre as quaes se destacam os simios: coatá, guariba, barrigudo, prego, saguí, mico ou macaco de cheiro; os mammiferos carnivoros contam ahi com exemplares da onça pintada, da onça vermelha, a maracajá-assú e a maracajá-mirim; a paca, a cotia e o quatiapurú representam os mammiferos roedores; a anta, o caetetú e o queixada ou porco do matto, os mammiferos pachidermes.

Na classe dos passaros, annota o relatorio a existencia de gaviões, urubús, mutuns, jacús, cojubins, nhambús, ciganas, araras, tucanos, papagaios, maitacas, periquitos, jurutys, socós, saracuras, patos, jacamins, garças, gaivotas, maçaricos, beija-flôres, patativas, bicudos, cardeaes, japins, picapaus e muitos outros.

Na classe dos reptis, a tartaruga, encontrada em abundancia, mas apenas a jusante da cachoeira Samuel, e o tracajá, o jaboty e o capitary — todos chelonios; os jacarés, os largatos, etc., da ordem dos saurios e innumerous batracheos e ophidios.

Ha grande variedade de peixes de agua doce, dentre os quaes os seguintes: Jundiá, tambaqui, candirú, jatuarana, puraquê ou peixe electrico, etc.

São inesquecíveis os insectos, no numero dos quaes se destacam os que, aos exames, tanto incommodam o explorador, como os piuns, maroins, potós, oras, carapanãs, mutucas, maribondos, cabas, grande variedade de abelhas e muitos outros.

\* \* \*

No capitulo dedicado a climatologia salienta o tenente Felix as causas principaes de insalubridade do valle do Jamary e demonstra que o mau estado sanitario da região provem do impaludismo quasi que exclusivamente, embora se assignalem casos de entero-colite, enterites, ictericia, eczemas, dertos, ulceras (das pernas principalmente), rheumatismo, erysipela, escrophulose, etc.

São do chefe da expedição Jamary as seguintes apreciações a este respeito:

“A situação geographica, a alta temperatura atmospherica, as chuvas frequentes, a diminuta elevação do solo e o transbordamento periodico das aguas, parecem ser os principaes factores que determinam o clima doentio do Jamary. Outras causas podem ser citadas, como: a humidade de algumas terras baixas e pantanosas, as aguas estagnadas das depressões do solo e as que se represam em virtude das inundações, os reconditos das massas florestaes, densas e impenetraveis á luz solar e onde se fermentam os detricos resultantes de uma vegetação activa e de rapido desenvolvimento e que se convertem com frequencia em fócios de proliferação dos micro-organismos pathogenicos.

“Os germens infectuosos denominados palustres, por causa do meio em que se produzem, desenvolvem-se juntamente com os culicidios ou mosquitos, que ahí encontram condições favoraveis á eclosão do ovo e evolução do embrião. Segundo a doutrina corrente hoje, alguns destes dipteros, quer silvestres, quer domesticos, gozam da faculdade de vectores desses germens e os transmittem ao corpo humano.

“As myriades de culicideos, com sensível diminuição no alto-Jamary, constituíram verdadeiro martyrio para todo o pessoal da expedição, durante os meses de Julho a Novembro, periodo em que foi effectuado o serviço. São essencialmente diurnos os piuns ou (*Culex ferox*), que desaparecem ao anoitecer; os carapanãs que comprehendem os anopheles, (*Culex fatigans*), (*Culex pipiens*), (*Culex spathopalpis*), (*Stegomya facciata*), são geralmente nocturnos e começam sua activissima acção desde o anoitecer, parecendo render os piuns. Os “*Stegomyas facciata*” e alguns outros “*Culex*” entram na excepção e são diurnos.

“Os avinhados “anopheles” são increpados da inoculação da malária, enfermidade mais commum em todo o Jamary.

“Fizemos as indispensaveis observações thermometricas; a temperatura media oscilla entre os extremos de 18° pela madrugada e 30° centigrados, pelas 14 horas.

“E’ durante a madrugada que o estado hygrometrico é mais importante; a essa hora sentiamos frio immensamente humido, os mosquiteiros e as redes ficavam muito molhados e assim mesmo eram embarcados quando se suspendiam os bivaques”.

\* \* \*

Para concluir este pallido resumo, diremos que a expedição não teve contacto com os selvicolas (V. nota 27) e que, além dos vulgares accidentes relativos ao alagamento das canôas, varias vezes occorrido, houve a lamentar a morte de dois expedicionarios, já referida linhas antes, devido a fortes accessos do temivel flagello da zona dos seringaes — o impaludismo.

Porto Alegre Novembro de 1925.

## NOTAS

NOTA 25 — O capitão Octavio Felix concluiu em março de 1910 o curso de estado-maior e engenharia-militar, pelo regulamento

de 1898, e estreiou-se como engenheiro em trabalhos da Comissão Rondon, espontaneamente escolhida por elle para servir de vehiculo a essa nova ordem de actividade. Recebeu então do general Rondon a incumbencia de explorar e levantar o rio Jamary, o que realizou proficientemente.

Coincidiu esta designação com a criação da chamada "Secção do Norte", encarregada de atacar a construcção da grande linha telegraphica Cuyabá-Madeira, em sentido contrario ao que levava a Secção do Sul, isto é, da Amazonia para Matto-Grosso.

O tenente Felix foi, pois, incluído na Secção do Norte e, de accôrdo com o projecto organizado pelo general Rondon, quando concluiu o reconhecimento da zona intermediaria (Expedição de 1909), devia executar com a maxima urgencia o levantamento do Jamary desde sua fóz até Cachoeira Samuel, trecho que serviria de base á locação definitiva da linha telegraphica que partiria de Santo-Antonio do Madeira ao encontro da que vinha sendo construida pela Secção do Sul.

O tenente Felix deu ahí provas de seu interesse pelo serviço, não só accelerando a marcha dos trabalhos, que começou num domingo, como porque conseguiu enviar dessa cachoeira a cardeneta e o "croquis" do levantamento feito até allí, cujo desenho concluiu no dia 2 de Agosto, a tempo de ser entregue tudo ao chefe da Secção do Norte, quando a 7 passou embarcado pela fóz do Jamary afim de instaurar sua secção.

Este "tour de force" valeu-lhe justos encomios do General Rondon para quem aliás, tudo era urgente, segundo aforismo vulgarizado entre os officiaes da commissão telegraphica...

Além dessa commissão, deu cabal desempenho a outra igualmente penosa, relativa ao reconhecimento do rio Juruá, no Amazonas, em que tomou parte, executando os estudos que serviram de base ao tratado de limites do nosso Paiz com a Republica do Perú; foi engenheiro-auxiliar-technico da commissão demarcadora destes limites, da Commissão Constructora do Forte de Copacabana e outras.

Como profissional de infantaria tem-se mostrado á altura de honroso conceito que delle fez o coronel Barat, da Missão Francêsa, quando terminou o curso de aperfeiçoamento, o qual o considerou em condições favoraveis para proseguir seus estudos na Escola de Estado-Maior, onde completou tambem o curso de revisão, sob a direcção dos officiaes francêses. Publicou a expensas proprias, em 1918, um trabalho sobre a execução dos tiros de combate, que foi muito apreciado pelos camaradas desta região militar, como esclarecimento das disposições do novo regulamento de tiro então adoptado no Exercito.

Taes são, em rapidos traços, as credenciaes com que apresento ao leitor este meu esforçado collega. (Coronel da Reserva, em 1940).

NOTA 26 — Vem a pello assignalar a difficuldade com que lutava a Commissão Rondon para dotar de medico as turmas que actuavam no sertão, o que se patenteia não só apontando o caso de nomear este pharmaceutico para chefiar o serviço de saúde da expedição Jamary, como informando ao leitor de que a medicos do Exercito, da Armada e da Policia do Rio assim como a medicos e pharmaceuticos civis e até a simples praticos de medicina, coube a direcção do serviço de saúde.

Tres circumstancias preponderavam, entre outras razões, para tornar difficil essa aquisição de profissionais: os rigores proprios da especie do serviço, em acampamentos, no sertão, sem conforto, sob intemperies, em zonas doentias ou de clima ingrato, etc.; insignificancia da gratificação attribuida aos medicos pelas instrucções da Commissão (600\$000 mensaes); desvalorização official dos serviços prestados na Commissão Rondon pelos militares, inclusive os medicos.

NOTA 27 — Não obstante essa falta de contacto, reeditemos alguma coisa já publicada pelo general Rondon, a proposito dos selvicolas do Jamary.

Duas tribus alli existiam: a dos Bôcas Pretas e a dos Arikêmes; os primeiros, localizados entre os rios Branco e Preto, ainda vivem perseguidos pelos seringueiros invasores de seus dominios. Os segundos, que na propria lingua se denominam "Ahôpôvo", e que devem ao vocabulario dos indios Urupás o nome de "Arikêmes" com que são conhecidos, estavam reduzidos a verdadeiros destroços quando o general Rondon os encontrou, e se não extinguiram completamente, graças á acção humanitaria com que este illustre "sertanista" os protegeu. Remanescentes de ambas as tribus foram trazidos pelo general e incorporados á pequena Babel selvicola que elle erigiu (Colonia Rodolpho de Miranda) em torno da estação telegraphica de "Arikêmes", ultima das tres banhadas pelo Jamary.

"Alli elles (Arikêmes) se acham agora installados — dizia Rondon em suas conferencias de 1915 — e socegradamente vão cuidando de se refazer dos estragos da desgraça passada e preparando-se para gozar das vantagens da nossa civilização, que procuram conhecer e assimilar.

"Um dos chefes, deseioso de apressar o advento da era de redempção do povo Arikême, pediu-me que fizesse educar um de seus filhos, segundo os nossos usos e costumes. Accedendo a este pedido, trouxe commigo o menino Parriba Parakina

Piuaca, que será incluído no quadro de educandos do Instituto Profissional de S. José (no Rio de Janeiro).

"Innumeras pessoas nesta capital (Rio), em Cambuquira e alhures, conhecem o pequeno Parriba; e quando o ouvem falar o português, tão fácil e correntemente, como se o houvesse aprendido dos lábios maternas; quando vêm os seus modos gentis e polidos; quando apreciam a vivacidade de sua conversação intelligente e comedida, a docilidade de seu genio franco e liberal; a custo creem que, ha dois annos apenas, vivia elle no fundo de uma floresta virgem de nossa Patria, fazendo parte integrante de uma tribu de miseros selvicolas, ignorados, perseguidos e massacrados".

Por motivos que não vêm a pello aqui esmiuçar, o pequeno Parriba foi matriculado no Collegio Baptista do Rio de Janeiro, sem objectivo algum de ordem religiosa, o que deu lugar entretanto a forte polemica sustentada por mim contra o deputado dr. Hossanah de Oliveira, redactor da secção catholica da "Tribuna". Logo no 1.º anno, demonstrou a intelligencia de que era dotado, alcançando o lugar de honra de sua turma, mas infelizmente a epidemia da "grippe espanhola" que assolou o Rio de Janeiro, em fins de 1918, ceifou tão promissora e curiosa existencia. Sobreviveu-lhe outro menino Arikême, seu primo, Amilcar Borobó, matriculado pela Commissão Rondon no mesmo Collegio e que tem dado esperanças de se tornar futuramente um homem culto e de bom character.

A triste historia dos Arikêmes é assim referida pelo general Rondon:

"Em começo de 1911, os sertanejos tiradores de cáucho, que se iam estabelecendo pelo Massangana, começaram a attingir as cabeceiras deste rio, onde se achavam as aldeias Arikêmes. A perseguição aos selvicolas iniciou-se na mesma occasião. No mês de Junho, os caucheiros resolveram dar um assalto em regra contra as "malocas". Guiados pelos trilhos abertos na floresta pelos proprios indios, conseguiram descobrir uma dessas "malocas"; cercaram-na, favorecidos pela hora matinal em que operavam, e, de improviso, romperam o tiroteio fazendo chover sobre os ranchos uma saraivada de balas Winchester. Os miseros assaltados, homens, mulheres e creanças, só cuidavam em fugir, loucos de pavor: um, porém, de nome Ogunho, caiu victimado pela fuzilaria assassina.

"Os assaltantes, de posse da aldeia, saquearam-na; mas como o dia não chegou para terminarem a obra nefanda que haviam planejado, voltaram no immediato, com mais companheiros: separaram o que ainda havia de bom e utilizavel, e o que foi rejei-

tado quebraram-no e queimaram-no, deixando tudo assolado e reduzido a cinzas.

“Os seringaes do Massangana são de propriedade do sr. Francisco de Castro. Mas, ainda para cima da fôz desse rio, no Jamarý, existiam já naquelle tempo, estabelecimentos de outros seringueiros, os irmãos Arruda. Com um delles conversei sobre esses brutos acontecimentos concitando-o a que empregasse e fizesse empregar pelos homens dos seus seringaes, processos humanos, dignos de nossa civilização, ou pelo menos taes que não causassem vergonha quando soubessemos terem sido usados por brasileiros, agindo contra brasileiros, dentro da Patria commum.

“Os acontecimentos encarregaram-se de provar que o meu appello não fôra lançado em vão, mas ao revez, encontrara plena correspondencia de sentimentos e de pensamentos na pessoa a que se dirigira, o sr. Godofredo Arruda. De facto, no anno immediato (1912) os empregados deste proprietario, seguindo á risca as instrucções que haviam recebido, conseguiram estabelecer relações pacificas e amistosas com os Arikêmes que frequentavam os seus seringaes.

“A noticia deste successo não demorou a chegar ao conhecimento dos caucheiros do Massangana, os quaes, mudando de tactica, mas não de proposito, se relacionaram tambem com os indios, como se fossem amigos. Assim conseguiram ser admitidos nas aldeias daquelle rio, e uma vez nellas, começaram logo a commetter os maiores abusos, a provocar a desorganização das familias e a desmoralização dos costumes e das instituições Arikêmes.

“Sob a acção destas influencias deleterias, a tribu entrou a dissolver-se rapidamente. Os seus habitantes eram retirados das aldeias e disseminados por todos os barracões dos seringaes do Massangana, e até do Candeias, onde morriam, na maior parte, victimados pela “avaria” e pelo defluxo, doença que entre os indigenas da Amazonia assume as proporções de terrivel epidemia, extremamente letal.

“Em Fevereiro de 1913, em Manáus, onde chegara, vindo do Rio de Janeiro, tive conhecimento de que um casal de meninos Arikêmes havia sido levado para Belem do Pará, por um proprietario de seringal do Massangana. Era necessario restituil-o á sua familia e a sua tribu; para isso solicitei e obtive, por intermedio da Inspectoria de Protecção aos Indios naquella capital, a intervenção da justiça publica, que mandou retirar os menores do poder de seu detentor.

“Abusos como este a que me acabo de referir, infelizmente se dão em nossa Patria, com maior frequencia do que seria legi-



timo esperar-se, visto sermos um povo policiado, cujas autoridades sabem que o primeiro e o mais nobilitante de todos os seus deveres é dispensar protecção áquelles de seus compatriotas que por fraqueza ou por ignorancia, estão expostos a soffrer violencias, disfarçadas ou não, de individuos ou de grupos de individuos poderosos e prepotentes.

“Como prova do que acabo de dizer, referirei que na mesma occasião, e ainda em Manáus, era eu obrigado a solicitar o auxilio da policia do Amazonas para impedir que o francês Labadie, ex-chefe da missão Mollard, seguisse para a Europa, levando como pretendia um indio Uapichana, que trouxera do alto rio Branco.

“Conseguido este objectivo, sahi de Manáus, tomando o rumo do Jamary. Enquanto subia o Madeira, de todos os lados me chegavam denuncias de que varias familias retinham em seu poder muitas crianças Arikêmes. Então eu as procurava, tomava-as commigo e continuava a viagem, conduzindo-as para suas aldeias, que ia resolvido a reconstituir e proteger. Dentre essas crianças, as de nome Parriba, Poróia e Antina, foram-me entregues em estado de doença tão grave, que ao chegarmos ao nosso acampamento do “Torno Largo”, no Jamary, tive de as deixar entregues aos cuidados do medico da Commissão Telegraphica.

“Do acampamento continuei a viagem, rio acima, levando os meninos Opuna e Patama. No dia 8 de março tomei, de uma lancha de seringueiros, que navegava aguas abaixo, um grupo de 16 indios, entre os quaes estava a mãe daquelles meninos. A pobre mulher parecia ter enlouquecido de alegria ao rever os filhos, que lhe haviam sido arrebatados e que ella julgava perdidos para sempre.

“A conclusão da viagem, por terra, foi muitissimo penosa: chovia incessantemente, e os indios doentes e estropiados, quasi não podiam caminhar. Afinal chegámos ás aldeias. O estado de miseria em que as encontrei, era de fazer sangrar os corações, mesmo os mais empedernidos. Muitas haviam sido destruidas pelo fogo; as roças e os paiões de mantimentos mettidos a saque e roubados; as mulheres raptadas e violadas; as crianças, arrebatadas e levadas para longe; doenças até então desconhecidas, haviam surgido e iam causando mortandades nunca vistas; emfim, a tribu, que, no momento de entrar em relações com os seringueiros, seria pelo menos de 600 almas, agora difficilmente poderia reunir 60 individuos!

“Não me quero, porém, demorar na contemplação deste quadro, mais do que doloroso, depressivo, e — por que não dizer? — vergonhoso monumento da ferocidade destructiva e perversa que assalta o homem civilizado, quando lhe falta o freio de um ideal humano, civico e planetario, capaz de o dirigir e normalizar no emprego das forças enormes que a sciencia e a industria lhe puzeram nas mãos, deixando, no entanto, ao alvedrio dos seus sentimentos e das suas intenções, a escolha de as aplicar para o bem ou para o mal”.

## CAPITULO IX

# EXPLORAÇÃO DOS RIOS ANARY E MACHADINHO

Para quem desce o rio Gy-Paraná ou Machado, importante affluente do Madeira, os rios Anary e Machadinho são nesta ordem encontrados como affluentes da margem esquerda, para jusante da barra do Jarú.

Attendendo ao pequeno volume d'agua, á grande quantidade de cachoeiras e quedas que seus leitos apresentam, e porque parte de seus cursos a montante costumam "cortar" (secar) durante quasi metade do anno, a exploração de ambos tornava-se mais penosa ainda do que a de outros rios de maior importancia. Além disto, queria o general Rondon que os levantamentos respectivos determinassem com precisão os divisores secundarios Anary-Jarú e Anary-Machadinho, assim como abrangessem o levantamento semi-expedito dos "varadouros" abertos nessa zona pelos exploradores dos seringaes. Finalmente, tratava-se de zona povoada de selvicolas que estavam sendo atrozmente perseguidos pelos seringueiros.

Em taes condições, impunha-se a escolha de um official veterano nas lides do sertão e que, no mais alto grau, houvesse tambem comprovado sua tendencia altruistica em face do magno problema da protecção aos índios: d'ahi a indicação do capitão Nicolau Bueno Horta Barbosa (V. nota 28) como o "primus inter pares" para levar a bom termo empresa de tão grandes responsabilidades.

Durante tres annos consecutivos occupou-se o tenente Nicolau com a realização desse vasto programma, concluindo com todo o exito. As interrupções foram ocasionadas por

incommodos de saúde que obrigaram o official a suspender os trabalhos para recommençar depois. Os "caminhamentos" effectuados, por terra e por agua, alcançaram a bella somma de 563 kilometros, equivalentes á media diaria superior a 5 km., pois que correspondem a 100 dias de serviço effectivo (de 22 de Dezembro de 1915 a 30 de Janeiro de 1916, de 26 de Abril a 19 de Maio de 1916, de 7 a 26 de Agosto e de 2 a 16 Setembro, tudo e 1917). Desde fins de 1916 até principios de 1917 e em meados deste ultimo anno, o tempo foi dedicado a una aproximação systematica dos indios tupys do Machadinho, como teremos ensejo de expôr.

Resumiremos separadamente, o que concerne ao Anary e ao Machadinho, conforme o meticoloso relatório apresentado em 1918 pelo capitão Nicolau; mas antes de extrahir as informações e os dados constantes desse documento, queremos chamar a attenção para certos pontos interessantes.

Geographicamente, estes dois rios só tiveram existencia depois de revelados pelos trabalhos da Commissão Rondon, que os fez levantar e os poz no mappa, embora fossem pouco tempo antes povoados pelos seringueiros que se estabeleceram ao longo de suas margens.

Apesar de explorado assim, quanto á industria extractiva da borracha, até tres quartas partes de seu curso, o rio Anary só teve desvendada a cabeceira pela expedição do capitão Nicolau.

O reconhecimento desta, importou concomitantemente na determinação de duas outras cabeceiras até então desconhecidas dos audazes seringueiros: as duas do Toc-fone, que corre para o Jarú (margem esquerda), e a de S. Benedicto, affluente do Machadinho pela margem direita.

Para completar a topographia do divisor entre os valles do Jamary e do Gy-Paraná ou Machado, o capitão Nicolau realizou ainda, extra-programma, o levantamento da linha que une as cabeceiras dos affluentes orientaes do Jamary, contra-vertentes das que dão origem aos affluentes das margens es-querdas do rio Machadinho e do rio Preto do Gy-Paraná, as-

sim como as nascentes deste proprio rio Preto (V. nota 29), para cujo conhecimento citou as seguintes informações obtidas por elle, dos moradores dessas paragens:

“Partindo de Calama (conhecido “barracão” da margem esquerda do rio Madeira, em frente á barra do Gy), em lancha, chega-se a Manôa, no rio Preto, á noitinha. Manôa é o grande “barracão” dos seringaes do rio Preto, pertencentes ao sr. coronel J. C. Crespo, onde existe grande cachoeira que impede a navegação continua dalli para cima. Um pouco abaixo de Manôa, está a barra do grande affluente Jacundá, da margem direita do rio Preto.

“No Jacundá, pouco acima da fóz, ha tambem uma grande cachoeira; “Curica” e “Jutuarana” (V. nota 30) são os dois notaveis affluentes da margem direita, entre Manôa e Cojubim; o “Valparaiso” é da margem esquerda. Acima de Cojubim o rio Preto se reparte: o galho da esquerda de quem sobe, tem o nome de “Santa Rosa” e nelle está localizado um “barracão”; no da direita, que é o principal, denominado “Triumpho”, tambem existe um “barracão”. Perto do repartimento está a “barraca” Boa-Vista (V. nota 31). Manôa, 13 de Maio, Jatuarana, Cojubim, Santa Rosa e Triumpho são os “barracões” do rio Preto cujas cabeceiras contravertem com as de seu homonymo do Jmary e a estas se ligam por um varadouro”.

Dentre innumeradas informações que constam do diario appenso ao relatorio, transcrevo as seguintes:

“Maio — 13 — Às 6 h. 20 m. a. m. parti com destino ao rio Preto. Passando pelo barracão de Jatuarana, na confluencia do igarapé desse nome com o da União (aguas do rio Preto), o qual tambem denominam S. Carlos, fui fazer pouso em S. Pedro (barraca).

Obs. ás 17 horas: 25° e 753, 75; ás 18 horas: 24,05 e 755 mm.

“Maio — 14 — Alcancei o rio Preto em Cojubim. Obs. ás 14 horas: 16°5 e 760.

“Maio — 15 — Parti de Cojubim fazendo o levantamento do varadouro até Santa Rosa. O “barracão” Cojubim está situado á margem esquerda do rio Preto e o varadouro cruza, pois, este rio, para ir a Santa Rosa, que está num igarapé affluente da m. dir. — Os pequenos batelões aproveitam as maiores aguas e conseguem subir de Cojubim até Santa Rosa. Mais ou menos a 8 km. de Cojubim está o passo do varadouro no rio Preto que ahi tem 15 metros de largura, de barranca a barranca. Acima do passo, o rio Preto recebe pela direita o igarapé da Onça. O varadouro cruza o igarapé Santa Rosa antes de chegar ao barracão deste nome. A’ tarde, regresssei a Cojubim. Abaixo de Cojubim, cerca de 4 km., recebe o rio Preto, pela margem esquerda o igarapé “Valparaiso”, volumoso, depois o ig. “Verde” e o “Alegre”. Pela direita recebe o S. Pedro, o Jutuarana (volumoso), o Curica e o Jacundá, tambem volumosos. O ultimo faz barra, em frente a Manôa e tambem tem uma cachoeira pouco acima da embocadura. “O campo de Manôa” vae até uma cachoeira.

“O paralelo de 8° 48’, limite de Matto Grosso e Amazonas, passa por Manôa.

“Abaixo dessa barracão e grande cachoeira, o rio ainda recebe um grande affluente á direita — o Juruázinho, que é preciso não confundir com o seu homonymo affluente do Gy-Paraná.

“Abaixo um pouco do Transvaal (barracão), fica a cachoeira do “Severo”, unica existente entre Manôa e Cojubim. No rigor da sêca, as canôas só alcançam o Transvaal, de onde então as cargas são conduzidas por muares para Cojubim, numa distancia de 15 km. por varadouro que passa o “Valparaiso” meia legua antes.

“O Jutuarana deita suas aguas no rio Preto, pouco acima de Transvaal.

“Maio, 16 — Às 6 horas em Cojubim: 17°5 e 760 mm, 5. Partindo de Cojubim effectuei o levantamento até a barraca “Oitocentas”, nome que provém de uma serra

proxima onde foram cortadas 800 “madeiras de seringa”.  
Medi 13.700 m.

“Maio, 17 — Prolonguei o levantamento até Santa Theresa, cuja cabeceira deve pertencer ao ig. Jutuarana. De Santa Theresa sahe um “varadouro” para as collocações do Oriente (seringal do Machadinho). A cabeceira Santa Theresa nasce de forte olho d’agua, que fórma um lindo poço, como se fosse largo banheiro feito pela natureza. Voltei a Oitocentas com a distancia medida de 12 kilometros.

“Maio, 18 — Deixando Oitocentas executei o levantamento do varadouro de S. Carlos, no total de 14.608, m., a partir da encruzilhada entre Cojubim e Oitocentas. Passei as barracas da Bacia e S. Pedro, esta sobre o igarapé do mesmo nome e que desce directamente ao rio Preto. O varadouro cruza o grande igarapé do José Ramos affl. do Jutuarana. Chega-se a S. Carlos, na confluencia do Jutuarana com o União, este com 5 metros de largura, mas muito profundo e em cujo leito se encontram poços bastante piscosos.

“Maio, 19 — Partindo de S. Carlos alcancei Queimadas, com 14.200 m. de serviço: o varadouro cruza o “União” e outros igarapés, menos importantes.

“Ficou assim, terminado o levantamento semi-expedito desde o Gy-Paraná, em Angustura, até o rio Preto, em Cojubim e Santa Rosa, onde se ligou com o levantamento anterior, que passou por Santo Antonio do rio Preto, affluente do January, vindo desde o Machadinho, em Fortaleza”.

A documentação, trazida pelo capitão Nicolau, desta excursão e constante das cadernetas do levantamento, desenhos e diario do serviço, permittiu ao Escriptorio Central da Commissão Rondon “remover uma lacuna deixada pela perda das cadernetas do engenheiro (V. nota 32) que levantou o rio Preto do Gy”.

O “croquis” junto, que organizei, esclarece a posição relativa dos rios de que me occupo.

Para concluir esta parte geral, convém registrar as informações que o relatorio presta sobre o rio Branco (do

Jamary), cujo levantamento ainda não foi feito por ninguém (V. nota 36):

“A sua principal cabeceira será talvez aquella que contraverte com a de Santa Rosa; mais provavelmente a que contraverte com o igarapé “José Rodrigues”. Estas cabeceiras pertencem ao denominado braço esquerdo do rio Branco, ou septentrional, que se une ao meridional junto ao barracão Jurupary ou Repartimento; deste ponto os batelões sobem o braço esquerdo até S. João, de onde as cargas são transportadas em muares até as cabeceiras ultimas, contravertentes do Jandahyra. Geralmente, porém, os moradores consideram como verdadeiro rio Branco, o meridional, que os batelões navegam até o barracão Ypiranga, que pode distar 27 kilometros de Jurupary, pelo “varadouro” geral.

“Nesse ponto do rio Branco estava “cortado” em fins de Setembro.

“Acima do Ypiranga, o braço denominado rio Branco bifurca-se: para a direita segue o braço menor e á esquerda vae o principal, que passa no barracão do “Clarindo”, em “Fortaleza”. Este nasce da cabeceira de “Triste Vida” e ao poente de Santa Rosa, a alguns kilometros.

“A cabeceira “Triste Vida” nasce na serra do mesmo nome, entre cabeceiras que descem aos igarapés “Valha-me Deus”, de um lado, e “Pau d’Arco, de outro, sendo este um dos formadores do braço norte do rio Branco ou braço de S. João.

“Junto ao “barracão” do Clarindo está a confluencia do igarapé a que me referi com o denominado “Limoeiro”, cujas aguas o varadouro acompanha durante alguma distancia, subindo para Santa Rosa, que dista 22 km., 81 d’aquele barracão.

“A 16 km. do Jurupary está Itapipóca, no rio Jamary, na confluencia do rio Branco. As embarcações a gasolina ou pequenas lanchas, rebocam batelões de carga até Gurupary, durante as enchentes.



“As cabeceiras do braço meridional do rio Branco se enquadram no divisor do Machadinho, por um lado, e no do “Valha-me-Deus”, por outro. Ellas não attingem o divisor do “Santo Antonio” (affl. do Machadinho), cujas cabeceiras, mais ao norte e ao poente, contravertem com as do “Valha-me-Deus”, ao passo que as meridionaes e as orientaes se oppõem ao “S. Salvador”.

Passemos, agora, aos promettidos resumos:

### O RIO ANARY

O serviço de levantamento comprehendeu o do trecho navegavel, desde Nazareth á fóz, por agua, e o da parte superior, por terra, desde as cabecciras até aquelle ponto.

Foi iniciado pela exploração das nascentes, cuja descoberta coube, como já accentuámos, ao capitão Nicolau, em 1916. Para sua determinação organizou elle a turma exploradora com 16 homens e 9 cargueiros sob sua chefia, e partiu do valle do Machadinho, abrindo picada na matta e acompanhando o curso do igarapé S. Benedicto. Determinada a posição das nascentes, desceu a expedição pelo divisor Anary-Jarú, levantando este divisor e o curso do Anary ao mesmo tempo.

Quando o “caminhamento” attingiu 10 km., 421, deu-se o primeiro encontro da vanguarda com um grupo de indios, do que resultou a suspensão dos trabalhos e a marcha para Nazareth, onde foi retomado o levantamento do Anary.

Damos a palavra ao capitão Nicolau para narrar as sensacionaes peripecias deste encontro:

“... Effectivamente o auxiliar da turma, sr. Manoel Pereira de Sousa, que seguia fazendo a vanguarda e abrindo estreito “pique”, pelo melhor terreno, encontrou repentinamente uma turma de indios que se occupavam em fazer “tocaias” de palmas de auassú para caçadas (V. nota 33).

Ao mesmo tempo outro homem tinha encontro semelhante á margem esquerda do Anary, que elle descia para ir verificando os affluentes: chegou a avistar-se com dois indios que correram, e ouviu as pancadas de um pilão, que indicava aldeia proxima.

“Os indios longe de fugirem, começaram a demonstrar sua presença som assobios, imitando animaes e batendo em sapopembas. Como não chegavam á fala e pareciam em attitude de desafio, o auxiliar suspendeu o trabalho e retrocedeu a communicar o occorrido.

“Conduzindo pessoalmente a turma, levei a abertura da picada até o ponto das tocaias. Procurou-se então a “batida” dos indios e encontrou-se um trilho que nos levou a outro mais largo, na margem esquerda do Anary. Gritámos repetidamente, no desejo de uma resposta dos indios. Elles conservaram-se em silencio; mas, assim mesmo, continuámos pelo trilho e passámos por dois recentes acampamentos, onde notámos muitos paus derrubados e signaes de palha cortada, fazia pouco tempo. Tudo indicava a proximidade da aldeia ou do acampamento que então occupariam; por isto redobrámos os gritos de chamada.

“Afimall, passado pequeno igarapé, percebemos, ao alto da ladeira, a claridade que annuncia as derrubadas na matta; mais um instante e avistámos a rancharia do acampamento indigena. Entrámos, sem ir até o centro, pois a prudencia assim aconselhava, deante da quietude dos indios, que, fazia poucos minutos, se haviam retirado, deixando ainda fogos accesos, balaios com mantimentos, uma arara e um gavião. Apenas nos avistou, aquella ave atirou-se de seu poleiro abaixo, aos gritos asperos de alarme; o gavião completamente depennado, correu a refugiar-se na matta. Uma cadellinha nova, que nos acompanhava, correu, perseguindo a arara; e quando o meu auxiliar já se adeantava um pouco para agarral-a e impedir que maltratasse a ave, e, aos meus gritos de reprehensão, a cadella abandonava já a imprudente perseguição, foi que os indios, emboscados do lado opposto

do acampamento, atacaram-nos inopinadamente com suas flechas, logo seguidas de gritos de guerra.

“Algumas flechas passaram bem proximas de nós, que eramos quatro, no terreiro do acampamento. Instintivamente nos retirámos a correr, collocando-nos ao abrigo da baixada do igarapé, que foi o que nos salvou no momento. Mas, não parámos ahi, porque os indios, sahindo de seus abrigos, por detrás das arvores, nos perseguiram, soltando gritos de combate; até que, quasi a alcançar-nos elles, dois tiros disparados ao ar, por minha ordem, os contiveram, fazendo cessar a ardorosa perseguição.

“Então, pudemos recolher-nos em socego ao nosso bivaque, verificada a presença dos demais companheiros e nenhum ferimento. Não deixámos, porém, de tornar a gritar pelos indios: o silencio foi a sua resposta.

“Falhava assim a nossa tentativa amistosa, sem duvida por ter sido prematura, não se achando ainda os indios na comprehensão de nossos propositos; sobretudo por não haverem podido ter a calma necessaria a um julgamento da situação, devido á pouca distancia em que se achavam suas mulheres e crianças, que lhes exigiam defesa immediata a todo o custo. Aliás não os procurei imaginando uma pacificação por surpresa; desejava que me respondessem aos gritos, e, utilizando então o vocabulario que tinha de algumas linguas, procuraria fazer-me comprehender nos meus bons propositos.

“Verificada a existencia delles em nosso rumo obrigado, ou tériamos de nos retirar, dando logo por finda nossa exploração, ou tentariamos proseguil-a. Talvez nos respondessem, talvez se retirassem deixando-nos o caminho livre, como de outras vezes faziam. Preferiram atacar-nos, cortando assim nossas esperanças”.

Recolhendo-se, com sua gente, ao bivaque de onde partira ao encontro dos selvicolas, o capitão Nicolau ahi permaneceu ainda, na expectativa de um entendimento com elles. Enquanto preparava os desenhos do levantamento até ahi

realizado, mandou pequena turma construir um estivado sobre o igarapé brejoso que a picada atravessava, ao fim do qual pretendia deixar-lhes brindes, conforme os processos invariavelmente seguidos por todos quantos obedeciam à direcção de Rondon.

Alguns minutos decorridos depois da partida da turma do estivado, estrondou na matta um tiro, antecedido de infernal vozerio; descreve então o relatorio:

“Eram os indios, que já vinham perto do nosso bivaque, para atacar-nos de surpresa, e que por sua vez seprehenderam ao encontrar os nossos homens no meio da picada. Não se amedrontaram, porém, sem duvida porque correramos delles na vespera e nossos tiros não lhes fizeram mal. Por isso, soltaram logo as flechas, seguidas de gritos de ataque. Foi quanto um tiro se disparou ao ar.

“No local permaneceram alguns homens, guardando o caninho, como eu lhes recommendara, ao passo que os demais regressaram ao bivaque, a dar-me parte do occorrido.

“Acudi apressadamente; alguns homens gritavam aos indios, que respondiam imitando-os e ameaçando-os. De vez em quando uma flecha zumbia pela folhagem da matta. Em vão nos demorámos em tentar comprehender os indios e a querer que nos comprehendessem. O nosso caçador Arankui, indio da tribu dos Jarús, declarou-nos nada entender e tambem elles não o entendiam, tanto que mais e mais redobravam suas ameaças selvagens.

“Estavamos sendo rodeados e tornou-se urgente o nosso regresso ao bivaque, a 300 m. apenas dalli. Dei ordem de immediata contra-marcha: enquanto se alceavam as cargas e se arreavam os cargueiros, disparámos alguns tiros a esmo, para conter á distancia os nossos atacantes, sem lhes fazer mal. Este artificio ia surtindo o effeito desejado e logo se concluíram os preparativos do regresso, que se realizou sem atropelo e precavidamente.

“Então as “aves” e os “animaes” da floresta nos assoviavam e gritavam em torno... e mesmo alguma flecha nos passou por cima.

“Retomando o divisor, procurámos á noitinha uma cabeceira do Toc-fone, sobre pequena serra explorada por mim no anno anterior”.

Desde o dia 7 de Agosto em que occorreu este ataque dos indios, até o dia 10, marchou a turma com todas as precauções de uma columna que se retira deante do inimigo (?), confirmando desta vez ainda, o adagio militar de que a retirada bem organizada e opportuna póde valer por uma victoria. Se ás difficuldades technicas de tal operação tactica accresciam alli o reduzidissimo numero dos retirantes, a hostilidade propria das mattas virgens e o desconhecimento do terreno a palmilhar, havia em favor da ordem e da calma geral, a fulgurante concepção humanitaria de seu digno chefe, a coragem estoica daquelles cuja energia soffreu a prova real de semelhante situação critica, em que se tem consciencia do risco que corre a vida, mas não se perde o sangue frio e se poupa o aggressor insensato e illudido, aos tiros certos das carabinas modernas.

Convenhamos em que não ha palavras humanas bastante expressivas para o elogio de quem assim procedeu, com tanto amor, lá por aquellas brenhas da Amazonia mattogrossense!

Forçado assim a interromper por tres dias o levantamento do Anary, por terra, alcançou afinal o capitão Nicolau o porto de Nazareth, onde já se achavam as canoas destinadas ao levantamento por agua e que elle iniciou no dia seguinte ao de sua chegada ahi (dia 10), tripulando duas embarcações apropriadas e munido de bussola e telemetro de Guiau et Fleuriais, barometros aneroides e thermometros.

Desde Nazareth até a fóz, o levantamento accusou 62 km. 772 metros, que sommados ao trecho de montante, parte medida e parte por medir avaliada aproximadamente, perfazem cerca de noventa kilometros.

No dia 26 Agosto a turma chegou á fóz do Anary, no rio Gy-Paraná ou Machado, verificando que sua embocadura está situada exactamente no grande cotovello que forma o curso do Gy quando muda sua direcção, quasi em angulo recto, de rumo Norte para rumo Oeste.

Acompanhemos agora a descripção do relatorio quanto á posição do Anary, sua cabeceira, seus afluentes, suas cachoeiras, etc.:

“*Sua posição*: Acha-se o Anary entre os rios Jarú e Machadinho e desemboca a cerca de 40 km. abaixo daquelle, em a margem esquerda do Gy-Paraná ou Machado. Seu curso é pequeno em relação a de seus vizinhos; não obstante, offerece bom caminho aos grandes batelões até o tempo das aguas médias.

“*Sua direcção geral* é a principio de Oeste para Leste, até mais ou menos a barra do Republica; dahi em deante inclinando-se ao nordeste, corre parallelamente ao Gy, até a confluencia ,a poucos kilometros deste, tanto que em certos dias, se ouve no Gy o surdo ribombo da cachoeira “Trabalhosa”, do Anary, a qual fica a 15 km. da barra.

“*Seu divisor de aguas com o Jarú* apresenta, em parte, de notavel, achar-se muito proximo a este, a tal ponto que, combinada esta proximidade com a direcção geral de seu curso, se presuniria que o Anary fosse affluir ao Jarú.

*Sua cabecera principal*: Foi procurada e descoberta em 1916, entre as cabeceiras do Toc-fone ao Sul e as do S. Benedicto ao poente. Este igarapé afflue ao Machadinho e aquelle ao Jarú, nascendo ambos de um mesmo brejo em meio da matta da alta chapada. Ahi é que termina o divisor de aguas entre o Machadinho e o Jarú, que vinha em rumo N. E., e tem começo a divisoria deste com o Anary, exactamente no rumo geral de Oeste para Leste. A cabeceira do Anary nasce de uma grotta, com muita abundancia de agua.

Ninguem a conhecêra antes da expedição de 1916, e nem mesmo a attingira a pequena turma conduzida pelo destemido “matteiro” Pedro Alves, que, nesse anno, atra-

vessou o Anary, vindo do Machadinho em exploração de cauchaes (V. nota 34).

*“Seus affluentes e formadores:* Subindo o Anary, encontra-se a 9 km. acima de Nazareth, um largo affluente, pela margem direita, denominado “Coatá”, tradução de “Taboca”, como lhe chamavam os índios Jarús, antigos moradores da região. Pouco acima do Coatá desdobra-se o Anary em dois braços: ao poente continúa o braço, que conserva o nome do rio até a cabeceira já descripta em contravertente com o S. Benedicto e o Toc-fone; ao N. O. segue o braço menor, ainda hoje pouco conhecido, pela impossibilidade que houve de estender-lhe as explorações de detalhe, em virtude das hostilidades dos índios. Este braço é que contraverte com as cabeceiras do Limãozinho (e que os occupantes do Machadinho imaginavam ser a cabeceira do Anary), bem como as do S. Pedro, outro grande affluente do Machadinho.

“Dois kilometros abaixo de Nazareth, onde tem 20 m. de largura, recebe o igarapé “Republica”, de 10 m. de largo e que é o derradeiro affluente fornecido pelo divisor do Jarú (vale dizer, pela m. dir.)... Este igarapé contraverte com o Cururú e o Orange, ao passo que o Coatá contraverte com o Laguinho, a que os índios Jarús denominam “Ivê-him”.

“Abaixo do Republica e pela margem esquerda, o Anary recebe tres affluentes importantes. Um delles parece contraverter com os igarapés do “Uruá” e “Bom Socego”, que descem ao Machadinho; outro é conhecido por “Gloria” e contraverte com o Riachão; o 3.º se denomina “Mundo Novo” e desce da Serra Nova, em opposição ao “Cachoeirinha” ou “Prata”.

“Já perto de sua fóz o Anary recebe um 4.º affluente, vindo da divisoria com o Machadinho; não é volumoso e

apenas o citamos por ser o ultimo que provém daquella divisoria.

*Suas cachoeiras*: Até a confluencia do Coatá, o Anary apresenta apenas tres cachoeiras importantes, a partir de sua embocadura: A 1.<sup>a</sup> e mais importante, é conhecida pelo nome de "Trabalhosa". Jámais embarcação alguma poderá transpor-a com carga ou descarregada. Um "varadouro", á margem direita, permite o transporte de embarcações pequenas e cargas, evitando a cachoeira. Mais acima existe outra, menos perigosa, conhecida por "Tracua". Quando as cargas não podem passar embarcadas, servem-se os viajantes de pequeno "varadouro", em uma ilha, para o respectivo transporte, evitando a cachoeira. Finalmente, ha outra, 500 m. acima do "barracão" "Pedra Branca", assim tambem denominada: é menos perigosa que as anteriores. Afóra essas, o Anary apresenta algumas cachoeiras e corredeiras que desaparecem totalmente, logo que se inicia a época das chuvas.

*"Sua navegabilidade"*: Verifica-se, pelo exposto, que a navegabilidade do Anary é bem superior á do Jarú, guardadas as proporções dos respectivos cursos. Não tem a rapida inclinação de leito que se nota no Jarú, cujas cachoeiras e lages se succedem com frequencia notavel. No mês de Agosto, em que descemos o Anary, já não poderíamos trabalhar no Jarú, sem que arrastassemos penosamente as minusculas canôas em longos "estirões" empedrados. Já no rigôr da sêca, pois, o Anary pôde ser percorrido, em canôas, até o "barracão" Nazareth ou até a barra do Republica, que fica em seu terço superior, apenas com a difficuldade de tres cachoeiras e algumas corredeiras.

*"Indios"*: Antigamente eram os Jarús, moradores do Tramac (nome indigena do rio Jarú), os unicos conhecedores do Anary, cujo nome indigena é "Uaneri" ou



“Uandri”, do qual por corruptela proveio aquelle entre os civilizados. Em aguas do Coatá, encontra-se uma extensa capoeira, contendo ainda bananeiras, a qual foi a localidade de enorme aldeia Jarú, denominada S. Pedro, pelos seringueiros. — S. João foi outra aldeia Jarú, e ainda mais ao Norte, portanto, mais proxima do Anary, existe terceira capoeira, demonstrando haver sido alli séde de um grande nucleo daquelles indios, hoje extinctos como nação. Deste nucleo partiram elles para o Machadinho, cruzando o Anary e ganhando o divisor ao N. O.; desciam o Limãozinho e assim chegavam áquelle rio, que margeavam pela esquerda até União, em busca de brindes, sob a forma de offerta de seus trabalhos nas mortíferas cachoeiras daquelle rio insalubre.

“Quasi extinctos os “Jarús” e já decadente a industria extactiva, appareceu no Anary uma turma de indios, cujo nome particular ainda se desconhece. Vieram do Jamary, ou mais precisamente, do alto rio Branco, fugindo ás “battidas” dos seringueiros desse rio. O primeiro signal que deram de sua aproximação, foi na capoeira ultima, apontada neste relatorio como terceiro grande nucleo de Jarús. Proximo de poucos metros dessa capoeira, acha-se a “barraca” conhecida pelo nome de seu morador Agostinho. Os indios appareceram em noites de luar e conduziram sementes e mudas, que lhes interessavam, a saber: milho, mandioca e algodão.

“Percebida a sua visita, foi-lhes deixada no local uma certa quantidade de brindes, e mais sementes e frutas. Voltando elles, tudo conduziram, menos os cachos de bananas.

“Mais tarde, descendo o Anary, estes indios chegaram a Nazareth e começaram a frequentar a roça de um seringueiro, sem lhe fazerem, porém, nenhuma hostilidade. Esse homem descobriu os seus trilhos, que semeou de estrépes, levando sua malvadez ao ponto de deixar-lhes alli uma arma dilha de “rifle” (espingarda Winchester).

“Offendidos, os índios dentro em pouco reagiram. Em pleno dia, atacaram a barraca do seringueiro, a despeito dos cães que os atropellaram e a despeito de nella se acharem muitas outras pessoas. Uma destas foi flechada sem gravidade. Repellido á bala, os índios fugiram, abandonando alguns arcos e muitas flechas. Os seringueiros correram ao Igarapé Republica, onde estavam dois índios Jarús, cujo auxilio pediram para a perseguição dos atacantes. Os Jarús subiram o Anary, acompanhando as pegadas dos outros, mas dentro em breve, regressaram, sem os haver alcançado.

“O panico, sobrevindo a estes factos, determinou o immediato abandono dos seringaes do Anary, em 1915, cuja exploração já se achava accentuadamente agonizante.

“Por outro lado ,os índios Tupys, recolhendo-se ao alto Anary, lá se conservaram nos annos seguintes, sem maleficio algum, apesar dos seus frequentes encontros com os moradores do Machadinho, no varadouro de Fortaleza para cima, quando chegam as temporadas de pescarias nos poços dos igarapés e nos igápós daquelle rio (v. nota 35).

“As hostilidades que nos fizcram esses índios, vão relatadas no “diario”. As tentativas que fizemos para ganhar-lhes a amizade, observações sobre suas “malocas”, plantações, etc., deixaremos para as notas do Machadinho, de onde partimos á procura delles, que encontrámos estabelecidos no divisor deste rio com o Anary”.

## O RIO MACHADINHO

O curso do Machadinho envolve o do Anary e é-lhe tres vezes superior em extensão. O seu levantamento foi executado por partes: 249,746 metros a telemetro Fleurais e bussola de Gurley, na parte navegavel, desde Espirito Santo, até a barra; 38.053m, por terra a corrente e bussola, de Espirito Santo ás cabeceiras (nascente de Santa Rosa), por caminhamento ao longo de suas margens, ora pela direita,

ora pela esquerda; o que perfaz o total de 287 km. 749 para extensão do rio, integralmente lançado assim na carta de Matto-Grosso.

Na minuciosa exploração a que procedeu o capitão Nicolau verificou que o Machadinho desce das serras divisorias dos rios Branco e Preto, afluentes, ambos, do Jarmy; tem sua bacia collocada entre as do Anary e Preto, contribuintes tambem do Gy-Paraná; e que, no seu curso superior, tem afluentes que contravertem com o Toc-fone e o S. Salvador, ambos da bacia do Jarú, assim como, no seu curso inferior, afluentes secundarios, que contravertem com igarapés contribuintes do Gy-Paraná e que desaguam acima de Maruis.

O estudo das contravertentes, das divisorias e cabeceiras, assim como dos "varadouros" já abertos nos seringaes desta zona, importou na execução de cerca de 186 kilometros de levantamento semi-expedito (bussola e corrente). Recapitulando, pois, o caminhamento geral, temos:

Valle do Anary .....	90 Km.
Rio Machadinho .....	287,799
Varadouros .....	185,856
	<hr/>
	563,655

A determinação do volume d'agua do Machadinho evidencia a irregularidade do seu regimen e a grande variação que soffre a sua descarga e sua profundidade na época das chuvas e na época da sêca. Em Bom Futuro, por exemplo, a profundidade maxima encontrada em 27 de Dezembro de 1915, correspondeu a descarga calculada de  $1m^3,166$ ; no mesmo ponto o rio sêca ás vezes completamente em Setembro; finalmente, nas maiores enchentes pôde attingir 2m. de profundidade e produzir então 80.000 litros de descarga por segundo.

Mais a jusante, m Fortaleza, foi calculada em  $8m^3,134$  a descarga (3/1/916) para uma profundidade media de

Im.6. Também nas grandes estiagens o rio desaparece nesse ponto, ao passo que pôde alcançar, na maior cheia, o dobro daquelle volume.

A 22/1/1916, sua descarga era de 99m<sup>3</sup>,500 em S. Gonçalo, para 47 m. de largura e 4m,8 de profundidade maxima; o rio achava-se então com quasi 5 m. mais, acima do nivel da menor vasante observada no local, e mbora devesse subir ainda em Março e Abril, já ultrapassara as barrancas das margens e começava, por conseguinte, a inundar as varzeas confinantes.

Proximo á barra encontrou o capitão Nicolau os seguintes dados, no dia 30/1/1926:

Largura .....	63m
Profundidade .....	3m,8
Area de secção transversal .....	276m <sup>2</sup>
Velocidade media .....	0m,8
Descarga .....	220m <sup>3</sup>

Finalmente o Machadinho, na barra, tem a largura de 83 metros e a descarga de cerca de 300.000 litros por segundo.

No relatorio do capitão Nicolau encontram-se os diarios completos de todos os levantamentos e as tabellas de distancias parcelladas e accumuladas entre os pontos principaes do Machadinho, desde as nascentes até a fóz, bem como dos itinerarios percorridos para completar o programma do serviço.

Nos diarios, estão annotadas cuidadosamente as leituras do thermometro e do barometro, e é curioso accentuar que as temperaturas em graus centigrados, observadas ás 6 horas da manhã, variaram entre limites de 15° e 26°,5; e entre 24° e 33°,5 das 13 ás 17 horas, correspondendo taes observações aos meses de Agosto, Setembro, Dezembro, Abril, Maio e Junho, isto é, na força do verão e no mês mais frio do anno para aquellas zonas. As pressões barometricas registadas, sem nenhuma correcção, oscillaram entre 748 e

760 mm,5; aquella minima foi lida no divisor, justamente na origem de Machadinho, ás 9 horas da manhã, quando a temperatura era de 27º,5 Cent. á sombra; á maxima de 760 mm,5 correspondeu a temperatura de 17º,5, a 16 de Maio, em Cojubim, no rio Preto do Gy. O barometro marcou 760 mm em "Dois de Novembro", á margem do Gy-Paraná, nos dias 5 e 6 de Maio, ás 6 horas a. m. sob temperaturas de 21º,5 e 24º Cent.

Homologamente ao que fizemos quanto ao Anary, passemos em revista os topicos principaes do relatorio do capitão Nicolau, sobre o Machadinho:

*Cabeceiras* — A cabeceira principal é a de Santa-Rosa, contravertente do rio Branco, formada de alguns olhos d'agua em meio de pequeno brejo. Abaixo cerca de 3.500 m. recebe aguas da 2.<sup>a</sup> cabeceira, denominada Santo Amaro, mais ou menos com a metade do volume da 1.<sup>a</sup> Deste encontro para baixo prevalece o nome de Machadinho para o igarapé ou correjo assim formado, que continúa a engrossar, pouco a pouco, graças a pequenos afluentes originados nas serras proximas, até que lhe vem pela direita um contribuinte mais importante, que nasce no divisor de aguas do "Valhame Deus". Mais importante ainda é o igarapé de José Rodrigues (nome do primeiro morador), que afflue ao Machadinho pela esquerda, vindo da divisoria do rio Branco (do Jamarj), o qual regula 2/3 do volume de seu collector, que dahi para baixo ganha a largura de 5 a 6 m. O igarapé José Rodrigues conserva suas aguas mesmo no rigor das sêcas; faz barra a 7.100 m. abaixo de Santo Amaro e a 10.600 m. da nascente Santa Rosa.

*"Afluentes* — Seria enfadonho enumerar todos os afluentes do Machadinho, os quaes figuram nas cadernetas e plantas. Mencionarei alguns mais importantes, a saber: "St. Antonio", pela margem direita, com 8 metros de largura; "S. José", que marca o termo da navegação do Ma-

chadinho por canôas e igarités, pela margem esquerda; Conceição”, que nasce com o nome d Bella-Agua, pela margem esquerda; “Samauma”, pela margem direita, com 10 metros de largura, Limãozinho, Vargem Alegre, Jandahyra, Repartimento, (estes dois, ao se incorporarem, duplicam o volume do Machadinho), S. Pedro, Carmêlo (faz barra á esquerda, contraverte com as cabeceiras Retiro e Indianopolis, dos rios Branco e Preto do Jamarj; desdobra-se em braço septentrional das “Tabocas”, abaixo do qual recebe um affluente que contraverte, tanto com o rio Preto do Jamarj, como com o Preto do Gy), Agua Azul ou Mimosa, Jatuarana, Parmelo, Uruã, Riachão, Preto, Ananaz, Prata, ou Cachoeirinha, Repartimento etc.”.

Além das indicações transcriptas, o relatorio descreve minuciosamente cada um dos afluentes citados, descripções que evitei transladar, por economia de espaço, dado o caracter deste resumo.

Da mesma fórmula estão descriptas todas as cachoeiras cuja relação vae abaixo, mas me dispensarei de reproduzir a parte menos importante, pelo motivo já allegado.

“*Cachoeiras* — Subindo o Machadinho, a primeira cachoeira que se encontra é a da “Andorinha”, onde tem, pois, começo o trecho encachoeirado do rio.

Logo em seguida vem a “Jaburú”, termo da navegação das lanchas. A seguir: “Jacaretinga”; “Cojubim”; S. José distante 66 km., 340 da ultima citada e que constitue um completo obstaculo ás embarcações que, quando não são demasiadamente pesadas, são transportadas ás costas ou aos hombros, ou ainda sobre roletes, por um varadouro aberto á margem esquerda; finalmente, a do “Espirito Santo, 15 m., 100 a montante da de S. José.

“*Navegabilidade* — Da descripção precedente, podem concluir-se, facilmente, as condições em que se faz a navegação do Machadinho. As enchentes permitem que as

lanchas a vapor, proprias ao transporte entre Tabajara e S. Felix, no rio Machado entrem no Machadinho até Jaburú, a 12 km.,482 de sua embocadura.

Ahi começa a penosissima phase do transporte através das cachoeiras, subindo as cargas em batelões seguros por cabos, ou ás costas, pelos varadouros já referidos. As vezes as embarcações são tambem "varadas", quer arrastadas sobre as pedras, quer sobre roletes nos "varadouros", ou ainda ao hombro. Outras vezes as cargas são transbordadas para novas igarités nos "portos" a montante.

"Transporta a cachoeira Cojubim, continúa a navegação das grandes igarités e dos grandes batelões ,até S. José, onde se repetem as manobras habituaes das "varações".

"Acima de S. José, os mesmos batelões podem chegar habitualmente até "União"; os do médio tamanho attingem "Fortaleza" e ainda "Espirito-Santo", mas isto apenas durante curto periodo do anno.

"Ainda em menor periodo e muito precariamente, as igarités sobem de Espirito Santo a Bom Futuro, que fica a 25 kms.,686 da embocadura. Dahi para cima absolutamente não se faz navegação, nem mesmo em canôas.

"Quando cessam as grandes aguas e o rio se encaixa entre seus barrancos, sem mais alimentar as alagações marginaes, as embarcações apenas attingem Fortaleza. De Julho a Outubro e Novembro ellas não passam de "União"; servem-se então os moradores dos varadouros que acompanham o curso do rio dahi até Bom Futuro, e que medem 66 kms.,880.

"No rigor das sêcas as igarités attingem sempre S. Gonçalo, e mesmo União, embora com as constantes difficuldades dos bancos de areia e paus. As tripulações nuas ou semi-nuas arrastam as embarcações penosamente e se vêm obrigadas ao repetido trabalho de machado para desimpedir o canal dos paus que o obstruem",

Traz o relatório, a seguir, copiosos dados concernentes aos barracões e varadouros por onde passou o capitão Nicolau com o seu serviço.

Vêm por fim, as informações relativas aos selvícolas habitantes da região e aos episódios ocorridos entre elles e os expedicionarios. Observou o capitão Nicolau vestígios de aldeamentos dos índios "Rama-ramas", habitantes primitivos do Machadinho e que estão quasi extinctos, reduzidos a uma unica "malóca", e identificou, pela primeira vez, um grupo de tupys que encontrou como que ilhados entre "Jarús", "Arikêmes", "Caritianas" e "Bocas-Negras, de nações completamente sem parentesco com elles. Desse grupo tratam as seguintes notas:

"De muito mais importancia são as notas que passo a dar sobre os índios que, ha annos, vieram do Juary ou alto-rio-Branco para o alto-Machadinho, na divisoria com o Anary...

"Esses índios deixaram sobre o Machadinho, acima um pouco de Fortaleza, uma pinguela, que foi o primeiro signal certo de sua existencia, quando, em 1915, effectuei o levantamento daquelle rio, confirmando assim as noticias que me haviam dado os moradores de Espirito-Santo e Bom Futuro.

"Tambem examinei os signaes deixados nos igarapés á margem do rio, e vi algumas flechas atiradas quando elles atacaram o primeiro daquelles barracões.

"Esse ataque foi motivado por haver um seringueiro disparado contra elles alguns tiros, quando, perdido na matta do igarapé "Repartimento", avistou casualmente um acampamento de que se arreceou. Os índios então haviam sondado o caminho ou rumo tomado por seu aggressor, que conseguira alcançar o "barracão" Espirito-Santo; e o seguiram, atacando-o de surpresa, quando o viram no porto em qualquer occupação. O seringueiro conseguiu escapar, refugiando-se no barracão, onde se achavam mais duas pessoas apenas. As flechas começaram então a ser dirigidas para lá e certamente os índios não teriam fugido, caso não



tivessem pouco depois a resposta de uns tiros, dados aliás inoffensivamente. Nunca mais voltaram ao logar.

“Entre Fortaleza e União, na “barraca” do Palhal, também elles appareceram. Mal recebidos, responderam com suas flechas, de que resultou o ferimento e morte de uma infeliz mulher que subia a ladeira á beira do rio, com um pote á cabeça, enquanto os homens fugiam cobardemente para a margem opposta. Também ahi nunca mais voltaram os indios.

“Em 1915 houve, finalmente, o encontro em Nazareth do rio Anary, já descripto quando tratei deste rio.

“Em 1916 esses indios continuavam no Machadinho, em pontos ainda mal deetrminados. Como, porém, vieram elles ao Machadinho? Quaes as razões de sua emigração? É o que vamos resumir agora.

“Aldeiavam-se elles em aguas do denominado braço esquerdo do rio Branco e nunca haviam feito mal algum aos seringueiros, que cada vez subiam mais as cabeceiras com suas “estradas” (Chamam assim aos trilhos que abrem na mata, a facção, para dar acesso apenas a um pedestre e que ligam os pés de seringueira ou as “madeiras” de que extrahem a borracha). Chegou, porem, o dia em que a imprudencia e a malvadez de um homem vieram alterar a attitude pacifica dos indios. Indo ao “barreiro”, ahi avistou elle um indio sobre quem fez fogo, depois do que se retirou do local, e meditando já, talvez, sobre as consequencias de sua leviandade, recolheu-se ao “barracão” de Jurupary, sem referir toda a verdade do occorrido. Os indios verificaram o caminho por elle seguido e não tardou a desforra: emboscaram-se perto do “barracão” e surpreenderam dois homens que flecharam e mataram.

Certo empregado do seringal organizou então um troço de homens armados de “rifle”, que effectuaram uma “batida” á aldeia selvicola. Já proximos, fuzilaram de surpresa um indio adulto e feriram outro, menor, encontrados

casualmente, incidente que deu em resultado acharem os atacantes já completamente deserto o aldeamento dos indios que assim escaparam do cruel morticínio... Incendiaram, porém, a rancharia indigena e devastaram as roças encontradas. Regressaram ainda os atacantes á caça do menino ferido, que não foi difficil encontrarem, guiados pelos pingos de sangue. Apanhado, o menino fez todos os gestos pedindo misericórdia, mas em vão, porque não tardou que um homem consumasse o hediondo assassinio, sangrando a facção a pobre criança indefesa! Deram-me informações de haver fallecido esse monstro de malvadez, no seringal Rio Branco, onde o seu ato mereceu justa reprovação, apesar da costumada indifferença por tudo que offenda aos indios.

“Retiraram-se por isto esses indios do alto-Rio-Branco e refugiaram-se nas mattas do rio Preto, junto ao igarapé que é hoje conhecido por “Indianopolis”.

O trecho que se segue contem uma nota sensacional para aquelles que desconhecem o character do nosso selvícola, pois que nos revela atitudes em que o indio bruto, ignorante, selvagem, procura atrahir a *sympathia* e a amizade dos intelligentes e sabidos civilizados, usando meios ultra-pacificos, como quem se propõe a praticar o amor e domar a selvajaria de seus crueis inimigos e perseguidores: o indio, em summa, a domesticar o civilizado! Era-me impossivel eliminar este commentario antes de proseguir na narrativa do capitão Nicolau que ora retomo:

“Em fins de 1916 e principios de 1917, procurámos systematicamente aproximar-nos desses indios. Os caucheiros, vindos do rio Preto, haviam afugentado um nucleo que se installava no Carmélo. A principio os indios procuraram a amizade dos caucheiros, tanto que deixaram a um delles um jacú, no “pique” do cáucho, no mesmo lugar de onde haviam levado um machado. Elles se mostravam aqui e acolá, mas os caucheiros, receosos, nunca desejaram fallar-lhes e permaneceram na attitude aggressiva, disparando os “rifles” frequentemente.

Uma roça dos índios foi roubada. Afinal, em represalia, elles cercaram a "barraca" mais avançada ao nascente, de onde o seu morador sahio a correr, mas estrepou-se nas pontas de taquara que os índios haviam posto no varadouro.

"Intervim pessoalmente, a ver se conseguia falar aos índios; deixei-lhes brindes e dois homens encarregados de repetir essas dadivas, mas tive necessidade de retirar-me e perderam-se então meus esforços, porque o gerente do rio Preto enviou novamente ao local os seus caucheiros, facto que determinou a retirada dos meus empregados e o mallogro dos meus projectos.

"Concentrei então meus esforços em Fortaleza, do rio Machadinho, onde estaria livre de caucheiros e mais influencias estranhas. Abri uma picada de 11 kms. a S. E., em busca de signaes frescos de índios. Passámos alguns acampamentos de caçadas e pescarias, com seus "tapiris" ainda bem cobertos, panelas velhas e cascas de arvores. Foi quando constatámos o uso de redes pelos índios, observando as embiras com pausinhos que servem para enfiar os respectivos punhos.

"Encontrados afinal os signaes frescos que procuravamos, acampámos a meia legua delles e começámos a deixar ferramentas e contas aos índios. Estes, que a principio fugiram do local, terminaram por levar aquelles brindes, e espreitaram-nos, conforme verifiquei pelos signaes deixados no igarapé do nosso acampamento e na nossa picada. Nenhuma hostilidade porém, nos fizeram elles.

"Motivos de saúde forçaram, entretanto, minha retirada em 17 de Janeiro de 1917, quando regressei a Fortaleza, de onde, ainda por alguns dias, continuei a enviar alguns homens ao local dos brindes. Mas, demorando os índios em retirá-los, tivemos que descer o rio, sem havermos tido o prazer de lhes deixarmos novos e assistirmos talvez á sua pacificação".

As tentativas feitas na ausencia do capitão Nicolau foram infructiferas e até perturbadoras, em consequencia da

falta de convicção e inteireza moral dos agentes encarregados do humanitario entendimento. Foi a tal ponto desastrosa es.a actuação, que um destes homens chegou a dar tiros contra os indios, provocando assim represalias que se não fizeram esperar. Felizmente acudiu á situação, que se tornara dia a dia mais premente, o destemeroso official ,como consta do relatorio:

“Em 30 de Maio (1917) cheguei novamente a Fortaleza, tomando então as providencias que a situação requeria. Em 6 de Junho fiz seguirem Gil de Arruda e mais dois homens para o interior, pela picada que abrimos, até o local dos brindes. Elles regressaram sem novidade maior do que o encontro de alguns galhos com que os indios demonstravam não quererem nossa presença por lá, atravessando-os de modo a fecharem a picada, e o ferimento leve produzido por estrepe de taquara, dos que encontraram semeados pelo solo. Deixaram na matta alguns brindes, além de uma flecha quebrada que mandei collocar como signal de não desejar lutas.

“Em fins de Junho examinou-se novamente o local dos brindes, os indios haviam tudo carregado, excepto o tabaco, e deixaram cravada na taboa de um caixote a choupa de uma flecha quebrada. Mau signal!

“Por esse tempo, estudavamos o divisor de aguas entre o Machadinho e o Anary, e então descobrimos duas roças e uma aldeia indigena, recentemente abandonadas, entre cabeceiras do Limãozinho e aguas do Anary.

.....  
“O meu auxiliar, sr. Mael Pereira de Sousa, que tomara sempre parte importante e decisiva nas tentativas de aproximação dos indios, foi certo dia explorar um “varadouro” delles. Ao mesmo tempo que isto esclareceria o divisor de aguas, proporcionaria o exacto conhecimento do local para onde os indios se haviam retirado, o que era necessario á nossa segurança.

“Elle levou alguns brindes e dois companheiros. Caminhando pelo varadouro, foi notando signaes certos da passagem dos indios, e afinal encontrou um primeiro acampamento delles, com jacás cheios de productos de suas roças. Mais adeante, dois acampamentos semelhantes confirmaram haver sido esse “varadouro” a linha de retirada dos indios que caminhavam fazendo marchas curtas, sem duvida devido á pesada carga que houveram de transportar e de que se alliviaram em parte, deixando guardados nos acampamentos successivos alguns jacás peçados de viveres.

“Essa retirada devera ter sido encetada logo que perceberam o nosso serviço de abertura de picada, pelo divisor de aguas, a qual necessariamente passaria pela morada delles.

“Proseguindo sua marcha, Manoel Pereira chegou finalmente ao acampamento onde estavam os indios.

“Um momento pararam os expedicionarios em duvida; depois resolveram tentar obter a amizade dos indios. Passaram o igarapé em cuja margem esquerda começavam os indios a preparar sua roça, derrubando a floresta; atravessaram a matta da margem direita, feito o que, se lhes deparou a rancharia indigena. Uma india já velha estava no terreiro, encostada á mata, em sua rede, e fitava desprevenidamente uma arara. Manoel chegou-se a ella, offerecendo-lhe um punhado de contas, mas a india levantou-se e poz-se a caminho dos ranchos, que não estariam a mais de 30 metros de distancia. Enquanto isto, se deu o panico no acampamento, de onde todos se puzeram a fugir assustados. Mas um indio de mediana estatura e reforçado, apanhou seu arco e apontou sua primeira flecha contra Manoel que, instinctivamente fez-lhe gestos de amizade, enquanto procurava desviar-se da flecha que partia. Outra e mais outra vieram contra os expedicionarios, que então fugiram, abrigando-se sob o barranco do igarapé, enquanto o indio, já reforçado pelos demais, fazia chover as flechas na folhagem da matta.

Manoel havia jogado ao terreiro o punhado de contas que levava; alguns machados já havia elle deixado nos acam-

pamentos que encontrara e outros acabava de pôr no proprio varadouro dos indios. Estes, logo se refizeram do espanto e da surpresa, não podendo ter a calma necessaria para um julgamento e premidos pela situação angustiosa, de suas mulheres e crianças, haviam recebido hostilmente os expedicionarios.

“Não teve nenhuma consequencia má o occorrido, mas falhava infelizmente a corajosa tentativa daquelles tres destemidos homens.

“Após isso, os indios não nos atacaram. Estivemos bivacados alguns dias perto da roça e aldeia delles, e como não nos fizessem maus signacs, proseguimos o serviço, afastando-nos em poucos dias do local, sempre abrindo a picada pelo divisor de aguas.

“Em principio de Agosto tivemos novo encontro com elles, que nos impediram a descida completa do Anary quando abriamos picada acompanhando a cabeceira desse rio (conforme já foi exposto, neste capitulo, na parte relativa ao rio Anary).

“Estava convencido de que proximamente conseguiriamos a amizade delles, quando voltassem á calma e verificassem que nada retiramos de seus acampamentos e de suas roças, e, ao contrario, lhes deixavamos continuamente brindes de enfeites e ferramentas. Ordenei por isso a collocação de brindes nos arredores de Fortaleza.

“Inesperadamente, porem, tive a muito desagradavel noticia de que se achava em poder de um caucheiro peruano, uma pequenina india, como realmente verifiquei em 3 de Setembro. A criança de 4 a 5 annos de idade, fôra“ apanhada” por outros caucheiros peruanos que atacaram os indios e a aprisionaram.

“Apprehendi a criança, que ainda se acha sob os cuidados de minha familia, na esperanza de um dia poder entrega-la aos seus parentes, quando conseguirmos a pacificação almejada.

“Este triste acontecimento veio demonstrar quanto é difficil conseguir o exito naquellas afastadas regiões, sempre que não se dispõe de meios sufficientes para o policiamento: o meio é hostil a quanto se faça em favor dos indios, e sempre que abertamente não nos oppõem toda sorte de difficuldades, os seringueiros hypocritamente escondem suas más intenções e continuam dissimuladamente a perseguir os indios, nada poupando desde que seja necessario ajuntar algumas “bolas” de borracha ou “pranchas” de cáucho. Atacam o indio tal como qualquer animal das brenhas e alguns ha que demonstram grande surpresa ao ouvirem a reprovação de taes crimes. Estes lhes parecem actos muito legitimos.

“No entanto ha excepções entre os proprietarios como entre os trabalhadores. Entre os primeiros colloco o sr. Cel. Accacio F. do Valle, que já deve ter tomado as providencias necessarias ao socego dos indios de sua propriedade da “União”.

“A indiazinha veio aclarar-nos a incognita da raça ou nação indigena a que pertence o grupo de que me tenho occupado. Falando já a sua lingua, colhemos algumas palavras que demonstram serem esses indios da grande nação tupy. Basta, para confirmação, consignar as seguintes palavras exactamente iguaes ao guarany, ou com pouca corrupção, seja mesmo pelo dialecto que possivelmente revelam:

“Coaratê” — sol — Coaracy, em tupy-guarany.

“i-hy” — agua — “hy”, em tupy-guarany.

“baty” — milho — abaty, em tupy-guarany.

“paranan — rio — “paranan” ou “paraná” em tupy-guarany.

Porto Alegre, Fevereiro de 1926.

## NOTAS

NOTA 28 — No momento em que traço esta nota, Nicolau Horta Barbosa, distincto e competente engenheiro-militar, é o n.º 2 dos

majores da arma de engenharia e a este posto ascendeu pelo principio da rigorosa antiguidade na data gloriosa de 7 de setembro de 1922, não lhe tendo sido reconhecido, pois, devidamente, nem os longuissimos serviços incessantemente prestados ao lado de Rondon, no coração do Brasil, como o mais assiduo e dos mais dignos e capazes colaboradores, nem ao menos o mais recente de seus trabalhos e que tanto devia dar nos olhos das autoridades superiores do Exercito — a construcção da linha telegraphica, eminentemente estrategica, de Aquidauana a Ponta-Porã, por Campo-Grande, no sul de Matto-Grosso, com 508 kilometros de desenvolvimento e da qual foi elle o chefe unico e competente.

O seu nobilissimo character honra o positivismo de que é fervoroso adepto e cuja elevada moral pratica. Em meu livro "Impressões da Commissão Rondon", ha um capitulo especial dedicado a este official, cuja estatura moral corre alli parelha com a de Rondon. Com sacrificio do bem-estar de sua familia, foi Nicolau o unico official que acompanhou Rondon, seu digno chefe e prezado mestre, naquelle gesto que a Historia Patria ha de gravar em letras de ouro, e pelo qual ambos desistiram, em favor dos cofres publicos, das miserrimas diarias que, despeitados militaristas e cégos Moraes decantaram, numa campanha injusta, como despesas excessivas (1) a sobrecarregarem a Nação. Foi então que o capitão Nicolau, como Rondon, continuou a servir no sertão com a remuneração pecuniaria exclusivamente proveniente de seu posto no Exercito; ao sacrificio da ordem de trabalhos, a que se dedicava, juntava assim estoica e abnegadamente mais esse. Não parou alli, entretanto, o seu despreendimento, porque, annos depois, ao ter conhecimento de que havia sido apresentado á Camara dos Deputados o projecto que lhe concedia um premio equivalente á somma que deixara de receber até então e correspondente áquellas diarias, telegraphou "incontinenti" do sertão, desistindo categoricamente desse favor legislativo e negando-se formalmente a embolsar a importancia de semelhante concessão.

Ha vinte e dois annos que este official acompanha o general Rondon em suas penosas excursões pelo interior do Brasil, de onde só temporariamente se tem afastado, por força de doencas adquiridas nesse ingrattissimo labor de "sertanista". Recuperada a saúde no seio de sua amantissima familia, regressava immediatamente ao arduo campo de sua proficua operosidade; mas houve occasião mesmo em que, mal curado, partia elle soffregamente a retomar o glorioso posto de inauditos sacrificios, para attender á escassez de officiaes nos acampamentos da Commissão Rondon,



onde, em certa época, chegou a Secção do Sul a ter como engenheiro chefe e commandante do contingente militar... um pharmaceutico civil! Foi isto em consequencia da crise de officiaes que assoberbava ás vezes a Commissão e que nessa occasião provocava justos temores aos mais ousados, porque, em curto espaço de tempo, occorreu a morte do denodado capitão Candido Cardoso e a retirada de dois outros substitutos, gravemente enfermos. Num desses momentos angustiosos é que o capitão Nicolau, mal apumado de violenta crise de impaludismo, contra todas as prescripções medicas e resistindo a todas as ponderações que lhe chegavam aos ouvidos, se apresentou prompto para o serviço e embarcou no Rio de Janeiro, com destino a Manaus, de onde demandaria o sertão norte-mattogrossense. Nós, os seus companheiros e amigos, auguravamos mal daquella investida, mas o capitão Nicolau corajosamente nos contradictava com a vaga esperança, avolumada até o prestigio da infallibilidade, affirmando-nos que a longa viagem por mar lhe completaria a cura!... Mas a resistencia physica tem seus limites de estricção, intransponiveis, mesmo que alimentada vigorosamente por uma energia moral desta tempera, e ao 3.º dia de viagem, rumo ao norte, o capitão Nicolau era obrigado a desembarcar na Bahia, aggravados seus incommodos, para se recolher ao hospital. Esta simples narrativa permittirá fazer-se idéa de sua envergadura, mas preciso referir ainda outro episodio grandioso de sua vida modelar e que fechará esta nota com verdadeira chave de ouro.

O 1.º tenente Nicolau, em julho de 1911, partira da estação de Juruena como chefe da construcção e da turma de locação da linha telegraphica, afim de reencetar os trabalhos interrompidos desde 1910, em consequencia de violenta epidemia que poz fóra de combate varios officiaes (tenentes Luis Carlos Franco Ferreira, Candido Cardoso, Deniz Desiderato Horta Barbosa e outros), atacou diversas praças e civis e produziu varias mortes. Tinha por auxiliar o então aspirante Tito de Barros (hoje capitão e deputado estadual em Alagôas). Em certo dia, os indios Nhambiquaras que ainda hostilizavam a Commissão, prepararam uma emboscada contra essa turma de locação e a cobriram de flechas, ferindo gravemente o aspirante e o official. Attingido em pleno peito, com o fardamento coberto de sangue que lhe gotejava da larga ferida aberta, extraordinario discipulo que se iguala ao mestre em transees como taes, ordena com energico accento de voz que os seus soldados se abstenham de qualquer represalia e contém com decisão indiscutivel, terminante, os mais dedicados e mais exaltados que ainda se obstinavam em vingar a aggressão insolita de que fóra victima! Leva ainda mais longe

a sua magnanimidade: no proprio local da traiçoeira tocaia dispõe, no mesmo instante, copiosa porção de brindes destinados aos indios que acabavam de o atacar!

Este bello episodio ainda mais notavel se tornou na historia da Comissão Rondon, porque marca justamente o término da phase aggressiva dos indios Nhambiquaras naquelles sertões: impressionou fortemente aos selvicolas a attitude assumida pelo tenente Nicolau e certamente nos seus conciliabulos renderam-se á evidencia e ao alcance do facto, que se lhes impoz, como prova indiscutivel das intenções pacificas e amistosas daquelles extranhos, para com a sua guerreira tribu.

Honremo-nos, pois, todos nós Brasileiros, com o conhecimento destes traços caracteristicos do digno discipulo de tão nobre mestrel (Transferido para a Reserva, a seu pedido, no posto de Tte. Cel., foi convocado para o serviço activo e exerce agora o cargo de Inspector do Serviço de Protecção aos Indios, em Matto-Grosso — Obs. á ed. 1940.)

NOTA 29 — Com o mesmo nome de Preto, ha nessa zona diversos igarapés, além do rio Preto que já foi citado no capitulo VI, como affluente da margem esquerda do Arinos, todos no Estado de Matto-Grosso; temos assim:

- 1) O rio Preto, affluente do Jamary pela margem direita, a 355 kilometros do Madeira (V. Cap. VIII).
- 2) O rio Preto, affluente margem esquerda do Gy-Paraná, proximo á barra deste no Madeira (V. gravura n.º 14).
- 3) Igarapé Preto; affluente do rio Machadinho.
- 4) Igarapé Preto, affluente do Repartimento que por sua vez é affluente da margem esquerda do Machadinho.

NOTA 30 — No final do relatorio o capitão Nicolau chama a attenção para a confusa homonymia reinante na denominação de accidentes geographicos e topographicos da zona percorrida. Com o nome de Jatuarana, por exemplo, existem allí um affluente do Machadinho, outro do rio Preto do Gy e outro do proprio Gy.

Assim tambem com o nome de Santa-Rosa, commum á cabeceira do Machadinho e a "barracões" deste rio, ha mais uma "barraca", pouco acima do Monte-Santo, ainda no mesmo curso d'agua, um "barracão" e um affluente do rio Preto do Gy. Ha até dois igarapés com o mesmo nome de "Repartimento", ambos affluentes da margem esquerda do Machadinho!

No rio Preto do Gy existe um grande affluente — Juruázinho — homonymo de outro contribuinte do Gy-Paraná.

NOTA 31 — Na gíria dos seringueiros chama-se “barracão” ao estabelecimento em que se localiza a séde e que centraliza todo o movimento do seringal, sob a direcção dos proprios donos ou de seus prepostos, administradores ou gerentes; e chama-se “baraca” ao rancho isolado, de residencia do seringueiro.

NOTA 32 — Esta referencia relembra um episodio “sui-generis” na historia da Commissão Rondon.

Transpondo fronteiras sul-americanas, repercutiram no Chile as noticias das expedições chefiadas pelo general Rondon em nossa Patria, sertões inhospitos a dentro, e um jovem engenheiro chileno, cheio de entusiasmo por essa ordem de trabalhos e pela figura homérica do nosso “moderno bandeirante”, a este se apresentou um dia, recém-chegado daquellas alterosas regiões, pedindo-lhe que o admittisse como auxiliar. Nenhuma remuneração reclamava pelos serviços que pudesse prestar, bastando-lhe a gloria de tomar parte nesses commettimentos, cujos écos haviam chegado até seu torrão natal!

Taes são os prodromos da expedição ao rio Preto do Gy-Paraná, sob a chefia desse engenheiro.

Infelizmente, porém o inpaludismo que o accommeteu sob fórma gravissima, deu lugar a que a Commissão Rondon lhe mandasse prompto socorro e o fizesse transportar do sertão para Manaus e de Manaus ao Rio, acompanhado de um enfermeiro, até internál-o em hospital, de onde foi afinal repatriado.

Em consequencia disto, o engenheiro, que perdera completamente a noção das coisas e se encontrava em estado de nada poder esclarecer, nenhuma informação prestou sobre o serviço de que se incumbira com tanto entusiasmo quando, cheio de saúde, aportara ao Rio de Janeiro, pela vez primeira.

Dahi a importancia que teve para a cartographia a sub-expedição do capitão Nicolau, de cuja citação, incidentemente, surgiu esta nota.

NOTA 33 — São escudos de verdura por trás dos quaes os indios se escondem para caçar. Usam-nos nas esperas, quando o terreno é ahí descoberto, como em determinados bebedoiros ou nos barreiros frequentados pela caça.

Fazem-nos tambem portateis e, occultos pelas folhagens frescas, aproximam-se da caça, inclusive do arisco veado, protegidos por tal estratagem, como se fossem uma moita de vegetaes, dotada de movimento sobre o terreno. Lenta e pacientemente, avançam, sem fazerem o minimo rumor, espreitando o animal por entre a folhagem, cautelosamente, com o arco e a flecha em

posição de tiro, e "cortando o vento", conforme a giria do nosso caboclo, isto é, em sentido contrario ao da mais leve brisa que sopra no momento. Quando attingem a distancia de tiro seguro a uns trinta passos, despedem então a sua certa flechada, seguida logo de outras que corrijam algum erro de pontaria.

A astucia e a habilidade que o indio desenvolve nesta especie de caçada são inimitaveis pelo homem civilizado.

NOTA 34 — O "cáucho" é uma borracha de inferior qualidade que se extrahе da arvore deste nome, abatendo-a na floresta e sangrando-lhe o tronco; ao passo que a borracha de superior qualidade ("fina e entrefina") obtem-se por sangria feita no tronco das seringueiras, sem as abater. Desta sorte a exploração dos cáuchaes constitue uma verdadeira devastação désses opulentos specimens, tão abundantes nas mattas americanas.

NOTA 35 — Distingue-se na Amazonia o "igarapé" do "igapó", por ter aquelle nascente como qualquer corrego ou riacho, ao passo que este não na tem e geralmente é constituido por depressões de terreno que se communicam com um curso d'agua e se enchem ou vasam, na dependencia, pôde-se dizer, do fluxo e do refluxo da corrente fluvial a que estão ligados, conforme a epoca da cheia ou da vasante.

NOTA 36 — Ha uma porção de rios Brancos no Brasil, mórmente em Matto-Grosso; dentre os deste Estado, citarei:

- 1) Branco, affluente do Juary.
- 2) Branco, affluente do Jacy-Paraná.
- 3) Branco, affluente do Roosevelt.

## CAPITULO X.

# EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DO RIO DA DUVIDA OU RIO ROOSEVELT

ESTA EXPLORAÇÃO CONSTITUIU O PRINCIPAL OBJECTIVO GEOGRAPHICO DA "EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA ROOSEVELT-RONDON"

Assumpto provecamente exposto pelo proprio general Rondon, em minuciosa conferencia (1915), delle tratarei resumidamente, no interesse de vulgarizar tão importante trabalho e esclarecer malevolas duvidas que surgiram depois de executada a exploração que serve de epigrapho ao presente capitulo, motivando polemicas em que tomei parte activa.

O historico do rio da Duvida foi assim feito pelo general:

"Nenhum rio suscitou duvidas tão numerosas e duradouras, como o correspondente á nascente que descobrimos no dia 16 de julho de 1909 (Expedição de 1909), no parallelo de 12°39' Sul, e á qual demos então o nome de cabeceira do Urú.

"Da columna exploradora faziamos parte eu, os tenentes Lyra e Amarante, e o dr. Miranda Ribeiro, zoologo do Museu Nacional. A alguns de nós parecia que as aguas dessa cabeceira corriam para o Guaporé; outros opinavam que ellas seriam do Madeira. O problema que assim surgiu, merecia ser estudado e resolvido, não só pelo interesse que nos despertava no ponto de vista potamographico, como tambem pelo que se ligava ao proseguimento dos trabalhos relativos ao traçado da linha telegraphica. Resolvemos exa-

miná-lo de perto e para isso constituímos tres turmas: uma, dirigida pelo tenente Amarante, encarregou-se de prolongar o reconhecimento na direcção do Norte; a 2.<sup>a</sup>, com o tenente Lyra, dirigiu-se para o poente; e a minha, que seguiu primeiro para o Sul e em seguida para o Noroeste. Com menos de dois dias de marcha, descobri novo ribeirão, que me pareceu ser a primeira agua vertente do chapadão para o valle do Guaporé, em cujo rio ella entra, provavelmente, pela foz denominada Corumbiara.

“D’outro lado, o reconhecimento realizado pelo tenente Lyra, articulou-se tão bem com o meu, que o resultado dos dois, combinados, foi excluir por completo a hypothese de correrem as aguas da cabeceira Urú para o Guaporé.

“Estava, pois, resolvida a primeira duvida suscitada pelo curso do rio que correspondesse á cabeceira do Urú. Mas no dia 26, quando já reunida a minha turma com a do tenente Lyra, voltámos para o Oriente, deparou-se-nos um riacho da largura de 12 metros, correndo na direcção N. N. O.

“Novas controversias surgiram: d’onde provinha este riacho? Da nascente a que déramos o nome de Urú ou do Toloiry-inazá?

“Como não fosse possivel, na occasião, accordar as duas opiniões, resolvi assignalar aquellas aguas com o nome de “Duvida”, porque, para mim, eram ellas as mesmas que nos acabavam de crear tantos embaraços na discriminação das bacias do Madeira e do Guaporé.

“Proseguindo a marcha da columna exploradora, rumo de Noroeste,, tivemos, alguns dias depois, de atravessar segunda vez o curso dessas aguas: de novo appareceram motivos para ellas justificarem o nome que eu lhes havia, finalmente, imposto, porque para mim estavamos ainda no Duvida, mas para o meu distincto auxiliar tenente Lyra, tratava-se de outro rio.

“Terminada a expedição de 1909, quando se pensou em reunir, num só quadro, o conjunto dos elementos por ella

colhidos sobre o aspecto geographico do sertão explorado, pareceu-nos naturalissimo figurar o Duvida como affluente do "Commemoração de Floriano", o qual com o "Pimenta Bueno" (cujas cabeceiras já designámos por Piroculuina) forma o Gy-Paraná.

"Tal quadro subsistiu até 1913, anno em que o tenente Amarante, tendo sido encarregado de proceder ao levantamento completo do Commemoração, reconheceu não ser verdadeira a hypothese que fazia o "Duvida" figurar como reunindo-se a elle. Ao ter noticia deste resultado, no dia 25 de Junho firmei a opinião de que, nesse caso, o "Duvida" só poderia ser a parte superior de um rio conhecido, pela sua fóz no Madeira, sob o nome de Aripuanã.

"Apesar desta supposição exigir, para poder ser aceita, que se attribuisse ao rio lembrado um curso muito mais extenso do que o que lhe era assignalado (V. Cap. VIII e artigo sobre o Rio Gy-Paraná, publicado na revista "Pindorama", capitulo XI) nas cartas e tambem que se deslocasse para o Oriente, fechando-a entre os meridianos de 16 e 15 graus a Oeste do Rio de Janeiro, a posição dada por Coudreau ao rio Canumã, não trepidei em tê-la como a unica provavel e mesmo como a unica possivel, dado o conjunto dos conhecimentos então já estabelecidos sobre a região occi-dental da bacia do Tapajós e a totalidade do valle do Gy.

"Sob o nome de Aripuanã, designavam as cartas um affluente da margem direita do Madeira, encerrado no trapecio cujos lados eram: pelo oriente, o traçado attribuido por Coudreau ao Canumã; pelo Sul, o Gy-Paraná; pelo occi-dente, o rio Marmellos; e pelo Noroeste, o trecho do Madeira comprehendido desde a fóz deste rio até a do mencionado Canumã. Assim envolvido, o Aripuanã não se podia estender para baixo do paralelo de nove graus, ao qual não chegava a attingir, nem sahir do fuзо correspondente aos meridianos de 17 e 18 graus, ao occidente do Rio de Janeiro. Sabia-se que passando do Madeira para elle e subindo-o, se navegava sempre na direcção geral de um meridiano, até o

ponto em que se dividia em dois galhos, dos quaes um se inclinava para o oriente e continuava com a mesma denominação do tronco, isto é, de Aripuanã, e o outro se desviava para o occidente e recebia o nome de Castanha.

“Isto posto, vê-se logo que a hypothese de ser o Duvida um dos formadores desse rio, acarretava profundas modificações na cartographia de uma vasta região: precisavamos admitir que o Aripuanã não só ultrapassasse o paralelo de nove graus, como também que attingisse a latitude de 12° 39' Sul. Mas, desde que isto fosse verdade seria forçoso abrir para elle passagem entre o Canumã e o Marmellos, dos quaes um figurava etxendendo-se demasiadamente para o occidente, e o outro tanto para o oriente que não ficava espaço para, entre os dois, se expandirem os galhos do Aripuanã. Só a exploração e o levantamento do “Duvida” poderia fornecer dados indispensaveis para se resolverem estas difficuldades.

“Além disto, sendo já sabido, como vimos, que o Aripuanã, em certa altura, se divide em dois ramos, não se poderia de antemão fixar a qual delles corresponderia o rio descoberto em 1909, e esta era uma das questões que tinham de ser decididas pela “Expedição Roosevelt-Rondon”. Demais, a região que se ia atravessar, daria lugar a colligirem-se grande numero de outros conhecimentos interessantes para a geographia do noroeste mattogrossense; tudo alli era novo e desconhecido, desde os rios que affluem para o que se ia desvendar, até a constituição geologica do seu solo, as suas riquezas florestaes, as suas populações, em summa tudo quanto nella existia.

“Os motivos que eu tivera, em Junho de 1913, para formular a hypothese de ser o Duvida um dos formadores do Aripuanã, eram para mim tão valiosos e decisivos, que me autorizaram a propôr ao sr. ministro do Exterior a criação de uma turma auxiliar, incumbida de esperar a sahida do sr. Roosevelt no ponto mais alto que fosse possivel attingir com embarcação a vapor, vindo de Manaus, e en-



trando naquelle rio pelo Madeira. O destino dessa turma era acolher os expedicionarios no momento em que elles chegassem a lugar já conhecido, e onde, portanto, se deveriam considerar terminados os seus trabalhos; ahi, elles encontrariam recursos para se refazerem das perdas que provavelmente soffreriam durante a navegação do rio desconhecido e teriam, além disso, um meio de conducção rapida e commoda para terminar a viagem desse ponto a Manaus.

“Tendo esta minha proposta merecido approvação do sr. ministro, escolhi o tenente Antonio Pyrineus de Sousa para organizar e dirigir os trabalhos da turma em questão, dando-lhe instrucções para que subisse com o vapor até onde lhe fosse possivel e depois em canoas, de modo a vir esperar-nos na confluncia dos galhos do Aripuanã, visto ser o unico ponto em que poderiamos ter certeza de o encontrar, quer o Duvida corespondesse a um, quer a outro daquelles dois galhos do Aripuanã”.

Conclue-se, pois, deste historico, que a exploração de que trato foi um dos objectivos da Expedição Roosevelt-Rondon, realizada através do sertão noroeste do Brasil (1913-14). Além dos trabalhos de Historia Natural, cujos estudos foram confiados aos nossos distinctos patricios e competentes especialistas dr. Euzebio Paulo de Oliveira (geologo), Alipio de Miranda Ribeiro (zoologo) e F. C. Hoehne (botanico), a travessia do saudoso estadista norte-americano Theodoro Roosevelt, pelo nosso “far-west”, deixou seu nome justamente ligado a nossa geographia, com o levantamento de importante curso d’agua de etxensão superior a mil kilometros, contados das cabeceiras (Urú ou Duvida) até sua fóz no Madeira, dos quaes 686 km., 360 do passo da linha telegraphica, lá no alto chapadão dos Parecís, até a confluncia dos antigos rios Castanho e Aripuanã. Os primeiros 270 kilometros foram percorridos em 48 dias de afanosos trabalhos, na parte mais encachoeirada do rio e de menor volume d’agua, em zona até então desconhecida e pela vez primeira percorrida por gente civilizada.

A exploração e o levantamento geographico do rio foram iniciados no dia 27 de Fevereiro de 1914, em pleno sertão, utilizando-se para isso sete canôas fabricadas de madeiras da floresta existente nas suas margens. A maior dellas, que era a mais estavel, foi destinada ao coronel Roosevelt; em outra embarcaram o coronel Rondon (agora general de divisão do nosso Exercito) e o saudosissimo 1.º tenente João Salustiano Lyra, aos quaes estava affecto o serviço de levantamento, auxiliado por Kermit Roosevelt, filho do grande estadista americano e que occupava pequena canôa, servindo espontaneamente de porta-mira; finalmente, as quatro canôas restantes acostadas duas a duas, formando balsas, conduziam as cargas da expedição, inclusive generos alimenticios para toda a travessia.

Afigura-se-me ainda fixada na retina aquella scena inolvidavel do embarque, presenciado por mim do tosco balaustre da ponte ahi construida pela Commissão Telegraphica, para servir ao pessoal da conservação e ás tropas. Parece que sinto até agora no coração, ao relembrar o factó, o aperto desse vago temor de um insuccesso que pudesse empallidecer a estrella do eminente amigo general Rondon e se reflectisse sobre a nossa estremecida Patria!

Não eram exagerados estes temores, porque as canôas, depois de carregadas (as maiores tinham capacidade para 1.200 kilogrammas) e tripuladas, apresentavam apenas alguns centimetros de borda acima do nivel d'agua, apesar do auxilio que recebiam dos fluctuadores de talos de burity, adaptados aos costado: bastaria o brusco movimento de um homem inhabil, para que se alagassem e submergissem.

Mas, felizmente, o almirante em chefe dessa esquadriha era o conhecido "sertanista", veterano nessas lides e que mais uma vez venceu brilhantemente todas as difficuldades com que teve de lutar a expedição.

Além das pessoas já citadas, da turma expedicionaria faziam parte o actual major dr. José Antonio Cajazeira, como

medico, o naturalista americano Cherrie, oito "voluntarios regionaes" e seis trabalhadores civis; um total, pois de 22 homens.

A viagem fluvial iniciada no passo da Linha Telegraphica terminou em Manaus no dia 30 de Abril, pela manhã. Passarei em revista os principaes episodios dessa travessia do sertão e enumerarei os dados principaes colhidos sobre a zona percorrida e o rio levantado.

O leito percorrido é accidentadissimo, cheio de cachoeiras e corredeiras difficeis de transpôr e que exigem esforços extraordinarios, já na abertura de extensos "varadouros" alguns através de terreno montanhoso, já no transporte das cargas e das proprias embarcações por terra, como é commum nas expedições que descem pelos rios de Matto-Grosso ao Amazonas.

Houve, porém, algumas coisas mais sérias a lamentar: a ameaça imminente de um ataque de indios, a morte de um canoeiro, victima de desastre, na travessia de certa cachoeira e o assassinio de um sargento, factos estes que demonstram a justeza do conceito, emittido, a proposito, pelo General Rondon:

"Ninguem inicia, é certo, uma empresa do genero desta, em que nos achamos empenhados, sem antes se haver familiarizado com a idéa dos perigos a que se vae offerecer e das innumeradas occasiões em que terá de se encontrar com a morte".

Da investida dos selvicolas, livrou-se a expedição, graças á calma, habilidade e conhecimento de causa do General Rondon, como se deprehende de sua propria exposição:

"... Tomei a minha espingarda e internei-me na matta, á procura de caça, e de tocarey. Como de costume, fiz-me acompanhar de um de meus cães.

"Segui, a principio, na direcção do poente, subindo um morro existente por detrás do acampamento (12<sup>o</sup>); volvi depois, para o norte, attingi de novo a margem do rio e fui

acompanhando o curso deste, para baixo. Andados assim 1.500 metros, cheguei ao ponto em que as aguas se reparam entre o leito principal e pequeno canal, dando lugar á formação de uma ilha de tamanho regular.

“Estava eu do lado do canal e o ia perlongando, quando ouvi, pouco adiante de mim, os sons característicos da voz do coatá, o maior dos macacos das florestas de Matto-Grosso e da Amazonia. Era bôa caça, convinha abatel-a. Com mil cuidados para a não espantar, agachado entre as moitas de verdura, eu avançava na direcção dos sons, perscrutando a ramaria do arvoredo. De-repente, o meu cão, o Lobo, que me havia tomado a deanteira, enche a solidão de estridentes ganidos de dôr. Era evidente que acabaca de ser atacado e ferido; com certeza por alguma onça ou queixada, pensei. Mas, logo em seguida, levantaram-se outras vozes, muito minhas conhecidas: eram as exclamações curtas, energicas e repetidas em côro, com certa cadencia, dos selvicolas, quando, iniciada a luta, começam a carregar contra o inimigo. O “Lobo” já vinha correndo para o meu lado; os indios perseguiam-no e pela segunda vez flecharam-no. O meu primeiro movimento foi soccorrer o cão: descarreguei um dos canos da espingarda. Esperei alguns instantes e, como me parecesse que a perseguição continuava, pois só ouvia as vozes, sem ver os indios fiz outro disparo. Depois reflecti que seria imprudencia teimar em acudir ao animal; não o poderia fazer sem me expôr a ser visto pelos selvicolas e isso talvez dêsse lugar a alguma luta entre mim e elles. Resolvi, pois, voltar para o acampamento; mas antes de lá chegar, já estava arrependido de ter abandonado o meu pobre “Lobo” e tambem de não haver tentado aproximar-me dos indios.

“No acampamento, esperava-me uma noticia má: ao proceder-se á “varação”, por agua, do “Aripuanã”, nome da canôa que havíamos lançado ao rio, dois dias antes, o cabo que servia para a sustentar e dirigir na correnteza,

arrebentara, e ella havia desaparecido no torvelinho das aguas.

“O que mais me preocupava, porém, eram os indios e o meu pobre cão, ferido e abandonado.

“Narrei ao sr. Roosevelt e aos demais companheiros o que se havia passado e convidei o tenente Lyra e o sr. Kermit para voltarmos áquelle lugar, levando machados e contas; se não encontrassemos os selvicolas, deixaríamos esses brindes em lugar facil de serem descobertos, revelando a intenção de quem os havia deixado.

“Seguimos, pois, e comnosco foi o parcé Antonio, que fazia parte da columna expedicionaria. Chegámos sem difficuldade ao lugar em que os indios tinham estado; era á beira do canal a que já me referi. Alli encontrámos uma vara, em cuja ponta estava amarrado um “baquité” ou pequeno balaio, cheio de intestinos de caça.

“Isso era evidentemente um instrumento de pesca e o modo de servir-se d'elle devia consistir em mergulhar na agua o “baquité”, para attrahir e ajuntar os peixes; estes viriam acompanhando a isca, quando o operador erguesse, com movimento brando, a vara, até poderem ser vistos por outro, pescador, armado de arco e flechas; com estas seriam elles feridos e depois facilmente apanhados.

“Procurámos outros vestigios, mas só vimos os rastos dos fugitivos, que seguiam na direcção de um igapó, existente pouco adiante; nós, porém, não o transpuzemos e voltámos ao lugar da pescaria, onde deixámos os nossos brindes, ao lado daquella vara.

“Guiados pelas manchas de sangue do “Lobo”, fomos encontral-o sem vida, cahido no caminho do acampamento, a uns 30 metros de distancia do ponto em que fôra atacado. Duas flechas o haviam attingido; uma atravessara-lhe o estomago, abaixo do coração, outra rasgara-lhe os musculos da perna direita. Da primeira encontrámos a ponta, um pedaço de taquara em forma de lança, farpada, e por ella verificámos não pertencerem estes indios á nação Nhambi-

quara. Assim vimos confirmada a supposição suggerida pela arvore cortada a machado de pedra, de ser o rio da Duvida, a partir de certa altura, habitado por nova tribu de indios, a respeito dos quaes não possuíamos nenhuma informação”.

O desastre occorrido na cachoeira, que tomou o nome de “Simplicio”, em homenagem á victima, foi consequencia da afoiteza de Kermit Roosevelt e de sua inexperiencia. Rondon examinara pessoalmente o obstaculo e, com a indiscutivel autoridade de sertanista pratico, declarou logo a Kermit que seria em vão tentar a passagem por agua, pelo que, internando-se com o tenente Lyra, foi explorar o terreno para escolha do “varadouro”. Kermit, a quem parecera talvez demasiado prudente a resolução tomada pelo chefe da expedição brasileira, examinou a cachoeira e ordenou aos dois homens que tripulavam a canôa da mira, os eximios canoeiros João e Simplicio, a descida pelo canal. Á objecção de não ser a passagem praticavel, insistiu no seu proposito, repetindo a ordem, a que o piloto se julgou na obrigação de obedecer, apesar de ter consciencia do perigo a que se iam expôr. Realmente, segundo sua propria narrativa e a do outro sobrevivente, o piloto João, a canôa tomou agua e alagou-se logo no começo da temeraria descida. O piloto saltára então, para o leito do rio, procurando sustenttal-a pelo cabo de prôa, mas o impeto das aguas venceu os esforços que empregara e a canôa emborcou. Viu ainda João a embarcação, arastada pela correnteza, aguas abaixo, com o fundo para cima, e sobre ella Kermit e Simplicio. Precipitada assim, em segundo tombo, sumiu-se, entretanto, e com ella desapareceu para sempre o corpo do inditoso Simplicio. Kermit, felizmente, salvara-se, sem saber como e, de roupas encharcadas, veio ao encontro de Rondon, a quem referiu o risco que correra, devido a sua imprudencia de moço.

A mais grave occorrença, porém, foi a que occasionou o tragico desaparecimento do sargento Paixão (V. nota 37).

Foi um triste episodio já relatado pelo general Rondon, em 1915 (Conferencias) e ao qual me referi ligeiramente, no meu livro "Impressões da Comissão Rondon", descrevendo o assassinio de que foi victima o sargento Paixão, crime este friamente commettido por um soldado (Julio), que fazia parte do destacamento da Expedição.

O assassino era, no dizer do chefe sertanista, "desgraçadamente, uma natureza moral das mais infelizes e que, para se revelar, nada mais esperava do que os obstaculos das primeiras cachoeiras".

Quando Rondon "descobriu tão más qualidades de caracter, a sua cobardia (não obstante sua alta estatura e herculea força) e completa inaptidão para secundar os continuos esforços de seus companheiros de viagem, já era impossivel desembaraçar-se de sua presença e forçoso fôra resignar-se a tel-o comsigo, até o fim da expedição".

Uma simples reprehensão do sargento, que lhe chamara a atenção para a maneira desleixada e de revoltante indolencia com que estava fazendo o serviço de transporte de carga por um varadouro, foi a causa de semelhante gesto de banditismo! O reprehendido, sem dizer uma palavra de justificação, encerrado no mutismo de seu odio doentio, apoderou-se furtivamente de uma clavina Winchester, calibre 44, e traiçoeiramente alvejou o seu camarada e superior hierarchico. Pontaria certa sobre a axilla direita, dera morte immediata ao abnegado sargento.

O assassino, commettido o crime, internou-se pela mata em vertiginosa carreira, perdendo-se no sertão depois de ephemera apparição na margem do rio, quatro dias após; o fim que levou é um mysterio até hoje, vae para 12 annos!...

\* \* \*

Foi impresso pela Comissão Rondon em volume especial (publicação n.º 50), o relatorio dos estudos geolo-

gicos realizados pelo dr. Euzebio de Oliveira, que illustrou seu trabalho com 16 gravuras e mappas das regiões percorridas. Remetto os entendidos na materia á leitura desse importante trabalho. No capitulo XV o autor apresenta magnifica synopse de informações geologicas do Estado de Matto-Grosso, não só abrangendo suas observações pessoaes, como tambem resumindo as dos geologos que o precederam, entre os quaes cita Orville Derby, J. W. Evans, Arrojado Lisbôa e Smith.

Particularmente, em relação ao rio Roosevelt, a colleção de rochas, estudada através de amostras colhidas pelo general Rondon, continha, exemplares de "rochas crystallinas, eruptivas e sedimentares "metamorphizadas", que, em conjunto, se assemelham muito com as rochas que constituem as cachoeiras do Tapajós, Xingú e outros rios da bacia amazonica".

\* \* \*

A expedição transpoz onze cachoeiras, que foram pela primeira vez estudadas e que exigiram o trabalho de abrir varadouros na extensão aproximada de dez kilometros.

Nesse trecho de montante, estão assignaladas as seguintes cachoeiras: Seis de Março, Bôa Esperança, Duas Canoas, Felicidade, Quartzito, Taunay, Inscriptões Indigenas, Paixão, Pedra de Cal, Dez de Abril e Piranhas.

Attingida a zona baixa, onde foram encontrados vestigios de occupação e passagem dos seringueiros (trecho do antigo rio Castanho), os expedicionarios tiveram apenas de melhorar os varaduoros já existentes nas seguintes cachoeiras: Pedral, Santo Amaro, Panellas, Infernã, Gloria, Carapanã, Gallinha e Matamatá.

\* \* \*

Dos levantamentos realizados constam, além de varios igarapés e ribeirões menores, os seguintes affluentes do rio Roosevelt:



1) Ribeirão "Festa da Bandeira", com 21m. de largura e 4m. de profundidade, afl. m. direita, 14.778m. abaixo do passo da linha (V. nota 38).

2) Ribeirão "Diabase", afluente da margem direita, que foi o primeiro encontrado a jusante do passo da Linha.

3) Rio Kermit, m. esq., com 21m. de bôca e descarga de 20.385 litros por segundo. Dista 123 km. daquelle passo e recebeu esta denominação em consideração ao sr. Roosevelt.

4) Rio Marciano Avila, identificado ao que tem suas nascentes no chapadão de Parecís e que fôra antes descoberto e recebera o nome de prestimoso ajudante de Rondon, hoje general reformado.

5) Rio Taunay, m. esq.; então descoberto e com cujo nome homenageou a expedição a memoria do heroe que perpetuou a gloria da Retirada de Laguna (V. nota 39).

6) Ribeirão Cherrie, m. esq., que tomou o nome do naturalista da comtiva norte-americana.

7) Rio "Capitão Cardoso", m. dir., (V. nota 40), com 95m. de largura.

8) Rio "14 de Abril", m. esq., distante 252.475 metros do Passo da Linha.

9 a 11) Os Rios Branco, Madeirinha e Machadinho: todos da m. esq., já na zona dos seringaes em exploração e dos quaes é mais importante o 2.º, que tem a largura de 80m. na bôca.

12) O grande rio Aripuanã, considerado assim como afluente do Roosevelt, pela m. dir. e não como o principal, como figurava em todos os mappas do Brasil, desde esta confluencia até a sua fôz no Madeira.

\* \* \*

Esta ultima consideração merece ser desenvolvida, para demonstrar em que razões de ordem technica baseou o general Rondon sua ousada sentença.

A verdade incontestavel é que nenhum cartographo poderia traçar com segurança as posições relativas aos rios Aripuanã e Castanho, á falta de levantamentos que merecessem fé, antes dos trabalhos geographicos da Expedição Roosevelt, proficientemente executados pelo general Rondon e pelo seu inolvidavel ajudante tenente Lyra. E, em taes condições, coube ao general Rondon, não só a determinação dos dados do problema, como a primasia de sua discussão, á luz das melhores opiniões profissionaes.

Já tive occasião de alludir ao trabalho publicado pelo illustre almirante Ferreira e Silva, da nossa Marinha de Guerra, sobre as condições que devem prevalecer na determinação do galho principal de um rio (V. nota 41).

Estudando o caso através desses argumentos, que são, até agora, a ultima palavra de competentes profissionaes, disse o general:

1) "Segundo os proprios termos do commandante Ferreira e Silva, o titulo de ramo principal compete, conforme a primeira condição enumerada, ao confluyente "que conserva a direcção geral do rio ou delle mais se aproxima, apresentando a menor deflexão em relação ao tronco". Ora, se tomarmos um mappa, no qual esteja figurado o itinerario seguido pela Expedição Roosevelt-Rondon, desde o momento em que ella embarcou em canôas, no rio da Duvida, até áquelle em que sahiu no Madeira, a primeira coisa que nos ha de ferir a attenção será, certamente, a regularidade com que o traço representativo desse itinerario se estende de Sul para Norte, a principio um pouco á direita e em seguida um pouco á esquerda do meridiano que, passando pela fóz do antigo Aripuanã, no Madeira, caracteriza a direcção geral do rio tronco. E de facto, é bastante notavel que num percurso fluvial de 899.174 metros, a expedição se tenha achado incessantemente encerrada na faixa de terra limitada por dois meridianos, os de 17 e 18 graus a Oeste do Rio de Janeiro, sem, no emtanto, tocar nenhum delles. Se a esse percurso juntarmos o trecho existente da ponte da linha telegraphica

para o Sul, até as mais altas nascentes, no paralelo aproximado de 12 graus e 39 minutos, encontramos mais 110.000 metros, dos quaes só os ultimos 44.000 penetram no fuso geographico anterior ao já mencionado.

“Verifica-se, pois, que os cursos antigamente denominados Duvida, Castanho e Baixo-Aripuanã formam um rio unico, extenso, de 1.009.174 metros, avançando uniformemente de Sul para Norte, cerca de sete graus, sem apresentar em ponto algum uma deflexão que importe na ruptura da continuidade da direcção geral.

“Menos extenso do que essa grande arteria central e chegando a elle, vindo do lado do oriente, o galho para cuja designação reservamos o uso do nome de Aripuanã, apresenta-se com todos os caracteristicos dos afluentes; e assim como, ao penetrar nessa arteria, elle perde a direcção geral de Noroeste, que trazia até a fóz, da mesma fórma, e dahi por deante se apaga a denominação que lhe é propria, absorvida pela de seu recipiente.

2) “Quanto á extensão, está hoje, definitivamente, assentado que a do galho occidental (Castanho), excede a do outro (Aripuanã) não só dos 15 kilometros em latitude Sul, que eram admissiveis antes do reconhecimento do tenente Marques de Souza (V. nota 42), mas de muito mais do que isso, talvez da distancia correspondente a um ou mais graus do meridiano terrestre.

3) “A consideração do volume não decide contra as conclusões tiradas da extensão e muito menos contra as deduzidas da coincidência da direcção geral do ramo principal com a do tronco. No emtanto, para não deixarmos de mencionar mais este elemento de valor na caracterização do rio estudado pela expedição Roosevelt-Rondon, direi que as medições realizadas na confluencia pelos tenentes Lyra e Pyrineus, accusaram a largura de 302 metros, a velocidade média, por segundo, de 885 milímetros e a profundidade média de 828 çentímetros; portanto, a descarga do antigo

Castanho, em cada segundo, era naquelle dia de 2.212 metros cubicos. Comparando este volume ao já mencionado do Aripuanã (largura, 470m.; velocidade média, 776 milímetros; profundidade média, 6m,39; d'onde a descarga de 2.331 metros cubicos) achamos para o 1.º uma inferioridade de pouco mais de cem metros cubicos. E' evidente, porém, que tal inferioridade, além de pequena, não passa talvez de simples expressão de circumstancias occasionaes, podendo acontecer que o Aripuanã estivesse engrossado com as aguas das chuvas mais copiosas ou mais demoradas do que as cahidas por aquelles dias no valle do antigo Castanho.

4) "Relativamente ao argumento de ordem anthropographica, proposto por Geikie e Peschel, temos de demonstrar que os indios Nhambiquaras, isto é, os habitantes da região das cabeceiras do rio por nós denominado Duvida, em 1909, e chamado Castanho pelos seringueiros da parte interior de seu curso, lhe davam o nome de Caiuaniarú, desde suas nascentes até a fóz no Amazonas. Portanto, para os Nhambiquaras, o galho occidental, que denominamos Aripuanã não passa de um affluente do Caiuaniarú, no qual elle, ao entrar, perde o nome e a individualidade, como acontece a todos os tributarios, depois de serem absorvidos pelos respectivos recipientes".

Deduz-se, portanto, da exposição feita pelo general, que o nome de "Rio Roosevelt", substituiu de montante para jusante as primitivas designações: cabeceiras do Urú e rio da Duvida (descobertos e baptizados pelo general Rondon), rio Castanho e Baixo-Aripuanã (trecho entre a confluencia Castanho-Aripuanã e a fóz no Madeira); e que o nome de "Rio Aripuanã" passou a ser o do mais importante affluente do rio Roosevelt, e desapareceu da relação dos affluentes da margem direita do rio Madeira.

Os mais modernos mappas do Brasil adoptaram este criterio, como pôde ser verificado no de Olavo Freire (ultima edição) e no mappa Commemoratiyo do Centenario da nossa

independencia, organizado sob os auspícios do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro.

\* \* \*

A historia da exploração do rio da Duvida foi contada, com toda a exactidão, pelo energico e saudoso estadista norteamericano Theodoro Roosevelt no seu livro "Thought the Brazilian Wilderness", e a parte geographica foi objecto de duas notaveis conferencias que elle realizou nos Estados Unidos e perante a Sociedade de Geographia de Londres.

Exercitando condemnaveis paixões de mal comprehendido nacionalismo, surgiram contestações, de fóra e de dentro do nosso Paiz, com a pretensão de reduzir ou annullar o merito do descobrimento realizado. Em 16 de Julho de 1914, em carta ao conhecido vespertino "A Noite", que se publica no Rio de Janeiro, contestei as de proveniencia nacional, e em 31 de Março de 1915 "O Paiz", importante diario daquelle captial, inseriu longo artigo meu, refutando as que provinham do estrangeiro, sob a epigrapha: "O Rio da Duvida", á qual a amabilidade jornalistica accrescentou em sub-titulo: "refutação incontestavel de um membro da Commissão Rondon". Sendo muito longa esta exposição, della transcreverei aqui, unicamente, os trechos essenciaes que completarão o presente capitulo.

...O rio da Duvida continuou a ser um ponto de interrogação, desde 1909 até 1914; e o melhor e mais moderno mappa do Brasil, e para cuja confecção foram aproveitados os trabalhos até então realizados pela Commissão Rondon (2.<sup>a</sup> edição do "Jornal do Brasil", Janeiro de 1913), ainda pontuava o curso do rio da Duvida, descarregando suas aguas sobre o rio Gy-Paraná ou Machado.

Quando o sr. Roosevelt e o Cel. Rondon embarcaram em canôas para explorar o rio da Duvida, tanto ainda era verosimil a hypothese de que poderia elle ir ao Gy-Paraná, que o Cel. Rondon destacou pequena turma de canoeiros habéis no

fabrico dessas embarcações, para que preparassem outras no rio Ananaz, prevendo o caso do Duvida lançar-se no Gy, o que reduziria a parte desconhecida ao percurso de quatro dias de descida, provavelmente, tão proximos eram ahi os dois valles, o do Gy e o do Duvida.

O sr. Roosevelt, preferiria neste caso, subir de novo o Gy-Paraná até a estação telegraphica "Barão de Melgaço", e d'ahi, pela picada da linha, dirigir-se ás cabeceiras do Ananaz, que teria sido então o nosso rio Roosevelt. Como isto não succedesse, proseguio o sr. Roosevelt a descida do rio que tomou o seu nome.

O nome "Duvida" proveio justamente da discussão das tres hypotheses: ir ao Gy, ao Aripuanã ou ao Tapajós; nenhuma dellas era absurda, pois que daquelle nucleo de cabeceiras desvendadas pela Gal. Rondon em sua penetração, quando chefiava a "Expedição de 1909", partiam realmente, como mais tarde foi verificado, aguas do Juruena, aguas do Roosevelt e aguas do Gy-Paraná ou Machado. E esse nucleo de cabeceiras, entre as quaes estava a do rio da Duvida, foi tão difficil de interpretar, geographically falando, que exigiu 52 dias de estudos acurados e continuos, e explorações parciaes para determinar-lhes as posições relativas, desafiando ainda assim a argucia do coronel Rondon, pois é sabido que elle proprio eliminou depois hypotheses tidas, no inicio, como verosimeis.

Os rios em questão só eram conhecidos pelas tribus de indios Nhambiquaras que ahi habitavam; o Duvida era o Caiuaniarú, e o Ananaz era o Uiniarê; entre elles tambem se chamava Counguiarú ao Commemoração de Floriano (um dos formadores do Gy), Languiarú ao rio Ikê (valle do Tapajós), Carumixarú ao Festa da Bandeira (affil. do Duvida), e assim outros, sendo os nomes em portugûês postos pelo coronel Rondon, depois de bem verificado que nenhum delles era assimilavel aos que assignalavam todos os mappas até então conhecidos como os melhores.

... Se collocassemos qualquer cidadão nacional ou estrangeiro naquelle labyrintho de cabeceiras, onde nenhum civilizado até então penetrara, poderíamos desafiar a que, de antemão, nos dissesse quaes desses rios iriam ao Aripuanã, quaes ao Gy-Paraná (mais para Oeste), quaes ao Tapajós (mais para Léste); assim como ninguem, posto que muito sabio em questões de geographia, seria capaz de dizer, collocado na fóz do Castanho (ou Castanha, segundo outros), onde estariam localizadas as suas cabeceiras, antes que a Expedição Roosevelt as houvesse assignalado...

... O rio "Abacaxis" nada tem de commum com os rios em questão, nem com a zona em que foram assignalados, no primeiro encontro, o Duvida e o Ananaz.

O facto, já referido, de haver o sr. Roosevelt projectado a exploração do rio Ananaz, assim como a proximidade em que se encontram as cabeceiras desses dois rios, Duvida e Ananaz, obrigaram a que a ambos se houvesse referido o ex-presidente Roosevelt em suas conferencias e escriptos em inglês. Os traductores então da palavra inglesa "Pine-apple", com que Roosevelt se referia ao "Ananaz", julgaram muito legitimamente que se tratasse do rio "Abacaxis", porque esses traductores não conheciam a geographia local".

Dahi o equivoco de que foi victima um illustre membro da Sociedade de Geographia de Lisboa, quando pretendeu contestar que o Ananaz fosse um rio novo, que não figurava até então em mappa algum do Brasil. O general Rondon já esgotou este assumpto, estudando-o minuciosamente em conferencia publica (1915), mas devo ainda, para completo esclarecimento dos que não leram aquella exposição, transcrever mais alguns trechos do meu artigo, onde estão reunidas as idéas principaes:

As nascentes mais altas do "Duvida" e do "Ananaz" (a deste mais a léste), acham-se ambas quasi sobre o mesmo paralelo de 13º de latitude Sul, isto é, em latitude semelhante á de proximidades da cidade de S. Salvador, da Bahia (a comparação é feita com pontos que dêem bem na vista); ao

passo que o rio "Abacaxis", affluente do rio Canumã pela margem direita, nelle desagua perto já da fóz deste rio no Madeira, aos 4º de latitude Sul, que é proximamente a latitude de Fortaleza, Estado do Ceará, e tem suas cabeceiras no parallelo de 6º Sul, isto é, quasi a mesma latitude de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

"Este Abacaxis é o que foi locado desde os tempos do Brasil colonial e que forçosamente deve estar errado quanto á posição das cabeceiras, mas é este, assim, o que nos foi legado pelos nossos ante-passados.

Do exposto é facil concluir quanto é differente a posição do rio Abacaxis em relação á dos dois outros, "Duvida" e "Ananaz", e quanto inverosimil se nos antolha, pois, a critica dos que puderam estabelecer confusão do primeiro com o ultimo dos citados rios.

## NOTAS

NOTA 37 — Nas conferencias de 1915, o general Rondon emittiu os seguintes juizos:

"O sargento Paixão do 5.º batalhão de engenharia, era um veterano das campanhas travadas pela Commissão das Linhas Telegraphicas contra as asperezas do sertão do planalto dos Parécis. Havia commandado um posto militar por mim installado no Juhina, para servir de ponto de apoio á marcha das nossas tropas que se internavam para além do Juruena, em demanda da serra do Norte. Ahi teve elle a feliz opportunidade de receber, em 1911, a primeira visita amistosa dos representantes do grupo de Nhambiquaras do valle daquelle rio, e soube conduzir-se tão bem nessa occasião, que, dentro de pouco tempo, conseguiu conquistar a confiança dos selvicolas, adquirindo grande prestigio sobre elles. Do posto do Juhiena, passou Paixão a servir no Acampamento Geral da Construção, onde prestou relevantes serdade que continuava a prestar ao 5.º batalhão de engenharia, á viços, que lhe mereceram a graduação de sargento. Alguns annos atrás, havia terminado o tempo de sua primeira praça nas fileiras do Exercito e logo em seguida se reengajara; era nesta qualidade que continuava a prestar ao 5.º batalhão de engenharia, á Commissão de Linhas Telegraphicas e depois á Exposição Roosevelt-Ron-



don, o concurso de seu trabalho e de sua inexcedível bôa vontade, servindo de exemplo aos seus camaradas, pelo espirito de disciplina que imprimia a todos os seus actos, e sobretudo pela moralidade de sua vida de soldado e de homem”.

NOTA 38 — O ribeirão “Festa da Bandeira” foi descoberto pelo general Rondon (em 1912), que assim o denominou, identificando-o ao curso d’agua que promanava da cabeceira a que os indios Nhambiquaras chamavam “Carumicharú”.

A “Expedição de 1909” cortou-o bem proximo da sua cabeceira principal e executou “caminhamentos” que atravessaram os seus formadores da margem esquerda; a linha telegraphica descreveu ahi um grande polygono envolvente que interceptou uma série de cabeceiras secundarias de sua margem direita, para depois atravessar-lhe tambem o curso, o que obrigou a construcção de uma grande ponte de madeira.

Estes trabalhos permittiram á Commissão Rondon a construcção de uma planta topographica que assignala o grande leque constituido pelos formadores do “Festa da Bandeira”. Para não descer a minuciosidade maior, direi apenas que nesse trecho, entre a sua principal cabeceira e o ponto em que a linha o cortou, a Commissão estudou e traçou 38 cabeceiras secundarias.

NOTA 39 — O general Rondon escreveu, em 1915, sobre o rio Tau-nay, as seguintes palavras:

“Este era, inquestionavelmente, de todos os descobrimentos geographicos que vinhamos realizando desde 27 de Fevereiro, o mais notavel e o mais importante; e pois que pertencia ao territorio de Matto-Grosso, só o nome de um personagem credor da gratidão mattogrossense, pelo amor e dedicacão com que houvesse servido a sua gente e a sua terra, mereceria ser lembrado, para receber a homenagem de ficar nelle memorado. Nestas condições, quem não se recordaria da figura eminentemente sympathica a todos os brasileiros e cara ao coração dos filhos de Matto-Grosso, do soldado que lhes deu o esforço de seu braço no transe dolorosissimo da invasão paraguaya, do engenheiro que prestou o concurso de sua technica no estudo da região dos pantanaes dos rios Negro, Tabouco e Aquidauana; e do escriptor que melhor soube evocar fugazes grandezas do recente passado de Villa Bella, e pintar, realçando-as carinhosamente, as bellezas e grandiosidades daquellas terras e daquelles céos em que a viu, recolheu e amorosamente, cultivou a flôr suavissima da alma sertaneja, desabrochando e expandindo-se nos encantos da “Innocencia”? Eu não podia, pois,

hesitar: fiz lavar uma arvore, pujante de vida, e em seu cerne duradoiro escrever as palavras:

“Rio Taunay, defronte da cachoeira do mesmo nome. Homenagem da Expedição Roosevelt-Rondon. A 156.280 metros do Passo da Linha Telegraphica. — 24 de Março de 1914”.

NOTA 40 — Justificando seu acto, escreveu o general Rondon:

“Ao novo rio assim descoberto na latitude austral de 10° 59' 0",3 e na longitude Oeste Rio de 17°5' 54", dei o nome de “Capitão Cardoso”, modesta homenagem de gratidão e de saudade que devo a um antigo e constante companheiro dos meus trabalhos de sertão, desde os tempos da construcção da Linha Telegraphica de Goyaz a Cuyabá, até Janeiro de 1914, em que elle tombou morto na estação de Barão de Melgaço, onde viera reorganizar e proseguir os serviços que os tenentes Nicolau Horta Barbosa e Vicente de Vasconcellos tinham sido, meses antes, forçados a suspender, para salvarem suas vidas ameaçadas pelo impaludismo. Infelizmente o meu velho e dedicado companheiro de lutas, não teve tempo de se defender contra o violentissimo ataque de um accesso pernicioso dessa febre; e, ao fim de dois dias de doença, pela primeira vez o seu braço descansou da longa faina de servir á causa publica e o seu grande coração deixou de amar a terra que lhe fôra berço e os amigos conquistados pela formosura do seu character varonil e bondoso”.

NOTA 41 — O opusculo do almirante Ferreira e Silva foi mandado imprimir pelo Ministerio do Exterior, em 1913, e resume as mais valiosas opiniões sobre a materia, taes como as de Geikie, Hamilton, Peschel e Carlo Porro, alem da propria e tambem valiosa opinião do autor, que tem chefiado varias commissões de limites e é ainda neste momento o chefe da de limites do Brasil com a Republica do Perú. O general Rondon, que é tambem um profissional no assumpto, adoptou o criterio da classificação apresentada pelo almirante, citando-a no caso particular dos rios Roosevelt e Aripuanã, quando pronunciou sua conferencia sobre a exploração do famoso rio da Duvida.

As conclusões do almirante, estabelecem em importancia decrescente, as condições a observar para a determinação do galho principal de um rio; cito-as, pois, em ordem hierarchica:

1.º) A conservação do rumo geral do tronco: o confluente que o continuar ou o que menos se afastar desse rumo geral, deverá ser considerado como o principal.

2.º) A maior extensão apresentada por um dos braços ou, caso apresentem ambos igual desenvolvimento desde as cabeceiras até a confluencia, o maior volume d'agua (3.º).

4.º) Se houver sensível igualdade na deflexão dos dois confluentes, em relação ao eixo principal ou rumo geral assim como na extensão e no volume d'agua, prevalecerão os dados anthropogeographicos, isto é, considerar-se-á como principal a cabeceira ou o ramo tido como tal pelos habitantes regionaes.

5.º) A maior altitude das cabeceiras, apenas pesquisada, porém, quando a differença alcançar valor apreciavel e quando os rios estudados correm em terreno bastante accidentado.

NOTA 42 — Esta referencia envolve a hypothese de corresponder a cabeceira do Ananaz á nascente principal do rio Aripuanã, caso que corresponderia á differença de 15 km. a que se allude.

Tendo a expedição do mallogrado tenente Marques de Souza, (cujos estudos foram completados pela expedição sob a chefia do tenente Ramiro de Noronha), demonstrado que o rio "Ananaz" desagua no rio "Capitão Cardoso", affluente do rio Roosevelt, já citado no presente capitulo, essa differença ficou, pelo menos, centuplicada, em face do quadro geral dos rios descobertos e levantados pela Commissão Rondon, através de cuja trama se tornou impossivel passar o curso do Aripuanã; dahi a "differença de um ou mais graus", a que succintamente se refere o general.

Este grande encurtamento do Aripuanã no sentido da latitude, poderia ser compensado desde que o rio se desenvolvesse em longitude. Esta possibilidade, porém, está limitada por outros trabalhos já realizados pelo general Rondon, de quem são as seguintes palavras (Conferencias de 1915):

"Do que sabemos da trama hydrographica formada pelos tributarios do Juruena e do Alto Roosevelt, e, mais para o Norte, do que podemos inferir das informações relativas ao Canumã, resulta como unica hypothese aceitavel sobre as cabeceiras do Aripuanã, terem ellas por contravertentes as do Acary e Sucundury formadores do Canumã, dos quaes são separadas pelos espigões e contrafortes lançados pela Serra do Norte para o interior da região que se apoia, do lado do Sudeste, na curva do Ikê, e do lado de Sudoeste, no ramo concavo do rio "Marques de Souza".

(Esta denominação foi adoptada pelo general Rondon para substituir o nome primitivo de rio Ananaz, em homenagem ao querido e intrepido official que alli perdeu a vida).

Posteriormente, a Comissão Rondon realizou a exploração do rio Canumã, repetindo o trabalho de Coudreau e excedendo-o no levantamento do rio, muito mais para montante, sem contudo alcançar as suas nascentes. Os resultados deste trabalho, executado pelo capitão de engenharia Manoel Tiburcio Cavalcante (V. capítulo XX), confirmaram ainda as conclusões do general Rondon, a proposito das quaes surgiu esta nota explicativa, que encerro com o seguinte commentario:

De tudo isso se infere que até 1916 era uma incognita, na cartographia do Brasil, o verdadeiro curso do rio Aripuanã. Ainda o é em 1926! *E' tão vasto o nosso país, que possui, ainda, por levantar, um rio grande como este, que mede quasi 500 metros de bôca e cujo desenvolvimento linear pôde ser calculado em 700 kilometros.*

## CAPITULO XI

### O RIO GY-PARANÁ (\*)

Adapta-se ao bem elaborado programma desta revista, a exposição de trabalhos geographicos realizados pela Comissão Rondon, para corrigir e completar o mappa do Brasil. Do patriotico esforço feito com tal objectivo, dará idéa a descripção dos que concernem ao rio Gy-Paraná ou Machado, volumoso affluente do rio Madeira, pela margem direita. Successivas turmas occuparam-se deste rio, para que fosse possivel desenhar integralmente o seu curso, desde as cabeceiras principaes, no Estado de Matto-Grosso, -mais ou menos collocadas sobre o meridiano de 17 graus W. Rio e sobre o paralelo de quasi 13 graus de latitude Sul, até sua fóz, no Estado do Amazonas, collocada quasi no paralelo de 8 graus Sul e entre os meridianos de 19 e 20 graus. Como se vê, trata-se de um rio muito extenso, de cerca de setecentos kilometros de curso total.

Para melhor comprehensão da originalidade dos trabalhos da Comissão Rondon" na determinação exacta da posição deste rio, resumirei o preambulo com que o notavel *sertanista* iniciou sua conferencia de 1915, sobre o rio da Duvida, preambulo em que traça o historico da cartographia da vasta região que foi theatro das importantes descobertas por elle realizadas.

Tal região tem por limites, dentro do mappa do Brasil, a Sudoeste os rios Madeira e Guaporé, ao Sul os rios Jaurú,

---

(\*) Vide gravura n. 14.

Cabaçal, alto Paraguay e cabeceiras do Cuyabá, a Leste os rios Arinos, baixo-Juruena e Tapajós.

“A enorme periphéria fluvial deste sertão, era conhecida desde os tempos coloniaes”.

“Na historia da Capitania de Matto-Grosso está registada a viagem (1746) do *sertanista* João de Sousa Azevedo, que passou do rio Sepotuba para o Sumidouro, e por este desceu ao Arinos, depois ao Tapajós ( descoberto em 1726 pelo Capitão Pedro Teixeira) e finalmente ao rio Amazonas.

“No seculo XVIII era já conhecida a navegação entre Belem do Pará e Villa-Bella (actual e decadente cidade de Matto-Grosso), subindo e descendo os rios Amazonas, Madeira e Guaporé.

“A exploração geographica desses rios foi realizada, nos fins do mesmo seculo e começo do seguinte, pelo Coronel do Real Corpo de Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, autor da memoria sobre a “Navegação do Tapajós para o Pará” (1798), publicada em volume da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

“Em outra expedição, de proporções muito maiores do que a que deu lugar a esse memorial, auxiliado por dois astrónomos, Silva Pontes e Lacerda e Almeida, fez Ricardo Franco o levantamento de todo o caminho de Belem a São Paulo, através do sertão brasileiro, pelo seguinte itinerario: Belem; rios Amazonas, Madeira, Mamoré, e Guaporé; Villa Bella; valle do Jaurú; S. Luis de Caceres; rios Paraguay, Taquary e Coxim, até onde foi possível navegar em canôas; rio Pardo, aguas abaixo; rios Paraná acima e Tiété; porto Araritagubá; cidades de Itú e S. Paulo.

“Em todo esse percurso os tres notaveis exploradores assignalaram os principaes accidentes topographicos e determinaram as coordenadas geographicas das fôzes de todos os rios que descem para o trecho explorado do Amazonas, para o Madeira, o Mamoré e o Guaporé. “Depois, construida a carta desses rios e collocando-se nellas os accidentes de que se tinham tomado os dados necessarios, obteve-se um esboço

da configuração geral apresentada pela natureza, em toda a extensão percorrida. Mais tarde esta carta, sendo combinada com a do reconhecimento do Tapajós, a que acima referi, constituiu a imagem do contorno da região que agora nos occupa”.

Foi esta carta que serviu de base a todos os trabalhos cartographicos posteriores, introduzindo-se nella informações novas que iam sendo apresentadas sobre o curso dos rios, muitos dos quaes só alli figuravam com sua fóz.

“Desenhava-se o trecho resultante de taes informações, e, por meio de deducções, mais ou menos arriscadas, traçava-se o percurso total do rio, quasi sempre baseado na hypothese de que seria elle o contravertente de outro correspondente a tal ou tal bôca”.

Indicando, assim, a longos traços, o methodo empregado, sem comtudo manifestar valleidades de critica ou reprovação, que não caberiam no caso, Rondon assignala entretanto os erros a que taes processos poderiam conduzir os cartographos que se dedicaram primeiramente á construcção dos mappaes dessas grandes extensões do nosso territorio, erros e lacunas que foram postos em evidencia desde os seus trabalhos preliminares de exploração (Expedições de 1907 a 1909) até as mais recentes expedições da Commissão de Linhas Telegraphicas de Matto-Grosso ao Amazonas (1909 a 1920).

E’ intuitivo que, na applicação dessas tentativas, poderia surgir uma locação perfeita e muito aproximada da realidade, como tambem seria facil desviar completamente dessa realidade o curso dos rios. São exemplos classicos, em polos oppostos, o caso dos rios Juruena — Tapajós e os rios Juary — Gy-Paraná: no 1.º, a determinação dos pontos extremos da fóz e das cabeceiras, para um curso que mantem a direcção geral Sul-Norte, produziu a locação bastante aproximada da verdade, pela ligação daquelles pontos; no 2.º, deu-se justamente o contrario, como já tive occasião de expôr, em artigo recentemente publicado no “Diario de

“Noticias” desta Capital. (“Em torno de Rondon” — V. capitulo VIII deste livro).

E este 2.<sup>o</sup> caso é justamente o que Rondon estudou, no citado preambulo, para caracterizar erros que transmudaram de tal forma o aspecto real do terreno a representar, que seria impossivel identifi-calo agora, dentro dos mappas antigos. Eis o que elle succintamente expoz:

“Para dar um exemplo concreto do que fica dito, tomarei apenas dois rios: o Gy-Paraná e o Jamary, e compararei os seus elementos reaes com os que lhes eram attribuidos pela carta de Pimenta Bueno, o mais seguido dos nossos geographos em assumptos relativos a Matto-Grosso, e pelas mais recentemente publicadas, do Barão do Rio Branco e de H. Williams, portadora, a ultima, desta pomposa inscripção: Fronteiras entre o Brasil e a Bolivia, conforme o tratado de Petropolis”.

“Quanto ao Gy, a sua cabeceira fica em latitudê Sul, abaixo do paralelo de 12° 43' 21” ; no emtanto, dos tres cartographos indicados, o 1.<sup>o</sup> colloca-a acima desse paralelo, o 2.<sup>o</sup> figura-a como uma das pernas da forquilha que imaginou para representar os formadores do rio, e o ultimo, embora acompanhando de perto o trabalho do 1.<sup>o</sup>, colloca-a mais para o Norte, alem de confundir o nome do rio de que se trata com o de Pirajauara.

“Quanto ao Jamary, as suas nascentes acham-se entre os paralelos de 10° e 11° ; uma, quasi sobre o meridiano de 20° W. Rio, e as outras, mais ou menos symetricamente distribuidas de um lado e d'outro desse meridiano, do qual nenhuma chega a afastar-se meio grau ; no emtanto, Pimenta Bueno, dos tres cartographos citados o que, neste ponto, menos exagera, colloca uma dellas vinte minutos abaixo do paralelo de doze graus e não avança com o mais oriental alem de trinta minutos para léste do meridiano de dezeseite.

“Não menores do que as incorrecções eram as lacunas apresentadas por essas cartas para toda a região contida no



interior do circuito fluvial explorado pelo geographo português.

Depois de atravessado o Juruena, para Oeste do meridiano de 16 graus até alcançar o de 17, as "expedições de 1908 e 1909" encontraram successivamente os rios Nhambiquaras, Doze de Outubro, Toloiry, Ikê, Duvida e Piroculuina, alem de outros que deixo de mencionar.

O problema que então surgiu para cada um desses rios, era o de descobrir a bacia hydrographica a que elle pertencia, e se, para alguns, não eram encontradas difficuldades em formular uma hypothese que inteiramente satisfizesse (como no caso do Nhambiquaras que foi attribuido á bacia Juruena-Tapajós), para outros, ao contrario, as opiniões se dividiam. Não faltou tambem o caso de serem na occasião admittidas como boas, hypotheses que, posteriormente, se verificou serem falsas: "Isto se deu, por exemplo, com o Doze de Outubro e o Toloiry, que supuzemos constituirem as cabeceiras do Canumã, quando na verdade ambos pertencem á bacia do Tapajós".

A descoberta das cabeceiras do Gy é assim narrada em relatorio do General Rondon:

"Por dois ramos que se originam nos chapadões Parecís, em torno dos campos do "Commemoração de Floriano", nasce o Gy-Paraná, mais commumente conhecido por Machado; são essas as suas cabeceiras mais meridionaes e foram denominadas "Commemoração de Floriano" e "Piroculuina".

A 2.<sup>a</sup> envolve a outra pelo Sul, em um arco de cerca de 30 kilometros, cuja corda mediu 18 km., sendo tambem a mais extensa, a mais volumosa e occidental. A direcção das águas é a principio W. N. W., descreve depois um arco para N. W. e N., quando recebe então a contribuição da cabeceira menor. A 1.<sup>a</sup> descoberta teve a nossa base de operações na sua origem (12° 43' 21" lat. S., 17° 7' W. Rio).

Contravertem: Commemoração de Floriano com o Toiiry-inazá; Piroculuina com o Doze de Outubro. O Piroculuina ainda contraverte, pelo S. W., com aguas do Guaporé, que attribuímos ao rio Branco ou Guaritezê, tambem conhecido pelo nome de rio do Piolho.

“A confluencia do Commemoração com o Piroculuina, — que, no ponto em que a expedição o atravessou, tomou o nome de Pimenta Bueno, dá-se no paralelo de  $11^{\circ} 23'$  e meridiano de  $18^{\circ} 30'$  aproximadamente (coordenadas do serviço de exploração, longitude por transporte chronometrico)”.

Lê-se (a proposito ainda da “Expedição de 1909”) mais adiante no importante relatório (V. nota a):

“Entre o Commemoração e o Pimenta Bueno, foi transposto o rio Barão de Melgaço, justamente a 313 km. do Juruena e aproximadamente no meridiano de  $18^{\circ}$  W. Rio.

“Nascendo na vertente oriental da Serra dos Parecís, onde ella apresenta maior accidentação, tem o seu curso dirigido mais ou menos parallelamente aos dois rios acima citados. E' um affluente da margem esquerda do Gy-Paraná e rio mediocre, cuja importancia decorre de marcar elle o inicio do affloramento do granito, que constitue todo o seu leito em grandes trechos.

“Da confluencia (V. nota b) dos braços principaes para baixo, toma o Gy a direcção W. N. W., recebendo pela margem esquerda os rios que os seringueiros denominam S. Pedro e Muquy.

“Esse S. Pedro, de aguas paradas e denegridas, é formado por quatro braços que, successivamente, tomaram os nomes de “Luis de Albuquerque”, “Antonio João”, “Rolim de Moura” e “Anta Atirada”; é o mais importante destes, o “Rolim de Moura”.

“O Muquy é igualmente formado de quatro braços: “Lacerda e Almeida”, “Luis de Alincourt”, “Acanga-Piranga” e “Ricardo Franco”, sendo este o mais importante.

“Da fóz do Muquy, muda outra vez de rumo o Gy-Paraná, dirigindo-se, com pequena oscillação, francamente para N. N. E., até a fóz do rio S. João, seu unico affluente importante da margem direita, no meridiano de  $19^{\circ}$  e paralelo de  $8^{\circ} 20'$ .

Abaixo de Muquy, pela margem esquerda, recebe ainda o Gy os rios Urupá e Jarú, o 1.<sup>o</sup> a cerca de  $10^{\circ} 20'$  lat. S. e  $19^{\circ} 25'$  long. W. Rio, e o 2.<sup>o</sup> no paralelo de  $9^{\circ} 25'$  e meridiano de  $19^{\circ} 25'$ .

Da confluencia das cabeceiras até a fóz, o Gy-Paraná só recebe um affluente importante pela margem direita, como já foi dito: o S. João. E' notavel a posição deste affluente, porque marca nova mudança de rumo do Gy, que descamba, então, francamente para o poente, com fraca inclinação para o Norte na fóz. E desse cotovello em deante, pela margem esquerda, recebe ainda o Gy tres affluentes: o Anary ou Republica, o Machadinho, o Jurua-zinho e o Preto, este já muito perto da fóz de seu collecter.

“Na descripção de conjuncto que acabei de fazer do Gy-Paraná, verificou-se que a sua margem direita se acha desprovida de affluentes de importancia em toda a sua extensão, a contar da confluencia dos dois braços, exceptuando-se o ponto em que o rio toma o rumo do Poente, onde recebe, vindo de N. E., o S. João, de mediocre volume e com 25 metros de largura na fóz.

“Ora, nos pontos em que os nossos caminhamentos transpuzeram o “Doze de Outubro” e foram explorados o “Ikê” e o “Ananaz” cada um desses media, de largura, 16 e 18 metros respectivamente, e portanto jámais poderiam formar o São João.

“Consequentemente, entre a margem direita do medio-Gy e esquerda do Tapajós, fica um vão de 4 graus de largura, que só poderá ser banhado pelas aguas d'alguns daquelles tres desconhecidos rios, tanto mais quanto os tributarios da margem esquerda do Tapajós, nessa zona, segundo Ricardo Franco, não todos de pequeno curso.

Em virtude do que ficou dito, devem ser riscadas das cartas todas aquellas cabeceiras e afluentes attribuidos ao Gy-Paraná, do paralelo 11º para o Norte.

O que nestas cartas é attribuido ao Jamary, e tamanho damno. causou á Expedição (1909), deve-se dizer: parecido com o Gy-Paraná”.

\* \* \*

Sob varios aspectos o rio Gy-Paraná se nos apresenta “sui-generis”: pela sua fórma, quando se observe o inesperado cotovello que foi causa do grande erro dos cartographos antigos; pela especialidade de sua pobreza de afluentes da margem direita; por ter o seu levantamento occupado varios engenheiros (o proprio general Rondon, tenentes Lyra, de saudosa memoria, E. Amarante, Nicolau Horta Barbosa, Alencarliense Costa e dr. Alipio de Miranda Ribeiro, o autor destas notas e o capitão Tiburcio Cavalcante); e, finalmente, pela sua ethnographia. São relativas ao ultimo ponto as seguintes palavras do General Rondon:

“Aproximando as presentes indicações das que foram dadas emquanto falavamos da construcção (todas resumidas neste capitulo), vê-se que o valle do Gy-Paraná póde ser considerado como um dos mais ricos e variados centros ethnographicos do mundo, em nossos dias. Alli se nos depara o homem civilizado, manejando instrumentos da industria hodierna, admiraveis e perfeitos como o telegrapho e os motores de explosão, ao lado do caboclo inculto, do indio manso, semi-civilizado, do selvicola apenas iniciado nos primeiros passos das nossas relações, do selvagem ainda não attingido, e até, finalmente, do já quasi extincto anthropago”.

A navegabilidade do rio Gy-Paraná, acima da confluencia do Pimenta Bueno com o Commemoração, por este braço, até a fôz do Ribeirão Francisco Bueno (ponto em que está locada agora a estação teleg. “Barão de Melgaço”),

foi descoberta pelo 1.º Tte. Amarante, esforçado e competente ajudante da Comissão Rondon, desde 1907, com pequena interrupção. E' uma navegação precaria, para batelões e canoas, mas que prestou inolvidaveis serviços á construcção da linha telegraphica, quando esta penetrou na zona que poderemos chamar do Matto-Grosso amazonico, isto é, da terra matto-grossense que vive e palpita através das arterias fluviaes do nosso rio-mar.

Conheço em pessoa esse trecho, onde naufraguei a primeira vez durante a execução dos trabalhos da Expedição Roosevelt, a mim confiados, e tive o prazer de verificar que o meu levantamento expedito, a bussola e telemetro de Guiau et Fleuriais, depois de desenhado por mim, coincidia com o que fôra executado anteriormente pelo Tte. Amarante, quando estudou a locação da linha, ao longo da margem esquerda, através das zonas de *charravascaes* que alli interrompem as mattas; tive prazer — disse eu — porque o meu collega applicara o processo das ordenadas, traçadas floresta a dentro, com auxilio do transito de Gurley, até a margem daquelle curso d'agua, processo theoreticamente mais rigoroso do que o que me foi dado utilizar.

Á pequena expedição do Tte. Amarante ao Commemoração ,deveu-se o descobrimento destes *charravascaes*, por onde passou a variante do traçado definitivo adoptado pelo Gal. Rondon, aproveitando-se as facilidades offerecidas pelos campos, e fugindo-se aos estorvos que a portentosa floresta antepõe alli ao avanço de taes construcções; e a ella deveu-se ainda, a fixação da barra do rio Barão de Melgaço e o primeiro grito de "alarme" contra a hypothese de incluir o rio da Duvida entre os tributarios do Gy-Paraná, pois que tal expedição foi que assignalou a ausencia de afluentes da margem direita, facto já referido linhas antes.

Reunidos os trabalhos de exploração e levantamento do rio, aos da locação da linha telegraphica que acompanha seu curso, desde "Barão de Melgaço" até "Presidente Penna", com desenvolvimento superior a 200 kms., foi possivel á

“Secção de desenho da Commissão Rondon” locar com precisão o rio Gy-Paraná no mappa de Matto-Grosso.

Faremos aqui o resumo desses trabalhos, para completar a descripção desse curso d’agua.

Dos dois principaes formadores do Gy, o Pirocoluina, cujo nome foi dado pelo Gal. Rondon em 1909, é formado pela reunião de dois braços o Djarú-Jupirara (rio Vermelho) e Djarú-uérébe (Rio Brilhante ou luzente), conforme as denominações que têm na lingua dos indios Kepikiri-uats.

Depois de formado, o Gy penetra nos fusos dos meridianos de 18 a 19 graus a Oeste do Rio de Janeiro. A principio continúa a correr no rumo noroeste; pouco depois, porém, dirige-se francamente para o Norte e assim se conserva até o parallelo de 10°. Dahi desce mais um grau, inclinando-se para Leste; attinge a latitude de nove, mas quando a vai passar, abandona bruscamente a posição em que vinha e lança-se de novo para noroeste; rapidamente transpõe o meridiano de 19° e chega ao Madeira antes de attingir o de 20°, perto do parallelo de 8° Sul”.

“Pobre de affluentes pela margem direita, como já se disse, recebe o Gy por esse lado apenas os rios S. João e Tarumã, sendo de notar que a barra do 1.º fica exactamente no apice do cotovello formado pela caprichosa conversão de noventa graus, que aquelle rio faz ao mudar de rumo N. N. E. para o de N. O.

“Em contraste com essa extraordinaria pobreza, temos a abundancia dos affluentes da margem esquerda. No vão comprehendido entre os dois formadores principaes (o Commemoração de Floriano e o Pimenta Bueno), assigna-se o nosso já conhecido “Barão de Melgaço”. Depois da união dos dois formadores, encontram-se: primeiro o “Luiz de Albuquerque”, povoado pela tribu Uaturumbó, e, em seguida, a barra do antigo S. Pedro ou “Rolim de Moura”, no qual se entroncam dois outros, o “Antonio João”, e o “Anta Atirada”. O mais importante delles é

o "Rolim de Moura", propriamente denominado Djarú-uará pelos indios Kepikiri-uats, que me deram o nome "Capuá" para designação da tribu indigena que nelle existe.

"Ao S. Pedro segue-se o antigo Muquy, tronco dos rios "Lacerda e Almeida", "Luis d'Alincourt", "Acanga-Piranga" e "Ricardo Franco", ramo principal, abaixo de cuja fóz moram os indios Uacucaps, segundo indicações dos Kepikiri-uats.

"Em seguida, descendo, encontram-se os nossos já conhecidos Urupá, Igarapé, Boa-Vista, Jarú, os ainda não mencionados Anary, Machadinho, Juruazinho, e ,finalmente, ao chegar ao Madeira, o rio Preto".

(O que está entre aspas é transcripto das Conferencias do Gal. Rondon em 1915, assim como as apreciações que se seguem a este parenthesis e que se referem ao valle do Gy-Paraná).

"Dir-se-ia que o acaso caprichou em associar naquella nesga de terra a multip! cidade dos aspectos sob que a natureza se manifesta um pouco por toda a parte. No solo encontram-se o ouro e o mercurio, o diamante e o granito, as florestas magestosas, carregadas de preciosas essencias, ricas — mesmo quando comparadas aos prodigios das selvas amazonicas — mas em alguns pontos degradando-se em rispidos e desolados *charravascaes*, e noutros abrindo-se em campos rasos, tapizados de soberbas gramineas forrageiras. E esta multiplicidade de aspectos é tamanha que nem podemos pensar em a "detalhar".

"Mesmo quanto á população, muitos nucleos ficam por apontar; nada dissemos, por exemplo dos indios Urumis, habitantes do valle do Tarumã, rio que o Gy recolhe pela direita, a meio caminho do seu curso total, e dos Parintintins, tribu guerreira cuja pacificação vamos promovendo com exito promissor de uma proxima victoria e cujas aldeias se encontram no trecho de campos naturaes que se extendem

a direita, para os lados do rio Roosevelt, cortados pelo "Marmellos" e pelo "Manicoré", afluentes directos do "Madeira".

\* \* \*

Em 1914 apreciei "de visu" as difficuldades com que lutam os proprietarios dos seringaes do Gy-Paraná, para conseguirem o transporte do pessoal e do material, utilizando-se dessa via unica de communicações. Na minha qualidade de Brasileiro, é motivo de orgulho apresentar aquelles patricios, e todos quantos moirejam, no afanoso trabalho da borracha, como typos inconfundiveis de energia mascula, de força de vontade, de coragem estoica, de estupenda resignação deante das maiores attribuições physicas e moraes que é possivel a Natureza accumular contra o Homem nos mais rispidos sertões! Ao calor insupportavel da zona torrida, á formidavel humidade, inseparavel do clima daquellas immensas florestas, aos enxames das moscas, dos mosquitos e das abelhas, a atormentarem aquella gente heroica, juntam-se permanentemente a malária endemica, as feridas mais horripilantes e fétidas de que ha noticia, a promiscuidade nas viagens, a deficiencia e muita vez a falta absoluta de alimentação, os constantes naufragios nas cachoeiras e corredeiras, que são perigos inevitaveis a zombar sempre de todas as providencias, a falta absoluta de tratamento medico, a carencia de remedios, etc., etc.

Sempre que se fala aqui pelo Sul em navegação fluvial, não se faz idéa absolutamente do que seja uma viagem por um desses rios amazonicos. Procurarei, pois, destacar, do meu diario da descida do Gy-Paraná, alguma coisa elucidativa da complexidade que apresenta uma viagem por este curso d'agua.

Conforme a epoca e conforme o trecho a percorrer, viaja-se alli em simples canôas ou em batelões, ora impulsio-nados a remos de pá circular (especialidade amazonica), ora a zinga ou puxados á sirga; em lancha de maior ou menor



porte; a cavallo pelos *varadouros* que ligam a cabeça aos pés das cachoeiras intransponiveis; e a pé, através de uma ilha.

Descemos em canôas e batelões desde Barão de Melgaço até a grande cachoeira Monte-Christo, onde embarcamos em lancha com batelão acostado. Tres quartos de hora depois, rio abaixo, passámos a bôca do Jarú (cachoeira Idalina) e, com 3h 25m de viagem, a fôz do Anary. Depois de 8h 35m de viagem total, inclusive pequenas paradas, desembarcamos em S. José, barracão da margem direita, junto á cachoeira do mesmo nome.

Ha alli um batelão para a travessia dessa margem a uma ilha fronteira, que atravessámos a pé, afim de reembarcar, a jusante da cachoeira S. José, numa pequena chalana que nos levou ao barracão S. Felix, da margem esquerda, a montante da cachoeira S. Felix.

De S. Felix a Tabajara, o rio permite novamente a navegação á lancha, e gastámos de descida 10h 20m, passando pela bôca do Machadinho com 7hs de descida, e pousando em Maruins, que na epoca tinha o aspecto de uma Veneza tosquissima, pois as aguas da grande cheia se elevavam a 2ms acima dos barrancos e as canôas nos conduziam até as escadas externas de acesso ás habitações locaes.

Canôas fazem o transporte entre Tabajara e a barra do Remanso, para d'ahi se alcançar Cachoeirinha, com 1h. 45m de percorrida, a cavallo, pelo *varadouro* ahi aberto na extensão de legua e meia, através de atoleiros e outras passagens difficeis.

De Cachoeirinha á cachoeira S. Vicente, o trajecto é feito á lancha; de S. Vicente á Cachoeira "Dois de Novembro", a primeira que se apresenta a quem sobe o rio, viaja-se durante 45 minutos, a cavallo ou a pé, até embarcar outra vez em lancha que nos conduz rio abaixo, até entrar no rio Madeira, para atracar ao porto de "Calama", da margem opposta (esquerda).

Este ultimo trajecto consome quasi 20 horas de descida, viajando-se á noite.

Pouco depois de sahir da cachoeira "2 de Novembro", passámos pelo marco divisorio dos Estados de Matto-Grosso e Amazonas, collocado no ponto geodesico em que o parallello de 8° 48' incide a barranca do rio.

Eis em rapido resumo o que é uma viagem pelo Gy-Paraná.

Como já expuz, dirigi uma das multiplas turmas que receberam, em epocas differentes, a incumbencia de effectuar o levantamento deste rio, e executei não só o do galho oriental (Commemoração), desde Melgaço até a confluencia com o Pimenta Bueno, como o do Gy, desta confluencia para baixo. Infelizmente estes serviço foi bruscamente interrompido no "estirão do Mereçal", a montante da Cachoeira de Monte-Christo, em consequencia do naufragio em que perdi os aparelhos de trabalho. Foi-se tambem aguas abaixo, a caderneta de levantamento, mas salvou-se parte do serviço feito, porque diariamente eu desenhava o levantamento em papel quadriculado e este desenho, molhado, mas aproveitavel, foi retirado de dentro da pequena mala em que era guardado e que fluctuou depois do desastre.

Salvámo-nos todos, ainda deste segundo naufragio; no primeiro, occorrido nas cercanias de Melgaço, quasi pereceu afogado o nosso digno e competente patricio dr. Euzebio Paulo de Oliveira (V. nota c), geologo da Expedição Roosevelt-Rondon e que, em pesquisas scientificas de sua especialidade, acompanhou minha turma.

\* \* \*

O que ahi fica é o bastante para demonstrar os esforços continuados da Commissão Rondon no sentido de conhecer e determinar o curso do rio Gy-Paraná, cuja verdadeira posição no Mappa do Brasil se deve exclusivamente, como acabamos de ver, á iniciativa do General Rondon e a seus proprios trabalhos pessoases.

Porto Alegre, Março de 1926.

## NOTAS

NOTA a) *Data venia*, suprimi nas transcripções acima as referências baseadas em hypotheses que os proprios trabalhos do General Rondon, posteriormente, destruíram. A mesma observação cabe no trecho que esta chamada precede.

Penso assim facilitar ao leitor a fixação das idéas novas e multiplices, trazidas pela Commissão Rondon á geographia patria, evitando reproduzir tudo o que já foi reconhecido como errado e fundado em hypotheses que pareciam exactas a principio.

Taes correccões são, no caso vertente, as que se relacionam com o rio da Duvida, cujo curso só ficou desvendado em 1914, graças aos trabalhos geographicos realizados pela Exposição Roosevelt-Rondon. O estudo das hypotheses formuladas sobre a verdadeira posição geographica deste rio e que deram lugar á expressiva denominação que lhe foi attribuida pela "Expedição de 1909", foi proficientemente realizado pelo General Rondon em suas conferencias de 1915, pronunciadas no Rio de Janeiro.

NOTA b) Bem na confluencia, a Commissão Rondon locou a estação telegraphica de "Pimenta Bueno", cujas coordenadas exactas (longitude pelo telegrapho) foram depois determinadas pela mesma Commissão, para um ponto distante 52m daquelle confluencia, com os seguintes resultados:

Lat. Sul 11° 39' 15",63.

Long. W. Rio. 1h 12m 9s,20.

NOTA c) Actualmente exerce o elevado cargo de Director do Serviço Geologico e Mineralogico, do Ministerio da Agricultura, em cujas funções substituiu o Dr. Gonzaga de Campos, sem desmerecer as notaveis tradições deixadas por este inolvidavel cientista brasileiro. (Infelizmente para o Brasil, desapareceu dentre os vivos o modesto e competente geologo, mineralogista e paleontologista patricio — Nota á edição de 1940).

(Artigo publicado nos primeiros numeros (1 a 6) da *Pindorama*, a bem cuidada e sympathica revista da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, em 1926).

## NOTAS

NOTA a) *Data venia*, supprimi nas transcripções acima as referencias baseadas em hypotheses que os proprios trabalhos do General Rondon, posteriormente, destruíram. A mesma observação cabe no trecho que esta chamada precede.

Penso assim facilitar ao leitor a fixação das idéas novas e multiplices, trazidas pela Comissão Rondon á geographia patria, evitando reproduzir tudo o que já foi reconhecido como errado e fundado em hypotheses que pareciam exactas a principio.

Taes correcções são, no caso verfente, as que se relacionam com o rio da Duvida, cujo curso só ficou desvendado em 1914, graças aos trabalhos geographicos realizados pela Exposição Roosevelt-Rondon. O estudo das hypotheses formuladas sobre a verdadeira posição geographica deste rio e que deram lugar á expressiva denominação que lhe foi attribuida pela "Expedição de 1909", foi proficientemente realizado pelo General Rondon em suas conferencias de 1915, pronunciadas no Rio de Janeiro.

NOTA b) Bem na confluencia, a Comissão Rondon locou a estação telegraphica de "Pimenta Bueno", cujas coordenadas exactas (longitude pelo telegrapho) foram depois determinadas pela mesma Comissão, para um ponto distante 52m daquela confluencia, com os seguintes resultados:

Lat. Sul 11° 39' 15",63.

Long. W. Rio. 1h 12m 9s,20.

NOTA c) Actualmente exerce o elevado cargo de Director do Serviço Geologico e Mineralogico, do Ministerio da Agricultura, em cujas funções substituiu o Dr. Gonzaga de Campos, sem desmerecer as notaveis tradições deixadas por este inolvidavel scientista brasileiro. (Infelizmente para o Brasil, desapareceu dentre os vivos o modesto e competente geologo, mineralogista e paleontologista patricio — Nota á edição de 1940).

(Artigo publicado nos primeiros numeros (1 a 6) da *Pindorama*, a bem cuidada e sympathica revista da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, em 1926).

## CAPITULO XII

# EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DO RIO JACY-PARANÁ

A exploração e o levantamento do rio Jacy-Paraná foram realizados por uma turma sob a chefia do projecto engenheiro-militar capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, cuja apresentação já fiz aos leitores destas notas.

Tive a honra de ser designado pelo Gal. Rondon, para auxiliar tecnico dessa turma, de que faziam parte tambem: o 1.º tenente do Corpo de Saúde da Armada dr. Paulo Fernandes dos Santos, como med'co. e o inspector dos telegraphos dr. Francisco José Xavier Junior, como encarregado do material (V.nota 43).

Ao publicar o meu livro "Impressões da Comissão Rondon", dediquei um capitulo especial á descripção destes trabalhos, realizados no periodo de 17 de Agosto de 1909 a 12 de Fevereiro de 1910, quanto á parte relativa ao rio Jacy-Paraná, sem levar, pois, em conta, nem os preparativos de organização da turma no Rio de Janeiro, e em Manaus, nem a tentativa de effectuar o levantamento do rio Madeira, desde Santo Antonio até a fóz do Jacy.

Procurarei resumir aqui os trechos principaes do substancioso relatorio apresentado pelo capitão Pinheiro, em Junho de 1910 e, tanto quanto possivel, evitarei a repetição dos assumptos já publicados por mim, desde que não sejam essenciaes á exposiçáo da materia.

O Jacy-Paraná era já conhecido dos seringueiros matto-grossenses, e a exploração da borracha das mattas marginaes constituia objecto de vastas concessões territoriaes

feitas pelo governo de Matto-Grosso; geographicamente, estava assignalado na carta de Pimenta Bueno, mas figurava nesta, e em outras cartas, com desenvolvimento linear inferior a cem kilometros, representados por linhas sinuosas, cuja posição variava completamente de um para outro dos mappas que o contemplavam.

Era importante para nossa geographia e interessava particularmente á Commissão Rondon, por causa da linha telegraphica que estava em construcção, o conhecimento da posição exacta deste curso d'agua, na carta de Matto-Grosso. Resolveu, por isto, o general Rondon, executar os trabalhos que constituem o assumpto deste capitulo. Conjugou-os com os que elle proprio realizou (Expedição de 1909) para fechar os reconhecimentos e explorações da zona desconhecida entre Matto-Grosso e Amazonas, attribuindo os do Jacy á "Turma do Norte", incumbida tambem de conduzir generos sobre-salentes, destinados aos 40 homens daquela expedição.

Esta incumbencia sobrecarregou bastante a turma exploradora, sobrecarga facil de avaliar se reflectirmos que eramos 25 brasileiros sadios e bem dispostos, ao partirmos de Santo Antonio do Madeira, e que, no ponto mais alto do rio percorrido, estavamos reduzidos a 12 impaludados, dois dos quaes (trabalhadores) inuteis para qualquer serviço.

Tivemos que conciliar, então, dois interesses oppostos: o de socorrer de munição de bôca á turma chefiada pelo general Rondon (que levou oito mêses para atravessar do Ju-ruena ao Madeira, vencendo difficuldades nunca vistas) e o da perfeição dos trabalhos technicos sob a nossa responsabilidade. O tempo de que dispunhamos, reduzido ainda em productividade pela precocupação moral que nos empolgava, quanto á conducção dos viveres destinados ao nosso chefe, confrontado com os resultados praticos da expedição, testemunha o nosso esforço. Na verdade, em menos de seis mêses, ahí incluido o tempo de regresso, enumera o relatorio do capitão Pinheiro os seguintes trabalhos effectuados:

1.º) Levantamento do rio, desde a fóz até a cabeceira Campo Grande (2.202 estações, 328 km, 926 de desenvolvimento da polygonal, sem incluir 36 km., 5 de picada ao longo do rio).

2.º) Sondagem do canal (uma pelo menos para cada estação).

3.º) Registo de observações barometricas e thermometricas, diariamente, e de 3 em 3 horas nos pontos de parada obrigatoria.

4.º) Determinação das secções transversaes e descargas de todos os affluentes e cachoeiras, e avaliação dos potenciaes, theorico e utilizavel, das quédas e dos saltos encontrados.

5.º) Determinação geographica dos pontos mais importantes do rio.

6.º) Calculo das altitudes dos pontos mais notaveis.

7.º) Determinações da declinação magnetica.

A proposito da expedição ao Jacy, disse o general Rondon ('Conferencias de 1915) :

“Se acompanharmos o curso do Guaporé e continuarmos pelo Madeira, o primeiro rio que encontraremos, depois do Corumbiara, estudado pela Commissão de Linhas Telegraphicas, é o Jacy-Paraná.

“Nas minhas conferecias de 1911, expuz como o erro das cartas geographicas a respeito do traçado e da posição attribuido a esse rio, me levou a inclui-o no plano da grande expedição de 1909.

“Portanto, já é sabido que para alli foi destacada uma turma, cujo objectivo principal era aguardar a chegada da expedição que havia sahido de Tapirapoan, dirigindo-se através dos sertões do Parecís e dos Nhambiquaras, para o ponto em que o paralelo de 10º é cortado pelo meridiano de 20º a O. de Rio de Janeiro: nessa altura, encontravam-se nas cartas as cabeceiras do Jacy-Paraná.

“A verdade, porém, é muito outra, porque allí o que existe é o Jamary, e o paralelo de  $10^{\circ}$  só intercepta o curso do Jacy, depois de passado o meridiano de  $21^{\circ}$ .”

“A consequencia deste erro das cartas foi que os expedicionarios, vindos de Tapirapoan, tiveram de sahir no Madeira pelo Jamary, sem aproveitarem os soccorros que os esperavam no outro rio.

“No emtanto, os esforços despendidos pelo capitão Costa Pinheiro e pelo seu ajudante tenente Amilcar Botelho de Magalhães, não ficaram perdidos e, ao contrario, muito aproveitaram ao progresso dos conhecimentos geographicos de importantes regiões de nossa Patria”.

\* \* \*

Todo o levantamento do Jacy foi desenhado por mim, no decorrer dos serviços de campo, principalmente durante o periodo em que a turma acampou no ponto mais alto que attingiu — a cachoeira Campo Grande — a trezentos kilometros da fóz. De accordo com as instruções do Gal. Rondon, empregámos nesse trabalho, a bussola prismatica de Casella e a luneta Lugeol.

O registo das observações thermometricas e das pressões baromtricas, merece commentario. A maxima de  $37^{\circ}$  Centigrados, á sombra, foi apenas, observada uma vez, no dia 19 de Agosto, perto da fóz do Jacy. Logo, porém, que começámos a subir o rio e a afastar-nos, pois, da margem do Madeira, a temperatura maxima nunca mais passou de  $34^{\circ}$  C. As minimas variaram entre  $24^{\circ}$  e  $17^{\circ}$  no mesmo periodo daquellas maximas. Desde Agosto de 1909 até 31 de Janeiro de 1910, as temperaturas médias, durante o dia, oscillaram: entre  $34^{\circ}$  e  $25^{\circ}$ , de Agosto a Outubro; foi de  $26^{\circ}$ , no dia 21 de Novembro, na Cachoeira Campo Grande; neste mesmo ponto, desde 22 de Novembro até 31 de Dezembro, variou



entre 24° e 21°; finalmente, ainda na cachoeira citada, entre 22°,5 e 25° durante o mês de Janeiro todo.

As pressões barometricas variaram entre 754 mm. e 739 mm, diminuindo progressivamente, como é natural, á proporção que subiamos o r.º.

As altitudes dos principaes pontos do Jacy foram calculadas pela formula do dr. Cruls, tomando-se para cada ponto as médias observadas, e para pressão barometrica, ao nivel do mar, a média das pressões que os mesmos barometros aneroides nos haviam fornecido nas proximidades da bôca do rio Amazonas (760m,5) quando por alli passámos. Essas formulas nos deram, para altitude da fóz do Jacy, 73m,55 e para a cachoeira Campo Grande 239m,65. Mais 20 pontos intermediarios tiveram assim avaliadas, com relativa aproximação, suas alturas acima do nivel médio do mar, conforme consta do supplemento n.º 5 do relatorio, por onde se vê tambem que a differença de nivel nos primeiros 250 km. do Jacy, a contar da fóz, atingia 115m, ao passo que nos 50 km. a montante, essa differença se eleva a quasi um metro por kilometro, na média. Esta observação basta para explicar a grande velocidade das aguas nesse trecho.

\* \* \*

Varias foram as determinações feitas da secção transversal do Jacy desde a fóz até a mais alta cachoeira, para a avaliação de sua descarga nesses pontos; esta, na fóz, foi calculada em 56.618 litros por segundo.

Concorrem para a formação desta massa d'agua, o rio do Conto affl. da m. esq., com 20.520 litros; o rio Branco, affl. da m. dir., com 19.162; o rio Formoso, com 6.127 pelas duas bôcas; e o Capivary, com 85 apenas, além de muitos igarapés. A época era, porém, de baixa das aguas.

Foi calculada a força hydraulica das 13 cachoeiras principaes, das quaes unicamente duas produzem potenciaes uti-

lizaveis (0,65 do potencial theorico) superiores a mil cavallos-vapor; a cachoeira S. Domingos, com 1648 H. P. e a cachoeira Paredão, com 1612 H. P. Praticamente, a ultima é a que mais se presta a uma exploração industrial que tenha em vista a transformação da energia hydraulica, em energia electrica, por causa da sua disposição topographica, que realiza uma barragem natural, formada de rocha granitica que atravessa o leito do rio e que se apoia, nos dois extremos, sobre margens escarpadas, da mesma natureza. Quasi toda a agua do rio, depois de passar pela crista desse travessão, despenha-se em salto, de uma altura de quasi dois metros. Para exemplo dos dados colhidos no terreno e calculados, transcrevo os que dizem respeito a cachoeira Paredão:

Largura do rio, 50m;

Area da secção transversal, 127m<sup>2</sup>,09;

Distancia dos instrumentos ao salto, 61m;

Angulo de elevação, 2° 11' 50";

Velocidade d'agua á superficie, 1m;

Velocidade média, 0m,2;

Altura do centro optico da luneta, a partir do nivel d'agua, 1m,60;

Valor do angulo de elevação, 0m,23;

Altura total, 101m,672;

Potencial theorico em cavallos-vapor, 2.480 C. V., 79;

Potencial utilizavel, 1.612 C. V., 51.

\* \* \*

Para a determinação do estado dos chronometros e dos pontos geographicos mais importantes, foram feitas cerca de trinta observações astronomicas: taes elementos permitiram o calculo de dez latitudes e nove longitudes. Em um unico ponto se calculou apenas a latitude: foi na cachoeira Santo Antonio do Madeira. O ponto das observações esta-

va justamente sobre as pedras de jusante desta cachoeira, de frente á villa do mesmo nome. O calculo forneceu o seguinte resultado: Lat. Sul  $8^{\circ} 47' 57''$ ,50, bastante exacto, pois que os serviços exclusivamente de coordenadas realizados mais tarde, por commissões especiaes, demonstraram que o paralelo de  $8^{\circ} 48'$  Sul passa sobre a referida cachoeira e córta a area em que está localizada a villa de Santo Antonio. Este paralelo, como se sabe, marca ahi o limite convencional entre os dois Estados do Amazonas e de Matto-Grosso.

Foram determinadas concomitantemente as latitudes e as longitudes de mais os seguintes pontos: fóz do Jacy; Pedras ou Generoso Ponce, logar onde a linha ferrea Madeira-Marmoré atravessou o rio Jacy-Paraná e onde a Commissão Rondon installou, posteriormente, a estação telegraphica Jacy-Paraná; fóz do Rio Branco; fóz do rio Formoso; fóz do rio Capivary; cachoeira das Araras; "barracão" "União" e cachoeira "Campo Grande".

Os processos empregados nestas observações foram os das collimações, alturas simples e alturas correspondentes, do sol e de outras estrellas, dentre as quaes, principalmente, Altair, Véga, Antarés, Fomalhaut, Beta da Baleia e Delta da Grande Aguaia.

Encontram-se no relatorio do capitão Pinheiro os supplementos, 1, 2 e 3, com os dados de todas as observações e os calculos da hora e da latitude, desenvolvidos convenientemente. Ao fim do suppl. 3 vêm annexadas as tabellas das latitudes e das longitudes, das quaes extrahimos as dos pontos extremos do rio:

Fóz do Jacy: — Latitude Sul  $9^{\circ} 10' 56''$ ,93; Long. W. Rio  $21^{\circ} 18' 22''$ ,20.

Cachoeira Campo Grande: — Lat. Sul  $10^{\circ} 23' 56''$ ,30; Long. W. Rio  $20^{\circ} 51' 38''$ ,10.

A declinação magnetica foi objeto de duas determinações: uma logo ao começo dos trabalhos, em Pedras, empregando-se o theodolito como instrumento e o Sol na observação; outra, na foz do rio Capivary, observando-se a estrella Altair, da constellação da Grande Agua.

Da primeira vez, encontrámos para valor da declinação, no dia 20 de Agosto de 1909, 4.<sup>o</sup> N. E.; da segunda, a 7 de Outubro seguinte, 4.<sup>o</sup> 10' N. E.

\* \* \*

Acompanhemos, agora, o relatorio na descripção da viagem de ida e volta.

Quando, a 18 de Agosto, a turma exploradora chegou á fóz do Jacy, notou logo que o rio já estava muito baixo, apresentando pela margem direita, o espraiado caracteristico de areias brancas, depositadas ahi pelas aguas, que antes cobriam o terreno, dois a tres metros acima do nivel em que estavamos. Dispunhamos de quatro embarcações: um batelão grande com a capacidade de quatro toneladas metricas, outro menor, de tonelada e meia, e as duas canôas destinadas ao levantamento. A barra do Jacy oppoz-nos então a primeira difficuldade á sua navegação, pois no canal muito estreito que se nos offerencia á passagem, rente da margem esquerda, com 2m de profundidade, as aguas corriam com extraordinaria velocidade, que não foi possivel vencer a remo. Desembarcámos, então, o pessoal quasi todo e conseguimos puxal-as todas á sirga, não sem algum perigo e difficuldade.

Calava menos de tres pés a maior das embarcações, não obstante, este pequeno calado ainda era excessivo para a travessia de trechos em que a profundidade d'agua se reduzia a um palmo! A 172 km. da fóz, accentuou-se extraordinariamente a baixa do rio e começou, então, o trabalho penoso do "arrastão" das canôas em varios trechos, inclusive cachoeiras e corredeiras.

A's vezes' o rio apresentava-nos uma das margens em praia, de areias muito brancas, e a outra com canal de profundidade sufficiente á navegação das canôas, mas tão atravancado de paus (arvores cahidas da margem, algumas ainda até presas pelas raizes), que se tornava preferivel, por mais simples, abrir canaes, sobre o leito arenoso da parte mais baixa, cavando os sulcos com a pá dos remos: a areia assim deslocada, era carregada pela agua que aos poucos afundava e alargava os canaletes, até permittir a fluctuação das canôas, sem tripulação, pois que esta era toda desembarcada para o leito do rio e applicada, tanto na abertura desses canaes, como no penoso trabalho de impellir a canôa, aos empurrões, arrastando-a sobre a areia! D'ahi o chamado "arrastão" das embarcações, dura provação a que estavam sujeitos os exploradores, desde o chefe até o menos graduado, todos descalços, a caminhar pelo leito do rio, ás vezes sobre seixos rolados e escorregadios, expostos ao sol abrazador da zona torrida, impacientados por enxames de mosquitos e abelhas.

Do incommodo que causam estes insectos e da quantidade em que se apresentam, só se póde fazer idéa justa por experiencia própria; esforçar-me-ei, todavia, em fornecer elementos para que o leitor que não estiver nesse caso, forme juízo aproximado de ambas as coisas. Os mosquitos que mais castigam naquelle sertão, são os piuns, borrachudos, carapanãs e catuquis.

Pela manhã, quando a cerração desapparecia, e a luz do sol inundava aquelles bellos quadros da natureza, nuvens de piuns envolviam as canôas acompanhando-as na sua marcha e formando aureolas em torno de cada cabeça humana na avides de picar as partes descobertas da pelle, que enchiam assim de pequenos pontos, vermelhos logo que o insecto os "inscrevia", mais tarde pretos, talqualmente essas tintas de dupla côr, tão nossas conhecidas...

Ao fim de dois dias de trabalho, a "pontuação" excedia em numero aos póros da pelle e os expedicionarios inexperientes, como eu, eram obrigados a calçar pés de meia nas mãos, para evitar a coceira das picadas. Então a terrível praga atirava-se ás orelhas, que era preciso defender com panos, não obstante o calor reinante. (Mais tarde aprendi, á minha custa, a munir-me de luvas de pelle de cão por serem as mais resistentes, e de véo de filó, preso ás abas do chapéo, atado ao pescoço, e cahido sobre as orelhas, mas afastado dellas, e aberto á frente do rosto, cuja defesa era feita principalmente pela barba, propositadamente crescida...)

Ao entardecer, quando a temperatura ia baixando sensivelmente, surgiam novas "guardas de honra", formadas de varios typos de borrachudos, tambem "pontuadores" e mais terríveis, não só porque produzem marcas sanguineas maiores, como porque estas desenvolvem pruridos menos supportaveis ainda.

Estes desappareciam ao cahir da noite e eram "rendidos" immediatamente pelos carapanãs, ou pernilongos, transmissores da malaria (só a femea morde, segundo affirmam os especialistas que se tem dedicado ao estudo da malaria), os quaes nos obrigavam a defesa mecanica do mosquiteiro, armado sobre as rêdes, pois do contrario seria quasi impossivel conciliar o somno, tão lancinantes são as ferroadas que nos pregam e de que não nos livramos nem com a espessura sommada de duas peças de roupa — a camisa e o casaco, tunica ou blusa. Além de ferir através da roupa, os carapanãs, graças ás oitocentas vibrações de asas por minuto, de que falam os scientistas, causam-nos o incommodo nervoso de lhes ouvir o zumbido caracteristico, quando nos passam proximo

O catuqui, que ronda a noite inteira, não existe em toda a parte para nos interromper o somno, felizmente, porque não ha malha fina de filó que lhe véde a passagem, embora a natureza o tenha aparelhado exclusivamente para picar a pelle nua.

Das abelhas, a multidão é phantastica, em determinadas zonas. Não tínhamos ahi as "frecheiras" ou lambe-olho, terrivelmente incommodas, porque cahem ás 4 e ás 5 dentro dos nossos olhos, donde as tiramos a exhalar enjoativo cheiro, e que abundam ao centro de Matto-Grosso (serra de Chapada e arredores, Parecís, etc.), mas os enxames das multiphas variedades e tantas especies (63 especies do Brasil constam da publicação feita pela Commissão Rondon: Hymenoptera, por Adolfo Ducke, naturalista brasileiro, que tambem se dedica á Botanica), formavam cohortes aggressivas que nos lambusavam de mel, além de queimaduras a que estavam sujeitos das graúdas tataíras (abelha c. fogo) zumbideiras. Eram tantas, em determinadas cachoeiras, que impediam de se trabalhar com o theodolito, a breve espaço transformado em poisadoiro predilecto, com os vidros embaciados por ellas, na porfia de descobrirem orificios por onde penetrar.

Para finalizar esta maçante citação de insectos, lembraremos que existiam ainda alli os marois, potós, ôras, cabas, motucas, maribondos, as infernaes formigas tocandiras, cuja ferroadada causa dôr agudissima, accompanhada logo depois, em certas pessoas, de accessos febris; e as irritantes formigas taxi, ruivas ou pretas, que teem predilecção pelas coniferas de que recebem o nome.

Uma vez, ao cahir da noite, acampámos em certa praia do Jacy e amarrámos nossas rêdes nos arbustos que ahi encontrámos e cuja propriedade ignoravamos: passámos então quasi a noite toda a murmurar improperios, em consequencia da invasão das ruivas taxis, em quantidade incrível, as quaes, aos incommodos das picadas, juntavam o cheiro desagradavel que desprendiam ao serem esmagadas. Foi mais uma coisa que aprendemos á nossa custa. Depois, conheciamos de longe as "taxinea pagelm" dos botanicos e nunca mais nos abrigámos sob sua traiçoeira fronde.

Prosigamos, porém, na descrição da viagem. A 195km,7 acampou a turma a jusante da cachoeira "Criminosa", onde ficou aguardando a nossa volta o batelão grande, que era impossível levar através do "varadouro" e navegar na zona encachoeirada. Substituímos-o por outra embarcação menor, construída pelo processo rudimentar que a gravura junto indica e que aliás constitui o *typo* tradicional utilizado no sertão pela Comissão Rondon.

Para compensar a redução da tonelagem, foi mister estabelecer dahi por deante uma série de depositos de generos, escalonados, o que permittia conduzirmos o necessario para nossa manutenção e deslocar os depositos de ponto em ponto, como quem muda a base de operações em campanha. Destacavamos para isso uma embarcação que voltava á retaguarda, periodicamente, para nos supprir de generos e transportar cada vez mais para montante os depositos de generos. (É necessario recordar sempre, que estavamos obrigados a conduzir generos para 40 homens, além dos que se empregavam no nosso serviço).

Foi sempre o incansavel chefe da turma quem se encarregou pessoalmente deste penoso vae-vem, do qual dependia a nossa manutenção e a obrigação sagrada de soccorro á turma do general Rondon.

Transpuzemos a cachoeira "Criminosa" pelo varadouro aberto por industriais que ahi exploram a borracha, passando por terra as nossas embarcações e toda a carga ás costas. A mesma manobra foi feita para vencer as cachoeiras Pirapetinga e S. Domingos, logo a seguir, as quaes occupam com a primeira uma extensão de cêrca de dois kilometros do rio.

Dahi ao kilometro 204 (barracão Dois de Junho), não houve difficuldade para a navegação de nossa esquadilha, mas para montante recommçaram os tropeços habtuaes e ora abrindo canaes, ora arrastando as canôas, alcançámos a cachoeira Desengano (273 kms.,6).



De Desengano para cima encontrámos uma série de cachoeiras, que transpuzemos por "varadouros"; entre duas cachoeiras successivas o rio permittia franca navegação, tornando assim estes obstaculos providenciaes para assegurar a unica via de communicações de que dispõem os seringueiros que se estabeleceram ao longo do Jacy.

No dia 18 de Outubro alcançámos o barracão mais afastado que então existia, o do seringal "União", de propriedade do boliviano d. Fidel Claire Baca, a 252 km da fóz. Em União, estabelecemos um novo deposito de generos, que foi o nosso ultimo ponto de apoio, para penetrarmos então na zona inteiramente selvagem do alto Jacy, onde eu pude melhor comprehender a ufania (tantas vezes gozada pelo nosso chefe Rondon), de ser o primeiro civilizado a pisar um pedaço de terra de nossa immensa Patria!

Penetrámos, assim, cêrca de 50 kms. mais, em cujo percurso atravessámos ainda nove cachoeiras (Tres Irmãos, Burity, Vae-quem-quer, Continuação, Burityrana, Tres Triangulos, Paredão, Matto-Grosso e Campo Grande), ao passo que no trecho anterior, cinco vezes mais extenso, havíamos vencido doze dellas (Criminosa, Pirapetinga, S. Domingos, Esperança, Jatobá, Desengano, Araras, Periquitos, Tapurús, Tracajás, Tira-fogo-de-cima e Tira-fogo-de-baixo).

Quatorze kilometros acima de União, reconhecemos a impossibilidade de navegar para deante, mesmo á custa dos sacrificios até ahí despendidos. Desembarcámos, pois, em Santa Cruz, de onde partimos a pé, abrindo picadas ao longo da margem esquerda, percorrendo, assim, mais 36 km. Eis como o relatorio do capitão Pinheiro descreve esta phase dos trabalhos:

"Quem alongasse a vista pelo "estirão" que vae daquelle "barracão" para cima, numa extensão mais ou menos de trezentos metros, observaria um leito de pedras soltas, de tamanhos e fórmias differentes, dispostas irregularmente em quasi

toda a largura do rio. Os diversos filetes d'água corriam por entre os interstícios das pedras, com uma velocidade quasi imperceptível, devido naturalmente, á fraca inclinação do rio naquelle trecho.

“Após termos feito um ligeiro reconhecimento, vimos que não era mais possível subir o rio pelo leito, sob pena de ficarmos sem embarcações e consumirmos um tempo que nem mesmo podíamos ao certo calcular.

“Resolvi proseguir abrindo uma picada, margeando, mais ou menos, o rio. Como tínhamos de transportar os generos e o material ás costas dos trabalhadores, dividi o serviço de modo que num dia se abria a picada e no dia seguinte se fazia o transporte de generos e do material, e assim successivamente, levando sempre, sem excepção, cada qual a sua bagagem. Assim continuámos, methodicamente, avançando aos poucos, até que a 20 de Novembro chegámos á cachoeira Campo Grande. Antes de attingirmos a cachoeira Vae-quem-quer, começaram a apparecer os primeiros “repiquetes” (rapidas cheias, de duração variavel em função das chuvas cahidas nas cabeceiras e arredores). Como os generos estavam já muito reduzidos, voltei ao seringal União, com 10 homens — guarnições completas de duas canoas — e transportei para o acampamento os generos do deposito que alli estabelecera. Enquanto executava este serviço, o 1.º tenente Amilcar, com o resto do pessoal — 6 homens apenas — continuava a abertura da picada, de modo que, quando de novo cheguei ao acampamento, este já se achava na cachoeira Continuação (291km,600).

“Não convindo perder tempo, e como esperavamos de um momento para outro, signaes da turma do Sul, voltei de Campo Grande á Cachoeira Criminosa afim de transportar os generos do outro deposito que tínhamos feito nessa cachoeira. A 12 de Dezembro chegava ao acampamento com o resto dos generos que tinham ficado para trás.

“Devido ás chuvas que começavam e ao serviço dentro da matta humida, o pessoal, já um tanto escasso, começou a adoecer, ficando a turma reduzida a 10 homens apenas.

“Da cachoeira Campo Grande em deante, o leito do rio é só pedra; as cachoeiras e corredeiras succedem-se ininterruptamente; com os “repiquetes”, as aguas não perdem mais ahi o seu aspecto crystallino, o que não se dava para jusante, onde o menor repiquete as tornava toldadas e barrentas.

“Isto demonstra que, de Campo Grande para montante, não ha mais leito de areia ou de argilla.

“Na impossibilidade de proseguir, quer pelo leito do rio, quer pela margem, abrindo picada, não só devido á redução e estado de saúde do pessoal, como tambem ao grande stock de generos que teriamos de transportar, resolvi fazer a jusante da cachoeira Campo Grande, o acampamento de espera. Ahi estivemos acampados até 22 de Janeiro do corrente anno (1910), quando recebemos a bôa nova da sahida da turma do sul (chefiada pelo coronel Rondon) no Madeira e ordem do nosso chefe para voltarmos, participando, todos, naquelle dia memoravel, de uma satisfação indescriptivel.

“Em virtude dos constantes temporaes e da enchente do rio, só a 26 de Janeiro conseguimos sahir, para chegar a Pedras no dia 12 de Fevereiro, data em que dissolvi a turma”.

A seguir, descreve o relatorio do rio Jacy-Paraná, suas nascentes, sua direcção geral, conformação, natureza das margens, seu leito, cachoeiras, etc., em capitulo especial, que termina com a estatistica dos seus habitantes na época da exploração realizada.

Lê-se ahi a judiciousa hypothese formulada quanto á localização das cabeceiras e, em consequencia, a avaliação do curso total do rio, em 400 filometros no maximo.

A direcção geral do rio é sudeste, tendendo mais para Leste do que para o Sul, comquanto o seu leito ainda não se tenha fixado definitivamente, por causa da formação dos

chamados "furos" que, periodicamente modificam o curso das aguas. Expõe o relatorio a este proposito:

"Diversos são os factores que concorrem para a formação desses furos e dos innumeros lagos e igapós que se notam em ambas as margens. Dentre estes factores, apontamos: 1.º, a falta de constancia nas declividades do leito, donde resulta uma grande variação na velocidade da correnteza; 2.º, as arvores que com as enchentes e as fortes ventanias, cahem constantemente no rio, atulhando-o e embaraçando o escoamento das aguas; 3.º, as fortes curvaturas do rio, factor dos mais importantes, agindo pela divisão da força da correnteza em suas conhecidas componentes: normal centripeta e tangencial centrifuga".

As margens do Jacy são ora espraiadas ora barrancosas, e notámos sempre perfeita correlação entre a natureza das margens e as possibilidades da navegação, confirmando assim observações hydrographicas generalizadas a outros cursos d'agua. Quero dizer que encontravamos fundo sufficiente para a passagem das nossas embarcações todas as vezes que o rio apresentava ambas as margens barrancosas; que encontravamos sempre o canal encostado á margem barrancosa, quando elle nos offerecia uma desta conformação e espraiada a outra; finalmente, sempre que enveredavamos por trecho em que ambas as margens constavam de praias, era fatal o "arrastão" das canoas.

As barrancas variavam em altura, desde 1m. até 14m., algumas escarpadas, ás vezes alcantiladas de pedra; sua constituição geologica era argillosa na maior extensão, apresentando-se todavia arenosa, argillo-arenosa ou pedregosa (granito geralmente de feldspatho roseo) em varios trechos.

A natureza do leito, revelada pelas sondagens, é ora pedregosa ora arenosa, apresentando-se a camada arenosa algumas vezes coberta de delgada massa argillosa. O leito de pedra, de grandes lagedos, foi assignalado na travessia das cachoeiras e corredeiras, ao passo que noutros trechos o fundo

do rio era constituído de cascalho e seixos rolados, principalmente nas proximidades da fóz.

Acompanham o rio, por ambas as margens, profundas mattas, com todos os característicos da opulenta selva amazonica. Alli se encontram as seringueiras ou arvores da bor-racha, o cáucho, aquellas predominando a jusante e este nas proximidades das cabeceiras. Arvores colossaes como a "sammaúma", cujo tronco é dividido em sapopembas, formando reentrancias, em cada uma das quaes póde apinhar-se uma dezena de pessoas; os altissimos "castanheiros" e "cajueiros" do matto; a "massaranduba", excellente madeira de lei, magnifica "para chão", característica tambem do "piránheiro" e da "coari-coára", todas ahi abundantes, e outras muitas ainda como a "gamelleira", o "assacu", o "cumarú", etc., attestam a exuberante riqueza do reino vegetal em toda a extensão do rio. Apenas nas circumvizinhanças das "barracas" dos seringueiros, encontravam-se os claros abertos na matta pelas derrubadas e queimadas para plantio de pequenas roças de milho, mandioca, canna de assucar e feijão, e, nos arredores da cachoeira Campo-Grande, assignalámos a excepção do chamado "campo" (tudo é relativo), constituído de vegetação semelhante aos cerrados ralos dos chapadões de Parecís, com grupos de arbustos, entre os quaes se encontra o sólo coberto de gramineas de inferior qualidade.

Innumeras especies de palmeiras embellezam a matta e dentre ellas citaremos: o "assahy", cuja copa se alteia como aquella a que se referiu Pedro Vaz Caminha:

(... "qual a palmeira que domina, ufana, os altos topos da floresta immensa, tal bem presto ha de ser no Mundo Novo, o Brasil bem fadado...").  
tão util aos seringueiros porque lhes fornecem, com as folhas, a cobertura de suas habitações, e com o estipe as paredes e soalhos, quanto preciosa para os indios que no cocho aberto ao longo do tronco derrubado, fabricam uma bebida alcoolica,

que muito apreciam, aproveitando a seiva carregada de sacarose; a “jarina”, cujas folhas são preferidas para a cobertura dos ranchos, por terem maior duração, e cujo coco, além de grande percentagem de óleo finíssimo que produz, fornece o magnífico marfim vegetal, já industrializado no nosso paiz (fabrica de botões, em Pernambuco, e outras); a “paxiuba”, alta como o assahy e, como este, utilizado para cobertura, soalhos e paredes dos estheticos ranchos da Amazonia; o “urucurú” ou “orucurú”, semelhante aos coqueiros das praias maritimas, de cujos cachos se servem os seringueiros para defumação da borracha, porque seus côcos são fortemente abetumados e desenvolvem grande calor, quando queimados, sem produzir chama activa, mas consumindo-se vagarosamente, enquanto desprendem abundante e densa fumaça; e muitas outras que seria longo enumerar.

A respeito das cachoeiras, diz ainda o capitão Pinheiro: “As cachoeiras do Jacy-Paraná são todas constituidas por amontoados de pedras, de origem vulcanica, juxtapostas e superpostas desordenadamente, numa extensão ás vezes consideravel ou de enormes lagedos abrangendo quasi toda a secção transversal do rio. Com pouca altura, não offerecem nenhum valor industrial, salvo as cachoeiras do Desengano, Paredão e Campo-Grande, as quaes, com os seus pequenos saltos, poderão, em futuro mais ou menos remoto, ser aproveitadas, com a construcção prévia de barragens apropriadas. Algumas, como a Cachoeira Tirafogo, Araras, Periquitos, etc., ficam completamente cobertas d’agua na época das enchentes, permittindo navegar por sobre ellas perfeitamente. Sabe-se apenas estar atravessando uma “cachoeira”, em virtude da grande correnteza das aguas; a denominação de corredeiras seria mais apropriada e definiria melhor estes amontoados de pedras”.

Devo esclarecer que o potencial theorico calculado para os saltos propriamente ditos das cachoeiras Desengano e Campo Grande, lhes deu, respectivamente, a força de 164 e

154 cavallos-vapor, e que a referencia da transcripção acima, quanto ao valor industrial destas duas quédas, concorda com a disposição do terreno, porque nos trechos em que estão localizadas, occupam longas faixas do leito, em pontos onde a declividade deste é muito grande, permittindo, pois, augmentar a altura da quéda, e apresentam margens elevadas que facilitam a construcção das barragens.

A unica industria explorada no Jacy é a da extracção da seringa, na qual trabalham 200 a 300 habitantes que o povoam escassamente, para produzir pouco mais de 200 toneladas de borracha.

As tribus indigenas existentes são quatro, segundo informações dos seringueiros: a dos "Gamellas", nas cabeceiras, as dos "Caripunas", "Acanga-Pirangas" e "Caritianas", e constroem seus aldeamentos no interior das mattas, afastados das margens do Jacy, e nas proximidades das dos seus afluentes. Destes ultimos indios guardamos inesquecivel lembrança porque nos atacaram, como adeante narrarei, fornecendo-nos assim prova indiscutivel de sua existencia. Todas essas tribus marcham, a passos largos, para uma completa extincção, e sua decadencia data da época em que começaram a ter contacto com os civilizados, ou melhor, semi-civilizados seringueiros, que lhes incutiram vicios e transmitiram molestias até então desconhecidas dos selvicolas como a que aquelles na sua gíria chamam de "avaria" cuja devastação é assombrosa nesse meio inculto.

\* \* \*

No decorrer dos trabalhos e em consequencia delles, tivemos que lamentar a morte de quatro trabalhadores e do capataz da turma, o guarda Alberto dos Santos Ribeiro. Tres desses infelizes companheiros foram victimados pelo impaldismo, um o foi por grave ferimento de flecha e o outro em resultado de perturbações trazidas ao já combalido organismo

pelo traumatismo moral do ataque indigena que soffremos. Neste, foram ainda feridos por flecha o médico da turma e um trabalhador.

A occorrença tragica que mais fortemente abalou o pessoal da turma, principalmente os trabalhadores, foi, sem duvida, o ataque dos indios. O relatório assim o descreveu:

“O facto que tanto nos contristou, deu-se no dia 2 de Setembro, ás 16 horas, pouco acima do “barracão Esperança”, distante 137 km. da fóz.

“Não tínhamos feito ainda tres estações, após a passagem do citado “barracão”, quando ouvimos gritos de soccorro, que partiam da canôa da vanguarda. Sem demora nos dirigimos apressadamente para o ponto de onde partiam os gritos, percebendo, á proporção que nos aproximavamos, exclamações de dois homens que se debatiam n’agua: “São os indios! São os indios”.

“Rapidamente demos para o ar uma serie de disparos, enquanto a canôa chegava ao local em que se achavam esses dois homens, que eram maus nadadores e procuravam, num esforço supremo, attingir a outra margem do rio. Embarcados na nossa canôa, dirigimo-nos para a canôa que se achava quasi encostada á barranca do rio, na qual canôa estava o dr. Paulo dos Santos, ferido com tres flechadas, exangue e desfallecido. Transportado tambem para a nossa canôa, por ser maior e de melhor commodo, tratámos de procurar um homem que nos faltava. Este homem, que se achava adoentado, atirára-se n’agua, depois de flechado, conforme affirmavam os outros remadores seus companheiros. Foram inuteis todos os esforços empregados para encontrá-lo.

“Estando já a escurecer, seguimos para o acampamento, que ficava um pouc além do ponto do ataque, afim de tratarmos dos feridos.

“O dr. Paulo apresentava dois grandes ferimentos no braço esquerdo, perto do cotovello, e outro no abdómem.



este ultimo leve. O outro homem, Eugenio Martins Affonso, apresentava leve ferimento na coxa esquerda.

“No outro dia, logo cêdo, mandei uma canôa bem tripulada, á procura do homem que tinha desaparecido. Ás 15 horas voltava a canôa com o corpo do inditoso José da Silva, que apresentava, nas costellas, um grande ferimento por flecha. Na barranca do rio mandei abrir uma sepultura e enterrá-lo. Era um homem sério, disciplinado, muito calado e trabalhador. A sua morte impressionou-nos bastante, produzindo no pessoal um verdadeiro pavor!”

O inesperado ataque dos indios, quando ainda navegavamos no trecho do Jacy habitado por seringueiros, deu causa (felizmente) a que só estivesse armado de carabina Winchester um unico homem, que era eu, evitando-se assim algum tiroteio contra os selvícolas. Os tiros que disparei, eram calmamente apontados para a copa das arvores e, logo aos primeiros disparos, os indios fugiram para o interior da floresta. O guia major Matiniano, da extincta Guarda Nacional, modestamente trajado á paisana em a photographia junto, enquanto manobrava o leme da nossa canôa, incitava-me a que fizesse pontaria mais baixa contra os indios! Se eu o attendesse, teria infringido um dos principaes mandamentos de Rondon e seria duplamente injusto, pois que, além de devermos considerar “legitima a defesa que o indio faz contra os invasores de suas terras”, a aggressão de que fomos victimas, como o verificámos mais tarde, pela voz unanime dos moradores locais, era uma errada represalia á que soffreram esses indios no rio Branco, affluente do Jacy, (V. nota 44).

Durante as dezenas de segundos decorridos, entre o momento de ouvirmos os gritos do pessoal da canôa da mira e o soccorro que lhes prestámos, os indios atiraram cerca de 50 flechas, com pontas de taquara farpadas na maior parte, de cerne cortado em dupla serrilha, algumas, de lascas de osso, outras.

Sentimos duplamente a retirada forçada do dr. Paulo, não só porque teríamos de proseguir, como proseguimos, sem médico, mas ainda porque se tratava de um “companheiro”, como se diz em gíria, de “verve” inextinguível e intelligente, depositario e inventor de um sem numero de anedotas, de genio alegre, um homem apreciadissimo, como se vê, nas lides do sertão....

Nas conferencias de 1915, disse o general Rondon a proposito do ataque indigena a que alludi:

“Depois deste doloroso acontecimento, a expedição continuou os seus trabalhos sem outra contrariedade maior do que as privações naturaes dos lugares ermos e selvaticos, acompanhados dos soffrimentos causados pelas febres tropicaes, de que adoeceram gravemente o capitão Pinheiro e o seu dedicado ajudante tenente Amilcar de Magalhães”.

\* \* \*

Episodio interessante foi o da visita que nos fez uma onça a 29 de Outubro. Assim o narrei em meu livro “Impressões da Commissão Rondon”:

“No dia 29 de Outubro o nosso acampamento foi surprehendido pela indesejavel visita de uma onça.

No momento de escolher o local para acampar, desde que a condicional da agua estava naturalmente attendida, porque marchavamos sempre margeando o rio, impressionou-nos favoravelmente a existencia de uma linda praia de areia branca, e ahi estabelecemos o nosso acampamento de poiso nocturno.

As mesmas vantagens que a intelligencia humana ahi encontrava para a descida ao rio, o instincto animal tambem apprehendera; de modo que a esse ponto affluíam os quadrupedes da floresta, quer para atravessar o rio, quer para se banharem ou se dessedentarem. O guia Martiniano, homem pratico, examinando os rastos, descobriu logo as pégadas de uma grande onça, pintada, distinguiu elle, e preveniu-nos da possibilidade que havia de vir a onça *visitar-nos*.

Alta noite, realmente, fomos despertados pelos latidos desesperados do cão que nos acompanhava e ao qual entregávamos confiantes a vigilância dos acampamentos. Sem que o cão tivesse presentido pelo faro a aproximação do feroz inimigo, naturalmente porque uma leve brisa soprava em sentido contrario ao de sua marcha cautelosa, de negaça em negaça, a onça por certo, depois de examinar curiosamente o acampamento, e de contemplar talvez os homens que dormiam nas rêdes, escolheu como presa mais facil o nosso fiel rafeiro, que se deitára ao lado da fogueira. Armou o bote e saltou sobre elle; mas, felizmente para o pobre animal, errou o pulo e apenas lhe dilacerou a cauda. E' bem provavel que, despertando no proprio instante da aggressão, lhe tivesse valido sua proverbial agilidade.

Aos uivos de terror bem motivado, foi um alvoroço no acampamento: todos os homens, tomados de panico e sem saber do que se tratava, saltaram das rêdes, de carabina em punho, e fizeram cerrada fuzilaria contra o perigo desconhecido! Atiravam a esmo, sob a nevrose do pavor, e foi mister que o capitão Pinheiro e eu arrançassemos das mãos de cada qual daquelles allucinados, ensurdecidos ás ordens que lhes berravamos, a arma de fogo, para que cessasse o phantastico tiroteio!

O flagrante do crime commettido pela onça faminta, estava lavrado na cauda do cão que, entre gemidos, lambia a ferida ensanguentada.

Restabelecida a calma, escalámos sentinellas que velaram até o amanhecer, sem que a onça voltasse mais, e ao outro dia, abandonavamos o "Acampamento da Onça" em proseguimento do nosso serviço.

\* \* \*

Cumpre destacar a somma enorme de serviços prestados á expedição pelo guia Martiniano, homem rude, mas de admĩ-

ravel feitio moral, forte e sadio sertanejo, trabalhador infatigavel, expedito e de iniciativas promptas, um typo que se tornou precioso aos nossos trabalhos e que entretanto manteve sempre a linha impecavel da subordinação e, longe de abusar da confiança que nelle depositavamos, ainda se nos mostrava dedicado e cada dia mais serviçal. Era o "piloto" habilissimo que dirigia a nossa canôa e acudia aos pilotos de todas as outras para lhes dar auxilio e quinaus de temer, mas sempre sob modalidades suaves e convincentes que, longe de irritar susceptibilidades, cada vez o tornavam mais estimado dos camaradas a que a ascendencia moral delle, sempre beneficiou. Caçador emerito, foi elle quem, durante largo intervallo, nos forneceu alimentação exclusivamente provinda da caça (antas, veados, caetetús, cotias, mutuns, cojubins, jacús, jacamins, etc.). O mais interessante é que sua arma era uma "pica-pau" de carregar pela bôca; distinguimos ao longe a detonação dessa arma primitiva e tinhamos certeza de que a cada tiro correspondia uma peça abatida, ao passo que era commum ouvirmos os estampidos repetidos das duas ou tres Winchester de outros caçadores... que voltavam para o acampamento sem caça alguma.

Numa das marchas a pé, quando estavamos abrindo a picada por terra, fui surprehendido por violento accesso febril e deitei-me á sombra de alto castanheiro, junto a um igarapé, correntoso: quem me acudiu ahi foi esse valoroso camarada, cujo perfil lembra o vulto historico do guia Lopes, na epopéa de Laguna, e a mesma massa do pescador Josino, agora tão em fóco; carregou-me sobre seus hombros, atravessou conmigo o igarapé e marchou assim alguns minutos até eu conseguir, com sobrehumano esforço, pôr-me de pé e recolher-me ao acampamento.

\* \* \*

Além da caça e da pesca, reforçavam nossa alimentação os palmitos, as castanhas do Pará, frutos silvestres (cajús,

cubios, pamas grandes e pequenas, ab'os, etc.) e massas obtidas com a maceração de côos; sobresahindo, dentre todos estes recursos da matta, a utilização da castanha, pela variedade de fórmias com que podia ser aproveitada, ora tal qual era colhida ao quebrar-se a casca dura dos gommos, extrahidos de dentro de resistentes ouriços, ora tomando o succo, branco como leite, obtido por pilagens, e com sabor a côco da Bahia, ora assado na cinza, ainda dentro da propria casca.

\* \* \*

Para fechar este rapido estudo sobre o Jacy e a zona por elle atravessada, já que tratei, em capitulos anteriores, dos cursos do Gy-Paraná ou Machado e do Jamary, transcrevo o trecho do relatorio do General Rondon, com apreciação de conjunto sobre a posição destes tres rios e a orographia local:

“De resto, uma simples inspecção sobre a rède hydrographica do Madeira, na sua margem direita, entre os meridianos de  $17^{\circ}$  e  $22^{\circ}$  e prellos de  $13^{\circ}$  e  $8^{\circ}$ , mostra agora (depois das explorações realizadas pelo proprio general e pelas expedições do Jacy-Paraná e do Jamary) a melhor naturalidade na direcção dos rios Gy-Paraná, Jamary e Jacy-Paraná, em relação ao valle do Guaporé. A direcção do primeiro é a principio parallela á deste e o chapadão foi morrer onde pela primeira vez aflorou o granito, isto é, no parallelo de  $11^{\circ} 56'$ . Dahj por deante todo o terreno se accidentou, apparecendo a floresta meio grau a Léste.

“A orographia geral do trecho em questão, apparece esplanada pelo conjunto hydrographico. E' de notar que a parte onde se pôde dizer que ha montanhas propriamente ditas, se acha relegada para o extremo noroeste da linha percorrida, mencionadamente do Pimenta Bueno em deante.

“Os maiores contrafortes de constituição granítica, todos os que atravessámos, estão situados entre os rios Urupá e Jarú, e entre este e o Jamary. O capitão Pinheiro, em seu relatório menciona, e todos os seringueiros com os quaes conversámos, no Jamary, indicaram o contraforte que separa o Jamary do Jacy-Paraná. Estes contrafortes todos se desprendem do prolongamento da crista da divisoria das aguas do Guaporé, para formarem as divisorias secundarias dos rios mencionados.

“A serra do Norte é uma serra de erosão. Ella se formou na origem do rio “Doze de Outubro” e se estende para o Norte e Noroeste, conforme fôra assignalado pelos geographos e navegantes coloniaes; a sua constituição é arenítica em sua generalidade.

“A denominada “cordilheira dos Parecís” é constituida pelos rebordos do vastissimo planalto daquelle nome, o qual, do lado do Paraguay e do Guaporé, se erodiu, formando profundo valles, no meio das morrarias que resultam do secular trabalho das aguas. Ella se origina nas nascentes dos rios Arinos e Paraguay e se dilata, para o poente e nordeste, até a serra dos Pacahás Novos. Descreve curvas as mais caprichosas, formadas de erosões parciaes e successivas, que a multiplicidade dos contribuintes daquelles dois grandes rios, determinam, nas origens de suas cabeceiras, em tão vasta superficie, sob acção conjugada dos lençoes d’agua subterraneos, das chuvas annuaes e da atmospherá”.

Porto Alegre, Setembro de 1926.

## NOTAS

NOTA 43 — O Dr. Francisco J. Xavier Junior, engenheiro-geographo formado pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e Inspector de 1.<sup>a</sup> classe da Repartição Geral dos Telegraphos, é um veterano da Commissão Rondon, onde tem exercido innume-

ras commissões de confiança de seu illustre chefe, de quem é cunhado. E' um espirito culto, ao serviço de uma lucida intelligencia, sempre em actividade espantosa e util, preocupado com entusiasmo espontaneo na solução dos problemas intrincados que os trabalhos da Commissão seguidamente fazem suggerir. Serviu na construcção em diversos periodos, inclusive na pior zona em que tem actuado a Commissão Rondon: S. Luiz de Caceres á cidade de Matto-Grosso; executou, sob sua exclusiva direcção, a construcção do Ramal de Barra dos Bugres, no Estado de Matto-Grosso; trabalhou como engenheiro em levantamentos e nivelamentos; foi, já por duas vezes, chefe do Escriptorio Central; etc. Activo, expedito, de uma grande força de vontade, tem ultrapassado quasi sempre a expectativa do Chefe no exercicio de tão variadas commissões, ora no sertão, ora nas cidades.

A turma do Jacy-Paraná deveu-lhe a aquisição de todo o material de que se utilizou, methodicamente arrumado e catalogado. Infelizmente, não nos acompanhou senão até Pedras, onde o impaludismo o atacou fortemente. Ahí o foi encontrar, quando regressou ferido, o Dr. Paulo dos Santos, que julgou indispensavel fazel-o voltar ao Rio, tal o depauperamento physico em que se achava.

NOTA 44 — Um tal sr. Minervino, que explorava seringas do rio Branco, certa tarde, havia já muitos menses, atirára contra um grupo de indios Caritianas que appareceu, em attitude absolutamente pacifica, junto á sua residencia, na supposição leviana de que se tratasse de um ataque. Gente civilizada recebeu assim a tiros uma embaixada amistosa dos selvagens! As "visitas", em sua fuga, carregaram aos hombros um indio, que morrera attingido pelos projectéis de arma de fogo, e outro que fôra ferido, e juraram naturalmente vingar-se da offensa recebida. Precavido e astucioso, Minervino abandonou o rio Branco e passou a embarcação do rio Jacy-Paraná, onde viajava constantemente, conseguindo sempre illudir a vigilancia dos Caritianas, por varios estratagemas, entre os quaes o de só atracar as suas embarcações nas ilhas do rio. Quiz a fatalidade que o nosso médico, dr. Paulo dos Santos, fosse o retrato fiel de Minervino e eis ahí a causa do inesperado e violento ataque. Confirma esta verdade o facto de terem os indios atacado exclusivamente a canôa em que viajava o dr. Paulo, tendo deixado passar incolume o grande batelão da vanguarda, que era o nosso deposito ambulante de generos e ferra-

mentas, assim como nada tentado contra a canôa em que viajava o chefe da turma.

Mêses após, regressando o dr. Paulo ao Amazonas, para continuar a prestar serviços á Commissão Rondon, ainda mal curado dos ferimentos de flecha, verificou pessoalmente em Santo Antonio do Madeira, que a sua semelhança com esse sr. Minervino era tal, que a ingenua esposa deste, manifestamente inquieta ao vel-o pela vez primeira, recusava tomar os remedios que lhe receitára, suspeitosa de que pudesse vingar-se nella do que soffrera o Dr. Paulo em resultado dessa pareença!



## CAPITULO XIII

### EXPLORAÇÃO DE UMA ZONA AURIFERA

A riqueza de Matto-Grosso em ouro, diamante e outras pedras preciosas, é conhecida desde a época dos Bandeirantes. Ainda hoje o cascalho aurifero e diamantifero de varios cursos d'agua, continua a ser inesgotavelmente revolvido por dragagens mecanicas e por processos primitivos de bateamento. Mais de dois mil garimpeiros excavam, neste momento, o solo matto-grossense na zona riquissima do rio das Garças e cabeceiras do S. Lourenço, em busca desses mineraes valiosos.

Quem chega a Cuyabá encontra em derredor da cidade os vestigios da primitiva mineração, que, ha mais de dois seculos, deu nascimento ao nucleo da povoação erigida após em capital da provincia e hoje do Estado de Matto-Grosso. Os montões de cascalho e as extensas canalizações d'agua, trazidas de leguas e leguas, de pontos mais elevados, para o bateamento das terras de alluvião, de que é formado ahi o solo, impressionam, e attestam o labor insano dos nossos antepassados.

Na propria capital, até agora, quando chove, a garotada pesquisa as depressões do terreno, por onde correm as aguas pluviaes e dahi extrahe bôa quantidade de pepitas de ouro, que lhes produzem grossa maquia, não obstante a exploração que soffrem dos negociantes compradores do producto deste curioso trabalho.

Todas as expedições do general Rondon e muitas das que elle ordenou, procuraram estudar as riquezas mineraes do solo matto-grossense e, dentre innumeradas outras revelações desta natureza, citou o general, em discurso pronunciado (em 13 de

Abril de 1923, ao inaugurar os mostruários das suas commisões, na Exposição do Centenario da nossa Independencia) recentemente, as seguintes descobertas:

1) Minas de sulphureto de ferro nas cabeceiras do S. Lourenço;

2) Ouro e diamante nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara;

3) Manganez nas origens do rio Correia, serra Pires de Campos e valle do rio Sacre;

4) Gypsito (ou gesso) nas cabeceiras do rio Cautário;

5) Mica (ou malacacheta) no corrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno;

6) Ferro no valle do baixo rio das Garças.

Tratarei, agora, das pesquisas relativas ao segundo item.

Desde 1909, época em que chefiou a terceira grande expedição de reconhecimento e exploração através de Matto-Grosso, em direcção ao Amazonas, como serviço preliminar para o lançamento da grande linha telegraphica do noroeste brasileiro, o general Rondon assignalou uma faixa de terreno, de quinze leguas, ou sejam 90 kilometros, na qual observou a existencia de cascalho aurifero.

Elle proprio colheu amostras que mandou analysar no Rio de Janeiro e que revelaram conter ouro de 23 quilates.

Em vista destes resultados, organizou o general uma expedição, sob a direcção de um especialista — o engenheiro de minas Francisco Moritz — para estudar convenientemente a zona designada.

Esta expedição partiu da estação telegraphica de "Vilhena" (Lat. Sul 12° 42' 41", 36, Long. W. Rio 1h 7m 44s,49), no dia 30 de Setembro de 1912 e marchou na direcção do poente, seguindo o "pique" da "Expedição de 1909", até alcançar o ribeirão "Veado Preto", a 52 km., pela margem esquerda.

Este ribeirão é affluente da margem esquerda do rio Cabixi, que por sua vez o é do Guaporé (Corumbiara, cuja fóz dista pouco da povoação boliviana de Guajarú). Quando o engenheiro Moritz percorreu a zona, ainda não se havia identificado o rio Cabixi, o que o levou a dar a este curso d'agua o original nome de "Não Sei", mais tarde suprimido da cartographia local pelos novos trabalhos da Commissão Rondon. No ponto em que recebe o Veado Preto, tem o Cabixi 30m de largura, 2m,5 de profundidade e a velocidade de 6 kms. por hora.

A expedição Moritz atravessou o Veado Preto, explorou o valle do Cabixi para montante da confluencia com aquelle, e desceu pelo Cabixi até o "Salto 15 de Novembro", que se estende por cinco kilometros e marca um desnivel total de 55m.

A impossibilidade de transpor esta cachoeira com a canôa que havia sido construida a montante e na qual os expedicionarios navegaram desde 6 de Novembro até a data que deu o nome ao salto, obrigou o engenheiro a deixal-a do lado de cima e a procurar, a jusante, madeira que se prestasse á fabricação de outra embarcação. Infelizmente os expedicionarios, cujo estado de saúde era já então precario, não encontraram arvore para esse fabrico e depois de completar 220 kilometros de "caminhamento", trataram de regressar a Vilhena.

A volta foi penosa. A 25 de Novembro, pela meia noite, acamparam junto á Cascata 15 de Novembro, onde permaneceram até 2 de Dezembro, quando a melhora apresentada pelos doentes, permittiu o embarque na canôa que ahi ficára guardada.

No mesmo dia, porém, em que encetavam a viagem rio acima, o estado de fraqueza do pessoal deu lugar ao naufragio da canôa, que se perdeu aguas abaixo. Os expedicionarios a muito custo se salvaram e conseguiram salvar as suas armas e munições, e doze litros de feijão!

Não havia, pois, tempo a perder, e, abandonando o rio, marcharam por terra, através de morros e valles em rumo do passo do Veado Preto, tendo de vencer um brejo de 11 kilometros de extensão. Só a 16 de Dezembro alcançaram este passo, e a 19 reentravam exaustos de cansaço na estação de Vilhena, carregando nos braços um dos camaradas que se achava impossibilitado de caminhar a pé.

Com todas estas difficuldades, não deixou o engenheiro Moritz de executar os estudos do terreno "in loco". Examinou-o ao longo dos valles do Veado Preto e do Cabixi, e estudou-o em cima da serra que aquelle rio banha por sua margem direita. A proposito escreveu elle no relatorio apresentado ao general Rondon:

"Quanto á formação geologica da zona explorada no "Veado Preto" é a seguinte: em cima da serra, a formação é de terra arenosa, tendo em baixo uma camada de canga e "marl" arenosa amarella; abaixo desta, ha formação sedimentaria de pedra arenosa semi-crystallizada e, em partes mais fundas, encontrei em alguns lugares, argilla amarella e branca, com uma camada delgada de cascalho fino".

A verdadeira classificação geologica dos terrenos comprehendidos na serra dos Parecís, encontra-se no trabalho do Dr. Euzebio de Oliveira, geologo brasileiro que tomou parte na Expedição Roosevelt e cujo relatorio, importantissimo, constitue a publicação n. 50 da Comissão Rondon.

Vinte kilometros abaixo da confluencia do Veado Preto, o Cabixi começa a correr sobre leito de cascalho. No kilometro 125 da exploração, mais ou menos 73 km abaixo dessa confluencia, o terreno examinado revelou a existencia de uma camada de terra argillosa, sobre outra de cascalho, com um metro e mais, por cima de piçarra e quartzo rosado.

"Examinando este cascalho — diz o relatorio — encontrei ouro em quasi todas as bateadas; este exame só fiz com o cascalho das margens do rio (Corumbiara, segundo identi-

ficação posterior á expedição Moritz), não o podendo fazer com o cascalho do fundo, pelo crescido estado das aguas.

“Neste ponto o rio toma o rumo O. S. O. e proximo ao kilometro 135, pela margem direita, entra um correço a que chamei “Anta”; ahi encontrei terras mais altas e parei um dia para examinar este correço, que corre sobre cascalho. Infelizmente, devido á muita agua, não fiz ainda desta vez o exame do cascalho do fundo. Examinei, porém, o cascalho das margens e encontrei ouro em todas as bateadas, sempre de duas a dez pepitas de ouro, algumas dellas do tamanho de um grão de arroz.

A maior parte das pepitas são redondas e têm, entre os mineiros, o nome de “shof gold”. O cascalho neste lugar é principalmente formado de quartzo de diversas côres, misturado com cascalho quasi todo de formação *crystallina*: areias pretas (esmeril), argilla amarella e branca, com oxydos de ferro”. A’ jusante da cachoeira “15 de Novembro”, no kilometro 180 da exploração e 128 abaixo da confluencia Cabixi-Veado Preto, a expedição atravessou o Cabixi para a margem esquerda e marchou em rumo W. N. W.; a tres kilometros encontrou um correço a que deu o nome de Castanha, sem importancia mineralogica; mas, 2km além, assignalou o ribeirão “Cachoeira”, cujas mattas são ricas de castanheiras e seringueiras, e que “corre sobre pedra basaltica preta, apresentando cascalho aurifero e diamantifero, onde as bateadas revelaram abundancia de ouro fino”.

Voltando d’ahi ao leito do Cabixi, o engenheiro Moritz desceu pela margem direita e, a 6km encontrou outro ribeirão (Agua-Preta), com cascalho aurifero e diamantifero, correndo sobre pedra basaltica preta.

No km. 220, o rio “Não sei” dos expedicionarios, formava então, um grande brejo, que se extendia por ambas as margens, marcando o ponto em que muda do rumo N. N. W. para o de N. W.. Sem ter antes encontrado arvore propria para o fabrico de canôa, deante do brejo fundo e devido ao estado

de saúde do pessoal, teve o engenheiro de regressar ao acampamento da cascata "15 de Novembro". O estudo desta zona é assim descripto:

"No exame a que procedi na zona da cascata, achei a formação seguinte: terra vermelha argilosa e uma camada de cascalho, de 1 a 4 metros de espessura, sobre basalto preto.

"Verifiquei, tambem, ser esta a zona onde as tribus indigenas vêm fazer seus machados de pedra. Toda a zona é atravessada por trilhos de indios, mostrando signaes de muito transito".

Durante a marcha de recolhida, quando não dispunha mais de bateia, ainda o engenheiro Moritz encontrou cascalho aurífero em um corrego, tributario do ribeirão "Borboleta" e ao qual denominou "Bonança", onde á simples vista descobriu logo uma pepita de ouro, de regular tamanho.

Apreciando o terreno percorrido, de um modo geral, diz o chefe da expedição:

"Em toda esta faixa de terreno que atravessámos, verificámos que a zona crystallina tem a extensão, mais ou menos, de 15 leguas de largura, e que a formação tem a direcção N. W. S. S. E.

"Em varios logares, onde a formação apparece em cima do terreno de alluvião, encontrámos veios de quartzo, e em outras partes grandes depositos de cascalho, dando signaes de mineração e que não pude examinar por falta de elementos.

"Em as terras altas, fóra dos brejos, achámos mattas magnificas e seringaes em toda a extensão".

E conclue o relatorio:

"Na travessia do acampamento da Cascata até chegar a "Vilhena", cahiram com febre todos os meus camaradas, com excepção de um unico.

"Desde a partida da expedição, até sua volta a "Vilhena", não se passou um só dia sem chuvas, que recrudesceram á medida que nos aproximavamos do Guaporé. Devido a isto e á grande enchente dos rios e correjos, alliada ao mau

estado sanitario do pessoal, foi impossivel fazer exames mais minuciosos na zona aurifera para conhecer aproximadamente o seu valor.

“Pelo exame a que procedi, posso affirmar que se fôr feito outro, com os elementos indispensaveis e em tempo de sêca, examinando o leito dos rios e logares fundos, os resultados serão magnificos, não duvidando que nesta zona se achem guardadas as minas importantes, conhecidas dos antigos, no Noroeste do Matto-Grosso.

“A exploração feita, não foi mais que um preliminar e teve por fim somente a descoberta da zona mineralizada. Falta-nos só outra exploração mais minuciosa, para que sejam achados os valores e os centros auriferos.

“Quanto ao mau estado sanitario, durante a exploração, estou certo, não foi devido á zona atravessada, e sim á pouca pratica do pessoal, á estação chuvosa, ao pouco agasalho para o pessoal e á escassez de viveres ao terminar a expedição, razões em parte explicaveis, pela difficuldade em transportar os artigos mais necessarios á pequena turma, já pelo reduzido pessoal, já pela ausencia de tropas de animaes, que não se podiam levar para atravessar grandes mattas e numa exploração preliminar.

“Infelizmente, ao perdermos a nossa canôa, perdemos tambem a nossa caderneta de levantamento, porém, tivemos a felicidade de salvar a copia-borrão do levantamento geographico, a qual, serviu para a confecção da carta que acompanha este relatório, exacta em todos os detalhes geographicos e mineralogicos que é possivel traçar sem observação astronomica e barometrica, numa exploração preliminar”.

\* \* \*

O mesmo engenheiro Moritz foi encarregado ainda pelo general Rondon, de estudar, sob o ponto de vista mineralogico, a zona comprehendida entre os dois grandes formadores

do rio Gy-Paraná ou Machado, o "Commemoração de Floriano" e o "Pimenta Bueno".

Reorganizando sua turma em Vilhena, d'ahi partiu a nova expedição, pela picada da linha telegraphica, até attingir a estação "Barão de Melgaço", banhada pelo "Commemoração". Tendo iniciado a marcha no dia 25 de Janeiro de 1913, alcançou a estação telegraphica "José Bonifacio" (V. phot. junto), no dia 1.º de Fevereiro, ahi demorando-se até 5 de Março, época em que as chuvas começaram a diminuir. No dia 10 de Março, chegava a expedição a Barão de Melgaço, onde permaneceu até 20, occupada na construcção de uma canôa. A 22 acampou junto á fóz do rio Barão de Melgaço, onde iniciou o exame do terreno, estudando este rio e seus tributarios. Internando-se mais para Oeste "examinou todos os corregos até encontrar a formação sedimentaria formando capa sobre o granito, sem descobrir, porém, nenhum vestigio de mineração".

Foram ainda infructiferas as pesquisas que, com igual objectivo, realizou nos leitos de varios tributarios do "Pimenta Bueno". Em alguns lugares, onde a formação se apresentava descoberta, "encontrou granito porphyritico e alguns filões vistosos, sem encontrar vestigio algum de mineraes valiosos", o que julgou mesmo impossivel encontrar nesta classe de formação.

Debaixo, pois, do ponto de vista mineralogico, nenhuma importancia apresentou a zona que foi objecto desta segunda exploração, cujos trabalhos ficaram concluidos em Maio do mesmo anno de 1913.

\* \* \*

Do exposto se verifica ter a Commissão Rondon descoberto, no interior do Estado de Matto-Grosso, uma larga faixa de terras onde abunda o ouro e onde existe o diamante. A sua localização na zona das nascentes do Gy-Paraná e do Caxixi, parece identifiçal-a á celebre mina de Urucumacuan, de



que tratam innumerous escriptos antigos, conforme opinião versada pelo General Rondon em conferencia de 1915. Não é, pois, de existencia lendaria, como parece ser a "Mina dos Martyrios", de que falam imprecisos roteiros mal traçados, de rumo indeterminado, embora descrevam como palpavel em realidade o encontro do morro em que a natureza desenhou tres grandes cruces, de longe avistado por ousados e incognitos Bandeirantes que descreveram seu itinerario...

O Governo de Matto-Grosso, ao ter conhecimento dessa riqueza talvez por informações do proprio engenheiro Moritz, residente nas proximidades de Cuyabá, e que, segundo consta, requerera para si aquellas terras, offereceu ao General Rondon a empreitada de as explorar em proveito do Estado e delle, Rondon. A resposta do eminente patricio foi, como era de esperar, uma recusa formal de aceitar para si qualquer remuneração: estaria elle prompto a prestar seus serviços, officialmente, percebendo apenas os vencimentos de seu posto no Exercito (V. nota 45), desde que o Estado e o Governo Federal lhe designassem aquelle serviço e custeassem as despesas da exploração.

Vendo, porém, annos depois, que tudo permanecia como d'antes, expoz o General o caso ao então presidente da Republica, o Marechal Hermes, depois ao Ministerio da Agricultura, cuja pasta era na occasião occupada pelo Dr. Calogeras, mas ainda continuou o problema sem solução governamental e jaz até hoje, desaproveitada e infecunda, a enorme riqueza mineral assignalada nos mappas da Commissão Rondon.

Assisti algumas vezes a essas exposições verbaes que Rondon fazia, sem conseguir despertar as patrioticas iniciativas por que tanto anhelava, não obstante o calor e o sentimento de sua palavra, os copiosos informes, a abnegação com que se promptificava a mais esse sacrificio de dirigir tão arduos trabalhos nesses adustos e desertos sertões de nossa Patria.

Um unico homem, que eu saiba, vibrou de entusiasmo deante da narrativa, tantas vezes repetida: o Senador Alcindo Guanabara. Infelizmente a situação embaraçosa que nos creava a Maior Guerra e o brusco desaparecimento dessa proeminente figura de jornalista e de politico, annullaram o projecto concebido de abrir um credito á Commissão Rondon, para o inicio da futura exploração, que se realizaria concomitantemente com o lançamento do ramal telegraphico de Vilhena ao Guaporé.

A's gerações vindouras, o encargo pois de pôr em circulação o recondito thesouro, de valor ainda incalculado (V. Nota 46).

Porto Alegre, Outubro de 1926.

## NOTAS

NOTA 45 — Cumpre notar que, em 1911, uma injusta campanha movida pela imprensa do Rio de Janeiro, contra a Commissão Rondon, deu lugar a que o grande e desinteressado "sertanista" mattogrossense desistisse de receber a diaria que lhe fôra attribuida, como chefe da commissão, pelas instrucções do Ministerio da Viação, passando desde então a perceber exclusivamente os vencimentos de seu posto no Exercito. Se se disser que essa diaria era e é apenas de 20\$000, o leitor por certo ha de pasmar; entretanto, apesar da mesquinhez do seu valor monetario, ha tanto tempo não as recebe o General Rondon, que montaria a 102:260\$000, o total dessas diarias recusadas por sua inconfundivel envergadura moral, acaso lho quizessem agora indemnizar. Faça o leitor o calculo: são 1098 dias dos tres annos bisextos e 4015 dos demais 11 annos passados.

Tão deslocado é de sua epoca o gesto inconfundivel do General Rondon, que, ao Congresso Nacional, a bancada mattogrossense da Camara apresentou ha tempos um projecto, mandando dar ao General e ao unico ajudante da commissão que o acompanhou nessa recusa — o então tenente Nicolau Horta Barbosa — um premio em dinheiro, calculado e justificado de accordo com os documentos comprobatorios do não recebimento systematico da "esmoletica" diaria, offerecida em troca de serviços inestima-

veis... Pois bem, o General e o Tenente, lá das brenhas de Matto-Grosso, tão logo lhes chegou o facto ao conhecimento, telegrapharam immediatamente á Camara, recusando terminantemente o projectado premio, e taes foram as expressões peremptorias da nova recusa, que o projecto foi mandado archivar.

São exemplos que convem registar, porque valem por um compendio de educação civil

NOTA 46 — Dois dos principais objectivos marcados pelo general Rondon á Exposição Moritz, eram a delimitação aproximada da zona aurifera e a determinação de sua riqueza média.

Como vimos do resumo acima, verifica-se ter o engenheiro norte-americano satisfeito parcialmente á primeira das condições, pois que indicou a largura da faixa dessa zona e a sua posição geographica, ao passo que, em relação á segunda, declarou ter sido impossivel "fazer exames mais minuciosos na zona aurifera, para conhecer aproximadamente o seu valor".

Sabe-se que esta determinação é essencial para tornar viavel a industrialização do ouro e justificar a organização systematica da mineração.

Seria, pois, louvavel o esforço que o engenheiro Moritz empregasse para multiplicar as sondagens, tanto quanto possivel, no sentido longitudinal e no sentido transversal, fazendo variar a profundidade dessas sondagens, e para determinar as proporções entre os volumes de cascalho examinado e o peso de ouro encontrado. Poder-se-ia, então, calcular a *riqueza média* da importante zona aurifera, dado que, por si só, talvez despertasse o interesse dos capitalistas para a organização de uma companhia que tivesse em mira arrancar esse ouro lá do sertão e trazê-lo para a circulação dos meios civilizados, transformado então em riqueza activa e impulsionadora do progresso de nossa Patria.

(Em consequencia do cunho pratico tomado pelas multiplas actividades do Ministerio da Agricultura, guiado pela intelligência lucida, o profundo conhecimento dos problemas economicos do Brasil e a energia administrativa do actual Ministro, Dr. Fernando Costa, foram agora dados os primeiros passos para os estudos definitivos e para a exploração de Urucumacuan — Nota á ed. 1940).

## CAPITULO XIV

### RECONHECIMENTO E EXPLORAÇÕES

Technicamente, o *reconhecimento* é a primeira operação de engenharia, quando se trata de construcção de estradas de ferro ou de rodagem e de linhas telegraphicas, através de zonas de topographia desconhecida, e tem por objecto o exame rapido do terreno, cujo levantamento é feito então por processos expeditos, acompanhados de nivelamento em que se utilizam os barometros aneroides. Executado o reconhecimento e desenhados os respectivos *caminhamentos*, segue-se a *exploração*, que applica processos mais rigorosos e se preoccupa em fornecer já os elementos basicos para o projecto da construcção que se tem em mira e que será applicado ao terreno (locação) com as modificações que se impuzerem (variantes) durante a phase final dos trabalhos.

O General Rondon, apesar de se tratar, no caso da construcção da grande linha telegraphica do noroeste brasileiro, de zonas inteiramente desconhecidas do nosso Paiz, realizou sempre conjuntamente as duas operações de reconhecimento e exploração.

O total dos caminhamentos effectuados para colher os elementos indispensaveis ao projecto da ligação telegraphica de Diamantino (ultima povoação de Matto-Grosso por onde passou a linha) a Santo Antonio do Madeira, no Amazonas, attingiu a respeitavel cifra de 5.666 kilometros de extensão explorada, assim distribuidos:

“Expedição de 1907”, de Cuyabá ao rio Juruena .....	1.781 km
“Expedição de 1908”, do Juruena á Serra do Norte ...	1.653 km
“Expedição de 1909”, da Serra do Norte ao rio Madeira	2.232 km
Somma .....	5.666 km

Resumirei neste Capitulo o trabalho formidavel de Rondon nestas tres expedições, que podem ser tomadas como typo das innumeradas outras que elle realizou em Matto-Grosso, durante seus 30 annos de sertão.

Não o farei, entretanto, sem accentuar antes, para melhor comprehensão do gigantesco trabalho desenvolvido por este homem, que, no lapso de tempo acima assignalado, construiu elle 4.500 kilometros de linhas telegraphicas, inaugurou 55 estações, e executou, com ajuda de seus auxiliares, caminhamentos que sommavam *cincoenta mil kilometros*, em 1922, ahi comprehendidos os levantamentos de rios. Isto significa uma média de quasi dez kilometros de explorações, por dia, afóra todos os outros trabalhos realizados, durante 15 annos de serviços da Commissão Rondon! Um tal rendimento é mais de admirar se levarmos em consideração que o immenso theatro de operações era, sem duvida, dos mais inhospitos e dos mais fatigantes sertões de nossa terra, não raro tambem insalubres nas partes florestaes da Amazonia e em zonas restrictas de Matto-Grosso, como as que limitam certos pantanaes e as que serviram de berço á primitiva Capitania.

“EXPEDIÇÃO DE 1907”  
(DE CUYABÁ AO RIO JURUENA)

Foi de curta duração, mas prodiga de ensinamentos, a expedição ao Juruena, realizada entre 2 de Setembro e 29 Novembro de 1907, datas respectivas da partida de Diamantino e do regresso a esta localidade.

A média diária da exploração attingiu 20 kilometros, pois, no decorrer desses 89 dias de sertão, foram explorados, como dissemos, 1.781 km.

Para alcançar Diamantino, viajaram os expedicionarios 184 kms., que é a distancia que a separa de Cuyabá, passando pelas villas de Guia, Brotas e Rosario, pontos todos obri-

gatorios, por onde passou a linha telegraphica, antes de penetrar no sertão.

Em Brotas, no dia 23 de Agosto, reuniu Rondon todos os expedicionarios e publicou a organização definitiva da turma, que ficou assim constituida:

Chefe — Major Rondon

Ajudante — 2.º Tte. João Salustiano Lyra (V. nota 47)

Pharmaceutico — Benedicto Canavarros

Photographo — Luiz Leduc

e mais doze empregados e praças do Exercito.

Para o transporte do pessoal e do material dispunha a turma de 34 muares e 4 bois cargueiros.

As informações verbaes e os documentos da epoca, eram totalmente imprecisos para o conhecimento exacto do rio Juruena, conhecido apenas em curto trecho de suas cabeceiras, conforme os trabalhos de Ricardo Franco, e da confluencia do Arinos par jusante, como já temos visto em referencias anteriores destes meus apontamentos.

Antes de encetar a expedição refere o relatorio do General Rondon, não havia indicações seguras sobre o Juruena, apenas eram conhecidas vagas allusões, "copias de copias" de cartas coloniaes e mesmo citações phantasticas, attribuidas aos raros exploradores de seringaes que se jactavam de ter attingido essas paragens.

Citavam-se, alem disto, horrorosas carnificinas que se diziam promovidas pelos indios *ferozes* e *cannibaes*, sob cujas flechas haviam cahido os membros de uma expedição americana, em 1896, seringueiros de José Dulce, de Villas-Boas e outros.

Lembravam-se os fracassos da expedição do celebre Barrão de Langsdorf e da que foi chefiada pelo distincto official do Exercito capitão Francisco de Paula Castro, que lá se inutilizou para o resto da vida, perdendo o equilibrio mental, depois de ter assistido ao tragico anniquilamento de grande parte da commissão, cujos destroços foram trazidos a Cuyabá por uma turma de socorro (1900-1901).

Disse um illustre commentador da obra de Rondon, o Dr. José Maria de Paula (V. nota 48), depois de accentuar a “crença geral na inexequibilidade de tão gigantesco tentamen”, qual o da construcção da linha telegraphica Cuyabá-Madeira:

“Para aquella alma verdadeiramente espartana, e inflammada de um grande e verdadeiro amor á Patria, nada representava, porém, a tetrica espectativa de trabalhos e desastres; e, com o mesmo ardor patriotico de sempre e o mesmo enthusiasmo civico, Rondon acceitou a importantissima incumbencia e, organizada a Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, na tarde de 6 de Junho de 1907 chegava o caloroso sertanista ao campo de operações, em S. Luiz de Caceres”.

Pois bem, o primeiro embate, a primeira difficuldade séria a dominar, era justamente constituída por essa primeira etapa que Rondon ia vencer: o descobrimento do rio Juarena.

A expedição de 1907 decidiria, pois, do exito daquelle grande commettimento.

Vamos ver como foi jogada esta primeira cartada decisiva.

Rondon poz de lado, por suspeitas, todas as informações relativas aos selvicolas, e não adoptou medida alguma de prevenção contra elles, baseado no seu já longo tirocinio de lidar com os nossos indios de outras paragens (Borôros, Terenas e outros). E eis como esboçou os trabalhos de penetração, ao partir de Diamantino:

“Exploração na vanguarda. Conducção do material de serviço, acampamento e cozinha, conjunctamente com o comboio de munição de bôca.

“Na exploração, enquanto pudessemos andar a cavallo, seguiria um picador á frente munido de uma trompa e servindo de balisa acustica; eu daria os rumos com uma busso-la de algibeira e com outra trompa indicaria ao balisa os mo-

vimentos a realizar, por signaes combinados. Um ajudante meu, cuja montaria escolhida e de passo aferido daria as distancias por intermedio do passometro, faria o levantamento expedito e registaria as observações do aneroide.

"A' passagem, o picador, que seria auxiliado por dois homens, dexaria nas arvores, marcado a facção ou no solo, por signaes convencionados, o trilho a seguir; uma turma de foiceiros e machadeiros, sob a direcção do ajudante, abria a picada, que teria a largura de dois metros onde não encontrassemos mais trilhos de seringueiros.

"O serviço começaria o mais cedo possivel; o transporte do material, ao contrario, seria feito mais tarde.

"Haveria tres refeições: uma antes da partida, uma ao meio dia, outra á tarde.

"Ao meio-dia, mais ou menos, deveria estar escolhido o local para acampamento; dessa hora á tarde seria feito o preparo do acampamento; ás 9 horas da noite deveria soar o toque de silencio.

"Sempre que fosse conveniente, far-se-iam observações astronomicas para a determinação de coordenadas geographicas. "Os accidentes mais importantes da região seriam photographados".

Em Diamantino, demorou-se a expedição quatro dias, para fazer observações astronomicas do sol e de estrellas, afim de determinar as coordenadas geographicas da villa. No dia 2 de Setembro de 1907 partiu Rondon de Diamantino (Lat. S. 14° 24' 43",4; Long. W. Rio 13° 16' 32",4) com azimuth verdadeiro de 22° 56' N. O., depois de cravar a estaca zero da exploração junto ao adro da igreja local, ponto que lhe servira antes de observatorio.

A marcha foi feita em direcção á chamada Serra dos Parecís, passando pelos lugares denominados Arroz-Sem-Sal (barracão importante dos seringaes de Orlando & Irmãos) e Lagoinha (feitoria de seringueiros).



Arroz-Sem-Sal fica em cima da serra dos Parecís, em bellissima esplanada, onde já se encontram recursos de plantações e criação, que o transformaram em verdadeiro oasis daquelles desertos sertões.

De passagem por ahi, certa vez, tive occasião de observar uma curiosidade: um bando de emas domesticas que vinham buscar alimento junto á moradia do administrador da propriedade.

A região toda é abundantemente regada por bellissimos correjos de aguas crystallinas e potaveis, e tantos que a expedição em menos de 12 kms. de percurso atravessou oito delles: Pepino, Nobre, Frei Manoel Pereira, Dois Irmãos, Quebra-Canella, Bananal e Taquaral.

Adeante de Arroz-Sem-Sal e antes de Lagoinha, foi atravessado o affluente mais oriental do Paraguay — o rio Sant'Anna, cujas mattas muito espessas e muito altas abrigam innumeradas onças, pardas, malhadas e pretas.

A 7 de Setembro os expedicionarios achavam-se na cabeceira Uazuliátiá (Kagado), a 74 kilometros de Diamantino e 258 de Cuyabá, e ahi entraram em contacto com os indios Parecís.

Rondon, a quem nunca escapou a oportunidade de render homenagem ás grandes datas nacionaes e propagar a sympathia pelo nosso aborigene, facultou então aos expedicionarios e testemunho de uma scena expressiva: o hasteamento da Bandeira Nacional pelo Cacique Locuierê.

Foi ahi incorporado na turma o indio parecí Zavadá-issú, para servir de guia, e o chefe da expedição partiu com elle, numa digressão, para estudar duas bellezas naturaes de que havia noticia: a ponte de pedra do rio Sacuriú-iná (Xacuru'na em certas cartas) e a cascata que a precede. Depois de 63 km. de caminhamento, por trilhos de indios parecís, os expedicionarios chegaram ao bello salto do Sacuriú-iná, abaixo do qual o rio passa realmente "por baixo de um arco, por elle cavado, e formado pelas rochas de seu leito (arenito),

deixando construída uma verdadeira ponte, por onde passou o chefe e sua comitiva, a pé enxuto, assim como toda a tropa, para a margem esquerda”.

Tendo ali chegado a 14 de Setembro, explorado e photographado os importantes accidentes naturaes, contramarcharam os expedicionarios até cabeceira dos Veados, ponto inicial da variante levada á Ponte de Pedra, e rumaram depois para “Aldeia-Queimada”.

Nessa volta occorreu o encontro com duas turmas de 30 indios Parecis, chefiadas por Manoel Benedicto e Fanché Zozôariariri, aos quaes Rondon em pessoa distribuiu presentes que fizera para esse fim conduzir em cargueiros.

Zavadá-issú foi substituído por outro parecí Zoluizãê, que assumiu as funcções de guia e conduziu a expedição á *malóca* do Buracão dos caciques da mesma tribu, Zanazaimaré e Zonazoré, aos quaes fez Rondon os regios presentes de armas de caça, pólvora, chumbo, roupas, missangas, etc.

Proseguindo sua róta, passou depois a expedição pelo aldeamento parecí do amure (cacique) Uirárê. Poucos indios ali estavam na occasião da chegada, pois tinham ido com seu chefe trabalhar no seringal do italiano Toscano, tres leguas distante; mas, logo que receberam a noticia, levada no mesmo dia por duas meninas indias, accorreram ao encontro de Rondon, de quem receberam muitos presentes e a segurança de sua amizade e protecção. Tiveram-na sempre, desde então, não só do chefe abnegado e exemplar, no carinho humanitario e doce com que os compensava de crueis vicissitudes a elles infligidas pelos civilizados (seringueiros gananciosos em geral, sem vislumbres de nobreza de sentimentos e que tudo sacrificam ao sordido interesse pecuniarío); como tambem de todos os officiaes e auxiliares civis da Commissão, de uns por principio e de outros pela influencia do alto exemplo que presenciavam e pela ascendencia moral do grande defensor dos indios no Brasil; como, ainda mais, pelos soldados e trabalhadores que recebiam ordens ter-

minantes e severas, raramente desobedecidas, casos em que á infracção correspondiam os mais inflexiveis rigores da repressão.

E bem o mereciam esses injustiçados selvícolas, "porque a miseria dos nossos gentios é, seguramente, uma das maiores miserias do mundo", como bem dizia Alipio Bandeira em sua famosa e sentimental "Cruz Indigena", de onde destaco o seguinte trecho, applicavel ao habitante de todas as tribus:

"Tinha deante dos olhos o rude solo tragico onde tantas gerações de indios brasileiros, só para conservar a terra natal e resguardar a pobre familia que lhes coube, tão grande tributo pagaram de sangue e de vida, sem que ao menos ouvísse a Patria, mãi longinqua e descuidosa, os écos de tamanha dôr, a palavra ingenua, angustiada e supplicante das victimas".

Ultimamente os miseros Parecís, pela sua tradicional mansidão têm sido poupados ao bacamarte dos seringueiros, mas soffrem odiosas explorações destes, que abusam de sua ignorancia e ingenuidade (Vide nota 49).

Desde, porem, que os serviços da Commissão Rondon attingiram a zona habitada pelos Parecís, foi se tornando cada vez mais difficil e quiçá impossivel semelhante abuso.

A cabeceira do Buracão foi estudada em um raio de 6 kms., dentro do qual se assignalou a sua contravertente, que é a cabeceira principal do Sumidouro (Anhanazá dos Parecís) ou "Agua Verde".

Despontando uma cabeceira do Sepotuba, que contraverte com o Sucuriú-iná — a Naturuba-suê — cortou a expedição mais tres e foi acampar junto á cabeceira "Agua Limpa", denominada Caualoná-suê, pelos Parecís.

Neste pouso o guia Zoluizã abandonou os expedicionarios declarando-lhes "que se achava com muitas saudades de sua gente e pretender tambem tomar parte em grande festim a realizar-se dentro de poucos dias e para o qual ha-

viam sido convidados os moradores de mais tres *malocas*". Indicava, porém, um substituto, o velho chefe Uazacuriri-gassú, conhecedor do Juruena e capaz de bem conduzir a expedição.

Dirigindo-se ao aldeamento Parecí do *amure* (chefe) Tolôiri, cujo grupo foi também contemplado na distribuição de brindes, reservou Rondon os ultimos presentes para homenagear os indios chefiados por Uazacuriri-gassú, a quem marcou encontro para o passo do rio Verde, ponto previsto do itinerario da expedição, incumbindo-se aquelle cacique da transmissão desse aviso, sertão dentro, á taba do pai de Toheroá, indio que também dava pelo nome de Arê.

Effectivamente o novo guia incorporou-se alli, ficando em sua companhia o filho, Toheroá.

Para lá do rio Verde, 17km, o chapadão de Parecís desce insensivelmente em direcção ao valle do Timalatiá ou Sacre.

Neste rio teve Rondon ensejo de visitar o "Salto da Mulher" de que lhes falavam os dois indios e ao qual attribuem os Parecís a lenda da "existencia de uma nymphia, debaixo da grande massa d'agua que se despenha, com o dom de attrahir e arrebatrar os incautos que se aproximarem". Foi avaliada a descarga em 30 a 40.000 litros por segundo e a altura da quéda em 8 m.

Depois de proseguir a marcha no rumo conveniente e de ter executado o levantamento expedito correspondente, assignalando innumeradas correntes d'agua transpostas ou despontadas pelas cabeceiras, resolveu Rondon fazer uma excursão ao imponente salto Utiarity, do rio Papagaio.

Abandonando o rumo N. O., marchou dois dias no N. N. E., por trilhas de seringueiros, até alcançar a bella cataracta a que deu o nome de "Utiarity", tirado de um incidente da occasião: o pedido dos guias para que o zoologo não matasse o pequeno gavião a que os Parecís chamam *utiarity* (palavra que também significa "sacerdote") e que

pousara ao alcance do seu tiro, por ser essa ave sagrada para a tribo.

De longe faz-se ouvir o ruído dessa portentosa queda d'água, cuja posição também é assignalada á vista, de uma grande distancia, graças ao volumoso nevoeiro branco que se levanta na atmosphera, formando uma grossa columna de liquido pulverizado.

Roosevelt, que v'ajara por tres continentes, visitando este salto, exprimiu sua admiração sincera deante dessa belleza natural, classificando-a como "das mais primorosas creações da natureza, talvez só excedida em belleza e força pelo Niagara".

Tem o salto 80m de altura por quasi 90m de largo e sua força (potencial utilizavel) foi calculada pela Commissão em 55.000 cavallos-vapor.

No dia 10 de Outubro estavam os expedicionarios a mais de 600km distantes de Cuyabá, ás margens do rio Sauêuiná, verdadeiro limite *internacional* reconhecido entre os dominios das nações Parecis e Nhambiquaras. Ahi encontraram uma pinguela de rudimentar construcção, obra dos Nhambiquaras, pela qual desfilou a comitiva para transpôr o obstaculo natural, utilizando-a de preferencia ao emprego da *pelota* de couro, de que se servira na travessia do rio Burity.

A entrada em terra Nhambiquara marcou também a mudança dos processos de levantamento, cessando o reconhecimento a cavallo, como vinha sendo feito, e substituindo-se o uso do contapassos (podometro) pela medida directa das distancias com a corrente metrica, mais rigorosa, pois, o que se tornou possivel, sem prejuizo da celeridade do avanço, porque a turma de exploração, d'ahi até Juruena, teve de abrir *pique* para sua passagem, através das mattas e cerrados.

Algumas vezes trabalharam divididas em duas turmas, uma sob a chefia de Rondon, outra sob a direcção de seu

competentissimo ajudante Tte. Lyra. Para comprehensão das difficuldades que acarretavam, transcrevo a descripção que Rondon faz de certo incidente da exploração, occorrido em uma dessas occasiões:

“Infelizmente essa turma não pôde attingir o ponto combinado e, desviando-se muito para o poente, alcançou o rio acima desse ponto. “Quando já a noite se aproximava, vendo que a turma não podia chegar, resolvi marchar beirando o rio acima, com os meus dois companheiros, depois de reconhecer que estavamos á beira do rio Sauê-uíá.

“Encontrou-nos a noite em um intrincado chavascal, de onde, com extrema difficuldade e canceira, pudemos sair. Arê que na frente marchava, cortando com o facão os cipós para nos permittir a passagem, feriu a rotula com profundo golpe que o poz fóra do serviço immediatamente.

“Eram já 8 horas sem que, no meio de escuridão e do terrível chavascal, pudessemos achar uma sahida, para tão difficil transe, sendo maior a afflicção por parte dos companheiros da turma, que mil conjecturas faziam, dada a desconfiança que todos tinham do nosso guia.

“Sem que os nossos gritos pudessem chegar até aos companheiros, e depois de muito lutar contra os espinhos e cipós, sem o rumo determinado, lembrou-me o indjo dar alguns tiros, que talvez pudessem ser ouvidos no acampamento.

“Effectivamente, após tres disparos de Winchester, ouvimos bem distinctamente, do lado Sul, portanto rio acima, alguns disparos de pistolas. Marcada a direcção de onde vinham esses disparos, tomei a frente e, rompendo o chavascal, sem facão, marchei decididamente no rumo dos tiros, em busca do acampamento. Por maior infelicidade, copiosa chuva com tormenta, veio augmentar o nosso desespero e dos companheiros.

“A proporção que avançavamos, iamõs percebendo novos signaes da aproximação do nosso objectivo e não tardou que ouvíssemos sons distinctos de corneta. Chegámos ao pon-

to rasgados e arranhados, tendo, então, pelo Tte. Lyra a explicação do occorrido.

“Quando, á tardinha, a turma poude aproximar-se da beira do rio, elle percebeu que não poderia alcançar a barra do Crystal (ponto combinado); e achou preferivel fazer o bivaque, a tentar á noite, qualquer serviço em tão emmaranhada vegetação. Começou, porém, a ter preocupações cada vez maiores, á proporção que a noite avançava, sem nenhum signal de nossa presença na região, onde os vestigios dos Nhambiquaras se faziam sentir, já pelas suas batidas, já pelos ranchinhos de caçada que, na vespera, haviamos descoberto á beira da matta da referida cabeceira.

“Foram allivio confortavel os tiros que elles ouviram, no meio do desespero que já lhes ia n'alma.

“O Tte. Lyra mandou então seguir algumas praças e o corneteiro, além do pique, no rumo dos nossos tiros, e ao som da corneta, o que mais depressa nos permittiu o encontro tão anciosamente desejado, arrancando-nos dos cipós e ramos finos entrançados do chavascal, vegetação xeróphila onde nem a anta consegue romper sem grande esforço e soffrimento.

“Molhados até a alma, valeu-nos a grande fogueira que já encontrámos accessa. Acercámo-nos della, secando em pouco os trapos de roupa que tinhamos no corpo e restituindo ao nosso organismo o calor que a chuva nos roubara nas horas em que, em plena solidão, procuravamos desabridamente os companheiros, dos quaes nos separavam a escura noite borrascosa e o intrincado chavascal do Sauê-uiná”.

Depois da passagem da ponte, os expedicionarios acamparam no local de um velho aldeamento dos Nhambiquaras.

Dirigindo a abertura do *pique* para a frente, Rondon occupava a ponta da vanguarda, isolado da turma, e acompanhado unicamente de um trabalhador a quem competiam os primeiros golpes na vegetação, para dar passagem a um homem. Isto lhe permittiu um espectáculo *sui-generis*, de diffi-

cil reprodução, qual o de assistir á colheita do mel (V. nota 50) executada por um indio Nhambiquara que muito longe estava de suspeitar da presença de gente civilizada naquellas paragens. O grande sertanista contemplou immovel e silencioso o trabalho do indio: viu-o arriar ao solo o maço de flechas e o arco, sacar do *baquité* que trazia a tiracollo o seu rudimentar machado de pedra, com cabo curto, abrir na arvore a cavidade sufficiente para meter a mão e retirar o precioso nectar de que especialmente se nutrem todos os selvicolas. "Só depois que extrahiu o mel e que a turma de abertura do pique se aproximava, foi que o indio percebeu o barulho dos machados e das foices dos sapadores. Voltou-se para o lado em que ouvira aquelles sons, retirando-se então lentamente, como quem foge ás vistas do inimigo que não quer encarar".

Nos dias 18 e 19 de Outubro, a exploração, dirigida das cabeceiras do *Jaty* (V. nota 51), cortou numerosas trilhas de indios, bastante frequentadas, o que demonstrava vizinhança de grande aldeamento, signaes que despertaram grande alegria ao chefe, que, desde logo projectou uma excursão á taba nhambiquara mais proxima, depois que houvesse attingido o rio Juruena.

No dia 20 de Outubro chegava Rondon á margem do rio Juruena, com 483km,356 de *caminhamento* a contar de Diamantino ou sejam 667km,553 a partir de Cuyabá. E só o conseguiu nessa data porque, subindo elle proprio a uma alta sucupira, sem outro auxilio que o dos seus braços e das pernas, pôde ver ao longo a matta marginal do formoso rio procurando, e corrigir o rumo que levava (70º sudoeste) pelo de 40º e depois 60º nordeste, com que mais depressa attingiu o profundo valle avistado daquelle improvisado observatorio.

"Longe estavamos de suppor, porem — diz o relatorio — que os Nhambiquaras nos seguiam os passos, projectando um ataque á expedição, naturalmente em represalia ao



que soffreram da expedição de Pedro Vigner, que se aventurou a internar-se pelo valle do Uatiá-uiná, onde deu combate áquelles indios, que a repelliram, fazendo-a voltar. Vimos com os nossos proprios olhos duas sepulturas recém-abertas, á margem esquerda da cabeceira do Burity. Esses assassinios realizaram-se em Julho, seguindo aquelle ousado seringueiro para o Papagaio, onde explorou o salto a que dei o nome de Uatiá-uiná, lugar em que deu combate aos Nhambiquaras”.

Esta incursão violenta foi causa da hostilidade com que os Nhambiquaras receberam os expedicionarios da Comissão Rondon, confundindo-os com os seringueiros.

Assim foi que os selvicolas se emboscaram e atacaram a turma de exploração, quando esta havia caminhado cerca de um kilometro em direcção ao aldeamento indigena, que pretendia visitar e para onde conduzia, com sacrificio, muitos presentes, inclusive os machados e foices até então utilizados na abertura do *pique*. Narra o General Rondon essa passagem perigosa:

“Preparei-me para visitar a aldeia dos indios. Levava-lhes tudo quanto alli podia dispôr para presentear-os.

“Na frente ia o Domingos, armado de carabina Winchester, em seguida eu, com uma Remington de caça, a tiracollo, depois o Tte. Lyra e o photographo Leduc, ambos armados de pistolas Colt. Mais atrasado vinha o resto do pessoal.

“O nosso pensamento vagueava entre as difficuldades vencidas e a satisfação do triumpho, entre as agruras soffridas, e a alegria da volta com o dever cumprido.

“De-repente, um sopro perpassou-me no rosto; pareceu-me um passaro que me cruzasse rapido o caminho e o acompanhei á direita, indo esbarrar com a vista na choupa, ainda vibrante, de uma flecha, cuja ponta mergulhara no solo arenoso, errando o alvo.

“A comprehensão subita do que se passava me desalojou da sella, para atravessar o animal e preparar a defesa,

a que fui levado instinctivamente; isto foi num pulo. Já no capacete, á nuca, viera rocegar a penna d'outra flecha disparada contra mim, e proximo, a doze passos, dois possantes Nhambiquaras retesavam os seus arcos, inclinados para mim. Pareceu-me sentir o seu olhar tão duro como as pontas das flechas que elles pretendiam cravar-me.

“A esse tempo lhes dava resposta, a um e a outro, tudo num relance tão fugaz, que, dos meus companheiros, nenhum se apercebeu do que se passava, senão depois.

“Domingos fôra alvejado por duas flechas, eu por tres, a terceira das quaes viera quebrar-se de encontro a minha arma, no momento em que a desfechei sobre o selvagem da esquerda, o que me alvejou no peito. Não sei por que acaso encontrou esta flecha o furo da bandolira onde se engastou, senão ter-me-ia fatalmente morto (V. nota 52).

“Mais me custou, passada a surpresa, que foi enorme, conter meus companheiros. Quizeram todos precipitar-se, perseguindo os indios. Os dois em que atirei, eu os vi abaixarem-se e desaparecerem no cerrado. Os cães sahiram-lhes no encalço e em pouco ouvimos os gritos de um que fôra attingido por certa flecha. Deste facto conclui que a guerrilha tinha segunda linha, naturalmente reforçada, que nos deveria atacar a descoberto, o que foi confirmado pelo guia Uazácuriri-gassú, que bateu o cerrado em derredor e verificou que havia quatro indios na segunda linha e maior numero na terceira.

“Organizei desde logo a retirada, fazendo sentir aos meus companheiros que a nossa missão estava terminada. Não vieramos conquistar os indios, mas trazer até o Jurueña o reconhecimento indispensavel á nossa construcção e isto estava feito. Antes de tudo, por dever de humanidade, e depois em consideração ao proprio serviço que áquelles serções nos levava, era-nos vedado abrir lutas.

“A nossa principal preocupação deve ser systematicamente, o estabelecimento das melhores relações com os ha-

bitantes do territorio que invadimos. Em uma palavra: só pela paz e jamais pela guerra, devemos penetrar pelos sertões”

Em obediencia a taes directivas, a columna expedicionaria depois de deixar aos indios muitos presentes no proprio local do ataque, retrocedeu, e no mesmo dia percorreu 31km, apesar do cansaço geral e da deficiencia de alimentação, indo acampar na matta do Sauê-uiná ás 20 horas. Seguiram-na os selvícolas, sem propriamente perseguil-a, mas negaceando e matando os muares que afrouxavam e ficavam para trás, sorte cruel que tambem teve “o velho e optimo perdigueiro “Lord”, ferido por um queixada, e que com difficuldade acompanhava a marcha da columna”.

Na data em que foi encetada a retirada não havia mais sal e desde o Uatiá-uiná, a carne se acabara. A alimentação do dia 31 constou de um jaboty, dividido irmãmente por todos os expedicionarios! Os animaes iam ficando pelo caminho, tornando cada vez mais penosa a retirada, de tal fórma que, dos 40 muares e bois cargueiros com que se iniciara a penetração, só 9 daquelles, exhaustos e magros, chegaram a Aldeia-Queimada.

No dia 4 de Novembro alcançaram o rio Papagaio, que foi theatro de empolgante passagem já descripta por miim, com pallidas tintas, e que o leitor terá a paciencia de recordar agora, através da palavra brilhante e vivamente colorida do Dr. José Maria de Paula:

“Quatro dias depois, chegava aquella gente extenuada e faminta, ao rio Papagaio (Sauêru-uiná), onde a esperava mais uma dura provação: A canôa que servira para a travessia do rio, na ida, e que ficára á margem, fôra solta na correnteza pelos indios. Só a nado agora se poderia ir para o outro lado.

“Nesse transe amargo o desanimo apoderou-se daquelles homens emaciados pela fome e combalidos pela doença. Rondon viu nitidamente a situação. Era o fracasso de mais uma tentativa de desbravamento daquelle asperrimo sertão;

era mais uma pagina negra que se ia escrever no já longo martyrologio da Causa da Civilização Brasileira. E aquelle homem que ainda na vespera caminhara seis leguas a pé, doente e sem alimentação, teve um rasgo de verdadeiro heroismo, por si só sufficiente para immortalizar-lhe o nome.

“Com um couro de boi preparou uma *pelota*, carregou-a com a bagagem e atirou-se ao rio, atravessando-o a nado, conduzindo á outra margem a fragil embarcação por uma corda segura aos dentes.

“Voltou novamente á margem esquerda, sempre a nado e rebocando a *pelota*, e assim successivamente, até que todo o pessoal e carga estivessem na outra margem do rio, “o que pude executar nadando de uma hora ás seis da tarde. consecutivamente”, conforme elle mesmo relata em sua linguagem encantadoramente modesta e desprezenciosa. Este feito memoravel, que salvou a expedição d’um fracasso certo, assombra e enthusiasma, não se sabendo o que mais admirar neste homem extraordinario, se a sua estupenda resistencia physica ou se a sua admiravel envergadura moral, parecendo mesmo impossivel que se possam encontrar reunidos no mesmo individuo tão excelsos predicados”.

No dia 6 de Novembro, Rondon resolveu dirigir-se á aldeia indigena mais proxima e no dia 7 alcançou a *maloca* pareci do Timalatiá, onde se proveu a turma de recursos de alimentação á custa de modesta contribuição pecuniaria.

No passo do Rio-Verde os guias parecis Uazá e Tohe-roá foram dispensados e remunerados a seu contento, recebendo cada um: uma espingarda Winchester, 100\$000 em dinheiro, e alguns presentes de foices, facões e roupas.

No dia 13 de Novembro chegou a comitiva a Aldeia-Queimada, ponto mais avançado onde a esperava o comboio de viveres que Rondon mandara com antecedencia organizar para socorrer a expedição em seu regresso; ali permaneceu para o necessario descanso, até o dia 16.

“E facíl imaginar a alegria enorme que se apoderou de todos, famintos como se achavam, ao encarar de novo a

abundancia. Nos tres dias de descanso, adoeceu a maior parte do pessoal, de tanto comer”.

A 17 partiram para Diamantino, via Tapirapoan, ponto do rio Sepotuba e a 29 reentravam os expedicionarios todos, sem excepção de um só, naquella velha povoação.

O objectivo collimado pela expedição de 1907, fôra plenamente attingido, pois que havia assignalado com precisão o valle do Juruena, no ponto que interessava á construcção da Linha Telegraphica, executando 967 kilometros de reconhecimento em terreno até então desconhecido, topographica e geographicamente falando.

Além disto, no regresso, realizou o levantamento do divisor de aguas do rio Paraguay e do seu principal tributario, o Sepotuba, e determinou as coordenadas geographicas de 18 pontos principaes do itinerario.

#### EXPEDIÇÃO DE 1908 (DO JURUENA A SERRA DO NORTE);

O serviço desta expedição transcorreu entre 20 de Julho e 3 de Novembro de 1908.

Para a organização da turma, entrou em jogo não só a velha experiencia do treinado sertanista, como a que lhe advinha da penetração realizada no anno anterior, conforme elle proprio expôz:

“Era necessario que a nova turma exhibisse um numero maior de expedicionarios, para que os indios não se animassem a atacar-nos, como o fizeram no anno passado. Assim pouparíamos duplo desgosto, de sermos atacados pelos Nhambiquaras que se achavam em guerra com os seringueiros, e o de sermos impellidos a uma defesa dolorosa, porque seria injusta, visto a repulsa dos indios ser determinada pela invasão de seus territorios”.

Compunham-na por isso, 127 homens, todos armados, 90 bois cargueiros, 50 burros de carga, 30 de sella, 6 cavallos para o serviço de gado e 20 bois de córte.

Para conter possiveis demonstrações bellicas e pôr a situação em seus verdadeiros e legitimos termos, declarou a odem do dia n.º 1, sobre a organização da turma expedicionaria:

“Ainda mesmo que alguém da expedição seja ferido pelos guerreiros do Juruena, nenhuma represalia deve ser movida contra os atacantes: no seu justo direito, defendem as suas terras e as suas familias.

“Sejamos fortes contra os nossos sentimentos de vingança e tenhamos abnegação bastante para resistirmos á tentação do orgulho, que é a perdição da Humanidade”.

Rondon delimitou a função de cada um dos seus componentes e dedicados auxiliares, os engenheiros-militares, todos a esse tempo Segundos-tenentes: Nicolau Bueno Horta Barbosa, Emmanuel Silvestre do Amarante, João Salustiano Lyra e Themistocles Paes de Souza Brasil. Faziam tambem parte da turma um ethnographo e geologo, Dr. Karl Carnier, o 1.º Tte. medico Manoel Antonio de Andrade, e commandante e subalterno do contingente Tenentes Carlos Carmo de Oliveira Mello e Americo Vespucio Pinto da Rocha, o pharmaceutico Benedicto Canavarros, o photographo Luiz Leduc, um inspector e dois guarda-fios dos Telegraphos, 30 tropeiros e 82 praças do Exercito; destas, 52, sob o commando do 2.º Tte. José Joaquim Ferreira da Silva, formariam o destacamento do Juruena, posto avançado que seria erigido em acampamento permanente, para servir de base de operações, e apoio da avançada sobre o deserto e de centro de attracção para os selvicolas.

Destinados a este destacamento e ás tentativas de pacificação dos Nhambiquaras, conduzia a expedição grande porção de machados, foices, facões, facas, lenços de côres vivas, contas e missangas, espelhos e outros objectos, ele-

mentos "com que contava o chefe, para conseguir dos donos da terra, assentimento á marcha da expedição através dos seus territorios".

A munição de bôca transportada nas tropas foi calculada para quatro meses de consumo, prazo dentro do qual seria attingida provavelmente a metade do itinerario, ponto em que o reforço, previamente organizado e a tempo despachado, poderia alcançar a turma expedicionaria e levar-lhe recursos.

No dia 20 de Julho partiu a expedição do porto de Tapirapoa, no alto-Sepotuba, com destino a Aldeia-Queimada, percorrendo o caminho aberto durante a exploração de 1907; de Aldeia-Queimada ao Juruena, seguiu por itinerario novo, deduzido do *caminhamento* da expedição anterior, acompanhando no terreno a linha geodesica traçada entre aquelle local e o ponto do Juruena attingido pela exploração antecedente.

Neste trecho novo, foi assim delineada a marcha da columna:

A vanguarda, sob o commando do Tte. Ferreira, era composta do contingente de praças, armadas de machados, foices e facões para a abetura de picada.

Com intervallo de uma hora, começavam as tropas a partir, seguindo na frente a de muares e succedendo-se as outras cinco, de bois cargueiros; cada tropa dirigida por um encarregado ou *arrieiro*, auxiliado por 3 a 6 *tocadores*, alem das praças que se destinavam á defesa do comboio, atrás do qual seguia a boiada (ou em expressiva phrase: o *alimento que anda*) para a manutenção dos expedicionarios.

Sem lugar designado na columna e obedecendo ás contingencias do seu mister, a turma de caçadores, dirigida pelo Tte. Vespucio, marchava indistinctamente, ora na vanguarda, ora á retaguarda.

Na distribuição de encargos, tocava ao chefe da commissão e da expedição, não só a administração geral, como

a direcção do serviço astronomico, auxiliado pelos Ttes. Lyra e Themistocles, e nos levantamentos, a leitura dos rumos na bussola; as leituras do conta-passos e do aneroides, a caderneta de levantamento e o desenho do *croquis*, estavam a cargo dos Tenentes Nicolau, Lyra e Themistocles; accumulava o commando do comboio o Tte. Mello.

Mantendo quanto possivel esta organização e a distribuição dos trabalhos, marchou a expedição sertão a dentro, lutando contra todos os obstaculos dos lugares desertos e selvaticos.

Sobretudo a difficuldade dos transportes, mesmo reduzidos á utilização dos cargueiros, era para desanimar a quem não tivesse a fibra de Rondon: além do afrouxamento diário dos animaes, a fuga destes para trás, causava grandes transtornos á bôa marcha da exploração; para remediar o 1.º caso, havia a principio o recurso de distribuir em *dôbros* pelos demais cargueiros, as cargas dos animaes que afrouxavam, e depois o de deixal-as á margem da picada, para serem conduzidas no dia seguinte, mediante o retrocesso dos cargueiros mais fortes, o que obrigava quasi sempre a fallhar um dia de marcha; para o 2.º caso accumulavam-se as providencias e inconvenientes do primeiro, mais a necessidade de destacar tropeiros para a retaguarda, a cortar a retirada dos animaes, com grave prejuizo dos serviços geraes e mesmo perigo de vida para esses homens isolados no sertão.

A fuga dos animaes era ocasionada pela busca instinctiva de melhor pastagem, visto que é pessima a da zona dos chapadões de Parecís, principalmente na epoca da travessia que estava sendo executada, quando estão sêcas mesmo as gramineas de inferior qualidade que alli existem.

Para completar o quadro geral das explorações deste genero, transcrevemos um trecho do relatório de Rondon:

“A mesma alegria, o mesmo entusiasmo, enchiam as almas dos expedicionarios, ávidos de novidades, de surpresas com que já sonhavam. Nos nossos soldados, tropeiros



e vaqueiros, algo de mysterioso passava pelas suas almas supersticiosas. Imaginavam que grandes novidades poderiamos encontrar pelas desconhecidas terras: descobertas importantes de ouro e diamante ou alguma riqueza extraordinaria de cidades indigenas ignoradas, nos fundos sertões que demandavamos anciosamente. Todos se preocupavam seriamente com os indios, pois muitos sabiam dos ataques inesperados que a "Expedição de 1907" soffrera dos Nhambiquaras, no mangabal do Jaty, cerca de 9km aquém do ponto do Juruena que ora demandavamos novamente. Conheciam tambem as disposições do chefe da expedição, que recommendava terminantemente toda a bondade e respeito para com os indios, *ainda que estes nos atacassem ou ferissem*. Por isso, tinham momentos de tristeza, prevendo a dificuldade de acção e resolução embaraçosa, quando tivessem de agir fóra do circulo da fiscalização que o chefe mantinha rigorosamente. Esta theoria contrastava com os sentimentos bellicosos dos nossos soldados, tropeiros e vaqueiros, para quem os indios se nivelavam aos animaes ferozes, susceptiveis de destruição.

"Conhecedor das predisposições dos homens em geral, na parte relativa ao caso melindroso que mais nos preocupava, tomei a devida cautela com a disposiçao da marcha e organizaçao dos acampamentos. Estes eram sempre dispostos em rectangulo, com tres lados fechados pelas cangalhas e cargas do comboio, tendo o quarto apoiado quasi sempre na margem de um rio, ribeirao, correjo, ou cabeceira. As barracas dos officiaes eram armadas no centro desse quadrilatero.

"Para guardar o acampamento tinhamos alguns molossos na nossa matilha, que se compunha de vinte animaes, na maioria de fina raça: onceiros, anteiros, veadeiros, perdigueiros e paqueiros. Serviam á noite para nos defender das feras e impedir a aproximação dos indios que nos pretendessem atacar durante o somno; eram, porém, mais estimados

como caçadores, como providencia material, quando, no meio da floresta, nos vissemos fatalmente sem provisões de bôca, caso em que seriam então bem aproveitados pela turma incumbida da função venatoria, sobre a qual repousava a nossa esperança nos momentos mais criticos.

“Era, entretanto, de toda a conveniencia e prudencia habituar os expedicionarios a uma vigilancia cautelosa, pois de outra forma, poderia a turma inteira ser victima, á noite ou pela madrugada, de um massacre completo, como succedera a certa expedição estrangeira, na cabeceira do Carcamano. Estabeleci, por isto, o serviço de vigilancia nocturna.

“Após o jantar, era então escalada a guarda do acampamento, composta de 16 homens e a vigilancia era assim estabelecida: em cada vertice do quadrilatero, postava-se um soldado, tropeiro ou vaqueiro, de sentinella, que se revejava de duas em duas horas, das 8 horas da noite ás 4 da madrugada.

“Até as 20 horas, era intensa a vida do acampamento, por estarem todos de pé, em preparativos para o necessario repouso, o que tornava prescindivel o estabelecimento das sentinellas de vigilancia.

“Em torno da classica fogueira do acampamento, iam se grupando os officiaes e empregados que constituíam o estado-maior da chefia. Era á sua luz que quasi sempre jantavamos, pois rara era a vez em que esta refeição se fazia ainda com dia.

“Pela madrugada, desde 4 horas, renascia á actividade; a fogueira mantida noite a dentro, era reavivada. Começando pelo chefe da expedição, todos os expedicionarios se despertavam ao som dos clarins e das cornetas que, nas ermas paragens, áquella hora, substituíam os sons das flautas dos Parecís, mais melodiosas, pelos clangores daquelles instrumentos de guerra, annunciando a alvorada, *sôtiakiti*, na lingua desses indios.

“Não sei qual a impressão real deixada, no espirito daquelles filhos dos chapadões, pelos nossos toques de clarins

e cornetas! Propositadamente os quiz levar como instrumentos de musica que mais de longe pudessem ser percebidos pelos selvicolas. E foi por isto mesmo que, além das sanfonas e flautas que consenti levassem as praças e empregados, incluí no numero dos divertimentos destinados a chamar a attenção dos indigenas, o gramophone e o cinematographo.

“Após a alvorada, o toque de rancho annunciava a primeira refeição matutina, o café, distribuido a todo o pessoal, sob a fiscalização do commandante do contingente.

“Em torno da fogueira formavam os officiaes apreciadores do mate, de que é especial amator o chefe da expedição. Invariavelmente a essa hora, depois do infallivel banho frio, ia elle se distrahindo com essa bebida paraguaya e sul-riograndense, hoje de muito uso na zona meridional de Matto-Grosso.

“As ordens e as providencias para o proseguimento da marcha, eram dadas daquelle posto.

“Em seguida ao café, os tropeiros de bois se moviam ao toque de “pegar animaes”. Cada encarregado de tropa e seus tocadores, munidos das competentes cordas, tratava de pegar os bois de seu lote, tresmalhados ainda na area rectangular do acampamento, onde eram encerrados e mantidos durante a noite.

“Uma vez atados todos os bois ás estacas de cada lote, a corneta dava o signal de “desarmar barracas” e o de “ensilhar”. Em seguida eram os mesmos bois arriados, começando a lida de preparar as cargas para carregamento das tropas.

“A’s 5 horas a. m. o segundo toque de rancho dava o alarme da marcha. Com a presença do commandante do contingente, era então distribuido o almoço que deviam preparar os expedicionarios para a primeira marcha do dia, quasi sempre de 3 a 4 leguas, chapadão afóra.

“Só depois de concluída a distribuição da *boia* ás praças, tropeiros e vaqueiros, era que a corneta dava o signal de “rancho de officiaes”.

“Concluída esta refeição, transmittia então aquelle instrumento a ordem de marcha.

“Na vanguarda, seguia sempre o pelotão de sapadores, sob o commando de um official. Com intervallo de meia hora, começavam as tropas a deixar o pouso, partindo por ultimo a de muares, como a mais retardataria. Estes muares eram soltos e encostados a um lado da cabeceira ou rio e o seu *rodeio* demorava, acontecendo quasi sempre a tropa partir duas horas depois da primeira.

“Os engenheiros eram sempre os ultimos a partir”.

\* \* \*

Os relatorios do General Rondon e os mappas já publicados pela Commissão, revelam a minuciosidade com que era executado o serviço topographico no decorrer destas expedições, assim como o alargamento consideravel da faixa do terreno que era explorado para a direita e para a esquerda dos itinerarios percorridos, sem contar ainda as explorações subsidiarias de cursos d’agua cortados por esses caminhamentos e para cuja descida se destacavam, no momento, pequenos nucleos de expedicionarios.

Estudavam-se assim todas as cabeceiras ma's ou menos afastadas, os affluentes principaes, as direcções provaveis dos rios mais volumosos, as contravertentes, os massiços dos divisores principaes e os dos secundarios, a vegetação, se floresta, campo, chavascal, cerrado ou cerradinho, as altitudes do terreno, as principaes linhas de nivel; assignalavam-se os limites dos terrenos alagadiços, as serras, os morros, lagôas, etc.

\* \* \*

Durante o mês de Agosto, que marca periodo de sêca intensa, a macega dos chapadões facilitava a propagação das grandes queimadas de que se utilizaram os expedicionarios,

para abrir caminho, mas que algumas vezes constituiu serio perigo para o pessoal e ameaça de aniquilamento para as tropas. As subitas mudanças de direcção dos ventos e ás vezes a imprudencia de um soldado ou de um tropeiro, creavam situações calamitosas para os expedicionarios, quando irrompia subitamente o incendio, sem dar tempo á confecção dos aceiros, recurso tão conhecido dos nossos homens do campo e historicamente celebre através da heroica "Retirada da Laguna". Assim succedeu uma noite, com tal violencia, que o proprio Rondon teve que sahir a campo, a lutar contra as labaredas, segundo elle descreve:

"A's 9 horas da noite, justamente quando voltava o tropeiro, foi o acampamento despertado pelo toque de "alarma" que mandei fazer para atacar o incendio que, de Sudoeste, avançava em nossa direcção.

"Reunido o pessoal tropeiro em torno das cargas, avancei com as praças, auxiliado pelos officiaes, ao encontro da linha de fogo, que procurava envolver o nosso acampamento.

"Munidos todos de ramos verdes, que aqui e alli conseguíamos obter, subimos meia encosta de vertente, e travámos luta renhida com o voraz elemento que, a muito custo e após duas horas de trabalho, foi dominado, já proximo das nossas cargas e das nossas barracas.

"Acalmado o acampamento, foi elle novamente despertado por aviso da sentinella: o incendio, na apparencia dominado completamente, resurgira á 1 h. da madrugada, pelo lado do Norte. Felizmente, em menos de uma hora, foi novamente dominado o fogo, que seguiu rumo de nordeste, devorando os espessos macegaes que alimentaram o incendio para o Norte, durante todo o mês de Agosto".

\* \* \*

Coincidencia curiosa foi a de ter o novo itinerario Aldeia-Queimada-Juruena, enfiado o aldeamento do grupo

Nhambiquara que atacara a "Expedição de 1907", no mangabal do Jatý; identificação que se tornou possível fazer, por ter o General Rondon reconhecido num pé de estribo ahí encontrado, o que se perdera por ocasião desse ataque.

Tal casualidade, talvez fosse interpretada pelos selvícolas como signal certo de premeditada desforra, o que explica o exodo em massa, não só desta aldeia, como de outras encontradas em caminho.

Rondon examinou e descreveu minuciosamente tudo quanto encontrou na aldeia abandonada, composta de 4 ranchos de palha, um grande, identico aos dos Parecís, dois circulares pequenos, todos fechados, e outro aberto, em fórmula de sector espherico.

Os guias Parecís tocaram todos os instrumentos de musica que ahí encontraram e dançaram, fazendo gestos de critica aos Nhambiquaras, seus temiveis inimigos até então (V. nota 53); e isto foi possível, porque as flautas de taquara e a cabaça musical ("aberta na parte inferior e ligada pela superior a um canudo comprido de taquara, servindo de contra-baixo"), eram em tudo semelhantes aos instrumentos congeneres dos Parecís.

Verificou Rondon que estes indios estão sempre em pé de guerra e mantêm sentinellas vigilantes no rancho aberto, collocado sempre em posição dominante. Aliás o Nhambiquara escolhe sempre posições estrategicas para localizar a aldeia, nos lugares altos, preferindo esta condição de segurança á commodidade de construir as habitações junto dos cursos d'agua.

O terreiro, de fórmula circular, estava perfeitamente limpo de quaesquer detritos, e estes, conforme foi observado, eram lançados em monturos afastados, de cujo exame concluiu Rondon tambem que os Nhambiquaras são mais frugivoros do que carnivoros e que se alimentam tambem de gafanhotos. ("Os Parecís affirmam que elles comem lagartixas, bichos de pau podre e quasi todos os insectos").

Sem nunca perder a ocasião de estudar a nossa flora e a nossa fauna, encontram-se nos relatorios de Rondon, referencias dignas de nota para os naturalistas e que deram lugar a importantes pesquisas, determinações scientificas e descobertas de especies e generos novos na classificação de especimes botanicos e zoologicos. Para dar um exemplo desta ordem de preocupações utilissimas, transcrevo as referencias á *arvore do leite* e aos veados de Matto-Grosso, contidas no relatorio da expedição que estou descrevendo:

“Chamou-me a atenção uma arvore, talvez da familia das apocynaceas, a que os Parecís dão o nome de *Olô*. A sua casca exsuda abundantissimo latex, potavel, que os indios bebem, como remedio, para inflammação intestinal, e os seringueiros tomam como alimento. Por curiosidade provei este extraordinario leite, cujo gosto se aproxima do leite de vacca. Não sei se esta arvore será a mesma conhecida na Guyana com o nome de *soveira*. Presumo, porem, tratar-se de uma variedade, porque a especie da Guyana é considerada como produzindo bôa borracha, ao passo que da especie mattogrossense não se conseguiu até hoje coagular o seu latex, o que lamentam os seringueiros, que assim perdem uma industria que lhes poderia ser rendosa, attendendo-se á abundancia de latex que encerra cada arvore destas.

“Chamou-nos tambem a atenção o facto de terem os nossos caçadores abatido, na matta da “Barrinha”, um *veado preto* (V. nota 54), que os cães levantaram, especie que supponho nova, do tamanho e porte aproximado do veado catingueiro, delle, porem, differente pela conformação anatomica essencial.

“Existem em Matto-Grosso oito especies de veados: pororóca, catingueiro, catingueiro-assú, veado preto, veado pardo, guatapará ou veado pardo de canella preta, campeiro ou veado branco ou galheiro, e finalmente o cervo”.

Com 29 dias de caminamento expedito, percorridas quasi 50 leguas (272km,311) a partir da Aldeia-Queimada e determinadas 24 posições geographicas, a turma expedicionaria alcançou, no dia 26 de Agosto, o porto do Juruena, até onde chegara a expedição de 1907, tornando a ver assim, o seu chefe e o Tte. Lyra, o bello rio de aguas crystallinas, "tão crystallinas que, a uma profundidade de 4 metros, se distingue nitidamente qualquer objecto que se deposite no fundo".

\* \* \*

Deu-se nesse ponto o episodio que a seguir descreve o relatorio de Rondon:

"O avultado numero de pegadas que observámos, em todos os trechos indigenas da região, me preocupava o espirito. Sabia bem que os indios fugiam em nossa frente e talvez nos quizessem preparar uma emboscada na travessia do rio que elles defendem, com ardor indigena de verdadeiros patriotas. Por isto, após a pôse que fizemos sobre a pedra de arenito que aflora nas proximidades do porto, para photographarmos o grupo da vanguarda, fiz um ligeiro reconhecimento com a minha matilha, que se compunha de trinta cães, abaixo e acima do ponto de chegada, nas mattas da margem direita do rio.

"Os cães espalharam-se na matta em todos os sentidos, sem darem signal algum, nem de caça.

"Voltámos, após cerca de uma hora de excursão, descansados, pensando não haver perigo algum nos arredores.

"Haviamos descoberto uma grande arvore cujo tronco media 4m de circumferencia e que se prestava perfeitamente para della extrahirmos o madeiro em que tinhamos de vasar a canôa para o acesso á outra banda: ordenara, pois, sua derrubada, que foi executada em poucos momentos.

"A picada da abertura do caminho, havia chegado ao rio e eu mandara abrir, em maior largura, o trecho de acesso, com o intuito de evitar qualquer emboscada.



“O caminho, que era um trilho velho dos índios, beira em grande extensão o capão da matta á direita do campo em que nos mettemos e que resultara da roça que nesse lugar houvera em outros tempos.

“Deixei a minha arma e o meu capacete junto á pedra de arenito e dirigi-me á arvore da canôa, que já se achava no chão; continuei assim, desarmado, após o exame da madeira derrubada, a caminhar para a picada, onde se achava o grupo de soldados effectuando a limpeza, juntando e removendo os paus cortados. Aproximara-me de uma arvore cahida, de cerne vermelho, para examinal-a, quando ouvi uma gritaria das praças da retaguarda.

“Compreendi immediatamente tratar-se de ataque dos índios, e assim como estava, corri para onde se achavam as praças recommendando que não corressem nem gritassem. Na frente, arrastando toda a massa que corria desabridamente, sem armas, encontrei um anspeçada gritando: “Uma cabocla me flechou!” (V. nota 55).

“Tudo não passava de um medo horroroso. Cheguei até proximo dos índios, completamente desarmado, e só então resolvi retroceder, para reunir o pessoal e, no lugar da emboscada, investigar o acontecimento.

“Dado o toque de reunir, todo o pessoal formou e então marchei para o local do ataque. Lá encontrámos quatro flechas fincadas no chão, por entre o *taquarizal* existente, na borda da matta, de onde os índios fizeram a emboscada. Os soldados mostraram os lugares de onde os índios, de joelhos, desferiram as flechas que felizmente, nenhum mal fizeram.

“Para afugentar os selvícolas, fizemos os nossos cães penetrar na matta, e para isto conseguir, disparei a minha arma para o ar. Infelizmente, tal acto determinou no meu pessoal um movimento impulsivo que, com difficuldade, consegui deter, mandando cessar fogo.

“Penetrámos na matta, para ver qual o rumo que os assaltantes teriam tomado. e dentro della encontrámos um

arco e varias flechas, deixadas por algum guerreiro que, no afan de fugir, não poude se desvencilhar do emmaranhado dos cipós e arbustos que crescem debaixo das grandes arvores daquella região.

“Os Nhambiquaras que nos atacaram eram em numero consideravel, o que pudemos verificar pelas *batidas* deixadas em diferentes rumos, por onde se dispersaram. Um grande grupo atirara-se ao Juruena, atravessando para o outro lado do rio”.

\* \* \*

Restabelecida a ordem no acampamento e a calma nos espiritos, proseguio Rondon desassombradamente para a frente, atravessando o Juruena por meio da canôa que fizera construir com esse fim, e iniciando na margem opposta (esquerda) a installação do “Destacamento do Juruena”, terminada e festejada conjuntamente com a magna data nacional, a 7 de Setembro. Apenas tomou precauções ainda mais rigorosas, principalmente á noite, para evitar qualquer ataque de surpresa, por parte dos guerreiros Juruenenses, revestindo de formalidades militares a defesa dos acampamentos, cuja vigilancia era feita sobre todos os pontos de onde pudessem surgir os selvicolas.

Entretanto, nada disto impediu que um pequeno grupo de soldados, de espirito fraco, tomasse a deliberação de desertar, apavorado principalmente pela attitude hostile dos Nhambiquaras, mas tambem acovardado deante das surpresas do desconhecido; da provavel deficiencia de alimentação, pelas perdas constantes de viveres que a expedição era forçada a abandonar diariamente, á proporção que lhe faltavam os animaes; do augmento de trabalho a que estavam sujeitos, por terem de transportar cargas indispensaveis, que não podiam ficar para trás e que eram deixadas pelos animaes que afrouxavam, pelos que morriam ou... *desertavam* tambem. Presos em Aldeia-Queimada, confessaram esses receios

e o horror que tinham aos trabalhos de exploração, sem se pejarem do desdem que lhes votariam seus camaradas, que lá estavam, arrostando todos os perigos, com a força moral dos que não deshonram nunca as tradições do soldado brasileiro!

A ordem do dia que instituía o “Destacamento do Juruena” (um official e 52 praças) e explicava o apoio que o serviço de exploração contava tirar de sua localização alli, determinava o respeito absoluto á vida e á propriedade dos Nhambiquaras, vedando quaesquer represalias, mesmo na hypothese de ser atacado o posto, por considerar “um dever de nossa parte inculir-lhes o exemplo dos bons costumes impostos pela civilização” e terminava com estas palavras entusiasticas :

“Assim, dando por bem entendidas as recommendações aqui especificadas, congratulo-me intimamente com o Destacamento inaugurado e com os companheiros da Expedição, não só pelo exito da nossa marcha victoriosa até aqui, como tambem pela commemoração desta gloriosa data poltiica, em que o Brasil glorifica o immortal Patriarcha da Independencia, sob cujos auspicios é estabelecido o primeiro nucleo de protecção aos indigenas destes vastos sertões. A nossa conducta deve ser pautada pelas nobres aspirações daquelle notavel estadista; assim, pois, obremos no interesse da Familia, da Patria e da Humanidade.

“Viva o Brasil!”

\* \* \*

Proseguio a expedição alem-Juruena, palmilhando sempre terreno que era pela primeira vez pisado por gente civilizada, atravessando uma serie de cabeceiras e cursos d'agua mais volumosos como os do Formiga, Juhina e Camararêzinho. Para a travessia destes, utilizavam-se canôas e pelotas de couro (V. nota 56).

Dentro de um mês, estavam os expedicionarios a cerca de 100 kms. do Juruena e já avistavam a celebre “Serra do

Norte”, quando foram surpreendidos pela chegada de dois soldados (V. nota 57) mandados como emissarios, do “Destacamento do Juruena”. Traziam duas cartas (V. nota 59) e certamente essas mensagens, provindas do acampamento da construcção da linha telegraphica, deviam conter materia grave, e exigir urgentes providencias, pois do contrario não seria licito arriscar a vida daquelles dois destemidos patricios, através dos adustos chapadões, expostos a um ataque dos indios e a mil outros accidentes!

Rondon leu tudo, franziu o sobrolho e decidiu “retroceder da Serra do Norte, que acabava de descobrir ao longe, tão logo a ella chegasse”. E no dia seguinte reexpedia os emissarios, communicando sua resolução.

No dia 9 de Outubro Rondon suspendeu o acampamento, marchou em direcção á “Serra do Norte” transpoz o rio a que chamou de “Nhambiquaras” e foi assentar 5km alem, o seu “Ultimo campamento” da expedição; e assim descreveu o terreno encontrado:

“Cerca de 4km do acampamento, penetrámos em forte depressão do chapadão de Parecís; nova modelação foi impressa aos valles dos rios, em consequencia da erosão profunda causada pela multiplicidade de cabeceiras que allí surgiram. Não tivemos duvida em ver, nesse conjunto de esboroamentos de chapadão, cuja physionomia, muito caracteristica dos terraços, nos indicava o nivel deste, a identidade orographica do accidente topographico que os geographos antigos denominaram “Serra do Norte”. É uma serra formada pelo abaixamento do terreno. Por isso, todos os rios que ahi tiveram origem, apresentam o nivel do respectivo “thalweg” inferior ao de seus irmãos que correm sobre o grande chapadão anterior. Na nossa frente, para o poente e para o norte, levanta-se o dorso de um grande macisso que não é outra coisa senão a escarpa oriental do vasto chapadão de Parecís...”

Nos dias 10 e 11, apoiando-se no ultimo acampamento, ainda Rondon levou mais adiante a exploração, através de terreno mui accidentado e cortado de innumerous corregos (Veado Branco, Assahy, Jacutinga, Guariroba, Gruta de Pedra, Carniça, Trahira, Guanandy, Bella-Vista, Bacaiuveira, Chibarro), indo plantar o marco do kilometro 129 á margem de um que tomou este nome e que constituiu o termo da "Expedição de 1908". Ouçamos a descripção do derradeiro avanço e do regresso:

"Mandei derribar uma sucupira do brejo, para extrahir o marco que alli erigimos com a inscripção: km. 129.

"Emquanto se preparava o marco, segui para a frente, ainda uns tres kilometros e deixei, no pico de um morrinho, pequena bandeira nacional. Ás 5 horas p. m. foi levantado o marco alludido em cujo letreiro todos assignaram, e ao lado delle um mastro com a bandeira nacional.

"Dirigi pequena allocução ao pessoal que compunha a exploração e, com os tenentes Lyra e Mello, marchámos em retirada, deixando para os indios, em torno do marco, os machados, foices e facões de que nos tinhamos servido até alli.

"Executaramos, a partir de Aldeia-Queimada, 401km de reconhecimento, com 23 posições geographicas determinadas.

"Chegámos ao acampamento ás 10 horas da noite, havendo o Tte. Mello, nessa marcha nocturna, se disposto a pousar em caminho, sozinho, tal o estado em que já se via, cansado e estropiado. Foi preciso insistentes pedidos meus, para demovel-o de tal proposito, que nos deteria igualmente, visto não consentir que o abandonassemos naquellas alturas e áquellas horas da noite.

"Falhámos o dia 12 no ultimo acampamento, onde festejámos a gloriosa data de Colombo.

"Dei a voz de contra-marcha no dia 13. Antes de partirmos, porém, mandei *salgar* e deixar encostados sete dos

nosso bois cargueiros, que se achavam impossibilitados de voltar. Era uma experiencia que eu queria fazer da excellencia desses "Campos Novos", por mim assim classificados e denominados, e tambem da attitude dos indios, cujos vestigios ali encontrámos, nos ranchinhos que descobrimos proximo ao ribeirão "Morre e Vive" nas queimadas existentes.

"A 13 fomos pousar em Nhambiquaras, onde fizemos o enterro de todos os comprimidos de que não chegámos a nos servir, reservados como estavam para quando os generos viessem a faltar. Para que os indios não os descobrissem, a cóva foi feita no aceiro da area que abrimos para acampar, e depois de batida a terra sobre o buraco, cobrimos o local com as coivaras existentes, para disfarçar a excavação.

"Proseguimos e, em Mutum-Cavallo, fizemos o mesmo com os caixões que alli havíamos deixado, constando o enterro de muitos fogos de artificio.

"No dia 20 estávamos no Juruena, onde encontrámos o pessoal alarmado com a apparecimento do paludismo, que victimara, em tres dias, um dos dois soldados que nos levaram a correspondencia ao Mutum-Cavallo.

"Resolvi deixar no destacamento o pharmaceutico Canavarros e, para amenizar os soffrimentos inevitaveis que experimentariam os que ali ficavam, mandei deixar o gramophone Odeon".

No dia 22 de Novembro Rondon alcançou Aldeia-Queimada, de onde seguiu para o acampamento da construcção, passando primeiramente em Tapirapoan, depois de ter publicado a ordem do dia que dissolvia a turma exploradora.

O relatório apresentado pelo Gal. Rondon sobre os trabalhos da "Expedição de 1908", termina com o estudo sumario da constituição geologica da zona percorrida, da flora e da fauna.

EXPEDIÇÃO DE 1909  
(DA SERRA DO NORTE AO MADEIRA)

Constituiu a operação de maior envergadura, de quantas foram executadas pelo General Rondon, pois além do grande desenvolvimento que tomaram as explorações realizadas (não só com o percurso de itinerário mais longo, através da zona inteiramente desconhecida, como pelo aumento da faixa estudada e pelo accrescimento havido de explorações de rios), os trabalhos exigiram uma permanência mais demorada no sertão (Maio a Dezembro de 1909).

Começada a organização da turma em Maio, houve, logo de início, um contratempo que a retardou um mês: uma tropa de quinhentas cabeças de gado, mandadas transportar ao Juruena, sob a direcção de experimentado e energico official sertanista, allí chegou reduzida a quarenta apenas! De modo que só a 1.º de Junho poudo o General Rondon publicar a sua primeira ordem do dia da "Expedição de 1909".

Previendo as grandes difficuldades da longa travessia do sertão bruto, do Juruena ao Madeira, em extensão superior a 800km, Rondon organizou duas turmas de exploração, a "Turma do Sul" sob sua chefia, como principal, e a "Turma do Norte", subsidiaria; a 1.ª marcharia do Juruena ao Madeira, procurando as cabeceiras do rio Jacy-Paraná, e a 2.ª partiria do Norte e subiria o rio Jacy-Paraná até onde fosse possivel, para ahi aguardar a chegada da outra.

A Turma do Norte competia explorar e levantar o rio Jacy-Paraná, assim como transportar recursos para socorrer a Turma do Sul que, era de esperar, chegaria muito necessitada de auxilio. (V. capitulo já publicado sob o titulo: Exploração e levantamento do rio Jacy-Paraná").

A "Turma do Sul" estava reservada a penosa tarefa do reconhecimento e exploração do terreno comprehendido entre a Serra do Norte e o rio Madeira,

Por motivos adiante expostos não se deu o encontro das duas turmas, e a retirada dos exploradores do Jacy só foi iniciada mediante ordem escripta de Rondon, levada rio acima por emissario especial.

Os trabalhos effectuados pela Turma do Sul comprehenderam 4 periodos:

1.º) Avançada continua, sem exploração, do Juruena ao "Ultimo Acampamento da Exp. 1909", na Serra do Norte.

2.º) Permanencia na Serra do Norte (Campos de "Commemoração de Floriano" e "Desfiladeiro dos dois Indios") de 29 de Junho a 20 de Agosto, para o estudo do divisor de aguas dessa região.

3.º) Execução da primeira grande etapa de exploração, desde a Serra do Norte até a margem do rio a que o Gal. Rondon deu o nome de "Pimenta Bueno" (segundo formador do Gy-Paraná).

4.º) Segunda grande etapa da exploração, de Pimenta Bueno ao Madeira, com subdivisão do corpo expedicionario em tres secções: a que desceu o Pimenta Bueno e o Gy-Paraná, a que desceu o Jarú e o Gy-Paraná. e a que desceu o rio Jamary.

\* \* \*

A turma expedicionaria sob a chefia de Rondon foi organizada com 43 pessoas, com as funcções abaixo especificadas:

Tte. Cel. de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon, chefe geral da expedição.

Zoologo — Alipio de Miranda Ribeiro.

1.º Tenente-medico Dr. Joaquim Augusto Tanajura.

1.º Tenente Engenheiro-Militar João Salustiano Lyra, ajudante, encarregado do serviço astronomico e da "Vanguarda".



1.º Tenente Engenheiro-Militar Emmanuel Silvestre do Amarante, ajudante, encarregado do serviço de levantamento topographico e da "Picada".

1.º Tenente Alencarliense Fernandes da Costa, auxiliar encarregado do Comboio Auxiliar e da exploração do rio Pimenta Bueno.

2.º Tenente Antonio Pyrineus de Sousa, auxiliar encarregado do serviço de acampamento e transporte, commandante do contingente.

Guarda-fio Pedro Craveiro Teixeira.

Guarda-fio João de Deus e Silva.

Cacique Parecí "Major" Libanio Kolu'zorocê, guia.

Indio "Joaquim Zolámaiê, caçador.

14 praças do Exercito.

18 trabalhadores civis.

\* \* \*

A descripção dos trabalhos realizados consta do relatório do General Rondon já impresso, em grande formato (4.º B.) e occupa 188 paginas, onde, alem das minuciosas notas do "diario" da expedição, se encontram as apreciações geraes sobre a geologia da zona atravessada, sobre a flora, a fauna, tribus e costumes indigenas, o clima e as importantissimas "conclusões geographicas" que o fecham com chave de ouro, pois é sabido que estavam gravemente errados os mappas do Brasil, na parte relativa ao Noroeste; que esses erros foram pela vez primeira apontados e corrigidos pela "Expedição de 1909"; e que o General Rondon ahi descobriu varios rios importantes, os quaes até então não figuravam nas nossas cartas.

Alli estão condensadas todas as descobertas realizadas por essa arrojada travessia que durou 237 dias e avaliado o rendimento dos trabalhos que o proprio General resumiou nos

seguintes trechos de sua ordem do dia de 26 de Dezembro de 1909, publicada ao chegar á barra do Jamarý:

“Heroicos e dedicados companheiros, não offenderei a modestia que orna o vosso diamantino character, affirmando-vos que á vossa coragem e ao vosso denodado patriotismo, devemos a conclusão deste reconhecimento, tão cruelmente vaticinado de fracasso, por todos quantos tiveram conhecimento de sua organização.

“Entretanto aqui nos achamos á margem do Madeira, com a marcha de 1.415 kms., a contar do porto de Tapirapoan, um levantamento topographico de 1.211km, inclusive 200km de variantes diversas e 354km do curso do rio Jamarý, comprehendido entre o Repartimento e a barra, e determinação de 15 posições geographicas dos pontos em que nos foi possível fazer observações astronomicas para tanto.

“Alem destes trabalhos, devemos adicionar o levantamento do rio Gy-Paraná executado (ao começo) pelo Tenente Alencarliense (e depois pelo zoologo Miranda Ribeiro, quando aquelle adoeceu gravemente); o do rio Tramaco (Jarú), effectuado pelo Tenente Pyrineus; e o do rio Jacy-Paraná, executado pela turma do Norte ao mando do Capitão Pimheiro; trabalhos estes que talvez excedam a mil kilometros, o que dará para o grande Reconhecimeno, provavelmente uma média de 2.000km de levantamentos topographicos, alem de determinações geographicas que regularão 25 posições”. (Já vimos que os levantamentos attingiram a 2.232km e que são 24 as posições geographicas determinadas, das quaes nove provindas do serviço do Jacy).

\* \* \*

Antes de se engolfar no sertão e segundo precaução tomada sempre nos casos congeneres, Rondon determinou ao medico da expedição minucioso exame sanitario de todo o pessoal, afim de eliminar da turma todos os que não apresentassem o necessario equilibrio physico e as indispensaveis

condições de andarilho. Seleccionou-se assim o pessoal, levando-se o rigorismo da medida á dispensa do geologo Dr. Cicero de Campos (V. nota 61) e ao licenciamento do pharmaceutico Canavarros; foram excluidas as praças e os trabalhadores civis que não inspiravam confiança para essa formidavel prova de resistencia. Ao General Rondon particularmente fez ver o facultativo que seu estado de saúde não inspirava essa confiança, ao que lhe retrucou o intemerato chefe "que se excluia da ordem do exame medico e que elle proprio responderia por si". Contava restabelecer a saúde... marchando através do sertão, sobrecarregado de trabalhos physicos e intellectuaes! Entretanto, a febre do impaludismo accomettia-o diariamente, seus accessos attingiam quasi sempre a 41° (V. nota 62), e constam do seu diario apontamentos como este:

"Mau grado os cuidados medicos, o meu estado continuava a não inspirar confiança, a não ser que me adivessem melhoras com a marcha para o Norte; um pouco desse medicamento moral que consistia no contentamento de executar essa parte mais melindrosa do empreendimento que me fôra confiado, me parecia alguma coisa sufficiente para auxiliar o dedicado medico, que não me abandonava um instante sequer, preparando e ministrando elle proprio, com o maior desvelo, os remedios que me receitava".

\* \* \*

Pelos meados de Julho os expedicionarios acampavam na Serra do Norte, onde foram encontrados, esquivos, mas em admiraveis condições de saúde os bois deixados pela expedição anterior, o que confirmou a excellencia dos campos ahi descobertos, alem de comprovar que os indios do local não atacavam o nosso gado.

Resolveu por isto, Rondon, estabelecer nesse lugar uma invernoada a que denominou Retiro do Veado Branco, em

Campos Novos da Serra do Norte. Fez ali construir, pois, um solido rancho e destacou o inspector Severiano com 10 homens, 40 bois de cangalha, 21 burros, 3 cavallos e material de bôca correspondente á carga dos bois que ficavam. Constituiu-se assim um novo ponto de apoio no sertão e um nucleo de attração dos indios regionaes.

Proseguindo a exploração para a frente, multiplicaram-se d'ahi por diante os incidentes com os selvicolas que povoavam toda a região atravessada.

Na extensa e elevada matta da Canga, os indios fizeram varias emboscadas, em uma das quaes foi ferido no peito com uma flechada, o soldado Rosendo, tocador do 1.º lote de 10 bois cargueiros que traziam fornecimentos de material do "Ret'ro" para a turma de exploração, facto que foi assim commentado pelo General Rondon:

"O portador trazia tambem uma ponta de flecha de Nhambiquara. A carta do photographo Leduc explicava que essa ponta de flecha fôra arrancada do peito do soldado Rosendo, flechado pelos indios na matta da Canga.

"Os indios fizeram desta matta o seu ponto estrategico para vingar os insultos que vão soffrendo com a nossa invasão. E quem sabe se o caso que me foi referido pelo anspeçada Moura foi a expressão da verdade ou se, ao contrario, foi contado invertido, dando os indios como aggressores, e é a causa desta represalia?

"O que é certo é que, sabedores da presença de uma tropa na "Canga", os indios a esperaram, no ponto em que existe gigantesca arvore conhecida dos expedicionarios por "Pau-Gigante". Ao defrontar com esta arvore, Rosendo ouvira o ruido da corda despedindo a flecha e sentira-se ferido em pleno peito. Não soube explicar de onde partira a flecha, nem vira ind'o algum. Ferido, sem procurar reagir, correu ao encontro do seu companheiro Paixão, que vinha logo após com o 2.º lote, sendo então soccorrido por este e por Leduc, que acorrera aos gritos de Rosendo e ao ouvir

os disparos feitos por Paixão, que atirava a esmo, no intuito de intimidar os selvagens.

“Em soccorro á turma de Leduc, despachei, no dia 3 de Julho, ás 10 h. a. m., uma diligencia, dirigida pelo Dr. Tanajura e composta de 3 homens”.

Em outra occasião Miranda Ribeiro e o Tte. Pyrineus, viram correr dois indios, assustados pelos tiros com que o zoologo matara uma corça, de dentro de uma moita, para onde o segundo se dirigira, afim de apanhar a caça parecendo-lhes provavel que os indios ahi escondidos estivessem negaceando tambem a mesma caça. “Reflectindo que os indios, apavorados, não tornar'iam tão cedo áquelle rancho, e que mesmo que voltassem não tocariam na corça, o zoologo trouxe-a, deixando com o Tte. Pyrineus as facas e facões que ambos levavam, no rancho Nhambiquara”.

No mesmo dia o soldado Gouveia, ao serviço de campo de animaes, dera noticias de dois cestos encontrados por elle, cheios de coisas d'versas, inclusive caça moqueada. Dirigiu-se então ao local, o Tte. Pyrineus, e de lá trouxe ao acampamento os dois *baquités*, que, depois de examinados minuciosamente em seu conteudo pelo General Rondon, foram mandados depôr no mesmo lugar, com algumas facas mais de presente.

Numa das explorações parciâes, pessoalmente feita pelo General Rondon, encontrou elle, no solo, duas camas preparadas com folhas de matto, onde evidentemente haviam pernoitado dois indios, com uma pequena fogueira de permeio; logo adiante, á beira de um corrego de aguas crystallinas, restos de cozinha attestavam que elles ahi haviam almoçado... ratos!

\* \* \*

Nos campos do Commemoração permaneceu a expedição durante 51 dias, a estudar e definir esse importante nucleo de cabeceiras. O Chefe, os Tenentes Lyra, Amarante

e Pyrineus, com a collaboração do proprio zoologo, cada qual de per si, dirigia, sob a designação de Rondon, turmas secundarias de exploração, afim de desvendar a posição desse emmaranhado de cabeceiras, de onde promanavam aguas do Guaporé, do Madeira e do Tapajós. Só depois desse acurado estudo e de continuos reconhecimentos, foi possivel ao chefe resolver sobre a direcção que tomaria a expedição, desde que ficou amplamente demonstrada a deficiencia das cartas geographicas pelas quaes se orientava. Assim reza o seu diario em 21 de Agosto:

“... Insisto, portanto, no rumo já adoptado do Noroeste (pois que a nossa marcha deve ganhar sempre em latitude e em longitude, quanto possivel) apesar das informações favoraveis trazidas pela exploração do Lyra (V. nota 63), em relação á excellencia do caminho dos índios para a marcha do comboio.

“... Assim, ficou assentado o seguinte traçado:

“De Commemoração, tomará o rumo do Desfiladeiro, que passará com 6km para o Norte e cruzará o chapadão alem, contornando a cabeceira do Urú, proximo do bivaque do Tte. Pyrineus, 8 kms. distante do Desfiladeiro; atravessará o chapadão existente, até o morro do Mingau que transporá, passando pelas pontas das cabeceiras da Coruja e da Torcaz, até a de Urussú. De Urussú, o traçado tomará o rumo do Noroeste, passando pela origem da cabeceira do Aborrecimento, cruzando os campos de areal e o que está intercalado entre “Aborrecimento” e “Sacco de Mala”. Deste ultimo ponto, tomará o rumo geral de N. N. W., até o valle do rio da Duvida, e dahi, com o rumo Norte magnetico, atravessará o grande valle situado abaixo do massiço que se vê em arco, prolongando-se para Noroeste a perder de vista.”

Além da decifração desse importante enigma geographico, que reteve a expedição, mas que tambem lhe deu, em

compensação, a gloria de refundir a nossa cartographia, para tornal-a expressão da realidade, essa permanencia trouxe importante beneficio ao estado sanitario da turma, especialmente quanto á pessoa de seu chefe.

Passando, em seguida, á normalidade do serviço de exploração, em torno da linha do itinerario escolhido, a turma retomou esse trabalho em 21 de Agosto, data em que levantou o marco do kilometro 178, a contar do Juruena.

O serviço da vanguarda continuou sob a propecta e criteriosa direcção, do Tte. Lyra, que, diariamente, enviava ao General Rondon o "croquis" dos levantamentos e explorações realizadas. Competia-lhe manter o rumo indicado pelo chefe, estudando as variantes necessarias para obter terreno praticavel ás tropas, o que requeria muitas vezes a abertura de dois, tres e quatro *piques*, floresta a dentro, para acertar com o que preenchesse aquellas condições. Muita calma, coragem e facilidade de apprehender o terreno, eram qualidades exigidas para o bom desempenho desta difficil missão. Para dar idéa desse labor, reproduzo em nota n.º 64, trecho dessa correspondencia do Tenente Lyra; em uma dellas se encontra a descripção da chegada da turma a um aldeamento indigena, de surpresa, e as sensações dessa descoberta.

Ainda a proposito destes indios e com o fim de mostrar quaes os processos de pacificação empregados pelo General Rondon, translado o trecho que se segue, do seu diario:

"... Dois kilometros adiante, demos com a turma de indios que o Lyra encontrara no dia 31 de Agosto. Tivemos a principio uma emoção de alegria, depois emoção contraria, porque os nossos cães mal presentiram os indios, dispararam atrás delles, com grande alvoroço. Logo que os indios se puzeram em fuga, mandei que todos da minha turma parassem e que só eu e o cacique Parecí os seguissemos. Infelizmente, não pudemos realizar esta intenção, porque os cães insistiam na perseguição aos indios, derru-

bando uma creança e investindo contra duas outras. Mandei por isto que os dois parecís acud'ssem as crianças, e elles conseguiram livrar a unica que ficara para trás, pois foram as outras levadas pelos pais; carregou-a o indio Joaquim até que eu me aproximasse.

"A criança pod'a ter de 6 para 7 annos; era um menino. Não se mostrou assustado, não chorou; apenas falava muito, repetindo muito as poucas palavras que dizia. Os parecís achavam semelhança entre esse idioma e o Salumá; a palavra *Inauê*, por exemplo, que elle repetia frequentemente, quer dizer, na lingua Salumá: "gente foi-se embora". Mostrámos a criança a um indio que avistámos de longe, mas este permanecia espantado, á grande distancia, e depois, sumiu-se por entre as moitas. Reflectindo sobre tão desastroso acontecimento, resolvi, uma vez salvo o indiozinho das garras dos cães, leval-o ao acampamento abandonado pelos seus e onde estes deixaram alguns *baquités*. De facto para lá seguimos trazendo o Miranda Ribeiro (V. nota 66) o indiozinho ao collo. A criança não parava de falar, repetindo em lingua onomatopaica o som dos nossos tiros de dynamite e dos foguetões que soltavamos, diariamente, dos nossos bivaques.

"Chegando ao acampamento, mandei soltar o indio, que não fugiu; dei-lhe a minha faca de cabo de prata e pedi aos companheiros que todos lhe offerecessem um objecto. Em um momento o indiozinho ficou carregado de presentes.

"Fale'-lhe muito, repeti com clareza todas as suas palavras, o que lhe dava certo encanto. Teria elle supposto que eu conhecesse a sua lingua? Mostrava-me uma physionomia *sympathica* e apontando na direcção em que desapareceram os seus, repetia sempre: "*Inauêê...*"

"Depois de abraçal-o muito, deixamol-o ahi e proseguimos o nosso serviço."

Dentre os objectos pertencentes aos indios, além dos de uso commum a todas as tribus em geral, como os ba-



quités, cuias, cestos, pauzinhos de accender fogo pelo atricto, machados de pedra, cêra de abelhas, peneiras, mãos de pilão, arco e flechas, encontrou o General Rondon tambem um de uso especial desses indios: gorros (*nauêraqúá*, na lingua delles), feitos de pelle de animaes e enfeitados com cordões fabricados com as fibras da palmeira tucum.

No dia 14 de Setembro, proximo ao kilometro 272 (a contar do Juruena) da exploração, Rondon, visitou um aldeamento indigena que lhe causou especie, segundo explicou em seu relatorio:

“Os ranchos, de forma conica, têm para eixo um pau central, cuja ponta, disposta como as dos para-raios, excede o vertice do cone, terminando sempre em forquilha.

“Esta fórma é indentica á das cabanas dos indigenas africanos, facto nunca observado nos aldeamentos de tantas outras tribus que tenho encontrado, nem tão pouco descrito por nenhum explorador da America do Sul, o que me faz suppor que provenha ella do contacto que, em epoca anterior a 1795, tiveram os indios do rio Guaritizê ou Piolho, com africanos, fugidos das minas de Villa-Bella e que ahi estabeleceram um grande quilombo, mandado depois destruir, primeiro por Luiz Pinto e mais tarde por João de Albuquerque, ambos capitães-generaes da extincta Capitania do Matto-Grosso”.

\* \* \*

Em 29 de Setembro já se tornava inquietadora a demora na chegada do comboio de reforço, em face da deficiencia de recursos de que dispunha a turma exploradora, e Rondon expediu para a retaguarda uma diligencia composta de tres praças, escolhidas dentre as mais fortes e corajosas, não só para conhecer os motivos dessa demora, como para apressar a vinda do auxilio tão anciosamente esperado.

Felizmente a travessia de rios piscosos, permittia obter alguma alimentação para o pessoal. Ao lado do esforçado

naturalista, que pescava com dupla e vehemente ambição de fornecer alimento aos expedicionarios e augmentar a sua colleção zoologica, occupavam-se da pesca o cacique Libanio e mais tres homens. Um dia inteiro de paciente insistencia, rendia-lhes, como no Commemoração: 5 jahus, 1 matrinchan (o primeiro peixe de agua doce, abundante em Matto-Grosso e Amazonas, mas só encontrado nos rios cujas aguas correm para o Norte) e 5 piabas, isto é, alimentação para toda a turma em duas refeições...

\* \* \*

O receio de tornar-me prolixo, faz com que passe de largo sobre innumerous incidentes que tornam tão interessante a leitura do relatorio de Rondon, mas prejudicam o caracter expedito destas notas, que precisam ser syntheticas, por se destinarem a um jornal diario.

A 9 de Outubro, no kilometro 354 da exploração, os expedicionarios descobriram um rio de 50m de largura, a que Rondon deu o nome de "Pimenta Bueno", em homenagem aos serviços que este geographo prestou á Patria querida, e á sua margem acamparam, destacando uma turma para o fabrico da canoa que serviria para a descida do grupo chefiado por Alencarliense, cuja chegada, com o comboio de reforço, alli aguardariam.

Nesse dia chegaram da retaguarda os emissarios de Rondon, trazendo noticias do comboio de reforço e aliás muito más noticias, pois que a travessia do sertão havia dizimado a tropa, retardando-lhe a marcha a tal ponto que ainda estava no Retiro, mais de vinte leguas para trás. Dos duzentos cargueiros com que sahira de Tapirapoan, apesar de trocas e ajudas recebidas em Juruena e nesse Retiro, apenas vinte e seis (!) proseguiriam a viagem: 21, como "grosso da tropa", directamente sob o commando do Tte. Alencarliense e 5 formando uma vanguarda de reforço e

dispondo dos animaes menos fracos, destinada a acelerar a marcha na frente e levar, com a requerida urgencia, recursos á expedição exploradora, detida a sua espera e mantida já então exclusivamente com o producto da caça e da pesca.

Tendo afrouxado estes cinco burros, os tres homens da diligencia surgiram no acampamento com os mantimentos que puderam trazer ás costas. Graças á dedicação destes tres soldados, os expedicionarios puderam almoçar nesse dia caças com arroz cozido na gordura, parcimoniosamente temperadas com sal...

Em longa missiva, de que foram portadores, explicava o Tte. Alencarliense (V. nota 67), minuciosamente as dificuldades com que vinha lutando e justificava-se plenamente do retardamento da marcha. Algumas referencias serão suficientes para aquilatar dessas dificuldades. Na travessia de Aldeia-Queimada para o Juruena, teve elle de abandonar 67 muares, uns que morreram e outros que afrouxaram; dos 49 bois de reforço que Rondon mandara deixar-lhes em Juruena, apenas 18 foram encontrados nos *campeios* e dos 31 restantes só existiam as caveiras e os esqueletos, espalhados pelos chapadões; de Juruena, fez voltar 23 muares, que não aguentavam o nado dos rios devido ao estado de enfraquecimento a que tinham attingido; de Juruena a Campos-Novos ficaram pelo caminho 20 burros mortos e 25 frouxos; em Campos Novos ficaram 39 cargueiros; os 21 animaes seleccionados, com que partira de Campos-Novos, tambem não aguentaram a viagem, o que o obrigou a inversão dos papeis para pedir soccorro á turma de exploração a que devia prestar auxilio.

Rondon despachou então para a retaguarda 17 homens, com os animaes todos de que podia dispôr e recolheu os ultimos destroços do reforço. A 23 de Outubro chegou o Tte. Alencarliense com o que restava do comboio: dois muares e um boi, tres cargueiros, pois, ao todo, uma vacca de córte e 8 homens com as cargas da tropa ás costas!!...

A esse tempo já estava prompta a canôa "Colombo" de que os expedicionarios se serviram até para uma caçada de onça (V. nota 68), e Rondon publicou então a sua ordem do dia n.º 4, de 24 de Outubro, sobre a ultima phase do reconhecimento.

Desdobrou a expedição em tres turmas:

1) A turma de exploração e levantamento expedito do supposto rio Jamary (V. nota 69), chefiada pelo 1.º Tte. Alencarliense e de que fez parte o medico Dr. Tanajura, e com a qual seguio, sem subordinação ao chefe da turma, o zoologo Miranda Ribeiro. Esta turma levou 11 tripulantes para a canôa "Colombo" em que embarcaram, quasi todos doentes e impossibilitados de fazer a marcha por terra.

2) A "Turma da Retirada", dirigida pelo sargento Indalecio Rondon, que retrocedeu ao Juruena, com o encargo de recolher os animaes, viveres e material que a força das circumstancias obrigara a abandonar pelo caminho. Contra os seus desejos, vehemente defendidos, foi incorporado nesta turma um distincto moço que, por enthusiasmo e patriotismo, tomara parte na exploração (V. nota 70).

3) A "Turma do Reconhecimento", sob a chefia de Rondon, que proseguiu o serviço de exploração, "por montes e valles".

Nesse dia 24 de Outubro seguiram a seus destinos as duas primeiras turmas e, a 25, rompeu a sua penosa marcha, através da floresta amazonica, a terceira.

Com a segunda turma seguiram todos os animaes da tropa, pois que Rondon adoptara novo criterio na realização dos trabalhos de exploração.

"Dado o estado precario da tropa de reforço, que não nos permite contar mais com o seu auxilio, e tendo em consideração a entrada da epoca das chuvas, que exige a nossa sahida da matta no menor prazo possivel, resolvi modificar o primitivo plano de marcha e proseguir com a carga ás costas, o que evitará a demora que teriamos para abrir pi-

cada á passagem das tropas. A turma de reconhecimento executará, pois, o serviço com a seguinte disposição: a "Secção da Vanguarda", dirigida pelo 1.º Tte. Lyra, abrirá o *pique*; a do Centro, dirigida pelo 2.º Tte. Amarante, fará o levantamento do *pique*; e a da retaguarda, dirigida pelo 2.º Tte. Pyrineus, e composta de carregadores, fará o serviço de intendencia".

Até hi, a expedição caminhara 647km, a partir de Tapi-rapooan, e explorara, alem do trecho do itinerario, que servira de base á construcção da linha telegraphica, mais 240km de *variantes* diversas.

Rondon chefiando a turma de 28 homens a que ficara reduzida a Expedição, viu-se novamente em difficuldades no mês de Dezembro, para proseguir o serviço, não só porque a alimentação da turma quasi que se reduzira aos palmitos, ao mel de abelhas e aos problematicos resultados da caça e da pesca, como tambem viu grande parte dos seus homens impossibilitados já de proseguir a pé.

A aggregação á turma, de um homem que foi ahi encontrado sem-morto e perdido na matta, ainda veio aggravar a situação, pelo dever de humanidade que se lhe impoz de o conduzir e salvar (vide nota 71).

As informações prestadas por este extraviado vieram, porém, lançar a duvida, no espirito de Rondon, sobre a exactidão das cartas geographicas em que baseava seus estudos; todavia, admittiu elle, a principio, como mais razoavel, que não estivesse o informante em seu perfeito equilibrio mental, e proseguiu em demanda do Jacy, no mesmo rumo em que vinha.

O encontro de um rio, de regular volume d'agua, fez suppôr que se tratava de algum formador do Jacy, mas as investigações posteriores e a continuidade do serviço de exploração, em breve confirmaram tratar-se de um contribuinte do Jamary, o que estava afinal de accordo com o depoimento de Miguel Sanka — o extraviado — e demonstra-

va os enormes erros de todas as nossas cartas geographicas de então.

A esse tempo estava a turma reduzida exclusivamente á alimentação do que a floresta lhe podia fornecer: algum peixe que pescavam, raramente alguma caça, palmitos, mel de abelha e tocary (castanha do Pará, chamada). Como as piranhas haviam cortado varias vezes as linhas de pescar, fazendo assim desapparecer todos os anzóes, tornou-se preciso fabricar anzóes dos elos das correntes de medir distancias, o que foi conseguido pelo Tte. Amarante, ajudado por Koluizorocê, com o emprego apenas do fogo e das pequenas limas de cortar as ampolas de quinino...

\* \* \*

Sob a pressão das circumstancias já acima expostas, e certificando-se de que o rio encontrado era realmente contribuinte (V. nota 72) do Gy-Paraná, Rondon suspendeu a marcha, fez construir uma canôa e nella despachou, no dia 8 de Dezembro, mais uma turma, dirigida pelo Tte. Pyri-neus, na qual incluiu Miguel Sanka e todos os doentes e estropiados da Expedição. Como não havia outro recurso, essa turma teria que prover sua alimentação pelos mesmos processos que estavam sendo empregados pela Expedição.

E Rondon proseguio com o resto do pessoal: dois officaes apenas, o 1.º Tte. Lyra e o 2.º Tte. Amarante, e 12 trabalhadores e soldados.

Do excellento resumo publicado pelo dr. José Maria de Paula, sobre estes trabalhos, destaco o trecho com que descreve a parte final da Expedição de 1909:

“Continuou Rondon a sua marcha, em direcção ao Poente, reduzida agora a turma a quinze pessoas.

“Após cinco dias de penosa viagem, encontrou o valle de um rio que, no momento, não lhe foi possivel identificar.

“Seguindo, porém, o valle do mesmo, chegou a pequena turma á primeira *barraca* de seringueiros, onde vivia isolado em pleno sertão, um triste casal de caboclos que trabalhavam para um *aviador* de Manaus.

Foi então Rondon informado de que aquelle rio era o Pardo, affluente do Jamary, muito distante ainda do Jacy, rumo do Poente, alem de existir ahi intercalado, um outro ramal da cordilheira dos Parecís (V. Nota 73).

“Com os minguados recursos fornecidos pelos seringueiros, poude a expedição alcançar o *barracão* do Sr. Frota, onde fez um abastecimento mais completo.

“Proseguindo a viagem, parte por agua e parte por terra, foi com indizivel alegria que a pequena columna expedicionaria alcançou enfim o rio Madeira, a 25 de Dezembro de 1909 e chegou a Santo-Antonio do Madeira ao cabo de 237 dias em que, através de obstaculos e embaraços insuperaveis para outra expedição que não tivesse á frente o vulto intrepido de Rondon, foi vencida a formidavel distancia de 1.061 kilometros por terra e 1.594 por via fluvial, sem contar mais 240km, de diversas variantes ou seja um total de 2.850km, equivalentes a quatrocentas e setenta e cinco leguas! (V. nota 74).

“De Santo Antonio, ordenou Rondon o regresso da turma que estacionava no Jacy.

“A febre palustre que declinara durante os ultimos tempos da viagem, agora reaparecera com assustadora violencia, tanto que no dia 1.º de Janeiro de 1910, a temperatura do illustre doente se elevava a 41.º.

“Cinco dias depois embarcava o Coronel Rondon, ainda gravemente enfermo, com destino ao Rio de Janeiro, onde chegou exactamente um mês depois, por ter sido antes obrigado a desembarcar e tratar-se, durante algum tempo, na Bahia”.

São notáveis as ultimas palavras do relatorio de Rondon quanto á "Expedição de 1909".

"Assim findou a nossa peregrinação de 8 mēses, através dos sertões do Noroeste mattogrossense, a exploração realizada sob os auspicios do santo amor da Patria. Não fōramos mantidos por este sublime sentimento, não teriamos energia moral efficiente para supportar tão grandes choques em que a nossa resistencia physica se dobrava, sob o peso da fome e das privações de toda a sorte que nos atormentaram durante a travessia.

"Em compensação experimentāmos a excepcional ventura de contemplar a Natureza virgem deste pedaço do Brasil, jamais visitado pelo homem civilizado e onde extraordinarias riquezas jaziam occultas e abandonadas desde o descobrimento.

Tivemos a suprema fortuna de, pelo exemplo de um escrupuloso respeito á vida e propriedade dos naturaes da região, impulsionado pelo sentimento de fraternidade humana, deixarmos preparado o terreno para o entabolamento de uma alliança futura com as nações indigenas que encontrāmos em nosso longo caminho".

Das ordens do dia com que dissolveu a Expedição e elogiou (V. nota 75) o pessoal que tomou parte nos trabalhos de exploração, destaco ainda os seguintes topicos:

"Ufano-me de chefiar a commissão composta de moços cujo patriotismo tem sido posto á prova em todos os terrenos, e de praças cuja valentia faz honra ao Exercito á que pertencem.

.....

"Ao encerrar esta ordem do dia, quero deixar bem patente a minha profunda gratidão a todos os companheiros de jornada, tanto aos que aqui presentes se acham, como aos que desceram o Gy e o Jaru, e subiram o Jacy.

"A nossa maior fortuna não consistiu nesse *record*; a maior felicidade que alcançamos, repousa no facto, quasi vir-



gem, de termos atraevssado tão dilatado sertão, em que só de floresta medimos mais de 900 kilometros, sem perdermos uma só vida por molestia adquirida na travessia, e sem termos estabelecido guerra com uma só tribu indigena. Eis a nossa gloria e a nossa dita”.

.....

“Seria ingratição sem nome, senão injustiça clamorosa, se me esquecesse, no momento de despedir-me dos bravos companheiros da Expedição, de salientar os serviços que os dedicados Parecís, *amures* Toloiri e Koluizorocê, e Zoláma-ê, prestaram, com rara dedicação e especial habilidade, propria de sua raça, no decorrer dos trabalhos.

“O primeiro delles, o mais prestigioso, o mais valente e decidido, tombou infelizmente no inicio, tendo concorrido, anteriormente, para o completo exito da “Expedição de 1908”. Nem por isto deixou elle de concorrer, em muitas occasiões, pela sua memoria, constantemente invocada nos transes difficeis, para o exito da de agora, em que se alistara com verdadeiro e inexprimivel entusiasmo. Rendo, pois, por este meio, pallida homenagem á memoria desse valoroso Parecí Kozárini, intrepido guia da “Expedição de 1908”, victimado (antes de iniciar sua collaboração á actual expedição em que já se havia incorporado, no Juruena) por tão cruel quanto fatal enfermidade, que o transformou subjectivamente.

“O *Major* Koluizorocê foi esse dedicado companheiro que, com a docilidade caracteristica dos Parecís-Aritis, exerceu na Expedição o papel que estava reservado ao Toloiri e que elle desempenhou com igual dedicação e habilidade. Foi, com o dedicado Zolamaiê, o chefe dos caçadores e *mela-dores*, ao mesmo tempo que exercia a extraordinaria actividade de estafeta das florestas, conduzindo para a Retaguarda as informações e “croquis” da Vanguarda.

“Zolamaiê que exerceu mais especialmente o papel de *trilhador* era, na Expedição, o emerito matteiro, que ninguém excedeu”.

\* \* \*

Estas tres expedições estão descriptas pelo Gal. Rondon em relatorio impresso no typo chamado quarto *B*, isto é, do grande formato 0,m22 X 0,m32, com 363 paginas. Já eu disse, linhas atrás, lamentar a necessidade de resumir tão bellas e expressivas passagens, e a obrigação de deixar de lado innumerous episodios scintillantes que pontilham as narrativas do General Rondon. Não me posso furtar, no entretanto, ao desejo de transcrever algumas opiniões do notavel intellectual e conceituado escriptor paranaense, Dr. Dario Velloso, no apreciar, em magnifica synthese, esse substancioso volume:

“... Limpidas paginas, de epopéa sertaneja, dignas do pincel de um Pedro Americo, do genio musical de um Carlos Gomes, da lyra de um Castro Alves, espelham a estatura moral do Ultimo Bandeirante, synthese de toda uma valorosa raça; mas bandeirante da Pátria, da Fraternidade, da Paz; do Altruismo.

.....

“As datas nacionaes, commemoradas com amor, em pleno sertão, em plena matta virgem, impressionam o espirito, augmentam a estatura do pugillo de brasileiros, reunidos em torno do pavilhão constellado, nas horas evocativas das festividades patrias, empenhados que se iam numa “obra de progresso e de paz”, tão nitidamente definida pelo Coronel Rondon, tão nossa, tão accorde com a missão humanissima do povo brasileiro.

“A narrativa, por vezes, movimenta-se e attrahe como um romance, desata-se no imprevisto dos episodios, neblina-

ja maguas, adorna-se de gracilidade, eleva-se em conceitos philosophicos, faz-se doutrinação, explica, esclarece, corrige, evoca, propõe, persuade.

“O sentimento de respeito para com o aborigene e sua propriedade impõe-se como um dever, as descrições do pouso concentram o espirito e sensibilizam a alma, o lar inolvidado revela os nobres sentimentos do chefe de familia, o labor pela patria dignifica o cidadão, o credo positivista revela o sacerdote da Humanidade. As apreciaveis qualidades de character do Coronel Rondon, systematizadas pela doutrina de Augusto Comte, surgem a cada pagina derramando-se por tudo e por todos como um conforto, como um bem, esquecendo e elevando, espiritualizando-se com affectuosidades claras, em gratidões sensibilizantes, envolvendo os humildes em consoladores effluvios de carinho, subindo aos astros, no tauxiado das noites, em lances de fraternidade e paz. E’ a morte do Toloiri, o guia indigena, abatido por uma pneumonia, ás margens do Juruena; é a morte do Honorato, subito ferido pela propria arma, quando a limpava; é a ternura para com o pequeno indigena atacado pelos cães, é a piedade para com o extraviado, de nacionalidade austriaca, perdido, sem recurso, no amago da matta.

“Os animaes, irmãos inferiores da especie humana, merecem-lhe cuidados. Os cães da matilha são-lhe queridos. Poupa quanto possivel as feras aggressivas quiçá lembrando a prole que alimentam. Entretanto, o Coronel Rondon, em cujo imo ha fartos aromas de mansidões budhicas, é uma vontade de ferro, de inexgotavel energia, heróe pela raça e por temperamento.

“Sempre á fortaleza casa-se a doçura, repetiria, em o conhecendo, o evangelizador dos Simples.

.....

"A missão Rondon faz do arado e da escola os elementos primord'aes da victoria.

"E' genuinamente brasileira".

\* \* \*

Para terminr, direi que, não obstnte a exagerada modestia de Rondon, que prima em dividir a gloria entre todos os seus auxiliares, a realização dos trabalhos a que elle metteu herculeos hombros, especialmente os que dizem respeito ás explorações do sertão, de que são typicas as que acabo de descrever, se devem á sua acção individual, a suas qualidades excepçionaes, o que verifica mais uma vez o expressivo lemma do Commandante Cotarel: "Un homme est tout!", no título dado ao magistral artigo que acaba de publicar na "Revue Militaire Française" (Novembro de 1926).

Porto Alegre, Dezembro de 1926.

## NOTAS

NOTA 47 — No capitulo "Uma pagina de saudade", das minhas "Impresões da Comissão Rondon", escrevi a proposito deste mallogrado gaúcho:

"De todos os vultos que desappareceram no decorrer dos trabalhos da Comissão Rondon, o primeiro nesta homenagem que lhes vou prestar, com pungente saudade, não só por justiça, como pelo grau affectivo particular que me ligava a cada um delles, cabe ao distincto companheiro 1.º Tte. João Salustiano Lyra, competentissimo engenheiro-militar tão cedo desapparecido.

"Vissem-no de perto como eu, robusto e jovial; modesto e sensato; cordial como todo o individuo dotado de espirito superior; energico nos momentos precisos, sem *quixotadas*, mas firme, resoluto, inabalavel, orientado pela bussola invariavel da dignidade e do dever, e certamente lamentariam do fundo d'alma que uma juventude tão esperançosa fosse bruscamente supprimida pelo destino!

Da sua capacidade sempre victoriosa a cada prova a que fôra submettida, de seu brilhante talento, de seu já vasto cabedal scientifico e pratico, de suas elevadas virtudes, não só o Exer-

cito como o Brasil, e quiçá a humanidade, teriam colhido extraordinárias vantagens se bem longa houvesse sido a sua trajetória na vida.

"Digno emulo de Rondon nas grandes explorações do sertão, foi elle o unico a quem o notavel chefe confiou o serviço da vanguarda, que é afinal, propriamente, toda a exploração, e requer intelligencia, *golpe de vista*, decisão, tacto especial; bastava isto para o recommendar, se elle não trouxesse, desde os bancos escolares, a tradição do merecimento que se destacava do commum duma geração.

.....

"Quiz um destino caprichoso, imprevisto como todos os destinos, que fosse perder a vida num pequeno rio (Sepotuba, affl. marg. dir. alto Paraguay) aos 3 de abril de 1917, quando dirigia uma turma independente de serviço geographico, em trabalhos de levantamento da Carta de Matto-Grosso.

"Como a sua vida excepcional, excepcional foi tambem a sua morte, envolvida no mysterio da ausencia de testemunhas. Estas, apenas assistiram á primeira phase do desastre que o victimou; como desapareceu, e para sempre, o seu corpo, na profundidade das aguas, ninguem o sabe".

Nem o saberá nunca.

As pesquisas minuciosas a que se procederam logo em seguida, apenas puderam descobrir o cadaver do seu companheiro de infortunio, grande nadador como elle, o Tte. Eduardo de Abreu Botelho. Essas pesquisas duraram do dia 3 ao dia 8, sem resultado, e foram ainda infructiferas, quando retomadas, na epoca da vasante do rio, meses após.

São palavras do General Rondon, em telegramma que me transmittiu, do Jamarý, por occasião do desaparecimento deste valoroso official, quando eu chefiava o Escriptorio Central:

"Custa-me acreditar em tão cruel desastrel Dolorosissimo aceitar realidade morte nosso carissimo Lyra, o mais bravo, mais tenaz, mais distincto, mais completo official do Exercito que honrou Comissão Telegraphica, heroico explorador sertões noroeste mattogrossense, que me acompanhou todas expedições tiveram por fim atravessar de Matto-Grosso ao Amazonas (1907-1908-1909-1913-14). Foi braço forte Expedição Roosevelt, esca-para de morrer em 1907, quando no Juruena os indios Nhambiquaras atacaram de surpresa a vanguarda da expedição, arrostou 120 kilometros de altaneiras cachoeiras no rio Roosevelt, com risco de vida, salvo de todas as temeridades.

"Quiz a sorte que elle viesse perecer num desastre, proximo a cidade mais proxima de sua casa e de sua familia, em rio muito conhecido e povoado, quasi propriedade exclusiva da familia sua nobre Senhora. Que injustiça da sorte!

"Tão triste desastre que cobriu de luto a Commissão, arrebatou-nos nosso bravo Lyra, o mais entusiasta dos expedicionarios de 1907 a 1909, o amigo que tudo começou a sacrificar, desde aquella epoca, não trepidando em desfazer um contrato de casamento, se este o privasse da liberdade de poder honrar a sua palavra anterior. Que caracter digno de imitação! Como o admirava dentro daquella modestia impecavel, exemplar. A nossa desdita é tanto maior e mais sensivel, quando sentimos que vai rareando a fileira da Legião que se apresentou para honrar o Brasil e o Exercito, numa pugna em que os sentimentos mais nobres da Patria estavam em jogo.

"Que fatalidade!"

Constitue bello ensinamento o episodio a que allude o General Rondon e que define a altivez de caracter e a orientação civica desse moço extraordinario. Tomara elle o compromisso moral de acompanhar Rondon em quantas expedições fossem precisas para completar a exploração das terras desconhecidas do nordeste brasileiro, e, antes de se iniciar a "Exposição de 1909", annuncia-se o seu noivado. O pai da distincta noiva, pertencente á familia mais conceituada e mais abastada de S. Luis de Caceres, impulsionado pelo sentimento e naturalmente receoso de que algum desastre lhe arrebatasse o futuro genro, durante a projectada e perigosissima travessia, tenta dissuadi-lo e argumenta com o facto de ter sido empenhada a sua palavra antes do contrato de casamento. E o Tte. Lyra, cujo coração transbordava de affecto por sua adorada noiva, dominando o sentimento com a razão, soube delicadamente fazer com que esse dedicado pai comprehendesse quanto superiores se patenteavam nessa alma espartana os deveres para com a Patria em relação aos da Familia, e quanto impossivel seria faltar á palavra dada, mesmo que para cumpril-a fosse mister desmanchar o seu casamento!

E seguiu, e attendeu assim ao compromisso tomado, para depois então voltar a Caceres e realizar o seu consorcio.

Episodios como este, são traços indeleveis que definem um caracter sem jaça e uma energia varonil.

Durante alguns annos, o Tte. Lyra permaneceu na Allemanha, onde se especializou em electricidade, seguindo o curso completo de uma das melhores escolas então existentes. Ao fim, o director da escola (coisa que é pouco vulgar nesse paiz e, quando se dá, revela exclusivamente o gesto de absoluta justiça), jul-

gou-se na obrigação de comunicar ao addido militar do Brasil que aquelle alumno fizera um curso brilhante, ao termo do qual não só pôz á prova sua competencia na materia, como tambem conseguiu exprimir-se em allemão como se fosse a sua propria lingua.

Recusou depois a direcção de conhecida e importante casa allemã de electricidade, com séde no Rio de Janeiro, preferindo ás enormes vantagens pecuniarias, que lhe eram offerecidas, as vicissitudes de sua nobre carreira militar, tal como havia já recusado a rendosa e commoda gerencia da importante firma commercial de seu sogro.

Quando alferes-alumno — e dos mais brilhantes — mal terminara o seu curso scientifico, foi, a insistencias do grande mestre ha pouco desaparecido, o Marechal Trompowsky, nomeado logo em seguida repetidor da cadeira de calculo differencial e integral e geometria analytica, revelando-se competente e methodico professor durante o curto periodo em que leccionou essas materias.

Ultimamente, antes de exercer a commissão que o victimou, fôra professor de Astronomia e Geodesia da Escola de Estado-Maior do Exercito, em cujo ensino pôz mais uma vez em evidencia o seu profundo conhecimento theorico de tão difficeis sciencias, como a sua larga pratica de operador de grande precisão no manejo dos instrumentos respectivos, de que havia já então deixado provas robustas nos fastos scientificos da Commissão Rondon.

Eis, em fugidios traços, a inconfundivel personalidade desse rio-grandense illustre cuja perda o Brasil deplora e cuja memoria a Commissão Rondon venera.

NOTA 48 — As apreciações do Dr. José Maria de Paula foram publicadas, conjuntamente com as do Dr. Dario Vellozo, em opusculo intitulado "De Matto-Grosso á Amazonia". A 1.<sup>a</sup> edição desse opusculo data de Abril de 1917 e foi patrioticamente custeada pelos dois conhecidos literatos de Coritiba.

O Governo do Estado do Paraná, num gesto civico, fôra dos moldes communs, mandou imprimir uma 2.<sup>a</sup> edição desse opusculo, destinada á distribuição gratuita por todos os collegios estaduais.

Merece, pois registo este caso unico, de alta significação moral, não só porque revela a orientação daquelle governo, como porque attesta que o assumpto foi considerado capaz de concorrer para a educação civica da mocidade brasileira.

NOTA 49 — Quando me encontrava na estação de “Parecís” cuja construcção superentendi, tive occasião de fazer com que estes indios comprehendessem bem o valor das nossas moedas e do systema de pesos e medidas em uso (aliás em continuação ao ensino igual prodigalizado pelo proprio General Rondon), mostrando-lhes o prejuizo que tinham nas transações com os seringueiros, quer se tratasse da venda da borracha que extrahiam, quer da venda de objectos de sua industria: rêdes, tangas, arcos, flechas, etc..

Havia gente inconsciente que vendia aos indios a linha necessaria para a fabricação de uma tanga e comprava depois a tanga feita, por preço inferior ao da materia prima empregada!

Devo, incidentalmente, chamar a attenção para a industria dos Parecís. Elles, habitualmente, fiam o algodão necessario á confecção das rêdes e das tangas; aquellas são bastante fortes e bem acabadas, e tal é a procura que se torna preciso algum empenho para comprar uma, e estas, com desenhos caprichosos como se fossem feitos á machina, obtidos por meio de linhas coloridas, constituem especialidade desta tribu. A tanga, só usada pelas mulheres e fabricada sob medida, é constituída de malha de algodão, onde não se percebem as emendas do tecido continuo e elastico, formando como que um cylindro de panno, sem as bases. Na posição em que o collocam, resiste a todos os exercicios e movimentos do corpo, como se com este fizesse systema, e não sahe do lugar; é um espartilho “sui-generis”, de invenção Parecí e que bem demonstra o pudor de suas mulheres, em comparação com as de outras tribus.

NOTA 50 — Do relatorio do General Rondon copio o seguinte topico:

“Vem a proposito relatar o curioso processo por que esses indios extrahem o mel.

“As abelhas procuram sempre as arvores ôcas para fazerem a sua colmeia. Conforme a especie, essa colmeia, se compõe geralmente dos seguintes apendices: *a porta*, constituída por um canudilho de cêra, de dimensões, côres e fórmás diferentes, ás vezes sem nenhuma fórma exterior definida, como succede com as especies de manduri, as quaes apenas collocam, no orificio que dá accesso á colmeia, uma leve camada de barro endurecido por um liquido especial que segregam dando-lhe a consistencia de excellente argamassa; *um canal estreito* que se communica com o ôco maior, onde geralmente ellas fabricam os primeiros e mais abundantes favos; por fim, *a cavidade em que guardam os filhos* e onde, quasi sempre, collocam a ultima camada de



mel, abaixo dos filhos, separados sempre por forte parede, constituída de breu especial, do fabrico privativo desses intelligentes insectos.

"Pois bem, o indio dirige o golpe do seu machado, com precisão, sobre a cavidade que contem a maior quantidade de mel, não tocando nas cellulas com filhotes, que deixa em seu lugar; tapa com folhas o buraco feito pelo machado, para que as abelhas continuem na mesma colmeia, permittindo assim, no anno seguinte, aproveitar da mesma abelheira nova provisão de mel".

NOTA 51 — *Jaty* é o nome de uma das especies de abelhas que produzem excellente mel; em outros lugares do Brasil, é tambem conhecida por *jatahy*. O dulcissimo, claro e perfumado mel, já decantado nos tropos indigenas do grande romancista brasileiro José de Alencar, citado pelo notavel Visconde de Taunay e outros escriptores que se têm occupado carinhosamente com as coisas do Brasil, só é excedido em qualidade, dentre os que produzem as nossas abelhas selvagens, pelo que fabricam as mandory ou mondori, de que existem tres especies em Matto-Grosso. Segue-se em qualidade o lindo e saboroso mel da *mandaguary*, chamada no Ceará sanharão, nome este que em Matto-Grosso corresponde a outra abelha muito differente, cuja designação scientifica é, conforme A. Ducke, *Silvestrina* (*Vachal*).

Esta seriação deu lugar a que certo viajante de Matto-Grosso declarasse aos seus empregados que só lhe trouxessem mel de abelhas cujo nome terminasse em i...

Colho ainda na excellente "Hymenoptera", de A. Ducke (publicação n. 35 da Comissão Rondon) mais as seguintes informações sobre as abelhas do Brasil:

"As classificações scientificas das tres especies de mandurys são: *marginata* (Lep.), *interrupta* (Sm.), com duas variedades — *typica* e *grandis* (Guér), e *santhilari* (Lep.), identificada á *mandassaia do chão*, de S. Paulo; a *mandaguary* é a *postica* (Latr.).

"O mel de algumas especies de abelhas, parece constantemente imprestavel (*tataira*, *ruficrus*, *heideri* e outras), ao passo que ha as que fabricam invariavelmente um mel muito saboroso (*jaty*, *scutellaris*, *interrupta*, etc.), o que sem duvida se prende a certos costumes que influem sobre a pureza do producto, e de uma selecção entre as flôres cujo nectar ellas aproveitam".

O Dr. Ducke contesta a existencia de meliponãs que produzem mel venenoso, como muita gente propala.

Das 63 especies brasileiras por elle classificadas, 51 são assignaladas na Amazonia (18 das quaes só alli habitam), 47 no Pará, 27 em S. Paulo, 19 no Ceará e 7 no Rio Grande do Sul.

“A maior parte do Estado do Maranhão, o centro e talvez mesmo o norte de Goiaz e o centro de Matto-Grosso, formam uma zona de transição entre as faunas meridional e amazonica”.

O competente naturalista avalia em pouco mais de cem as especies de abelhas existentes no Globo, das quaes a maioria habita a America tropical, figurando nesta a Amazonia em primeira linha.

NOTA 52 — Dentre outras photographias ampliadas, em grandes quadros, com scenas relativas ás explorações do General Rondon, para a construcção de linhas telegraphicas, existe na Repartição Geral dos Telegraphos, no Rio de Janeiro, a que perpetua este feliz acaso que salvou a preciosissima vida do General Rondon. Vê-se ahi a arma de caça com a sua bandoleira atravessada pela ponta da flecha; esta ponta é de durissimo cerne de madeira de lei, com duas series de dentes (serrilhas) lateraes. A photographia original pertence ao já vasto archivo photographico e cinematographico da Commissão Rondon.

NOTA 53 — Mais tarde, quando Rondon conseguiu a pacificação de varios grupos de Nhambiquaras e a reconciliação entre os indios Parecís e varios nucleos das daquella tribu guerreira, obteve mesmo que numerosos Nhambiquaras visitassem os Parecís, aldeados pela Commissão Telegraphica ao pé das estações de Ponte de Pedra e Utiarity, juntos se *banqueteassem* e de braço dado, uns e outros, dansassem e cantassem em torno da fogueira em que se lhes preparara abundante churrasco, scena esta ultima que foi cinematographada e faz parte do 1.º *film* trazido do sertão, sob o titulo “Os sertões de Matto-Grosso”.

Esta *diplomacia* foi ainda empregada com grande exito, para fazer cessar hostilidades entre grupos de Nhambiquaras que se guerreavam mutuamente, por motivos de nonada.

NOTA 54 — Na realidade o competentissimo zoologo da Commissão, Alipio de Miranda Ribeiro, preparou o esqueleto e estudou o veado a que se faz referencia, incluindo-o entre os exemplares de que tratou no seu relatorio sobre “Mammiferos”, colleccionados em suas viagens a Matto-Grosso. Verifica-se desse importante trabalho que o *veado negro* desse Estado é uma *especie nova de veado*, a mesma a que no Pará se denominava *phoboca* ou *veado pequeno*, no Piahy, *garapú*, e no Amazonas *veado rôxo*.

Refere o illustrado naturalista patricio que o *veado negro* é um dos mais ariscos do Brasil e que, apesar dos esforços empregados por elle e pelo General Rondon para obter um exemplar, muitas vezes foram burlados todos os planos dados e, de outras, apesar de

visto de relance, não tinha sido possível abatel-o, tal a rapidez de seus movimentos e a sua sagacidade.

Está classificado scientificamente por M. Ribeiro, como "*Mazama rondoni*", o que significa que a especie nova foi dedicada ao Gal. Rondon, a quem o zoologo deveu a verificação a que procedeu, e da qual resultou a affirmativa de que este veado tem sido confundido por outros naturalistas com o *Cervus simplicornes de Illiger*", typo de animal que habita a Republica do Paraguay, ao passo que "*Mazama rondoni*", não é encontrado ao Sul da matta da Poaia (margem direita do alto-Paraguay, á altura da Barra dos Bugres).

NOTA 55 — Esta affirmação do anseçada denota sua falta de calma, pois é absolutamente inexacto que as mulheres selvicolas tomem parte nas lutas, privilegio em todas as tribus, do sexo forte. A sua confissão provem do aspecto (aliás muito generalizado entre selvagens) do guerreiro Nhambiquara, com os cabellos cortados a pedra, cahidos até as orelhas ou pouco abaixo, em torno da cabeça.

NOTA 56 — A *pelota* é uma embarcação improvisada, cujo fabrico exige apenas um couro de boi (geralmente o que serve de ligal, para cobrir as cangalhas e as cargas depois de carregados os animaes), amarrilhos, que podem ser de corda, arame, cipós ou embiras da matta, e em varas cortadas no momento. Levantam-se as 4 pontas do couro, amarrando-as de modo que se forme uma caixa aberta na parte superior e cujo fundo tem a forma de quadrilatero irregular.

Para manter indeformavel o systema, adaptam-se quatro varas á altura das bordas, amarradas entre si, pelas pontas, duas a duas, e fixadas ao longo de cada face da caixa, parallelamente aos lados do quadrilatero do fundo; e amarram-se, em diagonal, duas outras varas.

Lançada á agua, tem-se assim uma embarcação perigosa, mas que, todavia, representa importante recurso no sertão e permite transportar, de cada vez, uma carga de vinte arrobas (300 kilgs.) de uma para outra margem, com auxilio de um cabo de vai-vem.

NOTA 57 — Assim refere o Gal. Rondon, em seu relatorio, este inesperado acontecimento: "O que terá acontecido? Foi a nossa primeira interrogação. As praças apresentavam o aspecto de graves soffrimentos: esfarrapadas e sujas, magras e famintas, relataram-nos a viagem que fizeram, em tres dias, sob o

peso do medo de encontrarem os terríveis Nhambiquaras. Para atravessarem o Juhina, onde quasi morrera afogado um delles, serviram-se da canôa que havíamos escondido no brejo da margem esquerda. Viam a todo o momento, na sua phantasia, um grupo de indios arrebatá-los para lugubres aldeias, onde talvez pudessem servir de pasto áquelles selvicolas, sedentos de vingança. Dormiram ao relento duas noites, debaixo de pesadas chuvas, e caminhavam pela nossa picada sob o guante da ordem recebida: "Alcançar-nos fosse onde fosse, com a maxima urgencia"! Chegaram afinal com tres dias de marchas forçadas, os dois valentes caboclos, desempenhando assim com apreciavel rapidez a missão que lhes fôra confiada.

"Entregaram-me duas cartas. Rasguei os envelopes, lendo-as em sobresalto. Foi como se tivesse recebido um golpe profundo. A construcção da linha telegraphica estava em crise; os dois ajudantes majores Braga e Avila, aos quaes confiara a direcção da administração e da construcção, pediam-me que voltasse, por não poderem achar a necessaria solução á crise que sobreveio após a minha retirada do acampamento (V. nota 58).

"Por outro lado, o Tte. Alencarliense, que havia chegado ao Juruena com o comboio de reforço, ao me remeter essa correspondencia, de que tinha sido portador até alli, escrevia-me esclarecendo a situação e appellando para a minha reflexão, deante da magnitude do assumpto".

NOTA 58 — Tratava-se realmente de uma das mais agudas crises, das muitas que assoberbaram a Commissão Rondon e eu pude bem sentir-lhe as violentas pulsações, porque me achava destacado então em "Parecís", primeira das estações telegraphicas construidas no sertão.

Por maior que fosse o sigillo guardado, para evitar o panico e as deserções dos soldados, o meu destacamento ficou logo inteirado das fugas, em grupos de 9 a 18 homens de cada vez; da falta de sal no acampamento geral; das queixas das praças que com razão allegavam sentir fome no trabalho, por serem alimentadas somente com feijão e arroz, durante muitos dias; da falta de açúcar, etc. Esforcei-me quanto pude para alliviar essa crise horrivel e consegui, por duas vezes, mandar-lhes a tempo ás seis e ás onze sacas de sal; pessoalmente dirigi o campeio dos bois esparsos pelos chapadões de Parecís, foragidos dos nossos acampamentos, quasi todos vivendo *alçados* pelo sertão afóra, e reuni um total de perto de cem cabeças, que lhes expedi em tres partidas diversas; cedi-lhes a minha carreta e os dois lotes de bois carreiros que eu havia organizado para

os trabalhos de transporte de madeira, pedras e adobes destinados á construcção das casas da estação, etc.

Mas estas possibilidades foram se acabando e eram gottas no oceano, pois que as nossas tropas cada vez mais magras, reduziam-se, aos saltos, com a peste de cadeiras ou pelo afrouxamento dos animaes, devido ás pessimas pastagens do planalto.

Appellou-se para as tropas dos particulares e as retribuições reclamadas attingiram a quantias exhorbitantes, extorquidas ás nossas tremendas necessidades e ás perspectivas da fome, por gananciosos negociantes que impatriotica e deshumanamente exploravam a situação.

Para a alimentação das praças, a importancia então necessaria á aquisição dos generos, excedia muito o valor official das etapas.

Debatia-se, pois, a administração em situação insustentavel que parecia sem solução.

Foi sob a premencia de taes circumstancias que se mandaram os angustiosos brados de soccorro, pressurosamente, ao encalço do chefe da commissão. E Rondon acudiu promptamente, multiplicando providencias energicas e decisivas, restabelecendo dentro em pouco a confiança geral e a normalidade da vida do acampamento e da construcção da linha.

Dentre muitos episodios curiosos a que deu lugar a acção repressiva que teve de exercer, referirei tres que dárão idéa dos meios empregados pelo famoso chefe para conjurar a crise:

1) Vindo em soccorro da construcção, encontrou elle, em marcha para o acampamento, o gado que certo fornecedor contratara vender-nos, por fabuloso preço. Examinou os bois magros, velhos ou doentes, que o homem queria impingir-nos e, sem admittir discussão sobre o caso, recusou-os logo alli, peremptoriamente, obrigando o tratante a regressar immediatamente, com todo o seu gado, sem direito a indemnização alguma!

2) Marcou os preços que lhe pareceram razoaveis, calculado para um lucro moderado dos fornecedores, exigiu e obteve destes a entrega dos artigos no acampamento, tudo quasi pela metade da importancia reclamada antes por descabidas exigencias desses desalmados ambiciosos.

3) Reconstituiu o pessoal do meu destacamento de Parecís, desfalcado pelas deserções, attendendo assim aos meus constantes appellos, que antes não produziram resultado, sob a allegação apparentemente justa de facilitar novas deserções. Eu ficara reduzido a tres soldados; ponderava que o rendimento do meu serviço era assim quasi nullo; que me constrangia o encarecimento que isto produzia no preço da unidade de trabalho; pro-

punha-me a ir pessoalmente buscar os novos soldados que se destinassem ao preenchimento dos claros do meu destacamento; por ultimo, pedia minha exoneração, por não me conformar com a doce inactividade a que me queriam forçar. Rondon logo que chegou ao acampamento geral, passou-me honroso telegramma, recusando-me a demissão pedida, "por continuar a merecer sua confiança" e achou geito de me enviar alguns soldados mais alem do minimo que eu tanto reclamava!

Eis ahi provas bem evidentes de que, naquelles trabalhos, Rondon era *insubstituivel*.

NOTA 59 — Registem-se para a gloria de Rondon, algumas phrases contidas nesses documentos que eram subscriptos pelos seus dedicados e competentes ajudantes, já veteranos em trabalhos dessa ordem.

Dizia o Major Avila:

"A casa Dulce, com que contavamos, declarou que nada mais podia adeantar á Commissão, por já ser demasiadamente grande a nossa divida... Bastou a tua retirada para que cessassem os resultados das providencias que deixaste tão bem combinadas e que certamente não falhariam, se tivesses podido permanecer allí por mais tempo... Bem sei que tal organização nunca deixou de merecer os teus cuidados, e parecerá imprudencia de minha parte vir tratar de assumpto que conheces melhor que todos nós. Mas a verdade é que, apesar de tudo, as providencias tomadas têm falhado sempre, persistindo a necessidade de accumular, quanto antes, no sertão, todos os elementos de que poderemos precisar por longo tempo, para depois atacar novamente outros trabalhos, etc. Infelizmente, porém, essa empresa excede ás minhas forças e ás do Braga...

Eis porque me parece, e ao Senna Braga, que muito proveitosa seria a tua vinda ao acampamento, pois farias desaparecer estas difficuldades que, sendo insanáveis para nós, cessariam immediatamente com a tua presença... Escrevo-te com toda a franqueza e lealdade, dirigindo-me mais ao amigo que ao chefe, etc."

Palavras de Senna Braga:

"Ao escrever-te esta, estou *inteiramente* desanimado e só a tua presença, com urgencia, poderá recolher os destroços do naufragio completo... Durante o mês passado não construímos nem um kilometro de linha; communiquei que tinha suspendido o serviço... Uma "débacle"! As nossas tropas só poderão dar mais uma viagem e será, então, o exodo, por falta de generos".

Confirmava Alencarliense:

"A fome tem batido, varias vezes, á porta do acampamento. Dos bois que o Sr. encomendou ao Dario, chegou a primeira

remessa, juntamente com as vaccas, magros, pequenos, em estado miseravel e já com a febre aphtosa incubada. Todos os dias morrem diversos (V. nota 60) e devido a isso ficámos sem carne no acampamento até a vespera da minha partida, quando chegaram os de Parecís (campeados, reunidos e expedidos sob a direcção do autor destas linhas, para acudir justamente á crise) é que então passámos a carnear, escolhendo os menos magros...

.....

Soldados têm desertado aos magotes. A ultima turma que desertou foi de 18; a penultima de 9, desceu o rio Arinos, fazendo o diabo com os seringueiros... — Pondero-lhe, sr. Coronel, como companheiro e amigo particular, que é preferivel parar o reconhecimento a parar a construcção. Venha salvar a situação enquanto é tempo... — A construcção ficou completa até "Ponte de Pedra"; d'ahi por deante deixei só 55 postes levantados e a picada na matta do Corrego da Flôr. Veja o Sr. em que ponto estamos! Quando é que chegaremos ao Juruena? — Nunca, se o Sr. não voltar: não temos mais tropa, nem bois, nem fornecedor, nem dinheiro... — Permitta-me ainda ponderar-lhe que o Sr. não deve confiar na palavra dessa gente. Na sua presença elles tudo promettem e tudo fazem mesmo; na sua ausencia, faltam com tudo, pouco se importando com as consequencias".

NOTA 60 — Tínhamos, na occasião, mais de trezentos homens no acampamento e eram diariamente abatidas tres ou quatro rezes. A carne das que estavam affectadas do mal, era escura, denegrida, causando nojo, e por isto rejeitada "incontinenti".

A mortandade do gado ascendeu a proporções taes que impôz algumas vezes a mudança de acampamento, para evitar o trabalho de enterrar as rezes mortas ou supportar-lhes as emanações putridas, quando inseptulas, pois é sabido que nessas paragens desertas não existe o urubú.

NOTA 61 — Apesar dessa humanitaria providencia, não foi possível salvar a preciosa vida deste notavel scientista patricio, justamente considerado como eminente especialista em Geologia. Atacado de impaludismo, mal alcançou a cidade de S. Luis de Caceres, ahi falleceu aos 13 de Junho de 1909. Tocou-me, mais tarde, a piedosa tarefa de providenciar sobre a exhumação de seus ossos e de fazel-os transportar de lá á cidade de Itabira do Campo, Minas-Geraes, onde foram entregues, no dia 27 de

Fevereiro de 1917, ao seu venerando e desolado genitor, que os requisitara.

A Comissão Rondon, com grande trabalho, dedicação e dispendio, tem sempre e innumeradas vezes atendido a pedidos como este, honrando assim a memoria dos que tomaram no sertão a seu serviço.

NOTA 62 — E' digno de nota o facto de ter ó General Rondon estabelecido o horario dos trabalhos de fórma que coincidisse a hora do descanso da turma com a hora em que costumava elle ter os accessos febris, durante o dia. O grande alto durava, pois, o tempo necessario para que passasse a febre, e então erguia-se elle de novo e proseguia impavido, como quem não mede sacrificios no cumprimento do dever.

NOTA 63 — O rumo proposto pelo Tte. Lyra tinha a vantagem de aproveitar a direcção que levava a trilha de indios, que elle percorrera, em exploração, passando por dentro de uma grande taba selvicola.

A respeito desta, refere o relatorio de Rondon:

“A exploração parcial do Lyra foi ter a uma cidade de indios, formada de diversos agrupamentos de casas ou ranchos, abandonados recentemente pelos seus habitantes, depois, naturalmente, que descobriram a nossa presença nestas paragens. Foram contadas 14 roças, em pequeno perimetro, em torno do grande aldeamento, e muitos agrupamentos de casas em torno da maior, residencia do chefe supremo dessa tribu, alli vivendo vida regular e semi-nomade, com grandes plantações de mandioca, feijão, milho, cará, batata, amendoim, araruta e algodão. Pela observação do cacique Parecí, Major Libanio e do indio Joaquim, esses indios têm muita coisa de semelhante aos Parecís-Uaimarés: a peneira, o balaio, o coadoiro, a maniquera, as prezilhas do tornozello e da perna, feitas de mangaba e de seringa”.

NOTA 64 — Trechos de communicados diversos do Tte. Lyra ao chefe da Expedição:

“8.º Bivague da Vanguarda-12-7-09.

Sr. Cel. Rondon. Prezado amigo. Estou com o serviço a 12 kilometros do ribeirão Irivassú-inazá, sendo o meu bivague a 8km, pois tive de voltar, por não encontrar agua na frente. Hontem fiz o meu bivague a 7km e sem agua... Subi a uma arvore bem alta e pude ver que para o Norte ha grande morraria, coberta de matta... Parece, portanto, que estou percor-



rendo a vertente Norte do divisor. Não quero tentar inclinação para o Sul, porque alongaria a marcha da exploração”.

“9.º Bivague da vanguarda, em 13-7-09 ás 22h. Prezado Chefe e amigo. Só agora me chegou ás mãos a vossa apreciada carta de 9, em resposta á minha de 7, escripta do 4.º bivague. A exploração tendo de attender ás condições do bom caminho para a tropa, não pode sempre seguir o mesmo rumo e o desenho vos mostrará as inflexões que tenho feito para achar passagem, desviar grotas etc.”.

“34.º Bivague da Vanguarda, 1-10-909. Sr. Coronel Rondon. Prezado amigo... Como mostra o desenho junto, a trilha dos indios, com grande surpresa minha, levava quasi o mesmo rumo... Continuei hontem, com grande curiosidade de ver a passagem dos indios. Como a trilha seguia rumo N. N. W., percorri ainda 2km, e encontrei um acampamento de indios, com os ranchos cobertos de novo. Ao nos aproximarmos, notei que alguns indios se moviam dentro dos ranchos e então disse ao “Major” Libanio para falar-lhes, afim de evitar que corressem. Eramos quatro apenas e fomos nos aproximando. Porem, apesar do “Major” falar-lhes, foram elles se retirando, dois homens e duas mulheres, e se dirigiram para o matto, sem correr. Um dos homens andava com difficuldade, por estar manquejando. Voltavam-se para trás e nós lhes acenavamos, chamando; porem elles proseguiram e se occultaram na matta proxima. Percorremos então os ranchos, em numero de 6, onde se encontravam todos os objectos de uso delles, inclusive dois arcos, com muitos maços de flechas. De um dos ranchos onde estava um bello arco, vinha sahindo um indio que, se occultando por trás do rancho, procurava apanhar o arco, quando já estavamos proximos.

“Era uma turma de caçadores que alli havia acampado. Quando examinavamos os ranchos, notei que um dos indios sahira do matto e se aproximava. Mandej o “Major” chamal-o e eu acenei-lhe; porém, elle perdeu a coragem e foi se retirando.

“No rancho de onde sahiram as mulheres, encontrámos 4 papagaios mansos.

“Sendo já tarde e estando longe do bivague, resolvi voltar, deixando ahi dois facões, duas facas, o meu canivete e um lenço, tudo arrumado no rancho maior e junto a um arco e um maço de flechas.

“Apenas tinhamos andado 100m, quando vimos uma india com uma criança, caminhando na nossa direcção (naturalmente de recolhida ao seu acampamento), pela mesma trilha que nós seguíamos. Ella trazia um grande “baquité”, carregado de ananazes e já não podia fugir, por dar connosco muito perto. Ao chegarmos junto della, mostrou-nos com um gesto o caminho

que deveríamos seguir. O "Major Libanio começou a falar-lhe e ella falava tambem; porém parece que não se entendiam. Percebia-se que ella estava com bastante medo e não deixava de nos examinar com cuidado. Peguei na mão da criancinha, com o fim de agradal-a e tranquilizal-a. Deixei o Libanio segui-la até os ranchos, falando sempre, e acompanhei-os até lá. Mandeí o "Major" dar-lhe um canivete de presente, porém ella não o recebeu, e indicou o rancho, para que ahi o deixasse.

"Foi pena estarmos desprevenidos de objectos para presentes, pois os havia mandado deixar no brejo e nem as facas o Libanio trouxera comsigo.

"Desejo que o nosso soldado tenha melhorado (V. nota 65). Saudades aos companheiros. Receba affectuoso abraço do amigo e admirador

(a) J. S. Lyra".

NOTA 65 — Referia-se ao anseçada Honorato Mendes, que, infelizmente, fallecera no dia 31 de Agosto, victimado por accidente de arma de fogo, disparada por suas proprias mãos.

São dignas de apreço as homenagens que Rondon prestou á memoria desse simples soldado, determinando a concentração de todas as turmas no acampamento em que se dera o desenlace, para assistir ao enterro, durante cuja solennidade leu elle a ordem do dia de onde destaco os seguintes topicos:

"...Lamentando tão desastroso acontecimento, cumpro o dever de salientar os bons serviços que esta praça prestara á Commissão, e especialmente nesta Expedição exploradora, onde foi um modelo de obediencia, boa vontade no trabalho e cumprimento do dever.

"...Deixa, porém, aos seus companheiros, um exemplo de dedicacão ao serviço da Patria, e motivada saudade aos seus superiores, com os quaes trabalhou em diferentes serviços, que executou sempre com a alegria de uma alma sadia e simples.

"Em homenagem ao dedicado servidor, que morreu no trabalho, resolvi dar a esta cabeceira o nome de "Cabeceira do Honorato", com que ha de figurar na Carta que a Commissão organizará, e collocar um marco de madeira de lei para indicar o local em que para sempre ficarão cobertos pela sombra da floresta secular os restos do nosso modesto companheiro de jornada".

NOTA 66 — Merece destaque e referencia especial a figura inconfundivel deste nosso patricio, de cuja merecida fama scientifica nos devemos orgulhar. Typo admiravel, physica, moral e intellectualmente falando. Physicamente, além da linha fidalga que elle em vão procura esconder, é um forte que aguentou

· firme todas as vicissitudes da formidável travessia Mato-Grosso-Amazonas, levando sua dedicação á Sciencia e ao Museu Nacional, de que é competente professor, ao ponto de carregar elle proprio todas as pelles de animaes e todos os animaes que preparou no sertão, quando faltou conducção na tropa, e Rondon resolvera abandonar esse material, para attender ao transporte do que era estrictamente indispensavel á turma, onde cada expedicionario estava já, ao fim, reduzido á unica muda de roupa que vestia! Moralmente é um character adamantino, uma peça inteiriça que não verga, altivo sem arrogancia, energico, cioso de sua nacionalidade, independente, patriota, dotado dos mais bellos sentimentos. Intellectualmente é um respeitado cientista, um nome feito entre os zoologos do mundo inteiro.

Viajando á Europa, em estudos profundos de sua especialidade, levou a capricho a resolução de saltar em cada lugar falando a lingua do paiz e assim o fez, na França, na Inglaterra, na Italia, na Allemanha e até na Russia!

De regresso desta excursão scientifica, em uma das palestras com que me honrou, disse Alipio de Miranda Ribeiro, que *voltara da Europa amando ainda mais o Brasil!*

É um homem tão extraordinario que tem custeado do seu bolso estudos e pesquisas especies sobre zoologia.

Quando descia o rio Gy-Paraná, levantado então, por processo expedito, tomou a si o serviço de levantamento, quando o Tte. Alencarliense adoeceu gravemente e assumiu concomitantemente a direcção da turma, composta de doentes que a Expedição fizera embarcar por não poderem proseguir a pé, por terra.

Ao passar no Pará teve occasião de ver no Museu Goeldi um exemplar de macaco, classificado por celebre naturalista inglês e publicou logo uma contestação que foi aceita pelo especialista estrangeiro, na qual demonstrava tratar-se de uma especie nova, que obrigava a refundir a classificação existente, como foi refundida, de accordo com as suas objecções.

Com argumentos scientificos, reformou tambem completamente o criterio com que eram classificados os papagaios (V. publicação n.º 63 da Commissão Rondon — "Psittacidae" —).

Á sua alta competencia confiou o Museu Paulista a classificação de todo o material que possuia sobre peixes, trabalho que realizou proficientemente e dentro de curtissimo prazo.

Além do volume já citado, de sua autoria, publicou ainda a Commissão Rondon, mais os seguintes estudos seus:

Publ. n.º 15 — Peixes da familia dos Pimenolideos, etc. com 44 especies, varias das quaes novas.

Publ. n.º 16 — Idem da familia das Loricarias, etc., tratando de 50 especies, muitas das quaes novas.

Publ. n.º 17 — Mammiferos, onde enumera 84 especies e fornece muitas e importantes notas biologicas e zoogeographicas.

Publ. n.º 46 — Peixes da familia dos Cichlideos, referente a grande numero de especies e com uma revisão de conjunto.

Na revista do Museu Paulista, publicou tambem um trabalho muito importante sobre a "revisão de todas as especies de veados do Brasil".

Bastam, creio, estas credenciaes, para que elle viva eternamente glorificado e tenha garantido um lugar de muita sympathia no coração brasileiro. (Relativamente moço o perdemos; sua memoria imperecivel palpita, com fulgores de talento, na vasta obra de naturalista que honrou o Brasil e a Sciencia. Obs. á ed. de 1940).

NOTA 67 — Alencarliense Fernandes da Costa é hoje major de artilharia. E' um piauihyense veterano nas lides do sertão de Matto-Grosso e nos trabalhos da Commissão Rondon, de que foi sempre um dedicado e prestimoso auxiliar. Positivista, como Rondon, escrevia elle nessa carta: "...Tenho muita deficiencia de coração, de espirito e de qualidades praticas, mas possui a energia bastante para subordinar a Familia á Patria e a Patria á Humanidade. Tanto assim que deixei minha Senhora em estado muito melindroso, ainda mais aggravado com a minha sahida, e a esta hora não sei o que é feito della, se é viva ou se é morta, e por aqui ando, com o receio apenas de faltar ao cumprimento do meu dever".

Cerca de 20 annos dedicou a sua actividade aos trabalhos chefiados pelo General Rondon, a principio como subalterno de contingente e auxiliar da construcção da linha, posteriormente como engenheiro-militar e ajudante.

Depois de inaugurada (1915) a linha telegraphica do sertão, foi elle o primeiro engenheiro-chefe do districto formado por essa linha, com séde em Santo Antonio do Madeira, e nesse cargo permaneceu até pouco tempo (1923), vivendo longe da familia, annos e annos, a viajar continuamente pelo interior, ora de Cuyabá para o Madeira, ora em sentido contrario.

Prestou tambem optima collaboraçãõ, como delegado do Serviço de Protecção aos Indios, com sincero enthusiasmo pela nobre causa dos nossos aborigenes. (Fallecido como Coronel da Reserva — Obs. ed. 1940).

NOTA 68 — Copio a descripção dessa caçada, do relatorio do General Rondon: "Às 5h pm. appareceu o cacique Koluizorocé, assustado e offegante, contando que escapara de ser morto por

uma onça, contra a qual atirara com carga de chumbo fino. Preparei-me e segui em acelerado, com o Amarante, o Lyra, soldadões Lucio, Ludgero e Carlos, para o correjo onde a onça atacara o cacique e onde ficara o indio Joaquim, guardando o posto. Mandeí *trelar* o Africano, o Juruena e o Capanga e levei soltos os demais cães da matilha, agora reduzida a oito animaes. Soltei o Africano, mestre onceiro, no local em que a onça foi atirada e cujo rastro elle seguiu, desaparecendo em pouco das nossas vistas; os outros cães sahiram latindo, aqui e acolá, levando uma corrida até o rio, onde supuz ter a onça cahido.

“Entretanto esta corrida tinha sido falsa; talvez de anta, porque na beira do rio só percebemos rastros deste pachiderme.

“Penetrei na matta e em pouco ouvi o toque do Africano, signal evidente de que a primeira corrida não tinha sido de onça, (pois o legitimo mestre onceiro não corre outra caça). Segui o rumo que levava o onceiro, cortei aceleradamente o matto intrincado de cipós e ouvi pouco depois a acuação cerrada de todos os cães, que acudiram ao levante do *mestre*. Depois de corrermos muito, eu, Amarante e o Lyra, resolvi diminuir a velocidade do nosso acelerado, para que não chegassemos muito offegantes e pudéssemos então fazer pontaria segura. Quando nos aproximávamos, ouvi os gritos de um cão: a onça o havia ferido. Em seguida percebemos que se travara luta renhida dos cães com a fêra, que urrava encolerizada e chegámos cautelosamente, para poder ataca-la com segurança. Os cães haviam subjugado a onça. Chegámos no momento em que ella agarrava o Capanga pela pata. Foi só então que lhe dei um tiro no ouvido, para salvar aquele bom amigo. Era uma onça fêmea, pequena, mas já idosa. O tiro de Koduzorocê pegara-lhe o focinho, tendo affectado o olho esquerdo e attingido o nariz. Foi por este motivo que os cães puderam pegal-a com tanta audacia; aliás elles só o fizeram, depois que ella atacou um dos seus companheiros: portaram-se, pois, com valentia, dir-se-ia na defesa do principio da solidariedade.

“Da barra do correjo Roncador, descemos na nossa canôa, que levava 10 homens, 7 cães e a onça morta, mas que ainda recebeu mais três homens no “porto da Expedição” e as meias cargas de burro que cada um trazia ás costas”.

NOTA 69 — Chamo a attenção do leitor para as exposições já feitas, em capitulos transactos, a proposito dos erros das cartas geographicas anteriores aos trabalhos da Commissão Rondon, quanto á locação dos rios Jacy-Paraná, Jamary e Gy-Paraná.

NOTA 70 — Chama-se João Bosisio este nosso patricio; é hoje empregado publico da Repartição Geral dos Telegraphos e collabora

na imprensa carioca. A seu respeito encontra-se esta referencia de Rondon:

"O feitor João Bosisio cahiu exaustão, na matta, ao pé de um capãozinho que baptizei de "Capão do Bosisio". O dr. Tanajura foi vel-o e levar-lhe agua. Só algumas horas depois elle poude montar na mula em que fôra o medico. Este incidente veio demonstrar que elle não resiste ás marchas a pé e por isso resolvi definitivamente fazel-o recolher ao acampamento geral".

NOTA 71 -- Curiosissimo e sensacional foi o episodio do encontro desse homem. Os expedicionarios seguiam em rumo do Jacy-Paraná, ao encontro da "Turma do Norte", guiando-se naturalmente pelas cartas geographicas até então existentes, e, ao encontrarem vestigios insophismaveis de gente civilizada, apuravam o ouvido á escuta e esperavam a cada passo ver surgir-lhes pela frente alguém da turma do Jacy, que, pelas instrucções de Rondon, a determinadas horas da manhã, e da noite, soltavam balões de papel e faziam estrondar a matta com seus tiros de dynamite.

O Tte. Lyra que estava na Secção da Vanguarda, ouviu distintamente uma voz fraca que, de dentro do matto, exclamava: "Eu estou perdido nesta matta!" Dirigiu-se *incontinenti* para o local de onde partira aquella phrase angustiosa e allí encontrou "um homem esqueletico, alto, claro, de olhos azues, cabellos louros e compridos, mal podendo manter-se de pé".

"Debulhalo em pranto, disse o desconhecido chamar-se Miguel Sanka, ter 24 annos de idade e residir com seus pais na Colonia Pariquerassú, no Estado de S. Paulo, de onde se ausentara para tentar a vida, primeiro, no Rio de Janeiro, depois no Amazonas".

Contou o infeliz a sua triste historia, cuja phase primeira é igual a de innumeròs individuos que se deixam seduzir por machiavelicas promessas de seringueiros, que lhes exploram a bôa fé e a ingenuidade, historia cujo epilogo era aquelle estado de miseria a que attingira, perdido na immensa floresta amazonica, onde se internara, quando a febre do impaludismo o fizera desvairar, ou quem sabe, para reconquistar a sua perdida liberdade!

Peregrinou pela densa matta, alimentando-se de côcos, dos bichos que se desenvolvem nos côcos do auassú e de castanhas; e o interessante é que determinara mathematicamente a porção de alimento de que necessitava para cada refeição: 30 côcos e 30 larvas, ou 50 castanhas e 15 larvas. Esforçando-se por achar sahida, marchou em determinada direcção e passou muitas vezes sem agua durante um dia inteiro. Essa primitiva direcção que adoptara, levou-o já enfraquecido, até uma serra onde por duas vezes encontrou onças que

muito o amedrontaram, pois não dispunha elle de arma de fogo e apenas possuia um terçado (facão de matto) para se defender de tão perigosa fêra. Via-se cercado de caças de todo o genero, mas dellas não podia aproveitar-se, porque não sabia apanhal-as e não sabia accender fogo, como os nossos selvicolas, com simples pedacinhos de pau e pelo attricto. Resolveu depois, mui racionalmente, acompanhar o primeiro correço que encontrasse e assim o fez, até que a certa altura, vendo-o já rio volumoso, aventurou-se a construir uma jangada, em que embarcou, mas que logo se dismantelou á passagem das corredeiras e cachoeiras. Continuando a descer pela margem do rio, resolveu a 22 de Setembro, depois de mais de dois menses (além da rêde que conduzia dentro de um sacco, do terno de roupa que vestia, do *terçado*, e de uma linha de pescar, levava elle um almanak Ayer, em que annotava os dias) dessa peregrinação forçada, construir pequeno rancho debaixo de uma grande castanheira, de cujos fructos passou a alimentar-se abundantemnete. Armou, pois, a sua rêde, por baixo do *tapiri* coberto de palha, que elle construiu com quatro escoras e travessas amarradas por meio de cipós. E foi ahi que o veio encontrar, a 26 de Novembro, a vanguarda da exploração; o Tte. Lyra mandou suspender o seerviço, deante de tão surprehendente encontro e aguardou a chegada de Rondon, que assim se exprime no seu relatorio, na parte que lhe toca deste emocionante episodio:

"...De longe, percebemos que algo de extraordinario se havia passado na Vanguarda. Aproximando-nos, avistámos, sentado numa rêde, quasi partida ao meio, um homem ainda moço, cujo aspecto demonstrava ter experimentado grandes soffrimentos. Ao ver-me, sabendo ser eu o chefe da Expedição, quiz levantar-se, o que impedi, em vista da sua excessiva magreza, que logo me fez comprehender tratar-se de um extraviado, de longo tempo. Em poucos momentos, repetiu-me o Lyra a narrativa que ouvira daquelle infeliz, pondo-me ao par da sua situação. Quiz pessoalmente interogal-o, procurando antes de tudo saber sua procedencia, o que poderia orientar-nos quanto a nossa posição geographica. A sua resposta fez-me duvidar do seu perfeito equilibrio mental, pois affirmava elle ter partido de Urupá, no rio Gy-Paraná ou Machado, marchando sempre na direcção do poente, e ter alli chegado sem atravessar nenhum rio, apenas passando alguns ribeirões que transpunha a vau. Ora, pela nossa posição, marcada nas cartas que traziamos, haviamos deixado as cabeceiras daquell rio cerca de dois graus para trás e as do Jamary, aquem da Serra das Onças, ultima que atravessámos. Para que elle pudesse alli chegar, tendo partido do Machado, seria preciso transpôr o Jamary, em qualquer embarcação ou a nado, desde que não contornasse as suas cabeceiras, que se extendem conside-

ravelment para S. E. Confiante na exactidão das cartas, mais facil me era admittir erro na informação prestada por um cerebro tão enfraquecido”.

Quando Miguel Sanka se incorporou na turma expedicionaria, já esta andava de ração muito reduzida e, dos generos que trazia, só lhe restava um pouco de feijão, faltando tudo o mais, inclusive mesmo o tão precioso sal! Promptificou-se elle a acompanhar a turma, mas logo na primeira marcha, percebeu Rondon que elle não aguentaria proseguir e acampou com a turma a 9km,480 do pouso anterior.

Conseguiu afinal sahir com a turma do Tte. Pyrineus, que desceu em canôa o rio Jarú, affluente da mr. esq. do Gy-Paraná, e teve a satisfação de gozar alguns dias de liberdade, vindo, porém, a fallecer logo depois, já em Manaus.

NOTA 72 — Verificou-se depois tratar-se do rio Jarú ou Tramak, affluente da margem esquerda do Gy-Paraná ou Machado. O Tte. Pyrineus, apesar das prescrições fóra do commum que o assoberbavam, para dirigir a viagem, rio abaixo, de um rio desconhecido de todos os tripulantes da canôa com que o navegava e para providenciar sobre a alimentação dessas 14 bôcas de gente tropega e doente, recebeu a incumbencia concomitante de executar o levantamento expedito do rio e o realizou.

NOTA 73 — No seu relatório, estudando minuciosamente a questão, Rondon justifica a resolução que tomou de seguir o valle do rio Pardo e do Jamary, abandonando assim a sua marcha para o poente, em demanda das cabeceiras do Jacy; basta citar o trecho que abaixo transcrevo, para bem comprehender os fundamentos dessa nova resolução:

“Pelas informações colhidas sobre o Jacy-Paraná, em cujas cabeceiras a turma do Capm. Pinheiro deve estar aguardando a nossa chegada, não seria difficil attingil-o, marchando para o Poente. Esta era a resolução que eu havia tomado, no momento mesmo em que verificamos não ser o Jacy o rio que encontramos no dia 13 de Dezembro. Como, porém, o Reconhecimento nos revelou a existencia de serrarias inaccessiveis, pelas cabeceiras do Jarú e rio Pardo, as quaes serrarias se prolongavam para o Poente, comprehendi, depois de alguma meditação a inexequibilidade do traçado (da linha telegraphica) projectado para a foz do Abunã, passando pelas cabeceiras do Jacy. Demais, a resistencia do pessoal era duvidosa; quiz obter novos trabalhadores para a travessia, sem entretanto, conseguil-o. A posição das cabeceiras do Jacy não nos interessava mais, desde que o traçado tivesse de ser mudado, como resolvera.



(Na realidade a linha telegraphica do noroeste, desceu dos chapadões de Parecís para o valle do Gy-Paraná ou Machado, acompanhou este valle até o rio Jarú, depois atravessou a mesopotamia Gy-Jamary e ao attingir o valle do Jamary, acompanhou-o até a ultima cachoeira, para em seguida transpôr o trecho do Jamary a Santo Antonio do Madeira, tudo de accordo com as previsões e os estudos preliminares realizados pelo Gal. Rondon, que tambem, em pessoa, dirigiu essa construcção).

“Ser-nos-ia, portanto, mais facil descer o Jamary, até sua fóz, e de lá a Santo-Antonio, de onde mandaria um “expresso”, Jacy acima, levando ordem ao Capitão Pinheiro para regressar ao Rio de Janeiro”.

E assim foi feito, conforme já vimos no capitulo relativo á “exploração e levantamento do rio Jacy-Paraná”.

NOTA 74 — No computo destas distancias, está incluída a marcha desde Tapirapoan, ao passo que, no resumo que apresentei com a avaliação numerica dos *caminhamentos* realizados, os 2.232km attribuidos á “Expedição de 1909”, se referem exclusivamente a *extensões realmente exploradas*, descontadas, pois, as distancias percorridas sobre o terreno já estudado pelas expedições anteriores (1907 e 1908).

NOTA 75 — Como honroso titulo de gloria para mim, seja-me permittido transcrever as palavras que me dizem respeito:

“Louvo ao 1.º Tte. Amílcar Armando Botelho de Magalhães, pela intelligencia, dedicação, coragem e competencia com que auxiliou efficazmente o serviço da Turma do Norte”.

## CAPITULO XV

### EXPEDIÇÃO AO RIO CAUTÁRIO

Chefiou esta expedição o Capm. Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, já conhecido (phot. n.º 6) dos leitores, e que não só executou o levantamento do rio Cautário como prolongou seus trabalhos pelos rios Guaporé e Mamoré, durante 108 dias, desde 27 de Dezembro de 1916 até 13 de Abril de 1917.

O levantamento do Cautário propriamente, desde as mais altas cabeceiras até sua fôz no Guaporé, foi executado no sentido da corrente, com extraordinaria rapidez, em 28 dias apenas, não obstante os 310km.,558 de sua extensão percorrida, os obstaculos das cachoeiras e a demora exigida pelo serviço de determinação de coordenadas geographicas de alguns de seus pontos notaveis.

No relatorio apresentado pelo Capm. Pinheiro, explica elle, a proposito do serviço de coordenadas, que se "quadruplicou o tempo da expedição, devido, unica e exclusivamente, á epoca impropria a observações astronomicas, pois, dias e dias foram perdidos por *falta de "ceo"*.

A turma de exploração foi organizada com o pessoal estrictamente necessario para tripular as rtes canôas destinadas ao serviço; o chefe, o pharmaceutico Oscar Pires, encarregado do serviço de saúde, e 9 canoeiros: tres para cada embarcação.

Para os levantamentos topographicos, especialmente o do rio Cautário, executado por processo technicamente chamado "regular", foram empregados como instrumentos: o telemetro Fleuriais e a bussola prismatica de Casella; para o serviço astronomico: o theodolito de Bamberg, um chro-

nometro de marinha, dois chronometros portateis, um de "tempo medio" e outro de "tempo sideral", e um barometro aneroides de Casella.

A expedição embarcou em suas canoas pela manhã de 28 de Fevereiro de 1917, dando inicio aos trabalhos no porto "Primeiro de Fevereiro", situado exactamente na confluencia dos dois formadores do Cautário: o Kunitripá, considerado pelo Gal. Rondon como a sua cabeceira principal, por manter a direcção do rumo geral do curso d'agua em questão, e o Rucunitauj que, vindo de keste, entra naquella pela margem esquerda.

Acompanhemos, "pari-passu", a narrativa do Cap. Pinheiro, extrahida do relatorio que apresentou ao General Rondon sobre esta expedição e da qual transcreveremos aqui, entre aspas, os trechos do original.

"Durante os seis primeiros dias de viagem, o rio não apresentou nenhuma mudança sensivel. Apesar de muito cheio, as barrancas desappareciam por um momento, principalmente nas proximidades dos igarapés, para repontarem mais adiante, com alturas de 2 a 3 metros; os estirões succediam-se com alguma regularidade, nas extensões, não se notando tambem grandes variações na largura. No dia 6 de Março encontrámos o primeiro affluente á direita (rio Kunitrupano — V. nota 76), e, logo depois, á nossa frente, varias serras de grande altura, correndo mais ou menos obliquamente á direcção geral do rio. O apparecimento destas serras era prenuncio de que estavamos proximos de alguma cachoeira. Ás 13 horas, depois do almoço, no quarto alinhamento, ouvimos rumor de queda d'agua, não muito longe, e, logo depois, enfrentámos com a primeira cachoeira, de pequenas dimensões, mas de forte desnivelamento (V. capitulo: "Cachoeiras"). Já tinhamos atravessado antes algumas cachoeiras e *corredeiras*, mas pouco perceptíveis, devido não só á grande enchente do rio, como tambem aos

seus fracos desnivelamentos (V. as cadernetas de levantamento)”. .

A travessia desta cachoeira foi feita por terra, através do *varadouro* aberto para este fim, á margem direita, enquanto as canôas eram transpostas, inteiramente descarregadas, pelo canal da margem opposta.

Ahi, onde encontrou vestigios antigos de indios, acampou o Capitão Pinheiro durante tres dias, afim de determinar as coordenadas locaes, não só para fixar com exactidão a posição geographica deste ponto notavel, como porque não fôra possivel antes executar igual trabalho para determinação da foz do Kunitrupano, onde a expedição ficou impedida de acampar, devido ao alagamento das mattas.

A 9 de Março proseguio viagem, rio abaixo, atravessando duas cachoeiras e varias corredeiras, que foram transpostas pelas canôas com a sua tripulação e carga completa, graças á enchente do rio que favorecia a passagem.

Logo adeante o rio apresentou trechos de *estirões* regulares e boa largura, sem prejuizo da profundidade (1<sup>m</sup>,20 a 1<sup>m</sup>,50). Esta observação pareceu confirmar no espirito do Capm. Pinheiro a informação que lhe tinham dado de que no Cautário só existia uma grande cachoeira, levando-o, por isto a dar o nome de “Esperança” á quéda d’agua já vencida.

Tão commoda convicção foi, porém, destruida, no dia 11, pela realidade dos factos: o encontro de outra cachoeira, ainda mais extensa do que a primeira e que exigiu a abertura de um *varadouro* de mil metros em terreno cortado de *igarapés* e *igapós*, accidentado e pedregoso, para o transporte de todas as cargas.

No dia 12. apesar dos esforços continuados, tornados ainda mais penosos devido a forte aguaceiro, só foi possivel *varar* duas canôas, pelo tombo da esquerda, de modo que unicamente no dia 13 puderam passar as tres para jusante da cachoeira (Cojubins), assim como o resto das cargas.

Com a sua longa pratica de serviços congeneres, percebeu logo o Capm. Pinheiro que havia entrado na zona encachoeirada do rio e, antes de proseguir embarcado, procedeu a explorações por terra, acompanhando-o pela margem, e adquiriu então a certeza de que diversas cachoeiras e corredeiras se succediam umas ás outras, com intervallos de 200 a 300 metros, numa extensão de mais de seis kilometros, apresentando todas ellas fortes desnivelamentos e quedas de 3 a 4 metros de altura.

Transportando-se, por agua, da cachoeira em que estava (Cojubins) á seguinte, observou que o rio, até então com 200<sup>m</sup> de largura, se estreitava consideravelmente, até se apresentar reduzido a um canal de 30 metros de largo que precede a cachoeira baptizada então por "Canal do Inferno", cuja topographia obrigou a fazer o transporte por terra, não só das cargas como das canôas.

Os primeiros *varadouros* estudados para transpôr parte da zona encachoeirada, exigiram tres dias consecutivos de trabalho para a respectiva abertura.

No dia 17 de Março a exploração por terra assignalou o termo da zona encachoeirada, deduzido do facto expressivo de ter sido encontrado a jusante da ultima cachoeira desse trecho (por causa deste facto appellada então *Cochoeira da Bandeira*), um mastro com uma tunica de seringueiro no topo, á guisa de bandeira.

Realmente, como se verá adiante, tratava-se da ultima cachoeira. A travessia foi mais demorada e difficil do que as anteriores, obrigando a uma permanencia de quatro dias. Felizmente foi descoberto um *paraná* navegavel, embora tambem um tanto encachoeirado, por dentro do qual se tornou possivel effectuar a *varação* das canôas que, uma hora depois, penetraram de novo no rio propriamente dito, em ponto distante 300 metros do extremo de jusante da ultima cachoeira.

O rio, bastante largo ahi, cheio de ilhas e grande numero de corredeiras e pontas d'agua, mudou então de aspecto, não

só porque a vegetação das margens é baixa e mirrada, como porque são estas de natureza pedregosa.

No dia 20, pelas 9 horas da manhã, a expedição foi surpreendida com a presença de numerosos indios, na margem esquerda, os quaes, em grande alarido, ululavam por certo ameaças terríveis na sua lingua, que nenhum dos expedicionarios entendia, e gesticulavam nervosamente, em expressiva manifestação de desagrado e repulsa.

“A principio, parecia tratar-se de algum bando de passaros desconhecidos que, em revoada, viessem em nossa direcção; foi esta a primeira impressão que tive.

“Aproximei-me da canôa da frente, que levava a mira, e ouvi do Antonio Corrêa que a *pilotava*, gritos para traz: “Os indios!” Mandei aproximar mais a canôa em que eu ia e ordenei ao piloto da canôa da frente que não encostasse á margem, de accordo com ordens que eu tinha do Coronel Rondon, e que seguisse pelo canal do rio.

“Emquanto dava estas ordens, o alarido continuava e eu consegui ainda ver alguns vultos, de longos cabellos e completamente nus, accenando com os braços, como a quererem dizer-nos que fossemos embora e não atracassemos á margem onde elles se achavam.

“Reunidas as tres embarcações, conforme era mais prudente, continuei a fazer o levantamento, medindo as distancias pela velocidade da corrente e tomando os tempos a chronographo. Quando vi que estavamos fóra da zona perigosa, retomei o levantamento regular, sem que houvesse mais novidade. Eram 17 horas quando acampámos, e como encontrassemos vestigios recentes dos selvicolos, na inspecção feita á matta, tomei todas as cautelas para que não fossemos surpreendidos por algum ataque inopinado. Felizmente nada nos succedeu”.

No dia 21 os expedicionarios entraram em trecho muito interessante, onde o rio se transforma num grande “*igapozal*, ou antes, em um rio sem margens”.

Ainda neste ponto, não tinha o Capm. Pinheiro identificado o curso d'água cujo levantamento ia procedendo, e participava das mesmas duvidas que lhe havia suggerido o Gal. Rondon, quando decidiu a execução dos trabalhos em sujeito: podia tratar-se do "Meckens" ou do "Cautário". Inclina-se mais o experimentado sertanista, pela hypothese do Cautário, tanto que a designação dada por elle á turma exploradora, com isso concordava, mas citava circumstancias que justificavam a duvida levantada pela discussão de todas as hypotheses provaveis. Diz o Capm. Pinheiro, a proposito, em seu relatorio:

"... Tendendo sempre para a esquerda, tínhamos desconfiança de que fosse o "Meckens". A ultima latitude determinada, na cachoeira dos "Cojubins", ainda mais nos fez descreer de que estávamos no Cautário: quando esperavamos encontrar menos de onze graus, o calculo accusava 11°39'!"

Foi unicamente ao alcançar a primeira barraca, de seringueiros peruanos e brasileiros, que o Capm. Pinheiro adquiriu a certeza de ser mesmo o Cautário o rio explorado.

Nesse lugar, porém, se deu um curioso incidente que nova duvida fez surgir no espirito do Capm. Pinheiro.

Indagando sobre o tempo necessario para attingir o rio Guaporé, de que estava seguro ser o collecter do Cautário (como o é tambem do Meckens), e sobre as disposições topographicas da fóz, declarou um dos peruanos ao Capm. Pinheiro:

— "O Senhor está enganado! Este rio faz barra com o *Itenis!*"

Foi um momento de estupefacção!

Conforme expõe no relatorio, Pinheiro jamais ouvira referencia a semelhante rio e, por mais que rebuscasse em sua excellente memoria, não se lembrava absolutamente de tel-o encontrado em qualquer das muitas cartas por elle manuseadas. Contestou promptamente, mas o peruano reaffirmou a sua convicção. Não atinando com a razão de semelhante

divergencia, chamou o brasileiro á fala e poude então achar a explicação, pois, de facto, disse este, os peruanos e bolivianos só conhecem o Guaporé pelo nome de *Itenis*.

Vem a pello declarar ter já o Gal. Rondón, no seu relatório publicado em 1910, (1.º volume — Estudos e reconhecimentos), chamado a attenção para o nome espanhol pelo qual é conhecido o Guaporé, graphado embora differentemente, pois alli está escripto *Itenez* em vez de *Itenis*.

Continuando a descer o Cautário, atravessou a expedição o trecho em que é elle habitado por seringueiros. O rio pouco a pouco foi apresentando maior largura, mas as suas margens continuavam baixas e alagadas em muitos pontos.

De 21 a 26, a viagem foi feita sob tremendos aguaceiros, com prejuizo do rendimento do serviço de levantamento, por não ser possivel visar a mira senão a curtas distancias, o que obrigava a quebrar os grandes alinhamentos dos *estirões* extensos, para não ficar parado á espera de tempo bom.

“A 26 a expedição pousou no *barracão* Santa-Cruz, da “Guaporé Rubber Company”, onde tomámos novas informações da viagem até Guajará-mirim.

“Já estávamos perto da região dos lagos, trecho mais interessante de todo o Cautário.

“Esses lagos são formados por grandes e innumerous igapós, em ambas as margens, succedendo-se em pequenos intervallos, e offerecendo ao viajante a impressão de outros tantos affluentes. Na bôca de quasi todos elles, o canal continúa, como se fôra um affluente ou o proprio rio, e só depois de um percurso regular, é que se vai formar o lago propriamente dito. D’ahi os constantes desvios dos incautos, do canal para dentro dos lagos, onde levam dias e dias perdidos, só conseguindo geralmente sahir, depois de tel-os contornado inteiramente.

“Não havia muito, um pequeno vapor da Guaporé Rubber, em serviço de exploração, desviara-se do canal do rio e penetrara em um dos lagos; lá andou perdido seis dias.

“Diversas pessoas me chamaram a attenção para que tivesse muito cuidado. Com effeito, depois de atravessado



o referido trecho, pode comprehender que é muito facil qualquer embarcação embrenhar-se por dentro daquelles lagos, principalmente quando se sóbe o rio. Sendo a velocidade da corrente muito fraca, quando a embarcação não vem pelo canal e *beradeia* uma das margens, o que é muito commum, logo que attinge a bôca do lago, alli penetra e se perde, porque a componente diminuta que segue pelo *thalweg* do rio, tornando-se quasi imperceptivel, deixa a embarcação parada, ao passo que a que segue por dentro do lago, sendo maior, dá a illusão de ser por alli o canal, o que conduz o explorador inexperto para dentro do lago, na supposição de que está viajando no rio.

“Dos innumerados lagos deste trecho do Cautário, o que tem offerecido mais duvidas e enganoso aos viajantes, arrastando-os a levarem dias e dias perdidos, é o que apparece nas cadernetas com a denominação de “Lago do Lagarto Coxo”. Já estando prevenido, pude verificar que, mesmo o mais experimentado, deixar-se-ia arrastar pela illusão.

“Esse trecho do Cautário offerece ao viajante bellos e variados aspectos.

“Como o rio ahi não tem barrancas, não sendo facil encontra-se terra firme para acampamento, maximé na época das enchentes, os pousos já são antecipadamente assinalados.

A estes pousos os peruanos e bolivianos dão a denominação de *pascanas*, que não passam de fracas eminencias do terreno, de pequena extensão e vegetação baixa e pouco frondosa. A matta é limpa, francamente transitavel e exige pouco trabalho para a armação das barracas e preparo do acampamento. O terreno é em geral arenoso, muito igual e sem accidentes apreciaveis”.

No dia 27 chegou a esquadilha da expedição ao “porto” do barracão Renascença (com aspecto já de pequeno povoado), construido pela “Guaporé Rubber” sobre altas barrancas que as aguas das enchentes nunca attingem, situado 8 km. acima da foz do Cautário, e dotado de abundante lavoura

de mandioca, milho, canna de açúcar, etc. Ahi teve o Cap. Pinheiro ensejo de assistir á montagem de um engenho para fabrico de açúcar e rapaduras e foi informado das viagens mensaes do vapor Guajará-mirim, por cujo intermedio se abasteciam os moradores e exportavam o cáucho e a borracha com que voltava sempre abarrotado o pequeno navio.

“Quando por l passámos, a empresa tinha cento e poucos homens occupados na extracção do cáucho e da borracha. Como eu devia determinar as coordenadas da fz e aguardar a lancha da Agencia de Matto-Grosso, que me conduziria ao forte do Principe da Beira, alli permanecemos (em Renascença) 12 dias. Em virtude de não ser possível fazer observações mesmo na fz, por se acharem as margens inundadas, resolvi observar no barracão e amarrar depois o ponto da observação  fz do rio. Executados todos os trabalhos, inclusive a determinação de todos os elementos necessarios  avaliação da descarga na fz, não tendo chegado a lancha, resolvi partir para Guajará-mirim, em batelão cedido pelo representante de Guaporé Rubber. Quiz descer o Guaporé nas nossas canôas, mas, varias pessoas praticas me aconselharam a que não me arriscasse a tanto, porque os constantes pampeiros ou *banzeiros* que sopram quasi diariamente, iriam pôr as nossas frageis embarcações em perigo permanente. Innumeros factos nos foram narrados de *alagaes* de pequenas embarcações cujos tripulantes tinham sido victimas de sua propria imprudência».

Sobresaltado com o estado de saúde do pharmaceutico, que se aggravava dia a dia, resolveu Pinheiro a descida do Guaporé em batelão e partiu no dia 9 de Abril.

O levantamento do Guaporé, desde a fz do Cautário, até a confluencia do Mamoré, e o deste, d’ahi a Guajará-mirim, foi executado por processo “*expedito*”.

No barracão “Rodrigues Alves”, da mesma companhia “Guaporé-Rubber” o encontro fortuito com o gerente da empresa, o Coronel da Guarda Nacional Paulo Saldanha, ex-alumno (V. nota 77) da Escola Militar, proporcionou ao

Capm. Pinheiro maior conforto na execução dos seus trabalhos e outras facilidades decorrentes das patrioticas cartas de apresentação que aquelle patricio escreveu aos chefes dos *barracões* da fóz do Soterio e de Guajará-mirim.

No dia 11 a expedição chegou, já noite, á fóz do Soterio, depois de um dia inteiro de ininterrupto e estafante trabalho; apesar de extenuado pelo cansaço, Pinheiro fez durante a noite as observações astronomicas necessarias para a determinação das coordenadas geographicas deste ponto importante do rio e, no dia seguinte, cedo, proseguiu no levantamento.

Fazendo um estudo de conjunto, sobre o rio, diz o Capm. Pinheiro em seu referido relatorio:

“Pela succinta exposição que acabo de fazer, vê-se perfeitamente que o rio Cautário apresenta tres trechos bem caracterizados: alto-Cautário, Baixo-Cautário e o trecho intermedio ou encachoeirado.

“O alto-Cautário comprehende toda a extensão que vai do ponto de junção dos dois contribuintes Kunitripá e Rucumitai, até a primeira cachoeira a que demos o nome de Esperança. Não tendo sido ainda palmilhado por civilizados e semi-civilizados, o trecho em questão, além da riqueza enorme de seringães, completamente virgens, e de madeiras de lei, é muito abundante em caça e com certeza em pesca, cuja verificação não pudemos fazer, não só devido á grande enchente do rio, como tambem por não termos necessidade, pois a caça nos satisfazia perfeitamente. Salvo uma pequena parte em que o rio se nos apresentou com caprichosas sinuosidades e pequenos alinhamentos, muito estreito e sem barrancas, onde algumas vezes tivemos necessidade de abrir caminho a terçado, porque o matto baixo e frondoso entranchava, obstando a passagem das canôas, todo o resto do trecho é de um rio que corre em caixa, de leito constituido, barrancas elevadas, sempre distinctas e visiveis, e de grandes *estirões*.

“O trecho intermedio é o encachoeirado e vai da cachoeira Esperança á cachoeira da Bandeira. O que tambem o caracteriza é a diminuição progressiva da vegetação, nas proximidades das cachoeiras, onde se observa um cerrado que diminue á proporção que se aprofunda, com tendencias a transformar-se em campo. Na cachoeira da Bandeira, o cerrado que contorna ambas as margens, por ser muito ralo, deixa á vista do observador os campos que se aprofundam, os quaes julgo serem ainda o prolongamento dos Campos dos Urupás. Ainda é notavel neste trecho o grande numero de serras que observamos, em ambas as margens, correndo em diversos direcções e apresentando, algumas, alturas consideraveis.

“O baixo Cautário estende-se da cachoeira da Bandeira á fóz. Invadido pelos civilizados e semi-civilizados, é, em seu começo, proximo da ultima cachoeira, o “habitat” dos selvagens. Rico tambem em seringaes e de luxuriante vegetação, observa-se que o rio ahi apresenta em geral barrancas baixas e innumerous *furos* e *paraná*s.

“A parte da região dos lagos, que é aliás relativamente extensa e deshabitada, leva-nos a crer que o rio alli não firmou ainda seu leito definitivo. Na bôca, sem margens, o rio espraia para todos os lados, e cheio como estava, na época das cheias, por embarcações de pequeno calado, nos dois trechos extremos.

“Devido talvez á falta de seringaes, as margens de todo o baixo-Guaporé e Mamoré, são quasi deshabitadas: afóra os *barracões* da Guaporé-Rubber, nas embocaduras dos afluentes da margem direita (brasileira) e outro barracão na margem boliviana, tudo mais é deserto.

“As lutas entre os selvicolas e os semi-civilizados, não só na margem brasileira, como na boliviana, são constantes, maximé na estiagem, quando se torna mais facil o accesso ás margens. Como sempre as provocações partem dos semi-civilizados”.

A avaliação das descargas do Cautário foi feita em varios pontos; mas divulgamos apenas os dados relativos ao "Acampamento 1.º de Fevereiro" e á fóz. Naquelle, para uma area de 187<sup>m</sup>2,20 da respectiva secção transversal, 44 metros de largura do rio e velocidade média de 0<sup>m</sup>,36 por segundo, a descarga calculada foi de 67.329 litros tambem por segundo. Na fóz, onde o Cautário apresentava 264<sup>m</sup> de largura, com uma area de 2059<sup>m</sup>2,20 de secção transversal e velocidade média de 0<sup>m</sup>,304, a descarga encontrada foi de 625.996 litros por segundo. As profundidades medidas na fóz, por sondagem, para a determinação da secção transversal, variaram entre o minimo de 2<sup>m</sup>,2 e o maximo de 6<sup>m</sup>,50.

Foram tambem avaliadas as descargas dos principaes afluentes do Cautário, encontrando-se para o rio Kumi-trupano, 42.931 litros; para o rio "Dezesete de Fevereiro", 38.803 litros; para o terceiro afluente, que desagua á m. esquerda, 12.312 litros; além das que dizem respeito a innumerous igarapés cuja largura nunca se elevou a mais de 10 a 12 metros.

Além de simples travessões, com desenvolvimentos suaves, como as cachoeiras dos Mutuns e do Desengano (situadas entre a primeira e a segunda das quatro principaes) e de trechos mais ou menos longos, de leito encachoeirado (como o que medeia entre as duas ultimas, na extensão de mais de um kilometro), foram assignaladas 4 cachoeiras principaes: 1.º a Esperança, 2.º a dos Cojubins, 3.º a do Canal do Inferno e 4.º a da Bandeira. A primeira tem dois tombos a pique, um de 3<sup>m</sup> de altura, outro menor; na 2.ª ha tres tombos, de 3<sup>m</sup> mais ou menos e o rio, em toda a extensão da cachoeira, tem largura superior a 200<sup>m</sup>; a 3.ª é formada de um salto unico, de 4<sup>m</sup> de altura; e a ultima, tambem de um só tombo, com 6<sup>m</sup> de altura.

Os trabalhos realizados por esta expedição podem ser resumidos nos seguintes itens:

- 1.º) Levantamento regular de todo o Cautário, a partir do "Acampamento Primeiro de Fevereiro".

2.º) Levantamento expedito do Guaporé, a partir da fóz do Cautário, e do Mamoré, desde a confluencia do Guaporé até Guajará-mirim.

3.º) Determinação das coordenadas geographicas das embocaduras principaes e pontos mais notaveis.

4.º) Determinação das descargas do Cautário e das dos affluentes principaes.

5.º) Determinação das altitudes dos pontos mais importantes.

6.º) Determinação da declinação magnetica.

O desenvolvimento total dos levantamentos attingiu a bella somma de 467km,321, dos quaes 310,558 do rio Cautário, 61,684 do trecho do Guaporé e 95,079 do trecho do Mamoré.

Para determinação das coordenadas geographicas de sete pontos notaveis (Cajueiro, Campos dos Urupás, Acampamento Primeiro de Fevereiro, cachoeira dos Cojubins, Barracão Renascença, Fóz do Soterio e Guajará-mirim), foram feitas e calculadas 59 observações astronomicas. Para a determinação da latitude foram empregados os methodos de Sterneck (25 obs.) e de Stechert (3 obs.); para as longitudes e determinação da hora, os do Zinger (19 obs.) ou de alturas iguaes de duas estrellas, e o das duplas distancias zenithaes (12 obs.).

No relatorio estão desenvolvidos os calculos de todas essas observações, nos *supplementos* de n.º 1 a 7, e reunidos os resultados no quadro que constitúe o *supplemento* n.º 8, de onde extrahimos as coordenadas, abaixo transcriptas, dos pontos extremos do Cautário, da fóz do Soterio e de Guajará-mirim.

Rio Cautário — (Acampamento 1.º de Fevereiro):

Lat. Sul 11º 19' 24", 61

Long. W. Greenwich 64º 50' 49", 50

Rio Cautário — (Renascença):

Lat. Sul 11º 19' 24", 61

Long. W. Gr. 65º 19' 39", 30

Fóz do Soterio:

Lat. Sul 11° 36' 39", 39

Long. W. Gr. 65° 25' 12", 00

Guajará-mirim:

Lat. Sul 10° 47' 55", 24

Long. W. Gr. 65° 23' 0", 00

Deprehende-se destes dados que a direcção geral do rio Cautário é S. W., tendendo mais para o Sul do que para Oeste. Enquanto o deslocamento em latitude attingiu 52 minutos, o correspondente em longitude não chegou a 29 minutos de arco.

O suplemento n.º 9 é constituído pela tabella de altitudes e declinações magneticas determinadas. O exame dos algarismos apresentados revela que a differença de nivel, entre o ponto inicial do levantamento do Cautário e a fóz, é de 60<sup>m</sup>, o que equivaleria a uma rampa continua e uniforme que ligasse esses dois pontos, com o declive constante de 0,02%.

Tres foram as determinações da declinação magnetica: uma no dia 27 de Dezembro de 1916, em Cajueiro (—2°48'); outra a 27 de Fevereiro de 1917, no Acampamento 1.º de Fevereiro (—2°52'), e a terceira finalmente, no dia 3 de Abril de 1917, em Renascença (—3°4').

O ultimo *suplemento* (n.º 10) traz a tabella das distancias entre o ponto de partida da expedição e o da chegada, em duas columnas, uma com as distancias parciaes entre 22 pontos principaes consecutivos, outra com as distancias accumuladas.

Porto Alegre, Dezembro de 1926.

## NOTAS

NOTA 76 — O Capitão Pinheiro, de caso pensado, deixou de dar nome a este affluente, como ao seguinte, da margem esquerda, por-

que sabia que o General Rondon executava nessa época a exploração das nascentes de todos os principaes formadores do Cautário. Desta exploração, que attingiu a 200 km. de *caminhamentos* por dentro da matta, resultou a identificação desse primeiro rio da m. dir. ao "Kunitrupano", e do afluente da margem opposta, logo a jusante, ao rio "Dezesete de Fevereiro".

NOTA 77 — Faço um pequeno "alto", como se diz em linguagem militar, para convidar o leitor a meditar sobre o alcance deste incidente. Pinheiro e Saldanha não se conheciam até então, mas bastou-lhes a convicção de terem sido ambos alumnos da Escola Militar, para que se olhassem como velhos camaradas e sentissem a affinidade de sentimentos que aproximam os homens que já foram soldados dos que ainda o são. Este espirito de camaradagem, tão accentuadamente elevado, nobilita os que vestem a farda do Exercito e emociona áquelles que reflectem na grande cohesão esperada, desejada e necessaria, em uma tropa que é parte integrante e principal da defesa nacional, quando a mobilização reunir os reservistas ao nucleo que trabalha na instrucção annual.



## CAPITULO XVI

# AGUAS THERMAES DE MATTO-GROSSO

Confrange assignalar o estado de abandono e rusticidade em que se encontram as principaes fontes thermaes de Matto-Grosso, e constringe dizer que a Commissão Rondon, por falta de recursos orçamentarios, deixou de cumprir o vasto programma que se traçara para o estudo completo das aguas mineraes existentes naquelle Estado. Mesmo para o estudo que realizou, de tres fontes de aguas thermaes, foi necessario recorrer a uma serie de combinações e expedientes, com o objectivo de restringir as despesas, a começar pela acceitação dos serviços gratuitos do profissional que dirigiu essas pesquisas, o notavel especialista Dr. Orozimbo Corrêa Netto (V. nota n.º 78). A Commissão recorreu ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde foi attendida com toda a bôa vontade, para a classificação das amostras de rochas colhidas no local das fontes e para a analyse chimica, qualitativa e quantitativa, de aguas cuidadosamente colhidas pelo Dr. Orozimbo, em cada uma das fontes estudadas. Recorreu á bôa vontade do Dr. Balduino Feio, que possui no Rio de Janeiro um laboratorio particular de pesquisas da radio-actividade dos corpos: este especialista em assumpto tão pouco estudado entre nós, e que fo discipulo de Mr. e Mme. Curie, em Paris, não só se promptificou a analysar gratuitamente as aguas thermaes, sob o ponto de vista da determinação da radio-actividade, como tambem cedeu ao Dr. Orozimbo um electroscoPIO de Curie, para identico exame a que devia proceder no local de cada fonte. Obteve ainda da Empresa Balnearia de Poços de Caldas, por benevola inter-

timo de outro delicado aparelho de Curie, destinado a pesquisas semelhantes. Conseguiu o auxilio do governo do Estado de Matto-Grosso que, a pedido do General Rondon, cedeu a lancha "13 de Junho", para a excursão á bahia do Frade, e tres animaes de montaria, dois para as viagens realizadas ás thermas de Palmeira e um para completar a tropa organizada para ir ás thermas do Poúro.

Antes dos estudos feitos pela Commissão Rondon, só eram conhecidas referencias muito imprecisas a respeito das aguas thermaes de Matto-Grosso, além de uma memoria apresentada ao Governo do Estado, em 1852, pelo Dr. Amédée Moure, sobre as aguas thermaes da Bahia do Frade. Comquanto desenvolvida e contribuindo com materia importante para o estudo em sujeito, continha erros que foram postos em evidencia pelo Dr. Orozimbo, conforme teremos occasião de ver das conclusões a que este chegou, comparadas com as daquella memoria que foi publicada em português no folheto n.º 11 dos "Annaes Brasilienses de Medicina" de Agosto de 1853, e transcripta no relatorio do Dr. Orozimbo.

Citavam a existencia das fontes thermaes do Frade e Palmeiras: o conhecido formulario Chernoviz, a obra do Dr. Carlos F. de Sousa Fernandes (1887) sobre "Aguas thermaes do Brasil", o livro Twentieth Century Impressions of Brasil" (1913) e a these do Dr. Sylvio Tranqueira "Aguas Mineraes do Brasil".

O General Couto de Magalhães n"O Selvagem", assignava a existencia de outra fonte de aguas thermaes na região comprehendida entre o Paredão e o Araguaya.

O Capitão do Exercito Octavio Pitaluga, em rapido memorial apresentado ao Secretario da Agricultura do Estado, tado, em 1919, cita as fontes do Frade e de Palmeiras e descreve, pela primeira vez, as novas fontes thermaes do Poúro, no Alto S. Lourenço, affluente do rio Paraguay e collector do rio Cuyabá.

Constam do relatório do dr. Orozimbo os estudos das tres fontes da Bahia do Frade, das Palmeiras e do Poúro, e a relação seguinte de outras fontes thermaes e hydro-mineraes do Estado de Matto Grosso, ainda não estudadas:

1) *As fontes thermâes do rio Tadariau* — Descobertas em 17 de Julho de 1919 pelo Sr. Alexandre Dias dos Santos, na furna da matta onde passa o Tadariau ou Areias (Pogubaporureu) affluente do Pogubaxarureu (V. nota 79), treze e meia leguas distante de "Rondonopolis" ou 15 de "Boa-Vista", que fica a Sudoeste.

A altitude da fonte é superior á da fazenda Boa-Vista. A agua jorra em volume comparavel ao que passaria por duas telhas curvas e cahe de alguns metros de altura formando um só jacto, o que permite "magnifico banho de ducha natural, em condições incomparaveis e deve ser extremamente curioso e interessante. A temperatura da agua é vizinha de 40° centigrados".

2) As fontes thermaes de Paikidjagure, no morro deste nome, na cabeceira do Arariaugiagareu, tres leguas distante do sitio do já citado Snr. Alexandre; tambem situadas, pois, no valle do S. Lourenço.

3) As fontes do Barreiro-Grande, citadas por Couto de Magalhães e cuja existencia foi confirmada pelo Gal. Rondon, que as visitou, e definiu com clareza sua verdadeira posição, proxima á estação telegraphica General Carneiro e á Colonia Salesiana do rio das Garças. A denominação de "Thermas do Barreiro-Grande" foi dada, mui judiciosamente, pelo Dr. Orozimbo, pois é esse o nome do rio que recebe as aguas thermaes assignaladas entre a montanha do "Paredão" e o rio Araguaia.

4) A lagôa thermal de Santanna do Parahyba, á margem esquerda do rio Aporé, dez leguas distante da villa do mesmo nome. E' muito preconizada pelos sertanejos contra as molestias da pelle, e suas aguas são temperadas, medicinaes e de efeito purgativo. A estação de estrada de

ferro que lhe fica mais proxima é a de Tres Lagôas, da No-  
roeste do Brasil (no trecho da antiga Itapura a Corumbá).

5) A fonte thermal da "Rondonia", citada pelo Dr. Roquette Pinto no vol. XX dos "Archivos do Museu Nacional", descoberta pelo Gal. Rondon na estrada por elle construida entre Tapirapoan, porto do alto Sepotuba, e o rio Juruena.

6) As fontes thermaes sulphurosas existentes na antiga "Registro do Araguaya", hoje "Araguaiana"; de elevada temperatura e consideravel interesse. Estão situadas na divisa entre os Estados de Matto-Grosso e Goiaz, na margem direita do rio Araguaya, na comarca do Rio Bonito (Goiaz), pouco acima de Registro.

7) As fontes hydro-mineraes citadas pelo Capitão Octavio Pitaluga no memorial que apresentou á Secretaria da Agricultura do Estado, em 15 de Abril de 1919, situadas nas immediações da serra do Tombador, no municipio de Rozario-Oeste, são de aguas salinas que se escoam para o ribeirão "Serragem".

8) As lagôas, tambem salinas, da Fazenda Rio-Negro, da familia Rondon, nas proximidades de Aquidauana.

9) As lagoas salinas da Fazenda Firme (Gomes da Silva & Irmão), de Corumbá.

10) As chamadas "Aguas Santas" do Sul do Estado.

11) As aguas do Lamberdor, no Bomjardim, a duas leguas do sitio Bomfim e a doze da povoação da Chapada, que são aguas de sabor salino pronunciado.

12) As aguas selenitosas, frias, do S. W. de Matto-Grosso, tambem dignas de estudo como aguas mineraes.

\* \* \*

Coube-me a honra de formular as instrucções pelas quaes se guiou o Dr. Orozimbo no estudo que lhe foi confiado pela Commissão Rondon, em 24 de Março de 1919,

visto que nesta época chefiava eu interinamente aquella Comissão, enquanto Rondon se internara, dirigindo em pessoa a turma que explorou e levantou o rio S. Miguel, affluente da margem direita do Guaporé.

Todo o mundo comprehende as vantagens que offerece o tratamento de muitas molestias (V. nota 80) por meio das aguas thermaes, quer usadas com exclusividade de outras applicações, quer utilizadas como recurso auxiliar de outros medicamentos administrados ao doente. Todavia é de interesse ouvir a proposito a palavra do especialista nos seus relatorios, que constituem as publicações: n.º 61 (1919) e n.º 62 (1920) da Comissão Rondon.

“Resumiremos em poucas palavras os effeitos physiologicos dos banhos thermaes:

“1) — Notavel actividade metabolica, manifestada por augmento de temperatura do corpo, em cerca de dois graus centigrados num banho de cinco a 15 minutos de duração, augmento este que perdura 40 minutos mais ou menos, até a volta da temperatura normal, em seguida á diaphorese.

“2) — Acceleração da actividade circulatoria, manifestada por um augmento dos batimentos cardiaes, de 30 a 50 por minuto, além do normal, d’onde a noção de que os banhos thermaes obrigam o coração a um grande esforço.

“3) — Profusa diaphorese em seguida ao banho, effectuando-se por este modo a volta da temperatura do corpo á normal, e reacção provocada pela pressão e temperatura da agua (hydrotherapia), e tambem maior actividade renal.

“4) — Provavel augmento do indice opsonico, em consequencia da actividade metabolica.

“Quanto á administração dos banhos de immersão, variando a temperatura de agua de 36 a 38 graus centigrados, e sua duração, de 5 a 15 minutos, é conveniente que sejam acompanhados de maçagens em todos os casos. O melhor meio de determinar a duração do banho, consiste em observar a reacção do banhista á temperatura, com o thermometro

clinico, em vez da prescripção de um tempo de antemão determinado e marcado.

“*Determinar a reacção individual* — Eis o problema mais difficil da pratica balnearia e da maior importancia para o successo do tratamento pelos banhos.

“Para a administração dos vapores e gazes, é melhor collocar-se o doente sentado, num compartimento pequeno, fazendo correr a agua sem que lhe toque o corpo, porem junto d'elle. Esta agua corrente a desprender os vapores, provirá directa da nascente em tubo fechado: é um verdadeiro *emanatorio*.

“Quanto á ingestão da agua thermal radio-activa, não ha duvida que, sendo esse o melhor meio de introduzir no organismo a *emanação*, é pratica recommendavel e já desde os mais remotos tempos aconselhada empiricamente. Ha noticias historicas documentadas que mostram terem sido usadas em bebida as aguas thermaes de Poços de Caldas, desde 1756 (V. Pires de Almeida, “*Lambary e Cambuquira*”, 1896).

“As applicações locais de compressas embebedias d’agua thermal, são de valor.

.....

“Assim é que, dia a dia, vão desaparecendo esses *milagrosos* especificos, desacreditados como taes. As aguas thermaes curam como os medicamentos embora não especificas para determinados males. Eis o que justifica esse empirismo que a nossa sciencia vai doirando, como quem esconde a má qualidade de um producto industrial com perfumes e coloridos. Essas considerações não dispensam, entretanto, as pesquisas para a completa elucidação dos multiplos problemas da pratica balnearia thermal.

“Acredito que a agua mineral seja uma medicação symptomatica, podendo ser empregada em larga dose, sem inconveniente pelas suas qualidades intrinsecas.

Assim os salicylatos de sodio actuam no rheumatismo como analgesicos, dirigindo-se ao symptoma e, portanto, não podem ser especificados.

“A acção substitutiva de certas aguas, a qual corrige o estado torpico sem provocar reacções violentas locais e geraes, a applicação das aguas-mães, assim como a acção resolutive de outras aguas, á semelhança da acção dos iodicos sobre as infiltrações, representam pontos de estudo do maximo interesse para as indicações a formular, pois, é sabido que nas aguas thermaes a acção resolutive pode variar de uma fonte para outra, como acontece entre nós.

“A riqueza plurimetallica, irrealizavel pela synthese, de certas aguas, se manifesta sobretudo na cura de affecções em que mais a lesão parece ser profunda tanto maior se torna a influencia dellas, quer usadas interna, quer externamente, por uma acção anti-toxica directa.

.....

“Dois factores distinguem as aguas thermaes e as separam das mineraes frias: 1) a thermalidade e 2) um mais forte grau radio-activo, intimamente ligados. Desta importante noção, resultam deducções imprevistas para a therapeutica.

“Para se comprehender a acção dos banhos thermaes é indispensavel o conhecimento dos effeitos physiologicos da emanção do radium.

“Que os resultados obtidos pelos doentes sejam todos devidos á emanção, é de suppôr, ao menos quanto ás aguas thermaes que não possuem outros ingredientes chimicos, como as aguas de pobre mineralização, de que são exemplo no Brasil as de Caldas Novas (Goiaz) e as de Caldas do Sul do Rio Cubatão (Santa Catharina).

“A acção physiologica do radium é multipla e variada.

“O radium é um *acelerador metabolico*; haja vista sua acção sobre os orgãos geradores do sangue: augmento dos elementos cellulares, de hemoglobina e da sua coagulabilidade.

“O radium é um *estimulante dos processos digestivos*, especialmente quando usado internamente.

“O radium é um *activador da função renal*, d’onde uma melhor eliminação da uréa e do acido urico, promovendo seus processos chimicos complexos.

“O radium é um estimulante de outros órgãos e tem influencia favoravel sobre as glandulas de secreção interna, o figado, os lymphaticos e as cavidades serosas. O movimento respiratorio augmenta com a correspondente eliminação maior do *dioxydo de carbono* pela acção do radium. A pressão arterial diminuida, allivia a sobrecarga do coração”.

A descoberta do radium (V. nota 81) e o estudo da radio-actividade dos corpos, especialmente das aguas mineraes, são coisas relativamente novas para a sciencia e susceptiveis ainda de notaveis pesquisas, que podem produzir sensacio-naes revelações.

O que já se sabe a respeito da influencia da radio-actividade das aguas, torna explicaveis certos phenomenos até então fóra do alcance dos scientistas, como, por exemplo, a acção therapeutica da simples estadia prolongada no local das fontes, sem o uso dos banhos nem a utilização das aguas por ingestão ou para applicações externas. Este é o caso da chamada “*irradiação penetrante*, descoberta e estudada por Cooke, Wulf e Rutherford, pois que (são, “*mutatis-mutandis*”, palavras do Dr. Orozimbo) já se conseguiu demonstrar que as fontes thermaes deixam escapar para o ambiente uma quantidade consideravel de gazes fortemente radio-activos, que augmentam a ionização e a radio-actividade da atmosphaera local da estação, fazendo-a dest’arte actuar beneficemente”.

Temos outro exemplo notavel dessa influencia da radio-actividade, na observação do poder curativo de certas aguas thermaes ou não, quando utilizadas no proprio local das suas fontes ou quando applicadas em lugares distantes e em epochas mais ou menos afastadas daquellas em que se deram a captação



e o acondicionamento do liquido. Osapparelhos de medição indicam a perda continuada, na proporção directa do tempo decorrido, do poder radio-activo, até sua completa annullação, parallelamente á diminuição de suas qualidades curativas, embora sempre as analyses chemicas qualitativas e quantitativas, lhes reconheçam, através do tempo, a mesma estrutura primacial.

Compreende-se assim a importancia que assume a pesquisa da radio-actividade das aguas thermaes e os motivos por que a Commissão Rondon, corroborando a iniciativa do Dr. Orozimbo, tanto se esforçou por apparelhar a expedição que este distincto medico chefio, com os elementos indispensaveis aos exames que realizou no local das fontes, enquanto tambem obtinha a collaboração do Dr. Balduino Feio, para os estudos posteriormente feitos, com igual objetivo, no material cuidadosamente trazido do sertão mattogrossense.

Antes de entrar no estudo particular de cada uma das tres fontes exminadas, expõe ainda o Dr. Orozimbo o seu ponto de vista quanto á exploração commercial das estações balnearias e pugna pela direcção official, quer do Governo Federal, quer do Governo Estadual, afim de evitar concessões a empresas arrendatarias privilegiadas, com prejuizo da sua prosperidade e da iniciativa particular para a construcção de hotéis, estabelecimentos balnearios, etc.

Cita elle valiosas opiniões comprobatorias de sua these e factos concretos que demonstram ser este o ponto de vista adoptado pela experiencia nos principaes paizes da Europa, especialmente na França, na Austria e na Allemanha, assim como nos Estados Unidos da America do Norte, e concita o Governo Brasileiro a adoptar o mesmo salutar criterio.

#### AGUAS THERMAES DE PALMEIRAS

Foram estas as que primeiro visitou o Dr. Orozimbo, em Agosto de 1919. Partindo de Cuyabá, a 29 de Junho,

em viagem a cavallo e seguido de pequena tropa, chegou elle ao local das fontes no dia 2 de Agosto.

As fontes de Palmeiras são tambem conhecidas como agus thermaes "da Serra do Paulista" e estão situadas a 16 leguas de Cuyabá e a 7km,500 da fazenda das Palmeiras, propriedade hoje da Missão Salesiana de Matto-Grosso. A denominação de "Sitio do Paulista" comprehendia as terras marginaes do ribeirão "Agua Quente" onde estão localizadas as fontes, e provem do seu primitivo dono, conhecido por "Paulista", Joaquim José Barbosa, que alli falleceu aos 80 anos de idade, em 1917. A casa em que residiu o Paulista, durante 40 annos, foi construida a 200m das 8 principaes fontes de agua thermal que brotam no leito do ribeirão "Agua-Quente" (V. nota n.º 82).

A altitude da serra proxima (do Veado), no ponto culminante, é aproximadamente de 800m e a das fontes é de 400m.

Segundo a opinião do Dr. Orozimbo, a captação destas fontes das Palmeiras, é facilima de realizar, por estarem já as agusa quasi captadas pela natureza e já isoladas, o que além de garantir uma pureza ideal das aguas, conseguiria a sua não contaminação, pela impermeabilidade da rocha sobre que corre o ribeirão Agua-Quente, a qual offerece ainda grande solidez o que facilitará a exploração commercial e industrial da futura estação balnearia.

Observa o relatorio: "E' interessante notar-se que as fontes de Palmeiras se distinguem logo á primeira vista pelas mattas verdes de *confervas* existentes só no local de onde brotam as diversas fontes thermaes. Esta variedade de algas, cujos espóros são levados pelo ar até a agua thermal, encontra no local onde ha calor, um meio favoravel ao seu desenvolvimento, e é sabido que só existem certas algas em fontes de aguas thermaes.

"No local das fontes, notámos ausencia de mosquitos pernalongos, o que aliás tenho verificado em outras fontes

thermaes, facto para o qual chamei a attenção no meu 1.º vol. das Aguas Thermaes Brasileiras”, citando o exemplo de Poços de Caldas e de Aix, e attribuindo isso ás condições atmosphericas creadas pela presença das aguas thermaes”.

A' primeira fonte examinada deu o Dr. Orozimbo a denominação de “Paulista” como justa homenagem ao primitivo proprietario, que fazia propaganda do valor curativo de suas fontes e recebia com agrado os doentes que iam á procura das aguas thermaes, para cujo uso construiu ahi um grande tanque, um metro a jusante do ponto de onde jorra a agua thermal. A temperatura do liquido é ahi de 41º centigrados, e no momento da experiencia o thermometro á sombra marcava 21º C. A descarga média foi de 45 litros por minuto ou quasi 65.000 litros por dia.

As duas fontes mais proximas dessa, denominadas “Balduino Feio” e “Costa Serra”, em homenagem a estes dois cientistas brasileiros, as quaes juntam logo suas aguas, têm a mesma temperatura e a mesma vazão da fonte “Paulista”.

Continuando nas pesquisas, assignalou ainda o Dr. Orozimbo mais as seguintes fontes:

N.º 4) — Fonte “D. Aquino”, assim chamada em attenção ao actual Arcebispo de Cuyabá, D. Aquino Corrêa, então no exercicio da presidencia do Estado de Matto-Grosso. Temp. 39ºC. Descarga: 130.000 litros por dia.

N.º 5 a n.º 7) — Fonte “Amilcar” com as temperaturas de 39º a 40º C.

N.º 8) — Fonte n.º 8 cuja designação tem por objectivo assignalar o numero das fontes que foram encontradas e estudadas. Temp. 30º C; vazão 75.000 litros por dia.

Além destas oito fontes, todas situadas nas margens do ribeirão, ha varias outras no leito do rio e diversos pequenos minadoiros de agua quente.

A descarga total das fontes é de 400.000 litros por dia, isto é, proxicamente a mesma da estação balnearia de Poços

de Caldas que é de 415.000, sem computar naquelle total a vazão ds fontes encontradas no leito do rio.

Além dos exames a que procedeu no local das fontes, o Dr. Orozimbo trouxe amostras das rochas e quatro vidros, (um de 5 litros e 3 de meio litro cada um) de liquido concentrado, material que foi submittido a minuciosas pesquisas e, por sua vez devidamente analysado e classificado pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Quanto ao exame "in loco", transcrevo os seguintes topicos do relatorio.

"O exame da radio-actividade foi por mim realizado com o emprego de um electroscopio de Curie, fornecido gentilmente pelo laboratorio particular do Dr. Feio, com o seguinte resultado:

Perda natural — quatro minutos.

Perda com o disco de Uranio — 35 divisões de um minuto dividido em 300 partes.

Tempo que a folha percorreu depois de estar o aparelho em contacto com os gazes sêcos provenientes da ebulição da agua thermal — um minuto e trinta segundos.

"Ellas são, portanto, radio-activas e para acceitar definitivamente o grau que a minha experiencia determinou, applicando-se a conhecida formula, é conveniente proceder-se a novos ensaios, repetidos, afim de se tirar a média.

.....

"Quanto ao resultado das analyses e ensaios por mim feitos "in loco", espero completar o serviço no Rio de Janeiro, verificando, por exemplo, se as aguas ainda contêm traços de radio-actividade, para o que trouxe do sertão grande quantidade de material colhido, assim como amostras de agua em frascos amarellos de 5.000 c.c., concentrados, deposito, amostras de rochas etc. Taes ensaios e analyses, que

a seguir vão expostos, foram realizados sem recursos que pudessem facilitar as pesquisas e são naturalmente deficientes.

“Os concentrados foram obtidos com grande dificuldade: 7 horas para concentrar 4 litros de agua. O local completamente inculto, estava cheio de mosquitos-polvora e de borrachudos, tendo eu armado a barraca na ilhota de frente ás fontes.

“A limpidez das aguas foi examinada á luz, por transparencia, em um balãozinho de Erlenmeyer. Tendo collocado dois dedos entre a luz e o balão, para verificar as substancias em suspensão, servindo-me de uma lente de 15 dioptrias, observei sua absoluta limpidez e examinei a côr, concluindo por ser ella incolor. Ainda para verificar a côr, introduzi 100 c. c. de agua thermal em um provete cylindrico, protegido por um envoltorio de côr negra contra os raios luminosos lateraes. Colloquei um pedaço de papel branco em baixo do frasco e, olhando de cima para baixo, através da columna d'agua, verifiquei que nenhuma coloração ou turvação era visivel.

“Quanto ao cheiro, verifiquei ser esta agua inodora, aquecendo até 50° c. uma amostra e agitando com bastão; e verifiquei, tambem, que é insipida.

Quanto á reacção, verifiquei, por meio do papel de tournesol, ser esta agua *neutra*.

“Esta agua não contem hydrogenio sulfuretado, porque, fervendo qualquer quantidade, não apparece o cheiro caracteristico.

“Não contem ferro nem amoniaco”.

A seguir traz o relatorio o resumo das analyses procedidas no campo, assim como, no fim, o resultado das analyses procedidas pelo Museu Nacional. Conclue o Dr. Oroszimbo pela seguinte classificção:

“Pela primeira vez na literatura medica hydrologica nacional, estas aguas, depois dos estudos acima relatados, podem ser classificadas: são aguas thermaes radio-activas, pouco

mineralizadas, pertencentes ás aguas *oligometallicas* da classificação de Fleury.

“No tempo em que as analyses chimicas e as praticas thermaes empiricas, dominavam toda a hydrologia, era difficil senão impossivel comprehender-se o valor therapeutico dessas aguas e d’ahi o esquecimento a que eram votadas.

“Hoje que se conhece bem o valor therapeutico das aguas thermaes pouco mineralizadas, chamadas por Fleury oligometallicas, porque o seu valor decorre do facto de, em geral, serem as que apresentam maior grau de radio-actividade e serem aquellas em que se suppõe que todas as moleculas salinas estão ionizadas, comprehende-se a importancia dellas.

“A maior parte das aguas thermaes brasileiras são do typo da de Palmeiras e, no estrangeiro, entre as aguas iguaes a estas, citarei as de Evian, Neris, Bad Gastein, de Lamalou, cujas virtudes medicinaes, até 1903, antes da descoberta do radio, pareciam paradoxaes.

“Ellas são identicas ás de Hot Springs, do Estado de Kansas, na America do Norte, as quaes, tendo sido reservadas aos doentes desta grande nação, em 1832, por lei do congresso, contam hoje com todos os serviços de utilidade publica e cerca de 800 hoteis, alguns com accomodações para mil hospedes; além de numerosas casas de pensão, diversas linhas ferreas, parques bellissimos, 22 km. de excellentes estradas construidas para “sport” em redor da cidade e numerosos estabelecimentos de banhos, directamente dirigidos pelo governo do paiz ou arrendados sob severa fiscalização do governo.

“Além da facilidade da captação das aguas a que já alludi, para uso industrial da futura estação balnearia, a natureza concorreu de tal modo para favorecer o aproveitamento das fontes de Palmeiras, que se pode affirmar serem raras no mundo as estações que offerecem condições de maior garantia de pureza das aguas, depois de executadas as obras de engenharia hydrologica.

“A localidade é montanhosa, protegida dos ventos pelas altas serras em redor e se acha no meio de soberba vegetação e de uma floresta de bellas palmeiras aguassú.

“Desfructa-se ahi um clima de montanha, o mais perfeito que conheço e o visitante sente-se logo attrahido e dominado por aquella vegetação luxuriante, que será crime monstruoso destruir em toda aquella redondeza.

“As aguas de Palmeiras podem ser indicadas da mesma fôrma e nos mesmos casos para os quaes são indicadas as aguas de Poços de Caldas, porque, como já se disse na primeira parte deste relatorio, as curas hydrothermaes são curas de desintoxicação e tanto valem as aguas sulfuorsas como as oligometallicas. A questão toda está em possuir ou não a localidade as condições que concorrem como factores de cura”.

#### AGUAS THERMAES DA BAHIA DO FRADE

A chamada bahia do Frade é uma lagôa de 6 km. de extensão por 4 km., na sua maior largura, e que, na epoca das chuvas, se communica com o rio Cuyabá, pela margem esquerda, por intermedio de um *igapó*.

O porto de desembarque é o da usina Tamandaré, nove horas de viagem á lancha, rio abaixo, para quem parte de Cuyabá como o Dr. Orozimbo partiu (no dia 3 de Setembro de 1919). Para chegar ao local das fontes, 10km,600 distante desse porto, atravessa-se em canôa a bahia do Frade, até o chamado “Porto de Fóra”, situado na base do Morro do Frade e caminha-se pelo desfiladeiro formado por este morro e o da Bocaina. As fontes ficam a 600<sup>m</sup> do Porto de Fóra, na vertente do Morro do Frade que desce para o celebre “Pantanal do Mimoso”, excellente zona de criação de gado dos pantanaes de Matto-Grosso (pantanaes que não atolam e constituídos de extensos campos de variadas e magnificas gramineas, periodicamente inundados pela agua das chuvas).

O frade, a quem se deve a nova designação da "sesmaria da Bocaina", era-o apenas "in nomine", pois assim appellidavam ao primitivo dono, o paulista Antonio Gonçalves de Queiroz, que suppunham ter cursado um collegio de frades com a idéa, depois abandonada, de seguir a carreira ecclesiastica.

A altitude do local das fontes foi calculada pelo Dr. Orozimbo em 210m.

As aguas thermaes surgem de um poço circular, por diversos filetes, ao redor da excavação ahi existente, de dois metros de largura por um de profundidade, e mantêm a temperatura constante de 42° centigrados, verificados pelo Dr. Orozimbo.

Verificou elle tambem que a vazão total da fonte é inferior a mil litros por hora, o que significa, na sua opinião, que não daria para 50 banhos diarios, se fosse captada toda essa agua por um reservatorio para o serviço de estabelecimento balneario.

Pesquisando o local, encontrou ainda outro poço, do lado opposto do caminho, alguns metros abaixo do primeiro, completamente abandonado dentro do matto e onde as aguas têm a temperatura de 30°C. A este denominou poço Amedée Moure, assim como ao outro chamara "Barão de Melgaço".

Procedidos aos exames no local, concluiu o Dr. Orozimbo pelos resultados que seguem:

"A agua é limpida, incolor, sem cheiro, de sabor levemente acidulado, de reacção acida e dureza média entre 8 e 12 graus allemães. Não é unctuosa ao tacto, nem deixa sensação de secura na pelle.

*"Não contem ferro, nem manganez, como assignala a memoria de 1852 (de Amedée Moure), e nem é sulfurosa. Deixa um residuo branco insignificante e pertence á classe das aguas oligometallicas da classificação de Fleury, sendo thermal, radio-activa.*



“Tratada pela agua de cal, nenhum precipitado deu. Não faz perder a côr na prova ao permanganato, indicando ausencia de materia organica.

“Notei a presença de sulfatos.

“Esta agua surge em condições muito diversas da de Palmeiras, porque, no local do poço, não brota de rocha dura antes parece atravessar um terreno permeavel, de modo que não pode ser obtida e colhida em estado de absoluta pureza como aquellas; requerem, pois, serviço cuidadoso de captação por profissional competente em engenharia hydrologica, para que sejam recommendadas depois ao publico utilizadas então em banho ou bebida.

“Clinicamente, podem ser indicadas para os mesmos casos das de Palmeiras.

“Apesar de tudo, as aguas da bahia do Frade têm realizado numerosas curas e são muito acreditadas pelos moradores da redondeza de Cuyabá.

“Observei na localidade a temperatura de 32° centigrados á sombra, no dia 5 de Setembro (ao passo que em Palmeiras observara a maxima de 30° C., á sombra, ás 14 horas de 6 e a minima de 20° C. ás 8 h. a. m., no dia 4, tudo de Agosto de 1919).

“Vê-se, portanto que é lugar quente, onde os banhos thermaes, com a temperatura elevada das aguas, só devem ser administrados por profissional.

“O exame da radio-actividade foi por mim realizado no local das fontes, com o mesmo electroscopio de que me servira em Palmeiras, e deu o resultado que se segue: Radio-actividade espontanea, ou melhor, a perda espontanea observada por duas vezes: para 10 divisões da escala, o tempo gasto para percorrel-as foi de dois minutos no aparelho de Curie. Com o disco de Uranio, gastou 20 divisões de um minuto, em chronographo cujo minuto está dividido em 300 partes.

“Fazendo a experiencia com os gazes provenientes da ebulição da agua thermal, préviamente sêcos, a folha de

aluminio gastou o tempo de um minuto a percorrer 10 divisões da escala do app. Curie.

“Vê-se, portanto, que estas aguas são radio-activas, e são necessarios outros ensaios repetidos, afim de ser tirada a média, para acertar-se a unidade definitiva”.

\* \* \*

Passa depois o Dr. Orozimbo á critica da Memoria do Dr. Amedée, fazendo observar que houve erro no affirmar que a agua da Bahia do Frade contem grande proporção de ferro e manganez, erro que se vulgarizou e correu mundo, através de varias publicações sobre o assumpto, como no livro: “Impressões do Brasil no Seculo XX” (1913) e outros. Chama então elle a attenção para o importante serviço prestado pela Commissão Rondon com o estudo dessas aguas e o restabelecimento da verdade e diz textualmente:

“Este trabalho do Dr. Amedée Moure está errado e foi grande o serviço da Commissão Rondon emendando os erros graves contidos nesta memoria historica. Não posso culpar o cientista e passo a censurar os nossos governos, que tendo tido noticia desta memoria, nunca resolveram mandar verificar a exactidão de suas affirmativas, porque, se na realidade essas aguas contivessem elevada proporção de ferro e manganez, sendo thermaes de tão elevada temperatura e abundantes, como affirmou o signatario da memoria, ellas seriam *importantissimas e caso unico no universo* (o grifho é da transcrição).

“A ser exacta a affirmação, as aguas do Frade apresentariam uma riqueza tal que attrahiriam os hydrologistas e industriaes; entretanto, ninguem ligou a menor attenção a essas aguas, durante 67 annos, contados desde a publicação daquella memoria até a epoca em que a Commissão Rondon promoveu o estudo dessas fontes thermaes”.

A temperatura maxima de 42° C. achada pelo Dr. Orozimbo, coincide com a que consta da memoria, mas ainda

rectifica o Dr. Orozimbo a este proposito: "Não é exacto o que diz o autor da memória, quando affirma haver observado temperatura superior áquella, á medida que se penetra mais para adiante. A agua surge com 42° C. e nenhuma temperatura maior se observa".

Dá a memoria tambem para vazão 3848 litros por hora e o Dr. Orozimbo encontrou apenas 970; recommenda as aguas nas molestiras do coração, por causa do manganez, o que, diz o Dr. Orozimbo, é uma verdadeira *heresia*, ao mesmo tempo em que classifica de *disparate* em hydrologia, a indicação de banhos de 42° C. em affecções cardiacas!

Outro topico da memoria que mereceu a critica foi o que aconselhava, para alguns casos, o uso de banhos prolongados na temperatura de 42° C., afim de obter uma acção sudorifica; contestou-o o Dr. Orozimbo nos seguintes termos:

"Isto é outro disparate, das mais serias consequencias, para alguém que fosse seguir semelhante conselho. Do banho demorado, na temperatura de 42° C., pode resultar até a morte do paciente ou, no caso que o suporte, pode acarretar um estado de debilidade physica e mental".

\* \* \*

As amostras de agua e de rochas, trazidas pelo Dr. Orozimbo e remetidas ao Museu Nacional, conjuntamente com as de procedencia das outras fontes, foram devidamente analysadas pelo competente professor Dr. Alfredo A. de Andrade, Chefe do Laboratorio de Chimica desse instituto, e os seus resultados constam de annexos ao fim do relatório do Dr. Orozimbo. Nelles figuram as determinações physico-chimicas, dos gazes dissolvidos, a analyse quantitativa biologica, dados hydrostometricos, a determinação dos corpos que entram na composição da agua e a sua composição provavel.

Entre os corpos determinados por litro, em grammas, figuram:

Argila	
Bioxydo de silicio (silica - $\text{Si O}^2$ ) .....	0,0490
Oxydo ferrico ( $\text{Fe}^2 \text{O}^3$ ) .....	0,0024
Oxydo de aluminio (Alumina - $\text{Al}^2 \text{O}^3$ ) .....	0,0011
Oxydo de calcio (Cal - $\text{Ca O}$ ) .....	0,0142
Oxydo de magnesio (Magnesia - $\text{Mg O}$ ) ....	0,0018
Oxydo de potassio (Potassa - $\text{K}^2 \text{O}$ ) .....	0,0009
Oxydo de sodio (Soda - $\text{Na}^2 \text{O}$ ) .....	0,0045
Oxydo de manganéz (Mn O) .....	0,0005
Chloro (Cl) .....	0,0014
Anhydrido sulfurico ( $\text{S O}^3$ ) .....	0,0190
Anhydrido nitrico ( $\text{Az}^2 \text{O}^5$ ) .....	0,0010
Anhydrido carbonico combinado ( $\text{CO}^2$ ) .....	0,0057
Perdas, substancias indosadas, etc. ....	0,0025
	0,1040

Na composição provavel, por litro, confirma o Dr. Andrade as observações do Dr. Orozimbo, pois encontra a percentagem de 0,0031 grammas de carbonato ferroso ( $\text{Fe C O}^3$ ) e apenas um miligramma de sulphato de manganéz ( $\text{Mm S O}^4$ ).

Todavia convem transcrever as “conclusões” a que chegou o Dr. Andrade:

“A agua thermal da Bahia do Frade, cuja existencia está de muito assinalada, é pouco mineralizada — constituindo a silica soluvel quasi a metade do residuo. Entretanto, pode ser considerada mais que uma agua “thermal simples”, pela possibilidade de entrar no grupo das ferruginosas e levemente sulfatadas. Nota: As determinações e considerações acima, referem-se á agua tal como chegou ao Museu, muitos dias depois da captação longinqua, por pessoa diversa da que analysou e que, por tal circumstancia, não realizou as operações preliminares na Fonte”.

#### AS THERMAS DO POURO

Visitadas e estudadas as thermas de Palmeiras e da Bahia do Frade, explica o Dr. Orozimbo os motivos que

tinha, na occasião, para apressar seu regresso ao Rio de Janeiro, deixando para o anno seguinte a excursão ao alto S. Lourenço (rio Poguba-xoreu), e esclarece, com a mais louvavel exactidão, as razões que o demoveram desse proposito e das quaes resultou, felizmente, a divulgação da importante riqueza hydromineral e thermal pelas fontes a que denominou "Thermas do Poúro"; assim expõe elle o caso:

"Fui obrigado, porém, a attender ao pedido do Gal. Rondon, em telegramma por tal forma redigido, que não tive outra coisa a fazer senão partir o mais depressa possivel até a localidade das fontes thermaes, situadas á margem do Pogubaxoreu, um dos formadores do rio S. Lourenço, porque se aproximava a epoca das chuvas e a distancia a cavallo era longa a percorrer.

"Tenho por habito não voltar atrás, depois de tomada uma resolução, seja qual fôr a consequencia da minha determinação. Esta, foi uma das raras vezes em que procedi contra o meu costume e a minha indole. E' que o general tinha carradas de razão.

"Quando não bastassem as razões dadas em seu telegramma, pela sua Commissão, a opulencia e a extraordinaria importancia das thermas do Poúro, por si justificavam minha visita, maior que fosse o sacrificio a vencer, facto de que hoje me orgulho.

"Estou convencido de que as thermas do Poúro devem ser consideradas e enumeradas *entre as mais ricas do Brasil e da America do Sul*.

"O General Rondon, muito satisfeito pelo que elle chamou de minha "patriotica resolução", enviou-me parabens e felicitou-me vivamente por telegramma. Por minha vez eu lhe agradeço o conhecimento que hoje possuo das thermas do Poúro e que, com prazer divulgo neste relatorio.

"Nenhuma localidade de aguas até agora por mim visitada me impressionou mais do que a que passo a descrever, tal é o conjunto de circumstancias favoraveis ao desenvolvi-

mento e aproveitamento scientifico dessa grande riqueza hydromineral e thermal de nossa Patria”.

Assim como a Cabral coube a gloria do descobrimento do Brasil, ao distincto mattogrossense Major Octavio Pitaluga, que foi deputado estadual de sua terra natal, em varias legislaturas, cabe a da descoberta das fontes thermaes do alto S. Lourenço, pois foi este official do Exercito quem primeiro as descreveu em officio de 15 de Abril de 1919, por elle dirigido ao Secretario da Agricultura do Estado de Matto-Grosso, quatro annos justos depois que Rondon dera informações ao Dr. Orozimbo sobre a existencia dessas aguas thermaes.

Com a ida do Dr. Orozimbo, ficaram assignalados não só os dois grupos de fontes a que se referia Pitaluga, como tambem um terceiro grupo a que aquelle denominou “Grupo General Rondon”.

As thermas do Poúro, que é a denominação indigena, já eram conhecidas dos Borôros, muito antes de terem sido visitadas pelos goyanos que ha uma dezena de annos ahi se estabeleceram.

Segundo esclarece o relatorio, a palavra Poúro, em lingua borôro, quer dizer “agua quente” (Pó é contracção das palavras *Pobe* ou *Pebe*, que quer dizer — agua: *uru* ou *uro*, significa — *quente*).

Para chegar-se á zona do Poúro, pode-se viajar por agua, em pequenas lanchas, pelo rio Paraguay (para quem parte de Corumbá) ou pelo rio Cuyabá (para quem parte de Cuyabá) e depois pelo rio S. Lourenço, até acima da Colonia S. Lourenço, nucleo de indios Borôros fundado e mantido pelo Serviço de Protecção aos Indios, ou até o pequeno e novissimo povoado de Rondonopolis; ou seguir por terra, pela estrada que desce de Cuyabá em direcção ao Sul do Estado, via Palmeiras-Jacintho-Rondonopolis, ou ainda, parte por esta estrada e parte pela picada da linha telegraphica chamada “Linha de Léste”.

O Dr. Orozimbo preferiu seguir por terra, a cavallo, vencendo assim as 40 leguas que separam Cuyabá do local das fontes, e partiu da capital do Estado (Cuyabá) em 23 de Setembro de 1919, pela picada da linha telegraphica, deixando á direita a estrada de Palmeiras. A estrada depois de subir muito (800<sup>m</sup> de altitude segundo o relatorio), desce em direcção á cabeceira do rio Formoso (550) passa depois no pouso do ribeirão Areias cuja altitude foi calculada em 260<sup>m</sup>, atravessando opulentas mattas, onde é commum ouvir-se os gritos dos indios Borôros nas suas continuas caçadas.

Enquanto aguardava na fazenda de Boa-Vista, em cujas terras estão as fontes do Poúro, o alargamento da picada que liga esta fazenda ás thermas, afim de dar passagem aos cargueiros, assim como a limpeza da matta no local das fontes, o Dr. Orozimbo fez-se de viagem até Rondonopolis e de lá regressou no dia 4 de Outubro, data em que se transportou áquelle local.

Depois de atravessar o correjo Poúro (ou Agua-Quente em lingua portugûesa) que tem ali 4<sup>m</sup> de largura e meio de profundidade, vê-se logo o lagedo de 6<sup>m</sup> de largura, de onde brotam dois filetes de aguas thermaes (grupo B ou grupo Capitão Pitaluga); seguindo a direcção das aguas, vê-se que elles se reúnem logo abaixo a outro filete, que provem do grupo (A) de fontes, denominado "Grupo José Rodrigues" em homenagem ao goyano proprietario das terras, para então desaguardem no Poúro, pela margem direita.

Nesta confluencia, observou entretanto o Dr. Orozimbo que as aguas do Poúro já traziam a temperatura de 34° e suspeitou, pois, da existencia de outros grupos de fontes. Confirmaram-se estas suspeitas quando elle verificou o augmento progressivo da temperatura da agua, á proporção que caninhava contra a corrente. Pesquisando descobriu afinal um terceiro grupo de fontes thermaes (C, ou "Grupo General Rondon") tambem provindas do lado da "Serra da Agua-Quente", isto é, pela margem direita do Poúro, do mesmo lado, pois, que os dois outros e a 100<sup>m</sup> da confluencia citada.

No relatório figura o "croquis" das thermas, com as temperaturas respectivas annotadas.

Antes de passarmos á descripção summaria dos tres grupos de fontes do Poúro, transcrevamos a synthese que faz o relatório dos estudos realizados:

"A altitude é de 300<sup>m</sup> e a temperatura maxima observada foi de 27° C. á sombra. A agua é limpida, incolor, inodora, insipida, de reacção neutra, com ausencia de materia organica, de dureza inferior a 4 graus allemães, muito doce, não unctuosa. São radio-activas, conforme verifiquei com o electrometro de Curie conduzido por mim ao local das fontes. Observei tambem que o ar local se achava um tanto ionizado, porque a perda espontanea do apparelho isto indicava. Clasifico-as entre as aguas thermaes radio-activas, pouco mineralizadas, oligometallicas da classificação de Fleury.

Eis a descripção:

"Os tres grupos de fontes thermaes do Poúro estão, pois, todos do lado da serra, á margem direita do correjo desse nome. O grupo *A* é o mais alto, está distante do grupo *B* cerca de 50<sup>m</sup> e começa com as fontes situadas na parte mais alta da serra, até a junção de suas aguas com as que vêm do grupo *B*. O ribeirão Poúro nasce na estrada da Boa-Vista, a uma legua da ponte proxima da fazenda e duas leguas desta, e depois de receber as fontes thermaes vai desaguar no Pogubaxoreu, antes de neste rio fazer barra o Tugore.

"No local das fontes, o Poúro passa quasi em recta, com direcção ao poente; a serra da Agua-Quente fica ao Norte, portanto, do lado da margem direita, de onde surgem as aguas thermaes, e o cerrado da margem esquerda, ao sul.

"O grupo *A* compõe-se de numerosas fontes thermaes que surgem num ponto mais elevado da serra, á direita do grupo *B*. A 1.<sup>a</sup> fonte, ao alto, marcou 32° C., outras mais abundantes marcaram 36°, outras mais adeante 37°, 39° e 40°. Em seguida estas fontes reúnem suas aguas num correjo em cujo leito tomei a temperatura de 37° C. e vão



juntar-se com as do grupo *B*, para desaguardem então no Poúro. É curiosa a direcção dos dois regatos, um ao encontro do outro. Na união das aguas encontrei a temperatura de 38° C. Reunidas todas a descargas das diversas fontes thermaes deste grupo da serra, até o encontro das do grupo *B*, avaliei a descarga total em 500.000 litros por dia.

“O grupo *B*, por mim denominado “Capitão Pitaluga”, é o que vem representado nas photographias que pude tirar. De um plano inclinado, formado pela rocha e bem evidente na photographia, surgem, por cima, 10 fontes, 5 de cada lado, na distancia de 2<sup>m</sup>, todas com 40° C. de temperatura na nascente.

A agua corre sobre a rocha e forma uma bacia de agua limpida e incolor, com 39° C. de temperatura, devido á perda de um grau, verificada no percurso dos 6<sup>m</sup> de distancia que separam, as nascentes, dessa bacia. Na descida da agua, vê-se, á direita, uma fonte curiosa, de que consegui uma photographia bastante nitida, a qual fórma um jacto que lembra um repuxo.

“A agua esguicha de estreito orificio á altura de dois palmos e tem ahí a temperatura de 40° C. Foi nesse repuxo que colhi as amostras de agua thermal para a analyse, em condições de pureza absoluta, porque depois de convenientemente lavados os frascos, primeiramente com agua distilada, depois com alcool absoluto e outra vez com agua distilada, eu os virava de bôca contra o esguicho e á medida que os enchia, voltava com o gargalo para cima e os fechava logo com a rolha de vidro. Estas amostras foram entregues ao Museu Nacional e sua analyse; como a das rochas do local, figuram no fim deste relatorio. As aguas reunidas deste importante grupo têm uma descarga de 1.250.000 litros por dia.

“O Grupo *C* escoa-se para o leito do ribeirão por uma bôca que se encontra 100<sup>m</sup> acima da descarga conjunta dos grupos *A* e *B*. Subindo o correjo originado por este grupo *C*, a que chamei “Grupo General Rondon”, encontra-se logo

à esquerda, ao sahir do leito do Poúro, uma fonte thermal abundante, cuja temperatura é de 39<sup>o</sup>,5 C. Esta fonte surge da areia, que foi colhida para o exame. Poucos metros adiante e do mesmo lado, ha outra fonte, com a temperatura de 40<sup>o</sup> C. Ainda do mesmo lado, caminhando sempre pelo leito do corrego quente, que tem quasi um metro de profundidade, acha-se uma bacia de pedra, com apparencia de um banheiro natural, tal a regularidade dos cõntornos e do alisado da pedra. Tem este banheiro a curiosa fórma rectangular, com um metro de largura por um de profundidade; está coberto de algas verdes e, no fundo, ha um cascalho formado de seixos de varios tamanhos. Por tres orificios da rocha em que se formou a bacia, jorra sempre a agua thermal que ahi já alcança a temperatura de 41<sup>o</sup> C. Pouco adeante encontram-se aguas thermaes de elevada temperatura, provenientes de 9 fontes, todas com a temperatura de 42<sup>o</sup> C., a mais elevada das thermas de Poúro. Caminha-se mais um pequeno trecho de 5<sup>m</sup> sem encontrar fontes e chega-se depo's a uma verdadeira lagoa thermal, onde ha myriades de minadores.

Surgem estes da areia branca, de onde emerge a agua, de uma excavação profunda, que torna perigosa a experiencia de sua profundidade. Contei 8 orificios á direita da lagõa com 39<sup>o</sup> C, e mais 25 no centro. Todos correspondem a fontes profundas. Mais alem, ha outra lagõa, a ultima, com 6 fontes que brotam da areia branca com 39<sup>o</sup> C.

“Para montante não ha mais fontes thermaes. O leito deste corrego quente têm 40<sup>o</sup>. A descarga total das fontes do grupo C pode ser avaliada em 1.250.000 litros por dia.

“O Poúro acima deste corrego quente, que dá vazão ás aguas do grupo C, apresenta a temperatura de 31<sup>o</sup> C., o que demonstra não existirem mais fontes thermaes acima destas.

“As fontes todas reunidas, dão uma descarga de tres milhões de litros por dia”.

Escondendo, sob o véo diaphano da mais requintada modestia, o seu esforço dedicado e o trabalho principal, que foi o que elle realizou com tão grandes doses de competencia e legitimo patriotismo, remata o Dr. Orozimbo o relatorio com as seguintes palavras:

“Assim, dou por terminada a missão que me foi confiada pela Comissão Rondon, de estudar as aguas mineraes do Estado de Matto-Grosso. Se por ventura ellas ainda não foram todas visitadas, é que, situadas em pontos diversos de vasta região, é necessario tempo, e grandes são as difficuldades para o transporte de material. No espaço de um só anno, seria impossivel.

“O esforço que este relatorio representa, deve-se a energia incomparavel do General Rondon e do seu digno auxiliar, Capitão Amilcar Armando Botelho de Magalhães, que tudo fizeram para levar a cabo mais esta campanha. A elles cabe maior parte do grande serviço prestado a Matto-Grosso, qual o de tornar conhecidas da classe medica e do publico, as riquezas hydro-mineraes e thermaes daquelle grande Estado, até agora tão esquecidas” .

Sem concordar com a affirmativa do Dr. Orozimbo, na parte que me diz respeito, transcrevi as suas ultimas palavras porque ellas demonstram que não poupei esforços para o bom exito da missão que o levou a Matto-Grosso, e demonstram claramente a minha bôa vontade em vibrar accorde com a orientação do General Rondon, ao tempo em que dirigi o Escriptorio Central da Comissão Rondon, e isto é para mim motivo de justa ufanía e grande satisfacção.

\* \* \*

Para concluir, trasladarei a parte principal do relatorio apresentado pelo professor Andrade, sobre a analyse das aguas do Poúro:

“A amostra da agua da fonte de S. Lourenço (Thermas de Poúro, segundo denominação acceita pela Comissão Ron-

don), chegou ao Museu Nacional contida em alguns pequenos frascos e em um maior, de 5 litros, com rotulos que indicavam ter sido captada na Fonte do rio S. Lourenço, do Estado de Matto-Grosso. O envio se effectuou, com solicitação de analyse pelo Chefe do Escritorio Central da Comissão das Linhas Telegraficas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, Sr. Capitão Amilcar B. de Magalhães.

*Caracteres geraes das aguas:* Agua limpida, incolor de sabor sávido, fornecendo, pelo repouso prolongado, diminuto deposito silico- argiloso. Não representa fluorecencia alguma. O residuo da evaporação apresenta côr branco-amarella, passando ligeiramente ao cinzento pelo aquecimento ao vermelho, coloração que subitamente se desfaz para dar lugar á côr branca.

.....

“Dos resultados acima indicados concluo, que, sob o ponto de vista da mineralização, esta agua cahe no grupo das chamadas aguas indifferentes, por conter menos de 0,gr.300 de residuo a 180°.

“Pouco mineralizada, apresenta entretanto ligeira alcalinidade, pela presença do bicarbonato de calcio e de magnesio em quantidades minimas, encerrando tambem carbonato ferroso.

“Estas conclusões se fazem enunciadas com as resalvas que defluem da analyse executada mēses depois da colheita, feita por pessoa differente da que analysou, em logar longinquo, não permittindo ao signatario effectuar as imprescindiveis determinações “in loco”: — Referem-se, pois, á agua como ao Museu chegou”.

## NOTAS

NOTA 78 — O distincto medico residente em Poços de Caldas, Minas, é conhecido publicista, que já conta algumas dezenas de livros e theses de sua autoria, sobre materia clinica, e tambem autor de

seis trabalhos sobre aguas thermaes, dentre os quaes destacamos os seguintes:

1) As aguas thermaes brasileiras, com prefacio do Dr. A. Austregesilo, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — 1.º tomo.

2) As aguas thermaes de Caldas Novas, com o estudo completo, executado pelo autor, da respectiva fonte.

3) As aguas thermaes de Poços de Caldas, obra premiada pela Prefeitura Municipal, mediante honrosa decisão da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Dedicando-se ao importante estudo das aguas thermaes e interessando-se por conhecer as que Matto-Grosso possuia, entabou em 1915 as primeiras conversações com o General Rondon, verdadeiro "dicionario" de tudo quanto se refere a Matto-Grosso.

As informações que lhe prestou o notavel *sertanista*, permitiram-lhe desde logo publicar importante artigo no jornal "A Comarca" que se edita em Poços de Caldas, com a descripção summaria das aguas thermaes de Matto-Grosso.

Em 1919, tomou sobre os seus hombros a tarefa penosa de seguir para Matto-Grosso, afim de estudar "in-loco" as aguas thermaes daquelle longinquo Estado, dando um grande exemplo de amor ao trabalho e de legitimo patriotismo, pois que *nenhuma remuneração recebeu por esses trabalhos*, que tão proficientemente realizou, e para os quaes teve apenas á sua disposição a boa vontade do pessoal da Comissão Rondon e os necessarios meios de transporte.

NOTA 79 — "Poguba" é o nome do rio S. Lourenço, em lingua Borôro. "Poguba-xoreu" significa: S. Lourenço *escuro* e constitue o alto S. Lourenço.

O General Rondon estabeleceu a Colonia Indigena do S. Lourenço á margem direita do rio que lhe deu o nome, e ahi estão aldeados e dirigidos pelo Serviço de Protecção aos Indios, innumerous selvicolas dessa famosa tribu de Borôros Coroados.

Rondon em pessoa tem visitado multiplas vezes este importante nucleo e desde o tempo em que ahi passou com a linha telegraphica chamada "de Leste", que liga Cuyabá ao sul do Estado, procedeu a minuciosas explorações e levantamentos afim de esclarecer a confusão que havia com os numerosos formadores da bacia do S. Lourenço.

NOTA 80 — O topico seguinte extraido do relatorio do Dr. Orozimbo, melhor esclarecerá ao leitor:

"...Affectões e molestias de etiologia bacteriana ou metabolica, beneficiadas pelos banhos thermaes, são os typos do grupo rheumatico; affectões gynecologicas e cutaneas; estados gon. articulares agudos ou sub-agudos, consequentes ás infecções; arthrite chronica; gota; desordens cardio-renaes secundarias a alta tensão arterial; desordens nervosas funcçionaes; nevralgias e nevrites; lumbago; algumas formas de anemia; nas toxemias; periodo inicial do mal de Bright chronico; esterilidade das mulheres; algumas formas de affectões cardio-vasculares com augmento de tensão arterial etc.". A applicação dos banhos thermaes, torna de maior successo ainda o tratamento medicamentoso da siphilis e da malária — são tambem affirmativas do referido medico, nesse mesmo documento citado.

NOTA 81 — Ainda ha pouco Mme. e Mlle. Curie (a primeira e seu fallecido esposo revelaram ao mundo, como se sabe, a existencia do radium, e juntos descobriram varios de seus notaveis caracteres, que tanto revolucionaram a sciencia) realizaram conferencias sobre o radium, perante a Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, e apresentaram as mais curiosas experiencias scientificas sobre a radio-actividade dos corpos.

Transceverei nesta nota algumas referencias publicadas sobre o radium pelos Drs. Orozimbo e Feio:

"O radium é dotado de *emanação* e de *irradiação*. Esta é constituida dos raios *alpha*, *beta* e *gamma*, os ultimos analogos aos raios Röntgen, de que se differenciam por possuirem maior força penetrante, e os segundos, semelhantes aos raios cathodicos.

"Alem desta propriedade, o radium desprende um gaz que se chama *emanação* capaz de passar aos corpos contidos dentro de recipiente fechado, com elle vindo a ter contacto, a propriedade de se tornarem, por algum tempo, radio-activos. Esta propriedade é transitoria, ao passo que a *irradiação* se prolonga durante centenas de annos. A propria *emanação* diminue em poucos dias, até que se desintegra, produzindo o helio.

"O radium é luminoso, phosphorescente, fluorescente, desprende calor, decompõe os saes de prata, mancha o vidro, converte o oxygenio do ar em ozone e é fonte de electricidade.

"Eis ahí uma descoberta importante: a de um corpo que produz espontaneamente electricidade, capaz de produzir a ionização do ar e a descarga dos electroscopios á distancia.

"Esta propriedade é utilizada para medir o poder radio-activo dos minerios e das aguas. A rapidez da descarga dos electroscopios, relaciona-se com a quantidade de radium ou o grau radio-activo das substancias em que se verifica a sua presença.

“B. A. Feio com a sua pratica e os seus trabalhos, affirmou que, no conhecimento perfeito dos methodos de unidades usuaes e das unidades empregadas em radio-actividade está o valor do emprego therapeutico da substancia radio-activa.

.....

“Dentre os methodos de medir a radio-actividade o electrico é o mais seguido.

“Nas aguas a radio-actividade provirá da emanação ou de um corpo radio-activo dissolvido nellas. No caso de provir da emanação, esta será retirada da agua, fazendo-se ferver esta e recolhendo-se o producto gazoso. No caso de provir de um sal radio-activo dissolvido, uma vez retirada a emanação, fechar-se-á á lampada o recipiente com a agua. Se a emanação se restabelecer com as mesmas medidas, no fim de 30 dias, é que um sal radio-activo a produziu.

“Os melhores methodos de medida da emanação, foram dados pelo dr. Feio no seu trabalho “Radiumetria”, de modo a serem executados pelos menos habéis experimentadores.

“Uma substancia radio-activa pôde ser examinada por methodos photographicos. Um pedaço de mineral qualquer, collocado sobre a chapa photographica contida em involucro escuro, fará com que a chapa fique impressa, se fôr radio-activo, em tempo mais ou menos variavel, de accordo com a quantidade do elemento activo.

“O radium ennegrece os saes de prata, de modo que podem ser obtidas photographias de objectos na obscuridade, e nada até hoje parece ser impermeavel ás irradiações.

“O vidro, sob a influencia do radium, toma uma côr violacea e até nas fontes thermaes se tem verificado o effeito da mancha do radium no vidro, assim como radiographias têm sido obtidas nas fontes de aguas thermaes”.

**NOTA 82** — Este ribeirão Agua Quente nasce na serra do Veado, uma legua acima das fontes, e de lá desce encachoeirado com o rumo NE — S. W, até sua confluencia com o Bananal, affluente do Cupim, que, por sua vez, desagua no Agua Branca, contribuinte da margem esquerda do rio Cuyabá.

## CAPITULO XVII

# A PHOTOGRAPHIA E A CINEMATOGRAFIA NO SERTÃO — RAPIDAS NOTAS SOBRE A EXPEDIÇÃO RONURO-CURISEVU

Não ha quem desconheça as vantagens da documentação photographica, principalmente quando se trata de aspectos e panoramas do sertão bruto, nem tão pouco quem não se deleite com o folhear vistas que reproduzem as bellezas naturaes, as scenas e os scenarios de quaesquer explorações. A cinematographia goza de maior prestigio ainda e, no caso particular das expedições da "Commissão Rondon", sóbe de importancia, pela faculdade de documentar os costumes dos nossos aborigenes, as suas festas, as suas danças, suas ceremonias funebres, etc.

Através da photographia e da cinematographia, pode-se fazer idéa do sertão sem lá pôr os pés, sem sentir, pois, os incommodos do clima, dos mosquitos, dos carrapatos e outras coisas mais desagradaveis ainda.

As primeiras expedições do General Rondon são anteriores aos progressos actuaes da cinematographia, pelo que não podiam contar com este recurso, mas foram sempre acompanhadas, quanto possivel, pelo do serviço fotografico. E, quem conhece o sertão, sabe quaes as difficuldades que foi mister superar, para se obter a collecção de photographias que a "Commissão Rondon" accumulou em seus archivos.

As primeiras tentativas feitas pelo General Rondon para organizar *films* do sertão, fracassou completamente, embora o serviço houvesse sido contratado com pessoal civil compe-



tente, utilizando o recurso de importante photographia do Rio de Janeiro — a casa Musso. Também outros profissionaes civis fracassaram deante das asperezas da *sala de visitas* do sertão. O problema só foi afinal resolvido, quando o General Rondon, aproveitando a bôa vontade e a habilidade artistica de um seu official, entregou o serviço cinematographico aos cuidados do então Tenente Luis Thomaz Reis (V. nota 83).

Para ter-se idéa de conjunto dos trabalhos executados por este distincto companheiro, transcrevo o resumo que elle proprio fez desses trabalhos:

“O serviço cinematographico da Commissão Rondon, foi creado em 1912, depois de alguns insucessos de outros operadores que, pela primeira vez, empregaram a cinematographia no sertão, durante as explorações realizadas pelo General Rondon de 1907 a 1910. Não tendo sido bem succedidas as provas entregues aos cuidados da casa Musso, do Rio de Janeiro, o Sr. General Rondon desejava entretanto obter vistas cinematographicas da obra que se continuava: a linha telegraphica de Cuyabá ao Madeira.

Um dia me apresentei ao então Coronel Rondon e me propuz a adquirir o material necessario á creação do nosso serviço, que eu me compromettia a executar. Com dez contos de réis (fôra o maximo que o Coronel Rondon pudera separar da verba: “material”), embarquei para a Europa, onde comprei, em Londres e Paris, o material indispensavel, naquelle tempo o mais perfeito, e segui para o sertão com sete mil metros de *films* da marca “Lumière, tropical”, material que não existia no Rio.

“Depois de seis mêses de serviço, sob minha observação pessoal, pois que era a primeira vez que fazia isso no sertão, tendo por felicidade estudado a “emulsão” e o tempo de sua efficiencia em zonas quentes e humidas, o que me levou a preparar aparelhos de madeira especiaes para revelar os films no local, foi então obtido com vantagem o film conhe-

cido por "Sertões de Matto-Grosso", exhibido em 1915 no Rio de Janeiro e depois, em todo o Brasil.

"Em 1913 chegava ao Rio a Expedição Roosevelt, tendo eu recebido ordens de acompanhá-la para obter um *film* da viagem. Incompleto, por diversas circumstancias, esse *film* não teve a felicidade do primeiro, devido á pressa da viagem. No entanto, foi publicado com o titulo: "Expedição Roosevelt" e exhibido tambem em 1915, durante as conferencias do Cel. Rondon, no Theatro Phenix.

"Nessa data assumia a chefia do Escriptorio Central o Sr. Capitão Amilcar Armando Botelho de Magalhães, official de moderna cultura, amante dos processos de documentação graphica e cinematographica e graças a quem o serviço teve maior desenvolvimento, com a criação do laboratorio da Comissão, montado com os recursos provindos da exhibição dos *films* anteriormente organizados (V. nota 84).

Secundando o Cel. Rondon, o Capm. Amilcar organizou o estudo dos indios Borôros de São Lourenço, tribu que conserva rituaes de tradições dignas de registro. Foi então que tive a incumbencia de tomar o *film* do São Lourenço, com os rituaes Borôros, depois o Pantanal, com caçadas de onças e os "Saltos Iguassú", tendo tudo constituido um longo programma, com o titulo: "De Santa Cruz", o melhor *film* da Comissão (V. nota 85) na opinião da imprensa que se occupa de *films*. Muito conhecido, pois que teve a honra de ser passado no Carnegie Hall, de New York, durante as conferencias de Roosevelt, em 1918, nos cinemas de New York e aqui no Brasil, constitue documento historico que faz honra á "Comissão Rondon".

"Em 1917 fui tambem incumbido de tomar o *film* da "Industria da Borracha em Matto-Grosso e no Amazonas", tendo subido o rio Gy-Paraná e percorrido ahi, para esse fim, os seringaes da firma Asensi. Programma de 2.000 metros.

"Em 1922, por occasião da "Exposição do Centenario", o Sr. Presidente Epitacio Pessoa convidou o General Rondon para inspecionar o Nordeste brasileiro, sendo eu incum-

bido de tomar o *film* respectivo, que foi obtido com perfeição e exhibido ao Sr. Presidente e demais funcionarios da Inspectoria de Sêccas. Consta de 4.000 metros de programma.

“Em 1923 o Sr. General me ordenou acompanhar a expedição do Capitão Vicente de Paula da F. Vasconcellos, ao rio Ronuro, affluente principal do Xingú. Organizei esse serviço cinematografico com 2.000 metros de programma, que documenta todo o trabalho de levantamento e os estudos de exploração de um rio completamente desconhecido, numa excursão que durou sete mêses.

“Foi então editado o *film* “Ronuro, Selvas do Xingú”, que é typico e caracteriza bem um serviço de exploração ao estylo da Commissão. Este film foi passado ultimamente, no mês de Dezembro, perante o Congresso de Geographia reunido em Victoria, com geraes elogios.

“Mal acabava eu de terminar a longa jornada do Xingú e o Sr. General me incumbia de tomar um *film* circumstanciado da Campanha do Paraná, para cujo Estado segui em 1924, lá permanecendo durante as operações de guerra contra os rebeldes, até 1925, e tendo obtido, durante esses seis mêses, o *film* geral das “opreações de Guerra” que se acha no Estado-Maior com a metragem de 4.000ms. Um rêsumo de 1.400ms. foi executado, por cópia, para o publico, tendo sido exhibido no Cinema Parisiense, em Agosto do anno passado. Aquj fica o resumo dos films sob minha autoria”.

Deixando de lado a organização do *film* da Campanha do Paraná, que não tem ligação com os trabalhos da Commissão Rondon, dos quaes me occupo, acompanhemos o relatorio em que o Capitão Reis descreve a sua recente viagem pelo valle do Xingú e da qual resultou o importante *film*: “Ronuro. Selvas do Xingú”.

Quem não tiver conhecimento do teor desse documento official, não poderá dar-se conta das difficuldades vencidas e dos riscos de vida que acarreta o preparo de um *film* deste jaez.

Aos riscos que a natureza bruta antepõe á penetração do homem civilizado, as mattas virgens, os rios caudalosos, as corredeiras e cachoeiras, os aridos chapadões ultra-insolados, accresceram nessa expedição os perigos de um mal-entendido entre os expedicionarios e o grupo de selvicolas Anahuquás, localizados á margem do rio Curisevu (Vide schema junto), indios cuja attitude hostile foi vencida com grande habilidade diplomatica pelo Cap. Vasconcellos, chefe da expedição, conforme descreveremos.

O *film* do *Xingú* foi obtido subsidiariamente, como documentação dos trabalhos de exploração e levantamento dos rios Jatobá e Ronuro, formadores daquelle grandioso rio brasileiro, e dos costumes dos indios que povoam essas regiões. Em taes condições, como objectivo secundario, o serviço cinematographico foi certamente prejudicado pelo principal fim da expedição, segundo a ordem natural das coisas, embora com grande pesar do artista que, á certa altura do seu relatorio, exclama desolado, sopitando as tendencias do militar:

“Certas viagens, a marchas forçadas, em que não se perde tempo, num “toca-toca” para a frente, são um verdadeiro martyrio para o artista, que não tem oportunidade de repousar o sentimento, para melhor coordenar os elementos de seu trabalho. Não sou amigo das viagens de urgencia, quando ha um objectivo de arte a obter. O expedicionario artista faz duas expedições, enquanto que o que apenas relata a viagem faz uma, pois que não é pouco o lidar com um aparelho cinematographico de 20 kilogrammas de peso, tomar posições e cuidar dos muitos dispositivos technicos para obter um *film* em condições”.

Na verdade, a expedição moveu-se, com grande rapidez, visto como sahiu de Cuyabá no dia 16 de Junho de 1924, executou a exploração e o levantamento de dois rios: Jatobá e Ronuro, cujos cursos desceu, dividida em duas turmas, visitou innumerous aldeamentos indigenas e regressou á Capital mattogrossense em meados de Outubro, subindo os rios “Cu-

luene", seu affluente "Curisevu" e seu sub-affluente "Arame".

Chefiou-a o experimentado sertanista Capm. Vicente Vasconcellos, já conhecido dos leitores, através da nota n.º 18 e da photographia numero 8 incluída no capítulo V, levando sob as suas ordens o auxiliar topographo Santiago Sobrinho e oito trabalhadores; o serviço phot. e cin. era dirigido, como já vimos, pelo Capm. Reis. Para a viagem por terra, através da serra da Chapada (de magnifico clima, que está para o de Cuyabá, como o de Petropolis para o do Rio de Janeiro), a dez leguas apenas distante da capital, foi organizada uma tropa de 23 animaes cargueiros (9 bovinos e 14 muares) e 11 de sella.

Foram annexados á turma exploradora quatro suissos, o Dr. Phil. H. Hintermann e mais tres compatriotas seus, vindos de Zurich para estudarem o interior do Brasil. Parece que se preocupavam mais com os estudos de anthropologia, segundo convicção emittida pelo Capm. Reis, que tambem estava encarregado de proceder a pesquisas semelhantes, quanto a medidas anthropometricas dos nossos aborigenes (Vide nota 86).

De Ponta Alta até o "Posto Simões Lopes", na zona do rio Paranatinga, que a expedição atravessou, já o Capm. Vasconcellos se occupou do levantamento topographico do itinerario, conforme as instrucções que recebeu do Gal. Rondon. Retardado por effeito deste serviço, só a 4 de Julho entrou no posto ahi mantido pelo Serviço de Protecção aos Indios, com a collaboração da Commissão Rondon, que o fundou (Capm. Ramiro Noronha).

Com oito dias mais de viagem, parte através do cerrado e dos chapadões, parte através dos 2km. de matta espessa que ensombra as aguas do Ronuro, a expedição acampou á margem deste rio e deu inicio á construcção de cinco canoas (pêpe na lingua dos indios) de casca de jatobá (cujo fabrico constitue especial habilidade dos indios Bacahirís e já

foi exposto minuciosamente em a nota n.º 6) e uma de madeira "Mulateira".

Foi então dividida a expedição em duas turmas, uma, principal, sob a chefia de Vasconcellos, para explorar e levantar o Ronuro, outra, sob a direcção do topographo Santiago, para descer e levantar o Jatobá, affluente daquelle; á 1.ª foram aggregados 4 indios Bacahirís e á 2.ª cinco, os quaes prestaram dedicado auxilio a todas duas.

Tem a palavra o cinematographista:

"Os primeiros dias foram empregados em desobstruir o canal, dos páus que se atravessavam aqui e alli.

"No dia 15 de Julho, ás 14 horas, iniciámos a navegação do rio Ronuro, aguas abaixo, com grandes esperanças e muitas saudades do que ficava para trás. Nenhuma emoção nos parecera mais forte. O desconhecido, comtudo, não nos desanimava; parecia que nos bastavamos para enfrentar quaesquer perigos que não podiamos prever, mas que sabiamos provaveis.

"Comecei *filmando* a viagem, como já o vinha fazendo desde o Posto Simões Lopes, com o apparelho Williamson de 30 metros.

"O meu material operatorio se compunha desta machina e de um "Debie Studio", de 120 metros, que eu ia reservando para os estudos mais importantes.

"Por prudencia, a minha canôa seguia na frente, e, tendo eu o apparelho sempre apontado para qualquer "tomada" rapida. Mas, succedia que as ramagens e os páus, encontrados, eram uma ameaça para a camara, o que exigia muito cuidado, para evitar qualquer estrago, e nos obrigava a "rasar" o mais possivel o nosso ponto de vista".

Por dias e dias consecutivos manteve o Cap. Reis a esperanza de surprehender assim scenas inéditas da vida dos animaes na floresta, mas nada conseguiu, embora o terreno marginal estivesse *cortado* dos rastos de capivaras, quatis, tamanduás, veados, cotias, antas, onças, lobos, porcos do matto, caetetés e innumeradas aves de grande porte. Tão

pouco conseguiu, como imaginava, apanhar qualquer "instantaneo" de indios, pois jamais os vira á margem do Ronuro.

O Capm. Vasconcellos, que vinha executando o levantamento do Ronuro, a telemetro e bussola, por duas vezes deixou a turma acampada á margem deste rio e seguiu em rumo de Oeste, abrindo *pique*, até encontrar o valle do rio "Von den Stein", para uma verificação de ordem geographica, recommendada especialmente nas instrucções de serviço.

Nos primeiros dias de Agosto a expedição attingiu um trecho de corredeiras, das quaes a mais importante era a da Anta; e nessa altura foi que o Capm. Vasconcellos "correu" a sua segunda "variante" para Oeste.

Aproveitando-se desta parada, o Cap. Reis montou o seu material cinematographico para revelar as pelliculas já impressionadas do "Negativo" e assim relatou depois a sua decepção:

"A' noite, iniciei este serviço, com grande desapontamento, porque as temperaturas, abaixo de dez graus centigrados, não permittiram "trabalhar" os banhos em boas condições.

"Depois de tentativas seguidas, onde apenas apurei 120 metros, resolvi suspender o serviço de revelar *films* em noites tão frias. Outro inconveniente, que impoz tal adiamento, foi a quantidade de insectos de pequeno talhe, como mosquitos, que atacavam a pellicula e se grudavam á gelatina, inutilizando o trabalho. Nunca me succedera isto antes, talvez porque tenha sempre operado em locaes descobertos e mais arejados".

A 8 de Agosto estacou a expedição a montante do "Salto Ronuro", enquanto se preparava o *varadouro* por terra.

A seguir entraram os expedicionarios em trecho tranquillo do rio, que tem ahi 50m de largura e é muito piscoso.

A 14 passaram a fóz do rio "Ramiro Noronha", identificado pelo instincto do explorador, no dizer do Cap. Reis.

O encontro com a turma que desceu o Jatobá, é assim descripto pelo Cap. Reis:

“De ha muito estavamos pensando no destino da expedição ao rio Jatobá, que vinha sendo conduzida pelo Santiago. Tambem não appareceu a fóz deste rio, apesar de já estarmos, pelos nossos calculos, quasi a seu alcance.

“A’s nove horas de 23, um dos nossos homens atirou sobre uma jacutinga. O tiro echoou em repetidas estaladas surdas, pela matta afóra. *Incontinenti* ouvimos algumas detonações, não muito longe mais parecendo o écho do nosso ultimo disparo. Novas descargas se succederam pouco depois: não tivemos mais duvidas de que andava gente nossa perto. Disparámos então muitas armas simultaneamente e esperámos pela resposta, que não demorou. Passada a primeira volta do rio, descobrimos, a meio kilometro, a *esquadra* do Santiago que subia ao nosso encontro.

“Soubemos que elles tinham passado os dez dias ultimos sem provisões e que se alimentaram então exclusivamente de mel e caça.

“Continuámos a viagem juntos, até a fóz do Jatobá, onde chegámos no dia seguinte”.

D’ahi em deante o rio tornou-se caudaloso e bastante largo, apresentando extensas praias arenosas, onde os expedicionarios colhiam, em abundancia, ovos de tracajás.

Uma salva de 10 tiros, dados ás 14h do dia 28 pelo Cap. Reis, assignalou a entrada no Ronuro das aguas do rio “Ferro” ou “Von den Stein”.

No dia 30 a expedição estava no Xingú. “O Ronuro que vinha conservando um aspecto majestoso pela sua largura superior a 120m., diz o relatorio, alargou-se de modo notavel e uniu-se ao Culuene e ao Batovi, formando tudo uma grande bacia”.

Os expedicionarios fizeram seu acampamento na margem do Culuene, cujo curso iriam subir.



Deu-se nesse ponto o primeiro contacto com indios Camaiurás: dois meninos e um muito joven adolescente, os quaes andavam em pescaria.

Suppõe o Cap. Reis que se tenham elles aproximado por curiosidade, attrahidos pela singularidade de um factó nunca visto, qual o do hasteamento da nossa linda Bandeira no meio daquella portentosa selva. Apercebendo-se, da presença dos exploradores, mostraram-se indecisos e receosos, mas, chamados por signaes e alcançada sua leve piroga pela canôa de um indio Bakahirí, que fôra despachado no seu encaço, vieram á presença do Cap. Vasconcellos que os acariciou e presenteou, tornando-os logo confiantes e alegres, tanto que no dia seguinte, voltaram ao acampamento e acompanharam a subida do Culuene; até um certo ponto.

Até a fóz do Ronuro, ou melhor, até a confluencia dos tres grandes formadores do Xingú, o Ronuro, o Batovi e o Culuene, o levantamento accusou 537 kilometros. No dia 1.º de Setembro a expedição iniciou sua volta a Cuyabá, por dentro de outro rio, o Culuene, já explorado e levantado pela Commissão Rondon (Expedição do Cap. Ramiro Noronha).

Forte *repiquete* e ventania, detiveram os expedicionarios por algumas horas; amainando as ondas, proseguio a subida do Culuene á força de *zingas*.

A's 17 horas encontraram, descendo o mesmo rio, duas canôas tripuladas por quatro indios Camaiurás, dois dos quaes eram evidentemente caciques. Os chefes rapidamente metteram-se em uma bahia, mas o Cap. Vasconcellos, aproveitando-se da surpresa, conseguiu aproximar-se dos outros dois indios, offerecendo-lhes um machado e fazendo-os comprehender que, em troca, desejava ser levado ao encontro dos caciques. Refere, então, o Cap. Reis:

“Estavam todos nús e pintados (provavelmente de urucum, que lhes dá aquelle tom avermelhado da pelle). Admirámos o arrojo do nosso companheiro, quando embarcou na canôa indigena, elle só, e desappareceu pela bahia a dentro, em companhia dos dois Camaiurás!

“Acampámos ahí a sua espera, não sem angustias e sentimentos sinistros quanto á sorte do Vasconcellos, entregue aos riscos de uma incursão entre índios desconhecidos e talvez hostis. Quem poderia assegurar que os índios o deixariam regressar?”

“Já havíamos predisposto tudo para irmos ao seu encontro no dia seguinte; mas, felizmente, pela manhã do dia 2, chegaram varias canôas tripuladas por índios e no meio delles divisei logo o Vasconcellos”.

Poude então o Cap. Reis observar de perto um grupo de Camaiurás, que elle photographou e assim descreveu:

“A tribu Camaiurá não se veste, nem com palhas, nem com qualquer tecido, e seus membros usam cintas de fibra e pulseiras e collares de conchas, além de alguns enfeites de pennas de arara como brincos ou presas nas ataduras dos braços (sobre o biceps) e das pernas (junto aos tornozellos).

“O chefe era moço e de bôa figura, de olhos muito perspicazes e esbelto demais em comparação com a compleição robusta dos outros índios; d’onde conclui que entre elles predominavam a vivacidade e a intelligencia como qualidades exigidas para a direcção da tribu”.

Quiz o Cap. Reis tomar-lhes medidas anthropometricas, mas elles se recusaram, suspeitosos, o que contra-indicava qualquer insistencia deante de um grupo selvicola que tinha o seu primeiro contacto com os membros da Commissão Rondon.

Decidiu o Cap. Vasconcellos visitar a aldeia dos Camaiurás com toda a expedição e, á maneira de certas exigencias diplomaticas, retribuir *incontinenti* a visita recebida em seu acampamento. Penetrou para isto em uma bahia, a que deu o nome de “Camaiurá” e que os índios affirmavam comunicar-se mais acima com o rio, atalhando o trajecto. E na tarde do mesmo dia desembarcou com todos os expedicionarios no porto do aldeamento, onde foram todos cordialmente recebidos por innumerados desses guerreiros acompanha-

dos de muitas mulheres. Estas, fazendo as honras da casa, traziam farinha e beijús para offerecer aos seus hospedes.

Viram ahi um indio da tribu com a bôca deformada pelo uso de um batoque imposto pelos indios Suyás, de qua fôra captivo (V. phot. n.º 47).

Proseguindo depois a subida do Culuene, a 3 de Setembro entraram a navegar em aguas do Curisevu, seu afl. da margem esq., ponto até onde foram gentilmente acompanhados pelo Chefe dos Camaiurás, que se despediu, fazendo-lhes comprehender o motivo do seu regresso: a fronteira convencional das terras dos Camaiurás e dos "Aulapitys".

Desta tribu viram os expedicionarios apenas tres moços e um velho, os quaes os acompanharam sempre, ajudando a remar, até deixal-os entre os "Auetis".

Os expedicionarios, para visitar o aldeamento dos Auetis, tiveram que andar mais de sete kilometros, tal a distancia que o separava do porto do Curisevu em que desembarcaram com esse objectivo. Tomaram parte nesta excursão os dois capitães, o Dr. Hintermann e o empregado Miguel Mendes, que auxiliava o serviço photographico, todos desarmados, visto que o Cap. Vasconcellos, num gesto de sincera confiança, fez entrega de sua Winchester ao cacique Aueti que, préviamente avisado, se encontrava com outros indios á espera dos expedicionarios no porto referido.

A curiosa visita foi assim descripta no relatorio do Cap. Reis:

"A' nossa chegada, as mulheres se recolheram ás suas casas e os homens nos receberam no local proprio dos hospedes, num rancho ao centro da praça.

"Os Chefes deram-nos dois assentos de madeira que imitavam jabotis. Depois nos fizeram servir de beijús frescos, ainda quentes e muito limpos, que saboreámos com gulodice, tão bem feitos estavam. E, para beber, deram-nos agua com farinha, em vasos muito grandes, se os compararmos aos nossos copos: eram grandes panellas cheias de liquido, ou cabaças tambem grandes.

“Cercados de curiosos, estávamos fechados num círculo de homens, mulheres e crianças (mulheres e crianças que depois nos vieram ver), todos elles a nos examinarem, tocando-nos em tudo o que tínhamos comnosco, na roupa, no chapéu, nos botões, etc. Assim passámos uma tarde inteira entre esses selvícolas.

“Voltámos depois ao porto e proseguimos nossa viagem, pelo Curisevu acima, acompanhados dos dois chefes Auëtis, aos quaes o Cap. Vasconcellos prometteu presentes ao termo da subida, quando comprehendeu que se zangavam por não receberem brindes, o que era alli impossivel, visto não os pussuir mais a turma, já esgotada destes recursos tão decisivos para a demonstração de nossa amizade e bôa vontade para com os indios”.

Adeante viviam os indios “Meinakus” que foram prevenidos da passagem da expedição pelos seus vastos latifundios, de modo que puderam assim esperar, no seu porto fluvial, a anciosa chegada dos abnegados emissarios de Rondon. A aldeia dos Meinakus, que fica a 12 kms. do porto, foi tambem visitada pelos expedicionarios, que nella não encontraram quasi nada differente da dos Auëtis:

“Como na primeira aldeia, as casas tinham a forma de ogiva, vistas de frente, mas lateralmente eram tres vezes mais alongadas, e eram dotadas de uma só porta de flanco, muito pequena em proporção á grandeza dos tugurios, cada qual com dimensões sufficientes para abrigar cinco familias completas, parentes e adherentes.

“Era notavel a proporção de crianças e rapazotes para a de velhos: havia dez crianças para um velho.

“Quanto ao sexos, notava-se o excesso de mulheres velhas sobre o numero de homens velhos, o que attribui ás guerras constantes em que vivem empenhadas todas as tribus, quasi que em cada triennio.

“Qual a causa destas guerras, verdadeiras catastrophes para tão reduzidas collectividades?

"Ligeiras notas, farão comprehender alguns desses motivos.

"Pelo que ouvi e comprehendí, as razões que levaram os Trumai, por ex., a guerrear os Camaiurás, alliados aos Suyás, foram simples ambições dos ultimos, que cobiçavam as ferramentas, armas e outros haveres dos Trumai.

"Von den Stein desceu o rio Batovi, von Meyer o Jatohá e outro explorador, destacado da turma deste ultimo, desceu o Ferro; todos sahiram na bahia das tres fôzes, em cujas cercanias viviam aldeiados os Trumai. Como era natural, receberam estes indios muitos presentes destes tres exploradores, dois dos quaes não subiram o Curisêvu e portanto não tiveram contacto com as outras tribus.

"Os machados, os facões e outras ferramentas, as contas e os tecidos, principalmente as ferragens, ganhas assim, despertaram a cobiça das outras tribus e foram o motivo daquella guerra".

No dia 8 de Setembro despediram-se os expedicionarios dos Meinakus e com poucas horas de viagem, rio acima, encontraram-se entre os Uarás, que, como os outros, os esperavam já no seu porto de desembarque. Diz o relatorio:

"Quando entrámos, ao meio-dia, na choupana do chefe Uaurá, ao abrigo dos raios solares que nos causticavam, o allivio do repouso, no ambiente sombrio, nos deu alma nova. O ar estava comtudo almiscarado pela promiscuidade dos seres humanos que alli se abrigavam. As mulheres coziam beijús em panellas rasas, de onde o fogo lançava linguas avermelhadas e fumarentas. Outras pulverisavam bolos de mandioca para o preparo dos beijos.

"Foi-nos offerecido um peixe, assado inteiro, com todas as escamas e visceras. A principio nos pareceu extranho este modo de preparar, mas, provamol-o e o achámos excellente".

Deixando os dominios dos Uaurás no dia 9, aportaram a 10 nos dos Anahuquás, no meio dos quaes os expedicionarios sentiram-se sem garantias, por causas adeante esclarcidas.

Os trabalhadores da turma ansiavam chegar á aldeia destes indios, porque estavam todos já sem fumo e sabiam que os Anahuquás o cultivavam.

Duas grandes decepções tiveram ahí os expedicionarios, numa dellas correndo sério risco o Cap. Vasconcellos e seus companheiros, ao visitarem esse aldeamento.

No porto da aldeia, em vez dos Anahuquás, encontraram os Trumai, que com seu exilado chefe, "estavam sobre a barranca, na condição humilhante de homiziados, pois tinham sido repellidos do Xingú, em consequencia da ultima guerra movida contra elles pelos Camaiurás e Suyás, que os venceram e expulsaram das aldeias assim conquistadas.

A segunda decepção foi coisa mais séria, pois que os expedicionarios, depois de caminharem patrioticamente mais de 10km para realizar a amistosa visita com que testemunhavam seus desejos de paz e protecção, foram recebidos hostilmente pelo chefe Aloy. E' bem expressiva a photographia 48, que representa o curioso instantaneo do momento difficil em que se viu o Cap. Vasconcellos, alvo das invectivas injustas e cruéis do cacique.

Dois indios Meinacus que acompanhavam os expedicionarios, percebendo logo a attitude de desconfiança com que se apresentavam o chefe Aloy e seus subditos, preveniram disso ao Cap. Vasconcellos, a quem não passara despercebido, entretanto, o desgosto em que incorria, sem nenhuma culpa.

Só havia homens na aldeia, pois que as mulheres tinham sido internadas na matta, levando comsigo os seus papagaios faladores e as suas araras de lindas plumagens de côres vivas.

Refere o Cap. Reis:

"O chefe Aloy, com evidente resentimento, nervoso, de olhar inquieto e cheio de odio, começou narrando o facto de ter um indio Bakahirí (gente que se lhe afigurava ser nossa alliada) assassinado um Anahuquá, nas cabeceiras do Culuene, e terminou declarando que não deviamos, pois, esperar d'elle a paz".

Esforçou-se o Cap. Vasconcellos por acalmar o chefe Anahuquá, affirmando-lhe que os expedicionarios não eram Bakahirís e que castigariam o assassino do Anahuquá.

Deve-se á calma e á coragem deste official a salvação dos expedicionarios que conseguiram, por fim, um pouco de farinha de que precisavam, a troco de facões e machados que elle mandou entregar aos Anahuquás.

O photographo assim lamentou a perda de uma bôa oportunidade de trabalhar :

“Não pude, pois, obter nenhuma photographia bôa dos Anahuquás, devido ao estado de tensão de seu espirito. Qualquer coisa que lhe despertasse uma suspeita, podia dar lugar ao fracasso completo da expedição, pois seriamos flechados alli mesmo, pela inconsciencia daquellas almas rudes e primitivas.

“Voltámos então ao porto como quem escapa a um naufragio ; alli recebemos a farinha que os Anahuquás nos trouxeram e tratámos de proseguir viagem”.

No dia 11 foram desembarcados dois Bakahirís, com a missão de levar ao posto “Simões Lopes”, 15 leguas distante, a requisição urgente de generos para a turma e de brindes a distribuir pelos selvicolas, que se tinham incorporado na expedição visando recebê-los.

De 11 a 18 viajaram ainda pelo Curisêvu, em trecho encachoeirado, semeado de pedras cobertas de capim.

A 18 penetraram no rio Arame, affl. da margem esq. do Curisêvu, mas pouco adiante acamparam á espera da tropa que lhes devia trazer recursos de “Simões Lopes”, porque a falta d’agua não permittiu continuarem a viagem embarcados.

Acamparam com a expedição trinta indios de tribus diversas (Uaurás, Meinacus, Auêtis), os quaes serviram ao Cap. Reis para a obtenção das medidas anthropometricas que constam de seu relatorio.

Utilizando-se desta parada de alguns dias, atacou o mesmo official, durante as noites, o serviço que habitualmente

é feito em camara escura, quando se trabalha na cidade, em "atelier" convenientemente montado; assim descreve elle esta phase:

"Preparei um rancho e comecei o trabalho de revelação dos "films" tomados em viagem. Tambem não fui feliz nisto, porque as noites eram sempre perturbadas por temporaes, cujos relampagos me velaram as pelliculas.

"Tive depois que suspender este serviço, para tratar dos doentes de febres palustres, que eram já oito, inclusive os suissos.

"Estavamos passando a palmito e alguma caça. Os indios, desde quatro dias antes, não tinham o que comer, a não ser alguma fructa do matto; davamos-lhes, duas vezes ao dia, mingau de aveia, alimento que muito lhes agradou. Dentre elles havia duas mulheres Uaurás. Todos tinham rédes e o acampamento em breve tomou o aspecto de aldeamento.

"A 22 a nossa tropa chegava de "Simões Lopes", ás 19 horas, carregada de mantimentos para todos e dos presentes pedidos para os indios.

"No dia seguinte fizemos a distribuição, por igual, de machados, facões, facas, linhas para costura, agulhas, anzões, calças, camisas de brim mescla, chapéus de palha e contas. Foi um dia de gratas emoções para os nossos indios, cujo contentamento tocava os limites da embriaguez. Tanto fôra para nós como se os thesouros do oriente se abrissem aos nossos olhos e as fadas da terra dos sonhos nos cumulassem dessas riquezas, que só existem nas narrativas das "Mil e uma Noites". Nunca mais elles esquecerão esse dia glorioso, que marcará um grande acontecimento a servir de thema para as narrações oraes dos descendentes da actual geração, nas noites de luar, nos congressos da aldeia e talvez em cantares maternas...

"A 24 levantámos acampamento, depois de nos termos despedido dos indios que deviam voltar para suas aldeias.



“Seguimos em direcção ao posto “Simões Lopes”, atravessando a 25 o rio Batovi, que dava ainda passagem a vau.

“O Vasconcellos teve, nesse dia, forte acesso de febre, que foi combatido com medicamentos que levavamos.

“A 27 chegavamos ao “porto”, de volta da nossa longa expedição e davamos logo as providencias para o regresso a Cuyabá.

“Terminando aqui o relatorio da viagem ao Ronuro, apresento juntamente, para serem enviadas ao “Museu Nacional”, as fichas anthropometricas que pude obter dos nossos indios e algumas photographias.

“Occupado com o serviço cinematographico, cujo *film* já foi organizado, não me foi possivel desenvolver mais a documentação photographica, porque não dispunha de um ajudante-photographo.

“O meu maior desejo foi o de corresponder á expectativa do nosso prezado chefe, que nos distinguio com esta importante commissão, e de cujo prestigio muito nos honramos, cada vez mais dignificados pela sua sábia direcção e pelo seu exemplo de abnegado patriotismo, em tudo o que concerne ao engrandecimento do nosso caro Brasil”.

\* \* \*

Em capitulo subseqüente, tratarei das notas anthropometricas que acompanham o relatorio do Cap. Reis.

## NOTAS

NOTA 83 — Actualmente no posto de Capitão, continúa este official a prestar multiplos serviços á Comissão Rondon, pois alem de dirigir e executar os trabalhos photographicos e cinematographicos, é desenhista muito habil, que tem deixado traços inapagaveis de sua collaboração na vasta cartographia da Secção de Desenho.

Serve junto o General Rondon desde 1910 e em 1912 assumia a chefia da Secção de Photographia e Cinematographia, designação que

todavia só foi adoptada com a reorganização do Escriptorio Central, em 1914, quando ficou este dividido nas seguintes secções:

1) Expediente; 2) Contabilidade; 3) Desenho; 4) Phot. e Cinemat.

Foram tão completos e minuciosos os estudos de cinematographia feitos por este official, que á Commissão Rondon coube a gloria de apresentar o primeiro *film* genuinamente nacional tão bem confeccionado como os que então nos vinham impressos do estrangeiro — o "De Santa Cruz."

E' um consumado artista e um espirito inclinado aos grandes e estrondosos commettimentos da arte em que se tornou perito. Dessem-lhe meios abundantes e seus trabalhos rivalizariam com os mais adeantados dos centros cinematographicos da America do Norte, pois, alem do mais, é um estudioso que se compraz em resolver, com seu proprio esforço, todos os complicados problemas technicos dessa especialidade, onde tudo lhe é hoje familiar, desde a mecanica e a chimica dos *films*, até as mais infimas minudencias dos trabalhos correlativos.

Accrescente-se a esta capacidade pratica, o espirito de camaradagem e a gentileza do trato, qualidades estas que o tornam estimado de todos os que delle se acercam, e teremos um rapido perfil do prezado companheiro com quem tive o prazer de conviver na "Commissão Rondon", em cidades e sertões. (Major da Reserva, foi convocado para o serviço activo e se encontra em Matto-Grosso, determinando coordenadas geographicas ainda necessarias á conclusão da Carta deste Estado — Obs. á edição de 1940).

NOTA 84 — Pondo de parte as expressões elogiosas que me são dirigidas, por gentileza do meu camarada, confirmo a boa vontade por mim empregada, com a necessaria autorização do meu prezado Chefe, Gal. Rondon, na montagem do Laboratorio alludido. Todos os processos mais modernos da cinematographia eram alli applicados, e a Commissão Rondon dispunha então de todas as machinas necessarias para a organização completa dos seus *films*, inclusive a impressão dos positivos e dos letreiros, a secagem artificial, o enrolamento mecanico das bobinas, etc., tudo movido a electricidade. O proprio Cap. Reis dirigiu toda a installação, com a mais notavel proficiencia, e tudo funcionava ás mil maravilhas até eu deixar o Escriptorio Central, em Maio de 1922.

NOTA 85 — "De Santa-Cruz" não só constituiu o melhor *film* da Commissão, como, em absoluto, rivaliza com os melhores *films* tomados do natural, sem nenhum artificio. Possuo inumeras apreciações, espontaneamente publicadas por profissionaes da cinematographia, que o collocam entre os melhores *films*, quanto á nitidez e

quanto ao conjunto artistico, ahí comprehendidos os desenhos característicos de arte moderna que emolduram os seus letreiros, escriptos em bom portuguez.

Por toda a parte tem sido exhibido com successo e com applausos de assistencias bastante notaveis.

As partes referentes aos saltos Utiarity e Bello, e aos costumes dos indios Borôros de Matto-Grosso, têm despertado admiração, especialmente quanto a certas danças indigenas, até então completamente ignoradas dos centros civilizados e que revelam o vigor e a agilidade fóra do commum, dessa notavel nação selvícola.

NOTA 86 — A providencia que este facto encerra, deveria ser generalizada a todas as incursões de estrangeiros pelo sertão do nosso Paiz. Devemos facilitar e mesmo fomentar o estudo da nossa Natureza, mas exercer o direito de fiscalizar a acção dos excursionistas estrangeiros, pondo-lhes á ilharga gente nossa, capaz de os acompanhar e de comprehender os objectivos que miram.

(Esta salutar medida, pela qual propugnámos em multiplos appellos, foi afinal consubstanciada no Decreto 22.698, de 11-V-1933 e respectivo regulamento — Obs. ed. 1940).

## CAPITULO XVIII

# NOTAS ANTHROPOMETRICAS SOBRE OS NOSSOS SELVICOLAS. TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

As medidas anthropometricas são a parte material das pesquisas da anthropologia, que é, como se sabe, o estudo do homem physiologica e anatomicamente considerado como especime do reino animal, da sua historia, da sua lingua (linguistica), dos seus costumes (ethnographia), quanto aos caracteristicos das raças.

Taes medidas, por conseguinte, servem de base a importantes deducções na determinação da origem dos povos que actualmente habitam o nosso planeta e fornecem argumentos scientificos e, por conseguinte, decisivos, por exemplo, contra a hypothese da origem asiatica dos nossos aborigenes, firmada aliás sob o fundamento da mera casualidade da semelhança physica relativa á obliquidade apresentada pelos olhos (V. nota 88-bis).

Possuimos no Brasil um centro notavel, para onde convergem todos os dados elucidativos da origem dos nossos selvicolas: a secção de anthropologia e ethnographia do nosso Museu Nacional do Rio de Janeiro, secção que é proficientemente dirigida pelo Dr. Edgard de Roquette Pinto. Para ahi tem a Comissão Rondon enviado todos os artefactos indigenas colleccionados no sertão e entregues de bôa vontade pelas tribus com que tem tido contacto. De 40.000 exemplares ou amostras de botanica, zoologia, mineralogia e ethnographia, mais da quarta parte é constituida de artefactos indigenas offerecidos pela benemerita Comissão ao Museu Nacional, desde 1910 até 1926.

Além deste copioso material que tão eloquentemente dá testemunho dos esforços patrióticos do General Rondon, foi ainda sob os auspícios daquella Commissão que o Dr. Roquette Pinto em pessoa, penetrou os sertões de Matto-Grosso e foi estudar os typos ethnicos dos Parecís e dos Nhambiquaras, trazendo de lá as importantes notas que formam um grosso volume dos "Archivos do Museu Nacional", tomo a que o auctor deu a synthetica e expressiva denominação de "RONDONIA" (V. nota 87). Nesse consciencioso estudo, encontram-se abundantes as medidas anthropometricas tomadas com a maxima exactidão pelo eximio especialista.

Além de outros trabalhos, encontram-se ainda nos volumes XXV e XXXVI dos "Archivos do Museu Nacional" estudos muito importantes para a determinação de typos dos nossos selvícolas. No volume XXV estão publicadas as "notas anthropometricas sobre os indios Urupás" do Sr. Roquette Pinto com a collaboração do Sr. A. Childe. Estes estudos foram realizados em uma grande collecção de craneos e de varios ossos isolados (femures, tibias, peroneos, humeros, radios e cubitos), encontrados pelo General Rondon na gruta da montanha Arahi, na cabeceira do rio Cautário. Nessa gruta de gypsito (V. nota 88), teve Rondon oportunidade de examinar um vasto ossuario dos primitivos indios Urupás, tribu que, segundo annotam os autores do trabalho de que trato, é hoje considerada grupamento ethnico extinto, como outras do medio valle do rio Gy-Paraná (Rama-rama, Jarús), e foi encontrada pela "Commissão Rondon" já bastante dizimada e em contacto com os seringueiros, quando habitava os valles do rio Jarú ou Tramak, isto é, depois que abandonara a sua primitiva moradia no rio Urupá.

No calculo da altura provavel do individuo médio, desde que não se dispunha de esqueletos, applicaram os investigadores "o methodo de Bertillon, que dá a altura do homem em função do comprimento do pé, achando-a de 1<sup>m</sup>,43 (producto desse comprimento, 0<sup>m</sup>,2, no caso concreto em es-

tudo, pelo chamado "coeficiente de reconstrucção" respectivo (7,17), o que não deve estar longe da realidade".

Sobre a calota craneana do exemplar que tomou o n.º 16.296 nos mostruários do Museu, foram encontradas umas pennas curiosamente alli grudadas.

Outro craneo, de conformação particular, estava "completamente decorado com um desenho de escamas imbricadas, lembrando as escamas da tartaruga, muito nitido ainda no occipital e que foi executado com uma tonalidade sépia até mesmo nas asas do pterygoideu, na face interna da arcada zygomática". Este craneo, que tomou o n.º 16.297, tem ainda notavel o facto de "não apresentar rudimentos das apophyses mastoideas", o que é muito característico. Transcrevo, por curiosidade, a relação das meticulosas medidas que foram realizadas neste craneo (n.º 16.297):

Peso (processo Manouvrier) .....	1.093
Capacidade (proc. de Broca) .....	1.257 c.c.
Diametro antero-posterior 173 <sup>mm</sup> (o inion não existe, ind. iniaco 147)	
Diametro transverso .....	138
" basilo-bregmatico .....	118
" frontal minimo .....	92
" " maximo .....	110
" bi-mastoides .....	113
" bi-zygomatico .....	112
" naso-basilar .....	78
Diametro alveolo-basilar (a arcada alveolar está quebrada na altura dos incisivos medios) .....	74,5
Diametro naso-alveolar .....	64
Altura do nariz .....	40
Largura do nariz .....	20,2
" da orbita .....	35
Altura da orbita .....	35
Largura alveolar .....	59
Altura alveolar .....	34,5
Diametro antero-posterior do buraco occipital .....	36
Diametro transverso do buraco occipital .....	30,5
Curva saggital (F. 113, P. 229, In. 310) .....	354
Curva bi-auricular .....	276

Curva horizontal .....	493
Índice cephalico .....	79,7
Índice nasal .....	50,5
Índice prognatismo (processo Rivet) ....	70°
Índice facial .....	57,19
Largura inter-orbitar .....	19 <sup>mm</sup> ,5
Índice maxilo-alveolar .....	171
Altura orbito-alveolar .....	30 <sup>mm</sup>

O exame do craneo n.º 16.298 deu lugar às seguintes observações:

“A’ primeira vista, a irregularidade do craneo é notavel. Como no craneo anterior (16.297), o occipital é achatado na região iniaca. As apophyses mastoideas são pouco salientes. Um pouco acima do stephanion, na sutura occipital, acha-se de cada lado um osso wormio. O osso incasico não existe. O temporal esquerdo se articula directamente com o frontal, afastando a asa esphenoidea do parietal, sobre um comprimento de 8<sup>mm</sup>. Do lado direito, ao contrario, o parietal se articula com o esphenoide sobre um comprimento de 4<sup>mm</sup>. Esta constatação é interessante, por coincidir com uma asymetria de caixa craneana, onde o maior desenvolvimento do parietal se realizou do lado direito, permanecendo a sutura sagittal, entretanto, no plano mediano antero-posterior do craneo. A asa esquerda do esphenoide está notavelmente menos desenvolvida do que a asa direita”.

E bastam estes exemplos para que o leitor tenha idéa da meticulosidade com que devem ser feitas as medidas anthropometricas.

\* \* \*

Os estudos publicados no volume XXVI são da lavra dos drs. Roquette Pinto, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro e Benjamin Baptista, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e illustrados com desenhos de A. Childe, do citado Museu. Foram publicados em francês (versão feita pela professora também do Museu, Senhorinha Heloisa Alberto Torres para maior vulgarização

científica, sob o título de “Contribution à l’anatomie comparée des races humaines” e com o sub-título explicativo: “Dissection d’une indienne du Brésil”).

Segundo referem os autores, das investigações a que procederam, resultou-lhes a convicção de que a dissecação do cadaver, realizada por elles em 1917, no Laboratorio de Anatomia da Faculdade de Medicina do Rio, constituiu “a primeira dessas operações, completa e methodica, que foi possível fazer de um cadaver de indio na America do Sul”.

O individuo que serviu a este estudo anatomico foi uma india Catiana, do alto-Purus, sobre a qual escreveram com muito sentimento os investigadores scientificos:

“Sua historia era curta e triste, como a da maior parte dos selvicolas, que vivem em territorios cobiçados pelos aventureiros.

“Sua tribo, Catiana ou Manêtênêri, habitava as proximidades da embocadura do rio Iaco, no territorio brasileiro, do Acre.

“Todos os seus haviam sido massacrados e a pobre india recebera a hospitalidade de modesta familia com a qual veio para o Rio: Chegada á Capital e atacada de grave pneumonia, a india foi internada no Hospital de Misericordia, onde expirou dois dias depois”.

Dizem ainda os dois scientists, na memoria a que me venho referindo, a proposito do typo anthropologico dessa tribo:

“Segundo Ehrenreich (Ueber die Einteilung und Verbreitung der Völierstamme Brasiliens. Pertemanns Mitteilungen 37 Gotha-1891), os “Catianas” são puros “Ipuri-nás”.

Em seus — “Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens — 1897” — o mestre fornece alguns esclarecimentos a respeito deste grupo:

“Eram estes indios os mais bellicosos de sua região. Caçadores, pescadores e eventualmente agricultores, tornaram-



se logo excellentes auxiliares dos seringueiros, que desbastaram o Acre e construíram os primeiros centros civilizados.

“Ehrenreich pôde medir 9 homens, mas só obteve alguns dados anthropologicos a respeito de uma mulher Ipuriná, dados aliás muito incompletos:

Diametro antero-posterior cephalico .....	172
Diametro transverso cephalico .....	149
Altura do craneo .....	120

“Fritsch teve oportunidade de fazer algumas observações sobre os cabellos dos indios Ipurinás levados á Europa por Ehrenreich.

Elle os descreve como sendo completamente cylindricos, muito espessos, extraordinariamente bem pigmentados.

“Quanto aos caracteres descriptivos, Ehrenreich divide os Ipurinás em dois typos accentuadamente differenciados: 1.º semelhante ao typo europeu caucasico (*feiner typus*) e o 2.º menos delicado (*grober typus*). Este é de porte menor, atarracado, de cabeça grande ao passo que o *feiner typus* é mais alto.

“As mulheres Ipurinás têm as mãos e os pés muito pequenos.

“A india que foi objecto de nossos estudos, pertencia visivelmente ao *grober typus Ipuriná*.

“Segundo Chandless, os Manêtênêris pertenciam ao grupo Pano, muito aproximado dos Conibos. Entretanto, Brinton, (*The American Race*) faz notar que o pequeno vocabulario colhido não pode justificar esta opinião. Elle os classifica entre os *Arouack*, o que deve ser exacto, conforme o que acabámos de expôr.

“R. Spruce não foi mais feliz que Chandless, quando os classificou como *Caribes*.

“Rivet e Tostevin (*Les tribus indiennes des Bassins du Purus et du Juruá et regions limitrophes. “La Geographie” — Maio 1921*) — publicaram algumas notas interessantes a proposito deste grupo de indios”.

Os anatomistas, para maior facilidade do estudo, dividiram suas notas em cinco partes, consagradas respectivamente:

- a) Á metade direita do cadaver
- b) Á metade esquerda
- c) Ao encephalo
- d) Á cavidade abdominal
- e) Á cavidade thoracica.

A dissecação a que procederam “revelou numerosas disposições anatomicas que se afastam duma maneira notavel do typo classico, sobretudo no que concerne ao systema muscular e ás circumvoluções cerebraes”.

Sem se preocuparem, embora, com estudos comparativos, não deixaram, porem de assignalar a semelhança do typo examinado com as particularidades observadas, principalmente na Allemanha e na Inglaterra, por varios anatomistas, nos cadaveres de individuos africanos e asiaticos.

As medidas anthropometricas tomadas e relacionadas pelos operadores, são em numero de 63, distribuidas da seguinte forma: alturas, diâmetros e comprimentos, circumferencias, cabeças e curvas da cabeça.

Depois de estudar minuciosamente cada uma das partes do corpo autopsiado, fazendo notar as numerosas anomalias encontradas, cuja descripção não pôde caber no character restricto destes apontamentos, concluem o seu trabalho com as seguintes palavras:

“As notas colhidas, as observações que pudemos fazer, offerecem, como se vê, um grande interesse para a anthropologia physica; para a anatomia descriptiva e talvez mesmo para a medicina.

“As numerosas anomalias que annotámos, parecem-nos antes um documento anthropologico, do que a expressão de um simples caso de desvios no individuo particular em estudo. Supponhamos que 50% destas anomalias observadas sejam devidas a variações pessoaes; restarão ainda assim

muitas outras, bastante numerosas para attrahir a attenção dos especialistas.

“Acceitando esta hypothese, pôde-se affirmar que, na realidade, não se conhece senão a anatomia do homem branco, que é a que se ensina nas escolas.

“Infelizmente o caminho tão brilhantemente percorrido por Chudzinsky, Giacomini, Theile, Wood, Le Double, Loth, etc., nos reserva ainda muitos segredos a desvendar.

“Nós nos limitámos, nesta monographia, á descripção minuciosa do que encontrámos no decorrer do nosso trabalho de dissecação.

“Todos os aspectos que attrahiram nossa attenção duma maneira particular, foram cuidadosamente desenhados.

“O esqueleto será objecto duma nota que pretendemos brevemente publicar”.

\* \* \*

Medidas anthropometricas foram ainda tomadas pela Comissão Rondon no decorrer dos trabalhos da expedição chefiada pelo Capitão Vasconcellos aos rios Jatobá, Ronuro Coliseu e Curisêvu, todos do valle do Xingú, conforme referencias que fiz no capitulo anterior.

Foi encarregado de as colligir o Capitão Luis Thomaz Reis, que acompanhou a referida expedição como photographo e cinematographista. Do relatorio que apresentou, depois de executada esta missão, vou extrahir as notas que se seguem.

As instrucções para essa ordem de pesquisas lhe foram ministradas pelo professor Roquette Pinto.

Muniu-se então o Capm. Reis da apparelhagem necessaria, adquirindo os seguintes instrumentos: uma regua quadrada, de 2<sup>m</sup> de altura; duas trenas de aço, de um metro; cordões para medidas exteriores; um compasso craneometrico de grossuras; uma regua graduada de correção ou compasso-cursor craneometrico, de metal; um dynamometro com

asas para extensão; uma balança portátil e um respirometro, para medir a pressão pulmonar.

Levou, além disto, notas particulares do Dr. Roquette, para obter com proveito as fichas anthropometricas identicas ás do modelo oficialmente adoptado pelo nosso Museu.

Á guisa de prefacio, fez o Capm. Reis algumas considerações, antes de relacionar os dados trazidos do sertão, e assim exprime o seu ponto de vista sobre a questão:

“A anthropometria é o estudo das proporções do corpo humano, e os *caracteres anthropometricos* constituem a base para o estudo do homem, como typo ethnico.

“Além destes ha ainda a considerar os *caracteres descriptivos*, uns e outros, como complemento dos *caracteres physicos* obtidos pelo exame dos órgãos internos do homem. Os caracteres descriptivos são os que nos revelam o aspecto exterior do corpo, como a côr da pelle e dos olhos, emfim tudo o que concerne aos diversos órgãos dos sentidos e da reproducção.

“Ainda podiamos referir os caracteres physiologicos, como a duração da vida, o crescimento, a hereditariedade, a influencia dos meios, o peso do corpo, a força muscular, as funções respiratorias, intellectuaes e digestivas, emfim os estados pathologicos inherentes ao typo humano.

“Cito estas definições para evidenciar a importancia que teria para a anthropologia o estudo das nossas tribus indigenas, através de todos estes caracteres.

“Tenho certeza de que as fichas obtidas por mim no sertão, hão de contribuir para a determinação do typo anthropologico americano, pelos estudos dos caracteres ethnicos, linguisticos, historicos e archeologicos, ao qual se dedica o incansavel anthropologista patricio Dr. Roquette Pinto”.

As primeiras medidas do Capitão Reis foram tomadas de typos dos indios Bakahirís, no “Posto Simões Lopes”. A proposito das fichas que organizou, fez elle as considerações que para aqui translado:

“Os talhes deste grupo de índios estão compreendidos entre 1<sup>m</sup>,56 e 1<sup>m</sup>, 64, e a media geral, nas fichas obtidas é de 1<sup>m</sup>,60, isto é, talhes abaixo do médio, conforme Topinard, que classifica os talhes em *altos*, quando excedem de 1<sup>m</sup>,70; *acima de médio*, os que variam entre 1<sup>m</sup>,70 e 1<sup>m</sup>,65, *abaixo do médio*, os compreendidos entre 1<sup>m</sup>,65 e 1<sup>m</sup>,60; e em *pequenos talhes* os que são inferiores a 1<sup>m</sup>,60.

“Quanto ás mulheres, sendo o seu talhe sempre abaixo do do homem, nenhuma importancia têm aqui quanto ás respectivas medidas.

“A determinação do *índice cephalico* foi feita pela formula

$$\frac{(\text{Transverso}) \times 100}{\text{Antero-posterior}}$$

isto é, obtido como quociente da divisão de 100 vezes a medida transverso-cephalica pela medida antero-posterior-cephalica. Nos 13 índios que se prestaram a esta pesquisa, a média do *índice-cephalico* foi de 80,1 para os Bacahiris (o menor índice achado foi 0,77 e o maior 0,83). Se dessa média subtrahirmos duas unidades, para o desconto de Broca, considerando a espessura do couro cabelludo, teremos um índice numerico de 78,1, que representa a mesma média encontrada por Argellies para os Arabes e os berbéres.

“A mesma formula nos deu para os índios Camaiurás do baixo Curisevu, a média de 79,5 ou 77,5 com o desconto de Broca, resultado que se aproxima da média dos berbéres e dos ingleses, do mesmo autor, mas que no caso representa apenas uma observação sem caracter definitivo, visto como foram apenas dois os individuos que se prestaram á experiencia.

“Para um indio Aueti encontrei 81 de índice cephalico; a média para dois Auarás foi de 85 e, para um Meinacu, achei 76.

“Os índios do Curisevu e do Culuene, pelo que observei, pareceram-me da mesma familia, tão semelhantes eram os ty-

pos; a média de todos elles foi de 80,3, ou 78,3 entrando-se em conta com o coefficiente de Broca, e 78,3 é a média encontrada para os suecos e ingleses do mesmo autor.

“Todas estas médias collocam os indices cephalicos dos nossos indios na categoria dos Mesaticephalos, pois, segundo Broca, assim se classificam os individuos pela conformação do craneo:

- 1) Dolichocephalos e sub-dolichocephalos, indices de 75 a 77.
- 2) Mesaticephalos, indice até 80.
- 3) Sub-brachicephalos e brachicephalos, de 80 a mais.

“Os primeiros são de cabeça alongada, os ultimos, de cabeça redonda. Entre um e outro, os mesaticephalos, o meio termo, estão comprehendidos os indices cephalicos dos Bacahirís e outros indios do Curisevu. Aliás, parece-me ser este o indice geral da maioria dos nossos caboclos do interior e seus consanguineos.

“Passemos ás considerações sobre a *grande envergadura*, isto é, a medida tomada no individuo de braços abertos, estendidos em cruz, de meio a meio das mãos.

E' sabido que esta medida caracteriza certos individuos ou raças, que é mais longa nos individuos da raça negra do que nos da raça branca e que nos macacos ella é maior que a medida da altura, em grande proporção.

“A *grande envergadura* excede numericamente á altura do homem alguns centimetros, numa relação de 89 para 1.000 m. m., isto é, para uma altura de um metro, tem-se observado que varia entre 1<sup>m</sup>,001 e 1<sup>m</sup>,089. Nos macacos as variações observadas variam de 400 a 600 para 1.000.

“A média que encontrei para a grande envergadura dos Bacahirís (1,06 reduzida a 100 de estatura), foi numericamente a mesma que achei para o grupo do Curisevu.

“Quanto á *circumferencia thoraxica*, medida importante para o julgamento das qualidades physicas do homem, as médias que encontrei vão além da normal achada para os

européus, sendo de notar que a relação por cem desta média é maior nas raças brancas.

“Dos 14 índios Bakahirís submetidos ao meu estudo, colligi os seguintes dados:

<i>Nomes dos índios</i>	<i>Circumferencia absoluta do peito</i>	<i>Relação por 100 para o talhe de 1<sup>m</sup></i>
Barnabé .....	0,89	53,9
Affonso .....	0,93	58,4
Luis José .....	0,94	60,2
Bernardino .....	0,98	60,1
João José .....	0,95	60,5
José de Souza .....	0,87	53,3
Marica .....	0,90	57,6
Joaquim .....	0,99	57,2
Gonçalo .....	0,93	58,7
Jacinto .....	0,93	57,7
Manoel Joaquim .....	0,90	55,2
Manoel .....	0,95	58,5
Miguel .....	0,92	56,7
José Pires .....	0,92	56,7

“Ou uma média de 57,4 para a relação por. 100 da circumferencia do peito.

“Para o grupo do Curisevu encontrei:

Uakamum .....	0,95.....	59,7
Aueje .....	0,94.....	58,7
Toiapala .....	0,95.....	61,6
Anacatu .....	0,95.....	62,0
Tauapi .....	0,95.....	62,0
Hui .....	0,93.....	57,0

“Ou a média de 60,1.

“Considerando que ás médias de Topinard estão comprehendidas entre 56 e 53, para os europeus; entre 50 e 48 para os negros; as médias encontradas por mim para os Ba-

cahirís (57,4) e para os índios do rio Curisévu (60,1), merecem chamar a atenção dos especialistas na materia.

“Ha outros numeros que poderiam ser tomados em consideração para demonstrar que as sociedades humanas que habitam o Culuene e o Curisevu são em tudo semelhantes ás suas congeneres da America ou da Europa. Isto, entretanto, já está provado pelos estudos do Dr. Roquette Pinto, no seu livro “Rondonia”, onde elle regista os estudos de Ehrenreich. Este scientista fez estudos anthropologicos entre os índios do Culuene e do Curisévu e de outras tribus, e não encontrou nenhum de má conformação individual ou anormal. As fichas que tomei durante minha viagem vêm em apoio das conclusões de Ehrenreich.”

#### TRABALHOS ETHNOGRAPHICOS

Nos trabalhos ethnographicos e linguisticos a que tão carinhosamente se tem dedicado o General Rondon, já publicando o volume n.º 2 da vasta bibliotheca da Commissão (Ethnographia), já colleccionando um vocabulario immenso e bem *controlado* de todas as tribus de Matto-Grosso, conta elle com a devotada, competente e habil collaboração do D.º João Barbosa de Faria (V. photographia n.º 51), distincto e intelligente coestadano de Rondon, que com elle trabalha ha mais de 15 annos.

Ora manipulando as copiosas notas de Rondon, ora colligindo de per si novos dados no sertão, para onde, a intervallos, volta a acampar entre os selvicolas, tem elle enriquecido consideravelmente o manancial, que está servindo para a organização de um dos mais importantes e originaes trabalhos da “Commissão Rondon”, qual o que se refere á ethnographia e ao estudo dos idiomas falados pelos nossos índios.

O magnifico resumo, que abaixo transcrevo, devido á penna de Barbosa de Faria, dará ao leitor destes apontamen-



tos uma idéa do conjunto desses trabalhos em elaboração e dos que já foram realizados no sertão.

“A Commissão Rondon, arrancando-se de Cuyabá para S. Antonio do Rio Madeira com o fio telegraphico, era portadora de um vasto programma de estudos e investigações scientificas em torno dos sertões virgens que ia rotear.

“Nesse programma, por obvia razão, occupava a primeira plana o estudo dos povos indigenas que povoassem esses sertões.

“O Tenente Coronel Rondon já então podia aspirar o cognome de patriarcha dos indios, pela incomparavel abnegação com que advogava a causa dos selvicolas, que o tinham a seu lado, a seu serviço, no Amazonas, no Maranhão, na Bahia, em Goyaz ou em Matto-Grosso, onde quer que a vida, o direito, a liberdade e a propriedade delles periclitassem.

“Para o grande sertanista brasileiro, o maior senão o unico problema social que o Brasil defronta, é a incorporação dos nossos indigenas á communhão nacional; pensamento ao serviço do qual elle põe toda a sua energia de homem de acção, todo o calor de seu coração e toda a tenacidade de seu caracter ferreo.

“Bem que não regateasse os seus desvelos a respeito do estudo da flora, da fauna, da hydrographia e da geologia mattogrossense, que confiou a varios auxiliares, é fóra de duvida que as perquisições referentes aos indigenas lhe mereciam particular e carinhosa preferencia, e tamanha que não trepidou em sobrecarregar os seus já vultosos e ingentes afazeres chamando a si a tarefa de executar pessoalmente os estudos ethnographicos e linguisticos.

“Tive em mãos os *dossiers* do Chefe da Commissão, os quaes são testemunhas eloquentes de que elle nunca perdera os ensejos que se lhe depararam de colher dados sobre os usos, costumes e idiomas dos indios, registando-os com meticulosidade, como se não fossem notas apanhadas no decurso de uma exploração, de marcha, ou mesmo durante um “alto”,

em que o corpo descansa e o espirito se afoga nas mais profundas meditações.

“Fóra as razões de ordem sentimental, Rondon tinha motivos para conduzir-se, neste caso, tambem pelos impulsos de seu patriotismo.

“Quando a Commissão frechou para os sertões, nós, os brasileiros, eramos exactamente quem tinha menos autoridade para dizer dos indigenas de Matto-Grosso, a respeito dos quaes pouco ou quasi nada sabiamos de conhecimento proprio; os unicos estudos ethnographicos em que hauriamos noções sobre esses selvícolas eram subscriptos por estrangeiros, entre os quaes os Drs. Karl von den Steinen, Paul Ehrenreich e Max Schmidt.

“O nosso descaso por estes estudos era aggravado pela indigencia dos nossos museus sobretudo o Museu Nacional, onde, fóra a colleção Guido, da tribu Borôro, doada por D. Maria do Carmo de Mello Rego, só se encontrava um ou outro artefacto de algumas tribus, ao passo que as montras dos museus estrangeiros, particularmente os da Allemanha, exhibiam ternos completos de armamento, de objectos domesticos e de indumentaria das tribus do alto Xingú, dos Bakahirís, dos Parecís, dos Borôros e outros.

“Esta proeminencia dos estrangeiros em um assumpto que não póde deixar de ser caro ao nosso patriotismo, porque se entende com as tradições de nosso Paiz e com a historia de nossa raça — sensibilizou e melindrou, necessariamente, os sentimentos do patriota, que é o General Rondon.

“E, de facto, elle reivindica aos museus estrangeiros essa proeminencia, que, hoje, cabe, sem duvida, ao nosso Museu Nacional, e fa-lo a golpes de sobrehumanos esforços, arrecadando e recolhendo a este estabelecimento, a todo o preço e sem medir sacrificios, os artefactos indigenas de toda casta que obtivesse, pessoalmente ou por intermedio de seus auxiliares.

“E’ assim que, no dizer de conspicuo professor do Museu Nacional, o General Rondon, durante a sua peregrina-

ção pelos sertões, suppriu este estabelecimento de mais material ethnographico de que todas as suas acquisições de um seculo.

“Resta-nos agora, pois, firmar a nossa proeminencia no terreno dos estudos linguisticos e ethnographicos.

\* \* \*

O território matto-grossense é uma incommensuravel seára ethnographica. E' um modelo no qual se condensaram todas as raças indigenas da Amazonia Meridional, que para ahi affluiram como que impellidos por irresistivel força de gravitação.

Dos Andes, accorreram os Aruaks; do littoral atlantico, os Guês; da Amazonia, os Tupys e os Caraibes; do Chaco, ramos dos Otuquis.

“Ao norte, vivem: no Gy-Paraná, os *Parnauats*, os *Tacuateps*, os *Urumis*, os *Urupás* e os *Jarús*; no rio Tapajoz, os *Apiacás* e os *Mundurucus*; no Xingú, os *Auitis*, os *Camaiuras*, os *Uaurás*, os *Meinacos*, os *Ajaulapitis*, os *Nahuquás*, os *Trumains*, os *Manitsauás*.

“A léste, habitam: no rio Tapirapé, os selvicolas deste nome; no rio Araguaya, entre a fóz do rio das Mortes e o Registo, os *Cayapós*, os *Carajás* e os *Chavantes*.

“A oeste: no rio Madeira, os *Caripunas*; no Jamary, os *Arikêmes*; no rio Candeia, os *Rama-ramas* e *Boccas-negras*; no Mamoré, os *Pacahás-novos*; no rio S. Miguel e seus affluentes, os *Uomos*, *Purús-Borás*, *Aroás* e *Macuropes*; no rio Guaporé, nos campos do Pao Cerne, os *Guarayas*.

Ao sul, acham-se: no rio Dourados, os *Cayuás*; no rio Nabileque e em Lalima, os *Guaycurus*; no rio Miranda, os *Terenas*.

“Na zona central, habitam: na bacia do S. Lourenço, os *Borôros*; no delta do S. Lourenço com o Paraguay, os *Guatós*; no alto rio Paraguay, os *Barbados*; entre os rios Ponte de Pedra e Papagaio, os *Parecís*; entre os rios Jurema e

Commemoração, os *Nhambiquaras*; no rio Pimenta Bueno, os *Kepkiriuats*; no rio Verde, affluente do Paranatinga, os *Cajabis*; no alto Paranatinga, os *Bakahiris*; além de dezenas de outras tribus que se acham insuladas entre os rios Gy-Paraná e Roosevelt, sem qualquer contacto com os civilizados.

“A Commissão, tendo irradiado a sua acção através todos os quadrantes do Estado, que foram cobertos pela rêde de seus estudos geographicos, geodesicos, botanicos, zoológicos, graphicos e hydrographicos, poude, dest’arte, entrar em relações com todas essas tribus, em differentes circumstancias, cabendo-lhe, incontestavelmente, a gloriosa primazia de ter promovido a reconciliação ou o congraçamento de maior numero de povos indigenas com os civilizados, como jamais se fez de um jacto.

“Esta enorme Babel de idiomas que é o Matto-Grosso indigena, acha-se toda recenceada pela Commissão, que é detentora, neste momento, de valioso e interessante subsidio linguistico e ethnographico sobre cerca de 40 tribus.

“Este vultoso material está sendo coordenado, para ser dado á publicidade; e a relevante posição de Matto-Grosso na America do Sul, como provincia ethnographica, indica a importancia da contribuição com que a Commissão Rondon vae enriquecer o campo de investigação scientifica que versa sobre o homem americano.”

Porto Alegre, Março de 1928.

## NOTAS

NOTA 87 — Teve entusiastica acceitação nos meios intellectuaes brasileiros, a idéia do Dr. Roquette Pinto, de designar pela palavra “Rondonia” a parte noroeste do Brasil que foi teatro das importantes descobertas do General Rondon, em suas multiplas explorações.

Publicamente foi esta a primeira vez que se ouviu falar na “Rondonia”, mas a verdade historica, que aliás em nada vem desmerecer a originalidade dessa iniciativa, é que, muito antes, em estreito circulo

particular de amigos, já a mesma idéa havia sido concebida pelo nosso intelligente e distincto camarada Tte. Cel. Alipio Bandeira, o ardoroso auctor do "Brasil Heroico de 1817" e commovente escriptor da "Cruz Indigena", a quem cabe, pois, de direito a primazia da concepção, embora, sem a ter estampado em letra de fôrma.

NOTA 88 — Este mineral constitue a materia prima do conhecido gesso, de uso industrial. Toda a massa da montanha Arahi e de outras existentes no local, é de puro gypsito, conforme verificou o proprio General Rondon, que trouxe amostras dessa rocha para o Serviço Geologico e Mineralogico do Ministerio da Agricultura.

Esta descoberta foi feita quando elle dirigia a turma de exploração que determinou a cabeceira do rio Cautário e definiu o facies orographico da região, assignalando geographicamente a extremidade septentrional dos vastos chapadões de Parecís, que ahi estacam abruptamente no "Pico de Kutapines".

orographico da região, assignalando geographicamente a extremidade septentrional dos vastos chapadões de Parecís, que ahi estacam abruptamente no "Pico de Kutapines".

NOTA 88-bis: Supponho ter aprendido isto numa palestra com o nosso eminente e saudoso zoologo Alipio de Miranda Ribeiro. Lendo agora a monographia que o General Rondon acaba de entregar ao Conselho Nacional de Geographia e Estatistica, sob o titulo "A Etnographia e a Etnologia do Brasil, em Revista", sinto abalados os alicerces desta minha convicção, para admittir a dupla origem do "Homem Americano", quer por effeito do autoctonismo, quer pela imigração de povos asiaticos. (Obs. á ed. de 1940).

## CAPITULO XIX

# A COMMISSÃO RONDON E O MUSEU NACIONAL — TRABALHOS NO CAMPO DAS SCIENCIAS NATURAES

Os valiosos serviços prestados pela Commissão Rondon ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, deram justo motivo a que a Congregação e a Directoria desse importante estabelecimento scientifico de nossa Patria, promovessem em sua séde a realização de varias conferencias publicas, como homenagem ao General Rondon, a cuja iniciativa incansavel e perseverante esforço, se devem tão propicios resultados. Os conferentes exactamente os professores das scções do Museu mais beneficiadas de material: o dr. Edgard Roquette Pinto, que dissertou sobre a parte da Anthropologia, especialmente sobre Ethnographia; o professor Alberto José de Sampaio, que discorreu sobre os trabalhos e o material de Botanica; e o professor Miranda Ribeiro, que fez uma serie de conferencias subordinadas ao titulo suggestivo que adoptei para este capitulo: "A Commissão Rondon e o Museu Nacional". Duas destas conferencias, a primeira e a segunda, foram publicadas no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro; a 9 de Abril e 17 de Maio de 1916; a terceira, porem, com sub-titulos tambem expressivos (O que os governos fazem do Museu e o que elle deveria ser; a lição de Rondon), só foi impressa em 1920, conjuntamente com as outras, constituindo a *publicação n.º 49 da Commissão Rondon*".

Deste trabalho extrahimos muitas das notas que se seguem e que darão idéa do desenvolvimento que tomaram os estudos de Historia Natural, realizados sob a inspiração do General Rondon,

Tomaram parte nos trabalhos de campo, afim de colligir material, além do proprio General Rondon: o Dr. Karl Carnier e o eng. Moritz (ethn. e geol.); Miranda Ribeiro (zool.); Frederico Carlos Hoehne (bot.); Dr. Cicero de Campos (geol. e min.); dr. Roquette Pinto (ethn.); ainda Hoehne, Arnaldo Black, H. Reinisch, Tte. Pyrineus, Rondon e Stolle, Tte. Julio C. Horta Barbosa e J. G. Kuhlmann, Tte. Vasconcellos e Sr. Serapião dos Santos (zool.).

A elaboração do material colhido tem estado a cargo dos colleccionadores ou de especialistas estranhos á Commissão; entre uns e outros citou o Dr. Miranda Ribeiro: elle proprio, o Sr. Carlos Moreira, os drs. Hermann von Ihering e Adolpho Lutz, que se têm encarregado de zoologia; Rondon e Roquette Pinto, que têm tratado da Anthropologia; o Dr. Karl Carnier, de Berlim, os Drs. Alberto Betim Paes Leme e Euzebio de Oliveira, que se têm occupado de Geologia e Mineralogia; F. C. Hoehne, o Dr. Alfredo Cognaux, da Belgica, e o Dr. Harms, de Berlim, que têm tratado de Botânica, além de outros especialistas que se incumbiram de trabalhos dessa natureza, mas que ainda não entregaram o resultado dos estudos a que estão procedendo.

A respeito da actuação da "Commissão Rondon", disse Miranda Ribeiro em sua 1.<sup>a</sup> conferencia:

"Não é fóra de proposito lembrar aqui o modo criterioso e sabio com que procede a "Commissão Rondon" documentando as suas asseverações. Cada um de vós que me ouvís, poderá examinar, peça por peça, os elementos que figuram nesse monumento erigido pela sabedoria do Coronel Rondon. Cada um de nossos tetranetos poderá commentar, com os objectos colligidos hoje pela Commissão, as palavras guardadas pela escripta dos relatorios publicados.

"Este papel parcial dos museus, aqui reconhecido e proclamado pelo Chefe da Commissão, deve causar assombro, porque, infelizmente, estamos habituados ao contrario.

"Quantas Commissões brasileiras anteriores a Rondon (e mesmo as que trataram exclusivamente de historia natu-

ral), procederam desse modo, nos cem annos de existencia deste Museu, creado para tal estudo? — Que eu saiba, tres: A Commissão Freire Allemão, unica que abrangeu as funcções deste Museu e que se aventurou a partir para as mattas do temeroso Brasil, e as commissões Hartt e Cruls. Esta teve organização quasi identica á anterior, para o estudo da natureza: foi a Commissão do Planalto Central.

“Eu vi, na sala anterior do pavimento terreo do edificio dos Telegraphos, a prova do esforço do geologo e do botanico que trabalharam na ultima das commissões citadas. Onde está todo esse material colhido? Sei, apenas, que 500 plantas entraram para o Museu. Ficarão diminuidos, senão de todo perdidos, os extensos relatorios que essa commissão publicou sobre estes assumptos, se as provas materiaes não forem archivadas.

“Quer isto dizer, que, ainda ahi, o Estado lançou fóra, inutilmente, dinheiros publicos”.

## MINERALOGIA E GEOLOGIA

Sobre esta materia estão publicados, até a presente data, os seguintes trabalhos da Commissão Rondon:

*Publicação n.º 18* — do Dr. Alberto Betim Paes Leme.

*Publicação n.º 23* — Observações geologicas da exploração realizada de Cuyabá á Serra do Norte, via Caceres, por Karl Carnier.

*Publicação n.º 24* — Quatro mappas de mineralogia e geologia organizados pelo professor Alberto Betim Paes Leme.

*Publicação n.º 50* — Geologia da zona percorrida pela Expedição Roosevelt-Rondon, da autoria do Engenheiro de Minas Dr. Euzebio Paulo de Oliveira.

*Publicação n.º 59* — Estudos geologicos e mineralogicos das rochas dos rios do Sangue, Paranatinga etc. Monographia sobre o gêsso, pelo mesmo Dr. Euzebio.



Os estudos do Sr. Karl Carnier foram muito superficiaes, conforme elle proprio o declara, pois que os realizou no decorrer dos trabalhos de exploração da "Expedição 1907", por conseguinte, sem dispor de tempo e vagar que lhe permittissem demoras nos lugares que maior interesse poderiam apresentar a esta ordem de investigações scientificas.

Para internar-se no sertão, o seu itinerario até á estação de Utiarity onde se incorporou na turma expedicionaria já referida, teve Cuyabá por ponto de partida, comprehendeu a região de Cuyabá e Caceres e a que medeia entre Caceres e Utiarity. Deste ponto até o "Ultimo Acampamento" coincidiu o seu itinerario com o da "Expedição de 1907", já por mim descripto, cinco capitulos para trás.

Apreciando em conjunto os trechos percorridos entre o rio Cuyabá e a Serra do Norte, dividiu elle a zona estudada em tres secções distinctas pela sua topographia: a primeira, comprehendida entre os rios Cuyabá e Paraguay; a segunda, entre o valle deste rio e a vertente Sul da Serra dos Parecís, e a terceira, d'ahi por deante.

"Em synthese, diz Miranda Ribeiro, considera elle a primeira e a segunda zona *predevonianas* e a terceira, *devoniana*, tendo reconhecido rochas eruptivas no salto do Sepotuba, baseado não sómente no facto de ter encontrado nos leitos dos riachos entulhos graniticos, phosphitos, quartzo e abetarda, como porque as jazidas dessas rochas eruptivas estão proximas dos mesmos riachos. De fosseis, apenas uma folha — "impressão aliás sem valor algum". Não sei se o Sr. Carnier colleccionou, nem se deixou, no Serviço Geologico, material sobre que fundamentou as suas observações.

"Não me consta que a Commissão Rondon tenha noticia de material por elle colhido, nem tão pouco que o Serviço Geologico haja feito qualquer communicacão nesse sentido. O Sr. Carnier fôra incorporado á Commissão a instancias do Dr. Orville Derby".

O Dr. Cicero de Campos também percorreu e estudou a zona de Matto-Grosso, comprehendida entre Caceres e Cuyabá e entre esta cidade e o valle do Juruena, de onde voltou gravemente atacado de paludismo, de forma polynevritica, que o victimou quando em retirada precipitada alcançara S. Luis de Caceres.

Quando elle passou pela estação telegraphica de Parecís, eu lá estava destacado e tive oportunidade de lhe mostrar duas cabeceiras onde a erosão das aguas produzira fundas grotas escarpadas, que deixavam bem evidentes as camadas geologicas do terreno.

Naturalista apaixonado pela sua especialidade, ao vêr de perto o magnifico córte natural, deixou transparecer na physionomia a grande satisfação de que ficou possuido enquanto examinava attentamente os fragmentos da rocha, que deslocava a camartello, sem esquecer de observar, medir e anotar o angulo que cada camada fazia com o plano horizontal.

O Gal. Rondon incumbiu o Dr. Alberto Betim Paes Leme do estudo dos apontamentos deixados pelo saudoso e competente Dr. Cicero de Campos sobre a zona que percorreu, e o resultado desse estudo consciencioso e proficiente, foi consubstanciado nas publicações n.º 18 e n.º 24 (1911) da Commissão Rondon, que comprehendem o relatorio do Dr. Betim e quatro mappas que o acompanharam:

1) Geologia da linha de Caceres ao rio Sangrador Grande.

2) Caminhamento entre pouso dos Macacos e Aldeia Queimada.

3) Idem entre o Salto do Sepotuba e Porto dos Bugres.

4) Geologia de uma parte do Estado de Matto-Grosso (comprehendida entre os parallellos de 13º e 16º20' Sul e meridianos de 12º20' e 15º40' de longitude Oeste Rio).

Apesar das falhas naturaes que acarreta a interpretação de notas como essas, por outrém que não o proprio autor, apesar de dispôr de quantidade reduzida de amostras de ro-

chas, apesar de ter o Dr. Cicero perdido algumas de suas cadernetas de campo em naufrágio ocorrido no rio Sepotuba (v. nota n.º 89), o trabalho do Dr. Betim foi justamente considerado muito importante para o conhecimento da geologia de Matto-Grosso.

Miranda Ribeiro, nas suas conferencias, faz os seguintes commentarios:

“Cicero de Campos teve mais ensejos de effectuar caminhamentos de Oéste para LÉste e vice-versa, na zona que vae de Caceres a Cuyabá e de Diamantino a Juruena, do que o Sr. Carnier, o que quer dizer que elle poude caminhar mais vezes no sentido transversal da apresentação das rochas alli.

“Na parte topographica da synthese feita pelo Dr. Betim, encontra-se o planalto Parecís limitado ao Sul por uma linha encarnada — “degráo de grês”, primeiro vermelho e depois amarellado. A formação da Serra de Tapirapoan teve por consequencia um derrame eruptivo de diabase, emquanto que a serra da Chapada, constituída de grês vermelho, foi grandemente entalhada pela erosão.

“No planalto Parecís propriamente dito, inclinado para o Norte, um phenomeno interessante é “Ponte de Pedra”, prova de erosão e um verdadeiro arco produzido pelo trabalho do rio Xacuruiná.

“O Dr. Cicero explica a formação desses arcos pela erosão através das diabases ou falhas apresentadas pelo grês, e liga aos derrames eruptivos a causa fertilizadora das regiões em que elles se encontrem.

“Das cadernetas o Dr. Betim extrahiu dois caminhamentos que, apesar de serem, em realidade, expeditos, nem por isso deixam de constituir o primeiro levantamento geologico da região percorrida.

“A synthese geologica do Dr. Betim deixa o primeiro triangulo do Dr. Carnier como terreno *pre-devoniano*, a Serra da Chapada como *devoniana*, emquanto o “grês do Cambembe” permanece em duvida como *triasico*, e a bacia do Sepotuba, o valle do Paraguay proximo a Tapirapoan e a

serra deste nome, suppostos de idade menor, em face do exame petrographico, que revela o desapparecimento do character crystallino das rochas sedimentares.

“A duvida do Dr. Betim sobre o “grês do Cambembe”, é produzida pela referencia de Cicero a uma ossada alli encontrada, 48 kilometros ao norte da Chapada (v. nota 90), o que redundava em reconhecer nesse mesmo grês a *formação permiana*”.

\* \* \*

Os trabalhos de geologia da Commissão Rondon acima expostos, trouxeram sensivel modificação sobre o que até então era conhecido da geologia de Matto-Grosso.

Com effeito, a primeira synthese da geologia (mappa de Foetterle) desse Estado e quiçá do Brasil, datava de cinquenta annos atrás, segundo affirmou Miranda Ribeiro, em 1916, e ahi se encontra “a mesma zona que foi objecto da bella memoria do Dr. Betim, como constituida de *schistos chloriticos e barrentos*, no triangulo Cuyabá-Paraguay; *granito, gneiss, schisto micaceo e amphibolito*, do Paraguay até as nascentes do Jaurú e margens do Sepotuba; e, finalmente, *grês vermelho* para todas as demais zonas de que se occupou a Commissão”.

“E’ bom que se diga que Foetterle assignala o grês vermelho de Parecís estendido a toda zona septentrional e oriental de Matto-Grosso, com a seguinte explicação: “Arenito vermelho ou *arenito vermelho quadriculado*, segundo Spix e Martius”.

Nas conferencias que me servem de guia, encontro mais as seguintes conclusões:

“Quer-me parecer que se fossemos interpretar toda essa região considerada, segundo o mappa de Foetterle, teriamos de reconhecer a zona de Cuyabá ás nascentes do Jaurú como *archeana*, deixando o resto para a idade *devoniana*.”

“Mas se essa é a concepção do tempo da primeira carta geologica do Brasil, não lhe fica a dever muito a tentativa

mais moderna (de 1908), semi-official, da Sociedade Nacional de Agricultura, pois segundo o mappa Paulino Cavalcanti e Wenceslau Bello, tinhamos a zona de Cuyabá a Carceres, *terciaria*, e a do Chapadão da vertente Norte, *archeana*, deixando apenas as margens do Arinos e do Araguaya, *terciarias*.

“Assim, é facil apprehender quanto se adiantou com o trabalho, incompleto embora, de Cicero de Campos, tão bellamente aproveitado pelo Dr. Betim Paes Leme.

“Quahto á mineralogia, ou, sem “ambages”, quanto ao que interessa mais á alma das massas — quanto ás *minas*, parece que os profissionaes da Commissão Rondon têm sido mais philosophos que outra coisa.

Matto-Grosso tem sido sempre uma Terra da Promissão nesse sentido: as riquezas do Coxipó da Ponte, do Cuyabá, de S. Vicente, de Urucumacuan, são tradicionaes.

“O mappa de Foetterle dá para região dos diamantes a convergencia dos formadores do alto-Paraguay sobre a fóz do Sepotuba; nós cruzámos a velha estrada que, pelo alto da serra dos Parecis, vai ter a S. Vicente. Disseram-me na fazenda dos Affonsos: “Aqui é o cascalho aurifero, alli é o terreno dos diamantes”. Esta fazenda pertence hoje a um syndicato allemão.

“Mas os relatorios da Commissão pouco adiantam. Paes Leme falou no cascalho diamantifero do “Roncador” e Cicero me falava no quartzito do “Amolar”.

A carta de Foetterle dá a região da encosta dos Parecis como de itacolomito. De tudo isso, porem, parece haver uma indicação segura: o Sr. Moritz, deixando a Commissão, foi, ao que me consta, requerer uma concessão de terras ao governo de Matto-Grosso. O Sr. Moritz é um mineralogista norte-americano.

“São estas as principaes deducções a tirar dos trabalhos da Commissão até hoje; elles, entretanto ainda não estão concluidos: espera-se pela palavra do Dr. Euzebio de Oliveira”.

Juntamente o mais importante trabalho de geologia executado sob os auspícios da Comissão Rondon, é o que se deve a este distincto e competente geologo, actual director do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, onde tem sido um digno substituto de Orville Derby e Gonzaga de Campos. Os seus estudos como especialista da Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon (1913/14) foram impressos em 1915 e constituem a publicação n.º 50 da Comissão Rondon, conforme me referi linhas atrás.

Apreciou elle, minuciosamente, com a isenção de animo propria dos verdadeiros cientistas, os trabalhos anteriores da Comissão Rondon (Carnier, Cicero e Betim), assim como as observações pessoas do General Rondon (Conferencias); percorreu itinerarios semelhantes aos de seus antecessores nesses estudos; examinou cuidadosamente as publicações scientificas de outros geologos que se têm occupado da geologia de Matto-Grosso, como Derby, J. W. Evans, Arrojado Lisboa, Gonzaga de Campos (v. nota n.º 91) e Smith; expoz, finalmente, o esboço geologico de Matto-Grosso, num quadro em que synthetizou as suas observações pessoas com as dos geologos que o precederam.

E', pois, até agora, o trabalho original mais completo sobre o assumpto, bastando para o attestar o fasto expressivo de ter servido de base ao mappa geologico do saudoso amigo do Brasil, J. C. Branner, norte-americano, considerado summidade mundial no assumpto.

O seu relatorio impresso em grande formato (4.º B) contem 80 paginas de materia e 16 mappas e photogravuras explicativas do texto; os especialistas ahi encontrarão minuciosamente expostas as observações que serviram de base ás notaveis conclusões do autor, das quaes procurarei resumir a parte mais geral, compativel com a natureza destes meus artigos.

O Capitulo XV do relatorio encerra as conclusões a que chegou o Dr. Euzebio quanto á geologia de Matto-Grosso e está por isso intitulado "Esboço geologico de Matto Gros-

so". Logo ao começo, expõe elle o "quadro synoptico das formações geologicas" encontradas em Matto-Grosso, organizado segundo a posição scientifica em que as rochas se apresentam na formação da crosta terrestre, desde os terrenos mais recentes, do *periodo quaternario*, até os mais antigos, que foram assignalados no Estado, da *serie crystallina*, isto é, rochas crystallinas e eruptivas correspondentes, em idade, ao *andar Laurenciano* dos geologos americanos e canadenses.

As series constantes desse quadro são as seguintes:

*Terreno quaternario* (Canga, cascalho e argilla): Pantanal. Depositos fluviaes do Sepotuba, Taruman, etc. Cascalho da Serra do Norte.

*Terreno cretaceo* (?) [Arenite dos Parecís (350)]: Serra do Norte. Planalto dos Parecís. Massiço sedimentario entre os rios Mutum-Paraná e Jacy-Paraná (?). Arenite Baurú (50?): Morro do Cambembe. Cabeceira do Monjolo, E. F. N. O. entre as estações Burity e Rio Branco.

*Terreno triassico* (Trapp do Paraná. Serra de Maracajú, Rio Pardo, Campo Grande, Serra de Tapirapoan e matta da Poaia. (Arenite de Botucatú): Região dos campos cerrados do Sul de Matto-Grosso. [Arenite de Aquidauana (140?)]: Rio Aquidauana, Serra Aquidauana, Cachoeira, Correntes e Pachechi.

*Terreno post-permiano* (Rochas nephelinicas: Pão de Açucar e Fecho dos Morros.

*Terreno permiano* (Folhelhos do Sepotuba): Corredeiras do Sepotuba. Rio Tarumã, base da Serra de Tapirapoan.

*Terreno devoniano*: Borda da serra, no Districto da Chapada.

*Rochas sedimentares pre-devonianas* (Serie de Jacadigo): Urucum, Jacadigo e Rizama. (Serie de Bodoquena): Bodoquena, Corumbá, Rio Apa, Coimbra e massiços de Caceres e Cuyabá. (Serie de Cuyabá): Cuyabá, Miranda e rios Commemoração de Floriano e Pimenta Bueno.

*Rochas crystallinas* (Gneiss, granito, porphyro, syenite, etc.): E. F. Madeira-Mamoré, rios Jamary, Gy-Paraná, Aripuanã, Castanho; Porto Murtinho, Forte Olimpo, etc.; cachoeiras do Xingú, Tapajoz, etc.

\* \* \*

Segundo observa o autor, este quadro differe do que foi organizado pelo Dr. Arrojado Lisbôa, porque nelle figuram novas series sedimentarias, bem caracterizadas; porque nelle figuram os folhelhos do rio Sepotuba, classificados no terreno "permiano", corrigindo-se assim as classificações anteriores que os davam como "predevonianos"; e, finalmente, porque estabelece, pela primeira vez, a identificação definitiva dos arenites do Aquidauana e do rio Monjolo (base da Serrinha) com os arenites de Santa-Maria, neste Estado, e de Baurú, no Estado de S. Paulo.

## BOTANICA

Foram impressos, até hoje, pela Commissão Rondon, os seguintes trabalhos sobre Botanica:

*Publicações n.º 8 a n.º 12* (Partes I a IV e atlas correspondente, com estâmpas coloridas em lithographia) por Frederico Carlos Hoehne (1910 a 1912).

*Publicação n.º 28* — Relatorio dos trabalhos botanicos e das viagens realizadas durante os annos de 1908 e 1909 — pelo mesmo autor.

*Publicação n.º 33* — (Parte VII - Pterydophytas) por A. J. Sampaio.

*Publicação n.º 38* — (Monographia sobre as Asclepiadaceas brasileiras, fasciculos I e II), por F. C. Hoehne.

*Publicação n.º 40* — (Parte V - Mayacaceas, Xyridaceas, etc.) por F. C. Hoehne.



*Publicação n.º 41* — (Parte VI - Adição para Alismataceas e Butonaceas da parte IV - Set. 1915), por F. C. Hoehne.

*Publicação n.º 45* — (Parte VIII - Leguminoseas), por F. C. Hoehne.

*Publicação n.º 47* — (Parte IX - Bromeliaceas e Orchidaceas), por F. C. Hoehne.

*Publicação n.º 51* — (Parte Botanica da Expedição Roosevelt. 1914).

*Publicação n.º 56* — (Parte X - Lauraceas de Matto-Grosso e duas novas especies do Amazonas), pelo prof. A. J. Sampaio.

\* \* \*

A parte mais importante da volumosa contribuição da Comissão Rondon para o conhecimento scientifico da flora brasileira, é da lavra do nosso patricio Snr. F. C. Hoehne, especialista hoje ao serviço do Estado de S. Paulo, mas que tem continuado assim mesmo a estudar e classificar o material botânico da Comissão, sem remuneração pecuniária.

Miranda Ribeiro, apreciando os trabalhos publicados até a época de suas conferencias, faz as seguintes apreciações:

“O 1.º trabalho publicado é da lavra do Snr. Hoehne e trata de 101 plantas das familias das Bromelias, Pontederias, Liliaceas, Amaryllidaceas, Oschidaceas, Aristolochiaceas, Droseraceas e Passifloraceas, em opusculo de 71 paginas, “in 4.º”, contendo annotações e diagnoses em latim e portugês quando se referem a especies novas. Este volume de texto é illustrado por um atlas com 63 estampas originaes executadas pelo autor. Tanto o texto como o atlas são de 1910.

“A 2.ª parte trata de Leguminosas, determinadas pelo Dr. Harms, de Berlim, trabalho ainda organizado e traduzido do allemão pelo Sr. Hoehne, e que comprehende 15 paginas “in 4.º” e enumera 63 especies (1912).

“A 3.<sup>a</sup> parte enumera 25 especies de Melastomaceas; Cucurbitaceas e Orchidaceas, pelo Dr. Alfredo Cogniaux, da Belgica, ainda ordenada e traduzida do francês pelo Sr. Hoehne, que a illustrou com duas estampas de sua lavra. São 15 paginas “in 4.<sup>o</sup>” (1912).

“A 4.<sup>a</sup> parte traz 33 pags. “in 4.<sup>o</sup>”, sobre 70 plantas das familias das Alismataceas Butonaceas, Hydrocharitaceas, Ponteridaceas, Orchidaceas e Nimphaceas, illustradas com 14 estampas. Texto e estampas foram elaborados pelo Sr. Hoehne (1912).

“Uma parte *extra* é constituida pelo relatorio botanico apresentado pelo Sr. Hoehne ao Coronel Rondon e referente á Expedição Roosevelt-Rondon (81 pags. “in 4.<sup>o</sup>”, (1914). Nesta, enumera elle 126 especies de plantas, pertencentes a 57 familias diversas, acompanhadas de 25 estampas bellamente executadas, tudo isto precedido de 19 paginas sobre o aspecto phytogeographico de Matto-Grosso, geralmente illustrado por muitas photographias originaes. Como se vê, e o proprio autor o diz, não tem elle ainda os elementos para execução completa desta ultima parte que é a organização de um mappa phytogeographico.

“A 5.<sup>a</sup> parte é constituida por outra contribuição, cuidando das familias das Myrtaceas, Xiridaceas, Commelinaceas, Liliaceas, Amaryllidaceas, Iridaceas, Musaceas, Zingiberaceas, Cannaceas, Marantaceas, Burmaniaceas, Orchidaceas, Aristochiaceas, Phytolaccaceas, Nyctaginaceas, Passifloraceas, e Onagraceas. Enumera este fasciculo 115 especies, das quaes 15 novas, e 7 variedades, egualmente novas. As 87 pags. do texto vêm illustradas com 34 estampas, em parte desenhos executados pelo aueur, em parte photographias.

“Finalmente, a parte VI, contendo o estudo de 220 plantas de outras familias, está feita com a mesma proficiencia e o mesmo carinho, de sempre, nas suas 96 pgs. “in 4.<sup>o</sup>”, illustradas com 20 bellas estampas.

“Não só o trabalho de desenho é irrepreensível, como a sua execução em nada é inferior a tudo quanto se exige, na presente época, para trabalhos dessa natureza.

“Os trabalhos até agora publicados pela Comissão Rondon, não só revelaram muitas especies novas de plantas, já reconhecidas pela critica botanica mundial, como permitem a construcção de um primeiro esboço phytogeographico da zona percorrida.

“O nosso patricio tem arrancado applausos de botanicos brasileiros como os Drs. Leonidas Damasio e Alberto Loefgren e Alvaro da Silveira, bem como de autoridades estrangeiras dentre as quaes cumpre salientar Cogniaux, da Belgica, Malme, da Suecia, Engler, da Allemanha, e Spencer Moore, da Inglaterra.

“Um dos actuaes bons conhecedores da nossa flora, o Dr. P. Dusén, teve ensejo de me referir elogios a Hoehne, mas nenhum elogio melhor existe para um naturalista, do que ver os seus trabalhos transcriptos nas revistas de critica scientifica, como tem acontecido com os do botanico da Commissão. Aqui vos mostro uma dellas: “*Repertorium specierum novarum regni vegetabilis*” que se publica em Dahlem (Berlin), o que quer dizer, no cerebro da elaboração botanica hodierna, em cujo n.º 37, de 31 de Dezembro de 1914, estão transcriptas todas as descrições das especies novas da primeira parte do trabalho de Hoehne.

“O Sr. Hoehne é positivamente um botanico, na acção da palavra; quero com isto dizer que a minha confiança é completa, quanto ao exito dos estudos que o Coronel Rondon lhe confiou; e, como conclusão das referencias que venho fazendo, devo dizer-vos que muitas das bellas estampas que illustram os trabalhos do Martius brasileiro, elle as fez ao meu lado, dentro da embarcação em que ambos singravamos os rios mato-grossenses, esquecidos do mundo, ao virar das paginas da Natureza brasileira”.

As duas publicações da autoria do Dr. A. J. Sampaio, competente professor de Botanica do Museu Nacional, con-

stituem tambem trabalhos notaveis, não pela extensão (34 pags. "in 8.º" e 5 estampas; 15 pags. "in 4.º" e 13 estampas); mas pela substancia, como exporemos adeante, embora summariamente.

Antes de entrar, porem, nestas minudencias, direi duas palavras sobre a notavel conferencia do professor Sampaio, á qual fiz allusão no começo deste capitulo.

Nessa conferencia, inserta no volume XIX dos "Archivos do Museu Nacional" (1916), o estudioso especialista recapitula tudo quanto se tem feito e escripto sobre "A flora de Matto-Grosso" e passa em revista os trabalhos botanicos da Commissão Rondon; historia as herborizações até então obtidas no Estado de Matto-Grosso, as collecções obtidas e sua distribuição pelos herbarios mundiaes; relaciona em catalogo, scientifica e methodicamente delineado, as plantas matto-grossenses; e, finalmente, publica 11 mappas, dez relativos aos principaes itinerarios seguidos pelos botanicos que têm visitado o referido Estado brasileiro, desde 1788, e um que é a synthese de todas as herborizações feitas no Estado de Matto-Grosso.

Dentre outras referencias sobremodo honrosas e justas, destaco os seguintes trechos dessa conferencia:

"Coube-me a honra de dizer a respeito dos trabalhos botanicos da "Commissão Rondon", representando a Secção de Botanica, na homenagem que a douta Congregação do Museu Nacional, por proposta do Sr. professor Bruno Lobo, resolveu prestar a essa benemerita Commissão, a que a Nação Brasileira e em especial o Museu Nacional, devem os mais assignalados serviços.

"Venho relatar-vos summaria e imparcialmente os resultados botanicos já apresentados por essa Commissão, sem pretender, no momento, um estudo critico completo de seus serviços phytologicos, que não estão terminados e que dependem ainda de morosos trabalhos taxinomicos do riquissimo material floristico que a Commissão vem colligindo no seu caminhar glorioso.

"A morosidade destes trabalhos é facilmente evidenciada pelo seguinte facto: data de 1914 o estudo de Lyngge, descriptivo de lichens colligidos em Matto-Grosso por Malme em 1893; não obstante tratar-se de material transportado para o Museu Botanico de Stockolmo, um dos mais ricos no que concerne á flora brasileira, só 21 annos depois de colligido, foi levado ao conhecimento universal. E' no emtanto interessante conhecer o andamento dos serviços botanicos da Commissão Rondon, porque já apresentam vulto notavel, sobremodo honroso para o nosso Paiz, pois, effectuados por brasileiros, attestam eloquentemente e mais uma vez a nossa capacidade de trabalho, aliás sempre evidente, qualquer que seja o ramo de actividade em que sejam chamados a demonstral-a".

Para bem avaliar a importancia dos trabalhos botanicos realizados pela "Commissão Rondon", passa o conferencista a esmiuçar as contribuições recebidas anteriormente pelo Museu, dividindo-as em duas grandes categorias: as de epoca conhecida de herborização e as que não têm indicação precisa quanto á epoca em que foram realizadas.. Compara, depois de minucioso estudo de todas ellas, os seus resultados com os que apresentou a Commissão, fazendo resaltar o valor dos desta ultima até o periodo contemplado (1908 a 1915).

Mostra, então, ter cabido a Hoehne, botanico da "Commissão Rondon", a honra de ser o primeiro explorador de uma grande zona virgem para os botanicos, dado o facto de ter sido improficuo o percurso de Langsdorff, de Cuyabá ao Pará, do que resultou conservar-se desconhecida para a phytologia uma grande area de territorio do Noroeste Brasileiro.

Comparação curiosa é tambem a que se refere aos percursos feitos pelos botanicos, da qual se verifica que cabe a Hoehne, da Commissão Rondon, o maior percurso (7.350 kilometros); ao botanico Sueco Malme (6.150 km.), o 2.º lugar; e ao Sr. J. G. Kuhlmann, botanico brasileiro, a serviço

tambem da mesma Commissão, o 3.º lugar (6.031 km.); Riedel, botanico russo, vem em 4.º lugar, com 4.519 km. de itinerario percorrido.

Cita ainda o conferencista o facto de ser Hoehne um dos sete herborizadores cuja contribuição directa figura no herbario do Museu, e declara a proposito:

“Como um dos principaes resultados botanicos da “Commissão Rondon”, deve ser considerado o facto de estarem sendo elaborados no Museu Nacional do Rio de Janeiro as contribuições botanicas da referida Commissão. Hoehne e Kuhlmann têm encontrado, no herbario e na bibliotheca do Museu, se não todos os recursos, pelo menos os elementos essenciaes para os trabalhos phytographicos de longo folego.

“Isto é sobremodo auspicioso para o Paiz e honroso para o Museu.

“Até bem pouco, os trabalhos descriptivos originaes, offereciam difficuldades quasi invenciveis, pela falta de litteratura e de material de comparação, sujeitando-se os classificadores a perderem na synonymia a maioria de suas creações, pela impossibilidade de verificarem, em todos os casos, o que era já conhecido e descripto e o que era em verdade novo.

“Não serão nunca excessivos os louvores á benemerita “Commissão Rondon”, que, em numerosos ramos de actividade, vem prestando ao Paiz inestimaveis serviços.

“A “Secção de Botanica”, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, reservará para a importante offerta da Commissão Rondon (quasi 3.000 exemplares já incorporados ás collecções do Museu e 6.000 em estudos) uma situação de destaque, formando com a collecção mattogrossense o “Herbario Rondon”.

Nas 100 paginas que se seguem, em “4.º B”, o Dr. Sampaio apresenta o importante catalogo das plantas até então colligidas em Matto-Grosso.

Para completar as informações aqui resumidas sobre a parte de botânica, falta-me ainda cumprir o prometido, a respeito do material classificado pelo Dr. A. J. de Sampaio.

Com a publicação n.º 33 divulgou a "Commissão Rondon", a classificação de varias plantas até então estudadas pelo Dr. Sampaio (1916), dentre as que constituem a collecção de Pteridophytas, que elle tomou o encargo de identificar.

Dos 171 exemplares classificados, constam varios de *especies novas*, determinadas pelo nosso estudioso patricio; no numero destes estão seis especimes cujos caracteristicos figuram em cinco estampas annexas ao texto, das quaes, uma polypodiaca dedicada ao General Rondon (*Adiantum Rondoni*) — (*A. Sampaio; n. sp.*), outra dedicada a Hoehne (*Polypodium Hoehnei* — *A. Sampaio, n. sp.*) e outra ainda a Kuhlmann.

Bastam estes dados para que bem se avalie da importancia do trabalho a que me refiro.

Quanto á publicação n.º 56, da mesma autoria, comprehende a classificação de duas *especies novas* de Lauraceas da Amazonia, colligidas pelo Dr. Adolpho Ducke, naturalista brasileiro que a esse tempo chefiava a secção de botânica do Museu Goeldi, do Pará, e do material de Lauraceas, colhidas pelos botanicos da "Commissão Rondon", no Estado de Matto-Grosso. Os especimes representativos das duas primeiras receberam do Dr. Sampaio as denominações scientificas de "*Acrodiclidium maenchuba* — *A. Sampaio*" e "*Miscanteca Duckei*" — *A. Sampaio*", justificadas no texto e comprovada com duas estampas elucidativas de cada uma, com toda a minudencia.

Ao mesmo tempo que, na segunda parte do seu trabalho, o Dr. Sampaio nos dá conta da classificação da collecção de Hoehne e Kuhlmann, apresenta o catalogo, por elle organizado, de todas as *especies* de Lauraceas até essa epoca (1916) colhidas em Matto-Grosso, synthese de grande utilidade para futuras herborizações e classificações. No exame

deste material da Comissão Rondon, ainda teve elle oppor-  
tunidade de classificar outra especie nova ("*Aiouea Rondo-  
ni*" — *A. Sampaio*), cujos caracteristicos são postos em fo-  
co com o auxilio de uma bôa estampa, como todas as de-  
mais, reproducção de desenho original executado pelo pro-  
prio Dr. Sampaio.

### ANTHROPOLOGIA

A proposito dos trabalhos anthropologicos, e mais espe-  
cialmente ethnographicos, da Comissão Rondon, disse em  
resumo o Dr. Miranda Riberio, nas suas conferencias:

"Colloco-a antes da Zoologia propriamente dita, para me-  
lhor clareza de exposiçào.

"Já o Dr. Roquette Pinto, nas suas brilhantes conferen-  
cias aqui realizadas, deu conta de quanto fez a "Commissão  
Rondon" nesse terreno: Existe o homem selvagem na região  
percorrida, existe ahi o homem na idade da pedra; foram en-  
contradas 20 nações indigenas; foram conhecidas as subdivi-  
sões politicas dessas nações, localizados os seus limites geo-  
graficos; houve uma avaliação aproximada do numero de  
almas que as compõe, discriminaram-se as suas relações phy-  
logeneticas e estudaram-se os seus usos e costumes.

"E as proprias conferencias de Roquette são ainda um  
resultado dos serviços da Comissão que, pela face sociolo-  
gica, assegurou mais aos brasileiros civilizados a possibilidade  
de expansão pela "RONDONIA", até hontem em poder ex-  
clusivo daquellas nações selvagens.

"O trabalho de Rondon é — disse-me o Sr. Barão Er-  
land Nordenskjöld — tão importante e grandioso que, den-  
tro destes 50 annos vindouros, será unico; os meus traba-  
lhos, bem como o de Roosevelt são seus complementares.

"Tudo quanto foi publicado até agora pela Comissão  
se acha representado no impresso n.º 2 — *Ethnographia* —  
pelo Cel. Rondon, seguido de uma descripção do material,  
feita pelo Dr. Roquette Pinto.



“Constitue esta publicação um “in 4.º” de 57 paginas, e 16 estampas, algumas das quaes documentos historicos de inestimavel valor e provavelmente os ultimos que o homem civilizado possa ver das duas nações: Parecís e Nhambiquaras.

“Tambem, neste terreno, não foi dita a ultima palavra sobre a acção de Rondon. Já depois das conferencias de Roquette, os jornaes publicaram telegrammas seus annunciando o seu contacto com tribus novas; e, quando elle tiver dado por finda a sua missão no Norte, ainda ha a esperar, como remate de seu trabalho titanico, a exposição em conjunto sobre os indios de Matto-Grosso”.

Em capitulo anterior, já expuz summariamente alguns trabalhos da Commissão sobre anthropologia, ou mais rigorosamente sobre anthropometria e ethnographia, o que me dispensa de repisar o assumpto.

## ZOOLOGIA

Os trabalhos publicados pela “Commissão Rondon” até a presente data, sobre esta importante secção de Historia Natural, são os seguintes:

- Publicação n.º 13 — *Crustaceos*, pelo Sr. Carlos Moreira  
 Publ. n.º 14 — *Tabanideos*, pelo Dr. Adolpho Lutz  
 Publ. n.º 15 — *Pimelodidae*, etc., pelo Sr. Alipio Miranda Ribeiro  
 Publ. n.º 16 — *Loricaridae*, etc., pelo mesmo Sr. A. M. Ribeiro  
 Publ. n.º 17 — *Mammiiferos*, idem  
 Publ. n.º 22 — *Molluscos*, pelo Dr. Hermann von Ihering  
 Publ. n.º 27 — Trabalhos zoológicos de 1908, por A. Miranda Ribeiro  
 Publ. n.º 35 — *Hymenopteros*, pelo Dr. Adolpho Ducke  
 Publ. n.º 36 — *Ixodidas*, pelo Dr. Henrique de Beaurepaire Aragão

- Publ. n.º 46 — *Cichlidae*, por Alipio de Miranda Ribeiro  
 Publ. n.º 53 — Sobre os trabalhos de zoologia da Expedição Sc. Roosevelt — Rondon idem  
 Publ. n.º 58 — *Peixes*, exclusive *Characidae*, idem  
 Publ. n.º 63 — *Psittacidae*, idem.

E' como se vê, uma longa contribuição scientifica, que muitos nos honra. Os seis ultimos trabalhos citados sahiram á luz em datas posteriores a 1916, motivo pelo qual a elle não se referiu Miranda Ribeiro em suas applaudidas conferencias.

A critica dos especialistas tem acolhido com palavras encomiasticas todas essas publicações officiaes e os mais notaveis scientistas, dos mais afamados estabelecimentos em que se estuda zoologia, reclamam exemplares dessas publicações. Assim, por exemplo, recebeu o professor Miranda Ribeiro as mais expressivas e elogiosas referencias dos trabalhos (publ. 17) de sua autoria, concomitantemente com o pedido de remessa de exemplares, das seguintes procedencias: Da Inglaterra (Thomas, do Museu Britanico e Kerr da Universidade de Edimburgo); da França (Houssey, da Sorbonne); da Russia (Ivan Strelnixov, de Petrogrado), e da Austria (Toldt Jr., de Vienna).

A publ. n.º 22 foi elogiosamente commentada num artigo sobre Bibliographia das Sciencias Naturaes da America Latina, inserto no volume de "Physis" de Buenos-Ayres e onde são postas em evidencia as vantagens que della advieram "sob o ponto de vista descriptivo, como zoogeographico".

Constam dos "Annals of the Carnegie Museum", vol. VIII ns. 3 and 4, March 1913, a proposito de "The Platod Nemathognaths, por M. D. Ellis" as seguintes declarações: "Depois que esta memoria ficou concluida e antes que fosse publicada, o Sr. Alipio de Miranda Ribeiro publicou o vol. IV de sua *Fauna Brasiliense*" — Peixes — e um relatorio que trata entre outras coisas, dos *Callichtheyidae* da Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Gros-

so ao Amazonas (Comissão Rondon); e em Setembro de 1912, o Sr. C. Tate Regan publicou uma revisão do genero *Corydoras* (inclusive *Osteogaster*), com uma lista de especimes do Museu Britanico (Agosto de 1912). A publicação destas memorias determinou uma revisão parcial do manuscrito de Ellis, o que foi feito pelo Dr. Eigemann, encarregado da secção Ichthyologica do Museu Carnegie".

Bastam estes exemplos para caracterizar o valor scientifico de taes publicações; direi, todavia, alguma coisa a proposito das publicações distribuidas após 1916.

Da publi. n.º 35, já divulguei, em nota n.º 51, os pontos mais interessantes, que evito repetir, mas relembro ter nella o Dr. Ducke, não só estudado o material das collecções da Comissão, como tambem ter feito obra conjunta de maior folego, apresentando um trabalho completo sobre as abelhas do Brasil e que continúa a ser, até o presente, a ultima palavra na materia.

\* \* \*

Com a publ. n.º 36, do Dr. Aragão, assistente do Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, foram classificados os carrapatos colleccionados em Matto-Grosso e na Amazonia por Miranda Ribeiro, Hoehne e Dr. Murillo de Campos. Nenhum material novo foi encontrado, alem do *Ornithodoros rostratus*, Aragão, pois que, o *Amblyomma Conspicuum*, Aragão, foi identificado ao *A. pictum* de G. Neumann, como esclarece o autor no trecho que transcrevo:

"G. Neumann, descrevendo *Amblyomma pictum*, assignala tanto no macho como na femea, a existencia de 4 fileiras de dentes em cada metade do hypostomio; por isto, exitámos em considerar como nova a especie colhida em Corrego Flôr, pelo Dr. Murillo de Campos, e cujo macho apresentava apenas 3 fileiras de dentes naquella porção do rostro e a descrevemos com a denominação de *Amblyomma conspicuum*. Ultimamente recebemos mais exemplares, machos e femeas, desta especie, e verificámos que os machos sempre

apresentavam 3 fileiras de dentes e as fêmeas 5, no hypostomio.

“Comparando, porem, este novo material e as descrições de G. Neumann, no seu *A. pictum*, chegámos á conclusão de que as duas especies são identicas e que Neumann se enganou na contagem dos dentes do hypostomio, quanto aos exemplares que teve em mãos”.

Logo a seguir, observa ainda o Dr. Aragão:

“Com o material trazido pelo Dr. M. Campos, fica, pela primeira vez, assignalado o *A. pictum* no Estado de Matto-Grosso e tambem o seu parasitismo no cão.

“O exame da collecção M. Campos, revelou ainda pela primeira vez, a existencia do *Amblyomma maculatum*, L. Koch, no Estado de Goyaz.

“O exame da collecção Hoehne, comprova igualmente que existe em Matto-Grosso o *Amblyomma longirostre*, L. Koch, assim como o seu parasitismo no anú (*Crotophaga*).

Se, em relação ao numero de generos e especies, ha, em dadas regiões de Matto-Grosso, uma certa redução, em compensação, porém algumas especies nellas existentes são ahi representadas por um tal numero de individuos que as tornam verdadeiras pragas, tanto para o homem como para os irracionaes. Abundam especialmente no Estado as especies *Margaropus microplus Canestrini*, nos bovinos e cervi-deos, e o *Amblyomma Acayennense*, Fabricius, que ataca o homem e outros animaes.

“Muito provavelmente pertencem a esta ultima especie, os carrapatos que se acumulam nos *uacurizaes*, após as enxurradas, e que tornam impossivel a permanencia do homem em taes lugares, segundo nos informou o professor Alipio de Miranda Ribeiro”.

\* \* \*

A publ. n.º 46 trata do material colligido pela “Commissão Rondon”, quanto aos especimes representativos da importante familia dos *Cichlideos*, de peixes de agua doce.

Para não cansar o leitor, permitindo-lhe, entretanto, avaliar o merito deste trabalho, transcrevo apenas as seguintes referencias:

"...O resultado final, trazendo fórmãs novas, modificou, como nos outros grupos da nossa fauna, o consenso anterior, de modo que já novos generos surgiram e o numero de especie augmentou, depois que entreguei á impressão (casa Luis de Macedo & Comp.) o tomo V da minha "Fauna Brasiliense".

"Em que pese a autoridade dos mestres que têm tratado deste grupo, não me sinto capaz de reconhecer as diversissimas fórmãs que elles vão organizando desta importantissima familia; em consciencia, quer me parecer sufficiente, para a fauna brasileira, a chave que extrahi do referido tomo V e vai aqui publicada, a qual deverá ser modificada logo que fique provada a estabilidade dos novos generos a que tambem alludi. Sim, porque delles se tem tratado apenas sob o ponto de vista anatomico e nada ainda se sabe do seu desenvolvimento e respectivas variações (Archivos do Museu Nacional, vol. XVII).

"Tudo quanto se sabia até 1913, com referencia a *Cichlideos*, podia ser synthetizado como estava no meu citado trabalho.

"Já, entretanto, no mesmo anno, Eigmann publicava outro novo genero (*Acarichtys*), enquanto as "collecções Rondon" distendiam para o Brasil a area de dispersão de outro (*Nannacará*, de Regan).

"Numericamente, estas collecções representam 30 especies e duas variedades; das especies, tres são novas (*Acaropsis Rondoni*, *Nannacará Hoehnei*, *Heterogramma Rondoni*, *Mir. Ribl*) e das variedades, uma.

"Muitas revelações interessantes trouxe o estudo deste material, entre outras a da possibilidade de uma differenciação especifica entre *Aequidens festivum* e *A. insignis*; o encontro de um exemplar de *Cichlasoma psittacum*, quasi mythologicamente conhecido; o encontro de uma nova *Acaro-*

*psis*; a reabilitação de *Aequidens dimerus* e outras que são dadas nas referencias de cada especie classificada”.

\* \* \*

Com a publ. n.º 58 encerrou Miranda Ribeiro a classificação de todo o material em peixes colligido (V. nota 92) pela “Commissão Rondon”, excluidos os *Characimideos*, para os quaes reserva o auctor, propositadamente, uma memoria, especialmente dedicada a essa familia. Do respectivo preambulo, traslado os esguintes trechos:

“Setenta e nove peixes são enumerados, alguns exóticos e todos das mais diversas familias e dos mais afastados grupos.

“O interesse que resulta de seu exame, dispensa minuciosidades e o leitor apreciará as fórmãs raras colhidas e que, naturalmente, irão enriquecer o nosso Museu de Historia Natural e as unidades scientificas que outras documentam.

“Destas, convem antecipar *Pseudothyryna jhering*, *Achyrus errans Rivulus rondoni*, *Pseudochirocentron amazonicum*, *Cochliodon pyrineusi*, *Peckoltichthys Kuhlmanni*, *Rhamdia pubescens*, *Sorubim trigonocephalus* e *Glanidiuns piresi*, cujos desenhos dados concorrerão para melhor clareza da sua existencia. *Plagioscium ternetzi* é incluido na nossa fauna.

“Os generos *Pseudochirocentron*, *Hemiancistrus* e *Peckoltichtys* são claramente definidos; as especies de *Sorubim*, ascendem a quatro e de *Cochliodon* a duas.

“Dentre as lacunas zoologicas de que se resentiam as colleções do Museu Nacional e que foram preenchidas, figuram *Ellipesurus reticulatus*, *Colomesus psittacus*, *Pristigaster cayanus*, *Peckoltichtys niveatus*, *Pimenoludos versicolor*”.

\* \* \*

“Outras consequencias mais, trazem os trabalhos da “Commissão Rondon”, nesta pequenina esfera dos seus ser-

viços; estretanto como o detalhe referirá todas ellas, torna-se superfluo resumil-as aqui”.

\* \* \*

A publ. n.º 63, para a qual teve Miranda Ribeiro a colaboração do Sr. Euclides da Costa Soares, traz a classificação dos psittacideos (araras, papagaios, periquitos, etc.) da “Commissão Rondon”, colligidos desde 1908 até 1916.

A proposito desta familia e do estudo dessa collecção, publicou Miranda Ribeiro apreciações originaes, muito importantes, refundindo os methodos até então adoptados (V. “Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”, anno III, 1919, fls. 214 a 227, e “Revista do Museu Paulista” vol. XII, em impressão ainda em Julho 1920).

Encabeçando seu trabalho, diz o auctor:

“Fóra das “Collecções Rondon”, o Museu Nacional possuia nos mostruarios e em serie, 60 especies de Psittacideos, em sua maioria sem valor, por falta de procedencia. As “Collecções Rondon” trouxeram 28 especies, com as respectivas procedencias, e uma das quaes o Museu não possuia.

“O material que existia antes no Museu com procedencia determinada (V. nota n.º 93) e o da “Commissão Rondon”, premittiram uma critica dos grupamentos de toda a serie brasileira, o que foi objecto de uma nota lida em sessão da “Sociedade Brasileira de Sciencias”, realizada em Maio de 1919”.

\* \* \*

Destaco da publ. n.º 53, em que estão resumidos os resultados zoológicos da “Expedição Roosevelt” com declaração dos colleccionadores, a descripção das duas collecções de material enviados ao Museu:

I — Collecções procedentes do Estado de Matto-Grosso, do valle do rio Paraguay até o chapadão de Parecís, deste chapadão até as cabeceiras do rio "Roosevelt", assim como dos rios "Commemoração de Floriano" e Gy-Paraná:

— 16 mammiferos, dentre os quaes sobresaem, como documento biologico, um craneo de feto de *Tapirus terrestres*, um craneo de *Mazama rufa*, de chifre duplo. Ha alem disto, boas pelles, dentre as quaes a dum individuo adulto de Cuxiú de nariz branco (*Chiropotes albinosa*).

— 137 aves, dentre as quaes um bello exemplar de *Ampellis purpurea*, bellissima cotinga da fauna septentrional brasileira, diversos *Conurideos* (periquitos) raros, um *Pionus* (maitaca) igualmente raro, dois ex. de arara azul (*Arahyacinthina*), etc.

— 100 ex. de peixas pertencentes aos grupos do *Scleracanthas*, *Characinideos* e *Cichlideos*.

— 59 tubos com insectos diversos e outros animaes.

II — Collecções procedentes do rio Aripuanã:

— 43 mammiferos, dentre os quaes diversos exemplares de uma especie de *Calliceboc* supposta nova, duas *Dasyprutus* (cotias) raras, duas pelles de um veado que classifiquei como *Cervus rondoni*, etc.

— 120 aves, muitas das quaes raras, sobresaheindo alguns *Trogons* (Surucuás) muitos *Anabatideos* e *Dentro-colaptideos*.

— 17 reptis, um dos quaes bastante raro, provavelmente do genero *Lachesis*.

— 70 peixes, na sua maioria do grupo dos *Characini*deos e constituido de especies que o Museu não possuia.

— 5 *Anthropodes*.



## CONFRONTOS E CONCLUSÕES

Ao terminar sua ultima conferencia, insere Miranda Ribeiro dois quadros comparativos, que põem em destaque o contingente levado pela Commissão Rondon ao Museu Nacional e tornam evidente a importancia de sua contribuição para os estudos de Historia Natural em nossa Patria.

No 1.º quadro estão os algarismos relativos ao numero de exemplares levados pela Commissão ao Museu em 8 annos (1908-1916) e ao dos que este reuniu durante seus 100 annos de existencia, conforme abaixo se vê:

COLLEÇÕES	COMMISSÃO RONDON		MUSEU NACIONAL	
	Em 8 annos	Média annual	Em 100 annos	Média annual
(Numeros conhecidos)				
Botanica . . . . .	8.837	1.104	38.000	530 —
Zoologia . . . . .	5.676	709	59.314	593 —
Anthropologia . . . . .	3.380	422	11.185	111 —
Geolog. e Miner. . . . .	?	?	5.160	51 —

No 2.º quadro estão confrontados os trabalhos publicados pelo Museu e pela Commissão, em cada ramo de Historia Natural, como se segue:

(46 ANOS) MUSEU		TRABALHOS PUBLICADOS	COMISSÃO RONDON (8 ANOS)	
Paginas	Estampas		Paginas	Estampas
898	178	Botanica	759	6
141	89	Zoologia	1.189	105
57	17	Anthropologia	803	34
37	8	Geol. Min.	498	81
68	237		3.249	226
105	39	Média annual (Desprezando fracções)	70	4

São memoráveis as palavras de commentario e as conclusões de Miranda Ribeiro, fechando, com chave de ouro, a sua 3.<sup>a</sup> Conferencia, sub-titulada: "A lição de Rondon":

"Nessa comparação, englobámos, a favor do Museu, todas as ofertas e compras que, evidentemente, não fazem parte do seu trabalho; augmentámos mesmo as estatisticas das secções, como se viu na de Botanica. No tocante a publicações, não foram contadas, de parte a parte, as materias estranhas ao assumpto aqui considerado, o que reduziria de muito o indice do Museu.

"E, apesar de todas essas vantagens, a Comissão Rondon, no que toca a todos os serviços de Sciencias Naturaes, fez mais do que o Museu; e se entrarmos na apreciação economica, então, a differença é estupenda.

"— Onde a explicação de tão extraordinario facto?

"— Qual o segredo de que lançou mão o seu Chefe?

"— Nenhum segredo, nenhum recurso extraordinario.

Uma simples conferencia de um quarto de hora organizou o serviço; o resto foi feito com uma duzia de telegrammas. Não se mandou buscar ninguem nas nuvens, nem na lua; em-

pregou-se aquella gente de que já vos falei e que eram apenas homens de bom senso e conhecedores de seu officio.

“Eis ahí a prova material de que, por tal modo é que se dará remedio aos males desta casa (o Museu Nacional), males de que só são culpados os governos de todos os tempos.

“O Coronel Rondon fez tudo quanto esta casa tem por fim fazer: *colligiu material, estudou-o e publicou o resultado desses estudos*. E é de pasmar que o seu *unico regulamento* fosse aquelle pequenino trecho das “instrucções Calmon”, que eu vos li na minha primeira conferencia: “Estudar os recursos naturaes da região percorrida”.

“Rondon não é só o homem bom e puro, votado ao bem da Patria e que se elevou no conceito dos homens de sciencia, pela maneira sábia com que desdobrou os seus serviços scientificos; Rondon é uma bandeira!

“Fazendo Sciencias Naturaes, elle enriqueceu a sciencia nacional, e, alem disto, nos forneceu os elementos indiscutíveis para provar que o Brasil tem homens capazes e competentes e que o Museu só não tem correspondido á espectativa geral, porque os governos não lhe têm sabido dar a conveniente orientação.

“E assim, Rondon é ainda um benemerito para esta casa, por tel-a defendido”.

## NOTAS

NOTA 89 — Occorreu este desastre quando o Dr. Cicero navegava o referido curso d'agua, ao transpôr a lancha a corredeira “Queixo de Anta”.

Entre outros naufragos, cuja maioria não sabia nadar, estavam o geologo e o actual Tte. Cel. de Engenharia Carmério Gondim, prestimoso e competente ajudante da Commissão Rondon, e a esse tempo no posto de 1.º Tenente.

Já noite escura, foram todos salvos, por se terem agarrado aos ramos das arvores marginaes, os que não sabiam nadar, comprehendido no numero destes o mallogrado Dr. Cicero.

NOTA 90 — Alludia a uns ossos de que tivera noticia e que, segundo tambem lhe constava, haviam sido remettidos á Inglaterra e classificados como provenientes de um *Dinosauro*.

Taes ossos têm uma historia complicada em que tambem fui comparsa. A existencia desse precioso documento paleontologico foi revelada pela primeira vez ao Dr. Miranda Ribeiro pelo Dr. Antonio Corrêa da Costa, distincto mattogrossense residente no Rio de Janeiro. Deixou de ir busca-lo, então aquelle zoologo, porque Cicero tomara o compromisso de o fazer, como fez, entregando-o, com outra ossada fossil, procedente de Flechinhas, lugarejo tambem de Matto-Grosso, ao Dr. Orville Derby, director, naquella epoca, do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.

Em Março de 1910 este illustrado geologo, respondendo a indagações de Miranda Ribeiro, confirmou o recebimento dos caixotes de fosseis e amostras de rochas, informando-o de que os havia enviado ao Dr. A. Smith Woodward, director da secção de vertebrados fosseis do Museu Britanico, o qual lhe communicara, por carta, tratar-se de ossos de um *Dinosauro gigantesco da idade mesozoica*, mas insufficientes para uma determinação mais minuciosa.

Annos mais tarde, na qualidade de Chefe do Escritorio da Commissão Rondon, retomei o assumpto e me esforcei para que os ossos fosseis a que nos referimos, voltassem ao Brasil, com destino ao Museu Nacional. Fallecendo, porem, logo depois, o Dr. Derby, não consegui ver realizado tão patriotico intento da Commissão Rondon.

Refere ainda Miranda Ribeiro em sua 1.<sup>a</sup> conferencia:

“Diz o Dr. Betim que dos ossos das Flechinhas não tem noticias; eu penso que desta procedencia, como da Chapada, ainda poderiam vir boas collecções de ossos fosseis, pois, conforme o proprio Cicero informou, não foram completas as suas excavações, e muita coisa lá ficou”.

NOTA 91 — Em pagina dedicada á bibliographia, cita o Dr. Euzébio as seguintes obras consultadas desses autores:

*Orville Derby*: “Nota sobre a paleontologia de Matto-Grosso”, da Revista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. I — (1896).

*J. E. Evans* — The Geology of Matto-Grosso — do “The Quarterly Journal of the Geological Society” (1 — 2 — 1894); “The rocks of the cataracts of the River Madeira do mesmo Journal” — (Fev.<sup>o</sup> 1906).

*Miguel Arrojado R. Lisbôa* — Oeste de S. Paulo — Sul de Matto-Grosso-Commissão Schnoor” (1909).

*Gonsaga de Campos* — “Mappa florestal” (1912); “Reconhecimento da zona comprehendida entre Baurú e Itapura” — E. F. Noroeste (1905).

Alem destes, estão citados os trabalhos de William Lloyd (1875); Guilherme Florence (1906); Joviano A. Pacheco (1913); Cel. Ron-

don (1911); e J. C. Branner (Geologic Work of ants in tropical America, vol. 21).

NOTA 92 — Todo o material colligido, conforme esclarece o texto desta publicação, provem:

I) Do serviço do auctor, de 1908 a 1909, abrangendo o litoral brasileiro, desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul; o rio da Prata, o Paraguay até Sant Anna; dahi, em rumo N. O. até os rios Gy-Paraná, Madeira, Amazonas, rio Negro e Manaus.

II) Serviço de F. C. Hoehne: bacias Paraguay-Tapajós (Prep. Kuhlmann), 1910 — 1912.

III) Idem (Prep. Blacke de Sant Anna e Reinisch), bacia Paraguay, 1913 — 1914.

IV) Serviço Tte. Pyrineus de Sousa: rios Madeira e Aripuanã (Prep. Emil Stolle 1913 — 1914.

V) Idem rio Paranatinga (Prep. Antenor Pires), 1914 — 1915.

VI) Serviço de Coronel Rondon (Prep. E. Stolle), rios Jamarý, Gy e Madeira, 1915.

NOTA 93 — Segundo o auctor, consta este material: da collecção H. Smith, do Rio-Grande; das duas collecções Miranda Ribeiro, uma procedente da Serra dos Orgãos, outra do rio Novo; coll. Schwanda, do Maranhão; coll. Pedro Velho, de Marajó e coll. Freire Allemão, do Ceará, esta ultima, apenas por supposição é assim considerada, pois lhe falta a respectiva rotulagem.

## CAPITULO XX

# A EXPEDIÇÃO AOS RIOS CANUMÃ E SUCUNDURY

A falta de uma copia do mappa de Matto-Grosso organizado pela "Commissão Rondon" e de relatorio minucioso em que se descreva "pari-passu" a expedição de que é objecto o presente capitulo, obrigam-me a limitar a exposição quasi que exclusivamente á descripção summaria, feita de memoria, pelo official que chefiou esses trabalhos ha já um decennio, o Major de engenharia Manoel Tiburcio Cavalcanti.

O rio Canumã já estava levantado por Coudreau, que trabalhou por conta do Governo do Estado do Pará, e fôra percorrido tambem, em estudos geologicos e mineralogicos pelo saudoso cientista brasileiro Dr. Gonzaga de Campos.

A proposito desta expedição, o "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, publicou em 19 de Novembro de 1917, a seguinte noticia:

"Alguns rios do Brasil, apesar de parecerem conhecidos, porque figuram nos mappas existentes como cousa definitiva e real, estão ainda muito áquem da exactidão que apparentam os seus traços representativos sobre as cartas geographicas.

"Ha, aliás, razões de sobra que justificam semelhante deficiencia: de um lado as condições naturaes do nosso interior, esparsamente povoado até certa altura e inteiramente fechado aos civilizados na parte mais central; de outro lado, o largo hiato entre o periodo aureo dos Lacerda e Almeida, Silva Pontes, Ricardo Franco, Couto de Magalhães, etc., em que foi explorado esse mesmo deserto interior, e o das ex-

plorações e estudos intensivos desenvolvidos pelo ilustre patricio que é o Coronel Candido Rondon, contemporaneo nosso; explicam a existencia ainda, na actualidade, de um infinito numero de hypotheses geographicas sem confirmação, alheias como permanecem á responsabilidade de serviços technicos que mereçam fé.

“Precisamente o rio Canumã se encontra enquadrado em taes considerações.

“Examinado, sob o ponto de vista de sua especialidade pelo geologo Dr. Gonzaga de Campos, actual director do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, desde sua fóz até o igarapé Cuyabá; levantado por Coudreau até a cachoeira Monte-Christo; habitado por seringueiros até o igarapé Vermelho; era inteiramente virgem de incursões scientificas desde o ponto em que o attingiu Coudreau, até suas cabeceiras, que distam cerca de 200 km. deste ultimo ponto, segundo calculo aproximado da Commissão Rondon.

“Coube ao 1.º Tenente de engenharia Manoel Tiburcio Cavalcanti, ajudante da Commissão Rondon, a exploração da parte mais alta desse curso d’agua, tambem levantado, em toda a extensão percorrida, pelo mesmo official.

“O serviço foi realizado com exito completo e durou desde 5 de Junho até 15 de Outubro do corrente anno, datas em que partio de Manáos a expedição Tiburcio, e a esta mesma cidade regressou.

“A sua turma compunha-se de um auxiliar diarista, Manoel Meirelles Muniz, photographo Christovão Pimenta e seis trabalhadores.

“Os serviços executados foram os seguintes:

1) Observações barometricas diarias, durante o trajecto da expedição, amarradas ás do posto meteorologico de Manáos, onde os barometros compensados foram rigorosamente comparados com o padrão desse observatorio.

2) Determinação das descargas do Canumã, Sucunury e affluentes.

3) Sondagens, para determinação da profundidade e da qualidade das rochas que formam o leito dos rios.

4) Documentação photographica que foi possível obter.

5) Levantamento regular dos rios Canumã, Sucundury (alto Canumã); trecho do igarapé Sucunduryzinho (afluente da margem direita do Sucundury, a 1.715 kilometros da fóz do Canumã), e do paraná do Urariá no trecho comprehendido entre a fóz do Canumã e o rio Madeira.

“Taes levantamentos attingiram quasi mil kilometros assim distribuidos:

	<i>Kilometros</i>
a) Camumã-Sucundury .....	887,096
b) Sucundurzinho .....	23,439
c) Paraná do Urariá .....	28,824
Total .....	939,359

“Segundo os dados do Tenente Tiburcio, verifica-se que: o igarapé Cuyabá, até onde subiu o Dr. Gonzaga de Campos, está a 617km,048, a montante da fóz do Canumã; Monte-Christo, ponto mais alto de Coudreau, dista dessa fóz 755km,439; e o igarapé Vermelho, até onde chegaram os seringueiros, está afastado da mesma origem 768km,322.

“O explorador da Comissão Rondon subiu ainda a 131km,600, até onde o rio se estreitou a 9 metros de largura, o que representa grande reduçção, comparando-se com os 2.851 metros (dois mil oitocentos e cincoenta e um metros), que chega a ter logo acima (cerca de 5 kilometros) de sua fóz, onde soffre um estrangulamento e apresenta a largura de 380 metros, a troco, certamente, de uma compensadora profundidade.

“Segundo as instrucções traçadas pelo seu chefe, deveria o Tenente Tiburcio subir o Canumã-Sucundury até contornar-lhe as cabeceiras, de onde procuraria depois passar ao curso do Aripuanã, atravessando o divisor secundario na al-



tura do igarapé Jacarétinga, affluente do Aripuanã, pela margem direita.

“Como, porém, taes instrucções se baseavam na preliminar de existir um *varadouro*, no ponto assignalado, para realizar essa travessia, e o estado da turma, ao attingir o kilometro 887, não o permittia, deixou o official de executar essa ultima grande etapa, regressando pelo mesmo itinerario do serviço que effectuara subindo o rio.

“Este segundo motivo justifica igualmente que, apesar de ter realizado por terra o levantamento dos ultimos kilometros do rio, se visse o engenheiro obrigado a bater ahi o marco terminal que levou a seguinte inscripção: “Rio Sucundury, kilometro 887. Commissão Rondon — 26-8-1917”.

“Com mais esta importante contribuição dessa Commissão, — muito embora o curso do Canumã-Sucundury interesse em seu maior desenvolvimento ao Estado do Amazonas, em parte de seu territorio banhado pelo majestoso rio Madeira — fica assignalado precisamente um novo elemento indispensavel á Carta de Matto-Grosso, cuja organização está confiada ao Coronel Rondon, o que é um sério penhor de garantia para sua realização e para o exito completo desse empreendimento.

“Esta rapida noticia foi colligida sob bases do recente telegramma, transmittido pelo Tenente Tiburcio ao Coronel Rondon, em succinta exposiçãõ que precede á apresentação do relatorio e das cadernetas do serviço”.

A descripção do Major Tiburcio (V. nota 94) foi escripta nos termos da carta que me dirigiu e que ora transcrevo:

“Infelizmente não posso, como desejava, desobrigar-me da promessa de dar-lhe informes circumstanciados sobre a Expediçãõ ao Canumã-Sucundury, porque, tendo-se extraviado o meu diario de viagem e sem ter ás mãos se quer as cadernetas de serviço, é-me difficil, de memoria, depois que tantos dias são volvidos, lembrar muitas das occorrencias e aspectos da região. Comtudo vou contar-lhe alguma coisa do

que ainda conservo na retentiva, pedindo-lhe desde já desculpas de não satisfazer aos seus desejos como eu quizera.

“Iniciada nos primeiros dias de Junho de 1917, talvez, a 5, e terminadas nos ultimos de Setembro, a viagem fez-se toda sob os melhores auspícios. Durante aquelles 4 mēses vividos no bôjo de pequenas e frageis canôas, sem nenhum conforto, expostos a todas as intemperies e despendendo esforços continuos por vencer cachoeiras e “rapidos”, é admiravel que, dos 13 homens que eramos, nenhum adoecesse, o que até certo ponto serve de confirmação ao facto já divulgado, por Euclýdes da Cunha, de ser um “clima calumniado”, o do Amazonas.

“Como V. sabe o flagello das expedições são as molestias e a falta de alimentação sufficiente. Pois de nenhum destes dois males padecemos, felizmente. O Sucundury é um rio extraordinariamente piscoso e a caça abundante em suas margens forneceu-nos sempre alimentação variada e sadia. E quando se goza saúde, e se tem bôa alimentação, as difficuldades servem até de estimulante. Por isso as travessias das cachoeiras e “rapidos” do Sucundury (e elles foram em grande numero; mais de 60), se faziam sempre de animo alegre e sem poupança de esforços, cada qual pondo em acção o maximo das suas energias para que os trabalhos corressem celeres. Foi neste estado de espirito que se fizeram as *varações* por terra, durante cerca de 24 horas, para cada uma das tres grandes cachoeiras: Monte-Christo, Dois Indios e das Parasitas.

Monte-Christo é a primeira grande cachoeira que encontra quem demanda o alto Sucundury; abaixo della parou Coudreau seus trabalhos de exploração e acima, entre ella e a dos Indios, estavam as ultimas *collocações* de seringueiros, no igarapé Vermelho. Estes já haviam reconhecido o rio até alem da cachoeira das Parasitas e regressado logo depois, devido ás difficuldades da navegação e á pouca abundancia de seringueiras e cáuchos. Entre a cachoeira dos Indios e a dos Parasitas, a distancia é pequena, cerca de 2km. Nosso

levantamento foi muito acima da cachoeira das Parasitas, orçando ao todo por cerca de 900km, desde a fóz do Canumã até ao ultimo ponto attingido. Durante os ultimos 8 dias, quando a navegação se tornou de todo impossivel, devido á pouca agua do rio, marchámos a pé, abrindo picada e conduzindo ás costas todas as bagagens e a alimentação. Quando regressavamos, encontrámos já bem acima da cachoeira das Parasitas uma canôa com alguns homens, que, animados com a nossa penetração, iam por sua vez tentar explorar industrialmente aquella zona, buscando de preferencia os cáuchos. Sabedores de que não encontraramos vestigios de indios, muito se alegraram.

O Canumã é formado pela junção do Acary e do Sucundury e desagua no Paraná do Urariá, mas tendo na sua fóz um *furo* que vai ao rio Madeira, os navegantes e ribeirinhos dão indevidamente a esse *furo* o nome de "Bôca do Canumã", fazendo suppôr que a Canumã desagua directamente no rio Madeira, o que não acontece. O regime do *furo* do Canumã é alternativo: ora corre do Canumã para o Madeira ora do Madeira para o Canumã, conforme varia o nivel destes dois rios. Preferimos entrar no Canumã pelo *furo*, porque, ficando a cerca de 6 horas de viagem a vapor acima da fóz do Madeira no Amazonas, estava a menor distancia de Manaus, onde organizámos a expedição. O *paraná* do Urariá desagua, como V. sabe, proximo á cidade de Parintins. Tanto de subida como de regresso viajámos no *furo* á feição da correnteza, que mudara de sentido durante a nossa viagem no Canumã-Sucundury.

O Canumã é um rio de cerca de 250 km., muito largo, na média 2.500 m., e quasi sem correnteza, tão parado que as mais das vezes os ribeirinhos o chamam "Lago grande do Canumã". Em alguns pontos chega a ter mais de 3 km. de largura e é perigoso atravessal-o quando cahe vento. Tão altas se elevam as marêtas que chegam a tragar lanças e batelões de 10 toneladas e mais. As suas margens são em geral baixas, alagadiças e crivadas de *furos*.

Em algumas barrancas altas vêm-se habitações de índios Mundurucus semi-civilizados, que vivem da pesca, da colheita de ovos de tartarugas e tracajás e de castanhas, nas épocas próprias. Têm, geralmente, as suas habitações, pequenas roças em torno, e quando duas ou mais se grupam num mesmo local, nunca deixa de junto a ellas existir um galpão aberto, de pavimento de barro socado, para as danças costumeiras.

Quando se penetra no Sucundury a perspectiva muda totalmente. Em vez da placidez e amplidão do Canumã, está-se num rio correntoso e que se estreita a olhos vistos, desenvolvendo-se em curvas apertadas entre barrancos altos de terra vermelha, onde as cachoeiras e os "rapidos" se succedem a curtas distancias uns dos outros, em muitos trechos. Até na côr das aguas a differença é flagrante entre os dois rios.

Pouco, muito pouco habitado, só de longe em longe se encontra alguma miseravel *barraca* de índios Mundurucus, que geralmente fogem á aproximação das nossas canôas, talvez amedrontados com o alvo vermelho da mira do Fleuriarai ou com o som da corneta de signaes. No terço inferior do seu curso, o Sucundury apresenta bellas praias de areias muito brancas onde, na época propria, vêm desovar as tartarugas e tracajás, que existem em abundancia. Estes amphibios depois da postura, feita de uma só vez e que regula de 10 a 16 ovos para o tracajá e de mais de cem para a tartaruga, enterram na areia das praias todos os ovos, para que choquem ao calor da terra. Quando desciamos no mês de Setembro, quasi não havia praia em que não encontrassemos canôas de índios Mundurucus na colheita facil de ovos, e nós mesmos mais de uma vez, os colhemos. São muito apreciados pelos filhos da região, mas ao meu paladar não agradaram.

Em muito maior numero que as moradas, são as tapéras que se encontram ao longo das margens do Sucundury, indício de que o rio fôra, tempos atrás, muito mais povoado, quando os seus seringaes e cauchaes, ainda virgens, offereciam aos esforços dos que se aventuravam a uma viagem tão longa e

cheia de dificuldades, compensadora remuneração. Esgotados como já estavam, em 1918, os seringae e quasi desaparecidos os cauchaes, o Sucundury nada mais offerencia então que pudesse excitar a ambição dos seringueiros, gente aventureosa, que não se fixa e vive a emigrar de uns rios para outros. Era, pois, um rio condemnado ao despovoamento.

Apesar das informações repetidas, que tivemos, sobre a existencia de indios em estado de luta no alto-Sucundury, não os encontrámos — podemos mesmo dizer que não existiam até onde alcançaram nossas explorações, pois nunca descobrimos o menor vestigio de suas excursões. Não ignora V. que nada preoccupa mais a attenção de nossa gente, durante as explorações em regiões que se presumem habitadas por indios, do que um encontro com elles, pelo pavor que ao civilizado geralmente infunde a idéa de um ataque de surpresa, a todo o momento. Neste estado de espirito buscam sempre os nossos homens todos os vestigios denunciadores da presença do indio e se sentem propensos a encarar qualquer ruido insolito, como manifestação sua.

Nós não escapámos á regra geral durante a expedição ao Sucundury. Certa tarde, quando já estávamos inclinados a abandonar as canôas, devido ás difficuldades da navegação, com o rio trancado de páos, para proseguir por terra o levantamento, veio o caçador da turma comunicar-me, muito alarmado, que mais para cima ouvira distinctamente gritos de indios. Todos ficaram sobresaltados. Para tranquilizal-os suspendi o serviço e dei ordem para se fazer acampamento, tomando todas as providencias para evitar uma surpresa.

De ouvido á escuta ficámos todos, sem nada percebermos de extranho, até que a noite cahiu de todo. Então, deixando os fogos no acampamento, nos transferimos para a outra margem, sem nenhum ruido e ahí pernoitámos, com as devidas cautelas. Durante a noite e pela manhã nada occorreu de anormal. Deixando as canôas no pouso, iniciei o serviço por terra, abrindo picada na matta, com todos os cuidados para evitar qualquer surpresa. Mal, porem, havíamos

marchado uns 500 metros, percebemos uma clareira: Era uma capoeira velha, talvez dos proprios indios, na qual existiam ainda alguns pés de bananeiras, de um dos quaes pendia um mirrado cacho meio maduro e já estragado pelos passaros e macacos. Immediatamente conclui pela não existencia de indios na região, e chamando para o caso a attenção do pessoal, fiz-lhes voltar a tranquillidade aos animos sobresaltados. Nosso caçador é que ficára meio desapontado com a troça dos demais que, esquecidos da impressão que lhes causara a má noticia, agora riam do medo do pobre homem que, impressionado com a existencia de indios, confundira gritos de macacos com vozearia de indios.

Já vai demasiado longa esta carta, e se lhe fôra contar tudo que me occorre, não sei onde a levaria. Resolvo, pois, findal-a, mas antes preciso dizer-lhe que a fiz mais por não deixar sem resposta a sua, do que pensando em escrever qualquer coisa que bem correspondesse aos seus desejos.

Não possuo nenhum retrato para enviar-lhe. Estimarei muito que possa publicar em livro tudo o que tem escripto sobre a "Commissão Rondon", por que assim não ficarei privado do prazer de ler o que escreveu e vae escrever e como eu, haverá muitos outros".

## NOTAS

NOTA 94 — O Major Tiburcio tem notavel acervo de serviços prestados á "Commissão Rondon": foi elle quem completou o nivelamento rigoroso do eixo da linha telegraphica da Parte Norte (600 kilometros), através dos valles do Gy-Paraná, do Jamary e do Madeira, inclusive o trecho do ramal de Santo-Antonio do Madeira a Guajará-mirim (362km,9); foi elle quem veio dar a ultima de mão ao levantamento do rio Gy-Paraná ou Machado; e foi elle, enfim, o ajudante de Rondon na expedição ao rio S. Miguel, affluente da margem direita do Guaporé.

Presta elle ainda agora sua preciosa collaboração aos trabalhos de construcção da estrada de rodagem de Aquidauana a Ponta-Porã, no Sul de Matto-Grosso, serviços que estão sendo executados sob a

direcção do General Rondon, que superintendeu tambem o lançamento da linha telegraphica que ligou esses dois pontos, com 508 km. de desenvolvimento, passando por Campo-Grande, Campos da Vaccaria, Brilhante e Caiuás.

Official competente, trabalhador e activo, accumulou elle já decisivas provas de seu valor profissional, como engenheiro e como militar, executando sempre galhardamente os serviços penosos que lhe têm sido distribuidos e reagindo contra as intemperies, os climas maisões e as vicissitudes do sertão, graças á resistencia physica que possui, á saúde de ferro de que goza, apesar de tudo, e á sua tenacidade, tão concordante com o character de um filho do Norte (Ceará).

Bastam estas referencias, creio eu, para recommendar sufficientemente este prestimoso ajudante de Rondon.

(Falleceu, no posto de Coronel de Engenharia, quando, depois de exercer brilhantemente o cargo de prefeito municipal de Fortaleza, occupava o de engenheiro-chefe da E. F. S. Paulo-Rio Grande, com igual destaque. — Obs. á ed. de 1940).

## CAPITULO XXI

# EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DO RIO ANANÁZ OU RIO TENENTE MARQUES DE SOUZA

Não poderia descer a minudencias, no tratar da materia subordinada á epigraphie do presente capitulo, por me faltarem os documentos necessarios; abordarei, todavia, nestas impressões, o sufficiente para se fazer idéa dos dolorosos sacrificios que custaram á “Commissão Rondon” a exploração e o levantamento do rio em sujeito e deixarei assim perfeitamente assignalado mais este glorioso marco erigido pelo General Rondon no campo dos conhecimentos geographicos.

Duas foram as expedições organizadas para realizar esta exploração, uma chefiada pelo mallogrado Tte. Marques de Souza, que ahi perdeu a vida, em 1915, outra dirigida pelo então Tte. Ramiro Noronha (V. nota 95) em 1926.

Ha dois topicos das conferencias que proferiu em 1915 o General Rondon, sobre a expedição Marques de Souza (V. nota 97).

No primeiro, escreve o general, logo em seguida ao preambulo transcripto em a nota 97:

“... Haviamos deixado no chapadão dos Parecís as cabeceiras do Ananáz, a que já nos referimos quando dissemos que o Sr. Roosevelt, por participar das duvidas relativas ao curso do rio que acabou recebendo o seu nome, o escolhera para explorar, no caso de se verificar a hypothese de ser este um simples tributario do Gy-Paraná, e o reconhecimento a que procediamos desvanecera todas as opiniões contrarias á de ser o antigo Duvida a parte superior do maior de todos os contribuintes da margem direita do Madeira. Disto resultou



continuar o Ananáz envolvido no seu manto de mysterio, dando lugar a novas supposições a respeito do systema potamographico a que pertenceriam as suas aguas. Parecia-nos muito provavel que ellas fossem para o galho oriental do Aripuanã, mas tambem não se podia em absoluto rejeitar a supposição de que corressem para o Tapajóz ou entrassem directamente no Amazonas pela fóz já conhecida sob o nome de Canumã.

“Para resolverem-se definitivamente todas estas difficuldades organizou-se, no presente anno, nova expedição que, descendo o Ananáz, reconheceu ser elle um dos dois formadores de outro rio cuja identidade os expedicionarios só puderam descobrir quando lhe attingiram a fóz, porque ahi encontraram o marco de 1914, com a indicação por nós deixada: “Rio Capitão Cardoso”. Infelizmente, porem, o intrepido chefe dessa expedição, o Tte. Marques de Souza, e um de seus canoeiros, dias antes haviam perdido a vida num assalto que soffreram dos indios habitantes daquelles sertões”.

No segundo topico disse o General:

“Nos campos do “Commemoração de Floriano”, além das cabeceiras do Gy-Paraná, encontramos as nascentes de mais dois rios tambem pertencentes á bacia do Madeira: uma é a do “Roosevelt” e a outra a do “Ananáz”, nome que apenas começava a figurar na geographia do Brasil, quando teve de ser apagado, já sabemos porque dolorosa desgraça para dar lugar á perpetração da memoria do inditoso tenente Marques de Souza.

“Descrevemos minuciosamente o primeiro, nas conferencias relativas aos trabalhos da expedição scientifica Roosevelt-Rondon.

“Quanto ao segundo, ainda que o não tenhamos considerado com os mesmos “detalhes”, julgamos que as allusões a elle feitas, em varios lugares daquellas conferencias, e mais especialmente no que se relaciona com o descobrimento do

rio Capitão Cardoso, bastem para fazer conhecidos os característicos essenciaes de seu curso.

“Teríamos ainda que mencionar os episodios capitaes da afanosa e esforçadissima viagem de exploração, que vinha sendo dirigida e executada pelo Tenente Marques de Souza, com aquella grande competencia technica e rara elevação moral que todos nós, os que tivemos a ventura de ser seus amigos e companheiros de trabalhos, estavamos acostumados a admirar, em todos os actos de sua vida profissional e privada. Como, porem, tivemos a boa fortuna de encontrar em distinctos amigos, pertencentes á redacção do “Journal do Commercio”, plena correspondencia ao desejo que nutrimos de prestar á memoria do nosso saudoso camarada uma das muitas homenagens de que nos reconhecemos ser seus devedores, pudemos offerecer á apreciação do publico, nas columnas daquelle conceituado orgão da imprensa diaria da nossa Capital, a narrativa minuciosa, redigida diuturnamente pelo proprio Tte. Marques, de todos os factos que formam a historia da sua mallograda expedição. Desnecessario é, pois, repetir, aqui, em pallido e incompleto resumo, os traços principaes daquelle narrativa, que estará gravada no coração de todos nós, brasileiros, com as tintas vivas dos quadros com que sabemos cultuar as imagens daquelles dos nossos compatriotas que, dignificando e honrando a natureza humana, se incorporam na cohorte eternamente gloriosa dos heróes que personificam a alma de nossa Patria”.

No meu livro “Impressões da Commissão Rondon”, prestei pallida mas effusiva homenagem á memoria de Marques de Souza (V. nota 98) e transcrevi trechos do seu diario de viagem.

No mesmo livro descrevi a expedição Marques de Souza, cujos pontos principaes passo a resumir.

Essa expedição partira no dia 1.º de Março de 1915, do Chapadão de Parecís, sob a direcção do 2.º Tte. Francisco Marques de Souza e era composta de 10 remadores que tripulavam tres canóas fabricadas no local em que o rio per-

~~mittia seu lançamento n'agua, isto é, onde o volume e a profundidade do seu curso não impediam a navegação dessas embarcações rusticas.~~

Executara a exploração e o levantamento do Ananáz, desde suas nascentes até o lugar em que foi desbaratada por inopinado ataque de selvicolas, que se presumem pertencer á tribu dos "Araras", no dia 29 de Maio do mesmo anno.

Além dos trabalhos acima indicados, a turma de exploração procedia tambem á sondagem do rio, quando viajava embarcada, colhia amostras de mineraes, effectuava observações meteorologicas tudo annotado com escrupulosa meticulosidade pelo seu chefe.

Afastando-se cada vez mais do ponto de partida, que ficava proximo da estação telegraphica de Vilhena, internou-se na zona exclusivamente habitada pelos selvicolas. Ao começo deram-se encontros com grupos de indios Nhambiquaras, com os quaes já estava a "Commissão Rondon" em relações amistosas, mas logo depois, mais no amago do sertão, deu-se infelizmente o encontro da turma com indios de outra nação ainda desconhecida.

Como o Ananáz desce do ponto mais elevado do Chapadão, onde a altitude é superior a 660 m., apresenta no seu curso numerosas cachoeiras e corredeiras que difficultam e tornam perigosa a navegação, mesmo em canôa. Devido a taes circumstancias os expedicionarios por diversas vezes tiveram de parar para fazer novas canôas, em substituição ás que foram perdendo na travessia das cachoeiras e saltos.

No dia 10 de Abril, a pequena ubá que conduzia a "mira" para as visadas do levantamento, viu-se de-repente arrastada pela correnteza e, alagando-se, foi precipitada pela cachoeira abaixo, accidente que quasi custou a vida aos seus dois tripulantes, mas deixou os expedicionarios sem os petrechos de cozinha, dois rifles, tres machados, dois terçados, etc. Avisada a canôa em que viajava o Tte. Marques, foi com grande esforço que se lhe evitou igual sorte, pois conseguiu alcançar a margem a tempo de ser detida pelos seus homens,

que se iam agarrando pelas ramarias marginaes e dominando-a assim aos poucos, na vertiginosa descida aguas abaixo.

No dia 11 de Abril perdeu-se na mesma cachoeira a ubá em que viajava o chefe da expedição; a 13 conseguiram bôas madeiras para novas ubás e construíram duas que, com as que lhe restavam, formaram uma esquadilha de 4 embarcações.

Póde-se avaliar o que significava em um tal momento a demora necessaria par fabricar canôas, quando os generos de que dispunham eram apenas o arroz e a farinha, para rações reduzidas, e os expedicionarios dependiam da caça, da pesca e da colheita de fructas silvestres para completar sua alimentação: assim a 14, para o jantar dos 10 homens, só foi possível contar com um mutum, unica coisa que alli puderam obter da floresta.

A 17 ficou terminada a ultima ubá e proseguio a exploração.

A 20, não permittindo a natureza do terreno marginal a abertura de *varadouros*, quer por uma quer por outra margem, tiveram os expedicionarios de tentar a passagem das canôas por dentro das cachoeiras, onde perderam tres deilas, apesar dos esforços sobrehumanos que empregaram para as salvar. Reflectindo sobre as suas responsabilidades, escreveu então Marques de Souza no seu diario: "A minha situação é muito melindrosa e torna-se necessario agir com calma e nada fazer com precipitação, sob pena de um serio desastre!"

A 21 de Abril a turma exploradora possuia para seu alimento unicamente farinha; avalie-se o desespero dessa gente, já então toda ella atacada de impaludismo e mal alimentada, soffrendo as consequencias intestinaes do abuso obrigatorio da castanha do Pará como alimento, ao reconhecer infructiferos os esforços empregados para obter canôas, quando depois de abater seis grossos cajueiros, verificou que todos elles eram imprestaveis para a construcção dessas embarcações, por estarem ôcos na sua maior extensão.

Na manhã de 22 afinal, foi derrubado um cajueiro de "16½ palmos de roda" que foi transformado em ubá de 35

palmas de comprimento por 4 de bôca. Com esta canôa e outra pequena, continuou a expedição sua difficil tarefa.

A 6 de Maio, graças a verdadeiros prodigios de coragem e calma, conseguiram atravessar as duas canôas pelas tres quédas de perigosa cachoeira.

Nenhum dia se passava sem que tivessem de vencer corredeiras e sêcos, cachoeiras e tombos, alguns com altura de 8 metros.

A 14 de Maio a alimentação de todo o pessoal constou exclusivamente de castanhas e alguma farinha de mandioca.

A 17 o rio penetrou em difficil e estreita passagem cavada na serra, entre margens escarpadas de 10m,35 de altura. Afiguraram-se tão grandes as difficuldades de vencer este obstaculo, que o Tte. Marques escreveu a proposito estas notas: "Só mesmo com o auxilio de Deus é que poderemos salvar as nossas ubás!"

A 18, tendo-se alagado e emborcado as duas canôas em posição muito difficil, no meio das pedras da cachoeira e sujeitas a forte correnteza, o chefe da expedição resolvêra abandonal-as e iniciar a fabricação de outras; mas tendo em vão procurado arvore que servisse para este fim, voltou elle a tentar o salvamento de ambas e escreveu depois o seguinte topico no diario:

"Julgavamos perdida até a ubázinha, mas eu enthusiasmei o pessoal e eis que a salvámos. Agora só nos falta o alimento, pois que não temos obtido caça e as castanhas se acabaram hoje ao jantar. Só peço a Deus para que me auxilie, afim de que possamos sahir amanhã para arranjar-mos, pelo caminho, alguma coisa para comer, pois aqui nada conseguimos".

A 24 e a 25 de Maio annotou o Tte. Marques: "Tenho passado fome; enfim a vida é esta e tenho de me conformar. — O nosso almoço e jantar constou de uma chicara de farinha!..."

Na ante-vespera do ataque á turma, redigiu Marques de Souza as notas que transcrevo:

“A 27 — 43.º acampamento — Estamos acampados abaixo do ultimo salto da cachoeira; o do centro tem 2 m. de altura e os dois outros 1m,5 cada um. A passagem dos dois ultimos é muito perigosa, mas tenho fé em Deus que nada nos ha de acontecer. O lugar é como atrás, todo montanhoso, mas logo abaixo do nosso acampamento é plano, a mata melhor, não se percebendo morros para a frente. Felizmente hoje almoçámos peixe e o pessoal jantou macaco. Eu só comi um pouquinho de arroz (de uma lata que reservei para os doentes) com castanha, pois me senti mal hoje.

“A 28 — Hoje pela manhã fomos passar as ubás: a grande, logo ao entrar num paraná do primeiro tombo, tomou tal impulso, devido á correnteza d'agua, que o pessoal foi obrigado a largar o cabo, e foi parar entre o segundo e o terceiro tombo, num remanso. Arrebentou toda a proa e o banco do centro abriu-se, assim como o fundo, fazendo agua. A pequena que já se achava no remanso do segundo tombo, tambem arrebatou o cabo das mãos do pessoal e só foi vista uma vez. Perdemos assim a *fujona*, veterana do Ananáz. Isto se deu ás 10 horas e ás duas da tarde já tinhamos um bello cajueiro derrubado, para fazer outra. Agora estamos sem cabo para as canôas. Enfim Deus é grande e não nos desampara. São mais 4 dias perdidos!”

O conhecido literato Dr. Escragnolle Doria, em longo artigo delicado á memoria de Marques de Souza, publicado no “Jornal do Commercio” do Rio de Janeiro, de 13 de Novembro de 1915; contou e commentou episodios dessa expedição, com tanta sympathia e tanta exactidão, que me sinto na obrigação de transcrever alguns:

“... Marques de Souza ainda não se achava completamente restabelecido do impaludismo. De certo seria preferivel passear na Avenida ou nos “boulevards” parisienses.

“Sahira do Rio de Janeiro, a despeito dos rogos da familia, da mãe, dos sete irmãos, dos quaes muitos menores, e seguira Brasil acima, no cumprimento do dever.

“Depois de mil difficuldades, poude respirar um pouco: dos fundões fluviaes, a serviço, teve ordem de regressar a Manaus.

“Consigna o facto no seu “Diario” com extraordinaria alegria e nelle regista o tempo feliz passado na Capital amazonica. Escreve depois, em 30 de Outubro de 1914: “Infelizmente, parto... e deixo nestas duas palavras toda a saudade que de mim se apodera. Como parto triste...”

“A 31 de Outubro escreve apenas, nota unica do dia: “Que saudades...”

“O mês de Novembro escoou-se em trabalhos penosos, desses que não curtem só a pelle, mas tambem o animo. Dezembro passou-se a explorar e a ver partir companheiros doentes, tão doentes. Ainda era consolo ficar, para ter certeza de estar resistindo ás lentas e invisiveis aggressões do clima assassino.

“A 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1915 o Tte. Marques pergunta no Diario: “Novo anno. Que estará reservado para mim?”

“A resposta... Mas, não antecipemos.

“A 3 de Janeiro inicia a viagem (rios acima) para a expolração do Ananáz e recebe a 6, no “Paraná dos Cachorros” a nova da morte de um dos mais dedicados companheiros, o Tenente Carneiro, no Madeira, a bordo do “Rio Curuçá”, proximo a Manaus. Apesarado seguio.

“A viagem foi proseguindo, minuciosamente registada. A 31 de Janeiro passou com a expedição sob suas ordens, pela cabeceira “Dr. Steaglmeier”, onde se acha sepultado o sabio naturalista ahi fallecido em Fevereiro de 1913. “Era um velhinho que se assemelhava a D. Pedro II, muito bom. Vinha já ha' algum tempo acompanhando a Commissão Rondon á cata de borboletas e outros bichinhos”.

Especie de Guilherme Tembel da “Innocencia”, um desses adoraveis e originalissimos typos de naturalistas bem conhecidos nos sertões, o Dr. Steaglmeier, andava á caça de insectos, criança grande, parecida com D. Pedro II, animada

pela curiosidade da sciencia. Que as borboletas sejam leves sobre a sua cova.

“A 3 de Fevereiro o impaludismo se manifestou veemente em Marques de Souza. Diz a nota do caderninho: “Passei o dia inteiro com febre e dizem que delirei, mas felizmente agora, á noite, me acho melhor”.

“Escreve a 12: As 5h 10m sigo e acampo no corrego “Borá”. Estou ancioso por chegar ao Ananáz. Já fiz um percurso de 22 leguas”.

A 15 de Fevereiro, na margem esquerda do Ananáz, o Tte. Marques de Souza se encontrou com o Coronel Rondon. Visitaram ambos 14 roças de indios abandonadas e o Coronel mostrou ao auxiliar arvores ainda derrubadas com machados de pedra.

“O Cel. Rondon e o Tte. Marques almoçaram loutamente: feijão, arroz, farinha e chá.

“Conversámos muito, á noite, diz o Diario” e eu guardarei sempre a lembrança desta visita, deste ultimo contacto com um civilizado.

“O sertanista militar experimentou depois as agruras dos rios trancados de arvores, atravessando-o de margem á margem, e cheios de voltas caprichosas que tornavam difficeis as manobras das ubás, as mordidelas das abelhas, dos mosquitos de má casta, das terriveis mutucas, das teimosas beruanhas.

“Adeante adeante. Eis, porem, pela frente uma cachoeira difficilima de transpôr. Os borrachudos, as abelhas, as formigas atacam a expedição, confederadas para a mordedura e para o supplicio da pelle”. O pessoal anda com os pés enrolados em trapos e a cabeça coberta por um panno do qual só sahem os olhos”. Numa certa cachoeira a expedição perdeu as suas ubás, arrebatadas pela corrente, com grave risco de vida dos tripulantes.

“Que luta para encontrar arvore de porte a ser com ella construida nova embarcação!”

“Escasseiam os generos e quasi as coragens.

“A expedição mettia dó!



“Não havia caça. Tres caçadores conseguiram apenas abater um jacuzinho e um uruzinho. Comia-se farinha e bebia-se café.

“De salto em salto, lá ia o grupo sertanista, verdadeiros filhos de Eva, gemendo e chorando naquelle valle de horrores! Que coisa horrivel este rio, escreve o Tte. Marques de Souza. Não viajamos hoje mais de 10 minutos! Assim, quando chegaremos a Manaus?”

Depois de transcrever, como já fiz, as ultimas palavras escriptas pelo Tte. Marques conclue E. Doria:

“De então por deante só se soube delle quando em Manaus surgiam homens da expedição, relatando ter Marques de Souza perecido a golpes de flechas, desferidos por indios da tribu dos Araras, selvícolas muito hostilizados pelos seringueiros.

“A sua missa na igreja da Candelaria (o mais sumptuoso templo do Brasil e quiçá da America) foi cerimonia involvidavel. No altar estava o irmão, D. Leandro Menescal Marques de Souza, monge beneditino, commovido, tristissimo (V. nota 99).

Devia ser o celebrante do proximo casamento fraterno. Rezava-lhe por alma. Sentia-se-lhe a dôr, sob o pesadume das vestes negras.

O Tte. Marques esperava os véos de sua noiva. Ella tinha véos, em lagrimas, nos olhos.

“O monge levantou a hostia. Os dedos tremiam ao sustental-a. Quando findou o sacrificio, e literalmente o era, encaminhou-se para a sachristia, como quem não poderia, com os paramentos, despir uma grande dôr.

“Ha, dizem-me, numa das casas do Congresso, um projecto (V. nota 100) favorecendo um pouco os herdeiros do intrepido e mallogrado sertanista. Quem votar por elle, se erguerá do seu lugar pelo Brasil reconhecido a quem tanto fez pelo Brasil desconhecido”.

Para concluir a descripção da primeira expedição ao Ananáz, farei summaria referencia aos factos que se passaram de 29 de Maio de 1915 em deante, conforme as declarações dos sobreviventes e o resultado do inquerito a que procedeu a Commissão Rondon, para o completo esclarecimento das occurrencias. Havia o Tte. Marques acampado na "Ilha do Ataque", a 28 de Maio de 1915 e procedia á construcção de uma canôa, serviço que se continuava a 29. Ao amanhecer deste dia, expedira dois homens para caçar, o piauihyense João Pereira da Cruz e um outro, dois para a colheita de castanhas, dois para pescar, e deixara tres a trabalhar na fabricação da canôa nova, sob a direcção do capataz e habil carpinteiro, especialista nesse trabalho, Tertuliano Ribeiro de Carvalho, um rijo velho, de 62 annos de idade, de quem Marques, no "Diario" dizia, "valer mais que muitos moços"...

Internaram-se na matta os caçadores e os dois outros das castanhas. Os pescadores atravessaram o rio, na unica ubá restante, encostaram-na á margem, abaixo da ilha e pacientemente cuidaram do seu mister.

O silencio da matta era apenas quebrado pelo som das ferramentas de encontro ao tronco de cajueiro que ia tomando a fórma de canôa.

De-repente, uma saraivada de flechas cahe sobre o acampamento, umas visando o chefe da expedição, que se achava debaixo de seu toldo, na ilha, outras, ainda em maior numero, dirigidas contra os 4 homens que trabalhavam na canôa nova.

Triste e inolvidavel instante! É grande a confusão entre os homens, pelo inopinado da aggressão. Marques de Souza sahe do toldo empunhando uma carabina Winchester e atira para o ar, tenta depois extrahir o cartucho e a arma não funciona.

Os homens da canôa, acoçados pelas taquaras selvagens, lançaram-se n'agua e Tertuliano cahe mortalmente ferido, bem junto á margem do rio, antes de conseguir alcançá-lo.

Foi nesse momento que Marques de Souza, abrindo para os índios agressores os seus grandes e bondosos braços, exclamou:

“Amigos, não me flechem!”

levantando a arma bem alto, com a mão direita! Duas flechas partem ainda de dentro da matta e attingem-no, uma em pleno peito, outra fere-o na região abdominal. Vendo-se ensanguentado e comprehendendo a inutilidade do seu apollo, atira-se n'agua, mas desaparece logo aos primeiros esforços para nadar e morre afogado.

Os tres auxiliares de Tertuliano conseguem nadar em direcção á canôa dos pescadores e alcança-a apesar de um delles ter recebido quatro ferimentos de flecha.

Desnorteados, aterrorizados, sem os seus dois chefes hierarchicos, estes sete sobreviventes lançam a pequena ubá aguas abaixo, no desespero de salvar a vida e sob tal impulso do instincto de conservação, que dois delles nem se aperceberam da absoluta ausencia das roupas do corpo e nem se lembraram todos elles dos dois companheiros destacados para caçar.

Por felicidade, um destes caçadores, que no momento se encontrava proximo á margem do rio, ouviu o frenetico rumor dos remos n'agua, em “voga picada”, segundo a expressão da maruja, e acercando-se da barranca, poude chamar os fugitivos á fala e incorporar-se no grupo.

João Cruz tudo ignorando de tão graves acontecimentos, ficou assim abandonado e só na floresta, até que, calculando a hora pela altura do sol no horizonte, se dirigiu tranquillamente para o acampamento, conduzindo o producto dos seus esforços cynegeticos em prol da ingrata communitade...

Qual não foi a sua surpresa quando, ao aproximar-se, ouviu a vozearia caracteristica dos selvicolas!

Esgueirou-se, pois, e cautelosamente alcançou um esconderijo que erigiu em observatorio do acampamento. Com grande risco de vida permaneceu alli durante sete longas ho-

ras de fome, de sede e de ansiedade, a apreciar todos os gestos e atitudes dos índios. Viu scenas curiosas, algumas das quaes convem recordar, pelo imprevisto:

Um dos chefes do grupo tomou nas mãos e observou attentamente osapparehos de photographia e os de engenharia que serviam ao levantamento (a bussola e o telemetro), e raivosamente os reduziu a cacos, atirando tudo ao fundo do rio, como quem se livra de perigosos instrumentos de tortura! Outro índio envolveu, com a capa impermeavel que servia ao Tte. Marques, o cadaver do cão de guarda dos exploradores, o qual morrera no cumprimento rigoroso de seu dever, investindo furioso contra os atacantes, e atirou n'agua o sinistro volume, com gestos de esconjuro.

Depois da destruição de tudo o que julgaram funesto, na ilha, arengaram longamente todos em um congresso "sui-generis", de cocoras, de pé, ou sentados sobre um dos pés, e atravessando depois o rio a nado, desapareceram na densa matta.

João Cruz acompanhou, com seu bom ouvido de caçador, o tropel longinquo dos passos e quando adquiriu a certeza de que andavam longe os temidos selvagens, sahi do esconderijo e foi visitar a ilha do acampamento. Trouxe então d'ahi o caderno de notas em que o Tte. Marques escrevia suas impressões de viagem, reliquia sagrada que a Commissão Rondon entregou á Exma. Familia do sempre lembrado companheiro e de cuja copia extrahi alguns dados para esta narrativa.

Apoderando-se do "Diario", João Cruz poz-se corajosamente a caminho, acompanhando o rio, alimentando-se como pode, de fructos do matto, mel de abelhas, e alguma caça que conseguia, e a pé andou através da matta durante 46 dias seguidos, ao fim dos quaes encontrou a primeira *barraca* de seringueiros do rio "Roosevelt". O dono da *barraca* levou-o então na sua ubá rio abaixo e elle pode assim reunir-se ainda aos companheiros fugitivos, com os

quaes se apresentou em Manáus cerca de dois meses após o tragico acontecimento.

Contou então o pobre sertanejo a sua verdadeira odysseá e referiu mais o encontro do cadaver do Tte. Marques, no dia 13 de Junho, já em completa decomposição, enalhado em uma praia arenosa. João, piedosamente, abriu na areia uma cova rasa, com auxilio de um caco de panella indigena e de um tição, encontrados junto ao corpo, e enterrou o seu mal succedido chefe.

A noticia da morte de Marques de Souza espalhou-se dolorosamente. Rondon communicou-a, por telegramma, ao Tte. Noronha, por elle encarregado de organizar uma turma de soccorro á expedição Marques, em vista da demora verificada na sahida desta no Madeira; e o Tte. Noronha, lamentando profundamente o desastre do estimado camarada, cieo a esse telegramma resposta á altura de sua alma viril e de seu nobre coração, reaffirmado o enthusiasmo com que accetára a commissão primitiva, sem temores de iguaes e provaveis consequencias, já então alliando aos fins geographicos o objectivo de descobrir os restos mortaes de Marques de Souza e os conduzir ao Rio. Desse despacho reproduzo mais ou menos as palavras terminaes... "deante de tão lamentavel occorrença, mais se me estimula o animo, para não só syndicar de tudo, no proprio logar em que se desenrolou o ataque á turma, como tambem para completar o serviço de levantamento do rio".

Dilatados assim os objectivos da primitiva turma de soccorro, foi esta então dotada dos elementos indispensaveis aos seus novos fins e reforçada com pessoal mais numeroso: um inspector, Dr. Arnaldo Meneghezzi, estudioso de Sciencias Naturaes e habil na applicação de medicamentos, o inspector João de Deus e Silva, veterano das lides do sertão, e 13 homens de trabalho.

Transmittido telegraphicamente, em seus topicos principaes, recebeu tambem o Tte. Noronha copia do "Diario"

de Marques de Souza e em Dezembro de 1915 descia a segunda turma exploradora o tristemente famoso Ananáz.

Durante quatro mēses, ninguem soube do que estaria acontecendo a essa nova turma, até que, em fins de Abril de 1926, surgiu em Manaus o Tte. Noronha acompanhado do inspector João de Deus e do infatigavel e antigo diarista da Comissão Luis Correia (V. nota, 101).

Desoladoras foram as primeiras noticias, divulgadas através do seguinte telegramma procedente de Manaus e recebido em fins de Abril de 1926 pelo Escriptorio Central, no Rio de Janeiro:

“... Comunico-vos minha chegada aqui, acompanhado João de Deus e Luis Corrêa, unicos me acompanharam expedição baixou rio Marques de Souza-Capitão Cardoso. Não encontrámos ossos Tenente Marques nem Tertuliano, tendo entretanto feito pesquisas minuciosas, porquanto no ponto ilha ataque estivemos dez dias parados, demora que motivou morte seis homens doentes, inclusive inspector Meneghezzi, que foi sepultado na Ilha, e um victima desastre. Seis homens ficaram extraviados sertão. Indios atacaram expedição Marques de Souza, não appareceram, mas verifiquei usam rēdes e não conhecem nossa ferramenta. Levantamento amarrado marco “Expedição Roosevelt-Rondon” — Saudações — Tenente Noronha”.

O official estreou-se brilhantemente nessa prova de resistencia maxima, emparelhando a sua energia moral com a energia physica, sobejamente demonstrada pelo facto de encontrar junto a si, ao termo de tão penosa e accidentada travessia, unicamente os dois veteranos já referidos e que ainda uma vez se revelaram experimentados *sertanistas*.

Apesar de todos os rigores da Natureza e de tantas difficuldades a vencer, completou o Tte. Noronha o levantamento dos rios “Marques de Souza” e “Capitão Cardoso”, este formado pela confluencia daquelle com o ribeirão “Eugenia” (nome escolhido pelo Gal. Rondon, em homenagem

á digna noiva do Tte. Marques), amarrando-o ao marco da respectiva fóz no "Roosevelt".

A polygonal do levantamento attingiu a extensão de 355 kilometros, mas os expedicionarios desceram ainda distancia maior através de zona só habitada pelos selvicolas, até encontrarem a primeira *barraca* de seringueiros do rio Roosevelt.

A expedição Noronha partira embarcada em seis canôas que ás multiplas e difficeis cachoeiras foram devorando, de modo que, ao acampar a turma na "Iha do Ataque", já estava desprovida de generos, reduzida a uma unica arma Winchester, com pouca munição, e uma lata de phosphoros, que *sobrenadara por occasião do ultimo naufragio*.

Em taes condições, combinaram-se economias para o rendimento pratico dos poucos tiros de que se dispunha para caçar e era com desespero que se verificavam as deficiencias dos recursos em castanhas, fructas silvestres e mel de abelha, principalmente porque a maior parte do pessoal apresentava symptomas alarmantes de enfraquecimento e desanimo invencivel!

Não havia mais como dominar a insensibilidade fatalista com que ouviam igualmente as reprimendas, os rogos e as exhortações que o chefe lhes dirigia.

Durante 12 dias, a turma inteira teve de descer a pé, pela margem do Ananá, á falta de embarcações e de arvores apropriadas ao preparo de novas canôas que substituíssem as ultimas naufragadas. Encontradas, porem, arvores em boas condições, dividiu o Tte. Noronha a turma em tres grupos, attribuindo a cada um destes o encargo da construcção de uma canôa. Já ali haviam perecido de inanição, combinada com o impaludismo e com o desastre, os sete homens que a turma perdeu no sertão, o que reduzia a tres homens cada um dos grupos citados.

Os 6 homens de dois desses grupos, sentindo-se exaustos e insistindo na impossibilidade de trabalhar no fabrico das respectivas canôas, pediram então ao chefe da expedição

que os dispensasse de tal esforço e lhes permittisse continuarem a pé pela margem, acompanhando a canôa do Tte. Noronha, unica cujo preparo fôra atacado e proseguiu.

Usou o Tte. Noronha de todos os meios e argumentos para os demover dessa attitude e tudo foi em vão; imaginando que, talvez, o repouso de alguns dias restabelecesse as energias dos seis desanimados, Noronha accedeu por fim aos seus rogos insistentes, estabelecendo no emtanto precauções para evitar que desgarrassem e perdessem o contacto com a chefia.

Durante dois dias e meio, tudo correu bem, e os seis homens, attendendo sempre aos signaes da busina, acamparam com a turma da canôa construida e que mal servia para a conducção do Tte. Noronha e seus dois estoicos companheiros.

Ao 3.<sup>o</sup> dia desapareceram os seis pedestres e, embora não tenham os cinco que depois surgiram em Manaus, esclarecido os motivos porque se desligaram da turma, é de suppôr que se tivessem afastado propositadamente, pois que o Tte. Noronha se deu ao trabalho de remontar o rio em sua procura, a businar em vão, e ainda se demorou no pouso á espera dos seis homens, sem que elles dessem signal de si. Dezeseis dias viajou a canôa rio abaixo, retardada pela passagem das cachoeiras, até que, em umas destas se despedaçou.

Mais 13 dias seguiram a pé os tres expedicionarios restantes, até que encontraram um seringueiro que andava á caça de macacos para sua alimentação, e que conduziu os expedicionarios á sua morada.

O Tte. Noronha, preocupado com os seis extraviados, conseguiu ainda do seringueiro o emprestimo da canôa para subir o rio até a cachoeira mais proxima, no intuito de os reunir á turma, mas ainda foi infructifera esta tentativa; recommendou, pois, o melhor acolhimento aos seus subordinados, se apparecessem, e de *barraca em barraca*, em canôas dos seringueiros desceu até o Madeira, onde tomou passagem em uma lancha que o levou a Manáus.



Dos seis extraviados, só cinco, em fins de Julho, tres mêses depois, é que conseguiram surgir em Manáus, referindo então a morte de um dos companheiros, victima de impaldismo e cansaço.

Eis, em traços rapidos, o que foi a exploração do antigo rio Ananáz ou rio "Tenente Marques de Souza" e do rio "Capitão Cardoso".

## NOTAS

NOTA 95 — Já fiz referencia a este official, actualmente no posto de capitão, um dos mais modernos esteios da Commissão Rondon, mas de madeira de lei ou cimento armado...

Este distincto official, que tambem é um exímio e competente desenhista, desempenhou as mais variadas funções technicas e nellas se revelou sempre consciencioso profissional, que sabia conciliar a perfeição á rapidez do trabalho executado.

Collaborou a principio na secção de desenho da Commissão Rondon, de onde sahiu para o sertão com o encargo de auxiliar o serviço de determinação de coordenadas geographicas, trabalhos que deixou para participar dos de exploração e levantamento do rio do "Sangue".

Executou explorações e levantamentos em vastas zonas circumvizinhas das cabeceiras dos rios Paraguay e Cuyabá.

Effectuou o levantamento na zona dos rios Paranatinga e Arincs de modo a ligar cuidadosamente os seus trabalhos com os dos levantamentos desses dois rios executados pelos Tenentes Pyrineus e J. Horta Barbosa.

Explorou e levantou pela primeira vez o rio Culuene, principal formador do Xingú, apenas assignalando na sua fóz pelas expedições de von den Steinen, de volta de cujos trabalhos fundou o nucleo Bacahirí denominado "Posto Simões Lopes", nas cabeceiras do Paranatinga (V. nota 96).

Executou o levantamento e o nivelamento, a tacheometro, entre Goyaz e Cuyabá e entre Cuyabá e Caceres e o nivelamento barometrico entre esta cidade e Porto-Eperança.

Pertence-lhe o *record* dos levantamentos a bussola de tripé e cadeia metrica de 20 m. pois chegou a produzir 39 kilometros de levantamento por dia, operando com aquelles instrumentos.

Character adamantino e incansavel lutador, a sua dedicação pelos trabalhos de que fôra incumbido, levou-o ao extremo de entrar do seu bolso com avultadas quantias, para occorrer ao pagamento das despesas de pessoal e material de suas expedições ao sertão. Para

mais de 8:000\$000 chegou a dever-lhe a "Commissão Rondon" e eu me recordarei sempre das immensas difficuldades burocraticas que tive de vencer, afim de lhe restituir o emprestimo meticulosamente documentado e tão generosa e espontaneamente offerecido, com prejuizo dos juros compostos que antes lhe rendia a sua caderneta particular.

Bastam gestos como este para tornar inconfundivel uma personalidade e recommendal-a á gratidão patria, dispensando-me de outras referencias elogiosas. (Tte. Cel. de Artilharia, está na lista de merecimento para a promoção ao posto de Coronel — Obs. á ed. de 1940).

NOTA 96 — Quando o General Rondon inspeccionou esse posto, em Outubro de 1932, assim se exprimiu em telegramma que expediu da estação de S. Lourenço:

"Os serviços que o Cap. Noronha prestou na fundação posto Bacahirís são inestimáveis: fundou em pouco tempo verdadeira povoação, estabelecendo olaria, abrindo roças e installando fazenda. Estou satisfeitissimo por tudo quanto elle fez e deixou lá pelo Xingú. Reputo de maior valor as boas relações que elle estabeleceu com os indios do Curisevu, e do Culuene, os quaes hoje frequentam o posto Bacahirís. Lá fundou elle escola, já me permittiu ouvir das bôcas dos jovens Bacahirís, o canto do Hymno Nacional".

NOTA 97 — Ao primeiro, precedem os seguintes commentarios que julguei interessante transplantar para esta nota:

"A possibilidade que as expedições de descobrimento de terras incultas nos dá de perpetuarmos, nos novos accidentes geographicos, a memoria de esforçados servidores da nação, verdadeiros heróes, não de uma façanha brilhante executada num instante de exaltação, na presença de milhares de espectadores, mas sim de uma serie ininterrupta de sacrificios e de privações inauditas e obscuras, não chega a ser consolo para quem a encontra e realiza. Perpetuar assim um nome é uma simples mitigação da dôr que nos ficou, de sabermos que está perdido para a Patria um dos seus filhos que a soube honrar e servir e para a nossa amizade o objecto de uma afeição.

"E é doloroso sentir que essa afeição se veja frustrada na esperanza de accrescentar novos dons já recebidos, e se tenha de resignar á fatalidade de só se alimentar da rememoração do passado e das emoções da saudade.

"Quantas vezes desejaríamos que o destino nos poupasse esse doloroso dever de pedirmos a um canto do solo grandioso da nossa Patria, que recolha e conserve a memoria dos nossos companheiros de lutas, para a transmittir ás gerações futuras, nas quaes depositamos a fé serena e inabalavel de que saberão retribuir com muito amor a devoção daquelles que, antecipadamente, tanto a amaram e serviram.

"Deante do rio "Capitão Cardoso", naquella tarde de 6 de Abril de 1914, estavamos bem longe de imaginar que, passado pouco mais de um anno, um dos seus affluentes, cuja existencia então nem suspeitavamos, nos daria occasião de renovarmos estas melancolicas reflexões".

NOTA 98 — Referindo-me a elle, no capitulo "Uma pagina de Saudade" escrevi o seguinte:

Tragica foi tambem a morte deste bondoso camarada, cuja pureza de alma transparece do diario de viagem que redigiu até a vespera do seu desaparecimento. Habil operador nos trabalhos de campo, eximio desenhista que vinha collaborando na nossa cartographia, enquanto se curava do impaludismo e da leishmaniose contrahidos no sertão, a sua sympathica figura gravou-se indelevelmente no coração de todos nós que privámos com elle. Dotado dos mais nobres sentimentos, victimou-o a sua propria grandeza de coração, o seu excessivo espirito humanitario, temperado de profunda fé catholica.

Num gesto admiravel, que lembra muito bem o desprendimento da vida e o superior desprezo de Jesus pela dôr ou pela morte que lhe pudessem dar seus algozes, abrindo os braços em cruz, clama em vão: "Amigos! Não me flechem!...

A sua figura, porem, e os seus gestos de paz não logram commover os aborigenes que não queriam certamente perder a oportunidade de vingar as perseguições com que os victimavam os seringueiros sem escrupulo! Marques de Souza recebe então duas profundas flechadas em pleno peito outra á altura do abdomem; coberto de sangue, atira-se n'agua, como ultimo recurso, mas já não tem forças para nadar e é arrastado pela correnteza do rio, perecendo afogado.

Servia na Comissão Rondon desde 1909, quando ainda aspirante a official, e falleceu no posto de 2.º Tenente, aos 31 annos de idade.

NOTA 99 — Recebendo eu do General Rondon, por telegramma, a incumbencia dolorosa de dar conhecimento á distincta familia Marques de Souza, do tristissimo epilogo da Expedição Ananáz, achei razoavel fazel-o por intermedio desse sacerdote catholico, onde me parecia encontrar mais facilmente a grandeza do sentimento, de envolta com a compunção das almas de elite, que sabem resignar-se piedosamente á vontade de Deus, quando soffrem golpes tão crueis do destino!

Guardo até hoje a impressão dessa inolvidavel entrevista.

Fui gradativamente preparando o seu espirito para receber a terrivel noticia, e quando me pareceu que poderia, sem risco de um choque violento, communicar-lhe a verdade, disse-lh'a, amenizada quanto me era dado, sob a emoção que me dominava e que não deixei transparecer, apesar de sentir quanto me batia, desordenado e afflicto, o proprio coração.

Nos olhos do monge brilharam duas grossas lagrimas e, silencioso, como sempre se manteve, naquelles minutos que pareceram seculos, durante os quaes sem proferir uma palavra, ouvira minha exposição, levantou-se bruscamente, apertou-me a mão e sahiu.

A familia Marques de Souza, é uma dessas familias em que a nobreza de sentimentos e a pratica do bem e da virtude estão na massa do sangue. Estava toda ella afflicta por noticias, especialmente a extremosa e encanecida genitora, alanceada já por sua triste viuvez. Quiz a fatalidade que o piedoso monge entrasse em casa justamente á hora em que todos se achavam sentados á mesa e, comquanto buscassem elle evitar que lessem nos seus olhos a grande magua que lhe ia n'alma, trahiou-se ao contemplar o expressivo e afflicto olhar materno... Num relance a desolada mãe tudo adivinhara e exclamando:

“Meu filho morreu!” cahia ao solo sem sentidos...

NOTA 100 — Vanglorio-me de ter trabalhado com afincio junto ás duas casas do Congresso, pelo andamento do projecto, depois tornado Lei, interpretando assim fielmente o pensamento do meu inesquecível chefe, o General Rondon.

Pensões especiaes, que melhoraram, modestamente embora, as condições dos herdeiros, foram assim obtidas tambem para as familias dos nossos inditosos companheiros 1.º Tte. João Salustiano Lyra e 2.º Tenente Eduardo de Abreu Botelho.

NOTA 101 João de Deus e Luis Corrêa são dois typos de grande resistencia physica e reconhecida energia, que acompanham ha muitos annos os trabalhos da “Commissão Rondon” e que constantemente têm sido escolhidos, como elementos de confiança, de primeira ordem, para servir junto ao General Rondon e para tomar parte nas mais arriscadas e penosas travessias.

O 1.º serviu na minha turma, durante a travessia da Expedição Roosevelt-Rondon e desempenhou-se admiravelmente das commissões que lhe foram confiadas, sem prejuizo das quaes attendia á esposa de que se fez acompanhar e ao filho recém-nascido que carregava nos seus braços durante as marchas diarias, a cavallo.

O 2.º tem tradições honrosas nos fastos da “Commissão Rondon”. Uma vez conduziu ao hombro através da matta, em longo percurso, o corpo quasi inanimado de um índio Parecí picado por uma boipeda, cobra tão venenosa que, ao injectar raivosamente o seu virus terrivel, provocou a queda do indio ao solo e a impossibilidade de se locomover; e Luis Corrêa para encontrar o indio, teve que descobrir o rasto quasi imperceptível que elle deixara, ao internar-se na floresta, sobre um solo seco e duro.

Luis Corrêa tomou parte nas Expedições de reconhecimento de 1907, 1908 e 1909, e na "Expedição Roosevelt" foi um dos habéis canoeiros seleccionados para a turma chefiada pelo General Rondon. Durante as marchas a pé, carregava diariamente toda a sua bagagem e mais a de dois ou tres companheiros, e não parecia fatigar-se nunca, apesar da monumental carga que punha sobre a cabeça. Lá pelo meio da "Expedição de 1909", que durou oito mêses, recebeu ordem terminante do Gal. Rondon de não conduzir mais que a carga habitual de dois homens...

Para finalizar lembrarei o caso curioso de que foi ainda protagonista e que o sagrou andarilho sem rival ou rival dos celebres nor-tistas que caminham dias seguidos 15 a 20 leguas por dia! Havia necessidade de expedir, do acampamento da construção para Cuyabá, mais de trezentos kilometros afastada, certo officio de caracter urgente, e foi escolhido Luis Corrêa como homem capaz de cumprir á risca o itinerario traçado e estar de volta em data prefixada.

Deu-se-lhe o melhor animal de montada que existia no acampamento, já experimentado em marchas forçadas, e Luis Corrêa partiu, com a garupa carregada e a rêde sobre o lombilho. No dia seguinte recebia a estação provisoria do acampamento communicação telegraphica da passagem do homem por alli, a 90 kilometros de distancia, e da entrega do animal, feita por Luis Corrêa com a original justificativa de que o "burro estava lhe atrapalhando" a marcha! Havia o andarilho percorrido na primeira marcha 15 leguas, apenas, porque o animal o retardara!...

Foi e voltou a pé, conduzindo sua carga ás costas, dentro do prazo marcado para viagem rapida a cavallo, não obstante imprevista demora de 72 horas em Cuyabá.

Além de taes qualidades de resistencia physica, que o tornaram precioso elemento da "Comissão Rondon", Luis Corrêa é humilde, bondoso e disciplinado, corajoso, calmo e modesto, o que mais augmenta a sympathia que lhe dedicam unanimemente o General Rondon, os officiaes e os civis da Commissão.

## O D E

Ao inolvidavel Dr. Caio Spinola prematuramente arrebatado pelo vórtice das aguas nutantes do rio "Jamary", em cuja margem lhe foi dada sepultura e em sua memoria foi mudado o nome do rio "São Miguel", affluente do "Rio Verde", para o de "Caio Spinola".

A surdina de accents estonteantes

Das tredas nymphas — presa dos seus olhos —

Ao verde Jamary, atôas entre escolhos,

Luctador, a immergir pelas aguas nutantes!

No vórtice das aguas tumultuosas

Que te disputam inquiétas e ciosas,

Em uma ancia voraz, teus beijos violentando!...

— Sempre e sempre a te enlear o voluptuoso bando

Nas serpentinas dos braços sensuaes!

— Vão asphixiar-te para nunca mais,

Na evolução ultriz e férvida que estronda

E onde revolutea essa irrequieta ronda!

Dos elos vêm tirar-te mãos piedosas

A te ungir, emprestando a alma das rosas...

Dando-te ó apostolo! o ultimo e eterno repouso,

A teu corpo, onde um traço ardente e luminoso,

Marcou a tua existencia tão querida!

— E eis como ruio precipitadamente

Na vertigem subtil de uma estrella cadente

O indumento espartano ó heróel de tua vida!

Como a saudade tece horas inteiras  
 Sobre essa tumba o véu das trepadeiras  
 E accende o pyrilampo o facho que fluctúa  
 Quando se extingue a luz da lampada da lua!

Das cactaceas, se alteiam brancos cirios  
 Perfume a arder — o teu somno velando  
 E após, o entoar canções de mil verdes delirios  
 Vão ruindo de saudade, arvores deplorando!...

O barranco, obstinada a agua corróe  
 Tragando a argila em suas boccas hiantes,  
 — O barranco, galgando a agua de instante a instantes  
 Tenta buscar, reclama ainda o prónobo heróel!

A historia, de conduzida, como Venus,  
 Que em agua fluente transmudou Selemnus...  
 Grande doutrinador do nosso indio bravio,  
 O teu nome chamou a um caudal, fluente rio...

A cytara, á floresta hoje deposta,  
 Mil dedos verdes tangem pela encosta  
 E os teus feitos viris vão sempre a descantar  
 Ante Apollo, Althair... ou ante o livido luar.

O rio corre em seu desejo insano,  
 O teu nome levando ao grande oceano  
 E o oceano á vaga, á espuma, ao vento, á rocha e á praia  
 Onde a vaga ao entalhar, comovida desmaia!

Na harpa da Tradição vibra o teu nome  
 Que afronta o Tempo cruel que audaz consome!...  
 — Vive o teu nome a ecoar em tudo e tudo invade,  
 Movendo as ondas do ar, voando á immortalidade!

## CAPITULO XXII

### MISCELLANEA

O presente e ultimo capitulo deslizará deante dos olhos do leitor como um kaleidoscopio de scenas do sertão, episodios de acampamento, costumes dos selvicolas, etc., desalinhados como me forem occorrendo á mente e que, assim em desordem, darão talvez melhor idéa da tumultuosa vida da Commissão Rondon, pelos desertos interiores da nossa Patria.

\* \* \*

Das cinco viagens que fiz a Matto-Grosso, nenhuma foi tão fertil de episodios curiosos e imprevistos como a que realizei para me incorporar na Commissão Rondon pela primeira vez.

Eramos quatro officiaes que, ao terminar o curso de engenharia militar, partimos do Rio de Janeiro, em 1908, sete dias antes do carnaval: 1.º Tte. Luis Carlos Franco Ferreira, 2.ºs Ttes. Themistocles Paes de Souza Brasil, Julio Caetano Horta Barbosa e o autor destas linhas, tambem com o posto de 2.º Tenente. Quatro camaradas e quatro amigos, unidos pelo mesmo ideal, o mais velho com 34 annos e o mais moço com 26; os dois ultimos Tenentes-coroneis e o segundo, Major, actualmente, recordamos todos tres, com profunda saudade, a sympathica figura do primeiro, infelizmente fallecido em 1926, já no posto de Coronel, e que só nos deu motivos de querer-lhe bem e venerar-lhe a memoria.

Como passageiros de 1.ª classe iam a bordo alguns especimes sociaes que muito nos divertiram: um espirituoso contador de aneddotas de repertorio inesgotavel, que nos proporcionava duas sessões nocturnas, uma para familias e outra



só para homens — o saudoso Ariosto Braga; o mais ignorante dos bachareis em direito, aquelle mesmo que saltou em Corumbá, em Março, num dia de quasi 40° C. á sombra, de cartola e sobrecasaca, tão “chucro” que só desistiu de sentar-se de pyjama á mesa das refeições, depois das bôas risadas que produziu a ingenua pilheria de fazermos figurar no “menu” um “dessert”... *glacé à la pyjame*; um *turco* ou arabe, especie da “nouveauriche” instantaneo (?) e que ignorando o uso da escova de dentes, mas observando que os seus companheiros de camarote a primeira coisa que faziam, ao levantar-se pela manhã, era escovarem os dentes... resolveu imital-os, utilizando-se para isso de qualquer das escovas que estivesse á mão; dois gauchos authenticos, um dos quaes tem o seu nome muito ligado aos fastos da Commissão Rondon e é digno da especial menção que a seguir lhe farei.

\* \* \*

Quando o nosso paquete aportou ao Rio-Grande (naquelle tempo ia-se a Matto-Grosso forçadamente via Montevideo e Buenos-Aires), ahí embarcaram os dois gauchos: o Alfredo, que ficou sepultado lá no sertão e o Mario Toupin, que ha 20 annos, salvo pequenos interregnos, por lá se tem conservado e é inspector de linhas telegraphicas, em commissão. Iam tentar a fortuna nos seringaes de Matto-Grosso e pediam-nos toda a sorte de informações.

Quantas vezes me detenho á pensar nos caprichos do destino que, depois de facultar ao Mario Toupin o gozo e o conforto das grandes capitaes da Europa, onde foi educado e onde viveu na opulencia, o levou ás rudes provações do sertão!... E que energia mascula revelou elle nas duras provas a que ficou submettido!

Homem de fina educação, bastante instruido, falando correctamente varias linguas, character adamantino, depois de espediçar uma grande fortuna, eil-o arrastado a trabalhos

grosseiros e penosos, sem um queixume, sem desalento, antes alegre e folgazão sempre...

É uma historia curta e cheia de grandes ensinamentos: batidos pelo vendaval da adversidade, um dia surgiram aquellas duas almas penadas no acampamento da Commissão. Vinham desarvorados, arruinados, depois de terem esgotado o capital que possuíam e de verem fracassados os seus planos um tanto infantis de enriquecer com a exploração de seringaes.

Rondon se apiedou delles e lhes deu trabalho. Foram dois optimos auxiliares da Commissão. O impaludismo ceifou em pouco tempo a viçosa mocidade do pobre Alfredo. Ficou o Mario, o mesmo homem estoico a quem o Dr. Assis Brasil (figura patriarchal tão sympathica da propaganda republicana no Brasil e que occupa posição de evidencia no scenario actual da nossa politica) encontrou em Buenos-Ayres, na "aduana", como carregador de pesados saccos de mercadorias (!), e levou para administrador de sua *estancia* de Pedras Altas...

Na Commissão deram-lhe ao começo um animal de montaria e o gaúcho desempenado e altivo, no seu elemento, sozinho, dava conta de todo o trabalho de gado do acampamento, que orçava por umas 200 cabeças. Depois... as difficuldades augmentaram, tiraram-lhe a montada, e pela madrugada, qualquer que fosse o tempo, esse gaúcho de fibra, cuja figura sympathica, loura e de olhos azues, tornava-o já singular naquelle meio selvatico, partia a pé para o campo, com a sua lata de comida á cintura, depois de separar e deixar no curral os bois de córte destinados á carneação diaria... muitos delles assim *seleccionados*... por não terem mais forças para levantar-se!... (Em varios topicos deste livro ha referencia ás pessimas pastagens do chapadão de Parecís, causa do enfraquecimento do gado).

O Mario, que a esse tempo ainda não estava marcado physicamente pelo terrivel impaludismo, mas era um typo vigoroso e guapo, só á noite se recolhia ao acampamento, com

a sua tarefa cumprida á risca, e entrava sempre sorridente, alegre e pelo menos aparentemente satisfeito.

A sua distincção de maneiras e a correcção de seu procedimento, deram-lhe entrada no circulo de officiaes, com os quaes sempre conviveu, fazendo-se estimar e apreciar sinceramente, como bem o merece, a começar pelo proprio General Rondon.

E como doloroso epilogo, depois de tantos sacrificios e de tanta dedicação pelo serviço publico, apesar de ter por elle quebrado lanças o General Rondon junto á Directoria dos Telegraphos e junto ao Ministerio da Viação, annos a fio, não conseguiu Mario Toupin a sua nomeação para o quadro effectivo da repartição!... (V. nota 101-bis).

\* \* \*

A pacificação dos indios Nhambiquaras pela Commissão Rondon, está entretecida de episodios cruentos e rasgos de energia e magnanimidade. Os processos de brandura empregados pelo General Rondon e convictamente seguidos pelos seus valorosos e dedicados auxiliares, acabavam sempre por despertar iguaes sentimentos de bondade da parte dos indios.

Nem represalias, nem vinganças, podiam ser exercidas pelo nosso pessoal contra os selvicolas.

Rondon, na expedição ao Juruena, dera o exemplo frizante de praticar o que prégava; Nicolau flechado gravemente no peito pelos Nhambiquaras, ao mesmo ataque em que foi ferido seu auxiliar o então aspirante a official Tito de Barros, prohibe energicamente a perseguição dos atacantes e não admite que contra elles se dispare um só tiro! E no mesmo local que servira á tocaia, uma robusta arvore do sertão, armam-se troféus cheios de presentes para os indios...

A ultima demão para a pacificação dos Nhambiquaras, foi dada, porém, pelo Julio Caetano Horta Barbosa — a Cesar o que é de Cesar — como vou contar, embora con-

trariando este meu amigo, que, avisado da minha intenção, pediu-me encarecidamente, por carta, que lhe não citasse o nome, por que, dizia-me textualmente: “a nossa satisfação e o nosso merito residem exactamente em termos bem interpretado as ordens de Rondon, a quem deve, pois, caber integralmente a gloria dessa pacificação; e por que não desejava mesmo apparecer...”

O facto é que, tendo sido Nicolau forçado a deixar o sertão, em consequencia do ferimento a que acabo de alludir, o Julio assumiu a direcção dos trabalhos de construcção da linha telegraphica, para lá do rio Juruena.

O *pique* aberto por elle, cruzava um caminho muito batido pelos Nhambiquaras, e nesse ponto de intersecção fizeram estes varias esperas contra o pessoal da Commissão, aproveitando-se de uma grande arvore ahi existente. Pois bem, nessa mesma arvore mandava Julio collocar sempre tudo quanto lhes poderia offerecer de util e agradavel, principalmente logo após qualquer emboscada dos indios.

A principio os Nhambiquaras não tocavam nos brindes; depois passaram a retirál-os, mas sem pressa, e por fim os presentes deixados em um certo dia já não eram mais encontrados no dia seguinte...

Uma bella manhã, o Julio, que ia á frente do seu pessoal, para o trabalho diario da “locação”, foi o primeiro tambem a apreciar o extraordinario espectaculo, unico na especie, de encontrar a celebre “arvore das ciladas”, completamente carregada de presentes, que os Nhambiquaras gentilmente nos offereciam, applicando o mesmo methodo de que usavamos para obsequial-os. Era uma verdadeira arvore de Natal, com cabaças cheias de mel, penduradas, fumo, collares de dentes de animaes, de ossos ou pedrinhas paciente e cuidadosamente polidos, furados e enfiados, de pulseiras de rabo de tatu, ornamento artistico e original usado pelas mulheres dessa tribu, flechas de todas as qualidades, brincos, enfeites “sui-generis”, tudo aquillo brilhando ao sol

com as alegres côres predominantes das pennas vermelhas e azues das nossas araras de tão encantadora plumagem...

Ao redor da arvore, os signaes evidentes de que um grande numero de indios havia dansado a valer, como aliás é costume entre todas as tribus, pois as dansas entram no programma de todas as grandes solennidades dos indios, quer para festejar um acontecimento alegre, quer para os transes dolorosos das mortes e das vespersas dos seus combates...

Que surpresa agradável e quanta alegria a delle, deante dessa nota sensacional de diplomacia nhambiquara! Com que emoção aproximou-se elle daquella arvore enfeitada, para retirar as curiosas dadivas e substituil-as pelos nossos costumados brindes!

Aquillo tudo era o symptoma seguro de que não tardariam os Nhambiquaras a se aproximarem de nós e visitar-nos.

E assim foi. Dias após esse incidente memoravel, viajava o Tte. Julio de Juruena para o acampamento da construcção da linha telegraphica, então sob sua direcção, quando ouviu, ao aproximar-se do correjo Urutáo (a 10 km. do rio Juruena), uma grande vozearia de indios que vinha da matta proxima. Julio apeou-se e entregou ao guarda-fio Agostinho, que o acompanhava, as redeas de sua montada, avançou alguns passos em direcção ao lugar de onde procediam os rumores das vozes, de modo que fosse perfeitamente visto por quem o observasse da matta, depoz no sólo, com gesto largo, a sua carabina Winchester — a inseparavel companheira do sertão — e assim desarmado caminhou mais uns 200 metros; de perto do correjo gritou, chamando-os por signaes de mimica... De todos os lados começaram então a surgir os indios, aos grupos, e logo o rodeavam. A todos foi elle recebendo com demonstrações de alegria e abraçando confiadamente....

De começo ainda um pouco receosos, mas em breve se tornaram expansivos e falavam muito... sem serem entendidos, deixando porém bastante clara a intenção de agradarem.

De-repente surgiu uma complicação diplomatica: tendo o Julio determinado ao guarda que lhe trouxesse a besta para montar, os indios ficaram apavorados deante desse animal que nunca tinham visto! (Posteriormente, era o verso da medalha, nós é que tinhamos pavor de ver os nossos muarés aproximarem-se dos Nhambiquaras, que os caçavam e comiam, de preferencia a qualquer outro animal...).

Assim ficou sellada para sempre a paz entre esse grupo da grande nação Nhambiquara e os civilizados, graças á audaciosa attitude de Julio Horta Barbosa, o mesmo a quem se referem as notas n. 10 e 10-bis.

\* \* \*

Outro episodio occorrido com Rondon e que muito concorreu para a paz com os Nhambiquaras, foi assim narrado pelo proprio General na terceira conferencia que fez em 1915, no Rio de Janeiro:

"... Para completar estas explicações parciaes, destinadas á "locação" da "variante" pela margem direita do rio Festa da Bandeira, resolvi fazer outros reconhecimentos para o Norte e para Nordeste dos Campos Indigenas. E com este objectivo, no dia 13 de Abril de 1912, não levando outros companheiros senão o meu tio materno Miguel Lucas Evangelista, velho de 76 annos, cuja robustez e fortaleza de animo faziam inveja a qualquer homem de 40, e o seu sobrinho Bellarmino, tomei por um trilho de indios que, depois de atravessar um *charrovascal*, penetrava numa dessas mattas de Lorê a que já me referi.

"No interior da matta, depois de 4 horas de marcha vagarosa, porque iam a cavallo e o trilho era feito para pedestres, já tendo antes notado muitos vestigios da passagem recente de indios, ouvimos, de-repente, os sons asperos de suas falas.

"Passei então para a vanguarda, e logo depois pude descobrir, á distancia de 50 metros, cinco Nhambiquaras, todos moços e robustos, completamente desarmados, que se

dirigiam para o nosso lado, com passos lentos, falando alto e gesticulando largamente.

“Eu não tinha, no momento, arina alguma commigo; recommendei aos meus companheiros que occultassem as suas, e toquei o meu animal na direcção dos indios. Estes, porém, começaram a recuar, não obstante um delles, talvez o chefe, continuar a dirigir-me a palavra, num longo discurso, muito animado.

“Reflecti então que as nossas cavalgadas, sendo para elles animaes desconhecidos e extranhos, deviam infundir-lhes algum receio e que, com certeza, por isso recuavam.

“Apeei-me, pois, e caminhei resolutamente para o grupo, cheio de confiança, e em poucos instantes formavamos um só grupo, muito amistoço, no qual todos falavam mas nem todos se entendiam”.

A seguir, conta o General, com todas as minudencias, a sua marcha até o aldeamento desses indios, durante a qual registou elle curiosos incidentes, como vamos ver:

“Eram 4 horas da tarde; a matta de Lorê havia terminado e novo *charravascal* surgira. Ao amanhecer, quando sahiramos do acampamento, não tinhamos intenção de alongar tanto o nosso reconhecimento; por isso estavamos sem almoço e, a essa hora, já com bastante fome. Foi, pois, bem opportuna a resolução tomada pelos nossos guias, de nos fazerem apear e offerecer-nos, além de grandes cuias daquela bebida, beijos de massa de mandioca, cultivada em suas roças, e larvas torradas, de varios insectos, provisões que todos os Nhambiquaras conduzem commigo, durante as suas excursões, em grandes cabaças, adaptadas a tal uso.

“Acceitámos essas comidas e, terminado o repasto, continuámos a viagem, agora debaixo de fortissima pancada de chuva que inopinadamente começara a cair.

.....

“Do *charravascal* passámos para outra matta, pouco extensa e pouco depois penetrámos em terreno de vegetação

baixa e escassa, de onde passámos a um campo aberto, de *alochitú*, nome do capim dos Campos Indigenas, em cujo fundo amarellado se destacava o vulto de um grande rancho conico das *Xicês* ou aldeias Nhambiquaras.

“De novo se destacou, dentre os indios da vanguarda, um que, em marcha accelerada, quasi a correr, se dirigiu para a aldeia; e mais uma vez se levantou no espirito de meu tio, povoado das falsas noções tradicionaes dos civilizados a respeito da indole e dos sentimentos dos selvicolas, a suspeita de que iam ser atraíçoados e mortos.

“Comtudo a nossa marcha proseguia, Estavamos ainda longe da aldeia, quando vimos um homem vir ao nosso encontro, carregando ás costas grande balaio, pendente de uma alça de embira que lhe envolvia a testa, como larga faixa.

“Ao chegar perto de nós, parou, e começou a desenvolver um longo discurso, que ouvimos com o maior interesse e respeitosa attenção; não seria essa por certo a primeira vez que assim fossem ouvidos discursos diplomaticos. No entanto, o encargo da resposta não coube a nenhum de nós, mas sim a um dos nossos guias, que falou tão longamente como o outro.

“Terminados os discursos, o indio se desembaraçou de sua carga, depondo o balaio no chão; do interior delle tirou uma grande cabaça, cheia de *naru-caguindê*, agua de ananaz, e uma grande cuia e mais uma vez fomos obsequiados com famosa bebida nhambiquara.

“Depois desta cerimonia, os nossos hospedes acercaram-se de nós e, tomando nas suas as nossas mãos, foram nos guiando para a aldeia.

“O indio que viera ao nosso encontro, com todo esse ceremonial, era um cacique. Nelle se viam os signaes proprios da influencia do sangue africano, que já haviam sido notados em muitos individuos dos grupos moradores dos valles do Juruena e do Juhina, e em Campos Novos da Serra do Norte: os cabellos levemente crespos, o bigode e o “cavaignac”.



“É sabido que os indígenas americanos, puros, possuem basta cabelleira negra, muito lisa e escorrída, e têm pouquíssima barba, rala e falhada. Parece-me, pois, estar demonstrada a hypothese por mim formulada em 1908 e 1909 e exposta nas conferencias publicas que realizei em 1911, no Palacio Monróe, para explicar a procedencia da forma conica dos grandes ranchos nhambiquaras, de terem tido estes indios relações com os pretos quilombolas fugidos das lavras de ouro do Guaporé e principalmente com os que fundaram um quilombo no Guaritizê, affluente da margem direita daquelle rio.

.....

“Apeámo-nos e fomos tomar lugar no meio de um grupo, dentro de um rancho, ao lado da fogueira, quando começaram, então, novas ceremonias da etiqueta e da hospedagem nhambiquara...

“Apesar das iguarias serem servidas cheias de cinza do borralho em que se assavam, as coisas iam correndo muito bem e a contento de todos. Mas, de-repente surgiram uns cigarros mais monstruosos e mais phantasticos do que todos os cigarros do mundo... Estava-me, porém reservada a surpresa de ter de aprender a minha custa que o cigarro nhambiquara tem ainda a propriedade sua, exclusiva, que o faz mais execravel do que os seus congeneres: a de ser inevitavel! Os outros esperam que a gente procure e aceite; este, impõe-se! A primeira aggressão soffri-a da parte do meu amigo Nuchelá, que era como se chamava o cacique...”

\* \* \*

Deve-se ao então Tenente Emmanuel Silvestre do Amaranthe (V. nota 102) e a sua coragem e sangue-frio, num rapido e inesperado encontro, a pacificação dos Kepi-Kiri-uáts, indios a que nenhum explorador dos sertões havia antes

alludido; na mesma conferencia de onde extrahi a transcripção acima, assim se referiu Rondon a este episodio:

“Quando abria a estrada proximo ao rio “Commemoração de Floriano”, encontrou-se o Tenente Amarante, certo dia, em face de tres indios que, meio occultos pela vegetação, o espreitavam, com os arcos retezados, prestes a desferir as respectivas flechas.

“Deante daquelle risco imminente, o distincto official não perdeu a calma; acenando e falando, procurou fazer comprehender aos selvicolas que não os desejava hostilizar e queria tratá-los com amizade.

“Então, um dos emboscados levantou-se e em tom energico dirigiu-se aos outros, que ainda teimavam em levar a termo a aggressão, oppondo-se a que o fizessem. Isto conseguido, aproximaram-se os indios com a maior segurança, fizeram os costumados discursos de apresentação e conduziram o Tte. Amarante, juntamente com o unico homem que nessa occasião o acompanhava, o civil João de Deus, á aldeia, que os recebeu com muitas manifestações de alegria, como se fossem amigos cuja visita ha muito desejassem e esperassem”.

Nem sempre, entretanto, as coisas se passavam assim... Uma das photographias do Capitulo XVII documenta a attitude aggressiva de um cacique, escorraçando e ameaçando ostensivamente ao nosso distincto camarada Capitão Vasconcellos, que teve a ousadia de penetrar em aldeia selvicola de tribu desconhecida.

Não teriam merito as acções valorosas já apontadas, se não contássemos tambem com a possivel hostilidade dos aborigenes.

E a proposito descreverei um caso até hoje inédito passado com o proprio Rondon.

Levando consigo dois ou tres auxiliares, dirigiu-se elle certa vez á aldeia de um grupo de Nhambiquaras, onde já era conhecido como *capitão-grande*... Tinham feito a viagem a cavallo, partindo de “Jurueña”, se me não engano,

e apearam-se todos no terreiro da aldeia; dirigindo-se logo Rondon, em tom autoritario, a um dos caciques presentes, para fazel-o comprehender que devia abster-se de hostilizar a sua Commissão, esse indio, ergueu a cabeça com arrogancia e marchou contra o General... Deste se acercaram logo os seus auxiliares, que receberam ordem terminante de não intervirem... mas de ficarem attentos para attenderem ao signal de retirada, logo que elle julgasse opportuno dal-o.

Foi um momento horrivel de estupefação e é facil imaginar quaes poderiam ter sido as consequencias da tremenda irritação desse chefe selvagem!..

Avançou resolutamente, até encostar o seu corpo nú de athleta nas vestes de Rondon e em rapido movimento deu-lhe uma *umbigada mestra!*... Era um formidavel desafio para a luta, uma pesadissima luva de chumbo que Rondon, com dignidade e altivez, mas com habil tangente, não quiz levantar como era natural e se tornava necessario á paz do sertão... E em tom mais energico, repelliu elle o cacique que, indeciso, ante essa attitude, deixou-se ficar no meio do terreiro, como que petrificado, enquanto Rondon montando novamente a cavallo dava a todos a ordem de retirada, prevenindo-os de que qualquer demora alli lhes seria certamente fatal.

Depois que todos estavam montados, ainda o General falou ao cacique com claro accento de quem se retira offendido, mas não amendrontado, e sahiu com os companheiros, ao trote lento dos animaes, quero crêr todavia... preparado para ordenar um bom galope, se os arcos e as flechas entrassem em funcção...

\* \* \*

Muito curiosa e digna de registo especial é a iniciativa do General Rondon com a fundação da "Colonia Rodolpho de Miranda", junto á estação de "Arikêmes", no rio Jamarý. Nesse grande aldeamento reuniu elle os destroços de varias tribus e grupos de indios na decadencia ou na miseria,

Jarus, Bôca-Negra, Kepi-kiri-uáts etc., fundando essa especie de Babel selvicola, onde tem sempre reinado a paz, a ordem e a abundancia.

Organizou-se ahí um trabalho agricola systematizado, sob a competente e dedicada direcção do saudoso engenheiro-agronomo Caio Gracho Moreira Spinola; montou-se um engenho de canna de açúcar e foi iniciado o fabrico da rapadura, industria que os indios desconheciam.

A maior porção de habitantes pertencia á tribu dos "Arikêmes", á cuja dizimação já fiz referencia neste livro.

Em 1918 a Comissão Rondon introduziu ainda na povoação indigena o habito do casamento legal, perante as autoridades civis, levando á villa de Santo-Antonio da Madeira, em comitiva, os dois noivos Arikêmes: Maracoti Tacani e Maria Luisa, que contrahiram nupcias perante o juiz competente, no salão nobre da Intendencia Municipal.

Nesse mesmo anno, a 20 de Dezembro, perecia afogado na cachoeira Cerrito, do rio Jamary, o nosso incansavel Dr. Caio Spinola, cujo nome já inscrevi na minha "Pagina de Saudade" das "Impressões".

Foi elle victima da sua ousadia, da sua coragem e da natural confiança que tinha na sua musculatura de athleta, posta em evidencia na photographia que aqui publico, graças á gentileza do seu saudoso amigo, o inspirado poeta Antonymo de Araujo Jorge. Vinha descendo o Jamary no anceo de alcançar depressa o rio-mar e embarcar para a Bahia, onde o esperavam sua gentil noiva e sua adorada mãe...

Ao defrontar "Cerrito", foi logo advertido de que a cachoeira estava, no momento, muito perigosa para a travessia, mas não se conformou em esperar e tentou transpô-la assim mesmo... Não resistiu a embarcação á forte correnteza e sossobrou, arrastando no redemoinho das aguas revoltas o corpo do mallogrado companheiro.

Prestando homenagem á sua memoria, a alma vibratil e sonhadora de Araujo Jorge, traduziu a sua dolorosa emoção nos versos que com a devida venia, transcrevo entre pa-

ginas 488 e 489, não só no intuito de demonstrar a repercussão do triste acontecimento, para além das fronteiras da Comissão Rondon, como para attestar através dessa effusão cívica, com que interesse e com que justiça o nosso povo observa o penoso labutar dessa Comissão pelo progresso do Brasil, nos afastados sertões do noroeste, e com que ternura esparge flôres sobre o tumulto dos martyres dessa cruzada patriótica...

\* \* \*

Vimos que a "Expedição de 1908" attingiu "Campos Novos da Serra do Norte" e a de 1909 d'ahi partiu com a exploração que varou de Matto-Grasso ao Amazonas. Nesses confins de Matto-Grosso, Rondon deixou um pequeno grupo de homens, com um punhado de generos, para iniciarem a construcção das casas e ahi permanecerem isolados do mundo, até que fosse possível mandar-lhes novos recursos.

Longe ainda estava o dia em que por ahi teria de passar a linha telegraphica que lhes permittisse ao menos communicarem-se com qualquer nucleo de povoação, e no entanto essa corajosa gente, sob a direcção de um valente *sertanista* — Severino Godofredo de Albuquerque — ahi se manteve completamente isolada cerca de um anno, vivendo do que caçava e do que plantava!

Mais tarde, nesse ponto, foi installada a estação telegraphica de "Nhambiquaras" cuja posição geographica, determinada por Costa Pinheiro, em 1915 é a seguinte:

Latitude Sul: 12° 47' 16",38.

Longitude W. Rio: 16° 38' 0",90.

Por onde se percebe a enorme distancia que separa Campos Novos, quer de Diamantino, povoado mais proximo para as bandas de Cuyabá, quer de Santo-Antonio do rio Madeira, para o lado do Amazonas.

Acrescente-se que essa gente assim isolada, estava arriscada a ser morta ou aprisionada pelos numerosos selvícolas que habitavam em torno, e ainda nos faltará um dado importante para bem avaliar de sua abnegação: estavam prohibidos de disparar suas armas contra indios... mesmo que fossem por estes hostilizados!

Taes as premissas que eu precisava estabelecer, para que o leitor melhor possa apreciar as scenas descriptas pelo relatório que Godofredo enviou ao General Rondon em 31 de Agosto de 1910, nos topicos referentes á pacificação dos grupos de Nhambiquaras dessa zona.

As transcripções que vou fazer, darão idéa minuciosa dos processos applicados pela Commissão Rondon nessa pacificação, como em outras semelhantes. Fica entretanto o leitor prevenido de que o relatório de onde as vou extrahir está incluído na "publicação n.º 37" dessa Commissão, com a seguinte nota: "A redacção deste relatório foi corrigida no Escriptorio Central, conservando-se tanto quanto possível a fôrma original".

"*Indios*: Deante das recomendações de V. S. e da justa causa que me faculta neste sertão o estreitamento da amizade e a manutenção do respeito ás terras dos nossos selvagens, tenho mantido as mais cordiais relações com elles.

"Depois de muitos sacrificios, tive a felicidade de abraçar a doze indios, aos quaes vesti e falei amistosamente, tendo entabulado assim a nossa completa alliança.

"Desde os primeiros tempos em que elles appareceram na roça, colhendo da nossa verdura, todos os agrados lhes foram feitos.

"A 12 de Janeiro vimos vinte indios colhendo verduras na nossa roça, ás 14 h. da tarde; á noite se retiraram para as mattas do "Veado Branco".

A 13 mataram-nos tres muares, na margem direita deste ribeirão e voltaram á roça, onde colheram ainda da nossa verdura, sem que soffressem nenhuma contrariedade. Após

esta colheita, mataram outro muar que pastava proximo da roça.

“No dia 16 de Março, o civil Martins, vulgo “Caboclo”, que se dirigia ao ribeirão “Veado Branco”, para saciar a sêde, na occasião em que trabalhava no falquejamento das madeiras para a casa da Invernada, quasi foi victima de uma flechada, pois os indios estavam dentro do ribeirão já com a flecha em pontaria, quando Coboclo os percebeu e correu espavorido.

“A 10 de Junho, pelas 8 h. da manhã entraram na roça e colheram feijão á vontade. Depois que se retiraram, fui á roça e lá deixei-lhes presentes. Á tarde, voltei com os civis Sant’Anna e Soares, afim de colher feijão para a nossa alimentação, e enquanto os dois colhiam, fiquei attento para prevenir qualquer cilada dos indios. De-repente percebi o barulho de uma flechada que os indios me atiraram e vi a flecha passar entre mim e um cão. Immediatamente desfechei dois tiros para o ar, reprehendi-os e elles se desalojaram da matta incontinenti. Fui apanhar a flecha e guardei-a. De todos os lados ouvimos gritos de indios e avistei a um kilometro uma turma de indios que corria atrás de nossos bois. Reuniram-se todos, depois, na matta do “Veado Branco” e ouvimos o cacique falar até alta noite, em tom de muito irado.

“Ao amanhecer do dia seguinte fui á roça e colloquei nos tocos, proximo ao feijoal, algumas ferramentas e facas, que elles vieram buscar pelas 8 h. da manhã, sem tocar na plantação. Sahiram depois cantando e mostrando-me constantemente as facas que faziam reluzir ao sol. Antes de se retirarem, fizeram uma fala commigo, parecendo-me que agradeciam os presentes e promettiam não nos causar mais damnos.

“As 9 h. da noite, depois de accommodado para dormir, percebi, a 18 de Junho, que havia indios na roça, e ouvi perfeitamente que imitavam o latido dos nossos cães, os quaes por isso ficavam cada vez mais enraivecidos. Na manhã se-

guinte encontrámos o bananal todo escavado e, junto aos tocos onde eu deixava os presentes, fincadas no chão, 7 flechas, adiante das quaes fizeram os indios 32 riscos no solo — enigma que não soubemos decifrar.

“A 27 appareceu nova turma de indios á qual dei ferramentas, deixando-me elles flechas em retribuição.

“Nos dias 2 e 3 de Julho os indios deixaram na roça muitos presentes: arcos, flechas, machados de pedra e outros artefactos. Para essa turma ouvir, toquei flauta e cantei, respondendo-me os indios com cantorias, ao fim das quaes pronunciavam claramente a palavra *Itirinô*, que significa: “Canta!” Desta turma estive separado, no maximo, uns 50 metros.

“A 11 de Julho á tarde, tres indios fizeram-me signaes da roça e comprehendí que pediam machado e outras ferramentas. Satisfiz-lhes o desejo e elles me deixaram muitos presentes. A 14 e 15 estas scenas se repetiram, com outras turmas de indios, das quaes colhi a palavra — *Tiranhô*, que mais tarde verifiquei significar “amigo”.

“A 16 voltou um dos indios da turma da vespera, reclamando machado, e como no deposito só restava um, mandei afinal levar-lhe esse ultimo, depois de muito insistir elle no pedido; o indio retirou-o logo do toco e para mostrar sua alegria, poz-se a dar saltos e a cortar á nossa vista, ao longe, todas as pequenas arvores que encontrava no caminho”.

A 20, enquanto Severiano distribuia na roça umas faquinhas velhas a um grupo de indios que se aproximaram d'elle, embora ainda resabiados, outros flechavam um boi da Invernada, no chapadão. Avisado Severiano, acompanhado do soldado Aprigio, partiu com este, a cavallo, a toda a brida, em soccorro do animal que, entretanto, já encontraram morto e crivado de flechas.

Severiano então fez disparos para o ar, com a sua arma de fogo, gritando em tom energico quantos improperios lhe vieram á mente, para lhes demonstrar seu descontentamento. Os indios puzeram-se logo em fuga e se embrenharam na matta.



Durante quasi um mês, depois deste incidente, os indios não mais appareceram, certamente receosos de serem mal recebidos; até que a 18 de Agosto surgiram na roça, conforme se lê no relatorio:

“Antes que me chamassem, apanhei varias ferramentas, já das que V. S. mandara, a meu pedido, e acompanhado do Dr. Moritz, 5 civis e uma praça, fui levar-lhes esses brindes.

“Desde o começo notei que era differente a attitude delles, pois que se espalhavam pela roça e não se mostravam receosos com a nossa aproximação; colloquei então os brindes mais para o nosso lado e antes que eu tivesse retrocedido uns 30 metros, vi-os apoderarem-se das ferramentas, deixando em seu lugar muitas flechas e arcos.

“Mandei levar mais ferramentas pelo soldado Alves e observei que se afastavam do local á proporção que a praça delles se aproximava, mas que recuavam lentamente, sempre a olhar-nos com attenção. Quando Alves, de volta, tinha andado uns 20 metros, os indios foram buscar os nossos brindes por elle levados.

“Á vista disso, resolveu-se o cacique a aproximar-se e, com todo o enthusiasmo e desembaraço, veio até onde estavam, dirigindo-me amistosamente a palavra; abracei-o e elle me fez então presente de uma cabaça contendo folhas sêcas picadas”.

Depois de longa conversa, em que, como em todos os casos identicos, a mimica representava o papel mais importante, de lingua diplomatica e *internacional*, pediu Severiano ao cacique para que chamasse os outros indios, no que foi logo attendido, pois vieram a sua presença mais 9 indios.

Severiano mandou trazer as roupas que tinha em deposito e elle proprio vestiu os indios, a começar pelo cacique a quem enfeitou com collares de missangas, pulseiras, brincos, etc.; ao ultimo indio, que era um homenzarrão, tocou nessa distribuição... uma camisa de mulher, taes os **parcos**

recursos de que dispunha e a bôa vontade de ser agradavel a esses nossos pobres e injustiçados patricios.

Num delles, foi reconhecido o que flechara o animal da Invernada; percebeu logo o indio, pelos gestos dos circumstantes, que se tratava daquelle factô e apontando para os bois e os cavallos da Invernada que estavam proximos, passando, fez comprehender que fôra elle proprio o autor daquella façanha, mas que não a repetiria.

A segunda affirmativa era feita da fôrma seguinte: tomando do seu arco, puxava a corda com a flecha na posição do tiro, apontando para um dos animaes; deixava depois escapar a corda do entalhe da ponta da flecha e soltava-a bruscamente; a corda batia então no arco e a flecha ficava immovel.

À noite retiraram-se todos para a roça, onde dormiram deitados directamente no solo.

Ao amanhecer fizeram grande algaravia para chamar a attenção do pessoal da Invernada, que naturalmente se apressou em verificar o que teria acontecido e ao qual foi facil comprehender que pediam comida.

Levou-lhes Severiano farinha e açúcar, de que se serviu em primeiro lugar, para que não temessem alguma traição, das que, desgraçadamente, alguns civilizados têm feito aos selvícolas; todos immediatamente comeram e se mostraram satisfeitos.

Para fechar com chave de ouro esta longa historia, tão singela quanto elevada nas grandes lições que encerra, transcreverei mais este pedacinho do relatorio a que me tenho referido:

“A 25 de Agosto appareceu outra turma de indios, dos quaes, com o emprego de muita paciencia, geito e agrado, consegui aproximar-me. Abracei-os depois e observei que um delles, muito activo e perspicaz falava tanto que quasi não deixava mais ninguem falar.

"A estes forneci as minhas proprias roupas e as do soldado Alves, por não haver mais outras em deposito. Sahiram satisfeitos".

\* \* \*

Mas tambem, em compensação, os indios algumas vezes se dedicam ao duro mister de pacificar os civilizados. Haja vista o episodio referido pelo General Rondon em uma conferencia que realizou em S. Paulo, no anno de 1911.

"Segundo informações ultimamente recebidas, a margem direita do Gy-Paraná é frequentada por indios a que os Jarús chamam: "Rama-Rama". A pessoa que me deu esta noticia, contou-me uma passagem caracteristica da brandura dos instinctos destes ultimos selvícolas.

Certo seringueiro, dos que sóbem o Gy até a fóz do Muquy, tinha tão arraigada a prevenção contra os indigenas que punha em pratica, com inexoravel exactidão a maxima: "Indio visto, indio atirado!" apesar de jamais ter recebido de suas pobres victimas o menor insulto.

"Cansados de tantos soffrimentos, os indios, resolveram "catechizar", "amansar" ou, se quizerem, "domesticar" aquelle civilizado, sobre o qual, certamente, teriam uma opinião um tanto ou quanto parecida com a que muitas vezes vemos expender-se a respeito delles mesmos, isto é, "a de ser um barbaro, com instinctos de fera".

"Mas ainda assim não se resolveram a matal-o; preferiram os meios brandos, e eis o que engendraram:

"O truculento seringueiro atravessava habitualmente certo rio, sobre uma pinguela. Dois Rama-Ramas puzeram-se a esperal-o, muito bem occultos, cada qual em uma das cabeceiras da rustica passagem. Vem o seringueiro, barafusta-se por alli e quando está todo absorvido com as difficuldades naturaes de semelhantes passos, a equilibrar-se com os braços para o ar, levantam-se os indios, fechando-lhe as sahidás.

“Attonito, o homem perde a presença de espirito e nem mais se lembra da espingarda que traz a tiracolo. Porém, mais attonito ficou, quando viu aquelles *selvagens* que o podiam acabar em um instante e com toda a segurança, estenderem-lhe as mãos desarmadas, offerecendo-lhe fructas do matto: eram os “brindes” com que intentavam iniciar o trabalho de *catechese do civilizado!*...”

\* \* \*

Neste como em muitos outros factos, os indios demonstram que o seu poder de imaginação em nada é inferior ao civilizado e que as suas concepções attestam a sua intelligencia e perspicacia, embora se resintam naturalmente do atrazo e da ignorancia em que vivem.

Algumas idéas dominantes em certas tribus nos capacitam de que nosso indio é mais adeantado do que muitos povos existentes sobre a Terra e do que o homem branco primitivo.

Ao nosso mallogrado companheiro Franco Ferreira que, depois de enumerar as condições de superioridade da sua arma de fogo sobre o arco e a flecha, convidara o indio para uma aposta com que comprovaria as vantagens decantadas e óbvias, um indio respondeu com esta curiosa e intelligente contra-proposta:

“Acceito, d’aqui a tres dias, ficando a sua espingarda carregada dentro do rio, ao lado do meu arco e, passado esse prazo, retiraremos de dentro d’agua as nossas armas, para atirarmos immediatamente...”

São, por exemplo, semelhantes á concepção catholica, as idéas que fazem diversas tribus sobre a formação do mundo e a criação do homem.

Entre outros os Parecís, assim concebem o apparecimento do homem sobre a Terra:

“Enorê, o ente supremo, tendo apparecido em Atiu, cortou um pão, deu-lhe a fórma aproximada de gente e plantou-o no chão, enterrado até o meio. Em seguida cortou uma varinha, com ella bateu no pão e este se transformou em homem. Depois, Enorê tratou de fazer a primeira mulher, usando de igual processo. Deste par inicial nasceram dois casaes de gemeos: Zabuiê, rapaz e Hoholaltô, rapariga, e da segunda vez Kamaikorê e Uhainariru”.

O General Rondon que assim expoz essa lenda dos Parecís (conf. 1911 — S. Paulo), declarou estar a tribu convencida de que esta scena da criação se tenha passado no lugar denominado “Ponte de Pedra”, onde o rio Sucuriú-iná passa por baixo de um arco aberto na rocha por suas proprias aguas e proximo ao qual existe hoje a estação telegraphica desse nome, inaugurada ha cerca de 20 annos pela Commissão Rondon (Lat. austral 13° 34' 23",58; Long. W. Rio 14° 11' 3",75).

\* \* \*

Não é demais relembrar as originalissimas dansas dos Borôros, cinematographadas pela Commissão Rondon, nas quaes os índios deslisam sobre o solo com a mesma rapidez e agilidade com que as bailarinas mais afamadas o fazem nos palcos, nem citar o decantado jogo dos Parecís a que elles denominam “*Zicunati*”, minuciosamente descripto por J. Barbosa de Faria, no boletim do Museu Nacional, de Maio de 1924 (V. nota 103).

\* \* \*

Dentre outras curiosidades, contou-me o meu prezado amigo o Exmo. Sr. General Marçal Nonato de Faria, que assistiu varias vezes a discussões violentas entre indias, ao tempo em que elle servia na Commissão Rondon e vivia em constantes viagens pelo sertão de Matto-Grosso, como paga-

dor. E o notavel, em todas as contendas, era que cada uma das mulheres, por sua vez, desenrolava o rosario das descomposturas, sem nunca interromper a outra. Falava uma primeiro, gesticulando ameaçadoramente e no tom proverbial das discussões politicas; a outra escutava attentamente, sem apartear, comquanto fosse longa sempre a arenga, de parte a parte, e só iniciava as suas respostas quando a primeira fazia a pausa caracteristica de quem esgotou tudo quanto pretendia assacar contra a sua adversaria!

A par de habitos como este, ha outros que constituem praticas horriveis, como, para dar exemplo, citarei o "decreto de morte" do medico borôro... Examinado o doente e depois de varios exorcismos cabalisticos affirma dogmaticamente se o paciente morre ou não; no 1.º caso, determina logo, com sapientissimo prognostico, a data precisa do desenlace. *Chegado o dia de morrer*, já assim préviamente determinado, o medico (?) comparece á cabeceira do doente e, sob o pretexto de que não seria humano deixa-lo penar... asphyxia-o, tapando-lhe a bôca e o nariz, para que não respire... Aliás, este habito está restricto a pequeno agrupamento dos Borôros.

\* \* \*

São communs as historias de onças em Matto-Grosso e a Commissão Rondon é fertil em episodios relativos ao terrivel carnivoro, abundante na zona atravessada pela linha telegraphica. O caso mais curioso dos que ouvi contar nos acampamentos da Commissão foi o que se passou nas proximidades da matta do Sant'Anna e que resumidamente vou narrar.

Segundo habito dos mais rigorosos em nossos acampamentos, acenderam-se varias fogueiras e junto a cada qual amontoaram-se grossas achas de lenha para alimentar-as durante a noite.

Uma das vantagens visadas com estas fogueiras, era justamente a defesa contra as onças, algumas tão *malcriadas* que tentavam ainda assim afrontar a claridade e vir até junto do fogo para atacar os homens.

Cada fogueira tinha um *faxina* (soldado encarregado de trabalhos não relativos ao serviço militar propriamente, como os de limpeza etc.), responsável pela conservação do fogo.

Destes responsáveis — e por infelicidade o de uma extrema — o mais *philosopho*, deixou extinguir-se a chamma e mettido no seu amplo capote de panno alvadio, com o capuz enterrado até o queixo, dormiu profundamente...

Alta madrugada o acampamento despertou em alarme, sob a influencia electrizante dos gritos de pavor que soltava o guarda dorminhoco. Accorreu gente de toda a parte a soccorrer o pobre soldado, já quasi desvairado de pavor e que ponde afinal ser salvo e contar a sua original historia:

Uma grande onça "pintada" havia arrastado o homem pela matta a dentro, alguns metros, agarrando-o com os dentes, pelo capuz, segundo elle explicou, e carregando-o em parte sobre o lombo (V. nota 104); aos berros que soltou a victima e ao prompto soccorro que lhe adveio, deveu elle a vida... e nunca mais deixou que se apagassem as fogueiras que lhe deram depois para cuidar...

\* \* \*

Acantonei certa noite num rancho (maloca) abandonado pelos Parecís junto a uma cabeceira, ao longe assinalada pelos diademas verdes dos altos buritys.

O rancho em ruinas, mal nos abrigava da chuva e o chimarrão corria de mão em mão. Conversavamos sobre a melhor maneira de realizarmos, logo de madrugada, os trabalhos que até alli nos levara, quando o perdigueiro do Sr. Dario ergueu-se de manso, com a cauda entre as pernas e veio deitar-se aos pés do dono.

Dario olhou-o desconfiado e lançou-lhe esta pergunta: "E' onça, não é?" E o perdigueiro, com aquelle olhar que fala, fitou-o meigamente e sacudiu a cauda devagar...

— Não, Dario — aparteu o dono de um onceiro-mestre que apontou — se fosse onça, o meu cachorro já havia dado signal!

Alguns minutos apenas se passaram depois desta formal contestação e a canzoada toda, aos uivos e latidos nervosos, precipitou-se em desabalada carreira, para fóra da *malóca*, com o onceiro á frente.

Ao mesmo tempo ouviamos a corrida desesperada dos nossos animaes de montaria, todos *maneados*, como uma linguiqua trovoada que se afastava...

Era evidente que a onça havia *batido* na nossa tropa e que os nossos cargueiros e as nossas montadas disparavam espavoridas para muito longe, a saltos de gymnastica por estarem todos com as patas deanteiras presas pelas *maneias*.

Sahimos então, debaixo de forte *chuvisqueiro*, uns de archote em punho e outros de carabina embalada e com "a bala na agulha", e fomos "cortar rasto" e verificar se a fera teria ou não victimado qualquer dos animaes.

A algumas centenas de metros encontrámos o rasto negaceado de um *macharrão* e cautelosamente guiados pelas suas pégadas, chegámos justamente ao ponto em que se firmára para dar o bote sobre a sua presa eleita; no solo humido, via-se o formidavel escorregão das patas trazeiras

logo adeante, bem desenhadas na lama as quatro patas do monstro, enfeitadas com os riscos das enormes unhas, postas em riste no momento do pulo, marcando o lugar exacto da quéda. Bem junto, o attestado do esforço herculeo do cavallo para o arranque da salvação, nos dois rasgões profundos abertos no gramado.

Atilado caboclo sertanejo abeirou-se daquelle enigma tão rapidamente traçado na escuridão pelos dois animaes e



acocorado e attento, examinou-o á luz do archote, concluindo alto as suas reflexões:

“O animal está ferido!”

Acercámo-nos do *propheta* com ar de duvida, mas, sem alarde nem calor, foi-nos elle explicando as suas conclusões e apontando os pingos de sangue no terreno...

Recrudescceu a chuva e os cães, certamente por terem perdido por isso a pista, voltaram extenuados e cobertos de lama, depois de escorraçarem a onça para bem longe, importante serviço que se sommava ao salvamento do animal, pela sua muito opportuna intervenção.

Os dois *companheiros* que expedimos no encalço dos nossos animaes, regressaram pela madrugada, com todos elles, inclusive o cavallo ferido nas duas ancas, com fundas unhas convergentes que lhe arrepelaram o couro.

## NOTAS

NOTA 101-bis: Transmitto, com profundo pesar, aos leitores desta edição de 1940, a informação de que Mario Toupin terminou seus dias em Matto Grosso, enchendo de saudade o coração de todos nós que com elle convivemos.

NOTA 102 — O actual Major da arma de engenharia Emmanuel Silvestre do Amarante, engenheiro-militar dos mais distinctos, é tambem uma figura de grande relevo nas campanhas da Commissão Rondon.

Desde 1907 que serve sob as ordens de Rondon, isto é, desde o inicio dos vultosos trabalhos da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, salvo pequeno intervallo em que esteve na Europa, fazendo parte da nossa commissão de compras de material bellico.

Neste momento exerce a chefia do districto telegraphico a cargo da Commissão Rondon e lá anda pelo sertão de Matto-Grosso e do Amazonas, sempre incansavel, sempre activo e sempre alegre e optimista, cheio de fé nos destinos da nossa linha telegraphica do noroeste, trabalhando pela sua conservação e pela melhoria do seu

tráfego, e pondo ao serviço dessa obra gigantesca toda a sua energia e todo o seu varonil entusiasmo.

Educado no Catholicismo, cujos preceitos segue á risca, na sua religião encontrou elle os elementos primordiaes da resignação com que tem soffrido e continúa a soffrer as agruras do sertão.

O seu espirito inventivo mais de uma vez se revelou naquelle meio onde esta qualidade é tão util e apreciavel. Uma de suas mais notaveis invenções recebeu alguns annos depois a consagração da Grande Guerra Européa, como resumidamente explicarei:

A Commissão Rondon adquirira para seu uso (transportes de Tapirapoan a Utiarity e ao Juruena, por estradas de rodagem expressamente construidas para esse fim), diversos auto-caminhões para 3 a 5 toneladas de carga, e depois de os submeter a experiencias decisivas nos areas de Copacabana, no Rio, e deante dos magnificos resultados obtidos, mandou-os para o interior, via Caceres. Montada a garage e a respectiva officina em Tapirapoan, no alto Sepotuba, com elles se iniciaram os transportes projectados.

Para além de Aldeia Queimada, entretanto, o terreno nos reservava uma terrivel surpresa: até com meia carga, os autos patinavam sobre o solo compressivel.

“O jovem e estudioso official do nosso Exercito — refere o General Rondon — o Tte. Amarante, applicou-se então em resolver essa nova difficuldade e com tão bom exito o fez que não tardou a descobrir um dispositivo inteiramente original e satisfactorio. Graças a tal invenção os tres automoveis puderam trafegar no planalto dos Parecis, transportando cargas de peso igual ao maximo das lotações para que haviam sido construidos”.

O dispositivo consiste em superpôr aos pneumaticos das rodas uma superficie polyedrica articulada, ajustada á roda pelas articulações, com auxilio de correntes de ferro que se iam prender entre os raios, coisa semelhante ao que foi adoptado mais tarde, na Grande Guerra, para as rodas dos tractores da artilharia pesada e dos “tancks”.

Tomou parte nas expedições de reconhecimento de Matto-Grosso ao Amazonas, dirigidos pelo chefe da Commissão, executou levantamentos de precisão, trabalhou na construcção da linha telegraphica, no nivelamento, em explorações de rios etc.

Sempre me hej de recordar da discussão que provocou o “record”, batido por elle, dos nivelamentos, a nivel de Gurley, com a producção de nove kilometros diarios de nivelamento, em terreno regularmente accidentado!

A sua brilhante estréa foi na pior das linhas: ramal de Caceres a Matto-Grosso; ao regressar a turma da construcção foi elle dos poucos que resistiu ao impaludismo e por isso, dedicadamente

auxiliava o medico na applicação das injecções de quinino a todo o pessoal retirante.

Para não alongar demasiado esta nota, concluirei recordando o importante trabalho que Amarante executou, explorando um novo caminho entre o Guaporé e a estação de "Vilhena", numa extensão de 140 kms., e iniciando a abertura do varadouro que permittia reduzir a tres dias a travessia indicada, com a vantagem de alcançar o valle do Guaporé em trecho navegado por lanchas, que facilmente alcançam Guajará-mirim, extremo norte da E. F. Madeira-Mamoré.

Para comprehender o alcance deste trabalho, que devemos a sua iniciativa e tenacidade, basta lembrar que iVilhena dista 730 kms. de Cuyabá e 762 kms. de Santo-Antonio do Madeira, pela linha telegraphica.

— Já estavam escriptas as linhas acima, quando repercutiu dolorosamente aqui pelos pampas a noticia do fallecimento do distincto official, victimado no penoso cumprimento dos deveres impostos pelo cargo que exercia, em pleno sertão, longe do lar, longe da estremecida Esposa que o amava, longe dos cinco filhos que o idolatravam... Em homenagem a sua memoria, fecho esta nota com a transcripção do artigo publicado em 29-8-29 pela "Gazeta de Noticias" do Rio de Janeiro, sob a epigraphe: "A Comissão Rondon perde um valioso auxiliar".

"Sepultou-se no dia 8 do corrente, em Porto Velho, Estado do Amazonas, o major de engenharia Emmanuel Silvestre do Amarante, que exercia as funções de chefe da Zona Norte da Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas.

"Deixa o mallogrado official uma folha de inestimaveis serviços prestados ao paiz como um dos mais valoros auxiliares do Sr. General Rondon, seu digno sogro, nas arduas tarefas que o governo da Republica lhe tem commetido.

"Em 1907, o então Amarante ingressa no serviço da Comissão como auxiliar da construcção da linha telegraphica de São Luiz de Caceres á cidade de Matto Grosso.

"O jovem official, durante estes trabalhos, distinguuiu-se pela sua operosidade e capacidade technica, do mesmo passo que um lamentavel surto de impaludismo, que deixou immunes apenas o tenente Amarante e o Dr. Armando Calasans, medico do contingente militar, lhe propicia ensejo para revelar as prendas de seu character e de seu coração.

"Ao attingir a região do Guaporé, a Comissão fôra colhida por essa violenta erupção da terrivel endemia local.

"Eram quasi duas centenas de enfermos em estado grave, aos quaes o digno facultativo não teria podido prestar os soccorros necessarios, se o tenente Amarante não se tivesse collocado ao seu

lado, abnegadamente, secundando-o com inteiro devotamento e solicitude.

“Em sabindo desta refrega, a Comissão translada-se para outra região, incumbida de construir a linha telegraphica de Cuyabá a Santo Antonio do Rio Madeira.

“Tal commettimento não foi levado a cabo senão á custa de aturados sacrificios, arduos trabalhos e inflexivel tenacidade, figurando o tenente Amarante, com a sua rigida organização moral e physica entre os mais efficientes collaboradores dessa obra.

“Em 1909, com effeito, encontramol-o incorporado na expedição que, sob a chefia do então tenente-coronel Rondon, procede ao reconhecimento dos sertões situados entre os valles do Juruena e Madeira, campanha memoravel em que os expedicionarios foram submettidos ás mais amargas provações.

“O morto de hontem é um dos heróes dessa jornada homérica, que por si só bastaria para recommendar a sua memoria á admiração dos brasileiros.

“A actuação do tenente Amarante foi particularmente assignalada na construcção da já referida linha telegraphica.

“A commissão defronta, por essa occasião, uma crise sobremodo grave, visto que o cargueiro já não correspondia ás necessidades do serviço.

“O tenente Amarante soluciona esta crise com o seu espirito operoso e culto.

“E’ por iniciativa sua que a commissão adopta então nos seus serviços os caminhões Saurer e Ford, os quaes, evidentemente, não teriam preenchido os seus fins, se o esforçado official, com feliz intuição do problema, não lhes adaptasse um dispositivo destinado a facilitar o trafego nos areiaes da serra dos Parecís.

“Tal dispositivo consistiu na adptação do trilho articulado sem fim ás rodas dos caminhões-automoveis, mais tarde empregado alhures, mas cuja precedencia lhe pertence.

“Como engenheiro, geographo, explorador e sertanista, o malogrado official realiza trabalhos que lhe conferem titulos de bene merencia, pelo muito que contribuiu para a elucidación da geographia do Brasil.

“De 1912 a 1914, explora e levanta a região situada entre as estações de José Bonifacio e Urupá (actual Presidente Penna): em 1916, explora e levanta o rio Candeias, affluente do Jamary; em 1917, explora e levanta as cabeceiras do rio Jacy-Paraná e seu divisor; em 1920 explora os rios Marmellos e Maici, affluentes do rio Madeira; em 1921, explora o rio Cabixi, cuja navegabilidade estuda.

“No anno de 1922, esteve á disposição do Supremo Tribunal Federal, como perito, na questão de limites entre os Estados do

Pará e Amazonas; mas, em 1923 volta aos trabalhos da Comissão, sendo então incumbido da construção da linha telegraphica de São Lourenço a Rondonópolis.

"Terminados estes trabalhos, o já então major Amarante assume, em 1927, a chefia da Zona Norte da Comissão Rondon, achando-se ultimamente empenhado na reconstrução da linha telegraphica e respectivas estações, entre Santo Antonio do Rio Madeira e a estação de Pimenta Bueno.

"Foi nesta tarefa que a morte colheu o infatigavel official, em quem o Brasil perde um extrenuo servidor e o Exercito um dos seus mais legitimos ornamentos".

NOTA 103 — Transcrevo na integra a interessante descripção do Zicunati:

"Entre os povos indigenas que habitam as regiões mattogrossenses, banhadas pelos rios da bacia amazonica, ha um conjuncto de praticas e costumes que os distinguem dos selvicodas ribeirinhos das aguas que affluem para a bacia do Paraguay.

"Um desses costumes é o jogo da bola, desconhecido destes ultimos incolas e muito generalizado entre aquelles outros, salvo raras excepções. Encontramol-o entre os Parecis; entre as tribus da grande nação Nhambiquara; entre os povos do Xingú, podendo incluir-se entre estes os Bakahirís, que não o cultivam, mas que guardam tradição deste "sport".

"Consiste este jogo em arremessar-se uma bola a golpe de cabeça.

"A bola empregada é fabricada, pelos proprios indios, com leite da mangabeira.

"A fabricação obedece ao seguinte processo: Sobre uma superficie perfeitamente lisa e polida — um tronco de páo ou o dorso de uma garrafa — depõe-se uma camada de latex ligeiramente espessa, a qual, em contacto com o ar, logo se solidifica.

"As bordas da pellicula assim obtida são reunidas de maneira a formarem sacco, que se insuffla.

"As operações ultteriores têm por fim modelar a esphera e consolidar-lhe a crosta, o que se obtem revestindo-a com successivas camadas de latex.

"A bola assim preparada é ôca interiormente e tem grande capacidade de ricochete. O typo classico que se usa no jogo não excede ao diametro de 0m,09 por 0m,005 de espessura.

"O jogo trava-se entre duas equipas de 8, 10 ou 15 pessoas cada uma, capitaneada cada qual por um chefe.

"A partida é de tres pontos, que se contam sempre que o jogador perde ou deixa rebater a bola arremessada pelo adversario.

"Os pontos são annunciados por signaes convencionaes:

"O 1.º ponto é assinalado por urros, e por isso se denomina — *tioleti*; o 2.º, por assobio e diz-se — *miúati*; o 3.º é chamado — *ziacoti* — a morte, que dá logar a alarido de victoria dos triumphadores.

"Uma partida deste jogo realiza-se sempre mediante aposta, na qual os indios empenham os seus mais preciosos haveres — arcos, flechas, machado, rede, adornos, etc.

"A arena, na qual se fere a disputa, é um rectangulo de área sufficientemente ampla para conter as equipas.

"O ponto de partida da bola é uma linha mediana tirada no sentido da largura do rectangulo, linha que divide tambem o campo dos dois partidos.

"A bola que se projecta fóra dos dois limites lateraes da arena é morta ou nulla; o jogo, entretanto, pode desenvolver-se ao longo do rectangulo.

"O jogador rebate a bola em dois momentos diferentes: ou aparando-a directamente com a cabeça ou deixando que ella incida no solo, para golpear-a no seu ricochete.

"Esta maneira de atacar a bola, porém, é um recurso de que se soccorre sómente quando ella se projecta verticalmente. Os jogadores eximios, aliás, mesmo neste caso, não se furtam a rebatel-a directamente, golpeando-a já ao rez do chão.

"Quando as equipas são homogeneas, entre ellas estabelecem-se acaloradas refregas de 30, 40 e 50 minutos, durante os quaes a bola vóa de cabeça em cabeça, incessantemente, sem tocar no solo.

"O grande Roosevelt baptizou este "sport" com o nome — *head ball*; seu nome indigena, porém, na tribu dos Parecís, seus mais ardorosos cultores é *zicunati*".

\* NOTA 104 — E' facto bem verificado que a onça ás vezes carrega assim a sua presa geralmente depois de a ter sangrado. Houve casos mesmo no sertão, de ter a onça penetrado alta noite em curraes cercados, onde o gado não estava defendido pelo touro e apenas era composto de novilhos e bezerros, e arrastado a sua victima por cima da cerca, deixando após si os signaes caracteristicos de ter sido a presa, apenas em parte, levada de rasto.

## INDICE

### *Introdução*

#### **CAPS.**

I — A Comissão Rondon em rapidos traços .....	1
II — Expedição aos rios Paranatinga e S. Manoel ou Telles Pires .....	12
III — Exploração e levantamento do rio Ikê .....	35
IV — Exploração e levantamento do rio Juruena .....	56
V — Exploração e levantamento do rio Sangue .....	73
VI — Exploração e levantamento do rio Papagaio .....	89
VII — Expedição ao rio Arinos .....	101
VIII — Expedição ao rio Jamary .....	116
IX — Exploração dos rios Anary e Machadinho .....	136
X — Exploração e levantamento do rio da Duvida ou Roosevelt .....	170
XI — O rio Gy-Paraná .....	194
XII — Exploração e levantamento do rio Jacy-Paraná ....	209
XIII — Exploração de uma zona aurífera .....	237
XIV — Reconhecimento e explorações .....	248
XV — Expedição ao rio Cautário .....	326
XVI — Aguas thermaes de Matto-Grosso .....	341
XVII — A photographia e a cinematographia no sertão. Rapidas notas sobre a expedição Ronuro-Curisevu	372
XVIII — Notas anthropometricas sobre os nossos selvicolas. Trabalhos ethnographicos .....	392
XIX — A Comissão Rondon e o Museu Nacional. Trabalhos no campo das Sciencias Naturaes .....	410
XX — A expedição aos rios Canumã e Sucundury .....	442
XXI — Exploração e levantamento do rio Ananá ou rio Tenente Marques de Souza .....	452
XXII — <i>Miscellanea</i> .....	476





*\* Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", à rua Conde de Sarzedas, 38, para a Companhia Editora Nacional, em fevereiro de 1941.*



#### OFFICIAES DA COMISSÃO RONDON

Da esquerda para a direita: 1.o) Manuel Rabello, (actual General de Divisão da activa do Exercito). 2.o) Boanerges Lopes de Souza, (actual General de Brigada da activa do Exercito). 3.o) Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, (Coronel da activa do Exercito, encarregado da conclusão da Carta de Matto Grosso, junto ao E. M. E.). 4.o) Renato Barbosa Rodrigues Pereira, (Coronel do Exercito, da Reserva de 1.a Classe, mas em actividade junto ao Ministerio do Exterior). 5.o) Capitão Aurellano Lima de Moraes Coutinho, (fallecido no posto de Major).

Expedição Ronuro-Curisevu



**Tenente J. Salustiano Lyra, victimado na exploração do Rio Sepotuba.**



**Capitão Alencarliense Fernandes da Costa, (fallecido no posto de Coronel do Exército).**



**Major M. T. Costa Pinheiro, tragicamente devorado pelos urubús em 1930.**



**Antonio Pireneus de Sousa, (fallecido no posto de Coronel do Exército).**



Tenente Emmanuel Silvestre do Amarante.  
(fallecido no posto de Major).



Coronel Luiz Carlos Franco Ferreira, que serviu na Com. Rondon de 1908 a 1912. (Fallecido em 1924)



Dr. Caio Gracho Spinola afogado no rio Jamar



Uma allegoria da Cachoeira que o victimou.



**Julio C. Horta Barbosa, (actual General de Divisão do Exército, na activa).**



**Virente de Paula Teixeira da Fonseca Vasconcellos, (actual Coronel da activa do Exército e Director do Serviço de Protecção aos Indios).**



**Nicolau Bueno Horta Barbosa, (actual Tte. Cel. do Exército, recentemente convocado para o serviço activo).**



**Luiz Thomaz Reis, (Major da Reserva, convocado para o serviço activo, fallecido em 1940).**



Octavio Felix Ferreira e Silva (Coronel do Exercito, actualmente na Reserva de 1.<sup>a</sup> classe).



Doutorando João Barbosa de Faria (Ethnographo da Com. Rondon)



Germano José da Silva, Telegraphista-Chefe, agora aposentado.









Grupo parcial da Expedição Roosevelt em Manaus

Da esq. para a dir.: Dr Euzebio de Oliveira, geologo brasileiro; Leo Miller, naturalista norte-americano; Capitão Amilcar Magalhães, chefe da 2.a turma da Expedição; Tenente Vieira de Mello Filho, commandante do contingente militar da mesma turma; Antony Fiala, Capitão de milicia norte-americana; Tenente Lauriodó de Santanna, chefe da 3.a turma.



Salto Utiarity (Rio Papagalo)



Rio Canumã (Cachoeira das Andorinhas)



1) Capitão M. T. Costa Pinheiro. 2) 1.º Tenente Dr. Paulo F. dos Santos. 3) Inspector Dr. F. J. Xavier Junior. 4) 1.º Tenente Amílcar A. B. de Magalhães. Turma exploradora do rio Jacy-Paraná, afluente do Madeira. — 1909/10.



Major Martiniano, (guia da Expedição).



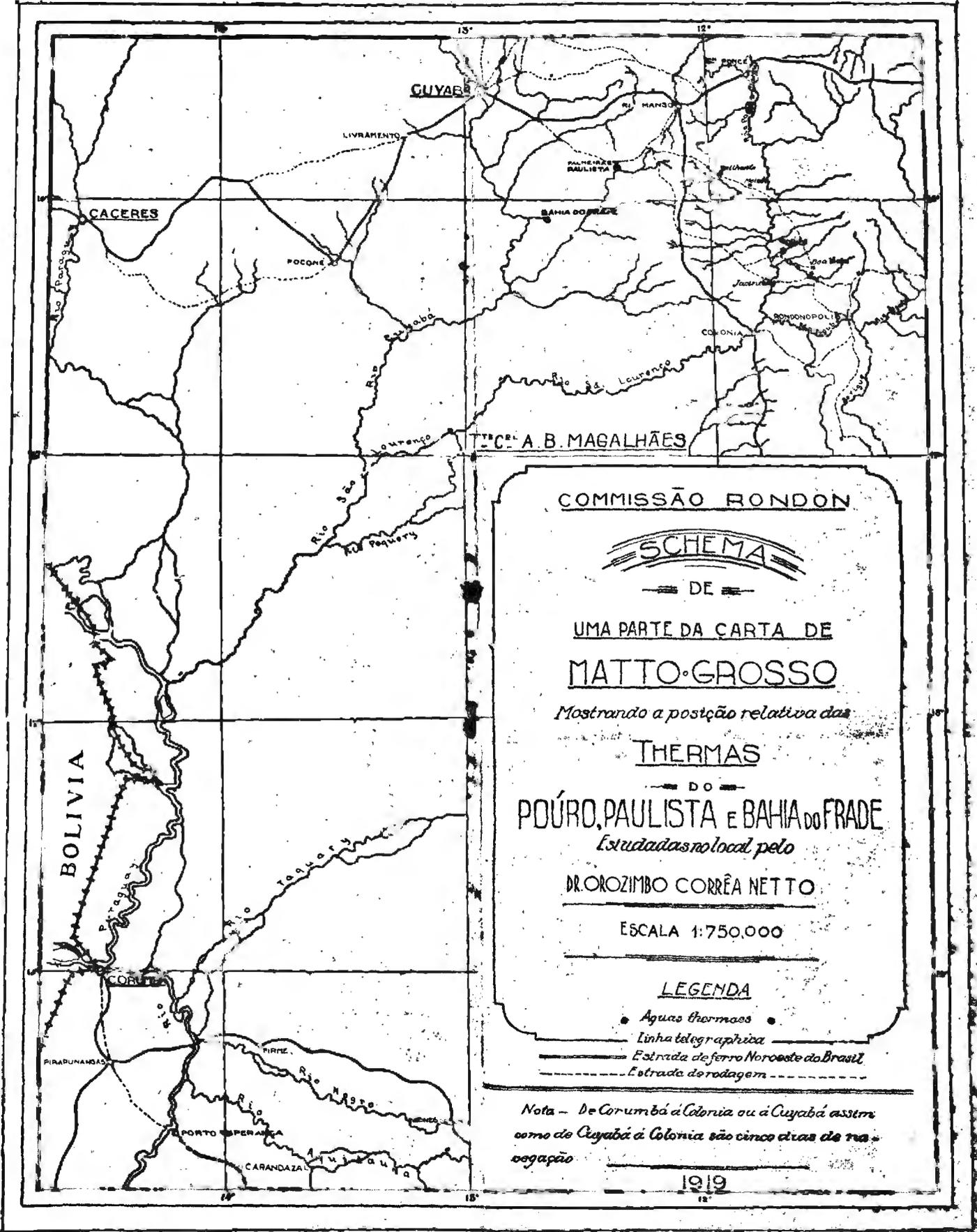
O primeiro almoço no couro.



A onça morta por Theodoro Roosevelt.

Em baixo estão: Theodoro Roosevelt, Kermit Roosevelt, General Rondon.





COMISSÃO RONDON

**SCHEMA**

DE

UMA PARTE DA CARTA DE  
**MATTO-GROSSO**

*Mostrando a posição relativa das*

**THERMAS**

DO

**POURO, PAULISTA E BAHIA DO FRADE**

*Estudadas no local pelo*

**DR. OROZIMBO CORRÊA NETTO**

ESCALA 1:750.000

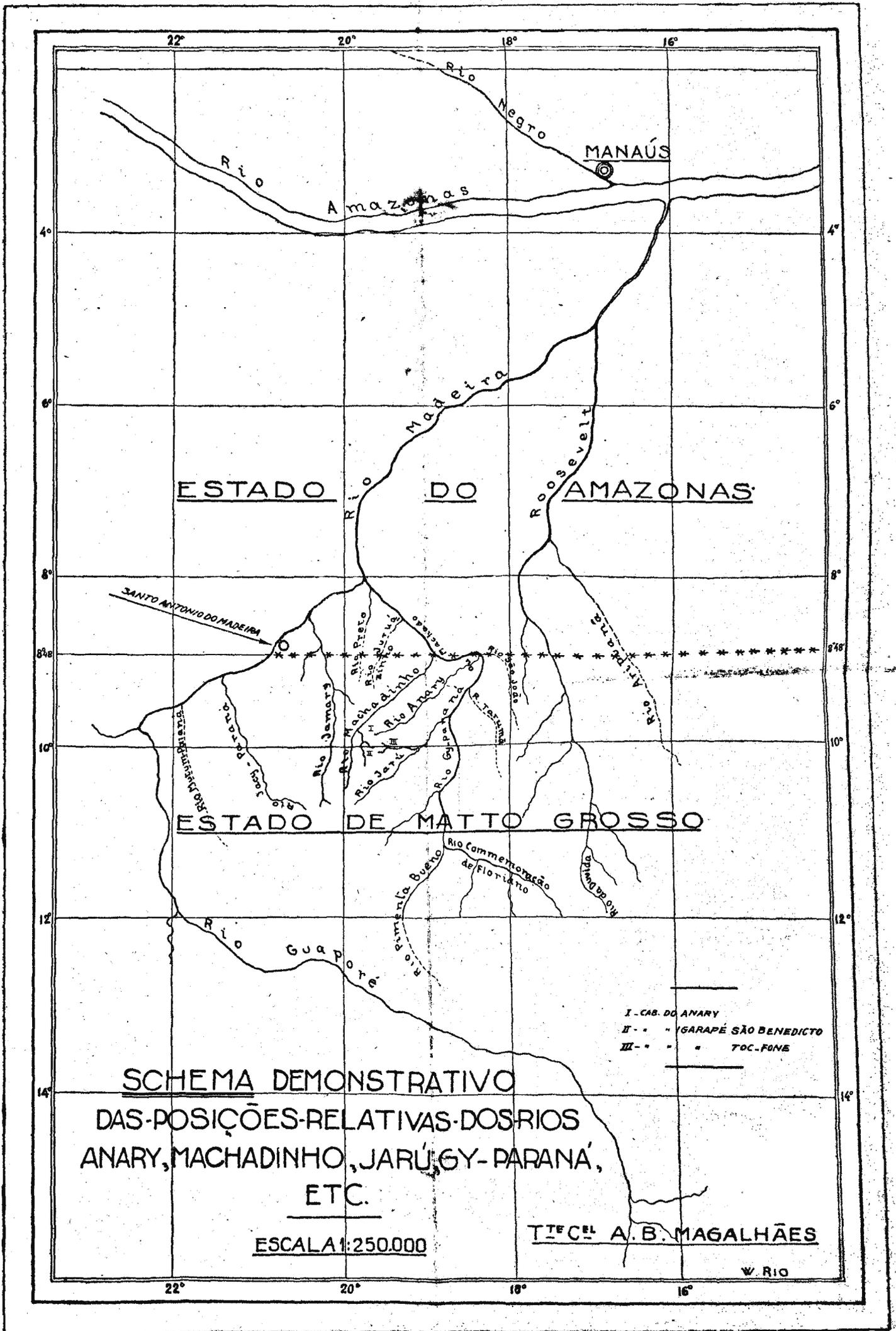
**LEGENDA**

- Aguas thermas •
- Linha telegraphica
- Entrada de ferro Noroeste do Brasil
- - - Estrada de rodagem

*Nota - De Corumbá á Colonia ou á Cuyabá assim como de Cuyabá á Colonia são cinco dias de navegação*

1919

(MAPPA DO CAPITULO XVI)





Indios Borôros, habitantes do Alto Araguaia, Mato Grosso.



INDIOS BORÓROS  
(DO VALLE DO SÃO LOU-  
RENÇO) E SEUS COSTUMES



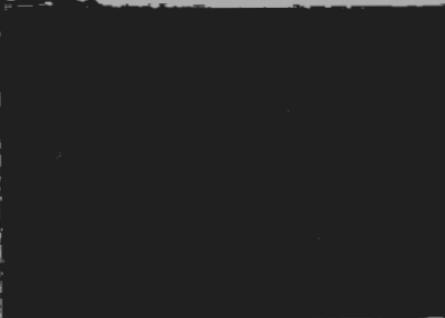
Corredeira da Auta



Salto Ronuro



Turma que desceu o rio  
Jatobá direcção do  
topographo Santiago (x)



(Fabrico de canoa, de um só pau).



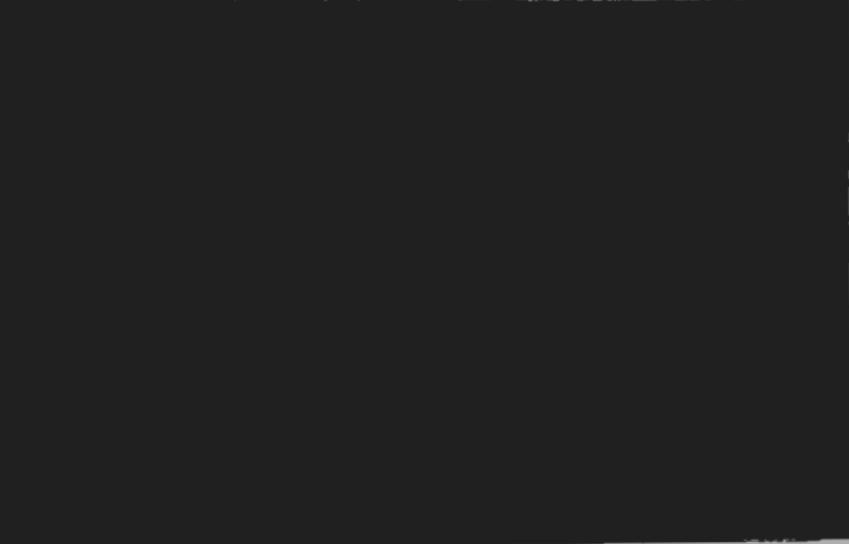
A lança "Rosa Boró" do S. P. I.



O Indio captivo dos Sus

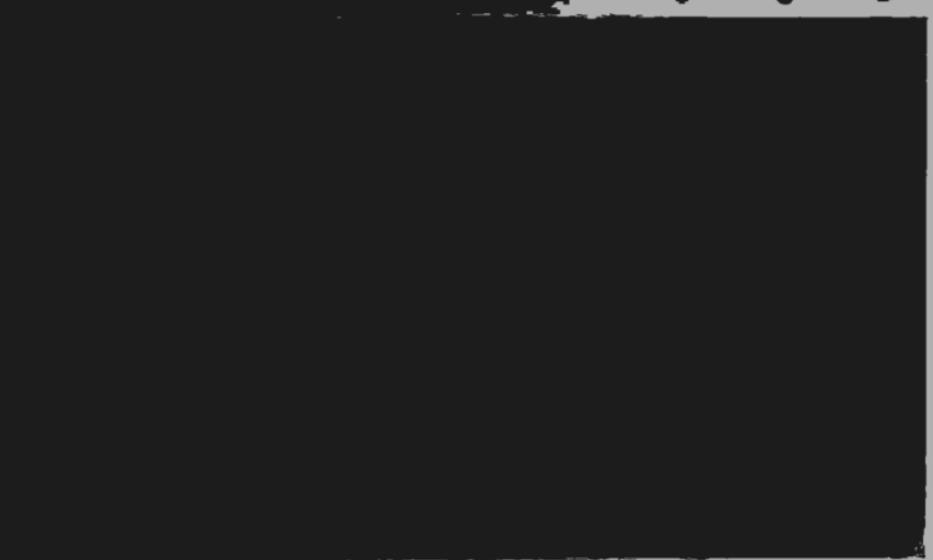


Cacique Nhambiquara  
(Collecção da Comissão Rondon)

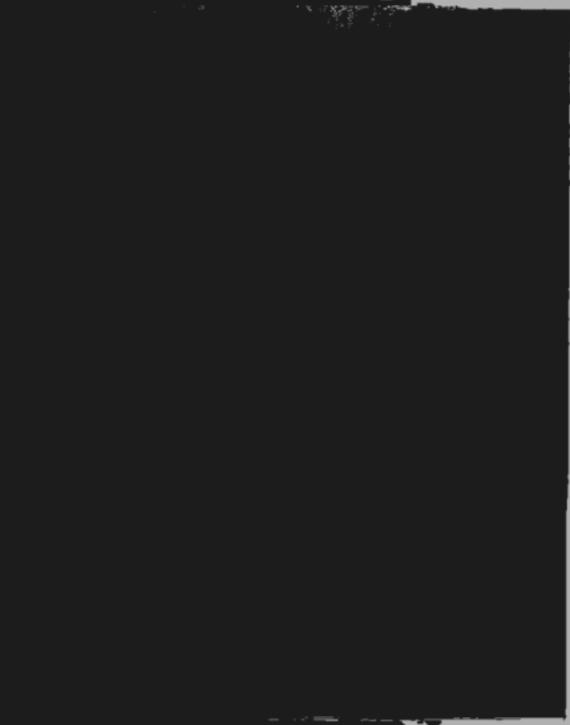


...do antigo Hospital de índios Parecis, onde se vêem as rêdes de  
... por suas fibras e que lhes servem de cama.

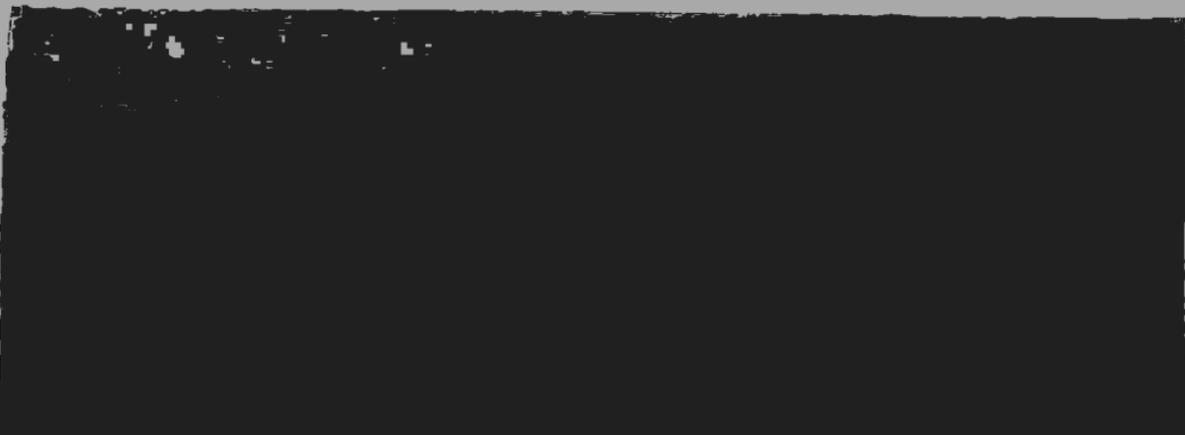
O Tenente Vasconcellos  
entre os Menakus



Uaupés (cachibó do Alto-Paranátinga)  
Um Uaupés contemporâneo artisticamente natural



Adão e Eva  
O cacique dos Uaurás e sua  
esposa... depois de vestidos  
pela Photographia Ferrari, de  
Porto Alegre







Na "Babel" selvicola...





Rio Canumã — Expl. Tiburcio  
(Phot. Com. Rondon)